



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

TODO DIA É UM 7 x 1?

CONSAGRAÇÃO E FUNCIONAMENTO DA FÓRMULA DISCURSIVA
“COMPLEXO DE VIRA-LATAS”

JOÃO THIAGO MONEZI PAULINO DA SILVA

SÃO CARLOS
2019



Universidade Federal de São Carlos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

TODO DIA É UM 7 x 1?
CONSAGRAÇÃO E FUNCIONAMENTO DA FÓRMULA DISCURSIVA
“COMPLEXO DE VIRA-LATAS”

JOÃO THIAGO MONEZI PAULINO DA SILVA

BOLSISTA: CAPES

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Prof^a Dra. Luciana Salazar Salgado

São Carlos – São Paulo – Brasil

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Tese de Doutorado do candidato João Thiago Monezi Paulino da Silva, realizada em 29/03/2019:



Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado
UFSCar



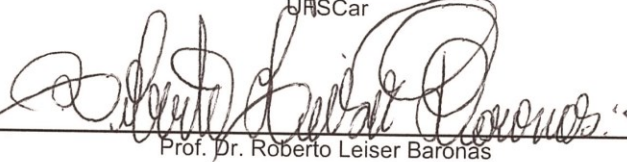
Prof. Dr. Hélio de Oliveira
UNIFEOB



Profa. Dra. Ana Raquel Motta de Souza
UNICAMP



Prof. Dr. Marcio Antonio Gatti
UFSCar



Prof. Dr. Roberto Leiser Barónas
UFSCar

*à Manu, à Mari e à Thaís,
razões da minha existência.*

AGRADECIMENTOS

Com afeto, à **Luciana Salazar Salgado**, por mostrar as veredas difíceis e maravilhosas de ser pesquisador, pela orientação firme e pelas boas conversas de luta.

Aos professores **Márcio Antônio Gatti**, **Hélio de Oliveira** e **Ana Raquel Motta**, pelas arguições competentes na Defesa deste trabalho, e às professoras **Mariana Luz** e **Teresa Melo**, por aceitarem a suplência desta Banca.

Em especial, ao professor **Roberto Leiser Baronas**, pelas contribuições pontuais na Defesa e, principalmente, por participar da minha vida de pesquisador desde o mestrado.

Ao **Daniel**, amigo que fiz nesse percurso, por dividir as aflições, as risadas e as cervejas, tornando esse caminho mais leve.

Aos colegas do **comunica – inscrições linguísticas na comunicação**, por me mostrarem que a pesquisa se produz coletivamente.

À **Tháís**, minha companheira de sempre, por ser compreensiva nos momentos mais difíceis.

Aos meus **familiares**, por me incentivarem a nunca desistir.

À **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**, por financiar esta pesquisa.

*Escrever é uma questão de devir, sempre inacabado,
sempre a fazer-se, que extravasa toda a matéria vivível ou vivida.
É um processo, quer dizer, uma passagem de vida que atravessa
o vivível e o vivido.*

— GILLES DELEUZE (1993)

SILVA, J. T. M. P. **Todo dia é um 7 x 1?** Consagração e funcionamento da fórmula discursiva “complexo de vira-latas”. 2019. 352 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

RESUMO

Esta tese analisa, a partir da circulação do sintagma “complexo de vira-latas”, as discursividades constitutivas dos projetos de nação/Estado instaurados durante o período entre as chamadas “Manifestações de junho”, de 2013, e os Jogos Olímpicos realizados em 2016 no Brasil. Para isso delimitou-se, depois de uma ampla coleta, um corpus de 48 textos, publicados em diferentes mídiuns digitais (portais, redes sociais e blogs). Essa coleta se deu a partir da hipótese de que este sintagma, de autoria de Nelson Rodrigues (empregado numa crônica esportiva de 1958), configurou-se em um partícipe de um *discurso constituinte* (MAINGUENEAU, 2008 [2006]) e que passa a ser retomado com os traços dessa condição. Nesse sentido, são levados em consideração aspectos semânticos constitutivos do projeto estético-político que faz parte da figura de autor de Nelson Rodrigues – elemento crucial no estabelecimento do sintagma como uma *fórmula discursiva* (KRIEG-PLANQUE, 2010). Desse modo, inscrita no quadro teórico da Análise do Discurso francesa de base enunciativa e, mais especificamente, com a abordagem teórico-metodológica sobre fórmulas discursivas, esta tese pretende verificar os aspectos que sistematizam o sintagma como referente social, uma vez que, inscrito em uma dimensão discursiva, ele assume um caráter de material linguístico cristalizado e passa a comportar uma disputa por seus sentidos, abrigando um aspecto polêmico. Com isso, busca-se constatar o modo como a circulação do sintagma “complexo de vira-latas” se constitui em indício da gênese de discursos, no período supracitado, acerca de um projeto político-identitário de nação. Percebem-se posicionamentos distintos a partir da disputa por sentidos entre diferentes *comunidades discursivas*, sobretudo quando se trata de relações do Brasil com os países desenvolvidos. Espera-se, assim, que esta pesquisa contribua, de forma mais ampla, para a compreensão sobre como a circulação e a difusão de determinadas unidades linguísticas põem em funcionamento regimes que definem posicionamentos discursivos dos sujeitos. Por exemplo: sentir-se menos em relação ao estrangeiro define um projeto de nação.

Palavras-chave: complexo de vira-latas. fórmula discursiva. discurso constituinte. nação.

SILVA, J. T. M. P. **Cada día es un 7 a 1?** Consagración y funcionamiento de la fórmula discursiva “complejo de perros callejeros”. 2019. 352 f. Tesis (Doctorado em Lingüística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

RESUMEN

Esta tesis analiza, a partir de la circulación del sintagma “complejo de perros callejeros”, las discursividades constitutivas de los proyectos de nación/Estado instaurados durante el período entre las llamadas "Manifestações de junho" de 2013 y los Juegos Olímpicos realizados el 2016 en Brasil. Para ello, delimitamos, después de una amplia recolecta, un corpus de 48 textos, publicados en diferentes medios digitales (portales, redes sociales y blogs). Esta recolección se hizo a partir de la hipótesis de que este sintagma, de autoría de Nelson Rodrigues (en una crónica deportiva de 1958), se configuró como partícipe de un *discurso constituyente* (MAINGUENEAU, 2008 [2006]), y que se retoma con los rasgos de esa condición. En este sentido, se consideran aspectos semánticos constitutivos del proyecto estético-político que forma parte de la figura de autor de Nelson Rodrigues – elemento crucial en el establecimiento del sintagma como una *fórmula discursiva* (KRIEG-PLANQUE, 2010). De este modo, basada en el marco teórico del Análisis del Discurso francesa de base enunciativa y, más específicamente, con el enfoque teórico-metodológico sobre fórmulas discursivas, esta tesis verifica los aspectos que hacen del sintagma un referente social, una vez que, inscrito en una dimensión discursiva, asumió un carácter de material lingüístico cristalizado y pasó a comportar una disputa por sus sentidos, manteniendo un aspecto polémico. Con ello, se muestra el modo como, en el período recién mencionado, la circulación del sintagma “complejo de perro callejero” da indicios sobre la génesis de discursos acerca de un proyecto político-identitario de nación. Se perciben posicionamientos distintos a partir de la disputa por sentidos entre diferentes comunidades discursivas, sobre todo cuando se trata de las relaciones de Brasil con los países desarrollados. Se espera que esta investigación contribuya de forma más amplia a la comprensión sobre cómo la circulación y la difusión de determinadas unidades lingüísticas ponen en funcionamiento regímenes que definen posicionamientos discursivos de los sujetos. Por ejemplo: sentirse menos en relación al extranjero define un proyecto de nación.

Palabras clave: complejo de perro callejero. fórmula discursiva. discurso constituyente. nación.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Captura de tela do Portal *nelsonrodrigues.com.br* 58
- Figura 2 – Capa da obra *O Anjo Pornográfico – A vida de Nelson Rodrigues*, produzida por Hélio Almeida e vencedora do Prêmio Jabuti de 1993 na categoria "Capa"..... 83
- Figura 3 – Captura de tela da foto de capa da *fanpage Brasil da Mudança*. . 192
- Figura 4 – Captura de tela do enquadramento do sintagma “complexo de vira-latas” na *fanpage Brasil da Mudança*. 193
- Figura 5 – Captura de tela da postagem do procurador Deltan Dallagnol em seu perfil no Facebook, sobre o acordo de leniência das empresas Odebrecht e Braskem 230
- Figura 6 – Captura de tela da parte superior do Portal *10 medidas contra a corrupção* 237
- Figura 7 – Captura de tela da parte inferior do Portal *10 medidas contra a corrupção*..... 237

SUMÁRIO

Considerações iniciais.....	14
Duas hipóteses.....	19
Abordagem do corpus e coletas de dados	23

PARTE I

Condições de publicização do sintagma “complexo de vira-latas”

Introdução	33
1. A crônica “Complexo de vira-latas” e o regime discursivo literário.....	39
1.1 A cena englobante: uma dupla constituição	42
1.2 Cena genérica: condições e posicionamentos discursivos.....	44
1.3 A cenografia: uma verdade coletiva, antes escondida	47
2. Figuração e regulação da autoria em Nelson Rodrigues.....	51
2.1 <i>Fiador, ator e auctor</i> : o “complexo de vira-latas” como dispositivo de gestão.....	51
2.2 <i>Espaço canônico e espaço associado</i> : o funcionamento dos mídiuns.....	54
2.3 Regulação de autoria: Nelson Rodrigues no tempo presente	58
3. Espaço público e a circulação do sintagma “complexo de vira-latas”	62
3.1 A revista <i>Manchete Esportiva</i> : projeto editorial e emergência do sintagma .	69
3.2 Os anos 1990: a mediação editorial na consagração do “complexo de vira-latas”	76
3.2.1 A editora Companhia das Letras	78
3.2.2 O caso Ruy Castro	82
3.3 O “complexo de vira-latas” condensa o debate público?.....	88

PARTE II

O “complexo de vira-latas”: candidato a uma fórmula discursiva?

Introdução	91
4. Propriedades da fórmula discursiva	95
4.1 O <i>caráter cristalizado</i>	96
4.1.1 Variantes	103
4.1.2 Paráfrases	115
4.2 Dimensão discursiva	121
4.3 Referente social	125
4.3.1 A noção de referente social no espaço público	141
4.4 Aspecto polêmico	142

PARTE III

Circulação, disputa por sentidos e posicionamento no interdiscurso

Introdução	157
5. Comunidade discursiva e a gestão do sintagma “complexo de vira-latas”	158
5.1 Comunidades discursivas: agrupamentos possíveis de dados coletados....	158
5.2 O papel de Nelson Rodrigues na configuração das comunidades discursivas	165
5.3 Uma proposta de duas comunidades discursivas	167
5.3.1 A figura de Nelson Rodrigues: valor <i>de re</i> e valor <i>de dicto</i>	168
5.3.2 Comunidade discursiva a partir das propostas de Jean-Claude Beacco: o posicionamento das instituições.....	175
6. Usos sociopolíticos do sintagma “complexo de vira-latas”: projeto de nação/Estado	184
6.1 “Manifestações de junho” de 2013: o “ovo da serpente”	186
6.1.1 O “complexo” das elites.....	190
6.2 Discursos sobre nação/Estado no contexto da Copa do Mundo	194
6.2.1 “Isso só acontece no Brasil”: as representações do brasileiro na Copa do Mundo	195

6.2.2 A classe C, de Copa do Mundo	199
6.2.3 Nação “ressentida”: de que lado estamos?	204
6.2.4 Dilma e Ronaldo: “queda de braço” entre governo e oposição	208
6.2.5 Quem tem “complexo de vira-latas” tem ódio?	214
6.3 Discursos sobre nação/Estado no contexto das Olimpíadas.....	220
6.3.1 Muda o contexto político, mudam as relações de força: o caso Jabor	222
6.3.2 O “complexo de vira-latas” e o impeachment: antes o futebol, agora a corrupção.....	224
6.4 Dallagnol e Aragão: aspectos de um país dividido	229
6.4.1 O <i>post</i> de Dallagnol	235
6.4.2 A carta de Aragão	240

Considerações finais	250
-----------------------------------	------------

Referências	258
--------------------------	------------

Anexos

Anexo A.....	270
Anexo B.....	271
Anexo C.....	272
Anexo D.....	275
Anexo E.....	274
Anexo F.....	276
Anexo G	277
Anexo H.....	278
Anexo I.....	279
Anexo J.....	280
Anexo K.....	281
Anexo L.....	286
Anexo M.....	288
Anexo N.....	289
Anexo O	291
Anexo P.....	293
Anexo Q	294
Anexo R.....	296
Anexo S.....	298
Anexo T.....	299
Anexo U.....	300

Anexo V.....	301
Anexo W.....	302
Anexo X.....	304
Anexo Y.....	310
Anexo Z.....	312
Anexo AA.....	313
Anexo AB.....	316
Anexo AC.....	318
Anexo AD.....	320
Anexo AE.....	322
Anexo AF.....	324
Anexo AG.....	325
Anexo AH.....	326
Anexo AI.....	327
Anexo AJ.....	328
Anexo AK.....	332
Anexo AL.....	333
Anexo AM.....	334
Anexo AN.....	336
Anexo AO.....	338
Anexo AP.....	339
Anexo AQ.....	340
Anexo AR.....	341
Anexo AS.....	342
Anexo AT.....	343
Anexo AU.....	345
Anexo AV.....	349
Anexo AW.....	351

Considerações iniciais

Tudo por quê? Porque são atos voluntários, não há calendários, nem relógio, nem ordem do dia; não há regimentos. O que não podemos tolerar é a obrigação. Obrigação é eufemismo de cativo.

— MACHADO DE ASSIS (1892)¹

O escritor e dramaturgo Nelson Rodrigues, como de costume, publicava semanalmente, na coluna “Meu Personagem da Semana”, uma crônica na revista *Manchete Esportiva*, da qual era redator-chefe. O que ele possivelmente não imaginava era que a crônica de 31 de maio de 1958 traria uma expressão que seria reverberada ao longo do tempo e que funcionaria como um elemento-síntese de discursos sobre a inferioridade voluntária do indivíduo brasileiro em face de outros povos: “complexo de vira-latas”. Como o próprio Nelson Rodrigues designou o termo, trata-se da “[...] inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol” (RODRIGUES, 1993, p. 51).²

Com essa definição, Nelson Rodrigues compreendia que o Brasil não deveria ser subjugado por outros países, sobretudo pelos países europeus e pelos Estados Unidos. Ficou evidente, portanto, em 1958, com a circulação da crônica, um posicionamento discursivo ante um projeto de nação brasileira. Para Wisnik (2008), o futebol, no século XX, tornou-se o principal lugar deste conflito identitário, visto que perdura no imaginário brasileiro o pêndulo entre a grandeza máxima de nação e a impotência infantilizada de um povo periférico.

Depois da publicação da crônica em 1958, o sintagma “complexo de vira-latas” ficou em estado de latência (COMPLEXO DE..., 2014), com pouca circulação até o início dos anos 1990. A partir dessa década, graças aos processos de mediação editorial,³ o sintagma ganha maior circulação. Desde então, no decorrer

¹ Crônica publicada originalmente no jornal *Gazeta de notícias* em 29 de maio de 1892. Para Wisnik (2008), Machado de Assis já vislumbrava o “complexo de vira-latas” descrevendo o comportamento do brasileiro no final do século XIX.

² Cf. Anexo A.

³ Referidos processos serão apresentados na PARTE I – CAPÍTULO 3 da presente tese.

desses *percurso*s⁴ (MAINGUENEAU, 2008 [2006]) de usos, torna-se quase que obrigatório, nos discursos de/sobre brasilidade, o emprego desse sintagma. Diferentes setores sociais passaram a empregar o sintagma como definidor de um posicionamento, instaurando-se, assim, uma disputa por sentidos.

Em 2009 o sintagma passa a ser mobilizado em contexto político por Dilma Rousseff, em entrevista concedida ao jornal *Folha de S. Paulo* sobre as propostas do governo Lula para sua campanha eleitoral de 2010. Por sua vez, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva mobiliza o sintagma “complexo de vira-latas” em 2010, quando discursou durante formatura de novos diplomatas.⁵ A partir daí, o sintagma passa a ser mobilizado em contexto político cada vez mais fortemente marcado por posicionamentos de um ideário de nação/Estado. Nesse sentido, referidos governantes do Partido dos Trabalhadores (PT) tiveram importância para a circulação do sintagma de forma crítica no período de seus governos, assumindo um discurso de autoestima, como veremos nas análises.

Um momento dessa circulação do sintagma com sentidos disputados e que parece exemplar tem início em junho de 2013, quando ocorreram protestos que, inicialmente, surgiram para contestar o aumento de 20 centavos da tarifa dos transportes públicos na cidade de São Paulo. A partir daí, as “Manifestações de junho” (como ficaram conhecidas ou como foram midiaticamente referidas) se espalharam para outras capitais brasileiras. Frases tais como “Vem! Vem pra rua! Vem!”, “O Gigante Acordou” e “Não é por 20 centavos” foram postas em circulação. O objetivo passou a ser o de “mudar” alguns setores brasileiros, tais como o da Educação, da Saúde e da Economia. No que tange à problemática da circulação, destacamos a compreensão de Salgado (2013a, p. 104), que afirma ser ela, hoje, a “[...] pedra de toque nos estudos discursivos, e os trabalhos que se põem a investigá-la têm de abordar as características dos objetos nos quais, inscritos, os discursos textualizados se difundem, se dispersam”. Esses objetos estão condicionados à dispersão dos discursos circunscritos nas “Manifestações de junho de 2013”.

Souza (2015) considera que, no início das manifestações, o que se via, de fato, era um protesto dos indivíduos pobres em favor da mobilidade urbana

⁴ Este conceito é abordado mais adiante, em tópico dedicado ao corpus e à coleta de dados.

⁵ Ambas as ocorrências – da entrevista de Dilma Rousseff e do discurso de Lula – são apresentadas na PARTE III – CAPÍTULO 6 da presente tese.

associado às demandas por melhor educação e saúde. Para o sociólogo, a partir de 19 de junho, as manifestações ganharam o apoio da mídia nacional. Segundo pesquisa feita pelo IBOPE,⁶ a partir desta data, a “classe média verdadeira”⁷ (SOUZA, 2015, p. 240) assumiu o protagonismo do movimento:

A partir de certo momento, toca-se o bumbo e a classe média vai às ruas. Então ocorre uma mudança dos grandes temas, das demandas, para a demanda típica da classe média: só corrupção. [...]. As ideologias políticas não falam só ao cérebro. Elas falam, antes de tudo, às emoções. A classe média é feita de tola na sua reflexão por suas emoções. É manipulada e sai como tropa de choque para atacar o Estado (SOUZA, 2015).⁸

Nesse sentido, para Souza (2015, p. 240), cria-se uma oposição mercado/Estado, em que “[...] toda a sociedade moderna produz, portanto, um ‘mito’, uma espécie de ‘conto de fadas para adulto’ que distorce a realidade tanto quanto a falácia da meritocracia para justificar a dominação social”. Neste viés, a mobilização do sintagma “complexo de vira-latas” pela classe dominante estaria condicionada ao sentido de perpetuar um sentimento de inferioridade nas classes trabalhadoras precárias, fomentando, assim, certa dominação social.

O acontecimento das manifestações de 2013 produziu uma série de enunciados, em diferentes mídiuns⁹ (DEBRAY, 1993; MAINGUENEAU, 2001; 2008 [2006]). Dentre eles, destacamos os blogs, as redes sociais e as plataformas digitais (sites e portais). A sua erupção na conjuntura da Copa das Confederações (realizada em 2013), da Copa do Mundo (em 2014) e das Olimpíadas (em 2016) pôs em circulação temas sociopolíticos, dentre eles os vinculados aos projetos de nação dos partidos políticos que disputariam as eleições de 2014.

Assim, considerando um número alto de ocorrências, em contexto político – dos preparativos para as eleições de 2014 até o período pós-impeachment do governo Dilma –, de um sintagma forjado nos anos 1950 no âmbito esportivo, esta tese pretende analisar, em dada conjuntura do período das “Manifestações de junho”

⁶ Em referência à Pesquisa IBOPE publicada em setembro de 2013. A íntegra dos dados está disponível no seguinte endereço: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/veja-integra-da-pesquisa-do-ibope-sobre-os-manifestantes.html>>.

⁷ Para o sociólogo, o privilégio da classe média se baseia na apropriação do capital cultural altamente valorizado e indispensável para a reprodução de mercado e Estado (SOUZA, 2015).

⁸ Trecho da entrevista de Jessé Souza, concedida para o Instituto Humanitas Unisos. A íntegra está disponível no seguinte endereço: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/549349-essa-coisa-de-dizer-que-o-estado-e-ineficiente-so-serve-aos-mais-ricos>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

⁹ No tópico “2.2 Espaço canônico e espaço associado: o funcionamento dos mídiuns”, localizado na PARTE I – CAPÍTULO 2 da presente tese, o conceito de *mídiun* é apresentado de forma mais detalhada.

(em 2013), passando pela realização dos eventos esportivos *Copa do Mundo* (em 2014) e *Olimpíadas* (em 2016) – ambos sediados no Brasil –, a consagração e o funcionamento do sintagma “complexo de vira-latas” quanto à circulação de projetos de nação, circunscrevendo a polêmica estabelecida entre as discursivizações postas em pauta nesse período.

Sendo assim, os objetivos da pesquisa estão intrinsecamente relacionados a uma conjuntura político-social de 2013 a 2016, pois há um aumento significativo de frequência do sintagma “complexo de vira-latas” em relação às décadas anteriores. Nesse sentido, as ocorrências do sintagma seriam um indício de que a bipolarização ideológico-partidária instalada no país diz respeito à disputa de dois ou mais projetos de nação e, inclusive, de disputa pelo próprio espaço público.

Um dos projetos de nação em curso teve como base popular as já mencionadas “Manifestações de junho” de 2013. A partir daí, para Souza (2016, p. 91), houve “[...] a criação estética e moral do movimento antigoverno capitaneado pela grande imprensa [...]. Em vez de jovens e estudantes, tínhamos agora famílias de classe média com perfil de renda alta”.

Em 2014, com as eleições, percebeu-se claramente uma repartição entre as classes brasileiras:

O candidato da direita, Aécio Neves, já espelhava a nova autoconfiança que a manipulação midiática das manifestações de junho de 2013 deixara como legado. [...] A manipulação midiática do tema da corrupção – dando visibilidade a alguns e tirando de outros – permitiu que a direita tentasse se apropriar dessas bandeiras como as suas (SOUZA, 2016, p. 105).

A partir dessas manobras políticas e com o apoio da mídia corporativa, fica evidente o projeto de nação proposto pela direita no Brasil do período: o de retirar a esquerda do governo e reinserir a política neoliberal. Com o discurso anticorrupção e com a base jurídica do Estado, os adversários políticos passaram a ter certo controle do espaço público. A partir de novembro de 2014, depois de uma série de prisões, a direita, juntamente com o aparato jurídico do Estado e a mídia conservadora, “[...] criaram uma atmosfera de linchamento político” (SOUZA, 2016, p. 110). O sociólogo afirma, assim, que o “[...] clima para a deslegitimação final do governo estava pronto” (op. cit., p. 110).

Para Salgado (2017), depois disso, constata-se

uma polarização ideológica, ligada à atual tensão política que, no Brasil, encarnou-se num ódio agressivo a um partido de alinhamento distinto da tradição patronal, mais amplamente num ódio às esquerdas, mais difusamente numa ojeriza aos trabalhadores e às chamadas minorias, para dizer o mínimo sobre uma conjuntura fervilhante (SALGADO, 2017, p. 118).

Esse fenômeno atingiu diferentes esferas sociais – sobretudo via mídiuns digitais –, propiciando um intenso embate/debate público no qual aspectos identitários se põem numa relação interdiscursiva. Por um lado, percebeu-se o debate em questões de participação política (alienação política, voto, afiliação a instituições partidárias etc.); por outro lado, o sintagma “complexo de vira-latas” expõe certos posicionamentos discursivos, produzidos por certos grupos de elite nos meios de comunicação e que fazem perpetuar questões identitárias brasileiras sobre inferioridade, incutidos na “cultura brasileira” também por algumas teorias sociológicas¹⁰ há muito retomadas.

Nessas condições, o sintagma “complexo de vira-latas” ficou evidente nos mídiuns digitais. A razão e a relevância da dispersão do termo de busca <complexo de vira-latas> podem estar relacionadas ao período compreendido por “técnico-científico informacional”, formulado por Milton Santos (2003 [1994]). A rede de memória, no período compreendido após a segunda Guerra Mundial, é estabelecida conforme as relações espaciais e temporais. Essas relações produzem *realidade material* – aqui, compreendida como a dispersão dos textos na Web – e caracterizam as comunidades discursivas.

Salgado (2017, p. 101) avalia que, no período técnico-científico informacional, essas relações espaço-temporais “[...] resultam de um certo entendimento da cultura, em que a definição de fronteiras identitárias parece nunca estar dada, é função discursiva permanente”. Se pensarmos, por exemplo, no sintagma “complexo de vira-latas” quanto a sua formulação – relembremos, em 1958, por Nelson Rodrigues – e a sua circulação, nos dias de hoje, nas diferentes comunidades discursivas, compreendemos, em certa medida, uma dinâmica diferente. Do final dos anos 1950 até o início dos anos 1990, os sentidos produzidos pela mobilização do sintagma estavam condicionados à própria definição dada por Nelson Rodrigues,

¹⁰ Teorias sobre a constituição do povo brasileiro (de Gilberto Freire) e sobre o homem cordial (de Sérgio Buarque de Holanda).

que se constituía de um carácter identitário do Brasil(eiro). A partir da circulação do sintagma na rede, o sintagma “complexo de vira-latas” passa a ter uma dinâmica mais político-econômica do que social-identitária.

Duas hipóteses

Como primeira hipótese para a presente tese, elegeu-se como fundamento teórico-metodológico a noção de *fórmula discursiva*, proposta por Alice Krieg-Planque (2010), pois o objetivo que aqui se propõe reside na investigação da circulação do sintagma “complexo de vira-latas”, visando a sua conjuntura de aparecimento tanto no caso das condições de produção¹¹ (doravante CP), como no considerado número de ocorrências que configuram retomadas.

Assim, quanto a uma definição inicial de fórmula para o objeto de análise posto nesta tese, temos o seguinte:

Em um momento do debate público, uma sequência verbal, formalmente demarcável e relativamente estável do ponto de vista da descrição linguística que se pode fazer dela, põe-se a funcionar nos discursos produzidos no espaço público como uma sequência tão partilhada quanto problemática. Empregada em usos públicos que a investem de questões sociopolíticas por vezes contraditórias, essa sequência conhece então um regime discursivo que faz dela uma fórmula: um objeto descritível nas categorias da língua e cujo destino – ao mesmo tempo invasivo e continuamente questionado – no interior dos discursos é determinado pelas práticas languageiras e pelo estado das relações de opinião e de poder em um momento dado no seio do espaço público (KRIEG-PLANQUE, 2003, p. 14).

Para Krieg-Planque (2010), o carácter formulaico de um termo possui relação com um regime discursivo, isto é, com os desvios nos quais uma palavra ou enunciado ganha consistência devido aos seus usos – determinados pelas relações de poder e pela opinião no espaço público. Esses desvios acabam por se cristalizar, visto que, pelo seu carácter *ativo* (KRIEG-PLANQUE, 2010) de funcionamento em determinado momento histórico e em um dado espaço público, contribuem para a

¹¹ Pêcheux e Fuchs (1990 [1975], 2014, p. 182) compreendem as *condições de produção* como “as determinações que caracterizam um processo discursivo”. Charaudeau (2008, p. 114) afirma que as “condições de produção dos discursos substitui a noção muito vaga de ‘circunstâncias’ nas quais um discurso é produzido”.

mobilização de *pré-construídos*.¹² Estes elementos, engendrados em determinadas CP e em circulação, põem uma palavra num funcionamento discursivo específico.

Krieg-Planque (2010) compreende as fórmulas discursivas a partir de quatro propriedades fundamentais que determinam certas tomadas de posição no método de apreensão do objeto, seja pela construção do corpus, seja por princípios metodológicos de análise. A fórmula, assim, deve: i) mostrar-se como sequência formal cristalizada; ii) inscrever-se em uma dimensão discursiva; iii) funcionar como um referente social; e iv) comportar um aspecto polêmico.

Para Krieg-Planque (2010, p. 61), a fórmula tem um caráter cristalizado se ela for “[...] sustentada por um significante relativamente estável”. A questão da estabilidade relacional da fórmula está ligada ao aparecimento e à constância de paráfrases ou estruturas léxico-sintáticas próprias ao longo de determinado período. Isto é, as ocorrências cristalizadas sofrem variações em seus significantes quando mobilizadas em conjunturas socio-históricas distintas; entretanto, devem permanecer em circulação por um período determinado.

Quanto à dimensão discursiva, Krieg-Planque (2010, p. 82) considera que a fórmula se constitui a partir de “[...] uma série de usos particulares, por meio dos quais a sequência assume um movimento, torna-se um jogo de posições, é retomada, comentada”.

A fórmula, para que se constitua como tal, também deve funcionar como um referente social, isto é, a expressão deve passar a circular, a partir de um determinado espaço de origem, em outros espaços discursivos, sem restrições e em diferentes gêneros discursivos, posicionamentos e instituições. Nesse sentido, Krieg-Planque (2010, p. 92) considera que, como referente social, a fórmula é um signo que evoca alguma coisa para todos num dado momento. A notoriedade é, assim, uma condição necessária para a existência formulaica desse signo.

A noção de “posicionamento”, aqui, é adotada nos termos de Maingueneau (2008 [2006]), a saber:

¹² Para Pêcheux (2009 [1975]), o *pré-construído* é um elemento constituinte do interdiscurso. Na PARTE II da presente tese, uma noção de pré-construído será mais detalhada.

“posicionamento” define mais precisamente uma identidade enunciativa forte (“o discurso do partido comunista de tal período”, por exemplo), um lugar de produção discursiva bem específico. Esse termo designa ao mesmo tempo as operações pelas quais essa identidade enunciativa se instaura e se conserva num campo discursivo, e essa própria identidade. Ambiguidade interessante, pois uma identidade enunciativa não é fechada e cristalizada, ela se conserva por meio do interdiscurso por um trabalho incessante de reconfiguração (MAINGUENEAU; CHARAUDEAU, 2008, p. 392).

Nesse sentido, *posicionamento* é, de certo modo, uma identidade enunciativa adotada por um certo ator social num campo discursivo. Por meio do interdiscurso, o posicionamento discursivo pode ser reconfigurado.

O aspecto polêmico da fórmula só se torna possível se ela é portadora de questões sociopolíticas conflituosas. Para Krieg-Planque (2010, p. 102),

[...] como a fórmula frequentemente concentra uma pluralidade de questões e também diversas maneiras de tomar parte no debate, uma fórmula [...] quase sempre entra em polêmicas variadas (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 102).

Isto é, problematiza-se o emprego de um certo sintagma, e os sentidos atribuídos a ele são disputados pelos diferentes atores sociais na cena pública.

Assim, considerando o que Krieg-Planque (2011, p. 2) afirma sobre os discursos – os quais “[...] são práticas que formam ao mesmo tempo o instrumento e o lugar de divisões e junções que fundam o espaço público” –, é possível observar que as instituições que fazem circular o sintagma “complexo de vira-latas” funcionam como uma arena de conflitos, instituindo os atores do processo comunicacional que, para Krieg-Planque (2011), devem ser compreendidos como partícipes das atividades de elaboração dos discursos.

A partir das propriedades da fórmula, pretendemos posicionar este sintagma como indício da gênese de um discurso que atribui uma característica ao indivíduo brasileiro: a do complexo de inferioridade, a partir do futebol, sintetizado na derrota da Seleção Brasileira de Futebol na Copa do Mundo de 1950, sediada no Brasil. Sabe-se que discursos de inferioridade sobre o Brasil(eiro) já existiam, mas estes encontraram, no episódio da referida derrota, uma encarnação. A partir desta hipótese, portanto, a pesquisa propõe verificar um funcionamento do sintagma “complexo de vira-latas” como uma estrutura cristalizada, que traz consigo discursos já produzidos socio-historicamente, que determinam um modo de dizer sobre o

caráter do brasileiro e que são fortemente retomados desde as manifestações de 2013 e nos eventos esportivos anteriormente enumerados.

Outra hipótese de pesquisa se conjuga na medida em que, para se compreender o número considerável de ocorrências do sintagma “complexo de vira-latas” no período de 2013 a 2016, é preciso tratar de sua *gênese* – que aparenta estar estreitamente relacionada ao regime do discurso literário: a notoriedade do sintagma parece estar vinculada a um modo de funcionamento e regulação da figura de autor de Nelson Rodrigues.

O problema se põe de tal modo que a validação e a consagração do sintagma “complexo de vira-latas” à condição de fórmula discursiva estariam condicionadas a essa gestão particular do funcionamento da figura de autor. Alguns aspectos que sustentam essa hipótese: i) Nelson Rodrigues se sagrou cronista esportivo a partir de suas publicações na revista *Manchete Esportiva*, na qual publicou, em 1958, a crônica homônima ao sintagma, “Complexo de vira-latas”; ii) o sintagma só teve pregnância porque foi escrito por um autor (Nelson Rodrigues) já consagrado pelo público como dramaturgo; e iii) na década de 1990, a editora Companhia das Letras publicou uma coleção completa das obras de Nelson Rodrigues sob a supervisão e organização do escritor e biógrafo Ruy Castro, promovendo, assim, a consagração, dentre outros ditos do autor, do sintagma “complexo de vira-latas”, fazendo-o circular, desde então, avalizando-o em diferentes comunidades discursivas.

Esses indícios podem mostrar, ainda, que a consagração do sintagma “complexo de vira-latas”, mobilizado como substrato cultural na cena pública, permite discutir aspectos importantes quanto às noções de *espaço associado* e de *espaço canônico* (MAINGUENEAU, 2008 [2006]), uma vez que os mídiuns nos quais o sintagma se inscreve e as práticas a ele relacionadas delimitam que tipo de texto é mais autorizado do que outro.

Em nosso caso, por exemplo, os espaços associados e canônicos que o sintagma percorre são vastos: vão desde a revista *Manchete Esportiva* (1958); passam por jornais de grande circulação (tais como *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*); por compilações como *O Anjo Pornográfico – A vida de Nelson Rodrigues* (1992), *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol* (1993), *O berro impresso das manchetes* (2007) e *Brasil em campo* (2012), por exemplo; habita outras obras, tais como *Nelson Rodrigues por ele mesmo* (2012), organizada

por Sonia Rodrigues, até chegar nos mídiuns digitais (blogs, portais e redes sociais) – o Portal *nelsonrodrigues.com.br* é um exemplo de mídiun digital.

Pretende-se, então, mostrar de que maneira se comportam, discursivamente, os atores sociais que fazem circular o sintagma “complexo de vira-latas” em diferentes mídiuns, aos quais correspondem sempre determinadas formas de circulação. Em outras palavras, pensar em que medida o sintagma põe em funcionamento discursos que se sustentam sobre temas sociopolíticos da atual conjuntura social brasileira, tais como *corrupção*, *impeachment*, *golpe de Estado*, *Copa do Mundo* e *Olimpíadas*, bem como as relações de poder coexistentes nesse bojo.

Abordagem do corpus e coleta de dados

A noção de *corpus* ocupa um lugar central na Análise do Discurso, visto que se trata de definir um método de análise de sequências discursivas preestabelecidas por determinadas CP. Alguns estudos teóricos já se debruçaram sobre o tema, a fim de estipular um método de apreensão do *objeto discursivo*¹³ (PÊCHEUX; FUCHS, 1990 [1975]) que sistematizasse as análises. Para Pêcheux e Fuchs (1990 [1975]), o corpus se constitui de uma série de objetos discursivos “dominados” por CP estáveis e homogêneas.

A ideia de homogeneidade na constituição do corpus revelou-se um problema, visto que, nas concepções de Guilhaumou e Maldidier (2010), o fato de o corpus pertencer a um arquivo faz com que este nunca seja dado a priori. Para os teóricos, o arquivo “[...] não é o reflexo passivo de uma realidade institucional, ele é, dentro de sua materialidade e diversidade, ordenado por sua abrangência social” (op. cit., p. 162).

Esse ponto de vista mostra que o corpus estaria relacionado não mais a CP homogêneas, mas sim a um funcionamento heterogêneo, regulado por instituições sociais. A noção de corpus vista a partir desta perspectiva condicionar-se-ia à noção de *formação discursiva* (doravante FD), proposta por Foucault (1986). Na concepção do filósofo, a FD é vista “[...] como forma de repartição ou sistema de dispersão que convida a estabelecer a contradição entre a unidade e a diversidade, entre a

¹³ Pêcheux e Fuchs (1990 [1975], p. 181) compreendem o objeto discursivo como “[...] o resultado da transformação linguística de um discurso concreto em um objeto teórico”.

coerência e a heterogeneidade no interior das FDs” (COURTINE, 2009 [1981], p. 83). Portanto, o corpus passa a se constituir de elementos que estão em processo de construção, instáveis.

Courtine (2009 [1981]) afirma que o corpus consiste em um conjunto de sequências discursivas,¹⁴ estruturado a partir de certo estado de CP. Para o autor, as CP garantem legitimidade à sequência discursiva, ao mesmo tempo em que funcionam como um “[...] *filtro* que opera por extrações sucessivas” (op. cit., p. 55, grifo do original).

Apoiado nos postulados de Bernard Gardin e Jean-Baptiste Marcellesi¹⁵ – segundo quais a constituição de um corpus deve responder a critérios de *exaustividade*, de *representatividade* e de *homogeneidade* – Courtine (2009 [1981], p. 56)¹⁶ afirma que o “conceito de *homogeneidade* de um *corpus* discursivo é efetivamente difícil de utilizar”, isso porque, em AD, “o estudo dos contrastes discursivos exclui a homogeneidade” (op. cit., p. 56, grifos do original).

Portanto, a redefinição do estudioso acerca da noção de corpus em AD vem ao encontro da base de constituição do corpus de nossa pesquisa, uma vez que se percebem contrastes discursivos quanto ao modo de abordagem dos textos. Isso impõe, de certo modo, algumas dificuldades de apreensão do discurso pois, como afirma Beacco (2008 apud CHARADEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 138), “[...] é o corpus que de fato define o objeto de pesquisa, pois ele não preexiste. Mais precisamente, é o ponto de vista que constrói um corpus”. De fato, a constituição do corpus em AD não existe em si. Ela depende do posicionamento teórico-temático adotado pelo indivíduo pesquisador.

Desse modo, na esteira de Jean-Jacques Courtine sobre a constituição do corpus discursivo – e ancorados na noção de fórmula discursiva (KRIEG-PLANQUE, 2011) –, elegemos, como apoio metodológico de abordagem dos textos, a noção de “interpretante razoável”.

O interpretante razoável, para Krieg-Planque (2011), é

¹⁴ Ainda que Courtine (2009 [1981], p. 55) defina as sequências discursivas como “sequências orais ou escritas de dimensão superior à frase”, ele considera uma noção vaga, pois as sequências discursivas dependem de um tratamento particular que o analista do discurso dá ao seu objeto de pesquisa.

¹⁵ Cf. GARDIN, B.; MARCELESI, J. **Introduction à la sociolinguistique**. Paris: Larousse, 1974. (Coll. Langue et langage).

¹⁶ Em sua tese de doutorado intitulada *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*, defendida em 1981 na Universidade de Paris – Nanterre, Jean-Jacques Courtine aborda exaustivamente a noção de corpus em AD.

aquele que não é nem inteiramente invadido pelo já dito de toda palavra, aturdido pelo dialogismo no qual cada palavra se produz, sufocado pela memória interdiscursiva de que o mais singelo dos discursos é depositário (esse interpretante veria a fórmula “purificação étnica” ao passar por uma tinturaria: “lavagem a seco”), nem inteiramente preso aos grilhões do dicionário e da gramática mais tradicional, que ele reconhece como parâmetros de representação de uma língua “correta” (esse interpretante não veria a fórmula “purificação étnica” senão na conformidade da ocorrência encontrada com uma lista prévia fechada) (KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 30).

Assim, a noção de interpretante razoável é de fundamental importância, pois auxilia no modo de circunscrever os problemas que se põem diante da filtragem dos dados e das possibilidades de contagem do sintagma “complexo de vira-latas”, ao mesmo tempo em que o identifica, dentre outras unidades lexicais, como um objeto discursivo – no caso, uma fórmula discursiva.¹⁷

Outro apoio metodológico se refere à noção de *percurso*, proposta por Maingueneau (2008 [2006]). Dominique Maingueneau apresenta esta noção mais precisamente na obra *Cenas da enunciação* (2008 [2006]), a partir de desdobramentos teóricos que faz a respeito do conceito de *formação discursiva* – a qual possui, para o teórico, uma dupla paternidade: “[...] a de Michel Foucault, que a introduziu em 1969 na *Arqueologia do saber*, e a de Michel Pêcheux” (MAINGUENEAU, 2008 [2006], p. 12, grifo do original).¹⁸

Para Maingueneau (2008 [2006], p. 18), os percursos pertencem à categoria das unidades não tópicas, as quais “[...] são construídas pelos pesquisadores independentemente de fronteiras preestabelecidas”. Dado o fato de que esta pesquisa delimite um *corpus* difuso e heterogêneo quanto ao modo de inscrição e circulação do sintagma “complexo de vira-latas”, entendemos que se trata de abordá-lo como se abordam os *percursos* que, para Maingueneau (2015, p. 95), “[...] reúnem materiais heterogêneos em torno de um *significante* de dimensão variável [...] para analisar uma circulação, para dar a medida de uma dispersão”.

Isso é o que aconteceria com o sintagma “complexo de vira-latas” a partir da leitura dos textos reunidos para o estudo da polêmica interdiscursiva estabelecida

¹⁷ Essa noção será convocada mais incisivamente nos CAPÍTULOS 4 (PARTE II) e 5 (PARTE III).

¹⁸ Dominique Maingueneau afirma que Michel Pêcheux reformulou o conceito de formação discursiva à luz da rede conceitual ideológica da obra de Louis Althusser. A reformulação está presente no artigo *A semântica e o corte saussuriano*, de 1971.

entre, de um lado, um discurso de defesa de um projeto neoliberal de nação e, de outro, um discurso de desqualificação das práticas operadas pelos grupos que compõem esse projeto. No caso do nosso corpus, consideramos os percursos fundados em materiais textuais, nos quais se observa a retomada de uma sequência ou fórmula em uma série de textos (MAINGUENEAU, 2008 [2006]) – no caso, o sintagma “complexo de vira-latas”.¹⁹

Partindo dos pressupostos teórico-metodológicos apresentados, a coleta de dados foi realizada, a princípio, a partir de critérios de “relevância” (POSSENTI, 2009b, p. 26) e pela “acontecimentalidade midiática” (KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 31) na qual o sintagma “complexo de vira-latas” foi posto em circulação. Propondo adequar a teoria discursiva ao nosso objeto de análise, buscamos coletar os dados na perspectiva de “posicionamento discursivo”²⁰ (MAINGUENEAU, 2008 [2006], p. 14). Apesar disso, a pesquisa se deparou com alguns obstáculos, que precisaram ser enfrentados.

Embora todos os textos estivessem “disponíveis” na Internet, não tivemos acesso a alguns deles por estarem protegidos por questões relativas a direitos autorais de reprodução. É o caso, por exemplo, de alguns artigos de opinião postos em circulação nos portais dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *Valor Econômico*. Todos os três oferecem a opção de cadastro temporário, no qual o indivíduo assinante tem acesso à leitura de cinco textos por mês. Diante disso, a restrição a documentos na Internet dificultou o acesso ao monitoramento da circulação do sintagma “complexo de vira-latas”, uma vez que, para a compreensão da dimensão difusora da fórmula, seria necessário rastrear os diversos mídiuns que o sintagma percorre, e isto não foi totalmente possível.

Em princípio, os dados foram coletados a partir de buscas na Internet, por meio do buscador *Google*, com a expressão “complexo de vira-latas”. A partir dos objetivos da pesquisa, fizemos uma análise prévia dos textos que punham em circulação o sintagma e, com os critérios de relevância, a acontecimentalidade midiática e interpretante razoável e o percurso, fizemos um recorte discursivo, propondo um sistema de categorização analítica.

¹⁹ Veremos os percursos de usos do sintagma mais detidamente no CAPÍTULO 6 (PARTE III).

²⁰ Para Maingueneau (2008 [2006], p. 14), o “[...] posicionamento dos textos se define no interior de um campo discursivo, enquanto a ‘posição’, da qual fala Pêcheux, é inscrita no espaço da luta de classes”.

O recorte temporal proposto é de junho de 2013 a dezembro de 2016. O corpus se constitui de 48 textos, a saber:

- a crônica “Complexo de vira-latas”, analisada em cinco excertos;
- 42 textos – entre artigos de opinião, editoriais e crônicas – coletados na dispersão dos mídiuns digitais (portais, blogs, jornais e revistas on-line), analisados em 48 excertos;
- três frases de exemplos de sobreasseveração;²¹
- uma carta aberta do jurista Eugênio Aragão;
- um *post* do procurador da República, Deltan Dallagnol.

Note-se que a crônica “Complexo de vira-latas” é analisada em cinco excertos. As análises visam compreender de que modos a cenografia constituída legitima o sintagma “complexo de vira-latas”, bem como entender de que maneira a figura de Nelson Rodrigues se constitui discursivamente na crônica. As três frases que exemplificam a noção de sobreasseveração exemplificam o sintagma no processo de homogeneização da opinião pública. A carta do jurista Eugênio Aragão e o *post* do procurador da República, Deltan Dallagnol, constituem as análises do tópico 6.4 (“Dallagnol e Aragão: aspectos de um país dividido”), colocando-se em evidência, no ano de 2016, um dado modelar de uso do sintagma a partir de como os atores sociais, inseridos em comunidades discursivas distintas, compreendem diferentemente o significado de “complexo de vira-latas”.

Os 48 textos são analisados em 58 excertos, que estão assim distribuídos:

- cinco excertos – sendo quatro localizados no tópico 1.3 (“A cenografia: uma verdade (coletiva), antes escondida”) e um na introdução do Capítulo 2 (“Figuração e regulação da autoria em Nelson Rodrigues”);
- três excertos – localizados na introdução do CAPÍTULO 3 (“Espaço público e a circulação do sintagma ‘complexo de vira-latas’”) – mostram as circunstâncias em que o sintagma passa a circular com teor político;
- um excerto, localizado no tópico 4.1 (“O caráter cristalizado”), exemplifica a propriedade da fórmula discursiva;

²¹ Noção apresentada no tópico “5.1 Comunidades discursivas: agrupamentos possíveis de dados coletados” da PARTE III – CAPÍTULO 5 da presente tese.

- quatro excertos localizados no tópico 4.1.1 (“Variantes”) mostram as diferentes variantes do sintagma em circulação;
- três excertos no tópico 4.1.2 (“Paráfrases”) exemplificam a circulação do sintagma através de paráfrases;
- quatro excertos no tópico 4.3 (“Referente social”) exemplificam a propriedade da fórmula discursiva;
- sete excertos no tópico 4.4 (“Aspecto polêmico”) exemplificam a propriedade da fórmula discursiva;
- três excertos no tópico 5.1 (“Comunidades discursivas: agrupamentos possíveis de dados coletados”) servem como exemplos de sobreasseveração;
- três excertos no tópico 5.3.1 (“A figura de Nelson Rodrigues: valor *de re* e valor *de dicto*”) procuram evidenciar as comunidades discursivas configuradas a partir do uso e da menção à Nelson Rodrigues;
- seis excertos no tópico 5.3.2 (“Comunidade discursiva a partir das propostas de Jean-Claude Beacco: o posicionamento das instituições”) exemplificam os quatro tipos de comunidades discursivas propostas por Beacco (1999);
- dois excertos na introdução do CAPÍTULO 6 (“Usos sociopolíticos do sintagma ‘complexo de vira-latas’: projeto de nação/Estado”) exemplificam as falas fundantes do sintagma “complexo de vira-latas” pelo viés político;
- um excerto no tópico 6.1.1 (“O ‘complexo’ das elites”) analisa o sintagma no embate entre a mídia corporativa e as elites no âmbito das “Manifestações de junho”;
- um excerto no tópico 6.2.1 (“‘Isso só acontece no Brasil’: as representações do brasileiro na Copa do Mundo”) analisa o sintagma quanto aos discursos em circulação no contexto da Copa do Mundo de 2014;
- três excertos de um mesmo texto no tópico 6.2.2 (“A classe C, de Copa do Mundo”) analisam as condições em que o sintagma “complexo de vira-latas” funciona como amostra de segregação das classes sociais no contexto da Copa do Mundo de 2014;
- dois excertos no tópico 6.2.3 (“Nação ‘ressentida’: de que lado estamos?”) analisam as relações do sintagma com diversos semas reproduzidos nos discursos contra e a favor da Copa do Mundo de 2014;

- quatro excertos no tópico 6.2.4 (“Dilma e Ronaldo: ‘queda de braço’ entre governo e oposição”) analisam o sintagma na disputa política entre atores sociais que representam as ideologias partidárias brasileiras de esquerda e de direita;
- um excerto no tópico 6.2.5 (“Quem tem ‘complexo de vira-latas’ tem ódio?”) mostra a circulação do sintagma na relação com os discursos de ódio no contexto da Copa do Mundo de 2014;
- dois excertos no tópico 6.3.1 (“Muda o contexto político, mudam as relações de força: o caso Jabor”) exemplificam como o sintagma “complexo de vira-latas” adquire sentido diferente a partir da mudança de governabilidade do país no contexto das Olimpíadas;
- um excerto no tópico 6.3.2 (“O ‘complexo de vira-latas’ e o impeachment: antes o futebol, agora a corrupção”) analisa o sintagma pela perspectiva dos discursos de corrupção que circularam no contexto do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff;
- dois excertos no tópico 6.4.2 (“A carta de Aragão”) destacam o que cada enunciador compreende por “complexo de vira-latas” no contexto político-jurídico.

Assim, no CAPÍTULO 1, busca-se explicar o sintagma “complexo de vira-latas” como partícipe de um discurso constituinte (MAINGUENEAU, 2008 [2006]), já que sua gênese está atrelada a uma crônica escrita por Nelson Rodrigues. Nesse sentido, para que seja realizada a análise do regime discursivo literário, o primeiro passo é compreender de que modo as cenas da enunciação (cena englobante, cena genérica e cenografia) configuram o sintagma como um vetor de posicionamento de certa identidade enunciativa da figura de autor de Nelson Rodrigues.

No CAPÍTULO 2, são mobilizados os conceitos de *fiador*, *ator* e *auctor*, bem como os conceitos de espaços *canônico* e *associado*, formulados por Maingueneau (2008 [2006]), e de *mídium*, convocado por Dominique Maingueneau em Debray (1996), no sentido de analisar a figuração e a regulação da autoria em Nelson Rodrigues. Desse modo, posicionando o regime de funcionamento e circulação do sintagma “complexo de vira-latas” no âmbito destes dispositivos de gestão, tornase plausível a explicação da sua ocorrência entre os períodos compreendidos das

“Manifestações de junho” de 2013 às Olimpíadas em 2016: o sintagma ganha força justamente porque possui vínculo com os modos de projeção e de regulação da figura de autor em Nelson Rodrigues.

O CAPÍTULO 3 propõe a análise do espaço público e dos meios de circulação do sintagma “complexo de vira-latas”. Nesse Capítulo, descrevemos três conjunturas que favoreceram a sua circulação: a primeira, da década de 1950, por se tratar do aparecimento e da circulação da crônica na revista *Manchete Esportiva*; a segunda, da década de 1990, devido aos processos de mediação editorial da obra de Nelson Rodrigues; e a terceira, que se relaciona com o período pós-“Manifestações de junho”, de 2013, pela proximidade com a Copa do Mundo de 2014 e com as Olimpíadas de 2016 quanto a um grande período de efervescência política com o processo de impeachment de Dilma Rousseff.

Os três capítulos iniciais constituem a PARTE I da presente tese, denominada *Condições de publicização do sintagma “complexo de vira-latas”*. A compreensão dos referidos capítulos sustenta a seguinte hipótese de pesquisa: a circulação, o funcionamento e a consagração do sintagma “complexo de vira-latas” na condição de fórmula discursiva só é possível porque se suporta nos discursos (re)produzidos pela figura de *auctor* de Nelson Rodrigues.

A PARTE II – denominada *O sintagma “complexo de vira-latas”: candidato a uma fórmula discursiva?* – corresponde somente ao CAPÍTULO 4, em que se evidencia a proposta teórico-metodológica do conceito de *fórmula discursiva* (KRIEG-PLANQUE, 2010). Nesse Capítulo, o sintagma “complexo de vira-latas” é analisado de acordo com as quatro propriedades da fórmula, já mencionadas anteriormente, a partir de suas inscrições em diferentes mídiuns (tais como blogs, redes sociais e portais de jornais on-line), com o objetivo de evidenciar em que medida o sintagma teve maior ou menor enquadre, frequência/uso a partir de diferentes práticas discursivas. Com isso, o que se pretende é evidenciar o posicionamento discursivo dos sujeitos em relação aos efeitos de sentido do sintagma.

A PARTE III da tese reúne os CAPÍTULOS 5 E 6 e denomina-se *Circulação, disputa por sentidos e posicionamento no interdiscurso*. O CAPÍTULO 5 objetiva categorizar *comunidades discursivas* na gestão do sintagma “complexo de vira-latas”. De início, são abordados alguns teóricos que se debruçaram sobre o conceito, tais como Swales (1990), Maingueneau (1997 [1987]) e Beacco (1999). A

partir disso, o Capítulo analisa a presença de Nelson Rodrigues na constituição das comunidades discursivas e em que medida a figura dele contribui para a formação delas. Em seguida, são apresentadas duas propostas de comunidades discursivas: uma pela gestão da figura de Nelson Rodrigues e outra a partir dos tipos de comunidade discursiva formulados por Jean-Claude Beacco. Nesse sentido, o Capítulo descreve o funcionamento de determinadas comunidades discursivas a partir de inscrições do sintagma “complexo de vira-latas”. Essas análises obedecem a critérios metodológicos da fórmula discursiva, tais como a paráfrase e a produção lexicológica para a consagração de um sintagma à condição de fórmula, bem como regularidades linguísticas atreladas ao sintagma que atestam indícios de discursos sobre projetos de nação/identidade em curso.

Por fim, no CAPÍTULO 6, intitulado *Usos sociopolíticos do sintagma “complexo de vira-latas”: projetos de nação/Estado*, são analisados textos publicados em diferentes mídiuns, evidenciando o momento em que o sintagma passou a ser mobilizado em contexto político/partidário. A partir disso, numa sequência cronológica, a pesquisa analisa os projetos de nação que estão em jogo na disputa configurada na bipolaridade partidária que se instituiu no período determinados para o recorte do corpus. As análises dessa conjuntura fornecem subsídios para a interpretação do sintagma “complexo de vira-latas” na condição de fórmula discursiva, uma vez que evidenciam embates discursivos entre diversos atores sociais proeminentes na cena pública.

PARTE I

Condições de publicização do sintagma “complexo de vira-latas”

O futebol brasileiro (e de outros países não históricos) é ontologicamente diferente do futebol europeu. Lá não passa de fuga alienada aberta ao proletariado. Aqui serve de canal para relação autêntica intra-humana. Lá faz esquecer uma dura realidade. Aqui é realidade.

— VILÉM FLUSSER, *Fenomenologia do Brasileiro: em busca de um novo homem* (1998)²²

²² Obra editada por Bollmann Verlag originalmente em alemão sob o título *Brasilien oder die Suche nach dem neuen Menschen: Für eine Phänomenologie der Unterentwicklung* [Brasil, ou a procura de um novo homem: por uma fenomenologia do subdesenvolvimento] em 1994. A primeira edição em português foi organizada por Gustavo Bernardo (Rio de Janeiro: UERJ, 1998).

Condições de publicização do sintagma “complexo de vira-latas”

Introdução

Para que se analise discursivamente o sintagma “complexo de vira-latas” é necessário pensar suas condições de publicização, isto é, as condições que fazem o sintagma deixar de circular no campo esportivo para ganhar o espaço público. Krieg-Planque (2010) explica que o princípio constitutivo do espaço público é a publicidade, ao mesmo tempo em que possui relações de dominação e conflitos de interesses políticos e econômicos. A publicização, para Krieg-Planque (2010, p. 115), trata-se dos procedimentos que configuram o espaço público.

Sendo assim, este Capítulo objetiva circunscrever as condições de publicização em torno do sintagma “complexo de vira-latas” no sentido de mostrar as possibilidades de um debate público a partir dos eventos nos quais o sintagma carrega consigo, para a cena pública, questões de ordem política, social e, em alguns casos, com expressão especificamente esportiva, tais como os desdobramentos das “Manifestações de junho de 2013” até os eventos relacionados aos Jogos Olímpicos de 2016.

Krieg-Planque (2010) também observa que é função das mídias o papel de publicização das fórmulas. Nesse sentido, a pesquisa também analisa as condições de produção da crônica “Complexo de vira-latas”, enfatizando os mídiuns impressos pelos quais ela circulou: a revista *Manchete Esportiva* – importante material de variedades esportivas editado no período de 1955 a 1959 pela Bloch Editores – e as obras *O Anjo Pornográfico – A vida de Nelson Rodrigues* (1992) e *À sombra das chuteiras imortais* (1993), ambas organizadas por Ruy Castro – a primeira uma coletânea de crônicas e a segunda uma biografia de Nelson Rodrigues, escrita por Ruy.

Alguns temas que circunscrevem a crônica – tais como *futebol e identidade* – também são postos em relevo. José Miguel Wisnik (2008), em sua obra *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*, levanta questões sobre a interpretabilidade do Brasil para o seu futebol: “[...] para o bem ou para o mal, uma das mais reconhecíveis maneiras pelas quais o país se fez ser foi o futebol” (WISNIK, 2008, p. 28, grifo do original).

Essa forma de reconhecimento de “ser” brasileiro pelo futebol foi tema de uma crônica de Nelson Rodrigues em 1958. Vejamos o texto na íntegra:

Hoje vou fazer do escrete o meu numeroso personagem da semana. Os jogadores já partiram e o Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética. Nas esquinas, nos botecos, por toda parte, há quem esbraveje: “O Brasil não vai nem se classificar!”. E, aqui, eu pergunto: — Não será esta atitude negativa o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado?

Eis a verdade, amigos: — desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaiois, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor-de-cotovelo que nos ficou dos 2 x 1. E custa crer que um escore tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo passou em vão sobre a derrota. Dir-se-ia que foi ontem, e não há oito anos, que, aos berros, Obdulio arrancou, de nós, o título. Eu disse “arrancou” como poderia dizer: “extraiu” de nós o título como se fosse um dente.

E hoje, se negamos o escrete de 58, não tenhamos dúvida: — é ainda a frustração de 50 que funciona. Gostaríamos talvez de acreditar na seleção. Mas o que nos trava é o seguinte: — o pânico de uma nova e irremediável desilusão. E guardamos, para nós mesmos, qualquer esperança. Só imagino uma coisa: — se o Brasil vence na Suécia, se volta campeão do mundo! Ah, a fé que escondemos, a fé que negamos, rebentaria todas as comportas e 60 milhões de brasileiros iam acabar no hospício.

Mas vejamos: — o escrete brasileiro tem, realmente, possibilidades concretas? Eu poderia responder, simplesmente, “não”. Mas eis a verdade: — eu acredito no brasileiro, e pior do que isso: — sou de um patriotismo inatual e agressivo, digno de um granadeiro bigodudo. Tenho visto joga dores de outros países, inclusive os ex-fabulosos húngaros, que apanharam, aqui, do aspirante-enxertado do Flamengo. Pois bem: — não vi ninguém que se comparasse aos nossos. Fala-se num Puskas. Eu contra-argumento com um Ademir, um Didi, um Leônidas, um Jair, um Zizinho.

A pura, a santa verdade é a seguinte: — qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: — temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de “com plexo de vira-latas”. Estou a imaginar o espanto do leitor: — “O que vem a ser isso?” Eu explico.

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Por que, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: — e perdemos da maneira mais

abjeta. Por um motivo muito simples: — porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos.

Eu vos digo: — o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo.

O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia. Uma vez que ele se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como o chinês da anedota.

Insisto: — para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão.

Nessa crônica, inicialmente sem título, publicada em 31 de maio de 1958 na coluna “Meu Personagem da Semana” da revista *Manchete Esportiva*, Nelson Rodrigues introduziu a expressão “complexo de vira-latas”. Como ele mesmo designou o termo, referido *complexo* trata-se da “inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol” (RODRIGUES, 1993). No entendimento de Almeida (2017, p. 50), essa definição de Nelson Rodrigues “[...] expressa a ambiência do país naqueles dias, o que passa a caracterizar o ‘complexo’”.

Em 1993, Ruy Castro organiza e lança a obra *À sombra das chuteiras imortais*,²³ coletânea de crônicas de Nelson Rodrigues publicada pela Companhia das Letras. Na apresentação da obra, intitulada “Personagens para a eternidade”, Ruy Castro afirma o seguinte:

Das setenta crônicas de *À sombra das chuteiras imortais*, as primeiras 31 foram publicadas originariamente na revista *Manchete Esportiva*, onde Nelson Rodrigues escreveu de 1955 a 1959. Dessas 31, as primeiras 11 conservaram os títulos originais. As outras vinte, publicadas sob a rubrica “meu personagem da semana”, ganharam títulos novos **usando-se escrupulosamente o pensamento e as palavras do autor** (CASTRO, 1993, p. 7, grifo nosso).

Nota-se que a crônica, antes sem título, passa a ser chamada de “Complexo de vira-latas” por uma escolha de Ruy Castro. A hipótese é a de que, pelo processo de mediação editorial (obra publicada pela Companhia das Letras) e de gestão autoral (processos de organização e seleção das crônicas realizados por Ruy Castro), a crônica, agora intitulada “Complexo de vira-latas”, passa a ter não somente um estatuto esportivo (crônica com tema de futebol) dada sua circulação

²³ O título da obra se refere ao nome dado à coluna de crônicas do jornal *O Globo*, em que Nelson Rodrigues publicou de 1962 a 1980.

em uma revista esportiva, mas também um estatuto literário: a crônica pertence a uma coletânea, que integra a Coleção “Nelson Rodrigues”, organizada por Ruy Castro.²⁴ A transição da crônica, portanto, do campo esportivo (com a circulação em revista) para o campo literário (com a circulação em livro) mostra que há um poder simbólico que legitima a crônica no campo literário.

Como se observa, há um processo de mediação editorial produzindo sentidos. Nos termos de Chartier (2002, p. 61), “[...] diferentes atores envolvidos com a publicação dão sentidos aos textos que transmitem, imprimem e leem”. Assim, podemos dizer que tanto os atores envolvidos com a publicação da crônica “Complexo de vira-latas” em livro quanto o modo particular de gestão autoral em torno da figura de Nelson Rodrigues²⁵ inserem o sintagma “complexo de vira-latas” em um estatuto literário. Em termos discursivos, podemos situar o sintagma no regime do discurso literário, uma vez que isso implica abordá-lo como uma *prática discursiva* (MAINGUENEAU, 2008 [2006]), assinalando a relevância das formas de circulação das textualizações.

Para explicar o sintagma “complexo de vira-latas”, Nelson Rodrigues (1993, p. 51) afirma que “[...] o Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética”. Esse comportamento do jogador brasileiro descrito na crônica permearia, na visão de Rodrigues, todas as camadas sociais. Almeida (2017, p. 50) explica que esse pessimismo passaria a caracterizar o “complexo”: “[...] essa formulação inicial faz surgir a definição do ‘complexo’ como pêndulo entre ‘pessimismo obtuso’ e ‘esperança frenética’”. Assim, o “complexo de vira-latas” parece ser uma expressão que representa uma tomada de posição ora como *veneno*, ora como *remédio* (WISNIK, 2008, p. 407) para se referir aos discursos identitários postos na cena pública.

O futebol brasileiro é, por sua vez, o saldo ambivalente desse déficit, seu veneno e seu remédio prodigioso. Seria mais um mecanismo de fuga entre outros se não fosse, ao mesmo tempo, o campo em que a experiência brasileira encontrou uma das vias privilegiadas para atravessar o seu avesso e tocar as fraturas traumáticas que nos constituem e permanecem em nós como um atoleiro. Ele é a confirmação do paradoxo da escravidão brasileira como um mal

²⁴ No tópico 3.2.1, “A editora Companhia das Letras”, analisa-se, em termos discursivos, a noção de *coletânea*.

²⁵ A pesquisa analisa esse modo de gestão autoral em dois momentos: primeiramente, no início do CAPÍTULO 1, e posteriormente no CAPÍTULO 2.

nunca superado e, ao mesmo tempo, um bem valioso de nossa existência (WISNIK, 2008, p. 407).

Nesse sentido, Wisnik (2008) explica que o futebol no século XX tornou-se o principal lugar desse conflito identitário, visto que perdura no imaginário brasileiro o pêndulo entre a grandeza máxima de nação e a impotência infantilizada de um povo periférico. Historicamente, o futebol – introduzido no Brasil no final do século XIX – proporcionou mudanças no modo de ser do brasileiro. A divergência dos interesses sociais aparentes no/pelo futebol foi determinante para a configuração de um caráter identitário. O esporte bretão contribuiu para demarcar diferentes posicionamentos discursivos em diversas esferas sociais no Brasil.

Do ponto de vista antropológico, Ortiz (1994, p. 196) assevera que a “[...] identidade é tão difícil de se limitar e de se definir, precisamente em razão de seu caráter multidimensional e dinâmico. É isto que lhe confere sua complexidade, mas também a que lhe dá sua flexibilidade”. Na crônica “Complexo de vira-latas”, quando se afirma “E hoje, se negamos o escrete de 58, não tenhamos dúvida: — é ainda a frustração de 50 que funciona” (RODRIGUES, 1993, p. 51), o enunciador ativa a memória do episódio da derrota da Seleção Brasileira de Futebol para a seleção do Uruguai no Estádio Maracanã no Brasil, em 1950. Esse episódio reativa uma memória discursiva sobre a própria condição do futebol no Brasil. O esporte se enraizou tão profundamente na cultura nacional que, passados pouco mais de cem anos de sua história no país, revelou-se como uma das marcas de identidade do povo brasileiro.

Na década de 1950 a seleção de futebol foi comparada à própria nação. Rodrigues (1994, p. 179) afirmou que “o escrete é a pátria em calções e chuteiras. Ele representa os nossos defeitos e as nossas virtudes. Em suma: o escrete chuta por 100 milhões de brasileiros”. O futebol, visto dessa perspectiva como manifestação democrática social, se relaciona à noção de nacionalidade e de cultura brasileira, nos termos para os quais aponta Almeida (2016), que considera que Nelson Rodrigues e outros cronistas esportivos

tiveram um papel proeminente nessa construção discursiva do Brasil “como o país do futebol” ou “pátria em chuteiras”, entrelaçando o país e seu futebol: por um lado afirmam uma singularidade do futebol brasileiro, um estilo nacional, que exalta traços tidos como tipicamente nacionais, a ginga, o drible, e as habilidades individuais;

por outro, fundem esse futebol considerado nacional (e suas vitórias) como a nação, que passa a ter no futebol um símbolo de suas qualidades e suas conquistas (ALMEIDA, 2016, p. 41).

Assim, os discursos referentes à noção de nacionalidade e de cultura brasileira se inserem na crônica de modo a mostrar um lugar de tensão sobre o que vem a ser “ser” brasileiro. Isso é uma questão identitária que, para Charaudeau (2009), do ponto de vista discursivo, constrói-se nos modos de tomada da palavra, na organização enunciativa do discurso e na manipulação dos imaginários sócio-discursivos. Nesse sentido, o “ser” brasileiro é visto a partir da formulação dos imaginários circunscritos na crônica e instaurados pela memória discursiva da derrota de 1950. Na compreensão de Wisnik (2008),

no futebol moderno, parte-se da igualdade para a diferença, do zero a zero para a derrota (o jogo é subordinado ao princípio da concorrência universal, e quer fazer valer, [...] a afirmação do mais forte (WISNIK, 2008, p. 68).

Nesta perspectiva, o medo de nova derrota pode ser visto como a inferioridade voluntária do brasileiro frente às questões relativas ao imperialismo cultural,²⁶ que, para a Antropologia da década de 1960, segundo Mattelart (2005, p. 75), “[...] é um etnocentrismo transformado em uma ideologia que se apresenta como via de salvação para os grupos subalternos”. Em rigor, trata-se de uma “violência simbólica” (BOURDIEU, 2011) exercida pelos países desenvolvidos sobre os países em desenvolvimento.

Diante disso, a crônica “Complexo de vira-latas” reafirmaria um posicionamento discursivo contrário ao sentimento de inferioridade voluntária, conforme verificamos no trecho “O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas” (RODRIGUES, 1993, p. 51). Para compreender fundamentalmente esse posicionamento, veremos, no CAPÍTULO 1, que inaugura esta PARTE I, constituintes discursivos que inserem essa crônica numa perspectiva literária.

²⁶ Schiller (1976, p. 9) em sua obra *O império norte-americano das comunicações* define imperialismo cultural como o “conjunto de processos pelos quais uma sociedade é introduzida no seio do sistema mundial moderno e a maneira como sua camada dirigente é conduzida, pelo fascínio, pela pressão, pela força ou pela corrupção, a modelar as instituições sociais para que elas correspondam aos valores e às estruturas do centro dominante do sistema ou a se tornar a sua promotora”.

CAPÍTULO 1

1. A crônica “Complexo de vira-latas” e o regime discursivo literário

O discurso literário, na compreensão de Maingueneau (2006, p. 39), promove a “[...] convergência de algumas ideias-forças que imprimem uma dada inflexão a nossa abordagem da literatura”. Essas ideias-forças²⁷ são, de saída, noções de discurso para abordagem do fato literário, o qual se liga à noção de discurso constituinte e de que a autoria é uma gestão:

Considerar o fato literário como “discurso” é contestar o caráter central desse ponto fixo, dessa origem “sem comunicação com exterior” [...] é restituir as obras aos espaços que as tornam possíveis, onde elas são produzidas, avaliadas, administradas. As condições do *dizer* permeiam aí o *dito*, e o *dito* remete às suas próprias condições de enunciação (o estatuto do escritor associado a seu modo de posicionamento no campo literário, os papéis vinculados com os gêneros, a relação com o destinatário construída através da obra, os suportes materiais e os modos de circulação dos enunciados...) (MAINGUENEAU, 2008 [2006], p. 43, grifos do original).

Nesse âmbito, Maingueneau (2008 [2006]) considera o discurso literário na esteira dos discursos constituintes.²⁸ Para o autor, os discursos constituintes designam “[...] fundamentalmente os discursos que se propõem como discursos de Origem, validados por uma cena de enunciação que autoriza a si mesma” (MAINGUENEAU, 2008 [2006], p. 60).

Portanto, considerando o sintagma “complexo de vira-latas” como partícipe de um discurso constituinte, é preciso que se verifique de que modo ele põe em funcionamento determinada cena de enunciação que, por sua vez, legitima a si mesma. Nesse sentido, podemos considerar referido sintagma como um vetor de posicionamento que mostra certa identidade enunciativa de legitimação no próprio espaço de sua enunciação. Isso ocorre porque há um modo de gestão particular do

²⁷ Para Maingueneau (2008 [2006], p. 40), as ideias-forças são concepções de discurso na aplicação do fato literário, a saber: “[...] o discurso supõe uma organização transfrástica; o discurso é uma forma de ação; o discurso é interativo; o discurso é orientado; o discurso é contextualizado; o discurso é assumido por um sujeito; o discurso é regido por normas; o discurso é considerado no âmbito do interdiscurso”.

²⁸ Em nota de rodapé, Maingueneau explica que a noção de discurso constituinte foi introduzida num artigo de 1995, em parceria com Frédéric Cossutta, intitulado “L’analyse des discours constitutants”, *Langages*, 117.

funcionamento da figura de autor de Nelson Rodrigues. Esse modo de gestão é construído pela *opus* (MAINGUENEAU, 2006). Em nosso caso, a *opus* trata-se do conjunto que faz a obra de Nelson Rodrigues ser reconhecida como tal, isto é: toda a trajetória de produção jornalística e literária do dramaturgo, os modos pelos quais essa produção foi sendo lida e comentada por terceiros etc. A crônica “Complexo de vira-latas” é, portanto, parte dessa *opus*.

O estudioso pensa os discursos como *práticas discursivas*²⁹ e propõe analisá-las na obra *Cenas da enunciação*, conforme as noções de *cena* (*cena englobante*, *cena genérica* e *cenografia*) que operam em planos complementares (MAINGUENEAU, 2008 [2006]). Para Maingueneau (2008 [2006], p. 125), “[...] todo discurso pretende convencer fazendo reconhecer a cena de enunciação que ele impõe e por intermédio da qual se legitima”. As duas primeiras cenas (*cena englobante* e *cena genérica*) compõem o *quadro cênico*. O autor afirma que estas duas *cenas*

definem em conjunto o espaço estável no interior do qual o enunciado ganha sentido [...]. Em muitos casos, a cena de enunciação reduz-se a essas duas cenas; porém, outra cena pode intervir, a *cenografia*, a qual não é imposta pelo tipo ou pelo gênero de discurso, sendo instituída pelo próprio discurso (MAINGUENEAU, 2008 [2006], p. 116).

Como se nota, o discurso institui uma terceira cena, a *cenografia*, a qual não pertence ao quadro cênico. A *cenografia* desenvolve o discurso, ao mesmo tempo em que legitima (ou deve legitimar) a própria enunciação. As cenas englobante, genérica e a *cenografia*, portanto, compõem as chamadas *cenas da enunciação*. Uma hipótese dessa pesquisa convive, justamente, em compreender as cenas da enunciação no sentido de pensar a crônica “Complexo de vira-latas” na condição de um discurso constituinte. Para isso, a compreensão do mídiun é fundamental, uma vez que é por meio dele que a crônica se insere no regime literário: quando ela participa de uma coletânea (Nelson Rodrigues), formando parte da obra *À sombra das chuteiras imortais* (1993) juntamente com outras obras e crônicas organizadas por Ruy Castro (jornalista e autor já renomado por suas bibliografias), e ocupando a esteira de uma celebração póstuma a Nelson Rodrigues. A coletânea, publicada

²⁹ Conceito originalmente formulado na obra *Gênese dos discursos*, de 1984. Cf. Maingueneau (2005 [1984]).

pela editora Companhia das Letras, pertencente uma coleção em torno da obra do cronista e dramaturgo. Dessa forma, a crônica “Complexo de vira-latas” adquire um caráter literário, sendo o mídiu o viés de entrada para o discurso literário e, portanto, cabe analisá-la como regime discursivo.

Considerando, portanto, o discurso literário como um discurso constituinte, Maingueneau (2000) observa que há a partilha de um certo número de propriedades quanto às suas condições de emergência, de funcionamento e de circulação.) Ele apreende uma dessas propriedades como o “[...] contexto da obra como o campo onde o escritor se posiciona” (MAINGUENEAU, 2001, p. 121). Em nosso caso, a crônica “Complexo de vira-latas” é a parte da obra que é posta em análise, e o contexto se relativiza dado o valor autoral de Nelson Rodrigues, que se transforma conforme a crônica circula. A crônica não “nasce” no discurso constituinte, mas é/está afetada/impregnada pela figura de autor literário de Nelson Rodrigues em diversos contextos.³⁰ Isso a coloca num certo estatuto literário, uma vez que há um determinado regime discursivo em funcionamento, do qual faz parte a autoria atribuída a Nelson Rodrigues toda vez que a crônica ou o sintagma “complexo de vira-latas” são postos em enunciação, como veremos adiante.

A compreensão do, aqui, *contexto da crônica* se faz pelas cenas de enunciação – que são apreendidas no interior do enunciado e não podem ser confundidas com *situação de comunicação*. Cavalcanti (2010, p. 83) explica que a situação de enunciação é o sistema em que são definidas as posições do enunciador, do coenunciador e da não pessoa – sistema que está na base de identificação dos dêiticos espaciais e temporais. Para Maingueneau (2012 [2006], p. 250), enquanto a situação de comunicação se verifica na ordem “exterior”, de um ponto de vista “sociológico”, as cenas de enunciação são consideradas num processo “interior, mediante a situação de fala que pretende definir”.

Vejamos, pois, de que formas as cenas da enunciação contribuem para o entendimento do contexto da crônica.

³⁰ Por exemplo, quando foi retomada nos contextos da Copa de Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016.

1.1 A cena englobante: uma dupla constituição

Maingueneau (2012 [2006]) considera a cena englobante como o “tipo de discurso”. Embora não seja suficiente para especificar as atividades discursivas, ela define certo quadro de espaço e tempo nos quais interagem os interlocutores. Esta cena enquadra os textos em um determinado discurso: religioso, político, jornalístico etc.

Quando recebemos um panfleto na rua, devemos ser capazes de determinar se se trata de algo que remete ao discurso religioso, político, publicitário etc., ou seja, devemos ser capazes de determinar em que cena englobante devemos nos colocar para interpretá-lo, para saber de que modo ele interpela seu leitor (MAINGUENEAU, 2012 [2006], p. 115-116)

Na proposta de Dominique Maingueneau, determinar um tipo de discurso que circunscreve um dado gênero do discurso permite compreender o posicionamento discursivo tomado pelo sujeito. A partir disso, é possível determinar os modos de participação do sujeito em uma dada cena genérica.

Por essa abordagem inicial da cena da enunciação, fica evidente que a cena englobante funciona apenas como uma espécie de abrigo para um certo número de gêneros do discurso que partilham do mesmo estatuto pragmático. Para Maingueneau (2008 [2006], p. 252), alguns textos que consideramos literatura podem integrar, em outra conjuntura, outras cenas englobantes. Por exemplo, um conto literário pode ser lido num contexto religioso, com fins de pregação, ou jurídico, com fins argumentativos.

Também podemos exemplificar essa integração de textos literários em outras cenas englobantes (tipos de discurso) a partir da crônica que trata do *complexo de vira-latas*. A impressão é a de que ela possui uma dupla constituição: o discurso jornalístico e o discurso literário. Sabe-se que o texto, originalmente, foi publicado na revista *Manchete Esportiva*.³¹ Esse mídiu se insere em determinadas práticas, tais como: o modo de publicação – que é semanal (para uma revista esportiva, era um aspecto de modernidade); os espaços de circulação – as bancas e os leitores (a

³¹ A revista enquanto mídiu será detidamente analisada no tópico 3.1, “A revista *Manchete Esportiva*: projeto editorial e emergência do sintagma”.

maioria constituída de indivíduos adeptos da revista *Manchete*); e a diagramação inovadora (por meio do fotojornalismo).

Nesse sentido, Couto (2016) destaca que o trabalho jornalístico com as fotografias era a tônica da proposta editorial desta publicação esportiva. As imagens retratavam uma representação de identidade nacional enfatizada pela idolatria à Seleção Brasileira de Futebol, além de diversos outros temas, como a participação feminina nos esportes e a cobertura de esportes automobilísticos, por exemplo. Esses elementos constitutivos da revista podem determinar a cena englobante: o discurso jornalístico.

Passado o momento da Copa do Mundo de 1958 na Suécia, Ruy Castro (COMPLEXO DE..., 2014) afirma que a crônica deixou de circular por um certo período. Para o biógrafo, a crônica volta a circular mais enfaticamente a partir dos anos 1990, quando o texto é atravessado por práticas editoriais que o recondicionam a um regime do discurso literário. Há uma gestão editorial (realizada pela editora Companhia das Letras) que põe em circulação as obras de Nelson Rodrigues assinadas por Ruy Castro. Todo o processo de gestão e circulação dessas obras (inclui-se, aí, a crônica “Complexo de vira-latas”) supõe certo estatuto literário.

Podemos levantar a questão sobre já haver algo do regime literário em 1958, com as crônicas esportivas assinadas por um dramaturgo famoso – suas peças teatrais já eram conhecidas do público e da crítica. Mas, certamente, é a partir de 1990 que a cena englobante fica claramente híbrida, e uma certa inversão de pesos passa a ser operada: a cena passa a ser mais literária do que jornalística a partir de então. Nelson Rodrigues não deixa de ser jornalista, e a crônica não deixa de ser esportiva; contudo, pela publicação e circulação do texto em livro – e nisso há toda uma gestão editorial implicada –, a crônica “Complexo de vira-latas” torna-se sobretudo literária. Portanto, é nesse pêndulo entre duas cenas englobantes – o discurso jornalístico e o literário (mais literário que jornalístico) – que a crônica se inscreve.

Serão apresentados, no tópico seguinte, os elementos constitutivos da cena genérica, que especifica a cena englobante ao mesmo tempo em que forma o quadro cênico do gênero do discurso.

1.2 Cena genérica: condições e posicionamentos discursivos

Esta cena permite especificar a cena englobante, compondo o quadro cênico, como dito anteriormente. Quando se trata da abordagem do literário, Maingueneau (2012 [2006]) afirma o seguinte:

A obra é na verdade enunciada através de um gênero do discurso determinado que participa, num nível superior, da cena englobante literária. [...] As condições de enunciação ligadas a cada gênero correspondem [...] a certo número de expectativas do público e de antecipações possíveis dessas expectativas pelo autor (MAINGUENEAU, 2012 [2006], p. 251).

Esse gênero do discurso, para Possenti (2012, p. 193), “[...] implica aspectos específicos: papéis, circunstâncias (em particular, um modo de inscrição no espaço e no tempo), suportes materiais, finalidades etc.”. Isto significa dizer que cada gênero de discurso define o papel de seus participantes. Nesse sentido, quando situamos a crônica em tela primeiramente no discurso jornalístico, implica dizer que há um “cronista de esportes” (a figura jornalística de Nelson Rodrigues) dirigindo-se a “leitores” de uma revista esportiva.

Esse ritual entre os participantes caracterizam a *cena genérica*, uma vez que, quando se trata da crônica publicada em 1958, inscrita no discurso jornalístico, tem-se um texto escrito, publicado e posto em circulação em uma revista de jornalismo esportivo. Isto é, o mídiun (a revista), com todo o seu projeto e gestão editoriais, aliado ao valor simbólico instituído na figura jornalística de Nelson Rodrigues, é que faz a crônica ganhar uma dimensão jornalística. Posteriormente, nos anos 1990, quando organizada em livro-coletânea por Ruy Castro e publicada pela editora Companhia das Letras, o texto ganha dimensão literária, ou seja: a crônica faz a transição do discurso jornalístico para o discurso literário.

A crônica, enquanto gênero do discurso, do ponto de vista enunciativo, se define por práticas reiteradas, consagradas socialmente, ou seja,

implica um contexto específico: papéis, circunstâncias (em particular, um modo de inscrição no espaço e no tempo), um suporte material, uma finalidade etc. Cada gênero ou subgênero de discurso define o papel de seus participantes: num panfleto de campanha eleitoral, teremos um “candidato” dirigindo-se a “eleitores”; num curso,

teremos um professor dirigindo-se a alunos etc. (MAINGUENEAU, 2008 [2006], p. 116).

A cena genérica da crônica “Complexo de vira-latas” se inscreve, como toda textualização, num espaço discursivo em que os interlocutores assumem posicionamentos. No caso em tela, o enunciador descreve o sintagma “complexo de vira-latas” a partir de uma condição socio-histórica e identitária de formação do povo brasileiro, afirmando essa condição de subserviência do brasileiro “em todos os setores, sobretudo, no futebol” (RODRIGUES, 1993, p. 51). Assim, induz-se o leitor a uma tomada de posição.

A discussão que segue expõe a maneira pela qual o quadro cênico impõe ao leitor cenas validadas, já instaladas na memória coletiva. Trata-se da terceira cena proposta por Dominique Maingueneau: a *cenografia*.

1.3 A cenografia: uma verdade coletiva, antes escondida

As cenas *englobante* e *genérica* são relevantes na medida em que definem um espaço no qual o enunciado ganha sentido. A partir delas, há outra cena de enunciação que, segundo Maingueneau (2008 [2006]), é instituída pelo próprio discurso: trata-se da *cenografia*. O estudioso afirma que “[...] o discurso, desenvolvendo-se a partir de *sua* cenografia, pretende convencer instituindo a cena da enunciação que o legitima” (op. cit., p. 117).

Na formulação de Motta e Salgado (2016),

a cenografia é o lugar da manobra dos sujeitos, cujas posições dadas e herdadas via quadro cênico são trabalhadas na direção de um posicionamento, mais ou menos singular, conforme a institucionalidade do quadro, sua força de coerção, as brechas para resistência ou subversão. Nela residem as reiteraões que filiam uma discursivização e também as singularidades que apontam para o novo, a autoria, a criação, entre outros tópicos que exigem tratar do discurso para além da estrita reprodução da organização social (MOTTA; SALGADO, 2016, p. 57).

Nesse sentido, a cenografia atende a certos regimes de funcionamento do discurso, portanto se desenvolve conforme restrições semânticas impostas pelo interdiscurso. Como lembra Maingueneau (2008 [2006], p. 113), a cenografia tem,

por efeito, passar o quadro cênico para outro plano: o do discurso. Nessa direção, Cavalcanti (2010, p. 84) afirma que “[...] desde o início o discurso impõe, de algum modo, sua cenografia; mas, por outro lado, é por meio de sua própria enunciação que ele poderá legitimar a cenografia que impõe”.

Maingueneau (2008 [2006], p. 117) explica que em uma cenografia, associam-se uma “[...] figura de um enunciador e uma figura correlata de coenunciador. Esses dois lugares supõem igualmente uma cronografia (um momento) e uma topografia (um lugar)”.

No caso da crônica “Complexo de vira-latas”, é relevante notar a cronografia. De um lado, o período que antecede a Copa do Mundo na Suécia. Os brasileiros estavam desacreditados da Seleção Brasileira de Futebol devido à derrota de 1950 no Maracanã; do outro lado, do ponto de vista político-econômico: o Brasil passava por um momento de desenvolvimento industrial no governo Juscelino Kubitschek (período conhecido como Nacional-desenvolvimentista). Isso pressupõe certa topografia: em um ponto de vista, um “Brasil inferior” a outros países (no futebol, principalmente); em outro, pelo momento político de 1958, um Brasil que caminha para o quadro das grandes nações.

Essa legitimação se assenta no fato de o sintagma remeter a um discurso sociológico sobre aspectos identitários do brasileiro. Souza (2015) afirma que o Brasil, como povo colonizado, reproduz e idealiza sociedades estrangeiras a partir de um pressuposto do culturalismo dual damattiano,³² que traz uma oposição entre a imagem folclórica do Brasil e uma imagem colonizada, servil.

Desse modo, a cenografia estabelece um alerta para um tipo de comportamento do brasileiro cujo discurso radica em questões identitárias e culturais, configuradas ao longo do período colonial brasileiro e que vigoram até os dias atuais. Para Comparato (2017), essas questões foram sendo construídas a partir de costumes vigentes no Brasil desde o período colonial, entre os grupos sociais dominantes e o conjunto dos dominados.

Comparato (2017, p. 29-33) explica que as características desses costumes se basearam, no período colonial, no *personalismo*, sistema cuja predominância

³² Jessé Souza, na obra *A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite* (2015), discute as noções de “indivíduo” e de “pessoa”, formuladas por Roberto DaMatta, como propostas de base das relações sociais brasileiras. A pessoa está relacionada com o “jeitinho” brasileiro, e o indivíduo é o sujeito da lei, para quem as regras foram feitas. Para Souza (2015), esse modelo cria uma autoimagem folclórica do brasileiro, pois constitui um senso comum com o qual as instituições naturalizam as relações culturais.

está relacionada a um modo pessoal de funcionamento da administração pública. Após o período colonial, Souza (2015) compara o personalismo, descrito por Comparato (2017), ao conceito de *patrimonialismo*, proposto por Max Weber e que trata, fundamentalmente, da construção do “primitivo”, do “pessoal” e do “corrupto” como marcas de sociedades marginais, opondo-se à “modernidade”, à “impessoalidade” e à “confiança”, características típicas das sociedades centrais.

Essa tese weberiana justifica, no entendimento de Souza (2015), a constituição das Ciências Sociais contemporâneas, que influenciaram teorias sociais como a de Sérgio Buarque de Holanda, por exemplo. Para o autor, no Estado patrimonial, “[...] as funções, os empregos e os benefícios”, existentes no funcionalismo público, “[...] relacionam-se a direitos pessoais do funcionário e não a interesses objetivos” (HOLANDA, 1975 [1936], p. 106). A afetividade e a concessão de privilégios – tipos da estrutura familiar – são transportadas para a estrutura burocrática do Estado. Assim, Souza (2015) pondera que

o que outrora era legitimado como diferença racial e biológica passa a ser obtido pela noção de “estoque cultural” – em um caso, o das sociedades do Atlântico Norte, cognitivas e moralmente superiores, e, no exemplo das sociedades latino-americanas, cognitivas e moralmente inferiores (SOUZA, 2015, p. 25).

No início, esse modelo de teoria social foi adotado pelos Estados Unidos como forma de legitimar a ciência e a política do país. Souza (2015) afirma que, com o pós-guerra, a sociedade estadunidense passa a ser vista como modelo absoluto de gestão de modernidade ocidental:

Foi a partir desse esforço “científico”, politicamente financiado, que toda a hierarquia mundial passou a ter o exemplo concreto norte-americano como modelo máximo, com todas as outras sociedades sendo percebidas como versões mais ou menos imperfeitas desse modelo (SOUZA, 2015, p. 27).

As implicações desse discurso sociológico recaem no discurso esportivo, particularmente no futebolístico, na medida em que o esporte é visto, nos termos de Wisnik (2008, p. 46), “[...] como um sistema simbólico que traciona o imaginário colocando-o à beira de um precipício: o real da perda”. Nesse sentido, Wisnik (2008, p. 52, grifos do original) considera o futebol, na perspectiva de uma certa psicologia

das massas, como um processo de formação de “[...] *hipnoses compartilhadas* em que o sujeito se identifica cegamente, ao lado de outros que compartilham a sua identificação, com um objeto no qual se reconhece um *ideal-de-eu*”.³³

Um fragmento da crônica “Complexo-de-vira-latas” elucida esta lógica:

Excerto [1]

Eis a verdade, amigos: — desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro (RODRIGUES, 1993, p. 51).

No Excerto [1], o discurso de identificação das massas quanto à derrota/perda é significativo, e produz sentido recorrente. Para o enunciador, a representação simbólica da perda está amalgamada à rotina da vida do brasileiro. Pela compreensão da cena englobante (discursos jornalístico e literário), o leitor da crônica de quando ela circulou na *Manchete Esportiva* rememora o episódio da derrota de 1950, divulgado em diversos jornais e revistas da época, ao mesmo tempo em que é levado a uma reflexão sobre a própria condição do futebol brasileiro (considerando a Seleção Brasileira, em 1958, como sinônimo de nação brasileira).

Em outro momento, a cenografia desloca o quadro cênico para uma espécie de *conversa de bar* entre fãs de futebol, entre enunciador e coenunciador.

Excerto [2]

— Não será esta atitude negativa o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado?

Eis a verdade, amigos: — desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo (RODRIGUES, 1993, p. 51).

Excerto [3]

Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor-de-cotovelo que nos ficou dos 2 x 1 (RODRIGUES, 1993, p. 51).

Excerto [4]

Dir-se-ia que foi ontem, e não há oito anos, que, aos berros, Obdulio arrancou, de nós, o título. Eu disse “arrancou” como poderia dizer:

³³ Para Wisnik (2008, p. 52), “o clube como ídolo, e os ídolos do clube a seu serviço” são exemplos de *ideal-de-eu*.

“extraiu” de nós o título como se fosse um dente (RODRIGUES, 1993, p. 51).

A cenografia evidencia alguém que procura esclarecer apontando uma verdade (coletiva), antes escondida. O questionamento do enunciador no Excerto [2], por exemplo, produz um efeito especulativo com a atitude dos brasileiros diante da derrota da seleção brasileira em 1950.

O coenunciador é conduzido, assim, pela cenografia, em direção uma certa cumplicidade com o enunciador. Isso se evidencia no Excerto [3] pela incidência da expressão popular “dor de cotovelo”, que pode significar frustração, decepção ligada à posição de negligenciado, de descartado, desprezado. Comumente, essa expressão é mobilizada numa situação de tristeza íntima por se ter sido abandonado por alguém. No caso da crônica, o enunciador vê a sua perda na derrota do Brasil para o Uruguai ali, onde ele parecia favorito.

O Excerto [4] mobiliza, como elementos constitutivos da cenografia, os verbos “arrancou” e “extraiu”. Nota-se que ambos foram mobilizados por meio do uso de aspas. Segundo nos lembra Authier-Revuz (1990), as aspas, como forma de heterogeneidade enunciativa – isto é, como forma de inscrição do “outro na sequência do discurso” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 25) –, se apresentam como um objeto que “[...] é extraído da cadeia enunciativa normal e remetido a outro lugar: aquele de um outro ato de enunciação (Z disse “X”, na expressão de Z, “X”...)” (op. cit., p. 29). Nas palavras da autora, trata-se de “conotação autonímica”, em que “o fragmento mencionado é ao mesmo tempo um fragmento do qual se faz uso” (op. cit., p. 29).

Maingueneau (2001, p. 206) explica que, ao colocar as palavras entre aspas, o enunciador “[...] delega ao coenunciador a tarefa de compreender o motivo pelo qual ele está chamando assim sua atenção e abrindo uma brecha em seu próprio discurso”. De um modo geral, os verbos aspeados no Excerto [4] transferem a responsabilidade dos seus empregos (no caso, da derrota) a um outro, que pode ser o jogador Obdulio ou a baixa autoestima, mencionada anteriormente na cenografia como uma paráfrase do sintagma “complexo de vira-latas”.

Desse modo, o sentido proposto pelos verbos alude a um outro campo semântico, que não o mais adequado para a sequência enunciativa. Os significados

dos verbos “extrair” e “arrancar”³⁴ possuem relação sinonímica – ambos se referem à extração de algo à força. No Excerto [4], o enunciador aparenta mencionar os verbos para afirmar que o título da Copa do Mundo deveria ter ficado no Brasil, e que este foi *desenraizado*. Com isso, ele acentua um valor significativo às ações verbais. A comparação (como se fosse um dente) agrega um tom de dramaticidade no esclarecimento feito pelo enunciador, explicando *para todos* o que *todos sentem* (sentimento de inferioridade) – e que não foi dito até aqui e, segundo o entendimento do enunciador, precisa ser dito.

De fato, se lançarmos o olhar para as condições de produção, verificaremos que a crônica tematiza o momento no qual a Seleção Brasileira de Futebol embarcou à Suécia para a disputa da Copa do Mundo. Isso significa que o enunciador convoca a memória coletiva de apego a uma época: o final da década de 1950. Aqui, não se trata de uma memória individual, íntima: ele está, justamente, pondo à luz o que se vê como um fenômeno coletivo.

Sendo assim, supõe-se que a cenografia não é mera escolha da cena de enunciação: ela é constitutiva do próprio discurso. A legitimação do discurso depende da cenografia que assume.

No Capítulo seguinte, serão analisados os modos de figuração e regulação da obra de Nelson Rodrigues, no sentido de descrever os processos de circulação e constituição de autoria.

³⁴ No *Dicionário do Aurélio*, o verbo “arrancar” é assim definido: “Desapegar com esforço. Extrair. Obter pela força ou pela astúcia. Fazer sair. Tirar por força. Extirpar. Puxar arrebataadamente por. Partir com ímpeto e subitamente. Cair. Sair por si do seu lugar”. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/arranca>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

CAPÍTULO 2

2. Figuração e regulação da autoria em Nelson Rodrigues

Baseando-se nas propostas teórico-metodológicas de Maingueneau (2008 [2006]), este Capítulo objetiva analisar elementos e procedimentos constitutivos do discurso literário que estão vinculados à noção de autoria, tais como *fiador*, *ator* e *auctor*, assim como os espaços *associado* e *canônico*, que regulam a figura de autor em Nelson Rodrigues.

2.1 *Fiador, ator e auctor*: o “complexo de vira-latas” como dispositivo de gestão

Maingueneau (2010) associa a noção de autor à noção de texto, visto que o texto se vincula a uma unidade à qual se costuma relacionar uma posição de autor, cuja categoria o pesquisador considera híbrida: “[...] o autor é uma instância que enuncia [...], mas também [possui] certo estatuto social, historicamente variável” (MAINGUENEAU, 2010, p. 26). Assim, procurando determinar de que forma um sujeito passa do estatuto de “autor de” para se tornar “*um autor*”,³⁵ Maingueneau (2010) associa três dimensões à noção de autor. São elas: *autor-responsável*, *autor-ator* e *auctor*.

A primeira dimensão diz respeito ao que corresponderia a uma espécie de fiador, isto é, a “[...] uma ‘*vocalidade*’ específica [...] que, por meio do seu ‘*tom*’, atesta o que é dito” (MAINGUENEAU, 2008 [2006], p. 64, grifos do original). O fiador “[...] não é nem o enunciador, correlato do texto, nem o produtor em carne e osso, dotado de um estado civil” (MAINGUENEAU, 2010, p. 30). Caracteriza-se, portanto, como uma instância subjetiva construída pelo leitor e que assume um caráter e uma corporalidade. Vejamos:

Excerto [5]

E hoje, se negamos o escrete de 58, não tenhamos dúvida: — é ainda a frustração de 50 que funciona. Gostaríamos talvez de

³⁵ Para Maingueneau (2010), o “autor de” é uma entidade que possui certo estatuto social, que responde dentro de uma categoria jurídica. Já “*um autor*” pertence a uma ordem referencial, coletiva, a um mundo não empírico, portanto, enunciativo.

acreditar na seleção. Mas o que nos trava é o seguinte: — o pânico de uma nova e irremediável desilusão. E guardamos, para nós mesmos, qualquer esperança. Só imagino uma coisa: — se o Brasil vence na Suécia, se volta campeão do mundo! Ah, a fé que escondemos, a fé que negamos, rebentaria todas as comportas e 60 milhões de brasileiros iam acabar no hospício (RODRIGUES, 1993, p. 51).

A instância fiadora na crônica “Complexo de vira-latas” procura levar o leitor a assumir determinadas situações de comportamento do brasileiro diante dos discursos de inferioridade, construídos historicamente acerca da subserviência do brasileiro diante de outros povos. Dessa forma, o leitor desse texto se insere em um “mundo ético” (MAINGUENEAU, 2008 [2006]) de aceitação do fracasso. Entretanto, o fiador faz isso para que o leitor corresponda a uma postura de não aceitação do fato.

A segunda dimensão é a do “autor-ator”. Maingueneau (2010, p. 30) afirma que essa dimensão, “[...] organizando sua existência em torno da atividade de produção de textos, deve gerir uma trajetória, uma carreira”. Trata-se, portanto, de modo geral, da profissão de escritor, do modo como este gere sua produção intelectual. Nelson Rodrigues, observado por essa dimensão de autoria, recebe estatuto de *dramaturgo, teatrólogo, escritor, jornalista, cronista esportivo, romancista, contista*. Também, pelo modo de gestão de sua trajetória, Nelson Rodrigues recebeu vários títulos, tais como *anjo pornográfico, tarado, reacionário, torcedor do fluminense, fundador do teatro moderno no Brasil, autor maldito etc.* Muitas frases ditas por ele também funcionaram como gestores de sua carreira como escritor e dramaturgo.³⁶ Juntamente com essas frases, o sintagma “complexo de vira-latas” sintetizaria um modo particular de gestão.

A terceira dimensão, que Maingueneau (2010, p. 30) chama de “auctor”, é a do “autor enquanto correlato de uma obra”. O estudioso afirma, ainda, que será ‘auctor’ efetivo, fonte de ‘autoridade’, apenas se terceiros falam dele, se contribuem para modelar uma ‘imagem de autor’ dele.

Quanto às etapas na emergência de uma figura de auctor, podemos dizer que, pela atividade que exerceu como jornalista, Nelson Rodrigues assinou diversas crônicas, entre elas as publicadas durante o período em que contribuiu para a

³⁶ Sonia Rodrigues, filha de Nelson, organizou e publicou, em 2012, a obra *Nelson Rodrigues por ele mesmo*, publicada pela editoria Nova Fronteira. A obra é composta de frases, máximas, entrevistas com o dramaturgo e opiniões que mostram a visão de mundo do autor. Informações coletadas no seguinte endereço: <<http://www.nelsonrodrigues.com.br/site/materia.php?t=n&c=8&i=174>>. Acesso em: 12 fev. 2019.

revista *Manchete Esportiva*. Nelson também pode ser considerado um auctor pela publicação de diferentes gêneros literários, entre eles romances, crônicas e peças teatrais. Na condição de “se terceiros falam dele” (op. cit., p. 30), podemos citar críticas postas em circulação a partir de contos, peças teatrais e crônicas produzidas por Nelson Rodrigues, assim como de encenação/adaptação de suas peças teatrais por diversas companhias de teatro até o tempo presente.

De acordo com Maingueneau (2010), quando se tem um terceiro que agrupa diversos textos de um produtor, publicando-os em forma de coleção, estamos diante de um *opus*. Nesse sentido, podemos citar o exemplo das próprias coleções organizadas pelo escritor Ruy Castro, que reuniu e publicou, além de duas coletâneas de crônicas esportivas, uma biografia e mais dez obras de Nelson Rodrigues ao longo da década de 1990.

Ademais, nas etapas para a composição da figura de um auctor, para o produtor do texto “é preciso ser reconhecido, ter uma ‘imagem de autor” (MAINGUENEAU, 2010, p. 32). Um exemplo desse reconhecimento convive no sintagma “complexo de vira-latas”, que constitui, discursivamente, um dispositivo de autogestão e reconhecimento de Nelson Rodrigues na figura de auctor, constituindo um perfil identitário do escritor desde a gênese do sintagma, em 1958, até os dias de hoje. As ocorrências de “complexo de vira-latas”, portanto, configurariam uma imagem de autor na figura de Nelson Rodrigues.

No tópico seguinte, apresentaremos as noções de *espaço canônico* e *espaço associado*, no intuito de mostrar, teoricamente, os modos de legitimação da figura de auctor e a regulação das obras de Nelson Rodrigues.

2.2 Espaço canônico e espaço associado: o funcionamento dos mídiuns

Nestor García Canclini (2008), em sua obra *Leitores, espectadores e internautas* afirma o seguinte:

Os salões literários e as editoras reordenaram no mesmo sentido a prática literária. A consagração das obras e dos autores implica o surgimento de uma crença em seu valor, que é conferida por agentes específicos: museus e espectadores, editoras e leitores (GARCÍA CANCLINI, 2008, p. 19).

Partindo desse entendimento, podemos considerar os agentes específicos que García Canclini (2008) menciona como exemplos de *espaços canônicos* e *espaços associados*. Maingueneau (2008 [2006], p. 53), do ponto de vista discursivo, considera que “[...] escritores produzem obras, mas escritores e obras são, num dado sentido, produzidos eles mesmos por um todo complexo institucional de práticas”.

Compreendendo o “todo complexo institucional de práticas” como o sistema que põe em funcionamento obra e autor, fazendo com que a própria circulação da obra literária, dependendo do *médium* (também traduzido como *mídiun*), legitima o próprio autor. Debray (1994, p. 23, grifo do original) explica: “vamos chamar ‘médium’, no sentido pleno, o *sistema dispositivo-suporte-procedimento*, ou seja, aquele que, organicamente, é posto em movimento por uma revolução mediológica”. Compreendemos a noção de movimento como a circulação de um objeto.

Debray (1994, p. 29) considera que o objeto da midiologia (mais apropriadamente *mediologia*, que é a mediação como processo de transmissão de valores, crenças e doutrinas), supõe “[...] a dissociação entre questão técnica – que máquina opera aí? – questão semântica – que discurso é apresentado para ser compreendido? – e questão política – que poder é exercido, de que maneira e sobre quem?”.

Essas questões formuladas pelo ensaísta sobre as mediações supõem a identidade das comunidades discursivas. Ele ainda afirma que “midio” significa

mediações, ou seja, o conjunto dinâmico dos procedimentos e corpos intermediários que se interpõem entre uma produção de signos e uma produção de acontecimentos. Esses entremeios assemelham-se a ‘híbridos’ (Bruno Latour), ou seja, mediações, simultaneamente técnicas, culturais e sociais (DEBRAY, 1994, p. 28).

Assim, para elaborar a noção de mídiun, Maingueneau (2001; 2006) se apoiou nos estudos midiológicos de Régis Debray,³⁷ que aqui mobilizamos no sentido de problematizar a constituição dos textos na internet, isto é, para compreender a circulação do sintagma “complexo de vira-latas” em textos de natureza variada, pulverizada, muitas vezes sem autor definido, em que o interdiscurso se põe a partir do modo de transmissão dos textos. Dominique Maingueneau afirma que é necessário pensar no “modo de manifestação material dos discursos, ao seu suporte, bem como ao seu modo de difusão” (MAINGUENEAU, 2001, p. 71). Ele conclui, também, que “a transmissão do texto não vem após sua produção, a maneira como ele se institui materialmente é parte integrante de seu sentido” (op. cit., p. 84, grifos do original).

Analisar o sintagma “complexo de vira-latas” dessa perspectiva é considerar, de acordo com Debray (1991, p. 17), “[...] o conjunto material, tecnicamente determinado, dos suportes, das relações e meios de transportes que lhe garantem, em cada época, sua existência social”. Para analisar o sintagma em certos modos de publicação de textos, consideremos, pois, o que diz Salgado (2017, p. 30): “publicar textos [...] é um modo de pôr a energia social em movimento”.

Salgado (2017) ainda explica que a publicação dos textos se relaciona

a práticas sociais e objetos técnicos distintos, com suas normas específicas, estão ligados a cada um desses tipos de texto, que se produzem cada qual num campo, onde circulam e que, ao mesmo tempo, ao circularem, constroem. E esses campos são tecidos por memórias variadas, cultivadas em cada comunidade discursiva (SALGADO, 2017, p. 33).

É nesse sentido que esta pesquisa procura analisar o espaço associado e o espaço canônico: numa dimensão midiológica³⁸ das obras. Maingueneau (1995), desde a obra *Contexto da obra literária*, já vinha construindo conceitos e noções, do ponto de vista da Análise do Discurso, em torno da constituição e da circulação da obra literária e do autor literário. Nesse livro, Maingueneau (1995) faz algumas observações sobre a paratopia do escritor, a vida e obra do autor, incluindo os ritos genéticos, bem como os modos de veiculação e modos de enunciação da obra

³⁷ Régis Debray (1994, p. 28-29) propõe a tese do estudo das mediações, a *midialogia*, disciplina que “trata das funções sociais superiores em suas relações com as estruturas técnicas de transmissão”.

³⁸ No CAPÍTULO 3 da presente tese o conceito de “midialogia” é retomado mais detidamente.

literária. Com isso, o estudioso dá os primeiros passos rumo a uma teoria do discurso literário.

Com a publicação da obra *Discurso Literário* em 2006, Maingueneau (2012 [2006]) refina alguns conceitos já apresentados anteriormente e propõe outros, constituindo o estudo da literatura sob o regime discursivo. Nessa obra, ele propõe o discurso literário como um discurso constituinte, isto é, o discurso literário se autolegitima, se põe como origem. Maingueneau (2012 [2006]) amplia também sua teoria sobre a paratopia criadora, refinando suas considerações sobre mídiun embasado nas teorias de Régis Debray sobre midiologia.

Quanto ao estudo da paratopia, Maingueneau acrescenta os conceitos de *espaço canônico* e *espaço associado* das obras. Ele considera, nesse sentido, que a “[...] obra ‘canônica’ não é definida de antemão, mas negociada a cada obra” (MAINGUENEAU, (2012 [2006], p. 143). Assim, para o estudioso, há uma dimensão de “[...] *figuração* – a encenação do criador [...], e uma dimensão de *regulação* por meio da qual o criador negocia a inserção de seu texto num certo estado de campo e no circuito da comunicação” (op. cit., p. 143, grifos do original).

Trata-se de duas dimensões inseparáveis: construir uma identidade criadora do mundo (*figuração*) e conferir um estatuto às unidades que constituem a opus (*regulação*). A primeira tem como manifestação privilegiada gêneros de texto relativamente “autônomos”, como o diário íntimo, o relato de viagem, as lembranças da infância; a segunda vincula-se mais com os gêneros paratextuais, metatextuais etc., inseparáveis dos textos que eles acompanham (MAINGUENEAU, 2012 [2006], p. 143, grifos do original).

Assim, Maingueneau (2012 [2006]) propõe a constituição de dois espaços indissociáveis, mas que não estão no mesmo plano: um *espaço associado* e um *espaço canônico*. Enquanto o espaço canônico “pretende separar o ‘inscritor’, instância da cena de enunciação, da ‘pessoa’ e do ‘inscritor’” (op. cit., p. 146), o “espaço associado implica uma indistinção das fronteiras que estruturam a instância enunciativa” (op. cit., p. 146).

Em nosso caso, cabem as seguintes perguntas: Como era a regulação e figuração da obra de Nelson Rodrigues em 1958? E no período de recorte do corpus (2013 a 2016)? De que maneira os espaços *associado* e *canônico* funcionam na constituição da figura de *auctor* em Nelson Rodrigues?

Esses questionamentos são relevantes na medida em que se pensa o sintagma “complexo de vira-latas” inscrito em uma crônica de Nelson Rodrigues. Analisar, portanto, o sintagma do ponto de vista de sua inscrição é relevante na mesma proporção em que a conjuntura dos espaços sociais pelos quais o sintagma circula contribuem para sua consagração e para a constituição da fórmula discursiva.

Em 1958, os meios de circulação dos textos literários – em particular os de Nelson Rodrigues – eram o livro, a revista e os jornais impressos. Naquele ano ele já gozava de certo estatuto de auctor de peças teatrais, devido às peças com as quais teve reconhecimento da crítica e do público, a saber:

- *A mulher sem pecado* (1942);
- *Vestido de noiva* (1943);
- *Álbum de família* (1945);
- *Anjo negro* (1946);
- *Doroteia* (1950);
- *Valsa nº 6* (1951);
- *A falecida* (1953);
- *Perdoa-me por me traíres* (1957);
- *Viúva, porém honesta* (1957);
- *Os sete gatinhos* (1958).³⁹

Podemos observar que até 1958 Nelson Rodrigues já havia escrito dez das dezessete peças teatrais que produziu em toda a sua carreira. Com essa produção, Nelson Rodrigues já era aclamado pela crítica e reconhecido pelo público como grande dramaturgo brasileiro antes de 1958.

O destaque das peças teatrais fica para *Vestido de noiva* (1943). Nelson utilizou diferentes recursos técnicos considerados inovadores para a época, como a simultaneidade das ações, que ocorriam em três planos temporais (FACINA, 2004). Desse modo, a identidade criadora (figuração) de Nelson Rodrigues se constitui, basicamente, a partir das produções de peças teatrais e, paralelamente, a partir de suas crônicas policiais e políticas nos jornais *O Globo* e *Jornal da Tarde*.

³⁹ Não se trata, nesta tese, de analisar referidas peças teatrais, visto que o foco da pesquisa é o sintagma “complexo de vira-latas” inscrito na crônica homônima.

Em 1955, convidado a escrever crônicas esportivas na revista *Manchete Esportiva*, Nelson Rodrigues passa à condição de auctor também como cronista esportivo. O tópico seguinte analisará a revista como *espaço associado* dessa regulação de sua obra.

2.3 Regulação de autoria: Nelson Rodrigues no tempo presente

A regulação e a figuração da obra de Nelson Rodrigues estão vinculadas, também, a outros modos de gestão, que põem o escritor em um estatuto de “auctor maior” (MAINGUENEAU, 2010, p. 32). Um exemplo disso é a criação do Portal *nelsonrodrigues.com.br* por Sônia Rodrigues,⁴⁰ sua filha, que também é escritora e roteirista.

O portal reúne informações diversas sobre a carreira e a vida de Nelson Rodrigues, como ilustra o leiaute inicial.

Figura 1 Captura de tela do Portal *nelsonrodrigues.com.br*.

Fonte: extraída de <<http://www.nelsonrodrigues.com.br/site/>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

⁴⁰ Sonia Rodrigues é escritora e roteirista. Escreve contos, romances, roteiros, teatros, tem vários livros publicados e recebeu prêmios de literatura, teatro e vídeo. Ela é pioneira no desenvolvimento de redes sociais de aprendizagem em torno de jogos aplicados a conteúdos diversos. Com recursos da sua plataforma digital *Almanaque da Rede*, é responsável pelas pesquisas sobre o pai, Nelson Rodrigues, desde meados de 1999. Informações extraídas do seguinte endereço: <<http://www.soniarodrigues.com.br/sobre>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

O Portal traz informações sobre as obras, peças teatrais, entrevistas, artigos acadêmicos, críticas, bem como sobre locais nos quais encontrar as obras de Nelson Rodrigues. Há também a biografia do escritor e peças que estão em cartaz. Do lado esquerdo, uma publicidade da obra *Brasil em campo* (2012), antologia de crônicas futebolísticas organizada por Sônia Rodrigues.

Na parte superior do Portal, há uma barra de transição com frases ditas por Nelson Rodrigues. Algumas delas são:

- Bobo é aquele que ama sem esparadrapo. (extraída da peça *Viúva, porém honesta*);
- O que estraga o adultério é a clandestinidade. (extraída da peça *Viúva, porém honesta*);
- Há tão pouco amor porque o degradam com deveres, com obrigações. (extraída da romance *Asfalto selvagem: Engraçadinha, seus amores, seus pecados*);
- Quem nunca desejou morrer com o ser amado, não conhece o amor, não sabe o que é amar. (extraída da coletânea de crônicas *A cabra vadia*);
- Todo amor é eterno e, se acaba, não era amor. (extraída da coletânea de memórias *O Reacionário*).

A circulação das frases gere, em certa medida, as instâncias de autoria de Nelson Rodrigues. Essas instâncias da unidade autor – *pessoa, escritor e inscritor* – se articulam num nó borromeano, segundo a proposta de Maingueneau (2008 [2006]):

[...] a “pessoa” como o indivíduo dotado de um estado civil, de uma vida privada. O ‘escritor’ designa o ator que define uma trajetória na instituição literária. Quanto ao neologismo ‘inscritor’, ele subsume ao mesmo tempo as formas de subjetividade enunciativa da cena de fala implicada pelo texto [...] e a cena imposta pelo gênero do discurso (MAINGUENEAU, 2008 [2006], p. 136).

Essas instâncias são indissociáveis e constituem a paratopia criadora que, segundo Maingueneau (2008 [2006], p. 109), “[...] envolve o processo criador, que

também a envolve: fazer uma obra é, num só movimento, produzi-la e construir por esse mesmo ato as condições que permitem produzir essa obra”. Quando as frases são enunciadas por sujeitos e atores sociais em diferentes práticas discursivas, não somente lidas no Portal: elas se condicionam a uma constituição da figura de Nelson Rodrigues, tanto como pessoa, quanto com relação a sua carreira literária e às condições de enunciação. Essas condições se relacionam a um modo de gerenciamento da vida literária. É o que afirma, numa perspectiva antropológica, a assertiva de Facina (2004):

O mapeamento de suas crônicas, memórias, entrevistas e depoimentos, assim como das críticas à sua obra, por um período de quase quatro décadas, mostra um processo dinâmico em que vários desses personagens vão sendo criados e se sobrepondo na imagem pública de seu autor: o gênio revolucionário e vanguardista, o autor tarado e maldito, o escritor que escreve com realismo a vida nos subúrbios cariocas, o autor de folhetins (alguns deles com pseudônimos femininos, Suzana Flag e Myrna), o cronista reacionário e anticomunista, o jornalista esportivo etc. (FACINA, 2004, p. 32).

A constituição dos personagens, segundo as instâncias *escritor* e *inscritor*, permite a inserção de Nelson Rodrigues no campo literário, bem como a regulação de sua figura. Trata-se, portanto, de um processo dinâmico, fundamental para a constituição da figura de auctor e para a consagração de sua obra no âmbito da cultura brasileira, em especial, a cultura carioca.

Sobre a instância *pessoa*, cabe destacar, segundo Facina (2004, p. 32), as “polêmicas com a crítica teatral, os problemas ocorridos com a censura, as relações com admiradores e desafetos, a guerra contra as esquerdas travada nas páginas de *O Globo* nas décadas de 1960 e 1970”. Esses indícios demonstram um modo particular de gerência da instância *pessoa* em Nelson Rodrigues, o que tornou possíveis tanto a problematização de sua biografia como a sua trajetória de vida e de intelectual. Desse modo, Facina (2004) conclui o seguinte:

[...] é inegável que hoje tem se tornado mais fraca a associação de Nelson Rodrigues às imagens de tarado e reacionário, o que tem a ver com mudanças de valores, de costumes e de conjuntura política. Por outro lado, há uma relativa unanimidade em considerá-lo um artista genial, o que nem sempre ocorreu (FACINA, 2004, p. 33).

Com a publicação das obras *Brasil em campo* e *Nelson Rodrigues por ele mesmo* – ambas lançadas pela editora Nova Fronteira em 2012 –, há um novo elemento no processo de regulação e figuração de sua trajetória literária. As duas obras são compostas, basicamente, de citações, frases e situações que Nelson Rodrigues viveu. A diferença entre as obras é apenas temática: enquanto *Brasil em campo* reúne citações sobre futebol, *Nelson Rodrigues por ele mesmo* apresenta citações da vida pessoal de Nelson e de suas produções literárias.

No Capítulo seguinte serão abordadas as condições de publicização do sintagma “complexo de vira-latas”, bem como a noção de *espaço público* como noção fundamental para a compreensão e circulação das fórmulas discursivas.⁴¹

⁴¹ Os procedimentos teórico-metodológicos que embasam os estudos de Krieg-Planque (2010) sobre a noção de “fórmula discursiva” são apresentados no CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 3

3. Espaço público e a circulação do sintagma “complexo de vira-latas”

Numa definição de *espaço público* como noção fundamental para a compreensão de circulação de frases, estereótipos e fórmulas, Krieg-Planque (2010) afirma que tal espaço

[...] não existe independentemente do princípio de publicidade, por meio do qual os atores compartilham seus pontos de vista, expõem suas opiniões em praça pública, tornando-as, desse modo, visíveis a quaisquer outras pessoas, alimentando, assim, a possibilidade de um debate público e contraditório de suas opiniões (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 114).

Nesse sentido, o espaço público evidencia posicionamentos discursivos constitutivos dos atores sociais. Na sociologia da cultura, atores se caracterizam como *pessoa* (investida de alguma institucionalidade, representando um grupo, uma causa, uma instituição) ou *grupos diversos*, não só o de instituições oficiais, mas todo grupo, coletivo, lugar de fala, enfim, que se posiciona na cena pública em relação à organização social em que inscreve ou de que é aliado.

A pesquisadora rediscute, com base nessa noção de espaço público e à luz dos estudos discursivos, o princípio de “publicidade”. Para Krieg-Planque (2010, p. 112), “[...] dizer que a fórmula é um referente social,⁴² é dizer que ela é um signo que evoca alguma coisa para todos num momento dado, então a fórmula é um signo que, por processos de publicidade, entrou no espaço público”. Nesse sentido, o espaço público seria um lugar – não necessariamente físico – de discussão de temas que estão postos em evidência por diferentes setores das esferas sociais, mas de efetiva publicização da fórmula discursiva, funcionando como um referente social privilegiado nesses embates.

Em nosso caso, o sintagma “complexo de vira-latas” pode se constituir como referente social a partir do momento em que é posto em circulação no espaço público. Vimos que, desde o seu aparecimento na revista *Manchete Esportiva* até sua retomada nos dias atuais em jornais, blogs e redes sociais, o sintagma constitui

⁴² Essa noção é discutida mais amplamente na PARTE II – CAPÍTULO 4 da presente pesquisa, especificamente no tópico 4.3.

um locus de discussão que interessa à sociedade. A forma linguisticamente estável abriga diferentes sentidos conforme é retomada nos lugares institucionalmente marcados a partir da mobilização por diferentes comunidades discursivas.

Isso explica, para Charaudeau (2007, p. 117), “[...] por que o espaço público não pode ser universal, ao contrário, é dependente das especificidades culturais de cada grupo”. Essas especificidades culturais produzem certa dinâmica de normas e julgamento de valores, a partir dos quais são produzidos discursos de avaliação sobre objetos em circulação. As comunidades discursivas, como lugares de partilha, são cruciais no processo de construção de determinada opinião pública sobre a circulação das fórmulas. É através desse discurso circulante⁴³ que os enunciados podem ganhar certa notoriedade em determinada comunidade discursiva, de modo que os membros dessa comunidade se reconheçam.

Os mídiuns possuem um papel fundamental nesse processo, pois é por meio deles, principalmente, que o sintagma é reproduzido e comentado. Nesse sentido, eles são um espaço de publicização crucial, pois compreendem vários tipos de atores que tornam público, no caso, o sintagma “complexo de vira-latas. Consideremos, pois, a publicização como ponto-chave desse processo, uma vez que é por meio dela que o sintagma é assim compartilhado, propiciando o seu estatuto de fórmula discursiva. Em outras palavras, a publicização da fórmula está associada a sua circulação intensa, atribuindo certa relevância à conjuntura político-social na qual se delineou.

Considerando a noção de *espaço público* delineada por Krieg-Planque (2010, p. 115), o qual se configura “[...] pelos procedimentos de publicização que tornam possível o estado político, jurídico, sociológico e técnico de determinada sociedade”, bem como a noção de Charaudeau (2007, p. 115), para quem o espaço público se associa “[...] à noção de *opinião pública*, fazendo dele um espaço de representação, de compartilhamento e de discussão da cidadania”, é relevante observar em quais circunstâncias o sintagma “complexo de vira-latas” se torna uma passagem obrigatória na cena pública, aparecendo acoplado a questões de ordem política, econômica e/ou esportiva, tais como a Copa do Mundo, as Olimpíadas, as eleições e os programas de governo.

⁴³ Charaudeau (2007, p. 118) define o “discurso circulante” como a “[...] soma empírica de enunciados com visada definicional sobre o que são os seres, as ações, os acontecimentos, suas características, seus comportamentos e os julgamentos a eles ligados”.

Para isso, é relevante destacar três importantes conjunturas da história do Brasil que fornecem um panorama dos espaços públicos nos quais o sintagma “complexo de vira-latas” passa a ter, gradativamente, um aumento de sua circulação.

A primeira delas é a da década de 1950, justamente por se tratar do aparecimento da crônica. A segunda conjuntura tem relação com os anos 1990, devido ao processo de mediação editorial: um *terceiro* (Ruy Castro) que reconhece Nelson Rodrigues e faz dele um *auctor*. A terceira conjuntura é o período pós-Manifestações de junho, em 2013, tanto por indicar tanto um momento considerável de ocorrências do sintagma, pela proximidade com a Copa do Mundo de 2014 e com as Olimpíadas de 2016, quanto por se referir a um período de efervescência política com o processo de impeachment de Dilma Rousseff.

Na década de 1950, no governo Juscelino Kubitschek (JK) (1956-1961), com a promessa de urbanização, o país atraiu investimentos estrangeiros. Conforme expõe Guterman (2009, p. 113), Juscelino fez “[...] promessas grandiloquentes, que apontavam para a modernização do país”. Nisso se incluiria a construção de uma nova capital: Brasília. Na economia, houve um crescimento acelerado: “o PIB cresceu a taxas médias de 7% ao ano entre 1956 e 1961” (op. cit., p. 113).

Foi nesse período que a Seleção Brasileira de Futebol conquistou a primeira Copa do Mundo (em 1958). A conquista trouxe ao governo JK a coroação dos “[...] ‘anos dourados’, identificando com o crescimento do país, com o estímulo à cultura popular, com o dinamismo da vida urbana e com a pujança industrial” (op. cit., p. 131).

Também foi nesse período que a imprensa esportiva se consolidou. O lançamento da revista *Manchete Esportiva* em 1955 tinha como proposta seguir e valorizar o nacionalismo desenvolvimentista do Estado brasileiro, tornando-se um produto cultural de massa. O trabalho jornalístico de fotografia foi a tônica da revista, visto que os editores procuravam seguir uma tendência da imprensa estrangeira: a do fotojornalismo, trabalho inédito para uma revista esportiva. Foi graças à contribuição assídua de crônicas para a revista, Nelson Rodrigues sagrou-se como cronista esportivo.

A conjuntura dos anos 1990 se relaciona com o mercado editorial em torno da obra de Nelson Rodrigues, em especial com a criação e ascensão da editora

Companhia das Letras,⁴⁴ que publicou uma parte considerável da obra de Nelson Rodrigues com a participação de Ruy Castro na condição de revisor e editor. Este, por sua vez, afirma que “[...] a expressão ‘complexo de vira-latas’ volta a aparecer em 1992, com a publicação de *O Anjo Pornográfico*”⁴⁵. Contudo, ela “[...] seguiu enterrada até a virada do século XXI, quando se integrou ao pensamento brasileiro” (ALMEIDA, 2017, p. 51).

De acordo com Koracakis (2006, p. 5), a editora Companhia das Letras, nos anos 1990, se torna “[...] referência para o sistema editorial brasileiro pela qualidade técnica e valor cultural de seus livros”. Sendo assim, seu papel na consagração de Nelson Rodrigues e, em particular, na difusão do sintagma “complexo de vira-latas” foi crucial. Na compreensão de Salgado, (2017), essas condições, dentre outras relativas ao processo editorial, são necessárias para que os livros ganhem “[...] o mundo, circulando entre os leitores [...]. Um livro sem essa ‘vitalidade’, simplesmente não é lido, não interessa a ninguém, não circula” (SALGADO, 2017, p. 48). Da perspectiva da mediação editorial, a autora se refere ao processo que o livro percorre para que seja posto em circulação: “coletivos complexos trabalham para que isso se dê, e o editor deve orquestrar esses coletivos, participantes da textualização em diferentes medidas” (op. cit., p. 48).

No caso da Companhia das Letras, essa “vitalidade” reside no aproveitamento de processos de editoração e experiências de produção de coleções de outras editoras, como a Brasiliense, a Record e a Nova Fronteira. A Companhia também institui novas formas de identidade visual, com diversos logotipos. João Baptista da Costa Aguiar, designer da editora na época,

ao invés de estabelecer uma imagem definitiva para o sinal, [...] cria uma família de imagens, todas relacionadas a meios de transporte de novo em sintonia com o nome da editora. Anos depois, o sistema amplia-se ainda mais, sendo criados sinais com grafismos diferenciados para as publicações destinadas aos públicos infantil e juvenil (MELO, 2003, p. 23-24).

A terceira conjuntura – que compreende o período a partir das chamadas “Manifestações de junho” de 2013 – talvez seja o momento crucial para o sintagma

⁴⁴ O nome “Companhia das Letras” foi inspirado na empresa mercantilista de comércio internacional da época colonial, “Companhia das Índias” (HALLEWEL, 2005, p. 662).

⁴⁵ Referida informação foi extraída de uma entrevista de Ruy Castro, cedida para a produção do documentário *Complexo de Vira-latas* (2014) pela Sem Cortes Filmes, disponível no seguinte endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=2_WD7dqGbzK>. Acesso em: 07 maio 2018.

“complexo de vira-latas”, uma vez que, dadas as circunstâncias sociopolíticas já mencionadas, promoveu-se, nas palavras de Souza (2015, p. 243), uma “semântica possível”, para que houvesse uma “guinada conservadora clara na política brasileira” (op. cit., p. 245).

Esta *guinada conservadora* foi uma forma de reação aos discursos em circulação dos partidos considerados progressistas, em particular, o PT. Lula, um expoente desse vetor político, foi um dos agentes da difusão do sintagma “complexo de vira-latas”. Vejamos, a seguir, três excertos de notícias postas em circulação em 2010 que exemplificam Lula como expoente, pondo em evidência o sintagma (destacado em negrito) em uma política de soberania e autoestima, criticando a uma elite envergonhada e pessimista:

Excerto [6]

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse nesta segunda-feira (8) que o país precisa perder o seu **"complexo de vira-lata"** e que constatou como isso ainda está presente no Brasil na ocasião da visita da secretária de Estado norte-americana, Hillary Clinton [...]. “Ainda vi esses dias o que é a subserviência, quando veio a Hillary Clinton... é engraçado que a imprensa queria saber 'se o senhor vai tratar de tal assunto' com a Hillary Clinton. Não, quem vai tratar é o ministro Celso Amorim [...] [das Relações Exteriores]”. [...] “Eu vou recebê-la numa deferência, porque o Celso Amorim pediu para recebê-la, mas a conversa é de ministro para ministro... quando for o Obama, e espero que ele vem ainda esse ano, aí eu converso”.⁴⁶

Excerto [7]

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez uma defesa de sua política externa e da relação com os países da América do Sul. Lula afirmou que o Brasil cresceu, deixou de ser coadjuvante no cenário internacional e criticou o desequilíbrio nas relações entre as nações do Norte e do Sul.

Na avaliação do presidente, o Brasil vive hoje um outro momento no cenário internacional e deixou de sofrer do **“complexo de vira-lata”**.⁴⁷

Excerto [8]

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou nesta segunda-feira (20), durante Prêmio Brasil Olímpico 2010, no Rio de Janeiro, que o Brasil abandonou o **“complexo de vira-lata”** ao conquistar realização da Olimpíada no País.

“Quando as pessoas me perguntam como conquistamos a Olimpíada, digo que foi o profissionalismo. Do governo, da prefeitura

⁴⁶ A íntegra da notícia pode ser conferida no Anexo B.

⁴⁷ A íntegra da notícia pode ser conferida no Anexo C.

do Rio, do COB, do ministro. Jogamos fora o complexo de vira-lata que Nelson Rodrigues tanto dizia que nós tínhamos e nos tornamos cidadãos e cidadãs capazes de realizar uma Olimpíada no Brasil”, afirmou o presidente que se despede do mandato. [...] “O que nós precisamos é de uma política de Estado para garantir a todos, independentemente se nasceu no Complexo do Alemão [conjunto de favelas na zona norte do Rio] ou se nasceu na Tijuca [bairro de classe média], o direito de disputar, em igualdade de condições, uma medalha de ouro nas próximas Olimpíadas, aqui no Brasil ou em Londres ou em qualquer lugar”, disse Lula.⁴⁸

Os excertos selecionados mostram que em 2010 Lula já mobilizava o sintagma em seus pronunciamentos, antes mesmo da “guinada conservadora” a partir de 2014. Uma razão disso está na escolha, em outubro de 2009, da cidade do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Olímpicos de 2016.⁴⁹ Esse acontecimento se produziu, também, com discursos de superação e otimismo do governo brasileiro frente aos países da Europa e aos Estados Unidos.

Desse modo, o sintagma “complexo de vira-latas” passa a ser retomado e posto em circulação como propaganda do governo Lula. Os discursos nos quais o sintagma se insere são uma forma de “fechamento” positivo de seus dois mandatos, posicionando-o contrariamente ao governo anterior, dizendo que este não conseguiu acabar com o “complexo de vira-latas” do brasileiro no sentido de se desvincular o sistema político-econômico brasileiro da dependência de países da Europa e dos Estados Unidos, de modo que o governo Lula teria conseguido.

Especificamente no Excerto [6], que se refere à cerimônia de assinatura de contratos para a implementação do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj), Lula afirmou que “[...] o país precisa perder o seu ‘complexo de vira-lata’”. Na ocasião, com a vinda da secretária de Estado dos Estados Unidos ao Brasil, Lula tratou o sintagma como sinônimo para “subserviência”. Nesse caso, a perda do “complexo de vira-latas” enseja uma semântica de não subserviência do governo brasileiro em relação aos políticos estadunidenses. Isso se contrapõe ao discurso da Agência Reuters, que questionou o seguinte: “se é o senhor que vai tratar de tal assunto com a Hillary Clinton”. A resposta de Lula põe luz a um possível subentendido de “subserviência” para com Hillary Clinton. Diante disso, podemos dizer que o discurso do

⁴⁸ A íntegra da notícia pode ser conferida no Anexo D.

⁴⁹ Na ocasião, disputavam com o Rio de Janeiro as cidades de Tóquio, no Japão, Madri, na Espanha, e Chicago, nos Estados Unidos. Informação extraída do seguinte endereço: <<https://oglobo.globo.com/esportes/cidades-candidatas-olimpiada-2016-se-reunem-em-pequim-3836561>>. Acesso em: 08 maio 2018.

governo Lula está em situação de “polêmica”, de acordo com Maingueneau (2005 [1984]), frente aos discursos reproduzidos pela Agência Reuters.

A notícia do Excerto [7], por sua vez, posta em circulação em abril de 2010, mostra o discurso de Lula em defesa da política externa de seu governo. Ao reafirmar que o brasileiro não sofre mais do “complexo de vira-latas”, Lula se posiciona em favor dos países da América do Sul. Com o crescimento econômico brasileiro, é possível estabelecer uma relação mais igualitária entre os países do Norte e do Sul.

Já no Excerto [8], o sintagma é mobilizado pelo jornalista Vicente Seda no modo como relata a fala de Lula. Esse *modo de relatar* é posto pelo jornalista por meio do uso das aspas – o que produz certa cumplicidade entre os coenunciadores. Lula afirma a capacidade dos brasileiros na organização das Olimpíadas, ressaltando o trabalho em conjunto dos governos Federal, Estadual e Municipal. Esse discurso de enaltecimento do próprio governo é confirmado no seguinte comentário: “[...] afirmou o presidente que se despede do mandato”. Desse modo, o fim do mandato de Lula culminaria com a conquista da realização das Olimpíadas no Rio de Janeiro.

Esse tipo de heterogeneidade mostrada (AUTHIER-REVUZ, 1990) no Excerto [8] é reforçado pelo sintagma “complexo de vira-latas”. A sensação é a de que, antes do governo Lula, os indivíduos brasileiros apresentavam baixa autoestima, não conseguiam exercer seus direitos de cidadania de forma plena. Após o mandato do governo Lula (nova política de Estado, profissionalismo) – e com a conquista do país para ser sede da realização das Olimpíadas –, eles passaram a exercer plenamente seus direitos de cidadãos e cidadãs.

Serão discutidos, no tópico a seguir, os espaços de circulação, as inscrições materiais, as condições de emergência, bem como a frequência e uso do sintagma “complexo de vira-latas”.

3.1 A revista *Manchete Esportiva*: projeto editorial e emergência do sintagma

O periódico *Manchete Esportiva*, fundado em novembro de 1955, teve como gestoras e produtoras de projeto duas famílias do setor jornalístico: a família Rodrigues e a família Bloch.

A família Rodrigues deu início à carreira jornalística com José Mário Rodrigues em 1900, no *Jornal de Recife*. Castro (1992, p. 15) explica que “[...] ao estilo da imprensa romântica da virada do século, começou como revisor, mas quem o conhecia sabia que em dois tempos Mário seria promovido à redação”. Depois de se casar com Maria Esther Falcão e voltar de uma viagem ao Chile e à Argentina, se juntou a Emídio Dantas Barreto⁵⁰ e fundou o *Jornal da República*. Mário Rodrigues e Maria Esther tiveram seis filhos em Recife. Nos anos seguintes, quando se mudaram para o Rio de Janeiro, tiveram mais oito filhos – dentre os quais destacam-se no jornalismo Mário Rodrigues Filho e Nelson Rodrigues. Em 1916, Mário Rodrigues começou a trabalhar no jornal *Correio da Manhã*, no Rio de Janeiro. Em 1925, fundou seu próprio jornal, *A Manhã*, no qual Nelson Rodrigues começou sua carreira jornalística como repórter de polícia. Já Mário Filho, um dos proprietários do *Jornal dos Sports*, fundado em 1936, foi quem propôs a fundação da revista *Manchete Esportiva* a Adolpho Bloch, que “[...] ‘apostava’ na mensagem ‘otimista’ de JK para o Brasil” (CASTRO, 1992, p. 263). Indicado por Mário Filho, Nelson Rodrigues passou a escrever colunas semanais na *Manchete*.

A família Bloch, por sua vez, fundou o Grupo Bloch Editores⁵¹ que, entre os anos de 1952 a 2000, foi um dos principais conglomerados da imprensa no Brasil. O carro-chefe de produção editorial foi a revista *Manchete Esportiva*, que vendeu, em 1957, 120 mil exemplares, superando a revista *O Cruzeiro*. O projeto da revista *Manchete* tinha características vanguardistas, impulsionado pela visão otimista do governo JK, segundo afirma Castro (1992):

⁵⁰ Dantas Barreto foi governador do estado de Pernambuco entre os anos de 1911 e 1915. Durante o governo de Hermes da Fonseca, exerceu o cargo de Ministro da Guerra, tendo participado da Guerra de Canudos e registrado suas experiências no livro *Última expedição a Canudos*, lançado em 1898.

⁵¹ Fundado em 1952, o Grupo chegou a ser composto de duas gráficas, uma fábrica de tintas, uma editora e distribuidora de livros didáticos e revistas e um teatro, formando a *Rede Manchete*. A informação foi extraída do seguinte endereço: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bloch_Editores>. Acesso em: 25 jul. 2018.

“Manchete Esportiva” foi uma ideia de Mário Filho para Adolpho Bloch. Juscelino acabara de ser eleito em outubro daquele ano. [...] e Adolpho Bloch apostava na mensagem “otimista” de JK para o Brasil. Quando Mario Filho propôs-lhe criar uma revista como “Manchete”, só que de futebol, Adolpho perguntou: “mas isso vende?”. Mário Filho garantiu que sim, principalmente quando o Flamengo ou Vasco venciam (CASTRO, 1992, p. 263).

Nelson Rodrigues foi convidado a contribuir para a revista e se tornou o redator principal. Castro (1992) explica que Nelson, assim que terminavam os jogos de domingo, ia à redação da revista para produzir sua crônica:

Boa parte da revista era feita durante a semana, mas as páginas quentes, as que todo mundo que ria ler, eram produzidas no domingo à noite, logo depois do jogo no Maracanã. Assim que sua Senhoria trilava o apito final, seus repórteres e fotógrafos corriam para a redação. Trabalhavam feito doidos e, no dia seguinte, cedinho, ‘Manchete Esportiva’ estava nas bancas [...]. Era uma façanha notável para uma revista naquele tempo (CASTRO, 1992, p. 263).

Portanto, o projeto de *Manchete Esportiva* era inovador,⁵² principalmente no que diz respeito ao trabalho com o fotojornalismo e a cologravura.⁵³ Couto (2016) considera que “[...] a fotografia adquire não só um aspecto imagético de composição com o texto escrito, como se torna, na maioria das vezes, o discurso mais importante, hierarquicamente mais trabalhado pelo editor do que o próprio texto”.

Em termos discursivos, o trabalho com as imagens na revista *Manchete Esportiva* é relevante. Isso estabelece um parâmetro de comparação com outras revistas de grande circulação na época, como *O Cruzeiro*. Mas parâmetro em relação a quê? O questionamento leva a pensar a revista em um modelo de produção cultural vigente nos anos 1950 e na internacionalização de bens e produtos simbólicos pela potência difusora dos Estados Unidos depois da Primeira Guerra Mundial. Salgado (2017, p. 86) mostra diferentes possibilidades de se pensar *cultura*. Uma delas trata-se dos fluxos textuais como “[...] percursos textuais que sustentam ou transformam identidades e, por isso, são tomados como um dos elementos definidores de cultura: os textos são objeto técnicos de alto valor simbólico”. Para sustentar essa hipótese, a autora recorre a Armand Mattelart, estudioso das Ciências da

⁵² Cf. Anexo E.

⁵³ A *cologravura* é um “[...] processo de fotogravura em plano, no qual se utiliza como placa impressora uma camada de gelatina bicromatada, que se torna capaz de absorver mais ou menos tinta de impressão” (VOGEL, 2007, p. 151).

Informação e Comunicação. Salgado (2017, p. 88) explica que, a partir do século XIX, quando se instaura o conceito canônico de cultura, é que se desenvolvem “[...] nivelamentos e padronizações impostos pelo funcionamento das nações civilizadoras, as mesmas que passam a se ocupar da ‘salvaguarda da diversidade cultural’”.

Nesse sentido, as formas de organização do mundo do trabalho alteram as formas de sociabilidade, “fazendo conviverem um certo pluralismo ligado às noções de autonomia e liberdade [...] e uma crescente normatização das atividades” (op. cit., p. VI). Salgado (2017) afirma que essas novas formas de organização social produzem um certo estreitamento do mundo materializado. Para Mattelart (2005, p. 29), evidencia-se, assim, a instauração do *mundialismo*: “tudo parece ter relação essencial com o mundial: não apenas as redes de comunicação e as redes associativas, mas também a economia, o direito, as normas, as finanças, os seguros, a imprensa, as ciências, as letras e a arte”.

Dessa forma, parece que a revista *Manchete Esportiva* constitui um exemplo de inscrição material do mundialismo. Devido aos seus elementos constitutivos do processo editorial, bem como ao contexto de sua fundação (s relação da revista com o caráter Nacional-desenvolvimentista do programa de governo JK), ela se desenvolve em “[...] nivelamentos e padronizações impostos pelo funcionamento das nações civilizadoras, as mesmas que passam a se ocupar da ‘salvaguarda da diversidade cultural’” (SALGADO, 2017, p. 88).

Vogel (2007, p. 149) explica que a “[...] *Manchete Esportiva* se propunha a ser uma revista ‘moderna’, no formato e no tipo de jornalismo que fazia”. Ele observa que “[...] a partir do nº 102 (9 nov. 1957), a revista aumenta de tamanho e passa por uma reforma gráfica. [...] A número 102 tem 64 páginas e nenhum reclame” (op. cit., p. 151). Essa tendência não publicitária da revista (pelo jornalismo que fazia) estava em sintonia com a *indústria cultural*⁵⁴ capitaneada pelos Estados Unidos pós Segunda Guerra Mundial. Para Ortiz (1988),

nas décadas de 40 e 50 o setor publicitário se desenvolve em estreita relação com as matrizes americanas, que trazem com elas as técnicas de venda de produtos. Surgem empreendimentos como a edição brasileira de *Seleções*, com suas páginas de anúncios, e os

⁵⁴ Conceito formulado por Max Horkheimer e Theodor Adorno na obra *Dialética do esclarecimento* (1947) para se referir a um modo de fazer cultura a partir da lógica de produção industrial, à produção da arte com a finalidade do lucro. No Brasil, segundo Ortiz (1988), a indústria cultural se instalou a partir da década de 1960.

programas da Interamerican Affairs, que influem diretamente no tipo de material levado ao ar pelas rádios brasileiras (Repórter Esso) (ORTIZ, 1988, p. 44),

A revista *Manchete* foi, assim, nos setores da imprensa, uma referência de vanguarda da indústria cultural brasileira: ela se mantinha praticamente sem publicidade.⁵⁵ Na edição de número 132, de 31 de maio de 1958, na qual foi publicada a crônica de Nelson Rodrigues sobre o “complexo de vira-latas”, há apenas oito peças publicitárias em um total de 64 páginas. Segundo Castro (1992),

uma vez na vida, outra na morte aparecia um anúncio de cerveja, brilhantina ou lâmina de barbear. O texto da revista era moderno, as fotos espetaculares e o que Nelson e Mário Filho escreviam deveria constar de antologias – e, com tudo isso, “*Manchete Esportiva*” era um fracasso comercial (CASTRO, 1992, p. 263).

A ausência de publicidade e a progressão geométrica do preço do papel⁵⁶ tornaram a revista cada vez mais cara ao público-consumidor. Pela lógica da indústria cultural, Ortiz (1988) afirma que as indústrias tentavam expandir suas bases materiais; entretanto, a população nos anos 1950 não detinha alto poder de compra. Ou seja, a oferta de produtos culturais (a revista *Manchete Esportiva* é um exemplo de) destoava da realidade socioeconômica brasileira por se apresentar um material de custo relativamente elevado. Assim, devido aos altos investimentos, a revista sucumbiu em 1959. Ou seja, quando Nelson Rodrigues escreveu a crônica em 1958, a revista já estava em seus últimos meses de circulação.

Aqui, interessa-nos compreender de que modo se constrói a identidade autoral de Nelson Rodrigues na/pela revista. Um modo de compreender esse processo se põe a partir de uma “dinâmica de produção e consumo de objetos técnicos”, conforme expõe Salgado (2017 p. 98). Isso implica considerar que os objetos culturais são objetos técnicos altamente especializados. Nesse sentido, compreendendo a revista *Manchete Esportiva* como um objeto técnico que põe em circulação discursos, podemos dizer que, nos termos de Debray (1993, p. 15), ela pode funcionar como um *vetor de sensibilidade*:

⁵⁵ Ver Anexos F e G, respectivamente.

⁵⁶ Entre 1943 e 1958, o quilo do papel de imprensa importado subiu de Cr\$ 2,35 para Cr\$ 4,82. De 1958 a 1963, o preço do papel saltou para Cr\$ 135,00, resultante de medidas governamentais (SODRÉ, 1994 [1966]).

Uma mesa de refeição, um sistema de educação, um café-bar, um púlpito de igreja, uma sala de biblioteca, um tinteiro, uma máquina de escrever, um circuito integrado, um cabaré, um parlamento, não são feitos para “difundir informações”. Não são “mídia”, mas entram no campo da Midiologia enquanto espaços e alternativas de difusão, vetores de sensibilidade e matrizes de sociabilidades. Sem um ou outro desses “canais”, esta ou aquela “ideologia” não chegaria a ter existência social (DEBRAY, 1993, p. 15).

O que chama a atenção na afirmação de Debray (1993) é o fato desses vetores de sensibilidade funcionarem como transmissores de ideologia. Para Salgado e Clares (2017),

esses vetores (em termos discursivos, dispositivos inscricionais com valor genérico) são o que o mediólogo refere por matéria organizada – MO, o modo como os objetos resultam de lógicas de uso e impõem lógicas de uso, nem sempre coincidentes (SALGADO; CLARES, 2017, p. 31).

Essas lógicas de uso delineiam e são delineadas por certa organização social, resultando em objetos culturais. Em boa medida, parece que o periódico impôs certos modos de constituição e circulação que delinearam, em determinada medida, a identidade autoral de Nelson Rodrigues, elevando-o a um estatuto de auctor de crônicas esportivas a partir da circulação e inscrição de seus textos na revista. Nessa perspectiva, Salgado (2017, p. 98) acorda o seguinte: “Lembremos que por identidade autoral referimos o que se depreende dos textos que são publicamente recebidos como criação”.

Maingueneau (2012 [2006]) propõe considerar três planos na dinâmica de criação literária, os quais constituem a identidade autoral: um *espaço*, “[...] em que os indivíduos podem constituir-se em escritores ou público” (op. cit., p. 90); um *campo*, “[...] lugar de confronto entre *posicionamentos* estéticos que investem de maneira específica gêneros e idiomas” (op. cit., p. 90, grifos do original); e um *arquivo*, “[...] em que se combinam intertexto e lendas: só existe atividade criadora inserida numa memória” (op. cit., p. 91). A revista *Manchete Esportiva* desempenha efetivamente o papel de *espaço* de criação, pois intervém como importante mediador na construção da figura autoral de Nelson Rodrigues como cronista esportivo. Além disso, a revista, quando de sua criação em 1955, foi avalizada por diversos críticos especializados no ramo esportivo, críticos literários e jornalistas.

Quanto ao *campo* em que revista foi produzida, podemos notar uma quebra de paradigma editorial no que se refere às revistas esportivas para a época. Efetivamente, a revista *Manchete Esportiva* foi um lugar de posicionamentos estéticos vanguardistas. Ela se punha no campo das publicações esportivas com outra semântica graças ao seu projeto inovador, em que se trabalhava com fotos e imagens. O projeto estético da revista concorria com os mesmos pressupostos estéticos de outras revistas da época, tal como *O Cruzeiro* – ambas investiam no mesmo formato e operavam com o fotojornalismo.

Tomando a noção de *arquivo*, consideremos não somente a produção editorial da revista, mas sobretudo a inscrição do sintagma “complexo de vira-latas”. Maingueneau (2012 [2006], p. 91) afirma que a noção de arquivo tem um sentido próximo ao de “posicionamento”, visto que os “[...] enunciados que vêm de um posicionamento são inseparáveis de uma memória e de instituições que lhes confere autoridade ao mesmo tempo em que se legitimam por meio deles”. As inscrições dessa memória legitimam a figura de Nelson Rodrigues com um estatuto de autor de crônicas esportivas, ao mesmo tempo em que conferem à *Manchete Esportiva* um estatuto de revista de vanguarda da indústria cultural no Brasil.

Nota-se também a identidade autoral em Nelson Rodrigues sendo constituída na relação dos elementos gráficos dispostos nas páginas da revista com a sua imagem autoral e sua crônica.⁵⁷ Esse conjunto de dados técnicos materiais configura um modo particular de gestão autoral. Salgado (2017) explica que esses indícios da figura discursiva de autor

só aparecem porque há uma dimensão pública do trabalho de escrever (livros, sites, roteiros, etc.; entrevistas, resenhas, fotos em jornais, etc.; feiras, prêmios, casas editoras, editais, etc.), e há o próprio trabalho de escrever, mais precisamente de inscrever o material linguístico no não linguístico ao qual está inextricavelmente ligado (página, papel, massa de texto, tela, etc.; fontário, cores, respiros etc.; ícones, imagens, itemizações, etc.), cultivando ritos que caracterizam esse trabalho (SALGADO, 2017, p. 139).

Como vimos, a constituição da rubrica *cronista esportivo* se dá a partir de um conjunto de elementos que se implicam dinamicamente pela “dimensão pública do trabalho de escrever”, como assevera Salgado (2017, p. 211). A figura discursiva de

⁵⁷ Cf. Anexo H.

Nelson Rodrigues se define nessa tessitura. Podemos inscrever essa dimensão, nos termos de Maingueneau (2005 [1984]), como *ritos genéticos*,

conjunto de atos realizados por um sujeito em vias de produzir um enunciado. [...] A vocação enunciativa supõe uma harmonização mais ou menos estrita entre as práticas individuais do autor e as representações coletivas nas quais ele se reconhece e que comunidades mais ou menos amplas verão, por sua vez, encarnadas nele (MAINGUENEAU, 2005 [1984], p. 139).

Nessa conjuntura, o trabalho de escrever de Nelson se institui a partir de ritos que o constituem como autor de crônicas esportivas. Nelson Rodrigues, em 1958, além de ser o redator principal da revista, escrevia para o jornal *Última Hora*. Da redação da revista *Manchete Esportiva*, enquanto produzia crônicas esportivas, escrevia os contos de *A vida como ela é... O Homem Fiel e outros contos* (1992). Vogel (2007) considera a revista a responsável pela identidade duradoura de Nelson Rodrigues na condição de cronista de esportes. Nesse médium, ele assina uma série de 156 crônicas – a maior parte delas falando de futebol. Como atesta Vogel (2007),

[...] a imagem do dramaturgo passa a ter a sua face de futebol. Com isso, escreve uma fábula de grande interesse para a história da associação do futebol à ideia de uma identidade nacional brasileira. Ao mesmo tempo, problematiza sua imagem de autor entre os críticos que veem na crônica de esportes, e às vezes no próprio esporte, uma função essencialmente alienante e pobre (VOGEL, 2007, p. 148).

De um modo geral, nas crônicas que Nelson Rodrigues produziu para a revista *Manchete Esportiva* há um discurso contra os intelectuais que não apoiavam o futebol brasileiro. Antunes (2004, p. 213) explica que “[...] Nelson era uma voz isolada contra a unanimidade. Acusava, com frequência, radialistas e jornalistas de desmerecerem os valores do futebol brasileiro”. Nesse sentido, há um confronto entre posicionamentos discursivos os quais imbricavam o fato de a seleção brasileira não ter alcançado, até em 1958, um título mundial de futebol, haja vista que tinha os melhores jogadores.

O mérito da revista *Manchete Esportiva* foi, portanto, o de associar o dramaturgo à imagem de cronista esportivo. O tratamento da revista dado ao esporte está em consonância com o que Ortiz (1994, p. 65) observa sobre os anos 1940 e 1950: “[...] a interpenetração da esfera de bens eruditos e a de bens de

massa configura uma realidade particular que reorienta a relação entre as artes e a cultura popular de massa”.

Desse modo, podemos pensar a instância subjetiva de Nelson Rodrigues durante os anos de vigência da revista *Manchete* sob dois movimentos: um deles, nas palavras de Maingueneau (2008 [2006], p. 146), fixa a “atenção na *desconexão* (abordagem textualista)”, privilegiando o *inscritor*, fazendo da revista um *espaço canônico*. Com efeito, a figura de Nelson Rodrigues – que antes era somente de dramaturgo – passa, também, à condição de cronista esportivo. Outro movimento é o de “*conexão* (espaço associado)” (op. cit., p. 146), cuja abordagem, contextualista, privilegia a instância *pessoa*.⁵⁸ Maingueneau (2008 [2006], p. 147) conclui que “[...] esses dois movimentos são a um só tempo contraditórios e complementares, sendo a impossibilidade de estabilizar suas relações um dos motores da produção literária”.

O tópico a seguir aborda o modo como a mediação editorial nos anos 1990 corroborou na estabilização da produção literária em torno do “complexo de vira-latas” e o consagrou no espaço público.

3.2 Os anos 1990: a mediação editorial na consagração do “complexo de vira-latas”

A cristalização e a consagração do sintagma “complexo de vira-latas” estão vinculadas, segundo nossa hipótese de trabalho, a certas práticas discursivas condicionadas por processos de mediação editorial e a certos modos de circulação do sintagma no início dos anos 1990.

Além da consagração como dramaturgo, cronista, contista e já instituído como *auctor* (MAINGUENEAU, 2010; 2014), nos anos 1990, diversos processos de mediação editorial contribuíram para a regulação da obra de Nelson Rodrigues. Trata-se, por um lado, de coleções organizadas por Ruy Castro, escritor já reconhecido pela academia como crítico e biógrafo da obra de Nelson Rodrigues, gozando de estatuto literário e historiográfico. Por outro lado, estão as próprias obras postas em circulação com a rubrica da Companhia das Letras, editora fundada em 1986 e consagrada pela quantidade de publicações e selos.⁵⁹ Maingueneau (2008 [2006]) define esse *conjunto de lugares* a partir dos quais uma obra é

⁵⁸ Cf. retrato de Nelson Rodrigues acompanhando o texto da crônica no Anexo H.

⁵⁹ O Portal *companhiadasletras.com.br* informa que a Companhia detém, ao todo, onze selos.

comentada, citada, retomada, adaptada, como *espaço associado*, isto é: trata-se de um espaço cujas produções são de textos que acompanham ou falam de uma determinada obra, no caso, a obra de Nelson Rodrigues.

Nelson escreveu, na década de 1950, para os jornais *Última Hora* e *Jornal dos Sports*, e para a revista *Manchete Esportiva* – isso sem contar suas peças teatrais que, em referida década, configuraram profícua produção. No entanto, a crônica “Complexo de vira-latas”, depois de sua publicação na revista em 1958, foi praticamente esquecida.

Mantido em relativo esquecimento durante longos anos após a morte de Nelson, em 1980, talvez em razão das polêmicas e do desconforto que sua obra e suas opiniões sempre provocaram em diferentes grupos de intelectuais, o conjunto de crônicas, memórias e contos, originariamente publicados em jornais e revistas, está sendo redescoberto graças às compilações e relançamentos promovidos pelo jornalista Ruy Castro, em parceria com a editora paulista Companhia das Letras, desde o início dos anos 90 (ANTUNES, 2004, p. 210).

Assim, de 1958 a 1992, há um processo de emergência e baixa circulação do sintagma “complexo de vira-latas”, mas não de cristalização, consagração e constituição como fórmula discursiva. Enunciado por Nelson Rodrigues sob certas inscrições literárias, o sintagma teve relevância na década de 1950 para a construção de um perfil identitário do brasileiro em vista do momento histórico pelo qual o Brasil passava: a derrota do time de futebol brasileiro na Copa do Mundo de 1950. Guterman (2009) explica que a derrota no jogo pôs a incerteza, entre os brasileiros, de se configurar o país entre as grandes potências mundiais devido, no governo JK, ao acentuado investimento em diversas atividades e setores, visando a um avanço econômico e político brasileiro.

Com as publicações de *O Anjo Pornográfico – A vida de Nelson Rodrigues* (1992) e a coletânea de crônicas de futebol *À sombra das chuteiras imortais*,⁶⁰ (1993) – ambas organizadas por Ruy Castro e chanceladas pela Companhia das Letras –, houve a irrupção, novamente, do sintagma “complexo de vira-latas”. Chartier (2002) entende esse processo – pelo qual há diferentes atores envolvidos

⁶⁰ Ruy Castro, em entrevista para o site do Museu do Futebol, afirma que esta obra teve grande adesão também do público feminino, tendo sido adaptada para o balé, no Rio de Janeiro, sob a direção da coreógrafa Rosella Terranova. Informação extraída do seguinte endereço: <<http://www.museudofutebol.org.br/centro-de-referencia/bate-bola/ruy-castro/>>. Acesso em: 21 out. 2016.

com a publicação – como mediação editorial. Esses atores, nessa conjuntura, “[...] dão sentido aos textos que transmitem, imprimem e leem” (op. cit., p. 61).

Assim, somente após 1992 pode-se dizer que o sintagma se cristaliza por um regime em funcionamento de certas práticas discursivas que determinam e são determinadas pelos espaços associado e canônico da obra de Nelson Rodrigues.

No tópico seguinte, serão analisados dois casos fundamentais para a consagração do sintagma “complexo de vira-latas” nos anos 1990: a mediação editorial da Companhia das Letras e o funcionamento da autoria em Ruy Castro.

3.2.1 A editora Companhia das Letras

A editora Companhia das Letras foi instituída em 1986,⁶¹ mas ganhou “corpo” nos anos 1990 por se destacar no cenário nacional. Conforme aponta Sorá (1997), isso se deveu ao fato de a editora apresentar

o referencial que definiu no final dos anos 80 novos esquemas de percepção e apreciação do bom livro, não a partir da imposição de um movimento literário, escola ou corrente de ideias particular, mas inventando concepções editoriais profissionais, que envolvem os novos livros de prestígio (SORÁ, 1997, p. 169).

Nesse sentido, a editora tornou-se referência no segmento, tanto pela qualidade técnica quanto pelo valor cultural de seus livros. Do ponto de vista comercial e financeiro, Koracakis (2006) acrescenta que

[...] a atividade da Companhia das Letras marca o campo editorial brasileiro na virada do século XX para o XXI, tornando-se uma indicação de qualidade para os livros que edita e uma possibilidade de consagração literária e lucros financeiros para os seus autores (KORACAKIS, 2006, p. 6).

A qualidade editorial da editora Companhia das Letras tem relação com a permanência de Luiz Schwarcz na editora Brasiliense, onde trabalhou do final da década de 1970 até 1986. Em entrevista concedida à jornalista e pesquisadora

⁶¹ Os fundadores da editora são Luiz Schwarcz e Lilia Moritz Schwarcz. Informações coletadas no site: <<https://www.companhiadasletras.com.br/sobre.php>>. Acesso em: 05 jan. 2018.

Cecília Costa em 2002, Schwarcz explica como vê a importância da editora no cenário editorial brasileiro:

No caso da Brasiliense, acho que ela trouxe uma novidade: visão de nicho de mercado. Encontrou um público jovem, abriu as portas para esse público, criou coleções e novidades como a coleção Primeiros Passos e o Circo das Letras. Também tinha uma noção de marketing e foi democratizadora, ao atrair um público que estava batendo na porta do mercado cultural, querendo ler, ir a festivais de cinema, às reuniões da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SPBC) (COSTA, 2002, p. 1) .

Seguindo essa linha de coleções e novidades, assim como a percepção de crescimento do gênero biográfico, a editora Companhia das Letras incursionou no mercado com a produção de biografias. Schmidt (1997) explica, com base no *Catálogo de publicações brasileiras* de 1994, que referido gênero havia tido um crescimento de 55% em relação ao período de 1987. A biografia nos anos 1990 deixa de ter um caráter estruturalista e passa a ter um caráter narrativo, literário, em que há maior preocupação em descrever o homem do que as circunstâncias.

No campo do jornalismo, há um interesse preferencial pelas trajetórias de indivíduos destacados: a do magnata Chatô, a do empresário Mauá, a do escritor Nelson Rodrigues, a do jogador Garrincha (estes dois últimos biografados por Castro, 1992 e 1995, respectivamente) etc. Muitos deles já haviam caído no esquecimento e, através da publicação de suas biografias, voltaram a ser conhecidos por um número significativo de pessoas (SCHMIDT, 1997, p. 7).

Talvez isso seja uma questão de mercado editorial, uma das razões pelas quais a editora Companhia das Letras passa a publicar, também, nos anos 1990, obras de cunho biográfico. *Mercado editorial*, aqui, é entendido do ponto de vista discursivo. Salgado (2016) explica que

[...] abordar essas trocas do ponto de vista discursivo implicaria, então, procurar nas discursivizações atuais as ligaduras que permitem reconhecer um conjunto de entidades e de procedimentos identificados como responsáveis por essas trocas (SALGADO, 2016, p. 39).

No caso da editora Companhia das Letras, é relevante pensar nas discursividades textualizadas em publicações, assim como as discursividades sobre

as publicações. Em 1986, a editora publica quatro livros: *Rumo à estação Finlândia*, de Edmund Wilson; *A graça de Deus*, de Bernard Malamud; o *Anticrítico*, de Augusto de Campos; e uma antologia de poemas de W. H. Auden (SORÁ, 1997, p. 163). Destes, a obra *Rumo à estação Finlândia* é a que teve maior repercussão, com 110 mil exemplares vendidos em dez reedições. Para Salgado (2017, p. 41), o processo de reedição é importante, pois “[...] numa nova edição, diversas manobras acontecem; para além da revisão e da ampliação, uma releitura acontece e, com isso, uma nova textualização se tece”. A partir de uma nova textualização, outras discursividades se põem em circulação.

Devido ao sucesso editorial,⁶² Schmidt (1997, p. 3) afirma que, do ponto de vista do gênero biográfico, “[...] diversos autores lançaram-se neste filão, ora desnudando personalidades famosas, ora recuperando trajetórias de indivíduos que haviam sido relegados ao limbo da memória nacional”. Nesse sentido, houve interesse tanto da editora quanto dos autores, jornalistas, biógrafos e leitores, constituindo-se, assim, nas livrarias, espaços dedicados exclusivamente ao gênero. Um desses jornalistas é Ruy Castro⁶³ que, procurando recuperar a trajetória de vida de Nelson Rodrigues, foi relevante para a cristalização e circulação do sintagma “complexo de vira-latas”.

Na década de 1990, além da biografia de Nelson Rodrigues, Ruy Castro organizou e coordenou outras obras, que foram publicadas pela editora Companhia das Letras com a força de uma *coleção*. Em termos discursivos, Salgado (2009) explica que a coleção é relevante na medida em que

mostra a autoria que se constrói aí: o valor do prêmio (que é compatível com o que se costuma ganhar com direitos autorais ou encomendas editoriais), associado a essa tiragem (maior do que a de alguns *best sellers* produzidos por autores do *star system*) e a essa distribuição (uma das maiores dificuldades no sistema de logística predominante), põe em evidência o quanto a criação autoral é parte de um circuito mais amplo, fora do qual ela não se dá a ler (SALGADO, 2009, p. 3677).

⁶² Segundo Castello (2005, p. 3), no primeiro ano de atividade a editora lançou 48 títulos. Em 2003, lançou 150 títulos e, em 2005, 170 títulos.

⁶³ Ruy Castro começou sua carreira jornalística no jornal *Correio da Manhã*, em março de 1967. Em maio do mesmo ano, publicou seu primeiro artigo sobre os 30 anos da morte de Noel Rosa. Informações extraídas da entrevista de Ruy Castro cedida ao jornalista Juca Kfourri na ESPN e publicada no canal *Blog do Paulinho*, no YouTube em 30 de junho de 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lifQAMJm6T8>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

São pontuadas, a seguir, as doze obras que compõem a Coleção “Nelson Rodrigues”,⁶⁴ todas organizadas por Ruy Castro:

- *A vida como ela é... O Homem Fiel e outros contos* (1992);
- *O casamento* (1992);
- *O óbvio ululante: primeiras confissões* (1993);
- *À sombra das chuteiras imortais* (1993);
- *A coroa de orquídeas e outro contos de “A vida como ela é...”* (1993);
- *A menina sem estrela: memórias* (1993);
- *Asfalto selvagem: Engraçadinha, seus amores, seus pecados* (1994);
- *A pátria em chuteiras* (1994);
- *A cabra vadia: novas confissões* (1995);
- *O reacionário: memórias e confissões* (1995);
- *O remador de “Ben-Hur”: confissões culturais* (1996);
- *Flor de obsessão: as 1000 melhores frases de Nelson Rodrigues* (1997).

As obras, postas em circulação pela editora Companhia das Letras na década de 1990, fizeram com que houvesse o recondicionamento da figura de auctor em Nelson Rodrigues, o que o recolocou novamente em evidência no cenário literário brasileiro. Segundo Maingueneau (2008 [2006], p. 151), podemos dizer que essa coleção⁶⁵ compõe um “ethos editorial”, que corrobora na construção da imagem de autor em Nelson Rodrigues e em Ruy Castro – ambos são consagrados como “auctor” pela circulação dessa coleção, um dando sustentação ao outro. Salgado (2017, p. 98) destaca que a identidade autoral se constrói pela “[...] dinâmica de produção e consumo de objetos técnicos, entre os quais os textos são os que mais põem em circulação discursos”. Sendo assim, com a circulação das obras pontuadas, há o funcionamento da identidade autoral em Nelson Rodrigues do ponto de vista discursivo, o que viabiliza a consagração do sintagma “complexo de vira-latas”.

⁶⁴ As capas das obras que compõem a Coleção podem ser conferidas no Anexo I.

⁶⁵ Cf. Anexo I.

3.2.2 O caso Ruy Castro

As obras de Nelson Rodrigues ficaram esquecidas entre os anos de 1980 até o início dos anos 1990. Quanto à crônica “Complexo de vira-latas”, o tempo de esquecimento é maior: se estende de 1958 a 1992. Nesse período, o sintagma “complexo de vira-latas” praticamente não circulou⁶⁶ e foi pouco mobilizado na mídia, ficando em estado de repouso aparente.

O sintagma sai do estado de latência após 1992,⁶⁷ quando Ruy Castro publica, pela editora Companhia das Letras, *O Anjo Pornográfico – A vida de Nelson Rodrigues*. Ruy já se tornara reconhecido pela publicação da obra *Chega de Saudade: a história e as histórias da Bossa Nova* em 1990. Nela, o escritor, reconstitui a vida boêmia e cultural carioca dos tempos da Bossa Nova no Brasil.

A obra foi vencedora do prêmio Jabuti no ano seguinte, em 1993, na categoria “Capa”, e do prêmio Nestlé de Literatura, em 1994, na categoria “Livro”. Com esse modo de gestão editorial e autoral, Ruy Castro passou a ser reconhecido nacionalmente como o aclamado biógrafo de Nelson Rodrigues e o grande nome da biografia no Brasil. Além disso, Ruy ganhou o prêmio Jabuti de “Livro do ano” por duas vezes: uma em 1995, com *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*, e outra em 2005, com *Carmem: uma biografia*.

A Figura a seguir exibe a capa da obra premiada em 1993.

⁶⁶ Com informações extraídas do depoimento de Ruy Castro para o documentário *Complexo de Vira-latas* (2014), veiculadas por Bruno Silveira em matéria publicada no Portal *Geledés* em 8 de junho de 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/complexo-de-vira-latas-como-elite-brasileira-enfiou-isso-na-sua-cabeca/>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

⁶⁷ Detalhes sobre o livro estão disponíveis no seguinte endereço: <<https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=14197>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

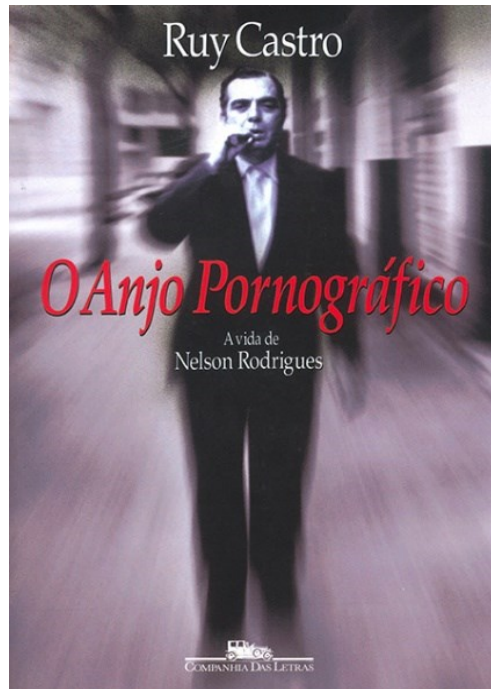


Figura 2 Capa da obra *O Anjo Pornográfico – A vida de Nelson Rodrigues*, produzida por Hélio Almeida e vencedora do Prêmio Jabuti de 1993 na categoria "Capa".

Fonte: extraída de <<https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=10351>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

Nota-se que o nome de Ruy Castro aparece no alto da capa, com certo relevo, se comparado ao nome de Nelson Rodrigues. Esse destaque é um indício de regulação da obra do biógrafo. O tratamento editorial da capa procura evidenciar características que parecem ser o fio condutor do projeto da editora. O título principal, “O Anjo Pornográfico”, foi estabelecido por Ruy Castro a partir de uma entrevista de Nelson Rodrigues concedida ao jornalista André Kallas para a revista *Manchete* em 1966 (CASTRO, 1992, p. 423). Na entrevista, Nelson assim se definia: “Sou um menino que vê o amor pelo buraco da fechadura. Nunca fui outra coisa. Nasci menino, hei de morrer menino. E o buraco da fechadura é, realmente, a minha ótica de ficcionista. Sou e sempre fui um anjo pornográfico”.

Eu já lera o recorte umas cem vezes e não me ocorrera que ali estava o título que eu procurava para o meu livro. Era o óbvio ululante, que eu não conseguia enxergar – e só então enxerguei. Liguei empolgado para Luiz Schwarcz, editor da Companhia das Letras, e comuniquei-lhe meu achado: “O Anjo Pornográfico”. Em 1992, o uso da palavra “pornográfico” no título não era algo tão tranquilo para um livro. Mas Luiz aprovou-o imediatamente e apenas me sugeriu mantê-lo em segredo até que o livro saísse, o que aconteceu no fim do ano. Até então, ninguém chamara Nelson de “anjo pornográfico”. E ele próprio nunca mais repetiria a expressão.

Mas o título do livro pegou, e acabou por defini-lo para sempre (CASTRO, 2012, p. 1).⁶⁸

Esse processo de mediação editorial, em Ruy Castro, para a escolha do título da biografia de Nelson Rodrigues, é um exemplo daquilo que Salgado (2006) afirma em relação ao tratamento editorial de textos:

O tratamento editorial procura, então, ao mesmo tempo, apontar nessas características o que parecem ser brechas para deriva e o fio condutor, propondo ajustes e alterações sempre pautados pelo projeto editorial, conforme o gênero de publicação que se está preparando, e o editor de textos faz isso como um coenunciador inscrito na interdiscursividade em que essa alteridade se põe. De fato, estão em jogo práticas da ordem do discurso: a alteridade que se institui na composição da autoria, junto com o autor, trabalhando pelo texto dele, no texto dele, opera sobre a matéria linguística (opaca e heterogênea), em sua condição textual (una e inacabada), com base em modos de ler e interpretar (que são históricos) (SALGADO, 2006, p. 377).

Sobre o texto de apresentação⁶⁹ de *O Anjo Pornográfico – A vida de Nelson Rodrigues*, no Portal da editora Companhia das Letras consta o seguinte:

A vida de Nelson Rodrigues (1912-1980) foi mais espantosa do que qualquer uma de suas histórias. E olhe que ele escreveu peças como *Vestido de noiva* e *Boca de ouro*, romances como *Asfalto selvagem* e *O casamento* e os milhares de contos de *A vida como ela é....* Mas foi de sua vida, e da vida de sua trágica família, que Nelson Rodrigues extraiu a obsessão pelo sexo e pela morte. Gênio ou louco? Tarado ou santo? Reacionário ou revolucionário? Nenhum outro escritor brasileiro foi tão polêmico em seu tempo. Para escrever *O anjo pornográfico*, Ruy Castro, autor do consagrado *Chega de saudade*, realizou centenas de entrevistas com 125 pessoas que conheceram intimamente Nelson Rodrigues e sua família. Elas o ajudaram a reconstituir essa assombrosa história, capaz de arrancar risos e lágrimas.⁷⁰

Notamos que o enunciador do fragmento citado procura avalizar a enunciação por meio de uma memória discursiva sobre ditos em torno da figura de Nelson Rodrigues antes e alhures. O enunciado “Gênio ou louco? Tarado ou santo?”

⁶⁸ Trecho do artigo de opinião “Surge o anjo pornográfico”, publicado no jornal *Folha de S. Paulo* em 09 de junho de 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/47652-surge-o-anjo-pornografico.shtml>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

⁶⁹ É o mesmo que consta da contracapa do livro.

⁷⁰ Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=10351>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

Reacionário ou revolucionário?” mostra, pela inserção da conjunção coordenativa alternativa “ou”, os discursos em circulação sobre as características constituídas pela gestão autoral da figura de Nelson Rodrigues. Essas incertezas promovem a imagem de um escritor polêmico. São mitos construídos em torno da figura de Nelson. Conforme aponta Salgado (2013b),

nesses termos é que podemos falar em *criação*. Em uma criação que tem a ver com o trabalho sobre os sentidos produzíveis nos textos, que não são autotélicos nem mensagem de uma instância supra-humana (SALGADO, 2013b, p. 267, grifo do original).

Sobre esse processo de criação, Maingueneau (2008 [2006]) afirma que

o êxito é profundamente incerto: como se assegurar de que se fez uma obra de valor quando nem mesmo a aprovação do público imediato é um critério seguro? Não resta ao autor senão multiplicar os gestos conjuradores, mostrar a si mesmo e ao público os sinais de sua legitimidade (MAINGUENEAU, 2008 [2006], p. 156).

Assim, pode-se afirmar que um modo de gestão autoral da figura de Nelson Rodrigues e o processo de criação se constroem por meio de “gestos conjuradores” (representados simbolicamente pelos lexemas *gênio*, *louco*, *tarado*, *santo*, *reacionário*, *revolucionário*) que, de certa forma, legitimam suas obras e o fazem ser reconhecido notoriamente.

Considerando que o texto é uma divulgação publicitária do gênero biografia, o funcionamento da autoria em Nelson Rodrigues recai na instância *pessoa*. Já em Ruy Castro, a ênfase é na instância *escritor*, uma vez que “[...] designa o ator que define uma trajetória na instituição literária” (MAINGUENEAU, 2008 [2006], p. 136). Quando o enunciador afirma “Ruy Castro, autor do consagrado *Chega de saudade*”, ele induz a construção da imagem do referido autor na condição de escritor de biografias, já que a obra *Chega de saudade: a história e as histórias da Bossa Nova* (1990) é uma narrativa que deve ser “lida como um romance”⁷¹ baseado em fatos reais da *Bossa Nova*.

Na introdução à obra *O Anjo Pornográfico – A vida de Nelson Rodrigues*, Ruy Castro afirma que ela “lembra às vezes um romance” (CASTRO, 1992, p. 7). Nesse

⁷¹ Informação extraída do texto de apresentação da referida obra no Portal da editora. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/titulos.php?busca=chega+de+saudade&x=0&y=0>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

sentido, podemos comparar o modo de leitura das duas obras, indicado por Ruy Castro, como uma forma de apresentar as biografias por ele escritas, como uma cenografia de um romance, em que o leitor se prende na leitura do texto envolvido pela trama dos capítulos. Com isso, compreende-se, a partir do texto de apresentação mencionado, que enquanto a regulação da obra de Ruy Castro é em torno da imagem de biógrafo, em Nelson Rodrigues a gestão de sua figura é centrada apenas na vida pessoal/pública, uma vez que o funcionamento de autoria recai sobre a *pessoa*. Em tempo: a obra *O Anjo Pornográfico – A vida de Nelson Rodrigues* foi lançada em 1992. Até aquele ano, Ruy Castro tinha apenas uma obra publicada pela editora Companhia das Letras. Nessa perspectiva, tem-se um modo de gestão autoral que procura estabelecer o reconhecimento e consagração de Ruy Castro na trajetória da instituição literária.

Ainda sobre *O Anjo Pornográfico*, em que a vida de Nelson Rodrigues é contada ano a ano – de 1912 (nascimento) até 1980 (morte) –, o sintagma “complexo de vira-latas” aparece no Capítulo intitulado “1957 – A rajada de monstros”⁷² para descrever o posicionamento contrário de Nelson Rodrigues diante de outros jornalistas e intelectuais que achavam que o time brasileiro de futebol, depois da derrota de 1950 no Maracanã, era “covarde, um perdedor nato” (CASTRO, 1992, p. 283). Em termos de publicação em livro, é a primeira vez, desde 1958, que o sintagma é posto em circulação.

Devido ao sucesso editorial de *O Anjo Pornográfico*,⁷³ Ruy Castro foi convidado pela editora Companhia das Letras a participar da organização e edição de uma coleção⁷⁴ da obra de Nelson Rodrigues. Em 1993, o jornalista organiza a coletânea *À sombra das chuteiras imortais*, cujas crônicas – um total de 70 –, resumem o perfil esportivo de Nelson Rodrigues. Dessas 70 crônicas sobre futebol, as primeiras 31 foram publicadas originariamente na revista *Manchete Esportiva*. As 39 restantes saíram no jornal *O Globo* – o título da coletânea se refere a uma coluna diária que Rodrigues escrevia nesse periódico.

As crônicas foram publicadas primeiramente em revista e jornal e, depois, foram reunidas em outro suporte textual, um livro, mais precisamente uma *coletânea*. Nesse aspecto, Salgado & Gatti (2013) salientam que

⁷² Cf. Anexo J.

⁷³ A primeira edição, de 1992, teve 18 reimpressões. A segunda edição, de 2004, teve oito reimpressões.

⁷⁴ Obras citadas no tópico “3.2.1 A editora Companhia das Letras” desta tese.

uma coletânea representa uma reunião desse material e, dessa forma, cria uma espécie de unidade antes não existente. Essa nova unidade não gera somente a impressão de que tudo o que está ali editado foi pensado pelo gênio autoral de uma forma única, como também estabelece um novo estatuto para a obra de um autor. É como se, para ser prestigiado no mundo editorial, o autor devesse ter seu trabalho, antes disperso num veículo de comunicação diário, divulgado em uma edição que tenha mais prestígio social (SALGADO; GATTI, 2013, p. 520).

Em termos discursivos, isso implica determinado impacto tanto no modo de recepção dos textos como na percepção autoral. Nesse sentido, os procedimentos de seleção dos textos representam uma visão singular de Ruy Castro, organizador da coletânea. Assim, ao mesmo tempo em que ela implica num novo estatuto para a obra, Ruy passa a ser reconhecido, também, pela organização de obras de autores já consagrados pelo cânone, evidenciando um novo prestígio social às crônicas de Nelson Rodrigues, uma vez que livro, simbolicamente, tem mais credibilidade social que revista e jornal (CHIEREGATTI, 2018).

Isso implica a inserção da figura Nelson Rodrigues na dimensão *auctor* da autoria (MAINGUENEAU, 2010, p. 142), uma vez que terceiros produzem essa coleção enaltecida e outros podem comentá-la como *a obra dele*, o que contribui para modelar a “imagem de autor”. Para Salgado (2013b, p. 109), isso ocorre porque “[...] o livro impresso, apesar das sentenças de morte, guarda alto valor simbólico e pode sacralizar posições, institucionalizar banalidades, definir comunidades”.

É nessa coletânea que a crônica “Complexo de vira-latas” reaparece e, junto a ela, o sintagma homônimo. Desse modo, depois de 1993, a frequência de circulação de “complexo de vira-latas” aumenta em diferentes mídiuns, passando a ser mobilizado por diversos atores sociais para designar os lugares discursivos nos quais se situam. O sintagma passa, então, a ser reconhecido e consagrado. Uma das razões para isso se deve ao fato de compreender a reunião dos textos numa coletânea – essa compreensão fornece possibilidade de acesso irrestrito à obra, tornando-a mais acessível aos leitores.

Um exemplo é a circulação do sintagma “complexo de vira-latas” e de outras obras nos próprios textos de Ruy Castro publicados no jornal *Folha de S. Paulo*. Nesse espaço, o jornalista apresenta muito do que faz com as obras e coletâneas publicadas pela editora Companhia das Letras.

3.3 O “complexo de vira-latas” condensa o debate público?

As condições de publicização expostas nos tópicos anteriores delineiam procedimentos de análise do sintagma “complexo de vira-latas” na condição de partícipe de um discurso constituinte, do mesmo modo que descrevem espaços públicos de circulação e processos de mediação editorial em torno da crônica “Complexo de vira-latas”. Essas condições de publicização permitem circunscrever o sintagma como elemento indispensável em certos discursos na cena pública a partir de alguns eventos, tais como a realização da Copa do Mundo, as Olimpíadas e as eleições. Desse modo, fica evidente pensar na possibilidade de análise do sintagma “complexo de vira-latas” no arcabouço teórico-metodológico da noção de *fórmula discursiva*, proposta por Krieg-Planque (2010).

Retomando o conceito, temos que esta fórmula é

um conjunto de formulações que, pelo fato de serem empregadas em um momento e em um espaço público dados, cristalizam questões políticas e sociais que essas expressões contribuem, ao mesmo tempo, para construir. Assim, por exemplo, podemos considerar que formulações como “mundialização/globalização”, “mundializar/globalizar” [...] etc. constituem as variantes de uma mesma fórmula – “mundialização” – cujo estudo seria útil para compreender o modo pelo qual os debates sobre o estado das relações sociais se desenvolveram na virada do século XX para o século XXI (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 9).

Assim, podemos inscrever a nossa reflexão sobre o sintagma “complexo de vira-latas” no quadro dos discursos políticos, midiáticos e institucionais que o circunscrevem. Nessa perspectiva, Krieg-Planque (2010, p. 13) considera que “[...] esses discursos são, ao mesmo tempo, o instrumento e o lugar (e não apenas a origem ou a consequência) das divisões e das junções que fundam o espaço público”. Com isso, podemos compreender as inscrições do sintagma no que tange aos seus modos de cristalização, bem como os discursos que o modelam e o fazem circular.

Nesse sentido, devido a sua circulação em diferentes mídiuns, em diversos corpora eletrônicos de imprensa, o sintagma abre possibilidades de análise em torno do debate público político instaurado no período entre 2013 e 2016. Krieg-Planque (2010) observa o seguinte:

Em um momento do debate público, uma sequência verbal, formalmente demarcável e relativamente estável do ponto de vista da descrição linguística que se pode fazer dela, põe-se a funcionar nos discursos produzidos no espaço público como uma sequência tão partilhada quanto problemática. Empregada em usos públicos que a investem de questões sócio-políticas por vezes contraditórias, essa sequência conhece então um regime discursivo que faz dela uma fórmula: um objeto descritível nas categorias da língua e cujo destino – ao mesmo tempo invasivo e continuamente questionado – no interior dos discursos é determinado pelas práticas languageiras e pelo estado das relações de opinião e de poder em um momento dado no seio do espaço público (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 14).

A fórmula discursiva, portanto – mobilizada no espaço público, como afirma Krieg-Planque (2010) –, investe de questões sócio-políticas contraditórias. Os discursos reproduzidos por essas questões determinam as relações de opinião pública. O que temos, então, é uma conquista, pelo uso do sintagma “complexo de vira-latas”, da opinião pública. Nesse aspecto, Charaudeau (2016) considera que

a opinião pública está em construção permanente, na confluência de um triplo movimento de *reação* por parte dos grupos sociais, de *atribuição* por parte dos atores políticos, de *categorização* por parte das instâncias midiáticas. Apresenta-se ao mesmo tempo fragmentada e homogênea (CHARAUDEAU, 2016, p. 44).

A confluência desse triplo movimento mostra os discursos instituídos por diversos atores sociais em permanente mobilização. Portanto, é no bojo estabelecido entre *opinião pública* e *debate público* que se faz necessário analisar o sintagma “complexo de vira-latas” na condição de fórmula discursiva, uma vez que, pelas propriedades que apresenta, sugere-se possível o estabelecimento de metodologias para verificar os modos de circulação do objeto de estudo.

PARTE II

**O “complexo de vira-latas”:
candidato a uma fórmula discursiva?**

O “complexo de vira-latas”: candidato a uma fórmula discursiva?

Introdução

Krieg-Planque (2010) afirma que uma fórmula discursiva assenta a tese de um poder social do discurso, na medida em que contribui para que determinada expressão carregue consigo uma questão política. Entendemos que o sintagma “complexo de vira-latas” também pode ser visto a partir desta perspectiva. Isso porque, a partir do seu aparecimento, em 1958, “complexo de vira-latas” sintetizou e pôs em funcionamento aquilo que Pêcheux ([1975] 2009, p. 151) denominou *pré-construído*, correspondendo “[...] ao ‘sempre-já-aí’ da interpelação ideológica que fornece/impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma da universalidade (o ‘mundo das coisas’)”. O pré-construído, no caso do sintagma em estudo, se refere àquilo que já circulava antes e alhures quanto aos discursos de subserviência e autodepreciação do brasileiro enquanto povo-nação.

Ribeiro (1995) explica que o *povo-nação* surge no Brasil

[...] para atender às suas necessidades de sobrevivência e progresso. Surge, isto sim, da concentração de uma força de trabalho escrava, recrutada para servir a propósitos mercantis alheios a ela, através de processos tão violentos de ordenação e repressão (RIBEIRO, 1995, p. 23).

A epígrafe que figura nas CONSIDERAÇÕES INICIAIS da presente tese mostra um exemplo de como, antes de 1958, os pré-construídos em relação à noção de subserviência já eram postos em circulação nas diversas esferas sociais, sobretudo pela literatura de Machado de Assis. Neste sentido, em 1958, a expressão “complexo de vira-latas” ganhou evidência/notoriedade e passou a circular, a partir de então, na “realidade” das coisas e, entre 2013 e 2016, explicita uma disputa por sentidos.

Podemos dizer que há, no sintagma “complexo de vira-latas”, a cristalização de questões sócio-políticas relativas projeto de nação:⁷⁵ questões partidárias sobre a retomada do Brasil/América Latina pela esfera de influência dos Estados Unidos;

⁷⁵ O conceito socio-histórico de nação bem como seus desdobramentos durante o período de 2013 a 2016 são abordados mais detidamente ao longo das análises.

questões em torno do impeachment⁷⁶ da ex-presidente Dilma Rousseff; questões de restabelecimento da normalidade democrática; questões relacionadas a lutas/embates pela retomada da nação, pela reconstrução de um projeto de Brasil; questões sobre quem deve representar o “legítimo” brasileiro no espaço público.

Para Krieg-Planque (2010, p. 115), o espaço público “[...] é configurado pelos procedimentos de publicização que tornam possível o estado político, jurídico, sociológico e técnico de determinada sociedade”. Nesse sentido, para que esses questionamentos sejam compreendidos sob a perspectiva da Análise do Discurso, faz-se necessário relacioná-los ao conceito de *interdiscurso*. Em Pêcheux (2009 [1975]), o interdiscurso é o “todo complexo com dominante” de uma FD dada.⁷⁷ Para Possenti (2009a, p. 155), “[...] nessa passagem, o que mais importa destacar é a caracterização do todo complexo com dominante como interdiscurso e a insistência em dizer que uma FD depende dele”. Isto é, o interdiscurso, nessas condições, determinaria, pela dissimulação, “a objetividade material contraditória” (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 149) – esta, por sua vez, determinada por certa FD, condiciona o *pré-construído*, que corresponde ao “‘sempre-já-aí’ da interpelação ideológica”, ao fato de que “‘algo fala’ antes, em outro lugar, independentemente”. Possenti (2009a), nesse sentido, afirma que os pré-construídos são da ordem do interdiscurso:

Em outras palavras, o “todo complexo” põe à disposição um conjunto X de pré-construídos, mas, para cada sujeito, ou para cada “comunidade” de sujeitos (ou, ainda, para cada FD), só são selecionáveis os pré-construídos aceitáveis para essa FD. Dizendo de outro modo, só estão disponíveis, para cada FD, os pré-construídos cujo sentido é evidente para essa FD (POSSENTI, 2009a, p. 156).

Por exemplo, com o sintagma “complexo de vira-latas”: se um interlocutor liberal ouviu, leu, teve acesso a informações de que “complexo de vira-latas” é o sentimento de inferioridade voluntária, subserviência, ou não, do brasileiro face a tudo aquilo que lhe é estrangeiro, as expressões “inferioridade” e “subserviência” serão tidas, para esse interlocutor, como expressões normais, corriqueiras em seu

⁷⁶ Frise-se que há debates de diferentes setores sobre a concepção de “golpe” diante do processo conduzido para esse impedimento. No artigo intitulado *Diferenças condensadas em palavras*, Possenti (2016) analisa o termo “golpe” do ponto de vista discursivo.

⁷⁷ Pêcheux (2009 [1975], p. 147) considera *formação discursiva* “[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.)”.

discurso. Entretanto, para outro interlocutor, por exemplo um sujeito dominado por outra FD, essas expressões não são evidentes. Essas expressões talvez se dessem, por exemplo, com uso das aspas, para demarcar um posicionamento distante, sendo do Outro, ou mesmo seriam expressões não enunciáveis.

Portanto, nas palavras de Possenti (2009a),

[...] parece mais adequado propor que, para cada FD, há um conjunto de pré-construídos (discursos transversos etc.) no interdiscurso, aos quais um sujeito pode ou deve recorrer. Mas ele não pode recorrer a todos, como deveria ser óbvio (POSSENTI, 2009a, p. 158).

Desse modo, embora a noção de *pré-construído* esteja associada à de *interdiscurso*, ambas formuladas por Pêcheux (2009 [1975]), assumiremos, na presente tese, o conceito de *interdiscurso* proposto por Maingueneau (2005 [1984]). Para o estudioso, há um primado do interdiscurso que “[...] amarra, em uma relação inextricável, o Mesmo do discurso e seu Outro” (op. cit., p. 35). Nessa relação, Maingueneau (2005 [1984]) especifica a abordagem do interdiscurso desdobrando-a em uma tríade: *universo discursivo*, *campo discursivo*, *espaço discursivo*.

O universo discursivo equivale ao conceito de interdiscurso proposto por Michel Pêcheux. Maingueneau (2005 [1984], p. 35) o define como “[...] conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada. Este universo discursivo constitui necessariamente um conjunto finito”. Quanto ao campo discursivo, o estudioso o compreende como um “[...] conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência,⁷⁸ delimitando-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo” (op. cit., p. 35). Por fim, os espaços discursivos são

subconjuntos de formações discursivas que o analista julga relevante para seu propósito colocar em relação. Tais restrições devem resultar apenas de hipóteses fundadas sobre um conhecimento de textos e um saber histórico, que serão em seguida confirmados ou infirmados quando a pesquisa progredir (MAINGUENEAU, 2005 [1984], p. 37).

⁷⁸ Para Maingueneau (2005 [1984], p. 36), “[...] ‘concorrência’ deve ser entendida de maneira mais ampla; inclui tanto confronto aberto quanto aliança, a neutralidade aparente etc... entre discursos que possuem a mesma função social e divergem o modo pelo qual ela deve ser preenchida”. Trata-se, efetivamente, de co-ocorrência.

O conceito de interdiscurso de Maingueneau (2005 [1984]) é, portanto, mais profícuo para nossa pesquisa pois nos permite observar posicionamentos delimitados com o uso do sintagma “complexo de vira-latas” a partir dos espaços discursivos que recortamos. *Posicionamento*, para Maingueneau (2008 [2006], p. 151), é a “[...] construção de uma identidade enunciativa, que é tanto ‘tomada de posição’ como recorte de um território cujas fronteiras devem ser incessantemente redefinidas”.

Se tomarmos a condição de que o sintagma “complexo de vira-latas” foi produzido por um *auctor* (Nelson Rodrigues), conforme as reflexões desenvolvidas na PARTE I desta tese, veremos que adotar a noção de *posicionamento* é mais vantajoso para a presente tese, uma vez que os posicionamentos, de acordo com a compreensão de Dominique Maingueneau (op. cit., p. 151), “[...] são indissociáveis das modalidades de sua existência social, do estatuto de seus autores, dos lugares e práticas que eles investem e que os investem”. Assim, o posicionamento pode ser compreendido numa “[...] rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso [e] coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro” (MAINGUENEAU, 2005 [1984], p. 38).

Veremos, com base nisso, no Capítulo a seguir, de que forma o sintagma “complexo de vira-latas” pode ser visto em seus modos de funcionamento e de circulação para além do seu significado primeiro: o de representar “[...] a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol” (RODRIGUES, 1993, p. 8). Para isso, analisaremos o sintagma “complexo de vira-latas” sob o estatuto de *fórmula discursiva* tal como proposto por Krieg-Planque (2010).

CAPÍTULO 4

4. Propriedades da fórmula discursiva

O caráter formulaico de um termo, como afirma Krieg-Planque (2010), se relaciona com os percursos sobre os quais uma palavra ou enunciado ganha consistência devido aos seus usos e alterações semânticas ao longo do tempo. Esses usos acabam se cristalizando, uma vez que seu caráter ativo (KRIEG-PLANQUE, 2010) de funcionamento em determinado momento histórico e em um dado espaço público contribuem para mobilização de *pré-construídos*. Estes, engendrados em determinadas condições de produção e circulação, põem uma palavra num funcionamento discursivo específico – o que Krieg-Planque (2010) propõe como *fórmula discursiva*.

Para se chegar a tal resultado de pesquisa, Alice Krieg-Planque tratou de analisar, em sua tese de doutoramento,⁷⁹ variações semânticas da *fórmula* “purificação étnica”, mobilizadas e interpretadas pela mídia francesa sobre as guerras iugoslavas,⁸⁰ ocorridas na década de 1990. Quanto à concepção de fórmula discursiva, a pesquisadora francesa discutiu alguns trabalhos que dialogam com a perspectiva teórico-metodológica dos estudos discursivos adotada por ela. O nome “fórmula”, por exemplo, é emprestado dos trabalhos do filósofo Jean-Pierre Faye, sobre aquilo que ele chama de *supernarrativa*, que consiste em evidenciar as condições de circulação das narrativas a partir do conhecimento dos próprios fragmentos narrativos.

Alice Krieg-Planque também analisou outros trabalhos que põem em relevo os usos de determinados sintagmas do ponto de vista sociopolítico, a saber, as propostas teóricas de Marianne Ebel e Pierre Fiala, cujos materiais procuram dar conta de analisar as *fórmulas* “influência e superpopulação estrangeiras” e “xenofobia” numa campanha de votação de plebiscito na Suíça, nos anos de 1970, 1974 e 1977. Para Krieg-Planque (2010, p. 52), o objetivo de estudar a fórmula do ponto de vista do discurso é analisar em que medida elas “[...] cristalizam certos temas sociopolíticos e se caracterizam por um funcionamento polêmico”. É diante

⁷⁹ Concluída no ano de 2000 e intitulada *Émergence et emplois de la formule ‘purification étnique’ dans la presse française (1980-1994): une analyse du discours*. Cf. Krieg-Planque (2009).

⁸⁰ Sobre questões de história, identidade e diferença na guerra da antiga Iugoslávia, cf. Aguilar e Mathias (2011).

disso que Krieg-Planque (2010) constrói seu arcabouço teórico-metodológico sobre a noção de “fórmula” em Análise do Discurso.

As formulações, para cristalizarem (em) questões políticas e sociais, devem ter quatro propriedades fundamentais, que determinam certas tomadas de posição no método de apreensão do objeto – quer seja pela construção do corpus, quer seja por princípios metodológicos de análise. A fórmula, assim, supõe:

- um caráter cristalizado;
- inscrito em uma dimensão discursiva;
- funcionando como um referente social;
- comportando um aspecto polêmico.

Essas quatro propriedades, na proposta de Krieg-Planque (2010), alçam um sintagma à condição de fórmula discursiva. Para a pesquisadora, “[...] essas propriedades determinam certas tomadas de posição no método de apreensão do objeto, tanto do ponto de vista da construção do corpus [...] quanto no que diz respeito às orientações metodológicas” (op. cit., p. 61).

Nesse sentido, para se atribuir um estatuto de fórmula discursiva ao objeto de estudo de nossa investigação, é necessário que verifiquemos como o sintagma “complexo de vira-latas” se relaciona com as propriedades mencionadas, considerando suas condições socio-históricas de produção e sua circulação em diversos mídiuns.

4.1 O caráter cristalizado

O *caráter cristalizado* refere-se a uma materialidade linguística particular. Krieg-Planque (2010, p. 61) considera que a fórmula, do ponto de vista de sua cristalização, “[...] é sustentada por uma forma significativa relativamente estável”. A questão da estabilidade relacional da fórmula está ligada ao aparecimento e à constância de paráfrases ou estruturas léxico-sintáticas ao longo de determinado período. Isto é, as ocorrências cristalizadas podem sofrer variações em seus significantes quando mobilizadas em conjunturas socio-históricas distintas; entretanto, devem permanecer estáveis por um período.

Para explicar que a fórmula discursiva é sustentada por uma forma significante “relativamente estável”, Krieg-Planque (2010) considera que ela pode ser uma unidade lexical simples (formada por uma palavra, apenas) ou complexa (formada por unidade léxico-sintática,⁸¹ como frases ou expressões compostas).

Conforme a proposta de Habert e Fiala (1989), Krieg-Planque (2010, p. 64) considera a existência de dois modos de cristalização: um deles se refere à *natureza* da cristalização; o outro, ao *grau* de cristalização. Sobre a natureza, a cristalização pode ser de ordem estrutural e memorial. Enquanto esta ordem trata de fragmentos ou conjuntos que circulam em “bloco” (um slogan, por exemplo “Ariel lava mais branco”), “[...] cuja origem é, ou não é, recuperável” (op. cit., p. 64), aquela remete a uma expressão cristalizada nos termos da língua (expressões ditas idiomáticas, por exemplo “Procurar sarna pra se coçar”).

No entanto, a pesquisadora explica que as relações entre esses modos de cristalização devem ser observadas num *continuum*, pois o que precede a isso é a relação entre língua e discurso:

A distinção entre cristalização estrutural e cristalização memorial parece adequada, desde que levemos em conta o fato de que existe um *continuum* entre as duas ordens de cristalização e que ele está ligado ao engendramento mútuo da língua e do discurso. Ao polo das cristalizações de ordem estrutural correspondem, tendencialmente, a “palavra” da experiência comum [...]. Ao polo das cristalizações de ordem memorial correspondem, tendencialmente, as “frases feitas” da experiência comum [...] (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 64).

Em relação ao *grau*, uma expressão pode ser considerada cristalizada a partir dos diversos empregos, contextos e diferentes interpretantes. Krieg-Planque (2010, p. 66), concordando com Pierre Achard e Pierre Fiala (1997), acrescenta que esse nível de cristalização resulta de um julgamento atribuído pelos locutores. Esse julgamento refere-se à subjetividade dos locutores numa dada situação enunciativa. Ou seja, “[...] uma mesma construção poderá ser percebida como cristalizada por certos interpretantes num dado contexto, mas percebida como livre por outros interpretantes nesse mesmo contexto” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 66). O exemplo da sequência “*produit actif*” é muito elucidativo:

⁸¹ Para exemplificar a unidade lexical complexa, Krieg-Planque (2010) recorre a “du pain et X”, enunciado analisado por Jacques Guilhaumou e Denise Maldidier sobre a questão da “subsistência” da França do século XVIII, das relações entre grupos sociais subalternos, elites e poderes. Cf. Guilhaumou e Maldidier (1994).

[...] é bem provável que a sequência “produit actif” [“princípio ativo”] seja percebida como um sintagma cristalizado por um farmacêutico ou por um toxicologista quando esse sintagma figura nas indicações de uso de um produto medicamentoso. Mas é possível que o utilizador ordinário dessa indicação perceba “produit actif” [literalmente, “produto ativo”] como uma composição livre, e é possível que o mesmo farmacêutico perceba “produit actif” como uma sequência livre em outros contextos (“Tu ferais mieux d'utiliser ce débouche-évier, c'est un produit actif” [“Você devia usar esse desentupidor de pia, que é um produto ativo {forte/eficaz}”]) (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 66).

Em outros termos, Krieg-Planque (2010, p. 45) acrescenta que “[...] a língua é atuante por sua cristalização. É na interrupção da extensão combinatória ou, em outras palavras, na cristalização, que o discurso é ação, que o achado literário e fortuito se torna fórmula”. Em nosso caso, o “achado literário e fortuito” é o sintagma “complexo de vira-latas”. Embora possua variantes e paráfrases, o sintagma pode ser considerado uma estrutura relativamente estável, uma unidade lexical composta que foi, desde a sua gênese em 1958, mobilizada com certa estabilidade quanto ao seu significante.

Quanto à estabilidade, Krieg-Planque (2010) aponta para a materialidade linguística do objeto, destacando que o significante deve ser facilmente reconhecido nos diversos espaços sociais. Para que uma fórmula seja pregnante, a estudiosa afirma que sua circulação deve ser favorecida pela constituição de uma memória discursiva que, nos termos de Pêcheux (1999),

[...] seria aquilo que, em face de um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

No caso do sintagma “complexo de vira-latas”, podemos considerar que o processo de cristalização ocorre de três modos:

a) **pela concisão de sua estrutura significante**: “complexo de vira-latas” constitui-se em um sintagma formado por um nome mais uma locução adjetiva denominal: [complexo = nome + de vira-latas = locução adjetiva denominal]. Essa sequência é uma unidade lexical complexa (KRIEG-

PLANQUE, 2010) que, por sua vez, tem sua estabilidade formal assegurada pela cristalização;

b) **pela retomada de uma memória discursiva:** a derrota da Seleção Brasileira de Futebol para a seleção uruguaia na Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil. Krieg-Planque (2010, p. 64) considera a natureza dessa forma de cristalização numa perspectiva de “ordem memorial”, ou seja, blocos ou fragmentos em que se podem ou não recuperar suas origens. Conforme a pesquisadora afirma, esta natureza de cristalização procura pôr em circulação, num dado momento social, enunciados cuja origem é passível de recuperação pela memória. No caso de “complexo de vira-latas”, devido à conjuntura social que se delineou entre 2013 e 2016, há deslocamento de sentido do sintagma, funcionando como elemento balizador de dois (ou mais) projetos de nação em curso e que estão sendo fortemente discursivizados no espaço público;

c) **pelo viés do regime discursivo literário fortemente instituído pela mediação editorial nos anos 1990:** o sintagma “complexo de vira-latas” se incorporaria – podemos associar a noção de incorporação à estabilidade do sintagma – ao pensamento brasileiro a partir do início dos anos 1990, quando se publica, pela editora Companhia das Letras, a crônica homônima na “Coleção Nelson Rodrigues”. Vejamos:

Essa expressão foi usada naquela semana de 1958 e depois não mais, ficou inteiramente abandonada. Aí, passam-se, digamos... 42 anos... Quando nós fizemos a edição da *Sombra das chuteiras imortais*, do Nelson, na Companhia das Letras, e essa crônica voltou, ali, naquela edição do Nelson. No ano seguinte, em 92, eu, no meu livro *O anjo pornográfico*, falando daquela época, eu citei a crônica do “complexo de vira-latas” e expliquei a importância dela na época e tudo mais... Mesmo assim essa expressão continuou ainda enterradinha. E só muito aos poucos ela foi sendo trazida de novo à tona e reabilitada. E hoje ela está incorporada ao pensamento brasileiro (COMPLEXO DE..., 2014).⁸²

⁸² Trecho do depoimento de Ruy Castro cedido para a produção do documentário *Complexo de Vira-latas* (2014), disponível no seguinte endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=2_WD7dqGbzK>. Acesso em: 08 out. 2018.

Supõe-se, aqui, que há indícios para a irrupção e cristalização do sintagma “complexo de vira-latas”. Estes sinais estão vinculados a certas práticas discursivas e a certos modos de circulação do sintagma no início dos anos 1990, como se discutiu no CAPÍTULO 3 da presente pesquisa.

Para Salgado (2016, p. 61), a publicação de uma obra, do ponto de vista discursivo, pode ser tratada “[...] como um conjunto heterogêneo de lugares institucionalizados por certas práticas, que têm afinidades semânticas”. Maingueneau (2008 [2006]) define esse conjunto de lugares nos quais uma obra é comentada, citada, retomada, adaptada, como *espaço associado*, isto é, trata-se de um espaço cujas produções são de textos que acompanham ou falam de uma determinada obra – no caso, da obra de Nelson Rodrigues. Portanto, de 1958 a 1992, como esclareceu Ruy Castro no depoimento, a expressão “complexo de vira-latas” ficou “enterradinha”. Após 1992 pode-se afirmar que o sintagma se cristaliza por um regime em funcionamento de certas práticas editoriais, que retomam as anteriores, conferindo-lhes novo estatuto, conforme explorado no CAPÍTULO 3.

De 2007 em diante há um aumento significativo de ocorrências do sintagma “complexo de vira-latas”. Isso se deve a dois acontecimentos: i) o fato de o Brasil ter sido eleito, em 2007, o país sede da Copa do Mundo de 2014; e ii) em 2009, a cidade do Rio de Janeiro ter sido escolhida sede das Olimpíadas de 2016. Esses eventos esportivos autorizam, de certo modo, o “complexo de vira-latas” a retomar uma memória discursiva que pode ser vista como “[...] uma história das filiações, das adesões e das recusas” (SALGADO, 2016, p. 149). O sintagma, nessas condições, pode ser visto como uma adesão a certos valores, correspondentes a aspectos identitários de enaltecimento do Brasil. Vejamos:

Excerto [9]

Vermelho — Você abordou que o futebol faz parte da identidade nacional. Em 1950 nós tivemos o maior trauma da história do futebol brasileiro, que foi a derrota na Copa do Brasil. Em 1958 ganhamos o primeiro Mundial e Nelson Rodrigues, conhecido diretor, dramaturgo e cronista de futebol, o maior que o Brasil já teve, um nacionalista com ideias conservadoras, disse que, em 1950, o Brasil desenvolveu o **complexo de vira-latas**, passando a superá-lo a partir de 1958. Trazendo para o momento de hoje, tudo indica que o Brasil não só não vive mais o **complexo de vira-latas** como país do futebol, obviamente porque é o país pentacampeão, mas também porque vive um momento social, político, econômico diferente. Também é um momento de engrandecimento e de orgulho nacional por outras

razões. Você, como ministro do Esporte, como torcedor que vai acompanhar com interesse a Copa e como um protagonista de um dos principais momentos que está vivendo, como se sente?

Orlando Silva Jr.: O Brasil vive um momento maravilhoso e isso que você fala é interessante, porque o Brasil deixou de ser um ator coadjuvante e passou a ser um ator central, e é curioso porque nós estamos vivendo a história e isso acontece sob nossos olhos, sob nossos olhares, eu poderia comentar sobre a campanha para os Jogos Olímpicos. [...] eu nunca vou esquecer quando, em um momento-chave da disputa, veio uma comissão com 17 especialistas para assistir à apresentação sobre o Brasil. Esses especialistas, na sua maioria europeus, se mostraram incrédulos quando falávamos que somos autossuficientes em hidrocarbonetos.⁸³

O Excerto [9] faz parte de uma entrevista intitulada “O futebol faz parte da identidade brasileira”, realizada em 2010 com o ministro do Esporte do governo Lula, Orlando Silva Junior, para o Portal on-line *Vermelho*. O ministro, na ocasião, afirmou o que ele esperava da realização da Copa do Mundo em 2014 e das Olimpíadas em 2016 no Brasil. Como se nota, o sintagma “complexo de vira-latas” se enviesa por uma filiação de sentido constitutivo da identidade brasileira, uma vez que no título, essa relação já se explicita.

O enunciador do Excerto [9] faz uso do sintagma “complexo de vira-latas” em dois momentos. No primeiro, “complexo de vira-latas” funciona como referente das condições de produção da derrota do Brasil em 1950. O enunciador afirma que “o Brasil desenvolveu o complexo de vira-latas, passando a superá-lo a partir de 1958”, em referência ao título mundial do campeonato de futebol na Suécia. Interessante notar que o enunciador menciona Nelson Rodrigues como “um nacionalista com ideias conservadoras” no sentido de delimitar um posicionamento ao dramaturgo quando este produziu o sintagma. No segundo momento, o enunciado “Trazendo para o momento de hoje” contextualiza o sintagma “complexo de vira-latas” no âmbito das realizações do governo Lula. Já o enunciado “mas também porque vive um momento social, político, econômico diferente” mostra um argumento de acréscimo ao enunciado “o Brasil não só não vive mais o complexo de vira-latas como país do futebol”. Com isso, há uma confirmação de que o governo Lula não fez somente o Brasil “perder” o “complexo de vira-latas”, como também desenvolveu o Brasil em diversos setores. Desse modo, o uso do sintagma nesses dois momentos identifica o posicionamento discursivo do enunciador: nacionalista (assim como Nelson Rodrigues), mas progressista (oposto às ideias conservadoras atribuídas ao cronista).

⁸³ A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo K.

Toda vez que o sintagma é posto em circulação, perpetuam-se certos sentidos e reformulam-se outros, participando, conforme Maingueneau (2005 [1984], p. 15), de um “espaço de regularidades enunciativas”. Este espaço, constitutivamente heterogêneo, fornece condições para que este significante se configure historicamente e que cristalize sentidos, tornando possível a condição de fórmula discursiva. Os sentidos cristalizados, dispersos na sociedade, constituem um rastro de circulação, permitindo ao analista, conjecturar hipóteses de funcionamento dos discursos que estão condicionados à mobilização dessas cristalizações pelos falantes.

No ano de 2010, os espaços de regularidades enunciativas – os mídiuns digitais – passam a funcionar como dispositivos de cristalização do sintagma “complexo de vira-latas” no campo político. Como já mencionado no CAPÍTULO 3, que trata do espaço público e da circulação, encontramos o sintagma “complexo de vira-latas” como vetor político na dispersão midiática digital a partir dos discursos de Lula. Desse modo, a cristalização dos sentidos sofre um deslizamento: os sentidos que antes se referiam à questão da identidade brasileira, à autodepreciação e à inferioridade do brasileiro em diferentes aspectos culturais passam a adquirir, também, um sentido político.

A partir de 2013 e, mais detidamente, entre os anos de 2014 e 2016, embora o sintagma “complexo de vira-latas” passe a circular com maior frequência em mídiuns impressos, é na dispersão midiática digital que, afinal, a maioria dos embates se deu. Krieg-Planque (2010, p. 117) afirma que as mídias são responsáveis pela “[...] promoção, amplificação, circulação [...] de fórmulas que tomam as pessoas (isto é, que as fazem debater e falar)”. As pessoas são entendidas, aqui, como atores que dão volume, criam o rumor público ao retomar o que foi dito.

O aumento de circulação do sintagma “complexo de vira-latas” se deve, em parte, ao fato de as mídias corporativas colocarem em circulação discursos de intolerância partidária, promovendo incitação ao ódio gratuito em determinados grupos e atores sociais. Nesse sentido, Krieg-Planque (2011) afirma o seguinte:

os quadros políticos e ideológicos produzem o que poderíamos chamar de “pressões sobre os discursos” [e] devem ser pensados particularmente através de dispositivos que recorram aos indicadores de *performance* e à avaliação quantificada da ação, com base numa quantificação historicamente constituída como “convenção

socialmente validada” e tornada “linguagem comum” dos atores sociais (KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 6).⁸⁴

No domínio das instituições midiáticas corporativas, o uso do sintagma “complexo de vira-latas” funciona, de modo geral, como elemento-síntese de discursos mobilizados por partidos de esquerda. A circulação desse sintagma nessas condições promove uma “cultura dos resultados” (KRIEG-PLANQUE, 2011), cujo objetivo estaria numa lógica de resultados segundo interesses dessas instituições. Visto da perspectiva discursiva, o sintagma se mostra como um dispositivo de manutenção de discursos, favorecendo certos posicionamentos institucionais.

Num levantamento do sintagma “complexo de vira-latas” realizado na dispersão da mídia digital (blogs, portais e jornais on-line), encontramos aproximadamente 42.500 ocorrências,⁸⁵ incluindo textos verbais, não verbais e vídeos. Notamos que esse imenso volume de ocorrências permite afirmar certa notoriedade do sintagma. Selecionamos, previamente: 104 ocorrências de 2013; 106 de 2014; 109 de 2015; e 126 de 2016. Nota-se um aumento gradativo de ocorrências do sintagma nesse período. De um total de 445 ocorrências, fizemos um recorte de 48 textos que consideramos pertinentes para análise em vista de seu caráter sociopolítico. Isso mostra que o sintagma, cada vez mais, se torna um elemento importante de posicionamento discursivo a ponto de produzir uma variação lexicológica que sustenta o processo de cristalização da fórmula, como se verá a seguir.

4.1.1 Variantes

Krieg-Planque (2010) explica que, para um sintagma ou nominalização adquirir um estatuto de fórmula discursiva, é necessário que ele tenha produtividade lexicológica, como a formação de variantes. Estas ocorrem por meio da própria produtividade lexicológica e de paráfrases em torno de uma estrutura significativa,

⁸⁴ Krieg-Planque (2011, p. 6) explica, em nota de rodapé no original, que as expressões marcadas são de Diane Desrosieres (2008 apud KRIEG-PLANQUE, 2011).

⁸⁵ Para que fossem obtidas maior precisão e neutralidade, o levantamento foi realizado no sistema de busca do *Google* em três computadores diferentes. Os números apresentados são a média dos números de ocorrências somados.

que, por sua vez, promove sua circulação pregnante. A produtividade lexicológica é considerada, assim, um índice de que a fórmula se tornou obrigatoriedade nos discursos (KRIEG-PLANQUE, 2011).

Krieg-Planque (2010) explica que podem corresponder à fórmula

[...] as simples modificações morfológicas (“la banlieue” [“a periferia”], “les banlieues” [“as periferias”], ou morfossintáticas (“les exclus” [“os excluídos”], “l’exclusion” [a exclusão] [...]) Elas podem, igualmente, corresponder, no caso de sequências superiores à unidade lexical simples, a operações de comutação que conduzem a sintagmas novos dos quais só a análise em contexto permite dizer se se trata realmente de variantes de uma mesma fórmula (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 69).

A partir disso, Krieg-Planque (2010) estuda a fórmula “*purification ethnique*” [“purificação étnica”], que possui as variantes “*nettoyage ethnique*” [“limpeza étnica”] e “*épuration ethnique*” [“depuração étnica”]. Para a pesquisadora, essas variantes são semanticamente e/ou lexicalmente próximas, mas com funcionamento discursivo distinto, isto é: do ponto de vista estrutural, as variantes são parecidas, entretanto, discursivamente, elas se põem de formas distintas, uma vez que “limpeza étnica” e “depuração étnica” circulam em condições de produção diferentes, portanto, produzem sentidos diferentes.

Krieg-Planque (2011) considera que a frequência das variantes em diacronia permite perceber que o ritmo da fórmula se liga à “acontecimentalidade” midiática. A pesquisadora também afirma que podemos considerar a fórmula nos detalhes das variantes que a compõem. Isso possibilita constatar a existência de uma hierarquia de variantes – relativamente estável de um mídiu a outro quanto aos seus significantes.

Em nosso corpus, encontramos as seguintes variantes:

- **síndrome de vira-lata** (ocorrência no texto “Brasil precisa abandonar ‘síndrome de vira-lata’ nos transportes, diz Dilma”, de Janaína Garcia – Portal UOL, 25/10/2013);
- **vira-latismo** (no texto “Globo aciona pistoleiros para enganar leitores sobre imprensa internacional”, de Miguel do Rosário – blog *O Cafezinho*, 26/04/2016);

- **viralatismo** (no texto “O ‘Viralatismo’ e os usos políticos da Copa do Mundo”, de Osvaldo Rodrigues Junior – blog *Desafinado*, 17/07/2014);
- **transtorno de vira-latas** (no texto “O ‘vira-latismo’ e a delícia de ser brasileiro”, de Alberto Carlos Almeida – portal *Pragmatismo Político*, 30/05/2014);
- **vira-latice** (no texto “Picuinhas, mesquinhas e má-fé”, de Luciana Martins Costa – jornal on-line *Observatório da Imprensa*, 17/07/2014);
- **somos vira-latas** (no texto “Como é lindo quando não somos vira-latas!”, de Fernando Brito – portal *Tijolaço*, 05/08/2016);
- **vira-latíssima** (no texto “Membro da Classe C torce pela seleção sabendo que Copa não é para ele”, de Eliane Brum – jornal on-line *Folha de S. Paulo*, 12/06/2014);
- **complexo de pangaré** (no texto “Presidente desatualizada”, de Carmela Tassi Chaves – jornal on-line *O Estado de S. Paulo* [Fórum dos leitores], 01/06/2014);
- **complexo de pastor-alemão** (no texto “Complexo de pastor-alemão”, de Juca Kfoury – jornal on-line *Folha de S. Paulo*, 27/05/2013); e
- **complexo de terceiro-mundismo** (no texto “Copa no Brasil: Complexo de terceiro-mundismo ou opção pelos pequenos”, de Paulo Henrique Schlickmann, Roberto César Cunha e Patrícia Volk Schatz – portal *Vermelho*, 14/07/2014).

No caso das variantes “vira-latismo”⁸⁶ e “viralatismo”, o que chama a atenção é o uso do sufixo *-ismo*. Para Câmara Jr. (1985),

a produtividade do sufixo se revela, no português do Brasil, na caracterização de ideologias políticas por derivação da sigla de um dado partido (peessedismo, de PSD “partido social democrático”, etc.), bem como, de maneira ampla, na derivação de um nome próprio (de filósofo, político, artista etc.) tomado como qualificativo das ideias que ele representa (comtismo, de Augusto Comte; mallarmismo, de Stéphane Mallarmé; miguelismo de D. Miguel, rei de Portugal) (CÂMARA JR., 1985, p. 222).

⁸⁶ No tópico 4.4, que trata do aspecto polêmico da fórmula, essa variante é analisada mais detidamente.

Como podemos notar, o sufixo *-ismo* faz referência a doutrinas partidárias, bem como a outros ideários. Com o passar do tempo, foi sendo relacionado a outras derivações, tais como a de nomes próprios (por exemplo, Lula = lulismo – isso ocorre porque o Lula é um político); ou qualificativo de ideias (por exemplo, marxismo = teorias de Karl Marx). No caso do “complexo de vira-latas”, as variantes “viralatismo” e “vira-latismo” podem ser classificadas como qualificativo de ideias. Vejamos um Excerto:

Excerto [10]

Com a acachapante derrota da seleção brasileira para a Alemanha por 7 x 1 nas semifinais que deixou escancarada a necessidade de reforma do futebol brasileiro, o discurso mudou. Pegando carona no insucesso da seleção brasileira, os opositoristas buscaram e continuam buscando, relacionar a derrota da seleção brasileira em campo ao governo Dilma Rousseff. Aécio Neves, que havia afirmado que “Copa do Mundo é uma coisa, eleição é outra” juntamente com Xico Graziano, chefe da área de informática da sua campanha, utilizou a derrota da seleção brasileira para fomentar a necessidade de mudança do país.



A Copa do Mundo serviu, mais uma vez, para escancarar o “**viralatismo**” da imprensa e da intelectualidade colonizada. Mas mais do que isso, serviu para constatar a ausência de propostas e projetos de efetiva mudança, representadas pelas previsões e críticas oportunistas.⁸⁷

⁸⁷ A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo L.

O Excerto [10] pertence ao texto “O ‘Viralatismo’ e os usos políticos da Copa do Mundo”, publicado no blog *Desafinado* em 2014. Este blog apresenta diferentes artigos de opinião acerca da política da cidade de Itararé (SP), bem como outros assuntos políticos de ordem estadual e federal. Como o próprio título sugere, o artigo procura descrever como a imprensa põe em circulação, politicamente, as notícias e reportagens sobre a Copa do Mundo. O enunciador afirma que a imprensa e a intelectualidade colonizada, pelo modo como noticiam os fatos relacionados à Copa, buscam relacionar o “fracasso” a uma alegada incapacidade gerencial do governo Dilma.

A questão política posta no Excerto [10] refere-se à menção que o enunciador faz da derrota da seleção do Brasil para a seleção da Alemanha pelo placar de 7 x 1 na Copa do Mundo no Brasil naquele ano. A partir disso, o enunciado “os oposicionistas buscaram e continuam buscando relacionar a derrota da seleção brasileira em campo ao governo Dilma Rousseff” mostra o modo como a oposição ao governo Dilma (o enunciador atribui aos “oposicionistas”, no caso desse excerto, representados por Aécio Neves e Xico Graziano), nas vésperas das eleições presidenciais de 2014, faz uso do episódio da derrota da seleção de futebol para fomentar a necessidade de mudança política no país.

O enunciador do Excerto [10] exemplifica, ainda, o “viralatismo” da/na imprensa pelas postagens, no Twitter, dos opositores do governo Dilma, Aécio Neves e Xico Graziano. Nota-se o uso da variante num tom acusatório, como se “viralatismo” fosse usado no sentido de mostrar uma certa hipocrisia dos opositores de Dilma Rousseff. Os enunciados “a ausência de propostas e projetos de efetiva mudança, representadas pelas previsões e críticas oportunistas” e “Aécio Neves que havia afirmado que ‘Copa do Mundo é uma coisa, eleição é outra’ juntamente com Xico Graziano, chefe da área de informática da sua campanha, utilizou a derrota da seleção brasileira para fomentar a necessidade de mudança do país” mostram a hipocrisia da imprensa e da intelectualidade colonizada. Com isso, observa-se um posicionamento discursivo do enunciador, contrário à “imprensa” e aos políticos citados. Tanto Aécio quanto Xico responsabilizam, diretamente, Lula e Dilma pela derrota da seleção brasileira diante da Alemanha na semifinal da Copa do Mundo. Fica evidente, nesse posicionamento, que Aécio e Xico não pertencem à mesma comunidade discursiva de Lula e Dilma.

Nota-se também o uso de outra variante: a “síndrome de vira-latas”. Ela acrescenta um sentido ao sintagma “complexo de vira-latas”. No dicionário on-line Houaiss, o vocábulo “complexo”,⁸⁸ no campo da Psicologia, possui três significados:

- a) na teoria de Carl G. Jung (1875-1961), “complexo” é um sistema de ideias associadas (parcial ou totalmente inconscientes), vinculadas ao terreno da afetividade, contraditórias, não necessariamente reprimidas, capazes de levar o indivíduo a pensar, a sentir e por vezes a agir de acordo com um padrão de natureza definida;
- b) “complexo” é qualquer conjunto de fatores ou de elementos relacionados na constituição mental;
- c) “complexo” é um sistema de ideias reprimidas, de forte valor emocional, interligadas num todo capaz de gerar um comportamento mórbido.

Ainda no dicionário Houaiss on-line, a palavra “síndrome”⁸⁹ se associa ao campo da Medicina: “[...] conjunto de sinais e sintomas observáveis em vários processos patológicos diferentes e sem causa específica”. Há também uma definição para a “síndrome”: “[...] conjunto de sinais ou de características que, em associação com uma condição crítica, são passíveis de despertar insegurança e medo”.

Note-se que há uma diferença importante entre “complexo” e “síndrome”. Enquanto a segunda participa de uma ordem patológica, a primeira está na ordem do emocional, do psíquico. Nesse sentido, observa-se que o uso da variante “síndrome de vira-latas” propõe uma mudança de campo discursivo, e isso muda o processo interpretativo da cena enunciativa por parte do interlocutor. É o que se pode conferir no Excerto a seguir:

Excerto [11]

Sem sombra de dúvida a crise é apenas o sintoma de um grave problema brasileiro, cuja causa raiz se encontra em nosso solo há vários séculos e por várias gerações. A crise que vivemos na verdade não é econômica, vivemos uma grave crise de gestão e por que não dizer, de valores.

⁸⁸ Busca pelo termo disponível no seguinte endereço: <<https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#3>>. Acesso em: 03 jan. 2019.

⁸⁹ Busca pelo termo disponível no seguinte endereço: <<https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#5>>. Acesso em: 03 jan. 2019.

Digo gestão ligada ao mais básico conceito da palavra, sofreremos por não declararmos e estabelecermos enquanto país, quais caminhos devemos e queremos percorrer, ou seja, qual estratégia será adotada, sofreremos quando os graves problemas que nos atingem e que nos impedem de crescer não são mapeados formalmente e suas causas raiz nunca são encontradas e tratadas, sofreremos quando não monitoramos e controlamos os processos e resultados da nossa nação de forma adequada, aplicando assim de maneira incisiva as correções necessárias. Enfim, estamos sofrendo. [...]

Outra consequência da crise é demonstrada diretamente na autoestima do brasileiro, se pudéssemos mensurar um indicador do nível de autoestima do povo brasileiro atualmente, tenho a sensação de ele estaria em queda livre, e junto com ele a tal **síndrome de vira-latas** (re)aparece. Esta síndrome estabelece um comportamento recorrente em grande parte dos cidadãos deste enorme país, que passam a mal dizer [sic] nossa nação, utilizando o foco no problema e assim acabam sendo grandes vilões, piorando muito a imagem do Brasil e do brasileiro, agravando a situação e se afastando ainda mais da solução. [...]

PS: Um conselho pessoal, se você tem **síndrome de vira-latas** trate urgente do problema.⁹⁰

A “síndrome de vira-latas” está associada a uma espécie de doença incurável que acomete a todos os brasileiros – uma retomada de sentidos da crônica de Nelson Rodrigues, que não explicita a “síndrome”, mas é uma memória discursiva de filiação dos sentidos que se produzem aqui. Pelos usos da variante “síndrome de vira-latas” no Excerto [11], nota-se que o enunciador constitui uma cenografia a partir de palavras sintomáticas de tal “síndrome”. Um exemplo disso é a repetição do verbo “sofremos”, no sentido de apresentar um enunciador que padece de dores físicas ou mentais reiteradamente. O uso do verbo na primeira pessoa do plural mostra que esse “sofrimento” – a crise, que “é apenas o sintoma de um grave problema brasileiro”, conforme se enuncia – “acomete a todos os brasileiros”. O sofrimento está associado à crise de “gestão e por que não dizer, de valores”. No entanto, não há argumentos a sustentar um posicionamento, apenas observações gerais sobre o atual período (2015).

O enunciador do Excerto [11], ao fazer uso da variante “síndrome de vira-latas” num primeiro momento, a define como “um comportamento recorrente em grande parte dos cidadãos deste enorme país, que passam a mal dizer [sic] nossa nação”. O enunciador responsabiliza a síndrome à “grande parte dos cidadãos” – não identifica claramente os personagens que têm a “síndrome”, nem tampouco a associa às maledicências sobre a nação. Num segundo momento, o uso da variante

⁹⁰ A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo M.

aparenta mostrar que o enunciador funciona como um conselheiro a quem (o coenunciador) possui uma doença incurável: a “síndrome de vira-latas”, um problema que deve ser tratado. Nota-se que o deslocamento de “complexo” para “síndrome” promove um deslizamento entre saberes – da Psicologia à Medicina.

O Excerto mencionado a seguir mobiliza a variante “transtorno de vira-latas”:

Excerto [12]

O paciente é o Brasil. A terapia foi motivada pela proximidade da Copa do Mundo. O país decidiu falar por meio de suas celebridades, que vão à mídia para criticá-lo. Fizeram isso Ney Matogrosso, Paulo Coelho, Zico e Ronaldo. O paciente chega angustiado à sessão de terapia e desembucha a falar sobre seus mais profundos sentimentos existenciais. Nesse caso, nada pior em nossa existência do que ser brasileiro. O sofrimento da alma é muito grande. O paciente fica emocionado e chora ao afirmar que, por sermos brasileiros, somos incapazes de organizar uma Copa no mesmo padrão da que fizeram Alemanha, Estados Unidos e outras potências com as quais neuroticamente buscamos nos comparar. [...]

O vira-latas, porém, está lá. Ambas as celebridades não criticaram o governo, criticaram o Brasil. Fizeram críticas ao país, e não ao governo Dilma: o Brasil estaria à beira de uma convulsão social, o Brasil viria a ter uma imagem negativa no exterior. As críticas ignoram completamente as evidências objetivas do que está acontecendo: na França, é recorde o número de franceses que viajará ao exterior para assistir à Copa do Mundo, nunca tantos ingressos foram vendidos (aliás, o fato de os brasileiros serem os principais compradores é apresentado como um sinal de nossa inferioridade pelos que sofrem do **transtorno de vira-latas**), o álbum de figurinhas da Copa é um sucesso absoluto.⁹¹

O Excerto [12], extraído do texto escrito por Alberto Carlos Almeida,⁹² foi posto em circulação no portal on-line do *Instituto Geledés* momento antes do início da Copa do Mundo. *Geledés* é um Instituto fundado em 30 de abril de 1988 e tem por objetivo combater preconceitos e discriminação contra a mulher negra. Esse Instituto atua nas áreas dos Direitos Humanos, Educação, Comunicação, Saúde, Mercado de Trabalho, Pesquisas e Políticas Públicas, além de discutir questões de Gênero. Com isso, é possível perceber que o portal é um mídiun que mostra um posicionamento a favor das classes minoritárias, em defesa da liberdade de expressão e de cidadania.

⁹¹ A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo N.

⁹² Alberto Carlos Almeida é sociólogo, diretor do Instituto Análise e autor de *A Cabeça do Brasileiro* (Editora Record, 2012).

Assim como em todo o texto “O ‘vira-latismo’ e a delícia de ser brasileiro”, o enunciador analisa o Brasil como se fosse um paciente com transtornos e distúrbios mentais. De certo modo, podemos afirmar que esse texto retoma a crônica de Nelson Rodrigues: “Eis a verdade, amigos: – desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro” (RODRIGUES, 1993, p. 51).⁹³

No início do Excerto [12] parece que o enunciador mobiliza a cenografia de um relatório psiquiátrico para legitimar o seu discurso. Essa cenografia, construída com expressões específicas da psiquiatria – tais como “paciente”, “sessão de terapia” e “sentimentos existenciais”, fornece condições para que o enunciador mobilize o sintagma “transtorno de vira-latas” no sentido de ser uma psicopatologia que afeta a todos os brasileiros.

O enunciador responsabiliza as celebridades e a grande mídia brasileira por fazerem com que os brasileiros passem a ser afetados por esse transtorno. Elas, na condição de pessoas públicas e que gozam de certo prestígio na mídia, puseram em circulação discursos sobre um Brasil que não tem competência para realizar um evento de projeção mundial. Contudo, com a mobilização do sintagma “O vira-latas”, o enunciador desconstrói o discurso da mídia, afirmando que quem sofre de tal transtorno são as próprias celebridades e a grande mídia, refazendo, em certa medida, seus sentidos ao mudar a atribuição da síndrome.

Os discursos em circulação na mídia na época de realização da Copa do Mundo – especialmente os das celebridades brasileiras citadas, tais como Ney Matogrosso, Paulo Coelho, Zico e Ronaldo – mostraram que referidas personalidades se situam num posicionamento discursivo contrários ao governo vigente, infelizes com a condução dos trabalhos para a Copa (em contraposto ao da ex-presidente Dilma Rousseff). O cantor Ney Matogrosso foi mencionado pelo enunciador porque cedeu uma entrevista para o canal televisivo português *RTP* fazendo duras críticas ao governo brasileiro, afirmando que “hoje em dia, a saúde pública no Brasil é uma vergonha” e “está piorando”, “a educação no país é vergonhosa” e “o transporte público é horrroso”.⁹⁴ Ney Matogrosso não menciona o sintagma “complexo de vira-latas”; entretanto, podemos dizer que usa paráfrases do

⁹³ Em tempo: recorde-se que o texto integral da crônica “Complexo de vira-latas” pode ser conferido no Anexo A.

⁹⁴ A íntegra da entrevista de Ney ao canal RTP está disponível no seguinte endereço: <<https://www.youtube.com/watch?v=eqQ6Wig4ROM>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

sintagma. Paulo Coelho, por sua vez, deu uma entrevista ao jornal francês *Le Journal du Dimanche* e disse que o “Brasil estava próximo de uma explosão social”.⁹⁵ Já o ex-jogador de futebol Ronaldo Nazário de Lima foi mencionado pelo enunciador porque, em 2011, já havia dito que se “sentia envergonhado” com o atraso na construção dos estádios da Copa do Mundo.⁹⁶ Nesse sentido, o enunciador mobiliza diferentes vozes com intuito de contrapor um discurso anti-brasileiro implicado nelas.

Outra variante do sintagma é a expressão “vira-latices”, empregada no texto “Picuinhas, mesquinhas e má-fé”, de Luciano Martins Costa. No artigo, o enunciador tece comentários acerca de notícias políticas publicadas nos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo* que envolvem medidas de campanha eleitoral adotadas pelos candidatos Aécio Neves e Dilma Rousseff. Observemos um excerto a seguir.

Excerto [13]

Em qualquer outro país, a imprensa estaria propondo um debate interno sobre esse evento, que pode afetar o desenrolar das relações internacionais.

Mas o que fazem os jornais brasileiros?

Os editores dos diários de circulação nacional parecem ter trocado figurinhas e, nas edições da quinta-feira (17/7), as manchetes eram exatamente iguais:

** “Brasil cede e Índia vai presidir banco dos Brics”, dizia o Estado de S. Paulo.

** “Brasil cede presidência, e banco dos Brics é criado”, anunciava a Folha.

** “Brasil cede, e Índia presidirá banco dos Brics”, afirmava o Globo.

Ora, o Brasil não cedeu coisa alguma, não abaixou a cabeça, como insinuam os jornais – a criação do Banco dos Brics havia sido proposta pela Índia desde a 4^a Cúpula, realizada em Nova Delhi em 2012, quando se convencionou que o país proponente teria a presidência executiva pelos primeiros cinco anos.

O cargo mais relevante na fase de implantação da instituição é a presidência do conselho, e essa função caberá ao Brasil.

O resto é a velha **vira-latices** da imprensa nacional.⁹⁷

⁹⁵ A íntegra da entrevista de Paulo ao referido jornal está disponível no seguinte endereço: <<https://www.lejdd.fr/Sport/Football/Paulo-Coelho-Pourquoi-je-n-irai-pas-a-la-Coupe-du-monde-665595>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

⁹⁶ As declarações de Ronaldo em 2011 aparecem em matéria publicada no Portal ESPN. Cf. Anexo AS.

⁹⁷ A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo O.

Para o enunciador do Excerto [13], há uma certa má-fé da imprensa brasileira quando se trata de noticiar os eventos dos quais a então presidente Dilma Rousseff participa. O exemplo da reunião da 6ª cúpula da cooperação político-financeira entre os países Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (Brics)⁹⁸ é notório nesse sentido. Dilma Rousseff, na reunião, procura utilizar a Copa do Mundo no Brasil como oportunidade para reunir os países da Brics. Entretanto, os jornais citados publicam notícias considerando outra conjuntura.

Veja-se que o enunciador procura desqualificar tais publicações. Em tom acusatório, ele menciona uma “troca de figurinhas” entre os jornais com intuito de desqualificar o evento do qual a ex-presidente participou. Mobiliza-se, portanto, a variante “vira-latices”, a partir do acréscimo do sufixo *-ice* em torno do sintagma “vira-latas”. No caso do Excerto [13], “vira-latices”, instituída da/na cena enunciativa, resultaria num discurso de retaliação e desprazimento da imprensa brasileira para com o governo Dilma. O enunciador compara o título da notícia nos três jornais: “** “Brasil cede e Índia vai presidir banco dos Brics”, dizia o Estado de S. Paulo. ** “Brasil cede presidência, e banco dos Brics é criado”, anunciava a Folha. ** “Brasil cede, e Índia presidirá banco dos Brics”, afirmava o Globo”.

Os enunciados mencionados mostram uma imprensa corporativa brasileira em tom acusatório no sentido de divulgar o discurso de que o Brasil é sempre inferior a outros países. Para contrapor a afirmação dos jornais, o enunciador traz para a cena enunciativa o argumento de que “o Brasil não cedeu coisa alguma, não abaixou a cabeça, como insinuam os jornais – a criação do Banco dos Brics havia sido proposta pela Índia desde a 4ª Cúpula, realizada em Nova Délhi, em 2012, quando se convencionou que o país proponente teria a presidência executiva pelos primeiros cinco anos”.

A imprensa nacional reproduz discursos que tendem a inferiorizar o Brasil em relação a outros países. Quanto à manipulação da opinião pública pela mídia, Charaudeau (2016, p. 37) explica que ela se dedica a homogeneizar as opiniões diversas existentes nos diferentes grupos sociais, através de “[...] pesquisas estatísticas, de comentários, de declarações peremptórias (“o povo está cansado dessa situação”), para melhor apropriar-se delas”. Esses discursos de inferiorização

⁹⁸ Do ponto de vista político, os Brics foram um dos motivos que alçaram o impeachment de Dilma Rousseff, uma vez que potencializaram uma saída do Brasil ao monopólio político-econômico dos Estados Unidos.

mostram que a mídia corporativa brasileira não está interessada em propor um debate sobre as relações internacionais brasileiras, mas, sim, perpetuar o imaginário de que o Brasil sempre é inferior a outros países.

Os Excertos de [10] a [13] analisados até aqui mostram modos de operação discursiva de variantes do sintagma “complexo vira-latas”. A partir dessa análise de excertos emblemáticos do corpus constituído, podemos demarcar os posicionamentos discursivos dos diferentes enunciadores em relação ao tratamento dos discursos sobre os projetos de nação que se delinearão entre os anos de 2013 e 2016.

Um desse projetos de nação, de caráter nacionalista,⁹⁹ se define a partir de políticas públicas de caráter econômico. O economista Luiz Carlos Bresser-Pereira,¹⁰⁰ um dos subscritores do Manifesto do Projeto, propõe cinco pontos: 1) regra fiscal que permita a atuação contra cíclica do gasto público, e assegure prioridade à educação e à saúde; 2) taxa básica de juros em nível mais baixo, compatível com o praticado por economias de estatura e grau de desenvolvimento semelhantes aos do Brasil; 3) superávit na conta corrente do balanço de pagamentos que é necessário para que a taxa de câmbio seja competitiva; 4) retomada do investimento público em nível capaz de estimular a economia e garantir investimento rentável para empresários e salários que reflitam uma política de redução da desigualdade; e 5) reforma tributária que torne os impostos progressivos.

Outro Projeto, de Estado e de teor neoliberal, se contrapõe ao Projeto descrito anteriormente. Os discursos que circulam baseados na proposta neoliberalista se contrapõem ao ideário de nação e de solidariedade nacional. Nele, programas de governo e direitos sociais estão ameaçados. Na infraestrutura e construção civil, o quadro é de recuo: Ciência, Cultura, Educação e Tecnologia sofrem cortes. Enfim, os dois projetos de nação/Estado descritos corroboram, de certo modo, a formação de comunidades discursivas que fazem circular determinadas identidades sociais a favor ou contra o impeachment de Dilma Rousseff.

⁹⁹ O Manifesto do Projeto, intitulado “Brasil Nação”, foi publicado no Portal *bresserpereira.org.br* em 2017. As propostas, entretanto, já estavam sendo constituídas desde o momento do afastamento da ex-presidente Dilma Rousseff em maio de 2016.

¹⁰⁰ Bresser-Pereira é economista e professor emérito da Fundação Getúlio Vargas (FGV). É ex-ministro dos governos de José Sarney e de Fernando Henrique Cardoso. Informações extraídas do seguinte endereço: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/554847-uma-cura-possivel-para-a-sindrome-de-vira-latas>>. Acesso em: 03 jan. 2019.

4.1.2 Paráfrases

No *Dicionário de Análise do Discurso*, Petit (2008 apud CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, p. 366) define a *paráfrase* como “[...] uma relação de equivalência entre dois enunciados, um deles podendo ou não ser reformulação do outro”. A equivalência entre os enunciados pode ser de ordem semântica ou se apoiar em relações entre vozes passiva e ativa, estruturas elípticas e modalizações.

No artigo intitulado *A paráfrase linguística: equivalência, sinonímia ou reformulação?*,¹⁰¹ Fuchs (1985) afirma que a paráfrase é estudada no campo da linguística desde a década de 1960 em função: das pesquisas sobre tratamento automático dos textos; do estudo das relações entre frases; e dos estudos semânticos. Apesar disso, Fuchs (1985, p. 129) explica que “[...] a paráfrase é uma noção difícil de precisar, tanto na teoria quanto na prática; ela pode, de fato, ser objeto de uma série de caracterizações opostas”. Sendo assim, a pesquisadora considera a paráfrase: i) um dado imediato da consciência linguística dos locutores, isto é, a paráfrase como equivalência formal entre frases; ii) uma atividade linguística dos sujeitos, um trabalho de interpretação, uma sinonímia; e iii) uma relação entre enunciado e suas reformulações.

Fuchs (1985) explica que as duas primeiras abordagens, em termos de equivalência formal e sinonímia,

[...] têm como ponto comum tratar a paráfrase como uma relação virtual na língua, e não como uma relação atualizada no discurso, ou seja, como uma propriedade intrínseca de grupos de enunciados, abstração feita a toda consideração sobre a prática linguística concreta dos sujeitos (FUCHS, 1985, p. 133).

Quanto à paráfrase como reformulação – esta da ordem enunciativa e discursiva –, Fuchs (1985, p. 134) afirma que ela depende: de uma interpretação prévia do texto; da identificação quanto à significação do texto; e da tradução do emprego metalinguístico da linguagem. Vista dessa perspectiva, a paráfrase deve ser compreendida sob um conjunto de fatores de ordem discursiva, pois depende de condições de produção e relações entre sujeitos, comportando deslocamentos de sentidos.

¹⁰¹ Artigo publicado originariamente na edição n. 178 da revista *Le Français dans le Monde* (julho de 1983, p. 129-132).

Em Análise do Discurso, as paráfrases constituem um elemento constituinte na formulação dos sentidos no fio discursivo. Pêcheux (2014 [1975], p. 167) considera a paráfrase a “matriz do sentido” e pertence à ordem que ele designa de *esquecimento nº 2*. Segundo o filósofo:

[...] concordamos em chamar de *esquecimento nº 2* ao “esquecimento” pelo qual todo sujeito falante “seleciona” no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase – *um enunciado, forma ou sequência, e não um outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada* (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 161, grifo do original).

O efeito do esquecimento nº 2 corresponde à ilusão de pensamento do sujeito, isto é, a ilusão de que somente um enunciado e não outro poderia representar o pensamento do sujeito. Assim, a ocorrência da paráfrase se dá a partir do interior de uma formação discursiva na qual o sujeito se insere. O sentido pode se constituir a partir de dois modos de funcionamento da paráfrase: o da repetição e o da alteridade (LEÓN; PÊCHEUX, 2012). Esse funcionamento só é possível pelos deslizamentos metafóricos:

[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, deslocar para um outro. [...] todo enunciado, toda sequência de enunciados, é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise do discurso (PÊCHEUX, 1999, p. 53).

Orlandi (2012, p. 38) explica que a paráfrase é a condição de repetição do mesmo enunciado, em que ocorre “[...] a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo”. Dessa perspectiva, entende-se que os sentidos das palavras estão suscetíveis a posições ideológicas que, por sua vez, constituem-se de um processo socio-histórico. Em função disso, a paráfrase caracteriza o modo como os discursos são produzidos, visto que permite a compreensão do sujeito dizer X e não Y numa dada conjuntura.

Para Maingueneau (1997 [1987], p. 96), a Análise do Discurso “[...] adota um ponto de vista que vai ao encontro das representações que os usuários fazem espontaneamente”:

A parafraseagem aparece em AD como uma tentativa de controlar em pontos nevrálgicos a polissemia aberta pela língua e pelo interdiscurso. Fingindo dizer diferentemente a “mesma coisa” para restituir uma equivalência preexistente, a paráfrase abre, na realidade, o bem-estar que pretende absorver, ela define uma rede de desvios cuja figura desenha a identidade de uma formação discursiva (MAINGUENEAU, 1997 [1987], p. 96).

Maingueneau (1997 [1987]) atribui o lugar das paráfrases às operações metadiscursivas, isto é, trata-se de ser “[...] uma das manifestações de heterogeneidade enunciativa: ao mesmo tempo em que se realiza, a enunciação avalia-se a si mesma, comenta-se, solicitando a aprovação do enunciador” (MAINGUENEAU, 2008 [2006], p. 326). O enunciador procura convencer o interlocutor na cena enunciativa, legitimando seu discurso por formulações parafrásticas.

Considerando a circulação da fórmula discursiva, Krieg-Planque (2010) compreende que a paráfrase é uma de suas condições de existência. Os enunciados parafrásticos atestam a “[...] existência de um tema que cristaliza a fórmula” (KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 16). No caso do “complexo de vira-latas”, implica dizer que o sintagma está em circulação, e que as pessoas falam dele, que seus lugares de surgimento se diversificam e que, assim, ele se torna um objeto partilhado.

A partir de 1958, a expressão “complexo de inferioridade” foi sendo parafraseada gradativamente pelo sintagma “complexo de vira-latas”, de modo que, a cada enunciação em diferentes mídiuns, os sentidos de sentimento de inferioridade, baixa autoestima, autodepreciação são retomados em lugar de “complexo de inferioridade”, relacionando o brasileiro frente ao estrangeiro. Krieg-Planque (2010, p. 80) caracteriza essa transmutação como o “equivalente” transformacional, no caso do sintagma “complexo de vira-latas”, ele toma o lugar equivalente de sentido do enunciado “complexo de inferioridade” em geral. A título de exemplificação, seguem três excertos:

Excerto [14]

De todos os argumentos contra o uso de armas de fogo, seja para esporte, colecionismo ou defesa, para mim não há argumento mais ralé, e ao mesmo elitista, que dizer que o brasileiro não tem cultura para possuir tais instrumentos. Nas palavras de Nelson Rodrigues, criador do chamado complexo de vira-latas: “entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo”. [...]

Sim, é exatamente assim que o brasileiro se vê, aliás, vê os outros, pois nunca vi alguém dizer que por ser um ignorante, um inculto, não merece o direito de se defender, de dirigir ou de votar. Como sempre acontece, o problema são os outros! Não raramente, quem afirma isso, com ares de superioridade intelectual são os membros da esquerda caviar.¹⁰²

O Excerto [14] pertence ao artigo de opinião “Pare de ser vira-lata: o brasileiro tem sim cultura para ter armas”, publicado no Portal do Instituto Liberal de São Paulo (ILISP). Referido Portal foi criado em 1º de junho de 2014, na cidade de São Paulo. Segundo o Portal, a meta é “[...] tornar o Brasil um país onde as pessoas tenham plenos direitos à vida, liberdade e propriedade”. Por lá também se explica que o ILISP “[...] não possui qualquer relação com o Instituto ‘Liberal’ sediado no Rio de Janeiro, bem como não possui qualquer relação com o MBL – Movimento Brasil ‘Livre’” (MBL).¹⁰³

É interessante notar que as palavras “liberal” e “livre” foram postas entre aspas no Portal. Com isso, há um deslocamento de sentido, procurando legitimar o ILISP como o único dos três movimentos que se pretende como um posicionamento liberal e livre do ponto de vista econômico e social. Nesse sentido, as notícias e vídeos postados no Portal do Instituto procuram evidenciar fatos do ponto de vista liberal, se opondo a partidos e políticos de esquerda.

No Excerto [14], defende-se o uso de armas de fogo pelos brasileiros. O enunciador afirma que o brasileiro possui cultura suficiente para ter porte de armas e que, portanto, deve esquecer o “complexo de vira-latas”. Nesse sentido, no Excerto, procura mostrar o modo como o brasileiro se vê diante das questões culturais e, para tanto, se utiliza uma função metadiscursiva na paráfrase com o enunciado: “sim, é exatamente assim que o brasileiro se vê”. De fato, há uma reformulação no

¹⁰² A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo P.

¹⁰³ O MBL surgiu ao final de 2014 com a organização de duas manifestações nos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul, em apoio às investigações da Operação Lava Jato. O movimento participou das manifestações populares que ocorreram em diversas regiões do Brasil e que tiveram, como principal objetivo, protestar contra o governo Dilma Rousseff. As informações são do seguinte endereço: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Brasil_Livre>. Acesso em: 28 dez. 2018.

sentido de o enunciador reafirmar um propósito: o de convencer o interlocutor sobre a necessidade de se portar uma arma de fogo.

Analisemos um Excerto de outro texto:

Excerto [15]

Para abrir mais espaço para o transporte coletivo – numa cidade com uma rede de metrô pequena e ainda em construção – o prefeito Fernando Haddad teve que fazer o mesmo que seus colegas de Nova York, Londres, Paris e Amsterdã fizeram: reduzir o espaço de circulação e estacionamento de automóveis. [...]

Ao mesmo tempo que nossos cada vez mais frequentes turistas voltam encantados de suas visitas ao primeiro mundo, recusam-se a fazer aqui o que admiram lá fora. [...]

A casa grande não consegue se libertar da senzala.¹⁰⁴

O Excerto [15] foi extraído do artigo “O complexo de vira-latas nos impede de viver em cidades com trânsito menos caótico”, publicado pelo jornalista Jura Passos no Portal *Diário do Centro do Mundo*.¹⁰⁵ As notícias publicadas nas seções do Portal procuram enfatizar a defesa da democracia e da liberdade de expressão.

No Excerto, há uma referência aos sistemas de trânsito das grandes cidades, em particular, o da cidade de São Paulo. Observa-se que o enunciador mobiliza uma paráfrase de “complexo de vira-latas” para se referir ao comportamento no trânsito dos turistas brasileiros em outros países e no Brasil. Percebe-se, nesse caso, que “A casa grande [sic] não consegue se libertar da senzala” é uma paráfrase do sintagma que faz referência ao comportamento pelo sentido da não aceitação daquilo que se propõe como solução para o problema de tráfego nas grandes cidades brasileiras, isto é, parece que uma parcela da população entende que o que admiram no exterior não pode ser realizado no Brasil. Desse modo, há um outro efeito de sentido: a paráfrase se filia a um discurso da falta de acessibilidade à população pobre nas grandes cidades. A população pobre, nesse caso, é a “senzala”, que se mantêm em condições ruins de mobilidade urbana, entre outras.

¹⁰⁴ A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo Q.

¹⁰⁵ Trata-se de um jornal digital brasileiro, criado pelo jornalista Paulo Nogueira (1956-2017) em que se publicam resumos dos fatos mais importantes do dia em áreas de interesse do público – política, economia, esporte, moda, cultura etc., fornecendo *links* para matérias de veículos brasileiros e estrangeiros, além de publicar análises e opiniões da sua própria equipe de jornalistas e de blogueiros. Com informações coletadas do seguinte endereço: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Di%C3%A1rio_do_Centro_do_Mundo>. Acesso em: 18 fev. 2019.

Vejamos mais um Excerto, de outro artigo, publicado no Portal da *BBC Brasil*, empresa subsidiária da *BBC*,¹⁰⁶

Excerto [16]

Pouco depois de chegar a São Paulo, fui a uma loja na Vila Madalena comprar um violão. O atendente, notando meu sotaque, perguntou de onde eu era. Quando respondi "de Londres", veio um grande sorriso de aprovação. Devolvi a pergunta e ele respondeu: 'sou deste país sofrido aqui'.

Fiquei surpreso. Eu – como vários gringos que conheço que ficaram um tempo no Brasil – adoro o país pela cultura e pelo povo, apesar dos problemas. E que país não tem problemas? O Brasil tem uma reputação invejável no exterior, mas os brasileiros, às vezes, parecem ser cegos para tudo exceto o lado negativo. Frustração e ódio da própria cultura foram coisas que senti bastante e me surpreenderam durante meus 6 meses no Brasil. Sei que há problemas, mas será que não há também exagero (no sentido apartidário da discussão)?

E, por todo lado, percebi o que gradualmente comecei a enxergar como o aspecto mais 'sofrido' deste país: a combinação do abandono de tudo brasileiro, e veneração, principalmente, de tudo americano. É um processo que parece estrangular a identidade brasileira [...].¹⁰⁷

O Excerto [16] pertence ao texto “Blogueiro britânico diz que brasileiros exageram na rejeição ao Brasil”. Trata-se de um comentário que o blogueiro inglês Adam Smith, contribuinte do Blog *Para Inglês Ver*,¹⁰⁸ tecendo ideias sobre a hospitalidade do brasileiro em relação a indivíduos estrangeiros: “O Brasil tem uma reputação invejável no exterior, mas os brasileiros, às vezes, parecem ser cegos para tudo exceto o lado negativo”. O enunciador mobiliza a paráfrase: “a combinação do abandono de tudo brasileiro, e veneração, principalmente, de tudo americano”. Nota-se que é o posicionamento de um estrangeiro falando sobre o brasileiro. O enunciado põe em relevo a subserviência que caracteriza um aspecto identitário brasileiro, e o enunciado “Frustração e ódio da própria cultura foram coisas que senti bastante” é esclarecedor como outra possível paráfrase de “complexo de vira-latas”. Embora o sintagma não apareça expressivamente aqui, no Excerto analisado, uma memória discursiva, nos termos de Nelson Rodrigues, ecoa.

¹⁰⁶ Sigla para *British Broadcasting Corporation*, emissora pública de rádio e televisão do Reino Unido fundada em 1922 e que goza de notória reputação internacional.

¹⁰⁷ A íntegra do texto está disponível no Anexo R.

¹⁰⁸ Blog mantido pela BBC Brasil. É um espaço oferecido a ingleses blogueiros que moram (ou fazem intercâmbio) no Brasil a mostrarem suas opiniões sobre cultura, moda, entretenimento, burocracia e comportamento brasileiros.

No tópico a seguir se discutirá, de modo específico, a dimensão discursiva do sintagma “complexo de vira-latas”, outra propriedade constitutiva da fórmula discursiva.

4.2 Dimensão discursiva

Pudemos observar, no tópico anterior, que a materialidade linguística do sintagma “complexo de vira-latas” demanda uma estabilidade relativa. Essa relatividade, segundo Krieg-Planque (2010, p. 81), se deve ao fato de que “[...] a noção de fórmula não é uma noção linguística. Ela é, antes de mais nada, uma noção discursiva. A fórmula não existe sem os usos que a tornam uma fórmula”. No nosso caso, os discursos produzidos pelos enunciadores sobre a temática do “complexo de vira-latas” são as condições para que este sintagma se eleve à condição de fórmula discursiva.

Para Krieg-Planque (2010, p. 82), a dimensão discursiva da fórmula se constitui a partir de “[...] uma série de usos particulares, por meio dos quais a sequência assume um movimento, torna-se um jogo de posições, é retomada, comentada”. A estudiosa exemplifica essa retomada com a expressão “*révolution*”, analisada por Rey (1989 apud KRIEG-PLANQUE, 2010). Para a pesquisadora, apesar de a palavra já existir na língua francesa, ela adquire um regime formulaico somente a partir de 1789. Assim, segundo a autora, trata-se de um uso particular da expressão que deve ser observado: “[...] na maior parte das vezes, a sequência preexiste formalmente a sua chegada à condição de fórmula. Não é, então, uma nova forma que o analista deve buscar, mas um uso particular, ou uma série de usos particulares” (op. cit., p. 82). O sintagma “complexo de vira-latas” é um exemplo disso, pois existe desde 1958 mas é alçado à condição de fórmula somente depois de 2010, como veremos adiante.

Krieg-Planque (2010) exemplifica esse movimento formulaico com o uso das palavras “*concertation*” [“concertação”], “*négociation*” [“negociação”] e “*dialogue*” [“diálogo”]:

[...] são as greves e manifestações de novembro e dezembro de 1995, provocadas, inicialmente, pela apresentação de um plano de reforma de Seguridade Social pelo primeiro-ministro Alain Juppé, em 15 de novembro, e o anúncio, no mesmo dia, de medidas relativas ao

regime de aposentadoria do funcionalismo público. As palavras “concertation”, “négociation” e “dialogue” funcionavam, antes, como palavras “normais” do vocábulo sociopolítico. [...] com o anúncio do que seria chamado de “o plano Juppé”, essas três palavras foram postas no centro do universo discursivo e entraram numa fase polêmica (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 83-84).

Outro exemplo de Krieg-Planque (2010) sobre a dimensão discursiva da fórmula recorre ao nome composto “*sans-papiers*” [“sem-documento”]. Para a pesquisadora, esse nome se tornou uma fórmula na segunda metade de 1996, no contexto de “*l’affaire des sans-papiers de l’église Saint-Bernard*” [“o caso dos sem-documentos da igreja Saint-Bernard”]. Nesse episódio, o nome composto frequentemente era percebido como “[...] uma vitória dos que lutam pela regularização de sua situação administrativa” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 85). Para outros, substitui um termo impróprio “*clandestins*” [“clandestinos”], categoria que tem um teor pejorativo, ou, ainda, em outras situações, “*sans-papiers*” reabriu o debate sobre imigração.

Para Krieg-Planque (2010), o caráter discursivo da fórmula também se opera do ponto de vista metodológico. De acordo com a autora, as fórmulas “[...] só podem ser analisadas se estiverem apoiadas em um *corpus* saturado de enunciados atestados” (op. cit., p. 89, grifo do original). A saturação do corpus ocorre, para Krieg-Planque (2010), quando não há mais dados novos do ponto de vista da problemática adotada. Pudemos observar anteriormente, quando se discutiu a cristalização da fórmula, que mesmo com produtividade de variantes e neologismos a partir do sintagma “complexo de vira-latas” não foram encontrados “[...] dados novos suscetíveis de modificar os resultados de maneira substancial” (op. cit., p. 89).

Em nosso caso, o sintagma “complexo de vira-latas” passa a existir apenas em 1958. Entretanto, é a partir dos anos 1990 e, mais notadamente, nos anos 2010, que o sintagma adquire um status formulaico devido aos seus usos. Apesar de o sintagma carregar consigo questões sócio-identitárias acerca do discurso de autorrepresentatividade do brasileiro diante de outros países, Almeida (2017, p. 54) aponta que é por meio das falas do ex-presidente Lula no fim de seu segundo mandato, em 2010, e nas campanhas eleitorais da ex-presidente Dilma Rousseff (2009/2010), que o sintagma passa a ter uma dimensão discursiva, posto que ele passa a ser mobilizado, também, com um teor político.

O sintagma se põe a circular no espaço público acerca de posicionamentos político-partidários quando Lula discursiviza a uma plateia, numa formatura de novos diplomatas, no Palácio do Itamaraty, dizendo que “[...] o Brasil está começando a ficar importante [...] Aqueles que não foram capazes de fazer o que você está fazendo vão começar a ser contra. Até porque durante muito tempo nós fomos induzidos a um complexo de vira-lata”.¹⁰⁹ A partir disso, a oposição partidária é chamada, de certa forma, a se posicionar. Nesse sentido, o sintagma “complexo de vira-latas” se torna *objeto de debate* ou *é posto no debate* como uma espécie de “vetor” semântico diante de certos acontecimentos discursivos, conforme apontamos anteriormente.

Possenti (2008) propõe considerar o acontecimento discursivo apoiado em diversas materialidades sobre um determinado evento, rompendo, assim, com certa temporalidade e duração do acontecimento discursivo. Seria tratar o novo, como afirma Foucault (2002, p. 26), “no acontecimento a sua volta”.

Esta noção plural de acontecimento permitiria romper, em primeiro lugar, com uma história que procurasse em tudo o sentido – ou apenas sentidos do mesmo tipo e “produzidos” pelos mesmos processos. Em segundo, com a relação discurso-enunciação como evento singular. Além disso, especialmente [...], permitiria especificar mais finamente os elementos que, em um discurso, escapam de fato aos sujeitos e aqueles dos quais eles têm conhecimento, conforme pertençam a uma outra camada ou duração (POSSENTI, 2008, p. 126).

Em junho de 2013, o Brasil vivenciou as chamadas “Manifestações de junho”. Inicialmente, tal acontecimento permitiu a produção de diversos discursos sobre a insatisfação da população diante do aumento da tarifa do transporte público, uma vez que os estudantes já vinham reivindicando à Prefeitura de São Paulo uma reversão de parte dos investimentos em transporte público em passe livre aos estudantes. Essa reivindicação foi capitaneada pelo Movimento Passe Livre (MPL). Desde então, nos meses que antecederam a Copa do Mundo de 2014, notamos um aumento na frequência e uso da fórmula “complexo de vira-latas” no espaço público. Para Almeida (2015),

¹⁰⁹ O excerto do discurso é mencionado novamente na introdução ao CAPÍTULO 6 da presente tese.

nos meses que antecedem a Copa, vimos, assim, reacender essa longa batalha discursiva em torno das nossas habilidades como brasileiros, ventilada pela circulação da expressão “complexo de vira-latas”, que de certa forma se popularizou nas redes sociais (ALMEIDA, 2015, p. 112).

A popularização do sintagma ocorreu não somente nas redes sociais. Discursivamente, o espaço público supõe pensar, além das plataformas de redes sociais, a maneira como o sintagma “complexo de vira-latas” passa a circular nos diferentes mídiuns digitais, na dispersão digital, isto é, em blogs, sites e portais, os quais também são integrantes do processo de constituição dos sentidos.

A popularização do sintagma “complexo de vira-latas” nos meios digitais, por exemplo, não se deve somente aos lugares institucionalizados de fala dos atores sociais que as ocupam textualizando, mas também aos modos de materialização dos textos nos quais o sintagma aparece. No Facebook, por exemplo, pensar as circunstâncias que propiciaram a inserção do *post* com o registro do sintagma é pensar na relação institucional do enunciador com o assunto que o levou a publicar tal *post* como um *post*: a quantidade de curtidas; os comentários sobre as postagens; a legenda do enunciador sobre o *post* publicado, bem como a data de publicação, se o *post* é resultado de um texto compartilhado por outra instituição – e, se for, de qual instituição, que condições levaram tal instituição a publicar tal texto etc. Tudo isso é constitutivo do mídiun e parte integrante da dimensão discursiva de “complexo de vira-latas”.

Se tomarmos o Facebook como a rede social mais acessada no Brasil,¹¹⁰ veremos que ela se torna um espaço público de grande potencial para embates sociais e divulgação de serviços e produtos. Isso nos leva a pensar a maneira pela qual os atores sociais tomam parte no debate público, conforme definições de Krieg-Planque (2010):

A fórmula é monopolizada por uma formação discursiva adversária [...]; do fato de que a paternidade de uma fórmula que gostaríamos de reclamar como nossa é reivindicada pelo adversário [...]; do fato de que nos é atribuída pelo adversário – com ou sem razão – a

¹¹⁰ Segundo dados da Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM) 2015, divulgada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, em 2015, quase a metade da população brasileira usava a internet regularmente. Desse total, 92% estavam conectados em redes sociais, sendo o Facebook a rede social mais acessada, com 83%. Informações coletadas em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2014/12/cerca-de-48-dos-brasileiros-usam-internet-regularmente>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

paternidade de uma fórmula que rejeitamos. Todos os procedimentos discursivos e metadiscursivos são capazes de contribuir para que a fórmula sirva ao desígnio político que cada qual se atribui (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 101).

Nesse sentido, podemos pensar em disputa por sentidos e posicionamentos no interdiscurso. Grande parte das ocorrências do sintagma “complexo de vira-latas” torna explícito o embate entre entidades/posições políticas, uma procurando neutralizar o discurso de outra. Assim, “complexo de vira-latas”, pelo seu modo particular de circulação entre as forças partidárias, possui “dimensão discursiva” (KRIEG-PLANQUE, 2010).

Essas ressignificações do “complexo de vira-latas” é que inscrevem o sintagma em uma dimensão discursiva, propriedade constitutiva da fórmula. Para Krieg-Planque (2010), a inscrição de um enunciado em uma dimensão discursiva coloca-o, neste caso, em funcionamento como um referente social, uma passagem obrigatória na cena pública.

No tópico seguinte, se apresenta outra propriedade constitutiva da fórmula: o seu caráter de referente social.

4.3 Referente social

Krieg-Planque (2010) toma emprestada a noção de referente social a partir dos trabalhos de Pierre Fiala e Marianne Ebel (1983). Estes pesquisadores se debruçaram sobre os plebiscitos e os debates que antecederam as propostas de limitar a imigração nas décadas de 1960 e 1970 na Suíça. No intuito de perceber os usos de expressões no espaço público em torno da questão imigratória, Fiala e Ebel (1983 apud KRIEG-PLANQUE, 2010) reuniram um corpus constituído de textos legislativos, artigos de jornal, carta de leitores, entre outros.

Nessa pesquisa, foram analisados os modos em que “designavam a expressão *“programme comum”* [“programa comum”] como um dos referentes sociais específico do espaço político francês dos anos 1973-1981. A expressão passa a circular, a partir do campo político, em outros campos discursivos, sem restrições, em diferentes gêneros discursivos, posicionamentos e instituições. Em outras palavras, a expressão ganha *notoriedade*.

Nesse sentido, Krieg-Planque (2010) considera que

como referente social, a fórmula é um signo que evoca alguma coisa para todos num dado momento. Consideremos o óbvio: para que esse signo evoque alguma coisa para todos, é necessário que ele seja conhecido por todos. A “notoriedade” do signo, para falar como os profissionais de marketing, é, assim, uma condição necessária para a existência “formulaica” desse signo (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 92).

Krieg-Planque (2010) observa que os critérios dessa “notoriedade” do signo são numerosos, mas há meios que servem para determinar a “recorrência” de uma sequência: “a frequência, o consenso e a reformulação” (op. cit., p. 92). Sobre a frequência, a pesquisadora mostra o aumento da palavra “*intégration*” [“integração”], apontado por Simone Bonnafous no jornal *Le Monde* na época do “*affaire du foulard*” [“o caso dos lenços”].

Possenti (2010a), corroborando a proposta de Pierre Fiala, Marianne Ebel e Alice Krieg-Planque, afirma que, mesmo com a notoriedade adquirida pelo signo, a significação da fórmula não é homogênea:

Dizer que a fórmula é um signo conhecido de todos implica também que esse signo é atestado em tipos variados de discurso, tanto orais como escritos, especializados e leigos. O fato de ser uma espécie de passagem obrigatória – todos a produzem ou falam dela – é constitutivo da fórmula como referente social. A obrigação de tomar posição em relação a ela pode ser observada em diferentes manifestações discursivas. Uma afirmação que merece especial destaque é relativa à fórmula como referente social, que significa que ela é um signo que evoca alguma coisa para todos os locutores de uma comunidade em um momento dado (POSSENTI, 2010a, p. 108).

Krieg-Planque (2010, p. 95) explica que a fórmula, na condição de referente social, sai de seu “domínio para invadir o corpo social”. A pesquisadora exemplifica essa afirmação com o sintagma “*économie informelle*” [“economia informal”] que, para os economistas, é uma expressão que circula somente no âmbito do discurso econômico, de modo que não é encontrada nos mais variados tipos de discurso. Sendo assim, a pesquisadora não considera “*économie informelle*” uma fórmula discursiva pois ela não invadiu o corpo social nem circulou em diferentes mídiuns. Por isso, Krieg-Planque (2010, p. 54) afirma que “[...] dizer que as fórmulas circulam

é dizer que as pessoas falam delas, que seus lugares de surgimento se diversificam, que se tornam um objeto partilhado de debate”.

Para que possamos dizer que a fórmula é um signo conhecido de todos, é preciso que a encontremos nos mais variados tipos de discursos. É preciso que os lugares de emergência da fórmula se diversifiquem. Se a fórmula é originária de uma formação discursiva, deve sair dela (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 96).

Courtine (2009 [1981]), ao analisar alguns tipos de corpus da Análise do Discurso e concepção das contradições ideológicas, propõe uma reflexão sobre as noções de referente social e circulação das fórmulas. Fazendo uma leitura dos trabalhos de Marianne Ebel e Pierre Fiala (1977), Courtine (2009 [1981], p. 67, grifo do original) explica que a fórmula, na condição de referente social, deve ser vista como expressão heterogênea dos discursos, para os quais, produzidos a partir de posições ideológicas contraditórias, “[...] *permanecem em contato* pela circulação e pela troca de ‘fórmulas’ para as quais importa definir as condições a partir de uma pluralidade heterogênea de CP”. No entanto, Courtine (2009 [1981], p. 68) afirma que, se consideradas as fórmulas através das noções de *referente social comum*, de fórmulas como *equivalentes semânticos* em certo sentido, a fórmula poderia ser confundida com o “mercado de troca monetária”, no qual elas passariam a receber o mesmo valor.

Diante disso, podemos considerar o “complexo de vira-latas” um referente social? O sintagma deve ser visto sob a ótica de sua circulação num dado momento, diante do qual, de uma forma ou outra, os sujeitos devem se situar. Do ponto de vista metodológico adotado por Krieg-Planque (2010, p. 98), a fórmula “[...] é conhecida na medida em que designa alguma coisa”.

Como afirmado na PARTE I desta pesquisa, o fato de o ex-presidente Lula ter mobilizado o sintagma “complexo de vira-latas” em 2010 fez com que o sintagma fosse usado, a partir disso, como um vetor de partidarização política no Brasil. Há um deslocamento do sintagma do campo discursivo do esporte para outros campos, tal como a política. Assim, por exemplo, pela difusão de *enunciados atestados* (KRIEG-PLANQUE, p. 21, 2010) observada nos anos de 2013 a 2016, poderíamos destacar que houve um aumento significativo de ocorrências do sintagma em diversos campos discursivos.

Vejamos os diferentes mídiuns nos quais o sintagma foi usado como elemento imprescindível, funcionando como um referente social, em 2013:

- Entre os formuladores de políticas culturais: “Acabou o **complexo de vira-lata**’, afirma ex-ministro Franklin Martins” (Portal *Instituto Lula*, 13/03/2013);
- Em blog não corporativo de acesso à arte, à cultura e à tecnologia: “Primeiro ministro da Inglaterra, redes sociais e o **complexo de vira lata**” (*Blog do Mesquita*, 19/07/2013);
- Entre os comentadores de *reality shows*: “Sam Alves e o ‘**complexo de vira-lata**’” (por Eduardo Nunomura, para o blog *Farofafá*, 27/12/2013);
- Num portal de notícias da blogosfera não corporativa: “O **Complexo de vira-lata** e a lata de lixo dos Estados Unidos” (por Raul Longo, para o Portal *Operamundi*, 22/09/2013);
- Entre comentadores de notícias da mídia corporativa: “El País cura o **complexo de vira-lata** da velha mídia” (por Gilmar Crestani, para o blog *Ficha Corrida*, 27/11/2013).

Já no ano seguinte, em 2014, encontramos o sintagma “complexo de vira-latas” em mídiuns que vão desde universos de novelas televisivas a formuladores de políticas culturais. São pontuados, a seguir, os títulos dos textos:

- No universo das novelas televisivas: “Me nego a me entregar ao **complexo de vira-lata** no quesito novela” (Alexandre Nero, ator, no jornal online *Folha de S. Paulo*, 06/12/2014);
- No esporte abordado por uma visada política: “A Copa do Mundo e a volta do **complexo de vira-latas**” (por Rafael Gonçalves de Lima, para o Portal *Vermelho*, 11/07/2014);

- Num portal de notícias da blogosfera não corporativa: “Lula: eles têm **complexo de vira-lata**. Que obra de infraestrutura eles fizeram?” (por Paulo Henrique Amorim, para o Portal *Conversa Afiada*, 06/06/2014);
- Entre os formuladores de políticas culturais: “**Complexo de Vira-Latas**: sentimento de inferioridade começou no período de colonização” (por Líria Jade, para o Portal *EBC*, 06/06/2014);
- Entre os comentadores de produção científica: “**Complexo de Vira-latas**: por que o Brasil nunca ganhou um Prêmio Nobel?” (por Daniel Miranda Soares, para o blog do *Damirso*, 21/07/2014);
- No universo das resenhas culturais: “**Complexo de vira-latas** e complexo de Caliban” (por Inês Buschel, para o *Blog da Inês Buschel*, 11/07/2014);
- Em blogs de comentadores de documentários: “**Complexo de Vira-latas**, uma dica para cozinhas da moda Ellus e todo o resto da vira-latice” (via Blog da *Maria Frô*, da revista *Fórum*, 27/05/2014);
- Entre os comentadores de Literatura: “O **complexo de vira-latas** na literatura” (por Luísa G. Ferreira, para o Portal *Homo Literatus*, 25/08/2014);
- Em blogs de comentários de relações internacionais: “O populismo latino-americano e o **complexo de vira-latas!**” (por Eduardo Saldanha para a seção “Blogs” do jornal on-line *Gazeta do Povo*, 04/06/2014);
- No campo da política: “Brasil perde o **complexo de vira-latas** quando ganha o mundo no pós-guerra” (por Paulo Virgílio, para o Portal *Agência Brasil*, 31/03/2014);

- Olhar do estrangeiro sobre o Brasil: “Na rede, gringos combatem o **complexo de vira-latas** brasileiro” (por Fabiana Uchinaka, para o Portal *Viomundo*, 13/06/2014).

Em 2015, nota-se a ocorrência do sintagma em crônicas sobre negócios empresariais a comentadores de gráficos postos em circulação na rede social Facebook. Vejamos:

- Empregada por um cronista de portal de negócios empresariais: “**Complexo de vira-latas?** O brasileiro não é um zero à esquerda” (por Cassius Gonçalves para o Portal *Medium*, 04/08/ 2015);
- Entre os comentadores de artigo sobre cidadania: “O **Complexo de Vira Latas** dos Brasileiros” (por Lígia Deslandes para o Portal *Ligia Deslandes*, 28/11/2015);
- No campo da psicologia comportamental: “O **complexo de vira-latas** como ele é” (por João Claudio Todorov, para o Portal *Psicologia do Brasil*, 30/12/2015);
- Entre os comentadores de política governamental: “Os brasileiros e o **complexo de vira-latas**” (por Sandra Starling, para o Portal *Tribuna da Internet*, 22/01/2015);
- Num portal de notícias da blogosfera não corporativa: “A mídia brasileira e o ‘**complexo de vira-latas**’” (por Otávio Sá Leitão para o Portal *Otávio Sá Leitão*, 01/06/2015);
- Entre comentadores de gráficos: “Desenhando, para até o pessoal do **complexo de vira-latas** poder entender” (por Fernando Brito para o blog *Tijolaço*, 27/04/2015);

- No campo musical: “Angra, Megadeth e esse nosso eterno **complexo de vira-lata**” (por Thiago Cardim, para o portal *Judao*, 03/04/2015);
- No universo das resenhas culturais: “O sotaque de Wagner Moura e nosso **complexo de vira-latas**” (por Fred Di Giácomo para o portal *Fred Di Giácomo*, 12/07/2015);
- Entre os formuladores de políticas culturais: “Provocações sobre o **complexo de vira-lata**” (por Gerson Carneiro, para o jornal on-line *GGN*, 20/05/2015);

Em 2016, ano de realização das Olimpíadas na cidade do Rio de Janeiro, o sintagma também foi mobilizado em diferentes campos discursivos:

- No esporte, abordado por uma visada política: “**O complexo de vira-lata nas Olimpíadas**” (por João Sucata para o jornal on-line *GGN*, 01/08/2016);
- Entre os comentadores de eleições: “**Complexo de vira-latas**: saiba mais sobre a concepção que norteia Serra no Itamaraty” (por Cynara Menezes, do Portal *Socialista Morena*, 20/05/2016);
- Entre os comentadores de política: “**O Complexo de Vira-lata Venceu?**” (por Arnóbio Rocha, do Portal *Arnóbio Rocha*, 26/04/2016);
- Artigo de opinião sobre comportamento: “Não ensine o seu Padawan a ter **complexo de vira-lata**” (por Jorge Freire, para o portal *Nerd Pai*, 05/01/2016);
- Entre comentadores de distúrbios psicossomáticos: “**Complexo de vira-latas**, de onde vem?” (por José Joacir dos Santos, do Portal *Joacir*, 25/08/2016);
- Entre os comentadores de relações políticas governamentais: “O Rugido do leão: **Complexo de vira-latas?**” (pelo *Blog do Poliglota*, 20/09/2016).

A frequência e a circulação do sintagma “complexo de vira-latas” por diferentes campos discursivos entre os anos de 2013 e 2016 atestam o fato de a expressão ganhar uma notoriedade que, em certa medida, é suficiente para registrar um enquadre mais amplo das discussões, em diversas esferas sociais, sobre a capacidade do Brasil(eiro) para superar desafios, assim como uma demonstração da crença social de que o país é inferior aos outros.

Isso acontece porque, nos termos de Souza (2015, p. 23), há, no Brasil, um “racismo velado” do “culturalismo científico”, que constrói, na cultura brasileira, um imaginário de dependência cognitiva e moral das ciências de países mais avançados tecnologicamente. Os exemplos acima mostram que o sintagma sai de seu domínio (discurso esportivo) para ganhar o corpo social, circulando por diferentes mídiuns e editoriais. Podemos dizer que se trata de um traço do sintagma “complexo de vira-latas” que o leva à condição de fórmula discursiva.

Nesse sentido, para que sejam estabelecidos parâmetros de análise do sintagma nesses diferentes mídiuns e campos discursivos, resulta interessante classificá-lo em dois valores: *valor de re* e *valor de dicto*.¹¹¹

Sobre os valores *de re*, podemos afirmar que o sintagma é mobilizado na cena enunciativa sem que o enunciador faça menção à figura de Nelson Rodrigues, nem tampouco comente sobre o significado do sintagma em seu texto de origem (a crônica publicada na revista *Manchete Esportiva*).

Quanto aos valores *de dicto*, além de o enunciador mobilizar o sintagma “complexo de vira-latas”, ele também o faz com a menção à figura de Nelson Rodrigues e comenta o significado do sintagma.

Dos 31 títulos de textos selecionados entre 2013 e 2016 pontuados anteriormente, encontramos 17 textos com *valor de dicto* e 14 textos com *valor de re*. Em certa medida, isso mostra a importância de Nelson Rodrigues e o significado de “complexo de vira-latas” na construção dos sentidos e no âmbito do posicionamento discursivo do enunciador. Vejamos:

¹¹¹ No tópico seguinte serão explicadas, teoricamente, essas duas categorias. No tópico 5.3.1 e, de modo geral, no CAPÍTULO 6, serão analisados mais dados que mostram o sintagma “complexo de vira-latas” com esses valores retóricos.

Excerto [17]

O dramaturgo e escritor Nelson Rodrigues cunhou o termo “complexo de vira-lata” em 1958, para designar a postura de inferioridade assumida no futebol, a partir de 1950, quando o Brasil perdeu a Copa do Mundo para o Uruguai, no Maracanã. Para Rodrigues, o brasileiro só começou a se curar desse complexo em 1958, quando ganhou a Copa pela primeira vez, mas apenas nesse esporte. A postura permaneceu em relação a outros temas. “Por ‘complexo de vira-lata’, entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo”, afirmou.

Em agosto do ano passado, o ex-ministro e vice-presidente do PSB Roberto Amaral escreveu na revista Carta Capital uma outra crônica revisitando o termo. Para ele, esse complexo foi alimentado pelos interesses dominantes. “Esse sentimento existe, mas regado pela classe dominante brasileira, desde a Colônia, que sempre viveu de costas para o país e com os sonhos, as vistas e as aspirações voltadas para a Europa. Terra de “índios desafeitos ao trabalho”, de “negros manimolentes e banzos” e “europeus de segunda classe”, nosso destino, traçado pelos deuses, era a de eternos coadjuvantes. História própria, industrialização, destino de potência... ah, isso jamais!”. O texto de Roberto Amaral relembra fatos curiosos, como a oposição direitista a obras como a Ponte Rio-Niterói, o metrô no Rio de Janeiro, a Petrobras e — mais recentemente — a transposição do rio São Francisco.¹¹²

O Excerto [17] pertence ao texto “Acabou o ‘complexo de vira-lata’, afirma ex-ministro Franklin Martins”, posto em circulação em 2013 no Portal *Instituto Lula*, que, de acordo com seu estatuto,

tem compromisso com o desenvolvimento nacional e a redução de desigualdades, visando o progresso socioeconômico do país, assim como com o estudo e compartilhamento de políticas públicas e privadas destinadas à erradicação da extrema pobreza e da fome, ao acesso à educação à promoção da igualdade, à universalização da Saúde, ao desenvolvimento com sustentabilidade ambiental, ao fomento à participação política e social dos cidadãos em todas as esferas da vida pública nacional.

Nesse sentido, podemos destacar o posicionamento do Instituto em favor de políticas públicas que atendem à inclusão social e à promoção de igualdade entre os brasileiros. Logo, as entrevistas e textos publicados nesse portal visam atender a essa demanda. A entrevista do ex-ministro da Comunicação Social, Franklin Martins, integra uma série de comemoração pelos 10 anos do governo Lula. Em decorrência da publicação da entrevista no Portal *Instituto Lula*, nota-se a circulação dela em

¹¹² A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo S.

mais três mídiuns digitais: nos portais *lula.com.br*, no *conversaafiada.com.br* e no blog *blogin.ning.com*. Desse modo, das condições de circulação, a entrevista ganha certa importância social.

Quanto ao Excerto [17], este fragmento aparece ao final do texto, como nota de explicação para o sintagma “complexo de vira-latas”, que foi mobilizado pelo ex-ministro Franklin Martins em sua entrevista no sentido de atribuí-lo à exclusão de parcelas consideráveis da população das decisões de governo (dos governos anteriores ao Lula), a pretexto de que a política, para os pobres, era uma impossibilidade. Essa explicação do significado do sintagma juntamente com a figura de Nelson Rodrigues trazidas para a cena enunciativa aproxima e legitima a fala do ex-ministro, ao mesmo tempo em que desautoriza, de certo modo, as propostas do governo anterior ao Lula. A menção a Nelson Rodrigues e a explicação do sintagma são necessárias nessa conjuntura porque estabelecem os posicionamentos discursivos dos atores sociais (ex-ministro Franklin Martins e vice-presidente do PSB, Roberto Amaral), bem como as vozes presentes no discurso (classe dominante brasileira/Colônia; “índios desafeitos ao trabalho”, “negros manimolentes e banzos” e “europeus de segunda classe”) mobilizadas pelo enunciador na cena enunciativa.

Interessante observar no Excerto [17] que o enunciador retoma o uso do sintagma quando expõe a figura do ex-ministro e então vice-presidente do PSB. Em crônica publicada anteriormente por Roberto Amaral, este afirma que a perpetuação do sentido do sintagma foi mobilizada pelas classes dominantes em tom pejorativo, em tom de dominância de uma classe à outra. O enunciado “Esse sentimento existe, mas regado pela classe dominante brasileira, desde a Colônia, que sempre viveu de costas para o país e com os sonhos, as vistas e as aspirações voltadas para a Europa” mostra essa relação entre as classes sociais no Brasil. Depois disso, o enunciador menciona alguns exemplos, citados por Roberto Amaral, de obras bem-sucedidas de governos de esquerda aos quais a direita fez oposição.

Outro uso do sintagma “complexo de vira-latas” com valor *de dicto* está presente no texto “O populismo latino-americano e o complexo de vira-latas!”, publicado por Jorge Saldanha no blog de comentários políticos do jornal on-line *Gazeta do Povo*. Vejamos:

Excerto [18]

Dando continuidade à participação de colaboradores gostaria de compartilhar a primeira parte do polêmico e bem desenvolvido texto do Internacionalista e Empresário Bruno Maggi Pissollo.

O texto aborda a tendência de alguns países da América Latina por governantes populistas que encontram terreno fértil em um **complexo de vira-latas** muito comum por estes lados.

[...]

Todo governo precisa de um mínimo de apoio popular, por mais autoritário e nefasto que seja, e por aqui o terreno é fértil pra encontrar apoio a essa gente.

*Uma das principais razões pra esse apoio é o nosso eterno **complexo de vira-latas**.*

Embora essa expressão tenha sido cunhada por Nelson Rodrigues, pra se referir ao futebol (complexo que acabaria com a vitória da Copa do Mundo de 1958), o mesmo reconheceu que isso se estenderia a política, ciências, economia etc.

[...]

*Para os **complexados** isso demandaria que fossem empreendedores e que nossas empresas competissem com as empresas “malvadas” dos países capitalistas.*

[...]

*Nem seria preciso dizer que esse **complexo** ajudou a criar um terreno propício para a difusão da agenda socialista, uma vez que a mesma é contra o capitalismo, o individualismo (tratando pessoas como formigas) e, em teoria, contra o imperialismo.*

[...]

*Esses **complexados** tendem a dizer que nosso modelo econômico é demasiado capitalista, que precisamos de mais intervencionismo estatal para nos proteger.¹¹³*

Ao início do Excerto [18], o jornalista Jorge Saldanha faz uma apresentação do texto do “Internacionalista e Empresário Bruno Maggi Pissollo”. Nota-se, de antemão, que os qualificativos “internacionalista” e “empresário” atribuídos à Bruno já denotam uma orientação política de base liberal e de livre mercado, contrapondo, de certo modo, as bases governistas de 2014 (governo de Dilma Rousseff, do PT).

O enunciador do Excerto [18] apresenta um modo de apreensão de sentido do sintagma. Isso se verifica no texto de Bruno Maggi Pissollo, destacado em itálico no Excerto. No início, o enunciado “Uma das principais razões pra esse apoio é o nosso eterno complexo de vira-latas” pretende mostrar que o apoio popular para um governo “autoritário” e “nefasto” se enraíza no “complexo de vira-latas”. Com objetivo de legitimar seu dito, o enunciador faz menção à figura de Nelson Rodrigues na tentativa de apoiar seu ponto de vista. Entretanto, observamos que a definição mostrada pelo enunciado “complexo que acabaria com a vitória da Copa do Mundo

¹¹³ A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo T. O grifo na citação é nosso.

de 1958” não confere com as condições de produção do sintagma em 1958.¹¹⁴ O sintagma “complexo de vira-latas” foi inscrito numa crônica de Nelson Rodrigues uma semana antes da seleção de futebol do Brasil embarcar para a Copa do Mundo na Suécia. O contexto de produção do sintagma está atrelado à derrota da Seleção Brasileira para a seleção do Uruguai na Copa do Mundo no Brasil em 1950, e não com o que “acabaria com a vitória da Copa do Mundo de 1958”. Ao trazer a figura de Nelson Rodrigues para cena enunciativa, o enunciador procura aproximar seu discurso do que seria um “sentido primeiro” do sintagma, criando um efeito de fidedigno. No entanto, com a definição que se está sugerindo, o que ocorre é um processo de afastamento e diferenciação ao sentido do sintagma “complexo de vira-latas” construído na crônica de Nelson.

O enunciador ainda mobiliza os enunciados “Para os complexados”, “Nem seria preciso dizer que esse complexo ajudou a criar um terreno propício para a difusão da agenda socialista” e “Esses complexados tendem a dizer” para atribuir a responsabilidade das ações governistas (Dilma Rousseff) à população que possui o “complexo de vira-latas”, ou seja, atribuir a responsabilidade, no caso, aos eleitores e aos adeptos do PT.

Vejamos agora um dado de 2015 com valor *de dicto*. Nele, o enunciador faz menção à derrota da Seleção de futebol do Brasil para a seleção da Alemanha na Copa do Mundo sediada no Brasil em 2014.

Excerto [19]

Reescrevendo Nelson Rodrigues:

O problema do Brasil não é de trabalho, nem de técnica, nem de competência. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo.

“**Complexo de vira-latas**” explica muita coisa. Devemos essa descoberta ao Nelson Rodrigues, de “A vida como ela é”, entre outras obras. O **complexo de vira-latas** teria ido para o espaço com a conquista da Copa do Mundo de 1958, com os 50 anos em cinco, do Presidente Juscelino, a industrialização do país, e por aí vai. Mas o cronista Nelson Rodrigues teria muito assunto nos dias de hoje (especialmente depois dos 7 a 1 da Alemanha). Sempre que ponho no meu blog ou no Facebook algum exemplo de modificação em larga escala de práticas culturais alguém escreve que no Brasil não daria certo.

Preservar o meio ambiente? “Não vai dar certo no Brasil”. Controlar a venda e o porte de armas? “Não vai dar certo no Brasil”. Diminuir a desigualdade econômica? “Não vai dar certo no Brasil”. Diminuir gastos com saúde aumentando impostos sobre bebidas e cigarros? “Não vai dar certo no Brasil”.¹¹⁵

¹¹⁴ Nos CAPÍTULOS 1 e 2 desta pesquisa foram analisadas essas condições.

¹¹⁵ A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo U.

O Excerto [19] faz parte do texto “O complexo de vira-latas como ele é”, publicado em dezembro de 2015 por João Claudio Todorov no portal *Psicologias do Brasil*. Interessante notar, de antemão, que o título faz um trocadilho com a coletânea de contos *A vida como ela é...*, de Nelson Rodrigues. O trocadilho ocorre, segundo Freud (1977 [1905], p. 51), quando “[...] dois significados se evocam um ao outro através de alguma vaga similaridade, seja uma similaridade estrutural geral, ou uma assonância rítmica, ou o compartilhamento de algumas letras iniciais”. Possenti (2010b) afirma que o trocadilho é um dos procedimentos de produção de humor. Nesse caso, como o texto foi posto em circulação num portal que trata de temas relacionados ao campo da Psicologia, parece que o enunciador, ao fazer o trocadilho, não somente insinua que o leitor faça associação com a expressão “A vida como ela é...”, mas também o direciona sobre como ele deve compreender o termo “complexo de vira-latas”: no modo como este se manifesta no comportamento das pessoas cotidianamente. O enunciado “Não vai dar certo no Brasil” repetido quatro vezes reitera o comportamento das pessoas atribuindo ao sintagma um ponto de vista pessimista, isto é, o enunciador procura associar o sentido pessimista do “complexo de vira-latas” na maneira como as pessoas vivem no Brasil. No entanto, o enunciado “é um problema de fé em si mesmo” demonstra uma preocupação do enunciador em se contrapor ao pessimismo, no sentido de que as pessoas devam ter fé para serem otimistas.

No início do excerto, nota-se que o enunciado “O problema do Brasil não é de trabalho, nem de técnica, nem de competência. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo” atualiza uma memória no interdiscurso, a partir do enunciado “Eu vos digo: — o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo”, inscrito na crônica publicada na revista *Manchete Esportiva* em 1958. O enunciador altera as expressões substituindo “futebol” por “trabalho”, “tática” por “competência” e “do escrete” por “do Brasil”. As trocas permitem dizer um posicionamento discursivo do enunciador a partir do enunciado “bem desenvolvido texto do Internacionalista e Empresário Bruno Maggi Pissollo”. O adjetivo “bem” para se referir ao texto do empresário indica um posicionamento favorável do enunciador quanto ao texto de Bruno. Isso, de certo modo, evidencia uma enunciação que converge a um posicionamento neoliberal do enunciador, que compreende as palavras “trabalho”, “competência” e “Brasil” como características de relações trabalhistas.

No enunciado “‘Complexo de vira-latas’ explica muita coisa. Devemos essa descoberta ao Nelson Rodrigues, de ‘A vida como ela é’, entre outras obras”, a expressão “descoberta”, se referindo ao sintagma “complexo de vira-latas” como um “achado”, é importante na medida em que serve para explicar/diagnosticar as atitudes pessimistas das pessoas diante de situações nas quais o enunciador formula as perguntas: “Preservar o meio ambiente?”, “Controlar a venda e o porte de armas?”, “Diminuir a desigualdade econômica?” e “Diminuir gastos com saúde aumentando impostos sobre bebidas e cigarros?”.

A partir do enunciado “Mas o cronista Nelson Rodrigues teria muito assunto nos dias de hoje (especialmente depois dos 7 a 1 da Alemanha)”, o uso da conjunção adversativa “mas” faz uma espécie de revisão/divisão na história recente do Brasil sobre os valores pessoais e comportamentais. Para o enunciador, antes da derrota de seleção de futebol do Brasil na Copa do Mundo de 2014 “(especialmente depois dos 7 a 1 da Alemanha)”, o brasileiro não “padeceu” do “complexo de vira-latas”, ou seja, o brasileiro possuía mais confiança nas relações sociais e culturais. Depois da derrota, para o enunciador, o discurso é de que o brasileiro voltou a não ter mais confiança nas ações políticas e sociais. Isto é, voltou a ter “complexo de vira-latas”. Nesse sentido, o enunciador mostra exemplos de desconfiança do brasileiro a partir de discursos que passaram a circular depois de 2014: “Preservar o meio ambiente? ‘Não vai dar certo no Brasil’. Controlar a venda e o porte de armas? ‘Não vai dar certo no Brasil’. Diminuir a desigualdade econômica? ‘Não vai dar certo no Brasil’. Diminuir gastos com saúde aumentando impostos sobre bebidas e cigarros? ‘Não vai dar certo no Brasil’”.

Esses questionamentos evidenciam os discursos que estavam circulando em diversos mídiuns no período, tais como os discursos de ambientalistas e os projetos sobre desarmamento/armamento da população. A partir desses discursos, o uso do sintagma é compreendido como um sintetizador do posicionamento discursivo do enunciador, que o mobiliza para criticar o pessimismo das pessoas diante dos questionamentos levantados.

O Excerto a seguir ilustra contundentemente o momento de tensão política de 2016. Vejamos:

Excerto [20]

“O Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética.” (**O complexo de vira-latas** – Nelson Rodrigues).

[...]

A tática do “mar de lamas” tão bem usada no passado voltou com força total e venceu. Até as pessoas mais equilibradas se deixaram contaminar por esse vale tudo. Incrível como virou comum o uso do **viralatismo**, daquele surrado discurso de que nada presta e que tudo no Brasil é uma droga e que as nossas vidas estão piores do que antes, como se a bonança dos últimos anos não tivesse existido.

[...]

Por poucos anos, um sentimento de brasilidade tentou se afirmar, ganhou corações, mostrou vigor, sentiu certo orgulho do potencial do Brasil, de suas empresas e suas conquistas sociais, políticas e um lugar respeitado no mundo.

[...]

Os três últimos anos foram da luta aberta entre os dois brasis: Esperança *versus* Pessimismo. De um lado, a esperança de nação, que pode se afirmar como tal. Do outro, o pessimismo entreguista, que prefere cultivar como a imagem do país a da derrota, de um povo ruim e sem caráter.¹¹⁶

O Excerto [20] é uma parte do texto “O complexo de vira-latas venceu?”, publicado primeiramente na seção de política do Portal *Arnóbio Rocha* em abril de 2016 e depois replicado no jornal *GGN*. O portal *Arnóbio Rocha* põe em circulação textos dos campos discursivos político, economia e cultura. Como é um mídiun digital alternativo, um blog individual de comentários (diferentemente, por exemplo, do portal *Conversa Afiada*, que também é um mídiun digital, mas que é administrado pelo jornalista Paulo Henrique Amorim e diversos outros profissionais da comunicação), o Portal *Arnóbio Rocha* mostra um posicionamento discursivo que se opõe aos mídiuns corporativos (como os jornais on-line *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, por exemplo).

No início do Excerto [20], o enunciador traz para a cena enunciativa o enunciado “O Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética”, seguido, entre parênteses, do sintagma “complexo de vira-latas” e do nome “Nelson Rodrigues”. Esse enunciado se refere a um trecho inicial da crônica de Nelson Rodrigues, escrita em 1958. Parece-nos que esse enunciado legitima o excerto, assim como o texto como um todo. Isso significa dizer que há uma memória discursiva atualizando os sentidos no excerto. Para Almeida (2017, p. 50), o surgimento do “complexo” ocorre a partir desse pêndulo entre “pessimismo obtuso” e

¹¹⁶ A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo V.

“esperança frenética”, ou o “pessimismo como ‘disfarce de um otimismo inconfesso’ – e representa a tomada de posição contra o pessimismo”. Com isso, o enunciador toma uma posição contra o pessimismo, se mostrando otimista diante do contexto político do país. O valor *de dicto*, atribuído ao sintagma “complexo de vira-latas”, refere-se à expressão “viralatismo”, cujo significado se expressa no enunciado seguinte: “surrado discurso de que nada presta e que tudo no Brasil é uma droga e que as nossas vidas estão piores do que antes”.

O enunciador mobiliza a expressão “mar de lamas” com uso das aspas para retomar uma memória do modo como a imprensa de 1954 passou a designar as condições político-econômicas do governo de Getúlio Vargas pela influência de seu opositor político, Carlos Lacerda.¹¹⁷ Nesse sentido, o enunciado “Incrível como virou comum o uso do viralatismo” designa o momento político de 2016 em referência à volta do “mar de lamas”.

No parágrafo seguinte, o enunciado “Por poucos anos, um sentimento de brasilidade tentou se afirmar” designa a ausência do “complexo de vira-latas”, isto é, em anos anteriores a 2016, a questão da brasilidade (elementos que caracterizam o Brasil) foi materializada em “orgulho do potencial do Brasil, de suas empresas e suas conquistas sociais, políticas e um lugar respeitado no mundo”.

Todo esse encadeamento constitui o enunciado “Esperança *versus* Pessimismo”, que retoma o início do texto à menção ao texto de Nelson Rodrigues. A partir disso, o enunciador descreve as vozes que discursivizam cada lado. Do lado do Brasil “esperança”, estão as vozes que lutam por um ideário de nação. Do lado do Brasil “pessimista”, as vozes que projetam a imagem de derrota, de um “povo ruim e sem caráter”.

Nota-se, nos Excertos de [17] a [20], que a representação do valor *de dicto* em relação ao sintagma “complexo de vira-latas” e à menção à figura de Nelson Rodrigues é decisiva para a compreensão dos textos, de seus posicionamentos. Também pudemos verificar o sintagma sendo mobilizado em diferentes campos discursivos entre os períodos de 2013 a 2016. Nesse sentido, o sintagma ganha notoriedade, uma vez que, nos termos de Krieg-Planque (2010, p. 96), se torna um “denominador comum dos discursos”. Assim, nos excertos que tratam de temas

¹¹⁷ Lacerda fundou o jornal *Tribuna da Imprensa* em 1949, tendo se tornado proprietário; em 1965 criou a editora Nova Fronteira. A partir de 1939, sagrou-se como um dos maiores porta-vozes das ideologias conservadora e direitista no país. Com informações coletadas do seguinte endereço: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Lacerda>. Acesso em: 07 jan. 2019.

sociopolíticos do período de 2013 a 2016 (embates entre os discursos conservador/progressista), o sintagma é convocado.

4.3.1 A noção de referente social no espaço público

Krieg-Planque (2010) articula a noção de referente social da fórmula a uma outra. Trata-se da noção de *espaço público*,¹¹⁸ elaborada primeiramente por Immanuel Kant e, depois, retomada por Jürgen Habermas em sua teoria¹¹⁹ da ação comunicativa na esfera pública. A pesquisadora rediscute, à luz dos estudos discursivos, o princípio de “publicidade”. Para Krieg-Planque (2010, p. 112), “[...] se dizer que a fórmula é um referente social, é dizer que ela é um signo que evoca alguma coisa para todos num momento dado, então a fórmula é um signo que, por processos de publicidade, entrou no espaço público”. Para Krieg-Planque (2010), o espaço público é o lugar no qual os atores sociais compartilham seus pontos de vista, fornecendo emulações para um debate público.

Nesse sentido, o espaço público seria um lugar (não necessariamente físico) de discussão de temas que estão postos em evidência por diferentes setores da esfera pública. Trata-se de pôr em discussão temáticas em comum, visando questões sociais relevantes tanto para indivíduos quanto para a coletividade. O espaço público é, assim, o lugar de publicização da fórmula, que funciona como um referente social privilegiado nesses embates.

Visto dessa perspectiva, “complexo de vira-latas” pode se constituir como referente social a partir do momento em que o sintagma é posto em circulação no espaço público nos termos detalhados anteriormente – cristalizada uma forma cujos usos configuram uma disputa por seus sentidos. Vimos que, desde o seu aparecimento na crônica de Nelson Rodrigues, posta em circulação em 1958 na revista *Manchete Esportiva*, até os dias atuais, em mídiuns como jornais, blogs e redes sociais, o sintagma constitui um locus de discussão que interessa à sociedade, sendo alvo de uma diversidade de posições e, portanto, de efeitos de sentido.

¹¹⁸ A noção de *espaço público* tal como foi discutida no CAPÍTULO 3 da presente tese.

¹¹⁹ Cf. HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984 [1962].

Isso explica, para Charaudeau (2007, p. 117), “[...] por que o espaço público não pode ser universal, ao contrário, é dependente das especificidades culturais de cada grupo”. As comunidades discursivas podem ser, com efeito, um lugar de partilha no espaço público, sendo cruciais no processo de construção de determinada opinião pública sobre a circulação das fórmulas. É através desse “discurso circulante”¹²⁰ que os enunciados ganham notoriedade em certa comunidade discursiva, e que os membros dessa comunidade se reconhecem.

De todo modo, houve aumento de debate público em diversos mídiuns (sites e portais) sobre discursos de um novo projeto de nação em curso. Esse debate, que teve como o “ovo da serpente” (SOUZA, 2016) as “Manifestações de junho” de 2013,¹²¹ pôs em evidência, entre os anos de 2013 e 2016, posicionamentos discursivos distintos sobre o momento histórico que os brasileiros estavam vivenciando. Diante disso, o sintagma “complexo de vira-latas” passa a funcionar como elemento-síntese representativo dos discursos da bipolarização partidária (governo e oposição) e social. Isso se verifica no “enquadramento interpretativo” (MAINGUENEAU, 2011, p. 19) e na frequência do sintagma.

4.4 Aspecto polêmico

Para que um sintagma se constitua como fórmula discursiva, deve comportar um aspecto polêmico, do mesmo modo que deve se inscrever em um território partilhado. Essa propriedade também está intrinsecamente relacionada às anteriores, particularmente pelo facto de ela se constituir como um referente social: “[...] é porque há um denominador comum nos discursos, um território partilhado, que há polêmica” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 100). A pesquisadora justifica:

As fórmulas participam do peso da história, esse peso que lastreia os destinos individuais. É porque constitui um problema, porque põe em jogo a existência de pessoas, porque é portadora de descrição dos fatos políticos e sociais, que a fórmula é objeto de polémicas. Polemizando em torno dela, os atores-locutores não polemizam “por nada”: eles polemizam por uma descrição do real (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 100).

¹²⁰ Na nota de rodapé 49, do CAPÍTULO 3, explicamos a noção de discurso “circulante”, proposta por Charaudeau (2007, p. 118).

¹²¹ Referido episódio será abordado mais detidamente no CAPÍTULO 6.

Desse modo, a fórmula polemiza porque descreve o real: modos de vida, processos e regimes políticos, relações de direitos e deveres dos cidadãos. Isso se torna possível porque a fórmula é portadora de questões sociopolíticas, que “[...] têm como consequência usos polêmicos e conflituosos” (op. cit., p. 101):

Como a fórmula frequentemente concentra uma pluralidade de questões e também diversas maneiras de tomar parte no debate, uma fórmula raramente participa de um único processo discursivo e, então, quase sempre entra em polêmicas variadas (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 102)

Em outros termos, o aspecto polêmico da fórmula é de natureza histórica. Ela carrega consigo questões da história das relações sociais. O caráter polêmico da fórmula leva os indivíduos a assumir opiniões a respeito de uma discussão social, levando os locutores a tomar partido em certo debate.

Conforme Krieg-Planque (2010), há uma natureza variada quando se trata dos modos como os locutores tomam parte no debate face ao caráter polêmico da fórmula que, justamente por isso, assim se institui. Essa natureza pode vir do fato de a fórmula pertencer, a princípio, a uma formação discursiva vista como adversária. Nesse caso, na polêmica, procura-se neutralizá-la; mas pode ser que se reclame a paternidade de uma fórmula que está sendo reivindicada por outro (um lugar de fala?);¹²² ou que ela seja atribuída a um locutor que a rejeita. Em todo caso, parece haver aí um denominador comum nas diversas naturezas da polêmica da fórmula: os atores sociais procuram mobilizar determinada palavra com o propósito de atribuir um sentido próprio de seu posicionamento discursivo.

Krieg-Planque (2010) explica que a fórmula concentra uma pluralidade de questões, não participa de um único processo discursivo. A pesquisadora exemplifica com o uso das palavras “*libre(s)*” [“livre(s)”] e “*liberté(s)*” [“liberdade(s)”] na época do debate sobre a escola privada na França em 1984. Havia uma dupla reivindicação, em que se atribuíam sentidos diferentes: i) liberdade é autorizar a existência de uma diversidade de estabelecimentos institucionais (escola é um exemplo de estabelecimento); ii) liberdade é a laicidade assegurada pela escola pública. O caráter polêmico da fórmula é determinado pelos modos como elas são tomadas nas práticas languageiras.

¹²² No artigo *Considerações sobre o sintagma “lugar de fala”: um operador de vozes empoderadas?*, Salgado e Gatti (2018) abordam essa noção do ponto de vista discursivo.

Pierre Fiala e Marianne Ebel (1983), para evidenciar o aspecto polêmico da fórmula “xenofobia”, se apropriaram do valor *de re* (sobre a coisa) e do valor *de dicto* (sobre o dito, aquilo que se diz da palavra). Pelo modo como os locutores tomavam a fórmula “xenofobia”, pelo valor *de re* ou valor *de dicto*,¹²³ os pesquisadores compreenderam as formas de rejeição ou aceitação da expressão “xenofobia”.

Maingueneau (2005 [1984]) também contribui teoricamente para pensar a noção de polêmica na Análise do Discurso. Para o autor, as formações discursivas são caracterizadas pela relação que estabelecem entre si, que podem ser de aliança ou polêmica, isto é, podem estar em concordância ou discordância.

No entanto, quando as formações discursivas estão em discordância, não se trata de uma controvérsia geradora de incompreensão, tal como um discurso que se opõe explícita e contundentemente a outro, com um posicionamento contrário plenamente contrário. Trata-se da própria natureza das relações interdiscursivas, que, para Maingueneau (2005 [1984]),

contrariamente ao que se pensa espontaneamente, é a convergência que prevalece sobre a divergência, já que o desacordo supõe um acordo sobre ‘um conjunto ideológico comum’, sobre as leis do campo discursivo partilhado (MAINGUENEAU, 2005 [1984], p. 115).

Maingueneau (1997 [1987]) formula a hipótese de que a polêmica na relação interdiscursiva se constitui a partir de uma *interincompreensão* enunciativa, na qual o discurso “[...] só pode relacionar-se com o Outro do espaço discursivo através do simulacro que dele constrói” (op. cit., p. 122), pois cada um dos locutores lê seu interlocutor através da grade semântica que orienta sua semântica própria, isto é, definidora de seu lugar discursivo, seu posicionamento. A polêmica é instaurada no simulacro que um discurso constrói enquanto interpretação do discurso do Outro. Essas noções ajudam a compreender o modo como Alice Krieg-Planque trata essa propriedade formulaica.

Para além dos semas “pessimismo”, “inferioridade” e “derrota”, quanto ao aspecto polêmico da fórmula, notamos certo enquadre do sintagma “complexo de vira-latas” na materialização de outros semas, tais como “corrupção”, “esquerda” e “direita”. Vejamos:

¹²³ No tópico “5.3.1 Comunidades discursivas e a gestão da figura de Nelson Rodrigues: valor *de re* e valor *de dicto*” e no “Capítulo 6”, de um modo geral, analisamos mais dados que enfatizam o sintagma “complexo de vira-latas” com esses valores retóricos.

Excerto [21]

Comparados com essas fraudes nos Estados Unidos, nossos **corruptos** não passam de ladrões de galinha. E assim mesmo estão sendo denunciados e condenados pela Justiça. Isso significa que devemos baixar a guarda contra a **corrupção**? Claro que não. Mas isso significa que devemos levantar a cabeça e acabar com esse **complexo de vira-lata** que nos leva a acreditar, sem nenhuma razão, que somos os piores do mundo. Temos tudo para levantar nossa estima pelas conquistas que temos feito nessa e em várias outras áreas, como na virtual eliminação da miséria em nosso país.¹²⁴

Excerto [22]

Para Jessé Souza, presidente do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), vinculado ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, e doutor em sociologia pela Universidade de Heidelberg (Alemanha), criou-se no Brasil, à **esquerda** e à **direita**, um legado de equívocos a partir do pensamento de Sérgio Buarque de Holanda (1902-82), que merece ser classificado como um verdadeiro "**complexo de vira-lata**". (Marcelo Coelho, jornal online *Folha de S. Paulo*, 10/01/2016)¹²⁵

Excerto [23]

Um estilo muito comum é o "justiceiro", distribuindo ameaças em seus posts e advogando mais repressão para combater a criminalidade. Eles se multiplicam em reportagens policiais ou quando há alguma mudança nas leis sendo analisada pelo Congresso Nacional.

Não faltam também os comentaristas portadores do chamado "**complexo de vira-lata**", termo criado pelo escritor Nelson Rodrigues para mostrar o sentimento de inferioridade dos brasileiros em relação às outras nações. Muitas opiniões postadas execram o povo e o país para elogiar países mais desenvolvidos, principalmente os EUA.

As paixões clubísticas, partidárias e religiosas também invadem os comentários, com provocações, xingamentos, boatos e difamações. Ultimamente, a crise econômica e política faz o PT ser o alvo preferido. Mas **evangélicos, umbandistas, tucanos, peemedebistas, corintianos e flamenguistas** costumam ser frequentadores desse posto.¹²⁶

¹²⁴ A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo W. O autor, J. Carlos de Assis, é economista, doutor em Engenharia de Produção pela Coppe – Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa em Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professor de Economia Internacional da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

¹²⁵ A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo X.

¹²⁶ A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo Y.

Excerto [24]

O senador Jorge Viana (PT-AC) criticou duramente, em discurso na tribuna, nesta terça-feira (5), os recentes ataques da revista “Época” ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. “Não é justo que transformem as qualidades do presidente Lula em defeitos! Isso tem que ter fim. Não é possível! Isso beira o preconceito!”, declarou. Para Viana, o ex-presidente Lula sofre resistência daqueles que “não aceitam que um operário retirante, pau de arara, passando miséria no Nordeste, tenha virado um dos maiores líderes do País”. O **petista** disse ainda que é perigosa a estratégia de parte da imprensa de transformar suspeitas em julgamentos e condenações prévias. Para ele, as acusações contra o ex-presidente são reflexo do “**complexo de vira-lata**” da **elite** conservadora brasileira.¹²⁷

Entre o período de 2013 e 2016, nota-se que os semas destacados nos Excertos [21] a [24] deslocam o significado primeiro do sintagma, cuja “origem” designaria um sentimento de inferioridade voluntária do brasileiro em relação a outros países, passando a constituir um lugar de tensão nos discursos governistas (de base à esquerda) e os de oposição (de base à direita). No Excerto [21], a expressão “corrupto”, por exemplo, não se refere aos que têm “complexo de vira-latas”, mas o “complexo de vira-latas” é posto na enunciação em comparação com o enunciado “somos os piores do mundo” no sentido de que a corrupção no Brasil é fruto do fato de o brasileiro se sentir pior em relação a outras nações. Em dadas condições de produção, a polêmica se instaura nos discursos que mobilizam o sintagma “complexo de vira-latas” no sentido de classificar os adversários políticos. Esse modo de mobilização do sintagma, segundo o estudo de Almeida (2017, p. 54), possui relação com os discursos de Lula em 2010, quando o sintagma foi posto em evidência pelo ex-presidente como símbolo de fechamento de mandato. A partir disso, houve um aumento gradativo da ocorrência do sintagma “complexo de vira-latas” em discursos de cunho político, como veremos nas análises do CAPÍTULO 6.

Os Excertos [21] a [24] fazem parte de textos jornalísticos que tratam de política. Nota-se que esses textos são os que mais se destacam quanto ao aspecto polêmico, pois o sintagma se põe a funcionar como eixo temático dos discursos de brasilidade – os sujeitos que “possuem” o “complexo de vira-latas” mostram práticas discursivas de enaltecimento ao estrangeiro, enquanto os sujeitos que não “possuem” o “complexo de vira-latas” se inserem em práticas discursivas de defesa dos aspectos de nacionalidade.

¹²⁷ A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo Z.

No Excerto [24], a expressão “petista” é um modo de designar um posicionamento do senador Flavio Vianna, que critica a elite conservadora brasileira, responsabilizando-a pelo uso do “complexo de vira-latas” como estratégia da imprensa no sentido de culpabilizar o PT pela suposta corrupção. Assumindo a posição de que a imprensa, na condição de instituição social, é plural e atravessada por interesses diversos, compreende-se que há uma prática discursiva que regula o funcionamento dos discursos do campo jornalístico. Para Souza-e-Silva (2014, p. 283), “trata-se [...] da problemática da inter-relação entre discurso e instituição, ambos regidos por uma mesma rede de coerções que delimitam o funcionamento e as práticas de um mesmo grupo”. Aqui, podemos pensar esse grupo como uma comunidade discursiva.¹²⁸

Pode-se pensar a mídia como o lugar em que as comunidades discursivas reproduzem os discursos de acordo com seus posicionamentos ideológicos. Na Web, as manifestações ocorrem, por exemplo, em portais jornalísticos, revistas e/ou em blogs autônomos de jornalistas.

Krieg-Planque (2010, p. 118) observa que as mídias raramente são criadoras de fórmulas, mas agem como definidoras na circulação delas, “[...] uma vez que as mídias estão entre os principais atores aptos a garantir a difusão da sequência em vastas áreas do espaço público”. No espaço público, com a circulação e difusão de certas fórmulas, a mídia cumpre, socialmente, para Van Dijk (2008), um papel de controlar quase que exclusivamente os recursos simbólicos com os quais se produz o consenso popular, conseguindo, dessa forma, adesão do público a certos discursos e opinião pública que, para Charaudeau (2016), está fragmentada pela diversidade de grupos sociais que a compõem. Assim, os discursos constitutivos da opinião pública pressupõem sempre uma relação polêmica, explicitamente conflitante ou não, se consideramos o que foi dito sobre a polêmica estar posta conforme a filtragem da grade semântica de cada posicionamento.

Para Courtine (2006), o sujeito falante, ao tornar-se sujeito do discurso, ocupa um posicionamento político diante dos modos de enunciação. No caso em análise, o sintagma “complexo de vira-latas” é o objeto discursivo com o qual a instância enunciativa define seu posicionamento no interior do embate político no período em estudo.

¹²⁸ Trataremos da noção de “comunidade discursiva” no CAPÍTULO 5 da presente tese.

Sobre o sintagma “complexo de vira-latas”, Almeida (2017, p. 53) explica que “[...] é seu caráter polêmico que irá limitar a expansão do termo como uma opção mais amplamente disponível para a grande mídia”. A pesquisadora explica que o termo passa a ser portador de questões políticas e sociais e, portanto, objeto de polêmica, a partir da expressão ter sido associada, no contexto da Copa do Mundo de 2014, a “afirmações de dirigentes do governo petista, a quem a mídia reputa sua aparição, sobretudo ao ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva” (op. cit., p. 53).

Almeida (2017) menciona o texto “Somos idiotas”, de Fernando Vianna, publicado no jornal *Folha de S. Paulo* em 15 de julho de 2010. Nele, o enunciador expõe uma opinião de Lula a favor de o Brasil ser protagonista econômico mundial. O uso do sintagma “complexo de vira-latas” é atribuído a Lula, como forma de livrar o país da subserviência em relação a outros países. No entanto, o enunciador afirma que o sintagma reclama da própria condição do país desde 2007. Para Almeida (2017),

é, assim, no contexto das declarações de um governo de esquerda, que o “**complexo de vira-latas**” (grifo nosso) ressurge nos debates, sob os olhos de uma oposição conservadora e irritada de ver a oportunidade de o Partido dos Trabalhadores protagonizar um acontecimento de abrangência nacional e internacional como a Copa e ter seus méritos reconhecidos em ano eleitoral (ALMEIDA, 2017, p. 54).

Visto dessa perspectiva, podemos atribuir um caráter polêmico ao sintagma “o complexo de vira-latas” no modo como é mobilizado pelos políticos de esquerda como crítica ao sentimento de inferioridade mostrado pela oposição, sobretudo as elites brasileiras. Nesse sentido, Almeida (2017) explica que o debate também se põe nas mídias alternativas, que podemos caracterizar, para efeito de análise, como as que se contrapõem às mídias corporativas e que reúnem material diverso. Podemos citar como exemplos de mídia alternativa: os jornais *The Guardian* e *Observatório da Imprensa*; os portais *Conversa Afiada* e *Opera Mundi*; os blogs *O Cafezinho* e *Socialista Morena*. Em sua maioria, esses mídiuns apoiam os discursos de Lula, assim como os da ex-presidente Dilma Rousseff, no que diz respeito à interpretação dos fatos ligados ao sintagma em tela.

Vejamos um exemplo no qual as condições de produção favorecem o uso de variantes do sintagma “complexo de vira-latas” em uma relação polêmica.

Excerto [25]

Como era de se esperar, a Globo, porta-voz oficial do golpe, iniciou uma operação de propaganda para evitar que a opinião pública brasileira seja influenciada pela imprensa internacional, que, em sua grande maioria, tem denunciado o golpe midiático no país.

O objetivo é óbvio: garantir que o golpe transite sem sobressaltos no Senado.

Para tal, acionou um de seus mais astutos pistoleiros, Pedro Doria, que publica artigo hoje no Globo que é uma obra-prima de mentira e manipulação:

Artigo: “A imprensa estrangeira não vê golpe”, por Pedro Doria.

O texto é um contra-ataque direto e confesso (os blogs são citados) aos “blogs”, em especial a este Cafezinho, visto que alguns dos editoriais da imprensa internacional mencionados foram publicados apenas por aqui.

Como seria de se esperar vindo da Globo, é um modelo de desonestidade, sobretudo porque, diferente do Cafezinho, não dá link nem traduz nenhum dos editoriais, artigos ou reportagens mencionados. O leitor não pode conferir nada por si mesmo. Tem de acreditar na palavra do articulista da Globo.

Trechos:

Um dos textos mais citados é “A razão real pela qual os inimigos de Dilma Rousseff querem seu impeachment”, publicado pelo jornal britânico “The Guardian”. É um artigo de opinião avulso, assinado por David Miranda. Não é a opinião do jornal. É a opinião de um cidadão brasileiro.

Sim, é a opinião de um cidadão brasileiro...

Por aí se vê o **vira-latismo** da Globo, menosprezando o artigo no The Guardian por ser a opinião de um “cidadão brasileiro”.

Ora, o artigo foi publicado com destaque, em português e em inglês. E o jornal não publicou nenhuma opinião de cunho golpista, nem jamais publicou, em outra ocasião, nenhum artigo em português. Conclui-se, obviamente, que o Guardian abrigou com muita simpatia a opinião de um... cidadão brasileiro.¹²⁹

O Excerto [25] faz parte do artigo de opinião intitulado “Globo aciona pistoleiros para enganar leitores sobre imprensa internacional”, escrito pelo jornalista Miguel do Rosário e publicado no blog *O Cafezinho* em abril de 2016. Neste blog, são apresentados diferentes gêneros discursivos cujos objetivos estariam relacionados ao propósito do blog: “disseminar informação descontaminada pelo golpismo histórico de nossa mídia”.¹³⁰ Nesse sentido, alguns jornalistas que colaboram com o blog, tal como Miguel do Rosário, ocupam um lugar de contraposição às matérias jornalísticas postas em circulação pela mídia corporativa. Podemos notar esse embate no trecho: “Como seria de se esperar vindo da Globo, é

¹²⁹ A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo AA. O grifo é nosso.

¹³⁰ Informação coletada do blog em questão.

um modelo de desonestidade, sobretudo porque, diferente do Cafezinho, não dá link nem traduz nenhum dos editoriais, artigos ou reportagens mencionados. O leitor não pode conferir nada por si mesmo. Tem de acreditar na palavra do articulista da Globo”. Há, aí, uma preocupação do enunciador em mostrar o lugar discursivo do blog, isto é, um lugar de contraposição das mídias corporativas, em particular, o jornal *O Globo*, mídiun de circulação inicial da notícia.

No primeiro parágrafo, há uma citação do jornalista Pedro Doria comentando a publicação do artigo “A razão real pela qual os inimigos de Dilma Rousseff querem seu impeachment”, de David Miranda, no jornal britânico *The Guardian*. Nessa ocasião, Pedro Doria critica o artigo de David Miranda, que defende Dilma Rousseff dos ataques dos partidos de oposição acerca da realização da Copa do Mundo no Brasil. Pedro Doria afirma que David Miranda não é jornalista, portanto, não estaria habilitado a produzir um artigo de opinião a ser publicado no jornal britânico.

Desse modo, o enunciador, em tom acusatório, responsabiliza a empresa Globo por contratar o jornalista Pedro Dória (“pistoleiro”) para que este, com a publicação de seu artigo no jornal *O Estado de S. Paulo*, procurasse influenciar a opinião pública contra o governo Dilma Rousseff. Assim, o enunciador mobiliza a variante “vira-latismo” no sentido de descrever um comportamento doutrinador da empresa Globo.

São expostos, a seguir, excertos dos textos de Pedro Doria e David Miranda.

Excerto [26]

RIO — Há uma imensa confusão rondando as redes sociais a respeito do que dizem ou não os jornais estrangeiros sobre a crise brasileira. Tornou-se comum, por algum motivo misterioso, afirmar que lá fora há um movimento condenando o que a presidente Dilma Rousseff chama de “golpe”. Não é verdade.

[...]

Mas o “Guardian” manifestou sua opinião em editorial, publicado com o título “Uma Tragédia é um Escândalo” e no qual aponta os que considera responsáveis pela crise em que nos encontramos: “transformações da economia global, a personalidade da presidente, o PT ter abraçado um sistema de financiamento partidário baseado em corrupção, o escândalo que estourou após as revelações, e uma relação disfuncional entre Executivo e Legislativo”. Sem poupar em momento algum o Congresso ou Eduardo Cunha, em nenhum momento o jornal britânico sequer cita o termo “golpe”.¹³¹

¹³¹ A íntegra do texto está disponível no Anexo AB.

Excerto [27]

Por um ano, esses mesmos grupos midiáticos têm vendido uma narrativa atraente: uma população insatisfeita, impulsionada pela fúria contra um governo corrupto, se organiza e demanda a derrubada da primeira presidente mulher do Brasil, Dilma Rousseff, e do Partido dos Trabalhadores (PT). O mundo viu inúmeras imagens de grandes multidões protestando nas ruas, uma visão sempre inspiradora.

Mas o que muitos fora do Brasil não viram foi que a mídia plutocrática do país gastou meses incitando esses protestos (enquanto pretendia apenas “cobri-los”). Os manifestantes não representavam nem de longe a população do Brasil. Ao contrário, eles eram desproporcionalmente brancos e ricos: as mesmas pessoas que se opuseram ao PT e seus programas de combate à pobreza por duas décadas.

Aos poucos, o resto do mundo começou a ver além da caricatura simples e bidimensional criada pela imprensa local, e a reconhecer quem obterá o poder uma vez que Rousseff seja derrubada. Agora tornou-se claro que a corrupção não é a razão de todo o esforço para retirar do cargo a presidente reeleita do Brasil; na verdade, a corrupção é apenas o pretexto.¹³²

Pelas datas de publicação dos textos – Excerto [25], do blog *O Cafezinho*, de 26 de abril de 2016, e [26], do jornal on-line *O Globo*, de 22 de abril de 2016), percebe-se que houve uma certa urgência de réplica dadas as condições de produção do embate. Ambos os textos foram postos em circulação na mesma data (em 26/04/2016), logo após a circulação do texto de David Miranda no *The Guardian* quatro dias antes (em 22/04/2016).

Quanto ao Excerto [25], pela heterogeneidade mostrada, o enunciador marca, por meio de discurso direto, um discurso-outro. Como discurso direto, consideramos: “Um dos textos mais citados é ‘A razão real pela qual os inimigos de Dilma Rousseff querem seu impeachment’, publicado pelo jornal britânico ‘The Guardian’. É um artigo de opinião avulso, assinado por David Miranda. Não é a opinião do jornal. É a opinião de um cidadão brasileiro”. O trecho mostra a presença, no fio discursivo, de um outro discurso, no sentido de se apropriar ou refutar o dito. Para Authier-Revuz (2004, p. 12), “[...] no discurso direto, são as próprias palavras do outro que ocupam o tempo – ou o espaço – claramente recortado da citação na frase; [...] o locutor dá lugar explicitamente ao discurso de um outro em seu próprio discurso”.

Dessa forma, fica evidente o posicionamento contrário do enunciador do Excerto [25] diante do jornal *O Globo*. O enunciado “Por aí se vê o vira-latismo da

¹³² A íntegra do texto está disponível no Anexo AC.

Globo, menosprezando o artigo no *The Guardian* por ser a opinião de um ‘cidadão brasileiro’” explicita o lugar discursivo em que o enunciador se inscreve e a partir do qual procura estabelecer uma relação polêmica com o discurso-outro. O uso da variante “vira-latismo” – neologismo do sintagma “complexo de vira-latas” – no Excerto [25] se materializa em uma relação polêmica não só pela própria natureza do sintagma – que, por si só, traz consigo questões conflitantes de ordem socio-histórica –, mas por se opor aos discursos sobre o imaginário construído pela mídia em relação à capacidade de produção do brasileiro em diversos setores sociais, em particular, no campo jornalístico.

Pela mobilização de “vira-latismo”, há um discurso no sentido de atribuir uma certa hipocrisia ao jornal *O Globo* em não reconhecer o artigo escrito por um “cidadão brasileiro”. Na perspectiva discursiva, Salgado e Oliva (2018) explicam que

os *imaginários* são, bem entendido, conjuntos semânticos compostos pela articulação de imagens (materializadas ou evocadas) numa dada conjuntura social, portanto histórica, formalizada em certos dispositivos e distribuída conforme as forças políticas oficiais e oficiosas que presidem uma dada conjuntura (SALGADO; OLIVA, 2018, p. 897).

Nesse sentido, o aspecto polêmico da variante “vira-latismo” residiria no “denominador comum, um território partilhado”, como afirma Krieg-Planque (2010, p. 100), em relação às condições de produção dos discursos sobre a capacidade do brasileiro em realizar alguma tarefa, na capacidade de ser bom ou não, ou, então, no uso de “vira-latismo” no Excerto [25], em considerar tudo aquilo que é estrangeiro bom ou não. Em um contexto político mais específico, isto é, a partir das “Manifestações de junho” de 2013, passando pelas eleições de 2014 até chegar ao o impeachment de Dilma Rousseff em 2016, há tomadas de posicionamento partidário dos enunciadores.

Com isso, parece que há um processo de desconstrução do argumento de que não há validade de um artigo publicado em um jornal renomado por alguém que não é jornalista. Para isso, o enunciador mobiliza a variante “vira-latismo” para se referir a uma atitude da empresa Globo, responsabilizando-a pela construção do imaginário de que o brasileiro sofre de complexo de inferioridade. No caso em questão, o processo de inferiorização construído pela mídia mobilizaria, segundo o que se enuncia, uma memória que mobiliza sentidos de um Brasil-colônia,

escravocrata, onde os brasileiros pertencem a uma “classe inferior” aos demais povos. Os sentidos produzidos a partir disso fornecem maneiras de compreender o sintagma “vira-latismo” como “portador de questões sociopolíticas” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 100).

Fica evidente que o enunciador do texto do qual se extraiu o Excerto [25] se insere em uma formação discursiva de partidos políticos de esquerda, enquanto o trecho destacado em itálico no mesmo Excerto mostra um enunciador de uma formação discursiva de aliança com o governo que se institui com o impeachment de Dilma Rousseff.

O Excerto [25] apresenta a opinião do jornalista Miguel do Rosário, jornalista do blog *O Cafezinho*, sobre o artigo de opinião de Pedro Dória (jornalista do jornal *O Globo*) – o qual, por sua vez, procura apresentar as manchetes dos principais jornais do mundo sobre o processo de impeachment de Dilma Rousseff, pormenorizando os jornais que trazem a fala da ex-presidente sobre ter sofrido ou não golpe de Estado dos parlamentares.

Os jornalistas Pedro Doria e Miguel do Rosário se inscrevem, com esses enunciados, em lugares discursivos diferentes, em formações discursivas distintas, representativas de comunidades discursivas distintas. Isso faz com que o posicionamento do enunciador do texto “Globo aciona pistoleiros para enganar leitores sobre imprensa internacional” seja diferente da voz (discurso relatado) que o próprio enunciador insere em sua enunciação.

Isso é o que acontece, por exemplo, na confirmação que o enunciador do texto faz sobre o artigo do *The Guardian* ter sido escrito por um brasileiro: “*Sim, é a opinião de um cidadão brasileiro*”.¹³³ A ironia, mobilizada nesse caso, sugere a desqualificação da voz do outro, ao mesmo tempo em que procura valorizar a “opinião do brasileiro”. Logo a seguir, o enunciador mobiliza a variante “vira-latismo” confirmando um posicionamento ideológico da Globo. O neologismo caracteriza uma construção simbólica midiática que, entre os anos de 2013 e 2016, difundiu a ideia de que o brasileiro é incapaz de produzir “coisas boas”. Nesse contexto, é interessante considerar a tese de Souza (2015, p. 31) sobre o mito da brasilidade. Para o estudioso, “[...] o mais interessante [...] é examinar como o mito da

¹³³ O grifo em itálico é nosso.

brasilidade e sua celebração das virtudes ambíguas da pré-modernidade se transformam em ‘ciência’ conservadora com toda a ‘aparência de ciência crítica’.

No Excerto, O termo “menosprezando” aparece de forma a constituir no interdiscurso um traço negativo sobre a produção jornalística de outro jornal. Significa dizer que há um menosprezo, trato com valor menor, quando este põe em destaque um texto de opinião de um brasileiro inscrito em formação discursiva diversa da que aparece em *O Globo*. Ademais, pelo uso da interjeição “ora” confirma-se um valor conclusivo no posicionamento do enunciador do texto em relação à produção jornalística da Globo, determinando uma marca de enunciação que se põe em defesa da publicação do jornal britânico. No enunciado “Conclui-se, obviamente, que o Guardian abrigou com muita simpatia a opinião de um... cidadão brasileiro”, nota-se um posicionamento favorável ao jornal britânico.

A modo de conclusão do Excerto [25], entende-se que há uma certa “simpatia” do jornal britânico pelo texto do brasileiro David Miranda. Isso põe em evidência o posicionamento político-partidário que o jornal assume, bem como a formação discursiva a partir da qual o enunciador constrói o seu discurso. As reticências no enunciado “Sim, é a opinião de um cidadão brasileiro...” são um exemplo desse posicionamento enunciativo. O enunciador deixa subentendido que a opinião de um “cidadão brasileiro”, que não é um jornalista do jornal *O Globo*, deve ser levada em consideração quando se trata de assuntos sobre o Brasil.

Para Authier-Revuz (1990), as reticências são uma categoria de modalização autonímica, que funcionam como uma construção comentadora da fala daquele que cita. Com isso, podemos compreender que o enunciador, ao empregá-las na conclusão do Excerto, procura retomar e reiterar o discurso já dito anteriormente, reafirmando o posicionamento em defesa da publicação do artigo de David Miranda no *The Guardian*, ao mesmo tempo em que se opõe ao discurso do artigo do jornal *O Globo*.

A ênfase midiática dada à publicação do artigo de David Miranda mostra um traço da importância do momento político brasileiro, bem como a tomada de posição partidária diante do fato por parte de jornais on-line e portais de mídia digital.

Além dos jornais *The Guardian*, *O Globo*, *BBC Brasil* e o blog *O Cafezinho*, encontramos menção ao artigo “A razão real pela qual os inimigos de Dilma Rousseff querem seu impeachment” em mais 11 mídiuns digitais, pontuados a seguir:

- *Jornal Extra* (26/04/2016);
- *fanpage Politizando* (19/05/2018);
- portal *Cão que Fuma* (27/04/2016);
- blog *50 Anos de Textos* (27/04/2016);
- blog *Limpinho e Cheiroso* (02/05/2016);
- portal *Repórter Diário* (23/04/2016);
- blog *Contra o Vento* (27/04/2016);
- blog *Brasil Pensador* (26/04/2016);
- blog *IP Búzios* (30/04/2016);
- portal *Outer Space* (18/04/2016); e
- blog *Janela do Abelha* (26/04/2016).

Circulação, disputa por sentidos e posicionamentos no interdiscurso

No momento que agora se abre, com a perspectiva da Copa do Mundo de 2014 no Brasil, a conhecida combinação brasileira de sucesso futebolístico com desmando político acaba por chapar o processo, fazendo dele inteiro uma só medalha, com uma face eufórica e outra disfórica que se revezam infinitamente (papel exercido pelo duplo viés de exaltação e bombardeio acusatório com que a imprensa trata comumente o assunto).

— JOSÉ MIGUEL WISNIK, *Veneno remédio: o futebol e o Brasil* (2008).

Circulação, disputa por sentidos e posicionamentos no interdiscurso

Introdução

Parece-nos que compreender o funcionamento do sintagma “complexo de vira-latas” não depende tão somente da reverberação do acontecimento discursivo do episódio da derrota em 1958, nem tampouco da análise de seus percursos, mas, sobretudo, de sua produção e de sua circulação em *comunidades discursivas*.

Desse modo, a PARTE III desta pesquisa pretende mostrar em que medida a noção de comunidade discursiva é relevante para a compreensão de certos usos do sintagma “complexo de vira-latas”, tanto na perspectiva das questões sócio-identitárias, relacionadas à gênese do sintagma, quanto na perspectiva dos aspectos político-partidários (os textos pertencentes ao corpus dessa pesquisa). Para isso, se oferecerá uma breve revisão acerca da noção de comunidade discursiva nos estudos do discurso e uma discussão sobre sua contribuição para as possibilidades analíticas em torno do sintagma “complexo de vira-latas”, uma vez que as práticas de textualização desse sintagma supõem certa identidade social dos locutores que o mobilizam.

A pesquisa ainda se detém na análise do papel da figura de Nelson Rodrigues para a constituição das comunidades discursivas, assim como os valores *de re* e *de dicto* quanto à dimensão polêmica do sintagma na circulação das comunidades.

Nesta Parte da pesquisa, o sintagma “complexo de vira-latas” também será analisado quanto a sua circulação em diversos mídiuns, sob a perspectiva teórico-metodológica da fórmula discursiva. Os excertos seguem uma ordem cronológica de análise do recorte do corpus.

CAPÍTULO 5

5. Comunidade discursiva e a gestão do sintagma “complexo de vira-latas”

Neste Capítulo abordaremos noções teóricas de *comunidade discursiva*, formuladas por Swales (1990), Maingueneau (1997 [1987]) e Beacco (1999), com o objetivo de compreender os modos de organização das comunidades discursivas constituídas a partir da circulação do sintagma “complexo de vira-latas”.

Inicialmente, o Capítulo apresenta agrupamentos possíveis de comunidade discursiva com base nos dados coletados. A partir disso, são mobilizados os estudos realizados na PARTE I sobre a gestão da figura de autor de Nelson Rodrigues (doravante NR), no sentido de compreender o funcionamento do sintagma no interior de uma certa comunidade discursiva a partir da menção ou não a NR nos textos. Isso se põe como elemento crucial se considerarmos a legitimação dos discursos pela via do discurso literário.

Mais adiante, sugere-se a constituição de duas comunidades discursivas no sentido de compreender a circulação do sintagma como vetor de posicionamento discursivo de certas instituições. Debray (2000) considera uma instituição uma matriz de sociabilidade que faz convergir forças simbólicas de representação e manutenção dos discursos.

5.1 Comunidades discursivas: agrupamentos possíveis de dados coletados

Na obra *Novas tendências em Análise do Discurso* (1997),¹³⁴ Dominique Maingueneau formula a noção de “comunidade discursiva”¹³⁵ no âmbito da Análise do Discurso. Para o autor, a noção é elemento constituinte da prática discursiva:

Chamaremos de comunidade discursiva, isto é, o grupo ou a organização de grupos no interior dos quais são produzidos, gerados os textos que dependem da formação discursiva. A “comunidade discursiva” não deve ser entendida de forma excessivamente restritiva: ela não remete unicamente aos grupos (instituições e relações entre agentes), mas também a tudo que esses grupos

¹³⁴ Título original: *Nouvelles tendances en analyse du discours* (Paris: Hachette, 1987).

¹³⁵ No Dicionário de Análise do Discurso, Maingueneau (2004, p. 108) afirma o seguinte: “[...] essa noção, relativamente unívoca no seu início dos anos 80, foi sendo progressivamente carregada de múltiplos sentidos no decorrer dos anos 90”.

implicam no plano da organização material e modos de vida (MAINGUENEAU, 2004, p. 56).

Nesse sentido, a noção de comunidade discursiva, para Dominique Maingueneau, se associa a uma face social do discurso e visa aos grupos que existem “unicamente por e na enunciação” (MAINGUENEAU, 2004, p. 56). Podemos associar as comunidades discursivas não aos cidadãos em “carne e osso” em sua inscrição socioeconômica, mas no modo como eles gerem seus textos inscritos em determinados posicionamentos ideológicos. Significa pensar, portanto, em nosso caso, que toda enunciação do sintagma “complexo de vira-latas” evidencia determinada prática discursiva de uma comunidade discursiva.

Embora a noção de comunidade discursiva ainda seja instável, no *Dicionário de Análise do Discurso* Maingueneau (2004 apud CHARADEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 108, grifo do original), afirma que, na perspectiva de “produtores de textos”, a

[...] noção de comunidade discursiva permite sobretudo caracterizar os locutores, destacando posicionamentos (um jornal, um partido político, uma escola científica...) que são concorrentes em um mesmo campo discursivo) (MAINGUENEAU, 2004, p. 108).

Nesse sentido, as comunidades discursivas incluem não somente os produtores de texto, mas também aqueles que participam da sua difusão. Como exemplo, podemos mencionar os jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, que destacam posicionamentos discursivos concorrentes entre eles. Dessa forma, estes jornais participam de comunidades discursivas distintas, apesar de estarem inseridos num mesmo campo discursivo – o jornalístico. Os enunciadores que difundem os posicionamentos dos jornais também podem se constituir como comunidade discursiva.

Ainda no *Dicionário*, Maingueneau (2004) apresenta outros pesquisadores que se “debruçaram” sobre a noção de comunidade discursiva. É o caso de Beacco (1999 apud MAINGUENEAU, 2004), que as descreve da seguinte maneira:

(1) Comunidades discursivas predominantemente econômicas (empresas, organizações,...) [...] (2) Comunidades discursivas “predominantemente ideológicas que são produtoras de valores, de opiniões e de crenças” (partidos políticos, associações...) [...] (3) Comunidades predominantemente científicas e técnicas que produzem conhecimentos [...] (4) comunidades do espaço midiático

que difundem e confrontam conhecimentos, opiniões, valores, organizando um mercado de textos (BEACCO, 1999 apud MAINGUENEAU, 2004, p. 108).

A partir dessa classificação, é possível descrever, ainda que minimamente, as comunidades discursivas que mobilizam o sintagma. Na obra *Cenas da enunciação* (2008 [2006]), Dominique Maingueneau reformula a noção de comunidade discursiva, designando-a como “grupos que existem somente pela e na enunciação de textos que eles produzem e fazem circular”. Isto é, o modo como se dão os processos de mediação do sintagma também mostram o funcionamento dos discursos dos grupos que o produzem e o administram.

Em nosso caso, esse fato se traduz em um funcionamento enunciativo: os textos nos quais o sintagma circula são, também, o lugar onde as comunidades discursivas se autolegitimam. Isto é, o sintagma “complexo de vira-latas” põe em funcionamento uma memória discursiva de questões relacionadas à identidade do brasileiro e, num mesmo movimento, legitima as instâncias discursivas que o mobilizam no sentido daquilo que ele representa simbolicamente para esta instância.

Dessa forma, Maingueneau (2008 [2006], p. 143) acrescenta que a “[...] comunidade é consolidada e legitimada pelos discursos que são o produto dessa comunidade”. Assim, cada inscrição do sintagma mostra um posicionamento (político, econômico, social) do enunciador. Esse posicionamento se apoia em função de sua identidade, a qual se constrói a partir da relação com sua comunidade discursiva.

Esse conceito de comunidade discursiva proposto por Dominique Maingueneau, embora tenha alguns aspectos em comum, difere do conceito de comunidade discursiva proposto por Swales (1990). Para o estudioso, a comunidade discursiva é compreendida como um grupo sócio-retórico que se forma

a fim de atuar em favor de um conjunto de objetivos comuns. Uma das características que os membros estabelecidos dessas comunidades possuem é a familiaridade com gêneros particulares que são usados em causas comunicativas desse conjunto de objetivo. Em consequência, gêneros são propriedades de comunidades discursivas; o que quer dizer que gêneros pertencem a comunidades discursivas, e não a indivíduos, a outros tipos de grupos ou a vastas comunidades de fala (SWALES, 1990, p. 9).

Nesse sentido, sugere-se que as convenções do discurso, os gêneros do discurso, por exemplo, são definidos pelas comunidades discursivas. Esse conceito

formulado por John Swales não é suficiente para caracterizar as comunidades discursivas concebidas por Dominique Maingueneau porque, de acordo com o segundo, a meta principal de sua comunidade discursiva é produzir textos (MAINGUENEAU, 2008 [2006], p. 159), e não um “conjunto de metas coletivas comuns” (SWALES, 1990, p. 24). Maingueneau (2008 [2006], p. 142) afirma, ainda, que se pode “[...] estender essa noção a toda comunidade restrita de comunicação, organizada em torno da produção do discurso, qualquer que seja sua natureza”. Desse modo, *comunidade discursiva* é entendida como o lugar daqueles que produzem e que põem em circulação os discursos, que se reconhecem em sua circunscrição.

O reconhecimento da circunscrição de uma comunidade discursiva depende dos produtores e receptores dos discursos. Para Maingueneau (2008 [2006]), esse aspecto está relacionado aos discursos serem abertos ou fechados.

No corpus de nossa pesquisa, trata-se de materialidade linguística que põe em relevo discursos abertos, visto que

nos discursos abertos, por sua vez, existe uma enorme diferença quantitativa e qualitativa entre a população de produtores e a população de receptores. A esse respeito, os casos de imprensa popular e de discurso político voltado para as massas são exemplares (MAINGUENEAU, 2008 [2006], p. 160).

Os modos de constituição dessas comunidades discursivas não são estanques, uma vez que há disputas pela opinião pública. Sendo assim, os enunciadores podem passar de uma comunidade discursiva a outra.

No contexto discursivo da Copa do Mundo (2014), por exemplo, quando se materializaram discursos sobre a capacidade do brasileiro na organização de grandes eventos, houve certa repartição da opinião pública. O que estava em jogo, entretanto, era uma “queda de braço” na disputa pela opinião pública sobre quem estava a favor do governo Dilma ou contra. Nesse ínterim, os conflitos são evidentes. Para Charaudeau (2016, p. 11), os conflitos “surgem quando se trata, para uns, de estender seu poder sobre o território dos outros e tentar apropriar-se desse território; para outros, trata-se de defender seu território e sua identidade”. Em nosso caso, em menor escala, os conflitos ocorrem entre partidos políticos e grupos de pessoas que se consideram vítimas de traição política ou mesmo que se consideram defensoras de uma identidade partidária.

Dessa forma, a disputa pela opinião pública se imbrica aos fatos conflitantes do contexto político brasileiro de 2013 a 2016. Charaudeau (2016) afirma que

é por meio da opinião pública que se constrói um saber coletivo de crença a respeito dos interesses da vida em sociedade e de seu ordenamento político. Entretanto, longe de ser homogênea, ela é fragmentada pela diversidade dos grupos sociais que a compõem. [...] mas as instâncias do mundo político e midiático dedicam-se a homogeneizá-las através de pesquisas estatísticas, comentários, de declarações peremptórias (“o povo está cansado dessa situação”), para melhor apropriar-se delas (CHARAUDEAU, 2016, p. 37).

Exemplo a ser citado dessa homogeneização da opinião pública pelas “instâncias do mundo político e midiático” de que fala Charaudeau (2016) são algumas frases proferidas por diferentes atores sociais no contexto da Copa do Mundo de 2014. Essas frases, quando destacadas de outras situações de enunciação, para Maingueneau (2008 [2006], p. 82), recebem o nome de “sobreesseveração”.¹³⁶ Elas foram postas em circulação no site *Pragmatismo político* em um texto intitulado “As 20 frases mais polêmicas do pré-Copa 2014”. O site, nesse caso, é um “sobreesseverador” (op. cit., p. 82). Vejamos três delas nos Excertos a seguir.¹³⁷

Excerto [28]

“Gringo, no geral, não conhece o nosso jeitinho brasileiro de ser, de fazer as coisas. Acho que é muito característico isso, no brasileiro, de fazer as coisas no último momento e começar uma correria” (Ronaldo, ex-jogador de futebol, dezembro de 2013).

Excerto [29]

“Se a Argentina vencer o Brasil na Copa do Mundo, eu me mato. Eles têm o Messi e o Papa. Eles não podem ter tudo” (Eduardo Paes, político brasileiro, junho de 2013).

¹³⁶ Maingueneau (2008 [2006], p. 82) considera a *sobreesseveração* um processo de destacamento de estruturas relativamente pregnantes, com temáticas que envolvem conflitos de valores. São exemplos de sobreesseveração os *slogans* e fragmentos de textos que os mídiuns digitais põem em circulação fora de seus contextos de origem.

¹³⁷ As frases selecionadas para os Excertos foram coletadas diretamente do texto “As 20 frases mais polêmicas do pré-Copa 2014”, disponível no seguinte endereço: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/06/20-frases-mais-estupidas-pre-copa-2014.html>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

Excerto [30]

“Não conheço [no Brasil] nenhuma reforma ou construção que seja entregue no prazo. Que não haja um acidente de trabalho. Que não haja estouro do orçamento. Estamos no Brasil, e o brasileiro termina tudo em cima da hora. É cultura nossa” (Mário Gobbi, abril de 2014).

Os Excertos de [28] a [30] demonstram discursos que tomam como característicos certos aspectos de brasilidade, enunciados: no emprego de termos como “jeitinho brasileiro”; na menção a diferenças e semelhanças entre Brasil e Argentina (“Eles têm o Messi e o Papa. Eles não podem ter tudo”) e à “cultura” de “deixar para fazer na última hora”. Do ponto de vista discursivo, Orlandi (2002) trata do conceito de *brasilidade* ligado aos dizeres sobre o Brasil – os quais foram, ao logo dos anos, construindo discursos e processos de identificação do brasileiro. Percebem-se enunciados em circulação num espaço de publicização midiática, evidenciando diferentes comunidades discursivas. Podemos dizer que cada excerto representa um enunciador inscrito em uma determinada comunidade discursiva.

Interessante notar como o enunciador pode estar propenso a mudar de comunidade discursiva, uma vez que esta é caracterizada, segundo Motta, Salgado e Souza-e-Silva (2013, s/p), por uma “identidade social”. O Excerto [28] pode ser esclarecedor. Ronaldo – que, na época, já declarava apoio político ao então candidato à presidência da República, o senador Aécio Neves – justifica, em dezembro de 2013, que o atraso das construções dos estádios está no “jeitinho brasileiro de ser”. Esse “jeitinho”, pelo que se percebe, é um eufemismo para se referir ao andamento de construção dos estádios. A expressão “jeitinho” no enunciado mostra um sentido positivo: o de representar certa criatividade do brasileiro em face de situações extremas. Assim, em 2013, parece que a fala de Ronaldo mostra um posicionamento a favor do governo Dilma, no sentido de justificar o atraso das obras. O que se percebe é que a mudança de comunidade discursiva do enunciador (antes, se posicionava a favor do Aécio Neves e, depois, a favor de Dilma Rousseff) ocorre de acordo com a identidade social à qual ele se associa.

Em 2014, às vésperas do início da Copa do Mundo, pressionado pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) e na condição de membro do Comitê Organizador Local (COL), Ronaldo afirma: “De repente chega aqui é essa burocracia toda, uma confusão, um disse me disse, são os atrasos. É uma pena. Eu me sinto envergonhado, porque é o meu País, o País que eu amo, e a gente não podia estar

passando essa imagem para fora”.¹³⁸ Nesse caso, pela mobilização dos termos “burocracia”, “confusão”, “disse me disse” e “envergonhado”, percebe-se uma mudança de posicionamento do enunciador diante do fato. Devido às desavenças políticas com o governo Dilma, o enunciador parafraseia o sintagma “complexo de vira-latas” demarcando a sua inserção em outro posicionamento discursivo, diferente daquele de 2013.

Essa mudança de posicionamento discursivo do enunciador pode estar relacionada ao modo como está inserido no campo político. Maingueneau (2008 [2006]) afirma que o posicionamento no campo político decorre da oposição do enunciador em relação a seus concorrentes, apoiando-se em função de sua comunidade discursiva. O que se evidencia, portanto, é que, quando se trata de um embate discursivo sobre política, há um espaço de conflito que se abre no interior das próprias comunidades discursivas, cujos enunciadores, a depender dos posicionamentos adotados, contestam a maneira de dizer do outro.

Desse modo, tomando o conceito de *comunidade discursiva* proposto por Dominique Maingueneau, podemos agrupar, ainda que de modo geral, as ocorrências do sintagma “complexo de vira-latas” em duas comunidades:

- Comunidade discursiva cujo sintagma é usado em discursos de **oposição** aos governos Lula/Dilma Rousseff: projetos de nação/Estado se constituem a partir de posicionamentos neoliberais; e
- Comunidade discursiva cujo sintagma é usado em discursos **a favor** dos governos de Lula/Dilma Rousseff: projetos de nação/Estado se constituem a partir de posicionamentos de soberania e desenvolvimento nacionais.

Em cada comunidade, a circulação do sintagma pode ocorrer de modo a evidenciar posicionamentos discursivos diversos, a depender da identidade social de cada enunciador. Um desses modos pode estar relacionado com a configuração de autor de Nelson Rodrigues, como veremos a seguir.

¹³⁸ Afirmações do ex-jogador de futebol Ronaldo Nazário em entrevista à *Reuters* na sede de sua agência de comunicação, em São Paulo, em 23 de maio de 2014. Disponível em: <<https://br.reuters.com/article/topNews/idBRKBN0E320020140523>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

5.2 O papel de Nelson Rodrigues na configuração das comunidades discursivas

Salgado e Gatti (2018, p. 568) afirmam que, no tempo presente, a fragmentação e a dispersão são a regra na comunicação social, “dada sobretudo pela técnica hegemônica de distribuição dos dizeres”. Sendo assim, cabe compreender em que medida o funcionamento do sintagma “complexo de vira-latas”, tendo em vista sua circulação em mídias corporativas ou alternativas, estabelece um parâmetro de classificação tanto dessas comunidades como dos enunciadores que tomam parte desse processo. Nesse sentido, é necessário pensar nos espaços públicos que o sintagma percorre, assim como os lugares discursivos desses enunciadores. Em nosso caso, podemos afirmar que as ocorrências do sintagma “complexo de vira-latas” estariam condicionadas a um modo de enunciação específico, a partir do qual as comunidades discursivas legitimam seu dizer.

A circulação do sintagma “complexo de vira-latas” em 1958 não tinha a potência difusora das redes sociais e plataformas digitais. Contudo, parece haver uma forte influência da revista *Manchete Esportiva* na constituição dos dispositivos reguladores das comunidades discursivas. Os atores envolvidos na circulação da revista, assim como os leitores das crônicas de Nelson Rodrigues, supõem certa comunidade discursiva que está aparelhada, de certo modo, com a identidade social de Nelson Rodrigues.

Salgado e Gatti (2018, p. 570) explicam que as comunidades discursivas são mais ou menos amplas na medida em que há uma variação dos espaços públicos, dos ambientes de troca. Em 1958, quando houve a publicação da crônica, os espaços públicos nos quais ela circulou eram menos fragmentados que hoje; não havia as mídias digitais que respondem por essa fragmentação dos espaços e da circulação dos textos. Entretanto, não podemos afirmar que as comunidades discursivas eram menores ou maiores. O que se pode afirmar é que, de 1958 até meados dos anos 1990, o sintagma “complexo de vira-latas” não circulou com uma frequência expressiva ao ponto de relacioná-lo a comunidades discursivas específicas, isto é, a comunidades constituídas por uma certa identidade social, que convoca o sintagma com certos sentidos.

A partir dos anos 1990, quando o sintagma se consagra,¹³⁹ parece que há um processo de institucionalização de outras comunidades discursivas que gerem o “complexo de vira-latas”. Maingueneau (2008 [2006], p. 108) afirma que a noção de comunidade discursiva é solidária à de formação discursiva:

[...] a hipótese subjacente é que não basta opor as formações discursivas em termos puramente *textuais*: de um discurso a outro, há mudança na estrutura e no funcionamento dos grupos que gerem esses discursos (MAINGUENEAU, 2008 [2006], p. 108).

Em outros termos, conforme se dá a organização social, as comunidades interagem de um certo modo, e seus discursos são indissociáveis das instituições que as mantêm.

Esse processo de institucionalização das comunidades discursivas parece decorrer da circulação das obras de Nelson Rodrigues no âmbito do circuito editorial que se propôs nos anos 1990, sobretudo sua coleção de crônicas, publicada pela editora Companhia das Letras. Salgado e Gatti (2013) afirmam que

uma coletânea representa uma reunião desse material e, dessa forma, cria uma espécie de unidade antes não existente. Essa nova unidade não gera somente a impressão de que tudo o que está ali editado foi pensado pelo gênio autoral de uma forma única, como também estabelece um novo estatuto para a obra de um autor. É como se, para ser prestigiado no mundo editorial, o autor devesse ter seu trabalho, antes disperso num veículo de comunicação diário, divulgado em uma edição que tenha mais prestígio social (SALGADO; GATTI, 2013, p. 520).

Podemos observar, diante da afirmação das autoras, que uma coletânea funciona como legitimadora de uma obra, de um autor, estabelecendo um novo estatuto. Em retomada sintética ao que foi abordado na PARTE I da presente tese, a publicação da coletânea “Nelson Rodrigues” nos anos 1990 parece ser um exemplo de legitimação da obra de Nelson Rodrigues, garantindo um novo estatuto tanto da obra quanto da figura autoral. Em outros termos, pelos processos de mediação editorial, há um redirecionamento institucional da figura de autor de Nelson Rodrigues. Esse redirecionamento se propõe não somente no campo literário, mas também no campo jornalístico e midiático.

¹³⁹ Na PARTE I descrevemos os processos editoriais e literários pelos quais o sintagma se consagra nos anos 1990.

Expressões como “escritor maldito”, “pornográfico”, “tarado”, “reacionário” atribuídas a ele até os anos 1990 foram adquirindo novos contornos e significados. Nelson Rodrigues passa a ser reconhecido como escritor “genial” (Ruy Castro, 1992), “o maior teatrólogo de todos os tempos” e “incorrigível humanista” (José Lino Grünewald, 1993), “o nosso maior autor teatral” (Carlos Heitor Cony, 1993), “estilo irreverente e ridicularizante” (Wilson Figueiredo, 1993), “um dos maiores romancistas do Brasil” (Aguinaldo Silva, 1994), “Nelson era a pátria em chuteiras” (Hans Henningsen, o “Marinheiro sueco”, 1994), “grande filósofo do cotidiano” (Roberto Campos, 1995), “o maior dos jornalistas literários” (Gilberto Freyre, 1995). Essas expressões figuram nas orelhas dos livros que compõem a coletânea. Isso mostra como os espaços associados constituem e negociam outros estatutos, canonizam os espaços canônicos que, nessa conjuntura, redimensionam a figura de Nelson Rodrigues e suas obras, atribuindo-lhe outra identidade social. O sintagma ocupa outros espaços sociais legitimados por esse processo.

No tópico seguinte, descreveremos possíveis agrupamentos de comunidades discursivas do material coletado. Esses agrupamentos procuram mostrar posicionamentos discursivos conforme a circulação do sintagma em duas comunidades discursivas no contexto de mobilização do sintagma.

5.3 Uma proposta de duas comunidades discursivas

Observamos, no tópico anterior, que as comunidades discursivas existem *antes* e, conforme suas características constitutivas, mobilizam de um modo ou de outro o sintagma “complexo de vira-latas”, ligando-o ou não à figura de Nelson Rodrigues. Diante disso, serão analisados os modos como o sintagma é mobilizado em comunidades discursivas que põem em funcionamento o sintagma. O que se percebeu é que as comunidades discursivas mobilizam a figura de Nelson Rodrigues e o sintagma “complexo de vira-latas” como forma de mostrar um posicionamento discursivo de viés político-partidário.

Quanto às comunidades discursivas mencionadas no tópico anterior (*contrárias* ou *a favor* dos governos Lula/Dilma), nelas o sintagma pode ser mobilizado de dois modos que, por sua vez, podem ser complementares, um não sendo excludente do outro. Esses modos de mobilização não classificam as

comunidades discursivas de forma axiomática, mas propõem um ponto de partida para pensar os discursos que se estabelecem na relação dos sentidos do sintagma “complexo de vira-latas” com a organização dessas comunidades discursivas e instituições.

Sendo assim, temos:

a) **um modo que engloba a circulação do sintagma por meio da gestão da figura de Nelson Rodrigues.** Nesse modo, a comunidade discursiva é constituída por enunciadores que participam de um mesmo posicionamento discursivo, estejam eles no mesmo campo discursivo ou não. Há a menção a Nelson Rodrigues como forma de legitimar o sintagma. Por exemplo, quando dois enunciadores participam de campos discursivos distintos (jornalístico e econômico, por exemplo), mas que mobilizam o sintagma a partir de dois posicionamentos discursivos: *contrário* ou *a favor* dos governos Lula e Dilma; e

b) **um modo a partir das propostas de comunidades discursivas** apresentadas por Beacco (1999 apud MAINGUENEAU, 2004, p. 108). Nessa proposta, Dominique Maingueneau afirma que “[...] os modos de organização dos homens e de seus discursos são indissociáveis; as doutrinas são inseparáveis das instituições que as fazem emergir e que as mantêm” (op. cit., p. 108). Assim, o sintagma “complexo de vira-latas” pode ser compreendido no funcionamento discursivo de instituições, e a circulação do sintagma pode apontar para instituições (matrizes de sociabilidade) no sentido de afirmar os modos de organização dos discursos dessas instituições.

5.3.1 A figura de Nelson Rodrigues: valor de re e valor de dicto

Dos 48 textos que analisamos na presente tese, da perspectiva teórico-metodológica da fórmula discursiva, 14 fazem menção à figura de Nelson Rodrigues. Essas ocorrências não são alusivas somente: elas legitimam o uso do sintagma “complexo de vira-latas” na cena enunciativa. Isso se evidencia porque há um modo de gestão da figura de autor em Nelson Rodrigues que pressupõe essa legitimação. A pressuposição se refere à condição de Nelson Rodrigues ter o estatuto de *auctor*:

“Para ser plenamente auctor, é preciso ser reconhecido, ter uma ‘imagem de autor’. O grau desse reconhecimento varia com a natureza dos terceiros implicados” (MAINGUENEAU, 2008 [2006], p. 32). No caso da gestão da autoria em Nelson Rodrigues, podemos dizer que a circulação da coletânea de suas obras, publicadas pela Companhia das Letras com organização do famoso biógrafo Ruy Castro, foi crucial quanto à implicação do reconhecimento e a construção da imagem de autor de Nelson Rodrigues.

Segundo Maingueneau (2008 [2006], p. 32), “[...] há aqueles que atingem o estatuto de auctor maior quando seu prestígio é tamanho que se publicam textos dele que não estavam destinados a ser publicados”. Com a publicação da obra *Nelson Rodrigues por ele mesmo* em 2012, podemos afirmar que Nelson se enquadra nesse estatuto, visto que referida obra, organizada pela filha, Sonia Rodrigues, “[...] reúne diversas entrevistas do dramaturgo, em que afloram suas opiniões polêmicas e várias de suas máximas citadas até hoje, numa bem-realizada proposta, que deixa o autor falar por ele mesmo”.¹⁴⁰ Essa consagração de Nelson Rodrigues se deve a diversas atividades: desde a publicação de seus textos teatrais e crônicas esportivas publicadas nas décadas de 1950 e 1960, até a interação escritor/público e o círculo de especialistas/comentadores de suas obras. Esse processo inscreve a figura de Nelson Rodrigues num panteão de autores consagrados.

Do ponto de vista discursivo, Pierre Fiala e Marianne Ebel (1983 apud KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 56), estudando a fórmula “xenofobia” com base num corpus de cartas de leitores, estabelecem uma classificação de análise para expressões consideradas equivalentes como “racista” e “ser contra estrangeiros”: “[...] a série de enunciados que podem ser interpretados como tendo um valor *de re* e dos enunciados que podem ser interpretados como tendo um valor *de dicto*” (op. cit., p. 56, grifos do original). Ou seja, os pesquisadores propõem uma dicotomia entre enunciados que atestariam o caráter de referente social da fórmula (valor *de re*), por se relacionarem a um conteúdo e a um referente, e enunciados atestariam o caráter polêmico da fórmula, por se relacionarem com seu modo de dizer-se (valor *de dicto*). Nesse ponto, Krieg-Planque (2010, p. 57) ressalta que essas categorias de análise podem ser insuficientes para dar conta do estudo da fórmula, uma vez que “[...] se

¹⁴⁰ A descrição do livro consta do Portal *nelsonrodrigues.com.br*, disponível no seguinte endereço: <<http://www.nelsonrodrigues.com.br/site/materia.php?t=n&i=174>>. Acesso em: 01 fev. 2018

trata de desvendar quando se tenta compreender a maneira pela qual os locutores tomam posição em relação às palavras que são postas no centro do debate público”. Por isso são insuficientes para descrever exaustivamente seu funcionamento.

Entretanto, para uma compreensão das comunidades discursivas em torno da mobilização do sintagma “complexo de vira-latas”, é útil mobilizar essa classificação. Em qualquer corpus em que haja uma fórmula, nota-se a possibilidade de o sintagma ser interpretado tanto com valor *de re* quanto valor *de dicto*. O valor *de re* seria o fato de o enunciador apenas mobilizar o sintagma relacionando-o a um conteúdo, a um referente. Quanto ao valor *de dicto*, o enunciador mobiliza o sintagma junto da sua definição, frequentemente atribuindo a autoria a Nelson Rodrigues. Vejamos:

Excerto [31]

Em junho de 2014, quando for dado o pontapé inicial da Copa do Mundo de futebol, os protestos que incendiaram as cidades em 2013 terão completado um ano. Até lá, duas perguntas ficarão no ar. A primeira é se as respostas dadas às Jornadas de Junho terão sido satisfatórias para evitar uma nova onda de manifestações de rua de grandes dimensões. A segunda é em que medida, caso ocorram tais manifestações, elas terão alguma influência nas eleições de 2014 – e em que direção.

[...]

Um outro fator ajudará bastante. A imagem do país estará em jogo; o orgulho nacional, em campo. Ninguém quer dar asas, debaixo de nossos próprios narizes, ao **complexo de vira-latas** que acha que por aqui nada presta, nada funciona, e que o Brasil está sempre fadado a dar vexame diante do mundo. Ninguém quer ver turistas intimidados ou espremidos em um corredor polonês, com manifestantes, de um lado, e a polícia, de outro. Todos torcem para que a Copa termine sem mortos, sem feridos e sem cheiro de gás lacrimogêneo.

A percepção dos brasileiros sobre a Copa, conforme aferida em pesquisas, mudou muito. Inicialmente, a conquista do governo Lula de trazer o campeonato mundial para o Brasil havia sido motivo de alegria, saudada efusivamente por um povo que é apaixonado por futebol. Neste ano, com os protestos, o jogo virou. A Copa passou a ser vista com um misto de incompreensão, frustração e revolta. Quase um presente de grego.¹⁴¹

O Excerto [31] pertence a um artigo de opinião intitulado “A Copa pode ser a bala de prata da oposição em 2014?”, escrito pelo cientista político Antônio Lassance, publicado originariamente no portal *Carta Maior* em dezembro de 2013 e

¹⁴¹ A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo AD.

republicado em outros portais, como no portal *Conexão Jornalismo*. O tema do artigo se refere às possibilidades de a realização da Copa do Mundo no Brasil ser benéfica ou não para o governo Dilma. No início do excerto, o enunciador se mostra preocupado com as eleições de 2014, pois o fracasso do evento de futebol, juntamente com as “Manifestações de junho”, levaria a candidata petista a uma derrota nas urnas.

O enunciador também mostra outro fator agravante para a derrota de Dilma: “A imagem do país estará em jogo; o orgulho nacional, em campo”. Esse enunciado convoca para a cena enunciativa o sintagma “complexo de vira-latas”, explicitado logo em seguida. Nesse caso, o sintagma pode ser interpretado como valor *de re*, uma vez que o locutor faz uso dele e relaciona-o a um referente: a noção de orgulho nacional. Nesse sentido, há uma pressuposição de que o interlocutor já conhece o significado do sintagma, ou que já leu a crônica de Nelson Rodrigues – o enunciador não relaciona explicitamente o “complexo de vira-latas” à noção de autoria ou mesmo à gestão da figura de Nelson Rodrigues, como forma de garantir um fiador.

Nota-se que o enunciador, após mobilizar o sintagma, procurando afirmar um posicionamento de autoestima, ainda mostra sinais de preocupação diante da realização da Copa do Mundo e das eleições de 2014. Com o enunciado “Neste ano, com os protestos, o jogo virou”, o enunciador fornece indícios de que as “Manifestações de junho” seriam o ponto de partida para o impeachment de Dilma Rousseff em 2016. Para Souza (2016, p. 87), essas manifestações formaram a “base popular” do impeachment.

Vejamos, a seguir, a interpretação do sintagma “complexo de vira-latas” com valor *de dicto*:

Excerto [32]

O complexo de vira-lata – diagnosticado por **Nelson Rodrigues** após a derrota do Brasil na Copa de 1950 – é uma doença que espreita nas reentrâncias da alma nacional. Ela vai e volta, ao sabor dos nossos humores ocasionais. Desconfio que estamos mergulhando, a propósito desta Copa, no mais fundo abismo da nossa autoestima. Quer dizer, da falta dela. Pior talvez do que no pós-Maracanazo. Leio na pesquisa da CNT que três em quatro brasileiros reprovam os investimentos feitos para a Copa-14. O jeito que eu tenho de ler isso é, digamos, mais pedestre: $\frac{3}{4}$ dos brasileiros acham que gastar dinheiro com esse evento futebolístico, ainda que

com tal exposição internacional, com tamanha repercussão turística e institucional, é um desperdício.¹⁴²

Excerto [33]

Já disse aqui uma vez e reitero. Ainda há em nosso país um grupo que o fantasma de **Nelson Rodrigues** continua a assombrar: o dos que não acreditam no Brasil. E vemos agora ecoar mais uma vez em certos segmentos de nossa população o **complexo de vira-lata** de que falou o cronista. E isso vem justamente na esteira de uma grande oportunidade de sediarmos a 20ª Copa do Mundo, um megaevento disputado pelos países desenvolvidos, motor de desenvolvimento e, sem nenhuma dúvida, farol de projeção geopolítica.

Realizamos obras mais difíceis e importantes que uma Copa, e já fizemos uma em 1950, porém a de 2014 parece objeto preferencial de um derrotismo de várias inspirações. Parecemos retomar a fracassomania! já presente em outros períodos de nossa história.¹⁴³

O Excerto [32] pertence ao texto “A Copa ressuscitou nosso complexo de vira-lata. Freud explica?”, de Nirlando Beirão,¹⁴⁴ publicado no blog *Nirlando Beirão* em fevereiro de 2014. Já no título, o enunciador procura construir uma cenografia do discurso médico. O lexema “ressuscitou”, que significa nascer de novo, voltar à vida, e o sintagma “Freud explica?” são elementos dessa semântica. Antes de “ressuscitar”, as aparições e frequência do sintagma “complexo de vira-latas” são fracas e dispersas. Para o enunciador, a Copa de 2014 é o momento em que o sintagma “ressuscita”.

Pelos dados mostrados no enunciado “Leio na pesquisa da CNT que três em quatro brasileiros reprovam os investimentos feitos para a Copa-14”, o enunciador lança mão da expressão “Freud explica?” no sentido de compreender esses dados, as razões pelas quais há um número expressivo de brasileiros que não gostariam de o Brasil ser sede do evento esportivo. A expressão “Freud explica?” funcionaria como uma maneira de compreender algo que é da ordem do inconsciente.

Ainda no Excerto [32], o enunciador utiliza uma estratégia de cenografia que delinea um “Nelson Rodrigues” especialista do discurso médico. Os lexemas *diagnosticado*, *doença*, *humores ocasionais* e *autoestima* produzem uma cenografia

¹⁴² A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo AE.

¹⁴³ A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo AF.

¹⁴⁴ Jornalista e escritor, Nirlando é colunista do Jornal da *Record News*. Foi colunista do *Estado de S. Paulo*, da *Carta Capital* e do *Correio Braziliense*, editor da *Veja* e da *Isto é* e fundador das revistas *Caras*, *Wish Report* e *Status*. É diretor-adjunto da revista *Brasileiros*. Com informações coletadas de seu perfil do blog. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/blogs/nirlando-beirao/>>. Acesso em: 01 fev. 2018.

de uma rotina de consulta médica. O sintagma “complexo de vira-latas” é o diagnóstico dado pelo “médico” Nelson Rodrigues. Tomando a Medicina como ciência, o enunciador mobiliza o discurso científico no enquadre da figura de Nelson Rodrigues. Esse enquadre talvez tenha sido possível devido ao estatuto de auctor conferido a ele: uma figura fiável, consagrada por seus textos, suas opiniões. Nesse caso, nota-se o sintagma “complexo de vira-latas” sendo interpretado como valor *de dicto*. O enunciador não somente cita o sintagma, mas também, vinculado a ele, menciona a figura de Nelson Rodrigues configurando um modo de legitimar o dito a partir da figuração de Nelson Rodrigues, que o enunciou como um diagnóstico de uma doença da “alma nacional”.

Já o Excerto [33] é parte do texto “Abaixo o complexo de vira-lata e a fracassomania na Copa do Mundo!”, de Ricardo Gomyde, posto em circulação em abril de 2014 no *Blog do Esmael*, cujo slogan é “A política como ela é em tempo real”. Possenti (2008), em seu artigo intitulado *Slogans que se retomam*, afirma que os slogans, principalmente os de teor político, são

[...] construídos a partir de enunciados correntes, sejam eles de ordem ética e moral, sejam os lugares-comuns que resumem ideologias partidárias, e que os coloca no domínio das relações intertextuais e interdiscursivas (POSSENTI, 2008, p. 127),

Nota-se que o slogan do *Blog do Esmael* se coloca como ordem ética e moral, parafraseando a coluna “A vida como ela é”.¹⁴⁵ Parece que há uma relação intertextual e interdiscursiva com a obra de Nelson Rodrigues. Nos contos de *A vida como ela é...*, Nelson discute temas tais como fidelidade, ciúmes, traição, dualidade entre amor e sexo, a moral e os bons costumes entre as famílias do subúrbio e de Copacabana – isto é, temas que são, de certa forma, constantes na sociedade, mas que é difícil tornar explícitos. O slogan do *Blog do Esmael* altera o termo “vida” pelo termo “política”, propondo que o propósito do blog é explicitar temas políticos que a mídia conservadora não aborda: sem filtros, “como ela é”. Fica evidente, portanto, uma intertextualidade e interdiscursividade com a obra de Nelson Rodrigues.

No Excerto [33] percebe-se, no enunciado “porém a de 2014 parece objeto preferencial de um derrotismo de várias inspirações”, que os comentários políticos

¹⁴⁵ Nome dado à coluna diária escrita por Nelson Rodrigues no jornal *A Última Hora* entre 1951 e 1961. Posteriormente, em 1992, a editora Companhia das Letras seleciona, junto de Ruy Castro, contos dessa coluna, publicando o livro *A vida como ela é... O Homem Fiel e outros contos*.

mostram um posicionamento a favor dos partidos de esquerda brasileira. Isso porque Lula, em 2010, em seu discurso em homenagem ao Dia do Trabalhador, já mobilizou a palavra “derrotistas” (derrotismo) como sendo a “turma do contra; aos que diziam que o Brasil tinha que se contentar com um crescimento medíocre”. Nesse sentido, o discurso derrotista é posto em evidência para mostrar o posicionamento do enunciador em defesa das vantagens da realização da Copa, logo, em defesa do governo Dilma Rousseff. Isso se sustenta com o enunciado: “Copa do Mundo, um megaevento disputado pelos países desenvolvidos, motor de desenvolvimento e, sem nenhuma dúvida, farol de projeção geopolítica”.

O texto que contém o Excerto [33] é de autoria do ex-deputado estadual do Paraná pelo PCdoB, Ricardo Gomyde. Baronas (2011), no estudo que realizou sobre blogs de comentários políticos,¹⁴⁶ explica que estes se organizam de forma diferente dos blogs pessoais: “[...] os blogs de comentário têm uma arquitetura que se assemelha muito ao de um site, isto é, um leiaute com diversas seções que dão acesso aos mais variados tipos e textos e de links” (op. cit., p. 49), e que a maioria dos autores desse tipo de blog são jornalistas. Desse modo, podemos classificar o *Blog do Esmael* como um blog de comentário político, visto que possui as características mencionadas por Baronas (2011), assemelhando-se aos portais de jornais on-line.

No Excerto [33], o enunciador associa a figura de Nelson Rodrigues com a de um “fantasma”, no sentido de causar “assombro” em grupos políticos e/ou sociais que duvidaram da realização da Copa do Mundo no Brasil. O sintagma “complexo de vira-latas” é uma condição de dúvida de alguns segmentos da sociedade.

Nos dois excertos mencionados ([32] e [33]), nota-se a articulação do sintagma “complexo de vira-latas” com a figura de Nelson Rodrigues como forma de legitimar o dizer. Nesse sentido, o sintagma é interpretado com valor *de dicto*, pois vincula o sintagma à figura de Nelson Rodrigues, passando por explicações sobre seus sentidos, convocando certos sentidos afiançados pela citação da fonte.

Podemos constatar, conforme as análises feitas, que o sintagma é interpretado de dois modos, mostrando o posicionamento dos enunciadores nas comunidades discursivas das quais participam.

¹⁴⁶ O estudo de Baronas (2011) compõe capítulo do livro *Ensaio em Análise do Discurso: questões analítico-teóricas* (EdUFSCar, 2011).

Quanto ao valor *de re*, essas comunidades podem ou não pressupor o conhecimento do sintagma por parte dos interlocutores na convocação da figura de Nelson Rodrigues quanto ao significado de “complexo de vira-latas”. Quanto ao valor *de dicto*, podemos constatar o uso do sintagma “complexo de vira-latas” juntamente com a figura de Nelson Rodrigues no sentido de explicar a relação existente entre o sintagma e o escritor, assim como tecer comentários sobre o significado do sintagma na cena enunciativa.

Esse processo mostra enunciadores inseridos em comunidades discursivas que explicitam modos de entender o significado do sintagma. Isso parece ser um indício do aspecto polêmico da fórmula, visto que a figura de autor de Nelson Rodrigues ou o significado do sintagma, quando mobilizados na cena enunciativa, procuram fundamentar e/ou legitimar o discurso. Isso ocorre, segundo nossa hipótese inicial, pelo viés do discurso literário na condição de um discurso constituinte – portanto um discurso de “origem” (Maingueneau, 2008 [2006]), que valida outros discursos. Sendo assim, visto dessa perspectiva, é possível compreender que a menção ou não à figura de Nelson Rodrigues associa o sintagma a um discurso primeiro.

5.3.2 Comunidade discursiva a partir das propostas de Jean-Claude Beacco: o posicionamento das instituições

Krieg-Planque (2018, p. 17) apresenta, como exemplos de instituições, “[...] partidos políticos, sindicatos, organizações públicas e privadas”. A pesquisadora afirma também que “[...] certas instituições existem principalmente pelo fato de produzirem discurso” (op. cit., p. 36). Dessa perspectiva, cabe pensar de que modo as instituições – aqui compreendidas como os partidos políticos e a imprensa como organização privada – se organizam e constituem uma determinada comunidade discursiva a partir do uso do sintagma “complexo de vira-latas”. As comunidades discursivas, na compreensão de Krieg-Planque (2018, p. 36) designam “[...] os grupos sociais que não existem independentemente da enunciação de textos que produzem e difundem segundo normas quase sempre fortemente codificadas”.

Desse modo, articulando os exemplos de instituições dados por Krieg-Planque (2018) às comunidades discursivas propostas por Jean-Claude Beacco,

procuraremos observar em que medida o sintagma “complexo de vira-latas” mostra o posicionamento discursivo de instituições constitutivas de uma comunidade discursiva.

Como dito anteriormente, as comunidades discursivas propostas por Beacco (1999) podem contribuir na medida em que se pode verificar, a partir das definições das comunidades discursivas, os posicionamentos dos enunciadores e das intuições. O *mídiu*m, por definição, exerce um papel crucial na manutenção de uma comunidade discursiva, pois funciona como um vetor de sensibilidade, isto é, ele é responsável por manter em circulação os discursos de certas instituições. O *mídiu*m funciona, assim, como um lugar em que as práticas discursivas de uma determinada comunidade discursiva se mostram evidentes.

No caso observado a seguir, o Portal *Infomoney* funciona como um *mídiu*m, um vetor de sensibilidade (DEBRAY, 2000), que põe em circulação determinados textos que materializam o posicionamento discursivo de uma instituição privada – no caso, uma instituição do campo da comunicação relacionada a investimentos financeiros. Essa instituição privada de investimentos financeiros passa a funcionar como uma matriz de sociabilidade (DEBRAY, 2000): uma instituição que faz convergirem forças simbólicas de representação e manutenção dos discursos.

Excerto [34]

O empresário Abílio Diniz, um dos principais homens de negócios do país, que comandou o Pão de Açúcar e hoje preside a Brasil Foods, avalia que a realização da Copa de 2014 serviu para enterrar de vez o **complexo de vira-latas**.

“Muitos duvidaram da nossa capacidade de promover um espetáculo tão vibrante e emocionante, que acabou se transformando num atestado ao mundo e a nós mesmos da nossa capacidade de organização e realização. Mais importante ainda, esta Copa deixa a lição de que o Brasil é maior do que seus próprios problemas”, disse ele em um artigo intitulado “As lições da Copa”.¹⁴⁷

Observamos que o *mídiu*m – o Portal *Infomoney* –, ao fazer circular uma notícia sobre um artigo de Abílio Diniz, legitima um discurso empresarial, voltado para grandes investidores do mercado financeiro, visto que o empresário possui um certo prestígio no meio econômico do Brasil. O uso do sintagma “complexo de vira-latas” no discurso empresarial fornece condições de constituição de uma

¹⁴⁷ A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo AG.

comunidade discursiva, a qual faz circular discursos que promovam o investimento industrial e financeiro no meio empresarial brasileiro.

O Excerto [34] refere-se à notícia “Abílio Diniz: ‘Brasil deu atestado de sua capacidade’ e ‘é maior que seus problemas’”,¹⁴⁸ publicada originariamente no Portal eletrônico *Brasil 247* e republicada no Portal *Infomoney* em

7 de julho de 2014 pela Agência Brasil. A notícia faz referência ao artigo do empresário Abílio Diniz, que afirmou que o Brasil teve organização na realização da Copa do Mundo de 2014. O sintagma “complexo de vira-latas” é citado pelo enunciador no sentido de reafirmar um posicionamento do empresário sobre a capacidade, do Brasil, de sediar um evento esportivo mundial.

Podemos compreender o sintagma do Excerto [34] na comunidade discursiva “(1) [...] predominantemente econômica” (BEACCO, 1999 apud MAINGUENEAU, 2004, p. 108), visto que referencia o lugar discursivo de um presidente de uma empresa/indústria brasileira. O posicionamento de Abílio Diniz é de um presidente de uma instituição com fins lucrativos. Logo a paráfrase do “complexo de vira-latas” se inscreve numa dimensão mercantilista e, mais especificamente, na dimensão de funcionar como uma propaganda dos negócios do empresário. Com isso, ao dizer que “acabou se transformando num atestado ao mundo e a nós mesmos da nossa capacidade de organização e realização”, o empresário assume um lugar discursivo de onde atesta (ou, pelo menos, sugere) que as empresas brasileiras têm condições de competir com as empresas estrangeiras.

Vejamos a seguir um exemplo de outra comunidade discursiva.

¹⁴⁸ A notícia foi produzida a partir de um artigo de opinião do empresário Abílio Diniz, intitulado “As lições da Copa”, publicado no jornal online *Folha de S. Paulo* em 07 de jul 2014. Não tivemos acesso a esse artigo porque é de exclusividade de assinantes do jornal.

Excerto [35]

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva participou, na noite desta sexta-feira (10), de ato em defesa da democracia, contra o golpe e pela volta da presidenta Dilma Rousseff em São Paulo, na Avenida Paulista. Para mais de 100 mil pessoas, Lula condenou o governo golpista de Michel Temer e afirmou que, com José Serra no Ministério das Relações Exteriores, o País retomou o “**complexo de vira-latas**”.

“Eu vi uma entrevista do Serra no Roda Viva. Voltou o **complexo de vira-latas**. O ministro Serra reconheceu que o Brasil não pode se meter nas coisas de países grandes, nós temos que reconhecer o nosso lugar. A gente não é respeitado porque é rico, grande, tem bomba atômica... Os EUA seriam muito mais respeitados se fossem generosos com o resto do mundo. Para andar de cabeça erguida a gente não tem que ser melhor ou pior, tem que ser igual”, disse.¹⁴⁹

Quanto à segunda comunidade discursiva descrita por Jean-Claude Beacco, no texto “Com Temer, voltou o ‘complexo de vira-latas’ do Brasil, diz Lula”, parece que a oposição ao governo Temer procura institucionalizar os discursos do próprio PT. O mídiun no qual a notícia circulou, o portal “pt.org.br”, põe em funcionamento o sintagma como vetor de sensibilidade dos discursos dos governos Lula/Dilma, contrapondo-se ao governo de Michel Temer. Nesse sentido, podemos pensar que no período em que Lula e Dilma governaram o Brasil, o brasileiro recuperou a autoestima e a confiança diante de outras nações. Com o impeachment perpetrado, o governo Temer institucionaliza novamente a autodepreciação e subserviência do brasileiro que havia antes.

O Excerto [35] foi publicado no portal do Partido dos Trabalhadores (Portal PT) em 10 de junho de 2016. A notícia se refere a uma fala do ex-presidente Lula em ato público na Avenida Paulista, em São Paulo, sobre o impeachment de Dilma Rousseff e a posse de Michel Temer como presidente.

Podemos classificar esse texto na segunda comunidade discursiva proposta por Beacco (1999 apud MAINGUENEAU, 2004, p. 108): “[...] predominantemente ideológicas que são produtoras de valores, de opiniões e de crenças” (partidos políticos, associações...).” Por ser uma notícia posta em circulação em um site de partido político, como registro de um ato público de posicionamento contra um acontecimento político, entende-se que o sintagma “complexo de vira-latas” é um índice de valor ideológico para representar a forma como o partido descreve a posição do Brasil em face de outros países desde que houve o golpe.

¹⁴⁹ A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo AH.

Quando se trata das comunidades discursivas “[...] predominantemente científicas e técnicas que produzem conhecimentos” (BEACCO, 1999 apud MAINGUENEAU, 2004, p. 108), podemos pensar o sintagma “complexo de vira-latas” sendo objeto de análise em artigos científicos, dissertações ou teses. Vejamos:

Excerto [36]

No *site Acervo Folha*, que nos permite pesquisar nas edições completas do jornal *Folha de S. Paulo* desde 1960, verificamos que a frequência do termo “**complexo de vira-latas**” aumenta significativamente a partir de 2007, ano em que o Brasil foi escolhido para sediar o Mundial: até então em geral com menos de cinco ocorrências anuais, o termo alcança sete registros em 2007, 13 em 2008, 11 em 2009, 6 em 2010, 12 em 2011, 18 em 2012, 8 em 2013 e 22 em 2014, ano de realização da Copa. É digno de nota que nesse período o termo circule nos mais variados cadernos da *Folha* (Primeiro Caderno, Cotidiano, Ilustrada etc.), inclusive alcance posições de destaque em 2014 em chamadas de primeira página e editorial (nas edições de 13 e 15 de agosto) e em alguns títulos.¹⁵⁰

O Excerto [36] pertence ao artigo científico *Sobre ‘viralatismo’ e ‘pessimismo’: o discurso da inferioridade voluntária do brasileiro no entorno da Copa de 2014*, de autoria de Julia Almeida, publicado em 2015 no periódico *Contextos linguísticos*, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Nele, a autora¹⁵¹ toma o sintagma “complexo de vira-latas” como objeto científico no intuito de analisar os discursos em circulação na grande mídia corporativa e os blogs de esquerda (ALMEIDA, 2015) que tratam da inferioridade voluntária do brasileiro durante a realização da Copa do Mundo.

No Excerto [36], a professora mostra a frequência do sintagma “complexo de vira-latas” desde 1960 até 2014. Os instrumentos de coleta de dados utilizados por ela são os disponíveis no site do acervo *Folha*. Ela verificou um aumento significativo de ocorrências do sintagma a partir de 2007, ano em que o Brasil foi escolhido para sediar a Copa do Mundo. Diante disso, nota-se uma pesquisa de caráter científico com o sintagma, de modo que podemos relacioná-lo, na classificação de comunidades discursivas propostas por Beacco (1999 apud

¹⁵⁰ A íntegra do texto está disponível no seguinte endereço: <<http://www.periodicos.ufes.br/contextos-linguisticos/article/view/9676/7493>>. Acesso em: 29 jan. 2018.

¹⁵¹ Julia Almeida é professora doutora do Departamento de Línguas e Letras da UFES, em Vitória (ES), Brasil.

MAINGUENEAU, 2004, p. 108), a uma enunciação de comunidades discursivas “predominantemente científicas e técnicas que produzem conhecimentos”. O Excerto é um exemplo de que o sintagma “complexo de vira-latas” pode ser estudado no campo das Ciências Humanas como forma de produção de conhecimento. Desse modo, pode ser objeto de estudo de uma determinada comunidade discursiva.

Quanto ao tipo (4) de comunidade discursiva descrita por Beacco (1999 apud MAINGUENEAU, 2004), as “comunidades do espaço midiático que difundem e confrontam conhecimentos, opiniões, valores, organizando um mercado de textos” (op. cit., p. 109), podemos dizer que se trata das comunidades que se inscrevem em diferentes mídiuns do discurso midiático, assim como as comunidades discursivas anteriores. Esses mídiuns funcionam como lugares discursivos nos quais o sintagma “complexo de vira-latas” é posto em circulação. Como os mídiuns são de natureza variada quanto aos posicionamentos discursivos, é necessário classificar as ocorrências do sintagma de acordo com cada tipo de comunidade discursiva, a depender do processo enunciativo no qual os enunciadores se inscrevem. Vejamos:

Excerto [37]

Começou a Copa e o que mais ouço e leio é: “esquerda”, “direita”, “cozinha”, “petralha”. Quem, afinal, está em campo?

Começou a Copa e o que mais ouço falar não é “Neymar”, “Oscar”, “Marcelo”, “Felipão”.

O que mais ouço e leio é: “esquerda”, “direita”, “cozinha”, “petralha”. Quem, afinal, está em campo?¹⁵²

O Excerto mencionado pertence à crônica “A nação ressentida”,¹⁵³ de Renato Essenfelder, publicada no jornal online *O Estado de S. Paulo*, em 13 de junho de 2014 logo após a abertura da Copa do Mundo. A crônica trata de comentar as expressões em evidência em diferentes mídiuns, por diferentes atores sociais, durante a realização do evento esportivo. O enunciador, de saída, mobiliza os enunciados “esquerda”, “direita”, “cozinha”, “petralha” no sentido de mostrar marcas dos discursos em circulação naquele momento. Mesmo que o evento tenha projeção mundial, o que se percebe é que, no Brasil, os discursos evidenciam o embate instituído entre os dois partidos que disputam as eleições de 2014: o Partido dos

¹⁵² A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo AI.

¹⁵³ Esse texto será retomado na análise do tópico “6.2.3 Nação ‘ressentida’: de que lado estamos?”.

Trabalhadores (PT) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Vejamos mais um excerto do mesmo texto:

Excerto [38]

O problema é que isso me tornou tucano, nos últimos dias. Não saber horário de jogo é tucanagem, não querer botar dinheiro em ingresso é tucanagem, querer que a Copa vá pra Austrália é tucanagem.

Preferir cinema a futebol é “**complexo de vira-lata**”. Como se o futebol definisse quem sou ou somos.

No Excerto [38], o enunciador afirma que se tornou um “tucano”. Na gíria política, o tucano se refere a quem adere ao PSDB. O enunciador mobiliza o sintagma “complexo de vira-latas” para demarcar um posicionamento discursivo do outro que o enquadra: aqueles que preferem cinema a futebol teriam “complexo de vira-latas”. Nesse sentido, parece que o enunciador já mostra um certo distanciamento do PSDB. No enunciado “Como se o futebol definisse quem sou ou somos”, há também um distanciamento do enunciador quanto à preferência por jogos de futebol no sentido de que a preferência por essa prática esportiva funcionaria como demarcador da identidade das pessoas. No contexto em que esse texto foi posto em circulação (conjuntura da Copa do Mundo e da campanha das eleições presidenciais de 2014), podemos associar, também, um distanciamento do enunciador quanto à realização da Copa do Mundo. Se considerarmos que o governo de Dilma Rousseff mobilizava discursos em favor da realização da Copa do Mundo, nota-se um certo distanciamento do enunciador quanto ao PT.

A separação entre aqueles que possuem o “complexo de vira-latas” (preferem filmes) e aqueles que não possuem (preferem futebol) tende a qualificar o enunciador como membro de uma comunidade discursiva que não está contente com as discussões partidárias entre PSDB (uso da expressão “tucano”) e PT (não gostar de futebol nesse contexto da Copa do Mundo 2014). Observando o Excerto a seguir, extraído do mesmo texto, veremos que se pode perceber a comunidade discursiva a qual o enunciador se insere.

Excerto [39]

E meus amigos loucos por futebol? Todos tornaram-se petistas. Querer vestir a família inteira com a bonita camisa da Seleção é petismo, pendurar bandeiras é petismo, gritar como louco na rua é petismo.

Este é o pior jogo de todos. O Fla-Flu partidário, ignorante e mesquinho, que não deixa quem gosta de futebol curtir o seu futebol e não deixa quem não gosta de futebol curtir o seu filminho. Viramos uma nação de mutleys e rabugentos que reclamam quando faz sol, reclamam quando faz frio, reclamam quando não faz nem sol nem frio.

Na mobilização da metáfora “Fla-Flu partidário”, o enunciador fala de uma nação dividida entre dois “times” que são partidos, em que há um acirramento e rivalidade partidária, disputando por projetos diferentes de nação instituídos por partidos representantes desses “times”. Quando o enunciador afirma que os “amigos” que gostam de futebol são petistas, supõe-se que o enunciador se posiciona contra o PT. Podemos compreender esse posicionamento a partir do enunciado “é o pior jogo de todos. O Fla-Flu partidário, ignorante e mesquinho, que não deixa quem gosta de futebol curtir o seu futebol e não deixa quem não gosta de futebol curtir o seu filminho”, o qual mostra que o enunciador se vê, de certa forma, coagido pela obrigatoriedade de gostar de futebol. O enunciador percebe uma coerção do momento político. Desse modo, se posiciona contra os discursos em circulação nesse período que defendem que o brasileiro é obrigado a gostar de futebol.

Mais adiante, no Excerto [39], no enunciado “viramos uma nação de mutleys”, o uso do verbo “virar” na primeira pessoa do plural permite interpretar o enunciador como um “sujeito coletivo compacto” (MAINGUENEAU, 2013, p. 152), isto é, o verbo no plural mostra um “eu” difuso, amplificado, com contornos indefinidos. A nação, nesse sentido, se insere num jogo político por uma disputa de poder que ele vê como “ignorante e mesquinha”.

O enunciador pode se representar pelo significado de “Mutley” que, no desenho animado *Corrida Maluca*,¹⁵⁴ é o cachorro companheiro do personagem Dick Vigarista. Pode-se depreender uma substituição do sintagma “complexo de vira-latas” por “mutleys”. Essa substituição infere uma mudança de sentido: enquanto o “complexo de vira-latas” designa os discursos de subserviência do brasileiro diante

¹⁵⁴ Desenho animado da Cartoon Network Studios. Com informações coletadas do seguinte endereço: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Muttley>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

de outros povos, no caso do Excerto [39] o brasileiro em relação ao norte-americano “mutleys” manifesta uma situação de rabugentice. Isto é, no contexto da Copa do Mundo de 2014, a divisão partidária dos brasileiros está mais para uma questão de mau-humor e incompreensão do que fanatismo por um ou outro partido.

Os Excertos selecionados do texto “A nação ressentida” mostram um enunciador que se posiciona contundentemente contra o “Fla-Flu partidário”, se opondo a diferentes posicionamentos discursivos. Ao longo da crônica, o enunciador se opõe aos discursos que estão em circulação no período da Copa do Mundo e da pré-campanha eleitoral de 2014, que foram sendo postos em embate por adeptos dos partidos PSDB e PT. O enunciador, portanto, participa de uma comunidade discursiva dos não adeptos a partidos políticos e de jogos de futebol (Copa do Mundo). Com isso, nota-se que a comunidade discursiva se representa institucionalmente por meio do jogo de posicionamento do enunciador, que ora mobiliza expressões para se referir à “esquerda”, tais como “petista” e “petismo”, ora mobiliza expressões da “direita”, tais como “tucano” e “tucanagem” como forma de legitimar o seu discurso e, portanto, institucionalizar um tipo de comunidade discursiva que se mostra dividida politicamente.

Assim, é importante delimitar as comunidades discursivas como parte constitutiva da circulação do sintagma “complexo de vira-latas”, pois é inserido numa determinada comunidade discursiva que as práticas discursivas do sujeito prevalecem. A partir da compreensão de como uma determinada comunidade discursiva funciona, é possível descrever as maneiras pelas quais o sintagma adquire usos sociopolíticos que, em nossa pesquisa, ocorrem após 2010 e se fortalecem a partir de 2013, tendo as “Manifestações de junho” como ponto de partida para o impeachment de Dilma Rousseff.

No próximo Capítulo, buscaremos analisar, numa ordem cronológica de postagem e circulação dos textos, o sintagma e sua relação com a sua respectiva comunidade discursiva e com os discursos sobre nação/Estado de 2014 a 2016. Por fim, nos deteremos em dois textos cuja repercussão, em 2016, mostrou um país dividido não somente entre a população, mas, sobretudo, no Poder Judiciário brasileiro.

CAPÍTULO 6

6. Usos sociopolíticos do sintagma “complexo de vira-latas”: projeto de nação/Estado

Nos capítulos anteriores, mostramos que o sintagma “complexo de vira-latas” ficou latente de 1958 até o início dos anos 1990. Como bem notou Ruy Castro (COMPLEXO DE..., 2014), nesse período, “[...] essa expressão continuou ainda enterradinha. E só muito aos poucos ela foi sendo trazida de novo à tona e reabilitada. E hoje ela está incorporada ao pensamento brasileiro”. Para o biógrafo, ela foi sendo “incorporada ao pensamento brasileiro” depois das publicações da obra *O Anjo Pornográfico – A vida de Nelson Rodrigues* (1992) e da coletânea *Nelson Rodrigues*, ambas chanceladas pelo capital simbólico da editora Companhia das Letras, como vimos.

A partir da década de 1990, o sintagma “complexo de vira-latas” passou por um processo de consagração, isto é, passou a ser reconhecido e comentado por todos. Isso se deu após um processo de mediação editorial que envolveu: a Companhia das Letras; a figura de Nelson Rodrigues, auctor já consagrado pelo viés da dramaturgia e da crônica esportiva; Ruy Castro, também auctor reconhecido por suas biografias; todo o sistema de circulação que essas obras passaram a ter nos circuitos de livrarias, feiras literárias e eventos de leitura e literatura; e os diversos mídiuns, que funcionaram como espaços associados de constituição e consagração do sintagma “complexo de vira-latas”.

Após os anos 1990, o sintagma estava consagrado. Era mobilizado em diversos mídiuns por diferentes atores sociais no sentido de explicar o sentimento de inferioridade do brasileiro em relação a outros países. Contudo, se usava o sintagma fundamentalmente no campo esportivo, sobretudo para tratar de assuntos relacionados a futebol.

A partir de 2009, com uma fala da então ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, para o jornal *Folha de S. Paulo*, e com um discurso do ex-presidente Lula no Palácio do Itamaraty em 2010, o sintagma “complexo de vira-latas” passa a ser mobilizado em contextos políticos. Vejamos:

Excerto [40

]

FOLHA - Quais são os pontos positivos que o governo Lula poderá apresentar durante a campanha eleitoral, em 2010?

DILMA - Eu acho que três, que vamos deixar de legado. Crescimento econômico, inflação sob controle e o fato de termos elevado à classe média milhões de brasileiros. Outro dia, o último dado dava quase 25 milhões de pessoas. Criamos uma rede de proteção para os mais pobres, fizemos uma transformação da educação básica. Tem ainda a questão das escolas técnicas, esse orgulho do presidente de ser quem mais criou universidades no Brasil. O JK criou 10, ele criou 11.

FOLHA - Duas não vinham do governo FHC?

DILMA - Tem mais três no Congresso. Tem o PAC. E tem mais uma coisa, a questão da nossa soberania, o fato de termos sido capazes, mantendo a nossa soberania, de ter uma política externa de diversificação de parceiros. O Brasil acabou com a submissão que tínhamos aos Estados Unidos, à Europa, e passou a ser um "player" internacional. E o presidente fez isso magistralmente. Essas coisas produzem, no Brasil e no governo, a respeitabilidade internacional. Eu acho que essa autoestima nós conseguimos passar para a população. Hoje nós não temos mais aquilo que o Nelson Rodrigues chamava de **complexo de vira-latas**. Eu acho que o Brasil mudou. E acho que as pessoas sabem disso.¹⁵⁵

Excerto [41]

Em discurso durante a formatura de novos diplomatas, no Itamaraty, o presidente fez um balanço de sua política externa e rebateu críticas recebidas ao longo de seu mandato.

“Eu disse um dia ao Celso (Amorim): você precisa tomar muito cuidado, porque o Brasil está começando a ficar importante. E quando um país fica importante, começa a gerar ciúmes e começa a arrumar inimigos”, disse o presidente.

“Aqueles que não foram capazes de fazer o que você está fazendo vão começar a ser contra. Até porque durante muito tempo nós fomos induzidos a um **complexo de vira-lata**. O importante era não ser ninguém”, acrescentou Lula.¹⁵⁶

As falas de Dilma e Lula funcionam como fundantes dos discursos da esquerda, com a menção ao sintagma “complexo de vira-latas” e a partir dos quais diferentes atores sociais passam a mobilizá-lo com teor sociopolítico. No entendimento de Krieg-Planque (2010, p. 9), os atores sociais podem ser os “homens e mulheres políticos, militantes de associações, representantes sindicais, dirigentes de empresas, comunicadores, jornalistas profissionais, intelectuais...”.

¹⁵⁵ O excerto foi extraído da matéria veiculada pelo Portal *Vermelho* em 20 de setembro de 2009 e assinada por Sérgio Lima, visto que não foi possível obter o acesso à entrevista diretamente do jornal on-line *Folha de S. Paulo* devido ao cadastro de assinantes. A íntegra pode ser conferida no Anexo AJ.

¹⁵⁶ A íntegra do texto, veiculada pelo Portal BBC Brasil em 20 de abril de 2010 e assinado por Fabrícia Peixoto, pode ser conferida no Anexo AK.

Esses atores – em nossa pesquisa compreendidos como os diversos jornalistas, blogueiros, articulistas, esportistas e celebridades do universo da música, do cinema e da televisão – mobilizam o sintagma “complexo de vira-latas” em diferentes comunidades discursivas, como forma de se apropriar dos discursos de Lula e Dilma no sentido de se aproximarem ou se afastarem dos discursos desses políticos e, mais amplamente, dos discursos da esquerda.

Nesse sentido, após os anos 2009/2010, o sintagma “complexo de vira-latas” passa a ser usado, principalmente, pelos discursos da esquerda, sobretudo nos discursos de Lula, como símbolo positivo de fechamento de mandato. O discurso é o de que o Brasil não possui mais o “complexo de vira-latas”, isto é, o país, com o encerramento dos mandatos presidenciais de Lula, passa a ter maior credibilidade internacional, como afirma Dilma Rousseff no Excerto [40]: “O Brasil acabou com a submissão que tínhamos aos Estados Unidos, à Europa, e passou a ser um ‘player’ internacional”.

Contudo, é a partir de 2013 que o funcionamento do sintagma “complexo de vira-latas” sob o estatuto da fórmula discursiva se intensifica. Os discursos de direita passam a se apropriar do sintagma “vira-latas” para desautorizar os discursos da esquerda, atribuindo a inferioridade econômica e política à “corrupção” que se instalou nos governos comandados pelo PT.

Os tópicos a seguir pretendem analisar alguns dados que mostram esse funcionamento: são discursos que constituem princípios de Estado/nação pela visada desse embate político-partidário. Estes discursos passam a ter maior circulação de 2013 em diante, sobretudo depois das “Manifestações de junho”.

6.1 “Manifestações de junho” de 2013: o “ovo da serpente”

Na obra *A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado*, Souza (2016) afirma que o movimento das “Manifestações de junho”, capitaneado pelo Movimento do Passe Livre (MPL),¹⁵⁷ foi o início do processo que levou ao impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff: “As manifestações de junho de 2013

¹⁵⁷ No CAPÍTULO 4 pontuamos os posicionamentos desse movimento.

marcam o ponto de virada da hegemonia ideológica até então dominante e das altas taxas de aprovação aos presidentes dos governos petistas” (SOUZA, 2016, p. 87).

As “Manifestações”, para Souza (2016), serviram de base popular para o impeachment. Para Ruy Gomes Braga Neto, sociólogo da Universidade de São Paulo (USP), as “Manifestações de junho” de 2013 expressaram “[...] uma resistência às formas de mercantilização do trabalho, manifestada por um desejo de mais democracia e investimentos públicos”.¹⁵⁸ Nesse contexto, Souza (2016) explica que

havia aqui [nesse contexto] material para criticar o governo. Mas seria uma crítica benigna para aprofundar o processo inclusivo, que exigiria, por exemplo, uma nova base produtiva capaz de gerar empregos melhores e mais bem-pagos. Não foi esse, no entanto, o caminho da mídia conservadora no seu papel de “partido político da elite do dinheiro” (SOUZA, 2016, p. 88).

Como se observa, Souza (2016) considerava o início do movimento como uma crítica construtiva ao governo Dilma Rousseff, no sentido de melhorar o processo de inclusão social. Isso vai ao encontro do que afirma o sociólogo Braga Neto: “Foi um autêntico movimento de resistência, mas que tinha no horizonte reformas sociais que fossem além das timidamente ensaiadas pelos governos Lula e Dilma”.¹⁵⁹ Desse modo, as “Manifestações”, que inicialmente foram marcadas por manifestantes da esquerda, aos poucos foram cedendo espaço para grupos que se opunham ao PT, assim como outros partidos que compunham a base da esquerda política no Brasil. Isso foi possível, segundo Souza (2016), porque a mídia conservadora passou a cumprir um papel de “partido político da elite do dinheiro”. Assim, o que começou como um movimento por melhorias na área pública passou a mostrar interesses da área privada.

Souza (2016) mostra, com isso, o posicionamento da “mídia conservadora” diante dos fatos produzidos em consequência das “Manifestações”. Os mídiuns de caráter conservador funcionariam como “partido político da elite do dinheiro” (op. cit., p. 88). O exemplo que Souza (2016) fornece é o acompanhamento do Jornal Nacional (na Rede Globo de Televisão), “[...] uma espécie de porta-voz da reação

¹⁵⁸ Em menção a um trecho da entrevista realizada com o sociólogo Ruy Gomes Braga Neto (do Departamento de Sociologia da USP) que compõe a reportagem “Manifestações de 'Junho de 2013' completam cinco anos: o que mudou?”. A matéria foi publicada no portal on-line da revista *Galileu*, em 20 de junho de 2018. Cf. Floresti (2018).

¹⁵⁹ Vide nota de rodapé anterior.

conservadora extraparlamentar que se forma nas ruas do país” (op. cit., p. 89). No começo do movimento das manifestações, Souza (2016) afirma que o mídiu enfatizou o “tumulto”, o prejuízo ao trânsito e o incômodo à população. Depois, “a palavra ‘vandalismo’ tornou-se recorrente como modo de designar o movimento” (op. cit., p. 89). Posteriormente, com a recepção negativa da notícia da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) nº 37,¹⁶⁰ no sentido de mostrar que a Emenda seria prejudicial às investigações do Ministério Público aos esquemas de corrupção,¹⁶¹ o Jornal Nacional passa a mostrar a insatisfação do Ministério Público, uma vez que a PEC 37 limitava a atividade de investigação criminal às polícias federais dos Estados. Nesse sentido, “o Jornal Nacional começava a perceber o potencial de crítica ao governo” (SOUZA, 2016, p. 90). Dessa forma, os grupos apoiadores da direita que passaram a integrar as “Manifestações de junho”, começaram a apoiar o fim da PEC 37.

De acordo com Souza (2016, p. 90), “a ênfase em bandeiras específicas, como os protestos contra os gastos da Copa do Mundo, a PEC 37 e, em sentido mais abstrato, contra a corrupção, se iniciam e consolidam a federalização aberta do movimento.” Depois disso, o protesto passou a ser definido pela mídia conservadora como “pacífico” e “democrático”. O sentido do movimento mudou, então, de negativo para positivo:

Começava a criação estética e moral do movimento antigoverno federal capitaneado pela grande imprensa: os ritos passaram a cantar o hino nacional, vestir a camisa da seleção, ter a cara pintada e usar a bandeira nacional. Mudaram não apenas as bandeiras do movimento, mas também o público que as apoiava. Em vez de jovens e estudantes, tínhamos agora famílias de classe média com perfil de renda alta (SOUZA, 2016, p. 91).

Todo esse conjunto de elementos de brasilidade põe em circulação discursos contra a corrupção (contra o PT). Nesse sentido, a mídia corporativa, aliada ao aparelho jurídico-policial instalado pela Operação Lava Jato, procurou deslegitimar o

¹⁶⁰ Proposta de Emenda Constitucional 37/2011, de autoria do deputado federal Lourival Mendes (PT do B – MA), que “[...] acrescenta o § 10 ao art. 144 da Constituição Federal para definir a competência para a investigação criminal pelas polícias federal e civis dos Estados e do Distrito Federal”. Com informações do seguinte endereço: <<https://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=507965>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

¹⁶¹ Em 2013, a Polícia Federal batizou de “Miquéias” a operação que viria a ser o embrião da operação Lava Jato, deflagrada oficialmente em 2014. Com informações extraídas do seguinte endereço: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Opera%C3%A7%C3%A3o_Lava_Jato>. Acesso em: 10 jan. 2019.

governo Dilma. A corrupção passa a ser tema constante na mídia conservadora, de modo negativo ao governo.

A partir disso, o governo Dilma – que possuía 63%¹⁶² de popularidade – tentou lançar a proposta da reforma política, reagindo ao tema da corrupção que, por vez, conforme Souza (2016, p. 89), “[...] não oferece nenhuma reflexão e compreensão real do mundo, mas que possibilita todo tipo de distorção, seletividade e manipulação emotiva de um público cativo”. A reforma política, proposta em 24 de junho de 2013, procurava contemplar cinco pactos: transporte público, reforma política, corrupção como crime hediondo, médicos estrangeiros e 100% dos *royalties* do pré-sal à Educação. Mesmo assim, o governo Dilma não obteve êxito.

É nesse contexto – o das declarações sobre o tema “corrupção” do governo Dilma, perpetrado pela mídia corporativa, sustentado pelas elites, no embate discursivo entre direita e esquerda – que, no tópico a seguir, serão analisados dois dados de 2013 que mostram a circulação do sintagma “complexo de vira-latas” como vetor desses posicionamentos discursivos. Isso nos leva a pensar a maneira pela qual os atores sociais tomam parte no debate público, conforme definições de Krieg-Planque (2010):

A fórmula é monopolizada por uma formação discursiva adversária [...]; do fato de que a paternidade de uma fórmula que gostaríamos de reclamar como nossa é reivindicada pelo adversário [...]; do fato de que nos é atribuída pelo adversário – com ou sem razão – a paternidade de uma fórmula que rejeitamos. Todos os procedimentos discursivos e metadiscursivos são capazes de contribuir para que a fórmula sirva ao desígnio político que cada qual se atribui (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 101).

Podemos pensar em disputa por sentidos e posicionamentos no interdiscurso. Grande parte das ocorrências do sintagma “complexo de vira-latas” no contexto mencionado torna explícito o embate entre entidades sociopolíticas, uma procurando neutralizar o discurso da outra. Discute-se, a seguir, um modo de neutralização do discurso-outra a partir de uma fala do ex-presidente Lula.

¹⁶² Pesquisa encomendada pela CNI (Confederação Nacional da Indústria) em parceria com o IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) divulgada em 19 de março de 2013. Informações disponíveis em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2013/03/19/dilma-cni-ibope.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

6.1.1 O “complexo” das elites

Em 2013, o ex-presidente Lula, em palestra na Universidade Federal do ABC (UFABC),¹⁶³ afirmou que uma parte da elite, no governo anterior, tinha “complexo de vira-latas”. Vejamos um excerto:

Excerto [42]

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) disse na tarde desta quinta-feira, 18, durante palestra sobre a política externa brasileira, que o Brasil ainda não era um país respeitado internacionalmente quando ele chegou à Presidência no início de 2003. “Nós não éramos respeitados. Uma parte da elite tinha **complexo de vira-latas**. A elite não queria disputa para ser igual (aos outros países), ela já se achava inferior”, afirmou.¹⁶⁴

O Excerto [42] faz parte de uma notícia, assinada por Guilherme Waltenberg e Gustavo Porto e publicada em julho de 2013 no portal do jornal on-line *O Estado de S. Paulo*. Trata-se de uma palestra do ex-presidente Lula sobre política externa brasileira. Na ocasião, Lula afirmou que o Brasil não era respeitado internacionalmente antes da chegada dele à presidência.

Lula, quando afirma que, antes do seu mandato, “uma parte da elite tinha ‘complexo de vira-latas’”, se inscreve em um lugar discursivo institucionalizado em oposição ao governo anterior (de Fernando Henrique Cardoso). Desse modo, Lula, na figura representativa e institucionalizada pelo PT, repudia o discurso contrário ao seu posicionamento discursivo, dizendo que, a partir do seu mandato, uma parcela da elite brasileira não tinha mais o complexo de vira-latas, ou seja, segundo o posicionamento que se constrói nessa discursivização de Lula, certa parte da elite passou a demonstrar mais confiança no que concerne à política externa brasileira. Os outros sentidos vêm de que a elite precisa ou se esquivar ou desconstruir, desautorizar o sintagma, mas mantendo sua filiação ao discurso de inferioridade, como se a causa da vergonha e da corrupção do país fosse o PT.

O sentido do sintagma usado por Lula se filia ao sentido mobilizado por Nelson Rodrigues na crônica da revista *Manchete Esportiva*. Lula toma do pensamento social o sintagma e a crítica à inferioridade, mas o mobiliza contra as

¹⁶³ O ex-presidente proferiu a palestra intitulada “Brasil no mundo - Mudanças e Transformações”, na conferência *2003-2013: uma nova política externa*, realizada na UFABC em 2013.

¹⁶⁴ A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo AL.

elites, não contra o povo. O enunciado “A elite não queria disputa para ser igual (aos outros países), ela já se achava inferior” comprova isso. Como se vê, o posicionamento discursivo de Lula é uma tentativa de neutralizar um discurso-outro, um embate político.

O espaço público de circulação da fala de Lula mostra indícios do sintagma na direção da condição de fórmula. Por exemplo, a circulação do enunciado “Nós não éramos respeitados. Uma parte da elite tinha complexo de vira-latas. A elite não queria disputa para ser igual (aos outros países), ela já se achava inferior” em diferentes mídiuns, tais como o jornal on-line *O Estado de S. Paulo*, o blog *Diplomatizzando*,¹⁶⁵ a *fanpage Brasil da Mudança*¹⁶⁶ no Facebook e o Portal *Conferência Política Externa*,¹⁶⁷ permite afirmar que o sintagma passa a ganhar notoriedade no debate público.

Esses mídiuns se inscrevem em diferentes posicionamentos. No perfil do blog *Diplomatizzando*, descreve-se a sua definição, que consta na página inicial: “Este blog trata de “temas de relações internacionais e de política externa do Brasil, políticas econômicas, viagens, livros, cultura em geral”. É administrado por Paulo Roberto de Almeida que mobiliza, no texto “A diplomacia ‘vira-latas’, envergonhada, antes do ‘nunca antes’”, publicado em julho de 2013, o sintagma “complexo de vira-latas” fazendo menção ao texto publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*.¹⁶⁸ A disposição do texto “Lula diz que ‘parte da elite tinha complexo de vira-latas’ antes de seu governo”, associada ao comentário feito por Paulo Roberto – no qual o enunciador procura ajustar o processo de comunicação –, transformam o perfil da página do blog fornecendo uma configuração que permite o aparecimento completo do texto, inteiramente na página do blog.

A *fanpage Brasil da Mudança* tem o status de “comunidade” e procura mostrar textos, fotos, depoimentos e resultados das políticas de distribuição de renda e inclusão social no Brasil. Com isso, já se percebe o posicionamento discursivo da

¹⁶⁵ O blog pode ser acessado através do seguinte endereço: <<http://diplomatizzando.blogspot.com/>>. Acesso em: 26 out. 2017.

¹⁶⁶ O mídiun se concentra, atualmente, no Portal *O Brasil da Mudança* (disponível em <<http://www.brasildamudanca.com.br/>>), e a *fanpage* foi associada à URL “Lula” (disponível em <<https://www.facebook.com/Lula>>). Há, também, um canal no Twitter (disponível em <<https://twitter.com/brasildamudanca?lang=es>>). Estas atualizações foram consideradas até o fechamento da versão final desta tese.

¹⁶⁷ O Portal encontrava-se disponível em: <<http://www.conferenciapoliticaexterna.org.br/index.php/todas-as-noticias?start=110>>. Acesso em: 26 out. 2017. (mimeo).

¹⁶⁸ A íntegra do texto está disponível no seguinte endereço: <<http://diplomatizzando.blogspot.com.br/2013/07/a-diplomacia-vira-latas-envergonhada.html>>. Acesso em: 27 abr. 2019.

página, que foi criada em 1º de julho de 2016, momento em que o eleitorado de Dilma Rousseff consolida o apoio à presidente no sentido de se posicionar contrariamente ao impeachment, tendo em vista a divulgação das ações realizadas por membros representantes do governo como um todo.

O *post* que menciona a fala de Lula, em que o sintagma “complexo de vira-latas” é enquadrado, acompanha, também, o vídeo da palestra de Lula na UFABC. Contudo, além do referido *post*, há outros seis *posts* do Lula que enunciam o sintagma: um número considerável de ocorrências do sintagma para somente uma comunidade.

Quando Almeida (2015, p. 112) afirma que o “[...] complexo de vira-latas” “de certa forma se popularizou nas redes sociais”, a autora refere um fenômeno do qual o Facebook foi meio principal de publicização. Quanto à página inicial, na captura de tela realizada em 5 de janeiro de 2018, destacava-se a imagem de capa, que enuncia: “Lula: obrigada pelos milhões de vidas que você transformou”.



Figura 3 Captura de tela da foto de capa da *fanpage* *Brasil da Mudança*.¹⁶⁹

Fonte: extraída de <https://www.facebook.com/pg/brasildamudanca/videos/?ref=page_internal>. Acesso em: 05 jan. 2018. (mimeo).

Vejamos também o leiaute do *post* que aborda o sintagma “complexo de vira-latas” fazendo referência ao texto publicado no jornal on-line *O Estado de S. Paulo*:

¹⁶⁹ Até o fechamento da versão final desta tese, o endereço disponível para acessar a *fanpage* é o seguinte: <https://www.facebook.com/Lula/?ref=page_internal>. Acesso em: 04 jan. 2018.

O Brasil da Mudança

Brasil da Mudança
@obrasildamudanca

Página inicial
Sobre
Fotos
Eventos
Curtidas
Livestream
Vídeos
Publicações

Curtiu ▾ Seguindo ▾ Compartilhar ...

Brasil da Mudança
23 de março de 2017 · 🌐

COMPLEXO DE VIRA-LATA

Com Lula e Dilma Rousseff, o Brasil deixou de lado o papel secundário e previsível de jamais contrariar as decisões tomadas pelos Estados Unidos e pelos países europeus.

"A verdade é que nós não éramos levados a sério. Mas nós não éramos levados a sério porque nós não nos respeitávamos. Vamos ser francos: neste país, nós tivemos durante muito tempo uma parte da elite dirigente que tinha complexo de vira-lata", disse Lula, em 2013. #MemóriaBDM #oBrasilMudou

477 visualizações

Figura 4 Captura de tela do enquadramento do sintagma “complexo de vira-latas” na *fanpage Brasil da Mudança*.

Fonte: acervo de pesquisa do autor.¹⁷⁰

Tanto na Figura 3 quanto na Figura 4, a imagem de Lula é mostrada em destaque. Na Figura 3, a mensagem escrita no cartaz fotografado na imagem é a de agradecimento, com um retrato de Lula suspenso por uma mão. No *post* da Figura 4, a remissão ao sintagma acompanha parte do texto da postagem, com o enunciado “Com Lula e Dilma Rousseff, o Brasil deixou de lado o papel secundário e previsível de jamais contrariar as decisões tomadas pelos Estados Unidos e pelos países europeus”. Nota-se que o sintagma “complexo de vira-latas”, na condição de título, sintetiza e evidencia, ao mesmo tempo, a sua relação estreita com os sentidos

¹⁷⁰ O acesso à *fanpage* para efetuar a captura ocorreu durante o período de coleta de dados, e não se habilitou o salvamento do endereço eletrônico. Com as reformulações da *fanpage* (cf. nota de rodapé 177), não foi possível encontrá-lo nem gerá-lo outra vez.

sugeridos no *post*: o enlaçamento de questões de dimensão simbólica e cultural relativas aos Estados Unidos e países europeus.

6.2 Discursos sobre nação/Estado no contexto da Copa do Mundo

Serão apresentados, neste tópico, cinco dados entre 2014 e 2015 que mostram como o sintagma “complexo de vira-latas” reforça a necessidade de compreensão dos discursos que põem em evidência fenômenos que organizam as relações de poder e de opinião em torno dos diversos atores sociais. Isso ocorre pelas condições de produção de dois eventos: a Copa do Mundo em junho de 2014 e as eleições presidenciais em outubro do mesmo ano.

Em ano de Copa do Mundo, o Brasil sempre vivencia um momento em que o ideário de nação é posto à prova. A figura de Nelson Rodrigues e o “complexo de vira-latas” são retomados em diferentes discursos no sentido de inferiorizar ou enaltecer o Brasil em relação a outros países, retomando a memória do sintagma produzido em contexto de realização de Copa do Mundo. Entretanto, as condições de produção dos discursos em torno da Copa do Mundo no Brasil se constituíram de modo diferente no ano de 2014. Desde 2007, quando o Brasil foi escolhido para sediar o evento futebolístico, diferentes mídiuns passaram a circular discursos que ora evidenciavam o evento como positivo para o país (discursos sobre desenvolvimento social e urbano), ora como negativo (discursos sobre os prejuízos ao país – atraso na entrega dos estádios, por exemplo).

Estes discursos – sobretudo os com sentido negativo – se intensificaram a partir de 2013.¹⁷¹ Verificamos, no tópico anterior, que as “Manifestações de junho” um ano antes da realização da Copa serviram para instabilizar e enfraquecer o governo Dilma. A partir das “Manifestações”, o cenário no Brasil passou a ser de instabilidade social e política, com reflexo em uma crítica negativa à realização do evento.

Assim, a atmosfera que se produziu nas eleições de 2014 era a de um país dividido politicamente. Os dois principais opositores das campanhas eleitorais –

¹⁷¹ No ano de 2013, o Brasil sediou a Copa das Confederações, evento esportivo que pôs à prova as estruturas dos estádios e da mobilidade urbana, com objetivo de diagnosticar os problemas e preparar o país para receber a Copa do Mundo no ano seguinte.

Dilma Rousseff (pelo PT) e Aécio Neves (pelo PSDB) – passaram a funcionar como símbolos dessa divisão. Ainda no período de campanha eleitoral, um novo escândalo de corrupção emergiu, ao que na mídia corporativa foi referido como “Petrolão”.¹⁷²

Todo esse contexto político e eleitoral, juntamente do contexto sociopolítico constituído após as “Manifestações de junho”, serviu para que embates discursivos em torno de ideários de nação/Estado se tornassem mais frequentes nos diversos mídiuns, sobretudo os digitais (blogs, portais e redes sociais). Nesse sentido, o sintagma “complexo de vira-latas” passa a funcionar como vetor desses embates, mostrando os posicionamentos discursivos dos diferentes atores sociais que o mobilizam no espaço público, transcendendo o campo esportivo.

Sendo assim, nos anos de 2014 e 2015, considera-se o uso do sintagma “complexo de vira-latas” com um teor político-partidário a partir de um funcionamento de demarcação (fronteira) entre governo e oposição.

6.2.1 *“Isso só acontece no Brasil”: as representações do brasileiro na Copa do Mundo*

O Excerto mencionado a seguir pertence à crônica “O que diria Nelson Rodrigues sobre isso tudo?”, publicada por Matheus Pichonelli na seção “Cultura” do portal on-line *Carta Capital* em junho de 2014. Essa revista põe em circulação notícias, reportagens, artigos de opinião e crônicas sobre temas tais como política, economia, sociedade e cultura. Esses temas são abordados a partir de um posicionamento discursivo que “está a serviço da democracia e da diversidade de opinião, contra a escuridão do autoritarismo do pensamento único, da ignorância e da brutalidade”.¹⁷³ Como se nota, a revista se apresenta como um espaço de discussão e pluralidade de pensamento. A crônica, por sua vez, se insere nesse viés: o de mostrar os diferentes posicionamentos numa perspectiva crítica dos brasileiros diante do contexto de realização da Copa do Mundo no Brasil. Vejamos:

¹⁷² O termo “Petrolão” é um apelido midiático dado a um esquema de corrupção e desvio de fundos envolvendo a Petrobras. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/petrolao/>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

¹⁷³ A descrição completa da revista está disponível no seu portal: <<https://www.cartacapital.com.br/editora/cartacapital/>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

Excerto [43]

“Isso só acontece no Brasil” e “o brasileiro tem **complexo de vira-lata**” são duas sentenças que se multiplicam à medida que se aproxima o pontapé inicial para a Copa no Brasil. Em tempos de rebelião virtual, de nós contra eles, de ufanismo *versus* derrotismo, quase sempre resumidos em 140 caracteres, tenho ouvido, também com certa frequência, perguntas sobre o que diria Nelson Rodrigues, de quem é a patente do “**complexo de vira-lata**”, se estivesse, com os dedos acionados e a bituca de cigarro no canto da boca, conectado hoje ao Facebook. Ele se espantaria com a indignação dos debates? E o que diria Stanislaw Ponte Preta se decidisse engordar o seu Febeapá – o Festival de Besteira que Assola o País? Que aí daria Rubem Braga à sua Copacabana em 2014? Que diria Fernando Sabino? E Otto Lara Resende?

[...]

Mas Nelson Rodrigues não está entre nós. Imaginamos, mas não sabemos o que ele diria do novo Maracanã, da escalação do Fred e do Hulk (o apresentador e o meia-atacante), dos assentos numerados, do Messi, do coro “Não vai ter Copa” e do coro “Vai ter Copa a todo custo”. Essa é a má notícia. A boa é que não faltam pensadores ao Brasil – em que pese a sensação, inflacionada pelo eco midiático, de que “pensar” tenha se tornado uma atribuição de celebridades ou blogueiros militantes recém-saídos da fraida.

[...]

Pelo *Rascunho*,¹⁷⁴ soube, por exemplo, da “ironia como gás lacrimogêneo” do livro *O Brasil é bom*, descrito como ácido relato de um período de tensões do escritor mineiro André Sant’Anna. O livro, descobri, talvez aquietasse os saudosismos literários de quem imagina que, depois dos clássicos, só houve dilúvio. É um desfile dos tipos característicos do Brasil atual: o comunista de classe média que odeia a classe C por invadir sua praia com carros de som alto; o nacionalista que culpa “o direitos humanos” pelo atraso do país; o fã de futebol que atribui o sucesso da seleção de 70 à ditadura; o que se sentencia superior por ouvir jazz e planejar uma viagem a um lugar da Indonésia que só ele conhece; o torcedor cuja terapia é transferir as frustrações para o time do coração; o pastor falso otimista em busca do dízimo.

(Nelson Rodrigues, com o cigarro pendurado na boca, ri consternado em algum canto).

Sem perceber, acabava de ler uma das mais belas crônicas sobre Brasil e seu futebol – sem nem passar perto do “ame-o ou deixei-o” [sic] que parece predominar no debate padrão-Fifa dentro e fora das cidades-sede do Mundial.¹⁷⁵

Observamos que o enunciador retoma o sintagma “complexo de vira-latas” para sintetizar os discursos em circulação na época de realização da Copa do Mundo. A cena enunciativa se constitui a partir das vozes que se cruzam, como se

¹⁷⁴ *Rascunho* é um jornal literário criado em Curitiba em 8 de abril de 2000. O Portal *Rascunho* está disponível em: <<http://rascunho.com.br/>>.

¹⁷⁵ A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo AL.

fosse um duelo, uma competição. O enunciador mostra a bipolaridade sociopartidária instaurada: “Em tempos de rebelião virtual, de nós contra eles, de ufanismo *versus* derrotismo, quase sempre resumidos em 140 caracteres”. Nesse sentido, que posicionamentos se atribuem a “nós” e a “eles”, a “ufanismo” e a “derrotismo”? O enunciador, com essa sequência de posicionamentos opostos, evidencia práticas discursivas que se desenvolveram em função do embate político-partidário que se formou nesse período na sociedade. O enunciador, se o consideramos como partícipe do “nós”, logo se mostra membro da comunidade discursiva dos indivíduos que rejeitam qualquer ufanismo.

O sintagma “complexo de vira-latas” e a expressão “Isso só acontece no Brasil” se apresentam como “duas sentenças que se multiplicam à medida que se aproxima o pontapé inicial para a Copa no Brasil”. A expressão “Isso só acontece no Brasil” é mobilizada pelo enunciador para se referir aos pessimistas.¹⁷⁶ A expressão representa um discurso dos que eram contra o evento esportivo.

O enunciador se pergunta o que diriam os escritores Nelson Rodrigues, Stanislaw Ponte Preta, Rubem Braga, Fernando Sabino e Otto Lara que, em seus projetos de escrita, discutiram o Brasil em suas obras quanto aos momentos que antecederam a Copa do Mundo no Brasil. Essas figuras literárias funcionam como fiadores no sentido de legitimar o processo enunciativo. Para isso, o enunciador constrói uma cenografia em que os escritores, já falecidos, poderiam opinar e comentar os episódios e fatos sobre os embates políticos que se estabeleceram em 2014. Ademais, resulta interessante observar que o enunciador traz para a cena enunciativa outras vozes, as dos escritores, todos autores de crônicas. A mobilização dessas vozes é uma maneira de o enunciador legitimar seu discurso, isso porque, sendo os autores citados partícipes da esfera literária, pode-se afirmar que, pela noção de discurso constituinte (MAINGUENEAU, 2008 [2006]), estas vozes funcionariam como legitimadoras.

Há, também, uma demanda pela atualização de significado do sintagma “complexo de vira-latas”. Ela se faz notar no enunciado “o que diria Nelson Rodrigues, de quem é a patente do ‘complexo de vira-lata’, se estivesse, com os dedos acionados e a bituca de cigarro no canto da boca, conectado hoje ao Facebook. Ele se espantaria com a indigência dos debates?”. Essa atualização,

¹⁷⁶ No contexto da Copa do Mundo no Brasil, a expressão “Isso só acontece no Brasil” é uma paráfrase de “Imagina na Copa!”, com ampla circulação na fala.

diríamos, do papel para a tela do computador, faz emergir um modo diferente de enquadramento do “complexo de vira-latas”.

Maingueneau (2015) explica que

com as novas formas de comunicação, uma nova via foi franqueada. As postagens, por exemplo, complexificam o que podemos entender por “destinatário”. A mais simples página do Facebook distingue níveis de destinatários, [...] Aquilo que da vida privada é acessível nos *blogs* ou nas redes sociais excede qualquer distinção simples entre o público e privado (MAINGUENEAU, 2015, p. 174-175).

A plataforma Facebook, citada pelo enunciador, já propõe, de saída, a circulação do sintagma com maior poder de alcance em vista de outras redes sociais, potencializando-o. Isso é uma característica da comunicação. A pregnância e circulação do sintagma “complexo de vira-latas” em comunidades de temas políticos condicionaria os seus sentidos não mais ao momento esportivo de 1958, mas à situação sociopolítica do Brasil em 2014, que estava vinculada à disputa das eleições presidenciais entre os candidatos Aécio Neves (do PSDB) e Dilma Rousseff (do PT).

Ainda no Excerto [43], o enunciador afirma que há indigência dos debates em decorrência “dos tempos de rebelião virtual”: “É um desfile dos tipos característicos do Brasil atual: o comunista de classe média que odeia a classe C por invadir sua praia com carros de som alto; o nacionalista que culpa ‘o direitos humanos’ pelo atraso do país; o fã de futebol que atribui o sucesso da seleção de 70 à ditadura; o que se sentencia superior por ouvir jazz e planejar uma viagem a um lugar da Indonésia que só ele conhece; o torcedor cuja terapia é transferir as frustrações para o time do coração; o pastor falso otimista em busca do dízimo”. O enunciador, pela conjuntura sociopolítica de 2014, cita diferentes características possivelmente constitutivas das identidades de diferentes tipos de brasileiros. Essas características propõem uma rede semântica de novas significações para o sintagma “complexo de vira-latas”, que passa a designar “categorias” de brasileiros, não necessariamente a um complexo de inferioridade. Todos esses “tipos” de brasileiros estabelecem, de certa forma, relações parafrásticas com “complexo de vira-latas” no modo como constituem os discursos em circulação no espaço público em torno da Copa do Mundo de 2014.

No fim do Excerto, o enunciador retoma o slogan “Ame-o ou deixe-o”,¹⁷⁷ recuperando uma memória discursiva da propaganda feita pelo governo Médici em 1973, em um período de recrudescimento da ditadura no Brasil. O enunciador recupera essa memória no sentido de afirmar um posicionamento de recusa da bipolarização partidária instituída no período da Copa do Mundo de 2014. O enunciado “sem nem passar perto do ‘ame-o ou deixei-o’ [sic] que parece predominar no debate padrão-Fifa dentro e fora das cidades-sede do Mundial” comprova isso.

6.2.2 A classe C, de Copa do Mundo

Outro exemplo que explica o sintagma “complexo de vira-latas” como ponto de apoio de um debate público partidário no entorno discursivo da Copa do Mundo de 2014 está presente no texto “Membro da Classe C torce pela seleção sabendo que Copa não é para ele”, de Eliane Brum, publicado no jornal on-line *Folha de S. Paulo* no dia da abertura da Copa do Mundo no Brasil (12 de abril de 2014). Vejamos um excerto:

Excerto [44]

De **complexo de vira-lata**, porém, ela não demonstra padecer. Pantera tem 83 centímetros do rabo ao focinho e a aparência inconfundível do mais puro DNA mestiço. Parece indiferente à incongruência entre nome e coisa nomeada. É a vantagem do vira-lata. Sem identidade gravada em pedra pela tradição, pode inventar-se e reinventar-se.

A vira-latíssima é considerada a quinta filha de Hustene Alves Pereira, mais conhecido no Jardim Veloso como Pankinha. É também a única mimada, porque enquanto os outros quatro amargaram os anos em que pobre era chamado de “descamisado” (Collor), depois de “excluído” (tempos de FHC), ela é a primeira da família nascida como Classe C, migração ocorrida ao longo dos dois mandatos de Lula. Com apenas cinco anos, completados em abril, essa filha da “nova classe média” chegou quase junto com a TV tela plana 42 polegadas em que a família assistirá hoje à abertura da Copa. Pankinha, o pai, torcerá pelo Brasil e enfeitou a fachada da casa com cinco bandeiras verde-amarelas. A sexta e maior de todas só será colocada se o Brasil ganhar o hexa. Está guardada numa

¹⁷⁷ Slogan criado no governo do general Emílio Garrastazu Médici (1969-1974).

caixa depois de ter sido emprestada a uma amiga para os protestos de junho.¹⁷⁸

No Excerto [44], o enunciador usa o “complexo de vira-latas” para designar uma característica que Pantera, a cadela, não apresenta. Para isso, há uma retomada de uma memória discursiva quanto ao processo de mestiçagem brasileiro. O enunciado “aparência inconfundível do mais puro DNA mestiço” é um exemplo dessa retomada, no sentido de mostrar um posicionamento favorável do enunciador quanto às teorias de constituição do povo brasileiro propostas por Gilberto Freyre em 1933.¹⁷⁹ A mestiçagem, em Freyre (2001 [1933]), possui valor positivo, como afirma Gauer (1998):

Nos anos 30, a interpretação do Brasil ganha uma nova interpretação. Gilberto Freyre substitui a noção de raça pela noção de cultura, o que possibilitou uma nova concepção das sociedades, que deveriam ser analisadas em suas especificidades, como um fato *sui generis*. O autor transforma a negatividade do negro e do mestiço em positividade (GAUER, 1998, p. 571).

A substituição da noção de *raça* pela noção de *cultura* parece ser o ponto-chave da interpretação que Freyre dá ao processo de mestiçagem no Brasil. Pela perspectiva dos estudos culturais, a mestiçagem passa a ser um processo inerente da cultura de um povo, e não mais definidor de “raça”. A retomada dessa memória discursiva põe em funcionamento uma relação de forças entre aquilo que se compreende como “vira-latas” no sentido biológico e no sentido cultural. O enunciador, dessa forma, toma um posicionamento pelo viés cultural.

A partir disso, o enunciador mobiliza, no Excerto ,a variante “vira-latíssima” para se referir à cadela, considerada como filha. A justificativa do uso desse neologismo está na referência que faz aos outros quatro irmãos, cada um nascido em um período político brasileiro diferente: “porque enquanto os outros quatro amargaram os anos em que pobre era chamado de “descamisado” (Collor), depois de “excluído” (tempos de FHC) [...]”. Há demarcação de posicionamento discursivo do enunciador em relação aos governos anteriores, e a forma verbal “amargaram” é

¹⁷⁸ A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo AN.

¹⁷⁹ Em referência à obra *Casa Grande e Senzala*, a mais conhecida de Gilberto Freyre. “Nela, o sociólogo e escritor focou a questão da miscigenação racial durante o período colonial brasileiro e ousou em explicar a formação social brasileira através da vida nos engenhos”, segundo informa o Portal *eBiografia*. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/gilberto_freyre/>. Acesso em: 13 jan. 2019.

importante nessa construção: seus traços semânticos colocam os termos “descamisado” e “excluído” em posição distinta da vivência que a “vira-latíssima” tem: portanto, “vira-lata” aparece, aqui, como contrário à situação de penúria. O superlativo também imprime condição de distância da pobreza havida: ela chega “junto com a TV tela plana 42 polegadas em que a família assistirá hoje à abertura da Copa”, simbolizando um traço positivo, de pertença a uma vida de prazer e festa.

O adjetivo superlativo “vira-latíssima”, além de exaltar a condição de vira-lata, também recupera uma memória discursiva, procurando estabelecer uma tomada de posição contrária aos governos federais anteriores de Fernando Collor¹⁸⁰ e Fernando Henrique Cardoso.¹⁸¹ O enunciador exemplifica com definições popularizadas dos governos anteriores: “pobre era chamado de ‘descamisado’ (Collor), depois de ‘excluído’ (tempos de FHC)”. Aqui, “vira-latíssima”, propõe, portanto, sentido distanciado daquele de Nelson Rodrigues. Nesse fragmento, o neologismo é mobilizado sob discurso positivo das propostas de governo do PT, de enaltecimento quanto à ascensão econômica das classes sociais brasileiras menos favorecidas.

Há, também, no Excerto [44], a justificativa do enunciador para o título do texto: “Membro da Classe C torce pela seleção sabendo que Copa não é para ele”. A “vira-latíssima” reside no entorno do Estádio “Itaquerao”. Sabe-se que o bairro Itaquera, em São Paulo, abriga moradores, em sua maioria, da classe C. Isto se comprova pelo objeto símbolo de consumo e ascensão econômica da “nova classe média” no Governo do PT: “essa filha da ‘nova classe média’ chegou quase junto com a TV tela plana 42 polegadas em que a família assistirá hoje à abertura da Copa”. Souza (2016) considera que a ascensão social das classes menos favorecidas ocorreu mais pela via do consumo do que pela via da incorporação de capital cultural. Essa ascensão social promove, na classe média já estabelecida, um medo irracional, “medo” de disputar os mesmos ambientes que outrora foram exclusivamente dela com as classes C, D e E, tal como os aeroportos.

Vejamos outro Excerto, do mesmo texto de Eliane Brum, no qual o enunciador toma parte no debate público:

¹⁸⁰ Ex-presidente do Brasil, Fernando Collor governou o país entre os anos de 1990 a 1992. Pertenceu ao antigo Partido de Reconstrução Nacional (PRN), rebatizado em 2000 como Partido Trabalhista Cristão (PTC), no qual atua, nos dias de hoje, como senador da República.

¹⁸¹ Foi presidente do Brasil entre os anos de 1995 a 2003. É afiliado ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Foi o primeiro político brasileiro a ser presidente por dois mandatos consecutivos.

Excerto [45]

Qualquer um poderia pensar que ele é o maior entusiasta do grande evento, mas não. Pankinha era contra uma Copa no Brasil. Preferia saúde, saneamento e educação. É aí que entra a sua interpretação particular sobre o famoso "**complexo de vira-lata**". Ou, como ele diz, "a minha pequena maneira de entender as coisas".

O conceito do genial cronista Nelson Rodrigues tem estado mais presente do que chicabon na boca de integrantes do atual governo, como a própria presidente, Dilma Rousseff, e o ministro Gilberto Carvalho. Para cada crítica à Copa no Brasil, parece só haver uma interpretação possível. Acredita que Manaus tem enormes carências, mas não precisa de estádio? Complexo de vira-lata. Critica atraso ou cancelamento das obras de infraestrutura? Complexo de vira-lata. Defende que o investimento teria sido mais prioritário em escolas e hospitais? Complexo de vira-lata.

A insistência em agarrar-se a um conceito brilhante, mas que reflete um momento histórico distinto do país, parece revelar o quanto o governo, assim como parte da sociedade, debatem-se numa espécie de vazio interpretativo.¹⁸²

O sintagma é retomado novamente no Excerto [45], não no propósito de relacioná-lo às teorias sobre o processo de mestiçagem, como dito anteriormente, mas no sentido atribuído por Nelson Rodrigues na crônica de 1958. Com o enunciado "Preferia saúde, saneamento e educação", o enunciador retrata os discursos em circulação de uma parcela da população brasileira que estava descontente com a Copa do Mundo no Brasil. O sentido atribuído ao "complexo de vira-latas" pode associar essa parcela da população a um descontentamento com as conquistas e realizações do Brasil (a conquista da realização da Copa do Mundo é uma delas) a um sentimento de inferioridade, como se o Brasil tivesse de priorizar os investimentos públicos nessas áreas, como fazem os países da Europa e dos Estados Unidos da América, e não em "futebol".¹⁸³

Com isso, o enunciador evidencia, também, os discursos contrários à realização da Copa do Mundo no Brasil. Ainda que mostre a ideia de "vira-latíssima" como algo positivo no decorrer de todo o excerto, nessa ocasião, pela suposta voz

¹⁸² A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo AN.

¹⁸³ Uso o termo entre aspas para designar a inexpressividade do futebol no meio acadêmico e intelectual até os anos 1980 no Brasil. Segundo o antropólogo Ronaldo Helal (2011), somente depois da publicação de *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira* – livro organizado por Roberto DaMatta e publicado em 1982 – que o futebol passou a ser visto como objeto de análise nas Ciências Humanas no Brasil: "Até este momento, os estudos eram escassos e havia uma tendência a se utilizar uma perspectiva "apocalíptica", nos termos de Eco (1979), influenciada pelo marxismo, que considerava o futebol uma variante do ópio dos povos, uma poderosa força de alienação dos dominados" (HELAL, 2011, p. 14).

de Pankinha, relatada sem aspeamentos pelo enunciador do texto, “complexo de vira-lata” é uma coisa que o governo vê em todos aqueles que não estão acreditando na pertinência e no sucesso da Copa.

No Excerto [45], podemos notar o uso do sintagma “complexo de vira-latas” tomado como um “vazio interpretativo”, expressão mencionada no enunciado “parece revelar o quanto o governo, assim como parte da sociedade, debatem-se numa espécie de vazio interpretativo”, como uma resposta “pronta” dos governistas (PT) para todas as críticas relativas à Copa do Mundo, Governo e sociedade entrariam frequentemente em debates sobre questões ligadas à construção e melhoria de estádios, aeroportos e outras infraestruturas para a realização da Copa do Mundo, quando começaram os preparativos para o evento. Entendendo os usos do sintagma “complexo de vira-latas” como resposta “pronta”, o enunciador evidencia uma posição contrária às atitudes do governo Dilma.

Excerto [46]

O problema de Pankinha com a Copa no Brasil é justamente o contrário: ele tem “orgulho de ser vira-lata”. Levanta-se para explicar, porque momentos como esse exigem estatura completa. “Para você ver como **complexo de vira-lata** é uma palavra bem complexa, é preciso entender o seguinte. Eu sou um vira-lata. O brasileiro é um vira-lata. Sou tão vira-lata quanto a Pantera. Como diz muito bem o meu filho Diego, o vira-lata é uma raça forte. Assim, ser vira-lata é um orgulho nosso. E não um complexo. Alguns anos atrás eu não tinha um dente na boca, agora eu tenho dentes. Porque minha raça vira-lata cai e levanta. É esse o problema dessa Copa no Brasil: ela não é para vira-latas. E nós, os vira-latas, sabemos disso. Nós não chegaremos perto dos estádios. Então não tem nada a ver esse **complexo de vira-lata**. É só que nós, os vira-latas, não estaremos lá. Esse futebol não é para nós” [...].¹⁸⁴

O Excerto [46] mostra o modo como as vozes da cena enunciativa compreendem o “complexo de vira-latas”. No trecho entre aspas (fala de Pankinha), parece que é uma explicação do entrevistado à jornalista, afirmando que o “vira-lata” é positivo: “Porque minha raça vira-lata cai e levanta. É esse o problema dessa Copa no Brasil: ela não é para vira-latas”. Nesse sentido, não há “complexo”, há “orgulho”. A fala de Pankinha identifica uma posição social à qual ela e os filhos fazem parte, a classe C. Essa classe, conforme demonstra o Excerto [44], teve acesso a bens de consumo, tal como a “TV tela plana 42 polegadas”, mas não tem

¹⁸⁴ A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo AN.

acesso ao capital social: não pode assistir aos jogos de futebol nos estádios caros. Segundo Souza (2015),

outro perigo que ronda a sustentabilidade e o desenvolvimento futuro da suposta “nova classe média” ou da classe “C” é que faltaria “capital social” a essa classe, o que seria um impeditivo futuro importante na mudança de condições favoráveis ao desenvolvimento econômico (SOUZA, 2015, p. 94).

O “capital social” de que trata Souza pode ser interpretado, em nosso caso, como o acesso da classe C aos jogos da Copa do Mundo. A causa da inacessibilidade do capital cultural por parte da classe C estaria, para Souza (2015, p. 94), na relação entre o patrimonialismo e o racismo de classe. Isso traz, como consequência, a legitimação dos privilégios das classes dominantes no Brasil. O enunciado “Nós não chegaremos perto dos estádios” é um exemplo da inacessibilidade a esse “capital social”. Ao final do Excerto [46], o sintagma “complexo de vira-latas” é retomado, outra vez mais, no sentido de demarcar a posição social de pessoas que não têm acesso aos jogos.

No tópico seguinte, serão analisados alguns semas em circulação no período da Copa do Mundo em decorrência dos posicionamentos institucionais e político-partidários.

6.2.3 Nação “ressentida”: de que lado estamos?

Pudemos verificar, nos tópicos anteriores, que discursos de favorecimento de classes sociais, de representação política e de elementos de brasilidade, foram postos em circulação no sentido de relacionar os sentidos do sintagma “complexo de vira-latas” a posicionamentos discursivos de enunciadores, entidades, instituições e classes sociais. A seguir, analisamos a relação do sintagma com alguns semas que foram sendo (re)produzidos ao longo de 2014 a partir do embate discursivo que se operou na cena pública.

Vejamos um outro Excerto da crônica “A nação ressentida”,¹⁸⁵ de Renato Essenfelder, publicada no jornal online *O Estado de S. Paulo*, em 13 de junho de 2014:

Excerto [47]

Começou a Copa e o que mais ouço e leio é: “esquerda”, “direita”, “cozinha”, “petralha”. Quem, afinal, está em campo? Começou a Copa e o que mais ouço falar não é “Neymar”, “Oscar”, “Marcelo”, “Felipão”. [...]

Nunca fui grande fã de futebol e não me entusiasmo tanto com esta Copa. Até aí, ok também. Eu me entusiasmo com coisas ridículas, como capas de livros e avistamentos de alienígenas, então não pretendo ter moral para colocar minhas paixões acima das alheias.

O problema é que isso me tornou tucano, nos últimos dias. Não saber horário de jogo é tucanagem, não querer botar dinheiro em ingresso é tucanagem, querer que a Copa vá pra Austrália é tucanagem.

Preferir cinema a futebol é “**complexo de vira-lata**”. Como se o futebol definisse quem sou ou somos.¹⁸⁶

No texto, o enunciador mobiliza o sintagma “complexo de vira-latas” para demarcar um posicionamento discursivo do outro – aqueles que preferem cinema a futebol teriam “complexo de vira-latas”, de modo que haveria, aí, uma ligação com a oposição política a quem administrou a Copa no Brasil – o oponente seria, então, representado pelo PSDB. Para explicar isso, o enunciador constrói seu discurso a partir do enunciado “Nunca fui grande fã de futebol e não me entusiasmo tanto com esta Copa. Até aí, ok também. Eu me entusiasmo com coisas ridículas, como capas de livros e avistamentos de alienígenas”. O enunciador está dizendo que não gosta de futebol, mas respeita quem gosta, pois ele mesmo tem seus gostos – que podem ser considerados tão ridículos quanto o gosto pelo futebol. Desse modo, ele considera futebol uma bobagem, mas entende que as pessoas podem gostar de bobagens. O enunciador está mostrando que o problema é a homologação de não gostar de futebol nesse contexto dessa Copa, que pode ser considerado posicionamento tucano. Com isso, ele está dizendo que não tem cabimento ser considerado “tucano” só pelo fato de se entusiasmar com outras coisas e não com futebol.

Pautando-nos na discussão oferecida no CAPÍTULO 5, a separação entre aqueles que possuem o “complexo de vira-latas” – preferem cinema – e aqueles que

¹⁸⁵ Esse texto, retomado na análise do presente tópico, foi objeto de discussão do CAPÍTULO 5 (Excertos [37], [38] e [39]).

¹⁸⁶ A íntegra do texto pode ser consultada no Anexo A1.

preferem futebol também tende a qualificar o enunciador como membro de uma comunidade discursiva com posicionamento contrário ao governo Dilma Rousseff. O uso do sintagma “complexo de vira-latas” é apontado como sendo fala do outro, que o julga. Não possui relação com as preferências do enunciador, mas com a acusação de que quem não se engaja na Copa do Mundo tem “complexo de vira-latas”, uma vez que se associa a preferência do enunciador: “cinema” (estrangeiro) e não “futebol” (Brasil).

Se observarmos o Excerto a seguir, veremos que há uma definição de comunidade discursiva à qual o enunciador pertence: ao grupo dos que não gostam de futebol e, nem por isso, são anti-petistas ou tucanos. O enunciador está criticando o modo como o futebol dessa Copa determinou essa divisão partidária. Vejamos:

Excerto [48]

E meus amigos loucos por futebol? Todos tornaram-se petistas. Querer vestir a família inteira com a bonita camisa da Seleção é petismo, pendurar bandeiras é petismo, gritar como louco na rua é petismo.

Este é o pior jogo de todos. O Fla-Flu partidário, ignorante e mesquinho, que não deixa quem gosta de futebol curtir o seu futebol e não deixa quem não gosta de futebol curtir o seu filminho. Viramos uma nação de mutleys e rabugentos que reclamam quando faz sol, reclamam quando faz frio, reclamam quando não faz nem sol nem frio.

[...]

A nação do “eu avisei que ia dar merda”.

Mas e se não der?

Precisamos ter um plano B. Não para o caso de dar tudo errado, mas para o caso de dar tudo certo.¹⁸⁷

Inicialmente, o enunciador afirma que os “amigos” que gostam de futebol são, na conjuntura bipolarizada, considerados petistas. Na mobilização da metáfora “Fla-Flu partidário”, o enunciador mostra como a nação está dividida entre dois “times”, em que há um acirramento e rivalidade partidária, e, portanto, a ideia de partido está homologada com a ideia de time, disputando um projeto de nação instituído pelos partidos representantes desses “times”: o PT de um lado e o PSDB de outro. Nesse sentido, o enunciador não se põe como favorável a governo nenhum; ele está chamando a atenção para a rabugice geral, que decorre do clima Fla-Flu e que impede de descolar o evento Copa do Mundo da luta partidária em curso.

¹⁸⁷ A íntegra do texto pode ser consultada no Anexo AH.

Reivindica, portanto, uma desvinculação de gostar ou não de futebol, Copa etc. com a polarização partidária.

Mais adiante, no mesmo Excerto, o enunciado “vimos uma nação de *mutleys*” mostra o enquadramento do enunciador quanto ao seu posicionamento: ser uma nação de *mutleys* mostra que somos todos “reclamões”, insatisfeitos com a conjuntura política do país, e que não consideramos a possibilidade de dar certo – o “sujeito coletivo compacto”, como afirma Maingueneau (2013, p. 152), um “eu” coletivo que representa uma nação claramente definida por parecer um bando de *mutleys* e rabugentos. O enunciador mostra contornos fortes: uma nação que não cogita, para além dos partidarismos, que algo possa dar certo.¹⁸⁸

A disputa da opinião pública na materialização de discursos sobre quem estava a favor ou contra o governo Dilma se imbrica aos próprios fatos conflitantes do contexto político brasileiro de 2014 a 2016. O aspecto da opinião pública fragmentada pela diversidade de grupos sociais é importante quanto à mobilização, pelo enunciador, dos semas “direita”, “esquerda”, “coxinhas” e “petralhas”, visto que mostra o processo pelo qual esses semas se constituíram. Podemos associar esses semas aos “comentários” e “declarações peremptórias”, como nota Charaudeau (2016, p. 37), postas em circulação no período depois das “Manifestações de junho”. Até o período da Copa do Mundo, os comentários e declarações, estabelecidos pela opinião pública, instituíram um saber coletivo, apoiado em discursos de esquerda e de direita. Os discursos de esquerda, por exemplo, foram instituídos por movimentos que apoiavam investimentos públicos em Educação, Saúde, Transporte e Moradia.

Basicamente, cinco movimentos assinaram os manifestos *contra* a Copa:

Movimento Passe Livre (MPL), um dos principais catalisadores dos protestos políticos em junho com a pauta do modelo de transporte público. Os outros são o Fórum Popular de Saúde do Estado de São Paulo, articulação que reúne diversos coletivos em defesa das melhorias na saúde pública; o Coletivo Autônomo dos Trabalhadores Sociais, que reúne, principalmente, assistentes sociais que atuam em São Paulo; o Periferia Ativa, fundado por comunidades da zona sul e da região metropolitana da capital paulista; e o Comitê Contra o Genocídio da População Preta, Pobre e Periférica, que combate a

¹⁸⁸ A discussão referente à menção do personagem Mutley, da *Corrida Maluca*, é esmiuçada no CAPÍTULO 5.

violência da polícia e dos grupos de extermínio ligados a ela que atuam nas periferias (BARROS, 2014).¹⁸⁹

Esses movimentos, de bases populares, organizados em sua maioria nas redes sociais, tiveram apoio do PT, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU), e passaram a funcionar como vetores de sensibilidade dos discursos do “Não vai ter Copa”. Já os movimentos de direita, que também criticaram a Copa do Mundo no Brasil, passaram a circular mais nos mídiuns digitais (redes sociais, por exemplo) que em outros mídiuns, visto que havia pouco espaço de representatividade nos movimentos de rua devido à pauta de reivindicações e direitos das bandeiras envolvidas (Saúde, Educação, Transporte e Moradia) contra a ingerência da FIFA e contra a repressão.

No próximo seguinte, serão analisadas as condições de produção dos discursos sobre a realização da Copa do Mundo a partir de duas figuras representativas de seus posicionamentos discursivos: a ex-presidente Dilma Rousseff e o ex-jogador de futebol Ronaldo Nazário de Lima.

6.2.4 Dilma e Ronaldo: “queda de braço” entre governo e oposição

Retomemos a afirmação do ex-jogador de futebol Ronaldo Nazário, membro do Comitê Organizador Local (COL) da Copa do Mundo em 2014, sobre os atrasos das construções dos estádios, o que se configura como um discurso de posicionamento em favor da FIFA, que exigia um padrão de qualidade na construção dos estádios – padrão este denominado “padrão FIFA”. A expressão, usada desde a Copa das Confederações, também sediada no Brasil em 2013, passou a designar palavras de ordem em movimentos que exigiam do governo qualidade em diferentes setores sociais, tais como “*queremos escolas padrão FIFA*” e “*queremos hospitais padrão FIFA*”. Para Clemente Ganz Lúcio (2014),¹⁹⁰ o padrão FIFA significa uma “institucionalidade marcada pelos meandros do poder dos grandes interesses

¹⁸⁹ Referido trecho, extraído da reportagem “Quem grita ‘não vai ter Copa’ nas manifestações?”, mostra quem são os ativistas que estão por trás dos primeiros protestos contra o mundial de futebol no Brasil. Cf. Barros (2014).

¹⁹⁰ Declaração extraída do artigo de opinião intitulado “Não quero padrão FIFA!”, escrito por Clemente Ganz Lúcio e posto em circulação no Portal *Rede Brasil Atual* (RBA) em 12 de junho de 2014. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/blogs/padrao-brasil/nao-quer-padro-fifa-385.html>>. Acesso em: 06 fev. 2019.

financeiros e corporações, de conexões e ganhos ilícitos, de corrupção do privado e do público”. O padrão FIFA é um modo de transformar os estádios, ditos “arenas” (nome que recupera a noção de guerra), num espaço segregador e elitizado.

Analisamos, em sequência, a reverberação de outros atores sociais acerca da afirmação do ex-jogador, incluindo a fala da ex-presidente Dilma Rousseff. Começamos com o Excerto [49], extraído de uma reportagem publicada no jornal on-line *El país*:

Excerto [49]

“Em 2007, quando eles decidiram que a Copa do Mundo seria no Brasil, o presidente [Luiz Inácio Lula da Silva] assinou tudo e concordou em tudo e, em seguida, eles [FIFA] chegam aqui e há essa burocracia, total confusão e atraso”, disse [Ronaldo] na entrevista feita nesta sexta-feira. “É uma vergonha. Estou envergonhado. Este é o meu país e eu o amo e não devemos transmitir esta imagem no exterior”, acrescentou.¹⁹¹

O Excerto [49] pertence ao texto intitulado “Ronaldo diz que sente vergonha da ‘incapacidade do Brasil’”, de Talita Bedinelli, publicado no jornal *El País* em maio de 2014. Na matéria, o ex-jogador¹⁹² critica, em entrevista à Agência Reuters, os atrasos do país referentes à infraestrutura prometida pelo Governo Federal para o Mundial de futebol no Brasil. A afirmação de Ronaldo sobre estar “envergonhado” com o atraso da construção dos estádios para a Copa do Mundo no Brasil estabelece uma relação parafrástica com o sintagma “complexo de vira-latas”, no sentido do lexema “vergonha” indicar uma representação do sentimento de inferioridade que ele demonstra diante da imposição da FIFA (uma entidade internacional esportiva) quanto à construção dos estádios.

Considerando o confronto de forças políticas no país, o enunciador se utiliza do lexema “vergonha” para demonstrar insatisfação com a condução das obras e dos processos, acertados pelo presidente do Brasil na época do contrato com a FIFA.

Ronaldo, no mesmo período, também deu entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo* em 29 de maio de 2014, a qual foi publicada no Portal *UOL* de notícias (Excerto [50]). Também houve, dias antes, o pronunciamento de Dilma Rousseff no

¹⁹¹ A íntegra do texto está disponível no Anexo AO.

¹⁹² O ex-jogador de futebol Ronaldo concedeu a entrevista à Agência Reuters em 23 de maio de 2014. Um trecho dela pode ser conferido no seguinte endereço: <<https://www.youtube.com/watch?v=UCVomJX7nIU>>. Acesso em: 31 out. 2017.

17^o Congresso Nacional da União da Juventude Socialista¹⁹³ que, depois, foi posto em circulação do jornal on-line *O Estado de S. Paulo* (Excerto [51]) em 24 de maio de 2014, ao qual podemos agregar, ainda, o editorial veiculado no portal *Rede Brasil Atual* sobre a repercussão dos eventos (Excerto [52]) em julho de 2014.

A circulação dos discursos em Dilma e Ronaldo nesses mídiuns estabelece o posicionamento discursivo de cada um.

Excerto [50]

Os estádios eram exigência principal da Fifa para fazer a Copa. Os estádios estão quase todos terminados, mal ou bem, vão estar prontos. Como eu disse para a Reuters, a minha vergonha é pela população que esperava realmente esses grandes investimentos, esse grande legado de Copa do Mundo para eles mesmos, para população, reformas de aeroportos, mobilidade urbana. Tudo que foi prometido e não foi entregue. Tem estatística, é noticiado, 30% só vai ser entregue para a Copa do Mundo, essa é minha preocupação, minha vergonha. Maior prejudicado é a população.¹⁹⁴

Excerto [51]

Tenho certeza que nosso país fará a Copa das Copas. Tenho certeza da nossa capacidade, tenho certeza do que fizemos. Tenho orgulho das nossas realizações. Não temos por que nos envergonhar e não temos “**complexo de vira-latas**”.¹⁹⁵

Excerto [52]

Em discurso na manhã de hoje na inauguração de um hospital em Porto Alegre, a presidenta Dilma Rousseff comemorou o sucesso da Copa do Mundo no Brasil e criticou os pessimistas e os que apostaram no fracasso do evento no país. “Derrotamos os pessimistas, que disseram que não havia a menor possibilidade de dar certo a Copa do Mundo, mas ela não só deu certo como mostrou um país que sabe receber”, afirmou. “Foram derrotados todos os que tinham **complexo de vira-lata**, que diziam que seria a Copa do caos ou da falta de energia, de tudo que há de pior”.

O auge dos ataques à presidenta aconteceu no dia 12 de junho, na abertura da Copa do Mundo na Arena Corinthians, o Itaquerão, na zona leste de São Paulo, quando um grupo localizado na ala vip do estádio dirigiu xingamentos a ela. Esta semana, um vídeo com pedido de desculpas a Dilma pelo ocorrido, compartilhado pelo músico mineiro Flávio Henrique em sua página no Facebook e publicado no Youtube pela blogueira Conceição Oliveira, criticou o

¹⁹³ Evento ocorrido entre 22 e 25 de maio de 2014 em Brasília.

¹⁹⁴ A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo AP.

¹⁹⁵ A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo AQ.

complexo de vira-lata e, até o início da tarde de hoje, já tinha atingido 43.774 visualizações.¹⁹⁶

O Excerto [50] pertence ao texto “Ronaldo reforça vergonha, critica governo e diz que Copa é vítima”. No texto, o membro do comitê local voltou a falar sobre o sentimento de vergonha em relação a Copa do Mundo. No Excerto [50], Ronaldo procura ratificar, em 29 de maio, uma afirmação proferida em 24 de maio. De acordo com Ronaldo, a Copa do Mundo acabou sendo uma vítima de todos os problemas de infraestrutura que o país sempre teve. O ex-jogador, para retificar sua fala, retoma seu comentário de 2011 sobre a construção dos estádios. Vejamos o comentário:

Acho que se gasta em tudo. Está sendo gasto também muito dinheiro em saúde, segurança, mas vamos receber uma Copa. Sem estádio não se faz Copa. Não se faz Copa do Mundo com hospital. Tem que ver o que você quer, o que é melhor. Não faço parte do governo. Só tenho certeza que vou fazer o melhor para termos a melhor Copa do Mundo.¹⁹⁷

Ainda que Ronaldo possa ter se valido do comentário dele de 2011 sobre a construção dos estádios (“Não se faz Copa do Mundo com hospital”), este não é o objetivo principal de sua ratificação no Excerto [50]. Nesse sentido, a vergonha, que antes era generalizada (de todos os brasileiros diante dos atrasos na construção dos estádios), torna-se setorizada, somente dele (Ronaldo) com relação às obras.

As evidências, inscritas no enunciado “Como eu disse para a Reuters”, confirmam um equívoco do dito. Essas marcas no fio discursivo permitem o trabalho interpretativo da figura de um enunciador que comenta ao mesmo tempo que enuncia. Essa forma de explicitação do dizer, que Authier-Revuz (1994) designa por “sinonímia” ou “dupla autonímia”, introduz uma retificação tal como “no sentido de”. O enunciador, no texto de 2014, procura retificar o acontecimento de 2011, conferindo um tom de insatisfação com o atraso na construção dos estádios para a realização da Copa do Mundo, responsabilizando o Governo pelo atraso. O

¹⁹⁶ A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo AR.

¹⁹⁷ Trecho do discurso de Ronaldo Nazário no dia em que ele foi anunciado membro do conselho de administração do Comitê Organizador Local (COL), em 1^o de dezembro 2011. A notícia, intitulada “Agora no COL, Ronaldo defende investimento em estádios: 'Não se faz Copa com hospital'”, escrita por Tiago Leme, aparece na íntegra no Anexo AS.

enunciador retoma a memória do sintagma “complexo de vira-latas” no sentido de confirmar a não eficiência no Brasil, do brasileiro.

Os exemplos mostrados no Excerto [50] retomam, à luz do conceito de fórmula, por um lado, o “complexo de vira-latas” discursivizado pelo enunciador em forma de paráfrase – o sentimento de inferioridade e autodepreciação –, como uma tentativa de justificar o enunciado “Não se faz Copa do Mundo com hospital”.

O Excerto [51] integra o texto intitulado “Dilma: tenho certeza que Brasil fará Copa das Copas”, em que a ex-presidente rebate críticas do ex-jogador Ronaldo sobre os problemas de infraestrutura. No referido Excerto, o enunciador mobiliza o “complexo de vira-latas” no sentido de desestabilizar o pronunciamento de Ronaldo, que afirma: “Não se faz Copa do Mundo com hospital”, cuja alegação se refere a uma condição insuficiente de o Brasil realizar a Copa. Podemos verificar essa desestabilização pela estrutura “tenho certeza”, repetida três vezes, seguida da estrutura “tenho orgulho”. A indicação de certeza no dizer do enunciador do Excerto [51] sobre a realização da Copa do Mundo no Brasil mostra que Dilma Rousseff expõe o complexo de Ronaldo. A preocupação dele com hospitais é um modo de atenuar a crítica que recebe de Dilma. E que essa vergonha, ratificada por Ronaldo em maio, já é a fala de um Ronaldo adversário político de Dilma.

A constituição da rede semântica se estabelece na relação de um discurso segundo (fala de Dilma Rousseff) se contrapondo a um discurso primeiro (fala de Ronaldo). Isso mostra o embate entre instâncias enunciativas com posicionamentos discursivos distintos, cada uma procurando evidenciar projetos de nação/Estado diferentes.

Notam-se, com isso, dois posicionamentos enunciativos diferentes com o uso que é feito do sintagma “complexo de vira-latas”. Ronaldo, na condição de membro do Comitê Organizador Local (COL), está num lugar institucionalizado pela entidade FIFA. O lugar discursivo de Dilma se institucionaliza na condição de Presidente da República. Politicamente, em 2014, Ronaldo apoiou seu adversário político (Aécio Neves, PSDB) nas acirradas eleições presidenciais. Esse jogo político fez com que Ronaldo passasse a produzir discursos de teor neoliberal, uma vez que Aécio Neves, pela ideologia partidária à qual se afilia, é neoliberal. Isso se pode verificar com o uso do lexema “vergonha”, por duas vezes, no dizer de Ronaldo. A expressão adquire um sentido diferente, um sentido político. De acordo com Possenti, (2016, p. 1079), “[...] por alterações no ‘referente’, no sentido de que um objeto ou um fato

(palavras podem referir-se a fatos, a acontecimentos!) podem mudar sua ‘natureza’”. Verifica-se o sentido da expressão “vergonha” relacionado aos fatos e acontecimentos políticos relativos à presidente Dilma Rousseff. A “vergonha”, portanto, não é a de Ronaldo, mas a fala institucionalizada de um partido adversário do partido da ex-presidente.

O Excerto [52] integra uma notícia publicada em 4 de julho de 2014 no Portal *Rede Brasil Atual*, na seção “política”. Intitulada “Foram derrotados todos os que tinham complexo de vira-lata’, diz Dilma”, a matéria mostra as críticas feitas pela ex-presidente Dilma aos que apostaram no fracasso do evento no país. Nota-se que o enunciador cita um pronunciamento de Dilma Rousseff durante a inauguração de um hospital na cidade de Porto Alegre. Na citação, verifica-se o “complexo de vira-latas” sendo mobilizado para se referir aos “derrotados”, aos que diziam que a Copa seria a “do caos ou da falta de energia, de tudo que há de pior”.

Num primeiro momento, o enunciador deixa claro que a fala de Dilma retoma discursos postos em circulação nos mais diferentes mídiuns – em grande parte na mídia corporativa – sobre o fracasso que seria a realização do evento esportivo. Esse fracasso estaria vinculado aos problemas que Dilma vinha enfrentando em seu governo no ano de 2014, especialmente no período de realização dos jogos da Copa do Mundo e que foram discursivizados pelos atores políticos adversários.

Em outra passagem do Excerto [52] percebe-se a retomada do sintagma como a possibilidade de mudança do “curso das coisas” – o que, para Krieg-Planque (2010, p. 86), pode ser percebida como um acontecimento. Para o enunciador do editorial, houve a mudança a partir da circulação do vídeo “pedido de desculpas a Dilma Rousseff”, publicado no canal do YouTube de Conceição Oliveira.¹⁹⁸ Trata-se de um vídeo de retratação (do povo brasileiro?) quanto aos xingamentos sofridos por Dilma durante a abertura da Copa do Mundo.

Ainda no Excerto [52], o enunciador evidencia um dado numérico importante para a compreensão da circulação do sintagma “complexo de vira-latas” como fórmula. Trata-se da quantidade de visualizações do vídeo (mais de 43.000 num curto espaço de tempo). Isso mostra o interesse de uma dada comunidade discursiva acerca dos discursos em torno do debate público relativo à Copa. Podemos exemplificar esses discursos pelos xingamentos direcionados à ex-

¹⁹⁸ Vídeo disponível no seguinte endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=Pz_kqko6JTs&feature=youtu.be>. Acesso em: 23 jan. 2018.

presidente, “quando um grupo localizado na ala vip do estádio dirigiu xingamentos a ela”. Também, as expressões como “pessimistas” e “derrotados” constituem a matriz de sentido do “complexo de vira-latas”, que é rejeitada aqui.

Trata-se, portanto, de dois posicionamentos discursivos distintos. Antes do pronunciamento de Ronaldo sobre os atrasos na construção dos estádios da Copa do Mundo, o ex-jogador de futebol mantinha bom relacionamento com o governo Dilma. Depois de a ex-presidente mobilizar o sintagma “complexo de vira-latas” para rechaçar aqueles que não acreditavam na capacidade do Brasil para sediar o evento, o ex-atacante passou a declarar-se oposição de Dilma Rousseff.

6.2.5 Quem tem “complexo de vira-latas” tem ódio?

Após as eleições presidenciais de 2014, os debates/embates no espaço público se tornaram cada vez mais bipolarizados, haja vista o resultado das eleições, com a vitória de Dilma Rousseff (PT) sobre Aécio Neves (PSDB) com pouco mais de três pontos percentuais.¹⁹⁹ Essa bipolarização política – que não se trata de PT contra PSDB, mas de quem apoia o PT e dos que querem tirar o PT do poder (o chamado antipetismo) – se configurou, materialmente, a partir das “Manifestações de junho” de 2013. Entretanto, esse movimento foi constituído a partir de discursos contra corrupção que se concentraram no PT (os discursos são vinculados à sensação de corrupção institucionalizada pela exposição midiática do caso da Ação Penal 470, apelidada midiaticamente de “Mensalão”, a partir de 2005, e depois os julgamentos, a partir de 2012), e mais recentemente, pelas ações da Operação Lava Jato, da Polícia Federal, devido às acusações de corrupção que os membros do Partido sofreram. Como explica Maria Eduarda da Mota Rocha, socióloga e professora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE),

[...] há, por um lado, um grande processo de desqualificação da política, que atinge os poderes instituídos. E o PT está no poder há um certo tempo. Então, ele fatalmente é alvo desse sentimento de

¹⁹⁹ A chapa composta por Dilma Rousseff e Michel Temer recebeu 54.501.118 votos (51,64% dos votos válidos), e a chapa integrada por Aécio Neves e Aloysio Nunes Ferreira obteve 51.041.155 votos (48,36% dos votos válidos). Com informações coletadas do Portal do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), disponível em: <<http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2014/Dezembro/plenario-do-tse-proclama-resultado-definitivo-do-segundo-turno-da-eleicao-presidencial>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

recusa da política que a gente está vivendo. Esse é um fenômeno global, que tem levado à ascensão da extrema direita em muitos lugares do mundo.²⁰⁰

Além disso, cabe salientar que o antipetismo é uma recusa, por parte da população, do sistema político, particularmente por parte da elite, num evidente desprezo pela democracia.

Após a reeleição do governo Dilma, os debates/embates se intensificaram nas redes sociais. Isso proporcionou a constituição de certos movimentos sociais a favor ou contra o governo do PT. Em 2015, diferentes movimentos sociais tomaram parte dos debates no espaço público. Quanto aos movimentos de oposição ao governo (no caso, os movimentos financiados por partidos de direita ou por organizações estrangeiras), podemos citar ao menos três: o “Movimento Brasil Livre” (MBL), que inclusive elegeu deputados nas últimas eleições; o movimento “Vem pra Rua”²⁰¹ e o movimento “Estudantes pela Liberdade”. Essas manifestações pró-impeachment mobilizaram, numa primeira edição, em 15 de março de 2015, quase dois milhões de pessoas – cerca de 300 mil somente em São Paulo, na Avenida Paulista.²⁰² A partir da segunda edição, em agosto do mesmo ano, as manifestações perderam força política, tornando-se praticamente inexpressivas em dezembro. Isso se deve à organização de movimentos sociais a favor do governo Dilma. Dentre esses movimentos, podemos citar o “Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra” (MST), a “Central de Movimentos Populares” (CMP), o “Movimento dos Atingidos por Barragens” (MAB), o “Levante Popular da Juventude”, o “Movimento dos Trabalhadores Sem Terra” (MST), a “Frente Brasil Popular” e o “Grupo Brasil”. Esses movimentos foram instituídos por centrais sindicais – a Central Única dos Trabalhadores (CUT), por exemplo – e pelos partidos de esquerda PT, PSOL, PCdoB.

²⁰⁰ O trecho de fala de Rocha foi extraído da reportagem elaborada por Rute Pina, intitulada “Como surgiu o ‘antipetismo’, e do que ele se alimenta?”, posta em circulação no Portal *Brasil de Fato* em 27 de outubro de 2018. A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo .

²⁰¹ O “Vem pra Rua” surgiu em outubro de 2014 como uma tentativa de organizar e captar pessoas em razão da situação econômica, política e social do país, durante o Governo Dilma, tendo como alvo o próprio governo da ex-presidente e com pautas definidas, como o combate à corrupção, o impeachment de Dilma Rousseff e a aprovação das “10 Medidas Contra Corrupção”, projeto de lei do Ministério Público Federal. Com informações coletadas do seguinte endereço: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Vem_pra_Rua>. Acesso em: 16 jan. 2019.

²⁰² Dados informados pelo Datafolha em 17 de março de 2015. Pesquisa disponível no seguinte endereço: <<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2015/03/17/manifestacao-15-03.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2019.

Nesse cenário, cabe destacar o papel da mídia corporativa: pôr em circulação discursos que visam à disseminação da “cultura do ódio”. Esses discursos passam a circular em diferentes mídiuns digitais (plataformas corporativas de jornais on-line), sobretudo nas redes sociais e, mais fortemente, na mídia televisiva. O Facebook, por exemplo, recebia, até o ano de 2015, cerca de 1 milhão de denúncias de conteúdo de ódio ou conteúdo ilegal diariamente. Por conta disso, em 31 de maio de 2016, as plataformas Google, Twitter, Microsoft e Facebook assinaram um documento²⁰³ que traz regras sobre conteúdo violento, ilegal e racista nas redes sociais.

Em contrapartida à mídia corporativa, diversos mídiuns alternativos (blogs e portais on-line não corporativos) passaram a circular discursos em oposição a essa “cultura do ódio”. Nesse sentido, o Excerto a seguir mostra como a circulação desta cultura está atrelada, de certo modo e na mesma intensidade, à circulação do sintagma “complexo de vira-latas”. Nesse contexto, o Excerto também procura identificar as vozes discursivas que promovem o embate na cena pública. Vejamos:

Excerto [53]

Junho de 2013 é um marco na vida política brasileira. Foi ali que se iniciaram os protestos e manifestações que, desde então, vêm se repetindo nas ruas de diversas cidades do país com as mais diferentes pautas e com uma frequência inédita em nossa história. Um outro ingrediente, porém, chama a atenção na vida política brasileira: o ódio. Ao lado do velho **complexo de vira-latas**, o ódio vem se tornado um intenso sentimento nacional. Ele esteve presente nas polarizadas eleições de 2014 e é sentimento cativo nos protestos. Os adjetivos nada lisonjeiros, as simplificações e as mistificações vão se alastrando como incêndio: de um lado os coxinhas, os reações e os painéis da varanda gourmet; do outro, os petralhas, os bolivarianos, os comunas e por aí vai...

[...]

O que se pretende, além de identificar a escalada do ódio para poder neutralizá-la, é também levantar algumas questões, ainda que fiquem sem respostas: o que os protestos – todos eles – devem significar para nós neste momento? Será que vivemos um tempo de profundas mudanças no Brasil? Será que o atual modelo de representação política se esgotou? Quais os problemas da democracia brasileira? Como melhorá-la e aperfeiçoá-la? De que modo a internet alterou o modo como se faz e como se pensa a política?

²⁰³ Documento elaborado pela União Europeia, que traz regras sobre conteúdos racistas, violentos e ilegais nas redes sociais. Com informações extraídas do seguinte endereço: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/05/facebook-microsoft-google-e-twitter-se-unem-para-barrar-discurso-de-odio.html>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

Parece-me, de fato, que o atual modelo de representação política esgotou-se. O Estado está inchado e ineficiente, a educação e a saúde pública são de péssima qualidade (salvo honrosas exceções), a corrupção e o capitalismo de compadrio andam de mãos dadas, os lobbies de poderosos interesses financeiros sequestraram a democracia, a participação popular nas decisões políticas é praticamente inexistente, a internet possibilita a organização de movimentos populares como jamais se viu.

[...]

É ainda nesse espírito que uma parcela de manifestantes, ainda que pequena, pede abertamente o retorno da ditadura militar. [...] O ódio já está nas ruas e anda de mãos dadas com o nosso velho **complexo de vira-latas** (ainda mais acentuado em nosso imaginário depois dos 7 x 1).

[...]

Para evitar os dois piores cenários, o do retrocesso à ditadura e o do autoengano, aquele em que se mudam algumas coisas para que tudo continue como está, temos apenas um caminho: transformar o **complexo de vira-latas** em orgulho.²⁰⁴

O Excerto [53] faz parte do texto “Orgulho de ser vira-lata”, escrito por Guilherme Arruda Aranha, postado no Portal on-line *Justificando* em agosto de 2015. O Portal trata de diversos temas, cujos posicionamentos, do campo jurídico, estariam relacionados com “a liberdade mais absoluta e compromissado com as lutas raciais, de gênero, com as lutas pela extinção definitiva das masmorras brasileiras, com a libertação e com a liberdade”.²⁰⁵ Nesse sentido, nota-se um posicionamento discursivo em defesa da liberdade e da democracia. Segundo Salgado e Gatti (2018),

o selo editorial *Justificando* também marca um posicionamento engajado: remete a um coletivo de juristas organizado em um portal que oferece esclarecimentos sobre a atual conjuntura brasileira, com vistas a munir de argumentos bem balizados os que defendem a democracia (SALGADO; GATTI, 2018, p. 567).

O aspecto do coletivo de juristas é fundamental, visto que funciona como legitimador jurídico dos textos que ali são postos em circulação. A validade de um dizer depende do modo de enunciação e das condições de produção em que o discurso se apresenta. Nesse sentido, parece que o portal sustenta um engajamento no sentido de oferecer esclarecimentos à população, os quais se fazem importantes sobre a atual conjuntura brasileira.

²⁰⁴ A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo AU.

²⁰⁵ Descrição extraída da apresentação do Portal, disponível em: <<http://www.justificando.com/apresentacao/>>. Acesso em: 17 jan. 2019.

No início do Excerto, verifica-se que o enunciador já mobiliza o acontecimento discursivo das “Manifestações de junho” para gerir todo o processo enunciativo. A memória discursiva recuperada pelo enunciado “Junho de 2013 é um marco na vida política brasileira” atualiza/justifica as práticas discursivas dos movimentos sociais realizados em 2015, ao mesmo tempo em que recupera os discursos em circulação no período das “Manifestações” como forma de legitimar a enunciação. A suposição é de que as manifestações dos movimentos sociais em 2015 só foram possíveis porque houve um precedente que autorizasse isso (as “Manifestações de junho” de 2013).

A partir disso, o enunciador insere dois outros fatores que incidem nos direcionamentos das manifestações e da política brasileira: o ódio e o “complexo de vira-latas”. O enunciado “Ao lado do velho complexo de vira-latas, o ódio vem se tornando um intenso sentimento nacional” apresenta uma comparação entre o ódio e o sintagma “complexo de vira-latas”, como se o ódio passasse a integrar, a partir disso, o pensamento social brasileiro com característica de um “intenso sentimento nacional”.

Para confirmar a presença do ódio nos diferentes eventos como um sentimento nacional, o enunciador menciona as eleições presidenciais de 2014 e as manifestações dissipadas pelo país em 2015. Nota-se, no enunciado “de um lado os coxinhas, os reações e os panelaços da varanda gourmet; do outro, os petralhas, os bolivarianos, os comunas e por aí vai...”, a menção a alguns termos (“coxinhas”, “reações”, “petralhas” e “bolivarianos”), bem como ao movimento “panelaço”.²⁰⁶ Isso é um modo de articulação do enunciador no sentido de apresentar os diferentes termos e materialidades (panelaço) produzidos pela disseminação do ódio. Trata-se de uma variedade de conceitos e sentidos para um fenômeno produzido como protagonista na conjuntura atual brasileira. O sintagma “complexo de vira-latas” passa, desse modo, a ter um sentido pejorativo, uma vez que o enunciador lança mão dele como um sentimento “ao lado” do ódio.

Com isso, pretendemos destacar o modo como esses distintos termos e movimentos autorizam o enunciador a tratar o ódio e o sintagma “complexo de vira-latas”. Os termos e os movimentos são convocados, assim, a entrar no debate

²⁰⁶ Movimento realizado em 8 de março de 2015 na capital do estado de São Paulo como forma de protesto ao pronunciamento feito pela ex-presidente Dilma Rousseff em comemoração ao Dia Internacional da Mulher. Com informações coletadas no seguinte endereço: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/09/politica/1425861611_592317.html>. Acesso em: 17 jan. 2019.

público pelo sintagma “complexo de vira-latas”, condensando a semântica das tensões sociais.

No parágrafo seguinte do Excerto [53] percebe-se uma série de questionamentos, de modo a compreender a escalada do ódio nas manifestações e movimentos sociais. O questionamento “Será que o atual modelo de representação política se esgotou?” é respondido logo no parágrafo seguinte: “Parece-me, de fato, que o atual modelo de representação política esgotou-se”. O que, de fato, podemos compreender como “representação política”? Quando o enunciador afirma que esse modelo “esgotou-se”, ele está se posicionando contra o governo Dilma no que tange ao papel de sua representatividade na sociedade, não de partido político. O enunciado “os lobbies de poderosos interesses financeiros sequestraram a democracia, a participação popular nas decisões políticas é praticamente inexistente” é um fator crucial, que mostra o apelo à manutenção da democracia.

Mais adiante, o enunciado “É ainda nesse espírito que uma parcela de manifestantes, ainda que pequena, pede abertamente o retorno da ditadura militar” marca uma lógica argumentativa contrária ao retorno dos militares. A expressão “ainda que pequena” inscreve esse enunciado no posicionamento a favor da democracia. O aparecimento da voz dos manifestantes pedindo a volta da ditadura militar é uma amostra da “cultura do ódio” que foi disseminada na política.

Novamente, o sintagma “complexo de vira-latas” é convocado na cena enunciativa, evidenciando uma relação próxima com a expressão “ódio”. Desta vez, o enunciado “ódio já está nas ruas e anda de mãos dadas com o nosso velho complexo de vira-latas” mostra indícios dessa relação. A expressão “de mãos dadas” inscreve o sintagma “complexo de vira-latas” num estreitamento de sentido com a noção de “ódio”. Esse enquadramento é decisivo, posto que “complexo de vira-latas” é um sintagma que aparece em contextos discursivos identitários sobre nação em condições da bipolarização política que se instituiu a partir de 2013 no Brasil. No entanto, nesse Excerto [53], ele está inserido na “vida política brasileira” como divisor de entidades e vozes que disseminam o ódio ou não. Desse modo, se condicionarmos o posicionamento do enunciador (a favor da democracia, conseqüentemente contrário à ditadura) ao modo como ele convoca o sintagma, poderíamos pensar as comunidades discursivas que poriam em circulação os discursos de ódio e as comunidades discursivas que lutam contra a disseminação do discurso de ódio. Assim, as comunidades que disseminam o ódio caracterizam-se

por pertencer a um grupo que tem “complexo de vira-latas”, visto que tanto o “complexo de vira-latas” quanto o “ódio” andam de “mãos dadas”.

É interessante observar que o sintagma foi mencionado juntamente com o enunciado “ainda mais acentuado em nosso imaginário depois dos 7 x 1”. A recuperação do episódio da derrota da seleção do Brasil para a seleção da Alemanha na Copa do Mundo, sediada no Brasil em 2014, é um indício do campo discursivo de origem do sintagma (esporte), ao mesmo tempo em que convoca, pela memória discursiva, os discursos negativos que circularam nos diversos mídiuns sobre o imaginário do complexo de inferioridade do Brasil(eiro) em relação às nações estrangeiras. O enunciado atualiza esse sentido.

Na terceira menção ao sintagma “complexo de vira-latas”, nota-se um enquadramento diferente dos anteriores. O enunciador não relaciona o sintagma ao “ódio”, nem tampouco aos deslizamentos de sentidos anteriormente mencionados. O que há, de fato, no enunciado “temos apenas um caminho: transformar o complexo de vira-latas em orgulho”, é uma tentativa de mostrar um caminho contrário ao “ódio”, um caminho de tolerância, podemos assim dizer. O uso do verbo “transformar” possui um sentido de modificar, converter o sintagma “complexo de vira-latas”, que antes era atribuído aos grupos que apoiavam a ditadura militar e aos movimentos sociais que disseminavam discursos de ódio e intolerância. Agora, o “complexo” deixa de ser um “intenso sentimento nacional” da “cultura do ódio”, em tom pejorativo, e passa a mostrar um sentido positivo, de mudança, de “orgulho”.

6.3 Discursos sobre nação/Estado no contexto das Olimpíadas

Em 2016, as condições de produção dos discursos que mobilizam o sintagma “complexo de vira-latas” apontam para dois episódios: a realização das Olimpíadas na cidade do Rio de Janeiro e o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff. Observa-se o uso do sintagma “complexo de vira-latas” no acirramento de embate partidário entre o governo Dilma e a oposição.

Em outubro de 2009, a cidade do Rio de Janeiro foi escolhida como sede para as Olimpíadas. Até 2016, o Brasil enfrentou sucessivas crises, econômicas e políticas – algumas dessas crises já mencionadas anteriormente, no contexto político da Copa do mundo de 2014. Mesmo com o sucesso da realização do

Mundial de futebol, ainda havia incerteza da população quanto à realização das Olimpíadas. Nesse cenário, a opinião pública punha em circulação discursos sobre os investimentos nas áreas de infraestrutura e mobilidade urbana.²⁰⁷

Além disso, o processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff estava em processo, com votação prevista em 31 de agosto de 2016. Nota-se o clima de instabilidade política durante a realização dos Jogos Olímpicos. Nesse período, Lula estava sendo acusado, pela Operação Lava Jato, de obstruir as investigações numa rede de propina que desviou recursos da Petrobras.

Nesse contexto, novas forças políticas e atores sociais foram sendo instituídos, a começar pelos ativistas e integrantes de minorias políticas, como o público LGBT, os negros e as mulheres. Em contraposição a essas forças, estavam os evangélicos e neoliberais. Essas novas forças políticas se intensificam depois das “Manifestações de junho” de 2013 e ganham mais impulso em 2016, com os discursos que passaram a circular, sobretudo na mídia corporativa, sobre a perda de credibilidade da política implementada pelo PT tradicional após escândalos de corrupção – que se referem aos produzidos midiaticamente numa relação direta com a Operação Lava Jato, bem como à anuência do Ministério Público (vazamentos de informações, domínio do fato etc.).

Assim, a mídia corporativa construiu uma cooptação dos movimentos populares. Desde ali, a mídia corporativa, juntamente com o Judiciário, passa a circular discursos contrários ao governo Dilma, de forma a desestabilizá-la para o impeachment, estimulando, de forma sistemática, a perseguição à esquerda, ao PT e, mais fundamentalmente, ao ex-presidente Lula.

Assim, em busca da construção de um ideário de nação, diversos atores sociais (de esquerda e de direita) passaram a mobilizar o sintagma “complexo de vira-latas”, em diferentes mídiuns digitais (corporativos ou alternativos), procurando se identificar/pertencer a uma comunidade discursiva que representa uma identidade social.

²⁰⁷ Segundo o Tribunal de Contas da União (TCU), o total de gastos para os Jogos Olímpicos foi de 43 bilhões de reais, sendo metade de recursos públicos e metade de recursos privados. Com informações disponíveis em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/REPORTAGEM-ESPECIAL/541820-LEGADO-DA-COPA-E-DA-OLIMPIADA---BALANCO-DOS-IMPACTOS-DESSES-MEGAEVENTOS-NO-BRASIL-BLOCO-1.html>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

6.3.1 Muda o contexto político, mudam as relações de força: o caso Jabor

Serão analisados, a seguir, dois Excertos de textos de Arnaldo Jabor: um posto em circulação em 2014 (Excerto [54]) e outro em 2016 (Excerto [55]). O sintagma como referente social é posto em circulação pelo mesmo enunciador em contextos políticos distintos.

Excerto [54]

Amigos, vocês passaram o tempo todo da Copa falando de mim: Nelson Rodrigues pra cá, pra lá... Antes eu era o pornográfico, o reacionário, agora virei técnico de futebol. E me citavam. Todos diziam que tinha acabado o nosso “**complexo de vira-latas**”. Mas esse complexo que eu descobri pode existir também ao avesso — (Freud nem me olha aqui no céu, com uma inveja danada). Mas ele não é apenas o pavor diante dos estrangeiros, a cabeça baixa, o “sim, senhor”, a alma de contínuo. Não. Este complexo aparece na submissão à Fifa, lambendo-lhe os pés como cachorrinhos gratos, nas arenas grã-finas. O vira-latas estava ali. Podemos botar uma fitinha cor-de-rosa no vira-latas que ele continua sendo um legítimo vira-latas, cheirando postes e abanando o rabo.²⁰⁸

Excerto [55]

Estamos querendo mostrar ao mundo uma bela Olimpíada e esses caras azarando, nos olhando como se fôssemos uns bárbaros. Até que temos muita barbárie, mas olhe para o caos econômico na União Europeia, os milhares de imigrantes barrados, a direita subindo na França e Inglaterra e o neonazismo alemão. Não podemos ficar em pânico, com medo de que tudo não dê certo. A Olimpíada vai ser um show e o Brasil vai melhorar.²⁰⁹

Os Excertos [54] e [55] acima foram postos em circulação em diferentes mídiuns: enquanto o [54] é da ordem da escrita, passando a circular, em 15 de julho de 2014, no jornal on-line *O Globo*, o [55] é da ordem da oralidade e foi posto em circulação sob a forma de áudio no site da Rádio CBN, em 26 de julho de 2016.

O Excerto [54] faz parte do texto intitulado “A volta do complexo de vira-latas”, no qual Jabor tece comentários sobre “escândalos” de corrupção e as questões (negativas) ligadas à Copa do Mundo. O enunciado “Todos diziam que tinha acabado o nosso ‘complexo de vira-latas’” procura macular de vergonha o brasileiro

²⁰⁸ A íntegra do texto pode ser conferida no Anexo AV.

²⁰⁹ A íntegra do áudio está disponível no seguinte endereço: <<http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/arnaldo-jabor/2016/07/19/NERVOSISMO-COM-OLIMPIADA-TEM-A-VER-COM-NOSSO-VELHO-COMPLEXO-DE-VIRA-LATAS.htm>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

contra o PT, retomando as falas de Dilma (“Hoje nós não temos mais aquilo que o Nelson Rodrigues chamava de complexo de vira-latas” – Excerto [40]) e de Lula (“Até porque durante muito tempo nós fomos induzidos a um complexo de vira-lata” – Excerto [41]), apresentadas no início do presente Capítulo.

O enunciador convoca a figura de Nelson Rodrigues na condição de “técnico de futebol” para dizer no lugar de Nelson Rodrigues o que diz. Isto é, trata-se de um modo de enunciar o dito somente pela voz de Nelson Rodrigues. Talvez, sem essa permissão, o enunciador não teria autorização para dizer o que disse. Somente Nelson Rodrigues estaria autorizado para dizer “Antes eu era o pornográfico, o reacionário, agora virei técnico de futebol” ou “Podemos botar uma fitinha cor-de-rosa no vira-latas que ele continua sendo um legítimo vira-latas, cheirando postes e abanando o rabo”. O discurso pessimista em Jabor mostra um posicionamento contrário aos discursos otimistas sobre o mundial de futebol que Lula e Dilma puseram em circulação no âmbito da Copa do Mundo. Assim, quanto à figura de Nelson Rodrigues, há uma ficcionalização da voz enunciativa, que busca estar perto da fonte, aquela que “detém” a patente do sintagma.

Nos enunciados “Mas esse complexo que eu descobri pode existir também ao avesso” e “Este complexo aparece na submissão à Fifa”, o “sentimento de inferioridade” do sintagma está não no brasileiro em relação a outros povos, mas no relacionamento entre Brasil e FIFA, que goza de certa institucionalidade política e, por isso, toma decisões próprias, impondo-as, em muitos casos, sobre as decisões do próprio país que conquista o direito de sediar a Copa do Mundo.

Em 2014, a circulação dos prognósticos de construção dos estádios da Copa do Mundo no Brasil foi atrelada ao momento sócio-político. Percebe-se uma notória divisão da publicidade e da mídia em torno da eficiência da máquina pública. Essa atmosfera instável no cenário brasileiro, instituída pela mídia corporativa, de polarização entre governo e oposição, fez emergir discursos que colocavam em xeque a eficiência das instituições brasileiras, sobretudo quanto à construção dos estádios para a Copa do Mundo – foi o que apareceu, por exemplo, no duelo Ronaldo x Dilma.

Assim, no uso de “complexo de vira-latas”, se condicionado especialmente pela temática da preparação dos estádios da Copa do Mundo, atribui-se um sentido de *falta da capacidade de dar conta* diante do outro, do estrangeiro. O efeito de sentido é o de que há certa domesticação pacífica do governo brasileiro pela

aceitação do país entre as potências do quadro da FIFA, submetendo-se, portanto, aos mandos da Organização, que dirige o futebol mundial.

Em 2016, apesar dos discursos propagandistas²¹⁰ postos em circulação pela mídia sobre a instabilidade político-econômica enfrentada pelo governo brasileiro, o contexto político é outro: o país é governado pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB) (Partido do Movimento Democrático Brasileiro, PMDB, até 2017). Isso se mostra no Excerto [16]. Se nas Olimpíadas o discurso de Jabor é otimista, é porque é Temer que já está assumindo os “louros” do trabalho anterior, administrado pelo PT. Trata-se de mudança no contexto político e histórico. Isso produz mudança nas relações de força – os discursos mudam com elas e as fazem mudar também.

6.3.2 O “complexo de vira-latas” e o impeachment: antes o futebol, agora a corrupção

O sintagma “complexo de vira-latas”, como vimos, foi produzido por Nelson Rodrigues em 1958 num contexto esportivo, mais especificamente, no contexto da Copa do Mundo da Suécia, para a qual a Seleção Brasileira de Futebol quase não se classificou (foi salvo por uma vitória sofrida, 1 x 0 sobre o Peru com gol de falta).

Desse modo, o sintagma descreve e cristaliza uma descrição do real. No contexto futebolístico, o primeiro episódio refere-se à derrota do Brasil para a seleção de futebol do Uruguai na final da Copa do Mundo sediada no Brasil:

Eis a verdade, amigos: – desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar (RODRIGUES, 1993, p. 51).²¹¹

Nota-se o aspecto da derrota como elemento definidor da “humilhação nacional”. Em outro enunciado da crônica, a derrota é associada ao “complexo de vira-latas”: “Pois bem: – e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: porque Obdulio²¹² nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos”. O

²¹⁰ Charaudeau (2007) considera que a organização do discurso propagandista depende das hipóteses feitas a respeito dos imaginários nos quais este se move, relativizando a verdade do mundo comentado, sem comprovação de verdade com o dito.

²¹¹ Em tempo: a íntegra da crônica pode ser conferida no Anexo A.

²¹² Jogador do time do Uruguai que marcou o gol da vitória sobre o Brasil.

nome “vira-latas” carrega o significado de cachorro Sem Raça Definida que, geralmente, é visto andando pelas ruas, maltratado, desprezado. Nesse caso, o “complexo” estaria relacionado a um sentimento de inferioridade e de rejeição.

Outro episódio é a derrota da seleção do Brasil para a seleção da Hungria na Copa da Suíça em 1954:

Para nós, o futebol não se traduz em termos técnicos e táticos, mas puramente emocionais. Basta lembrar o que foi o jogo Brasil x Hungria*, que perdemos no Mundial da Suíça. Eu disse “perdemos” e por quê? Pela superioridade técnica dos adversários? Absolutamente. Creio mesmo que, em técnica, brilho, agilidade mental, somos imbatíveis. Eis a verdade: — antes do jogo com os húngaros, estávamos derrotados emocionalmente. Repito: — fomos derrotados por uma dessas tremedeiras obtusas, irracionais e gratuitas (RODRIGUES, 1993, p. 25).²¹³

A questão da fragilidade psíquica e emocional da seleção de futebol do Brasil como fator preponderante nas derrotas já vinha sendo posta em debate nas crônicas de Rodrigues desde 1956, como demonstra o trecho da crônica “Freud no futebol”, mencionado anteriormente.

O terceiro episódio que contribui para o “surgimento” do sintagma “complexo de vira-latas” é a goleada sofrida pela Seleção Brasileira de Futebol diante de um amistoso com a Inglaterra:²¹⁴

Em Wembley,²¹⁵ por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo (RODRIGUES, 1993, p. 51).

Nos três episódios mencionados, vemos que o sintagma “complexo de vira-latas” já vinha sendo gestado numa certa semântica. Cronologicamente, a Seleção Brasileira de Futebol havia sofrido três derrotas que, para Nelson Rodrigues, foram humilhantes. O sintagma surge, nesse contexto, das derrotas da Seleção Brasileira de Futebol diante de times supostamente inexpressivos dos pontos de vista técnico

²¹³ A citação é de um trecho da crônica “Freud no futebol”, publicada na revista *Manchete Esportiva* em 7 de abril de 1956. Cf. Rodrigues (1956).

²¹⁴ Jogo amistoso entre a seleção de futebol do Brasil e a seleção de futebol da Inglaterra em 8 de maio de 1956, em Wembley, na Inglaterra. O Brasil foi derrotado pelo placar de 4 x 2. Com informações disponíveis em: <<https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/index/brasil-e-inglaterra-no-dia-8-de-maio-de-1963-empatam-em-1-a-1-em-wembley>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

²¹⁵ A íntegra da crônica pode ser conferida no Anexo A.

e tático.²¹⁶ Assim, é nesse cenário futebolístico que “complexo de vira-latas” emerge na crônica. Os sentidos iniciais do sintagma, portanto, têm relação com o campo esportivo.

Nas análises apresentadas na PARTE II da presente tese, foi possível mostrar que o sintagma, assumindo as propriedades da fórmula discursiva propostas por Krieg-Planque (2010), passa a ser mobilizado em outros campos discursivos que não somente o esportivo. No campo político, por exemplo, o sintagma funciona como vetor de posicionamentos discursivos político-partidários com a fala de Lula a partir de 2010. Conforme se observou, na fala de Lula o sintagma “complexo de vira-latas” é direcionado às elites. Isso serviu para produzir um cenário político-econômico em que discursos de oposição a Lula fossem proferidos no sentido de mostrar que o “complexo de vira-latas” ainda persiste porque o governo do PT foi responsável pela corrupção no Brasil. Souza (2015), no concernente à noção de corrupção no Brasil, afirma o seguinte:

Não existe outra saída para o liberalismo conservador brasileiro a não ser repetir o mesmo discurso populista e manipulador da corrupção, supostamente apenas estatal, já que esta foi a forma – que a falsa generalização dos interesses particulares do lucro e do juro fáceis encontrou e construiu cuidadosamente desde os anos 1930 – de encontrar algum eco nos setores populares (SOUZA, 2015, p. 92).

O liberalismo conservador brasileiro pode ser compreendido como um movimento político que atende aos interesses das classes dominantes, incluindo as elites. Como dito anteriormente, o sintagma “complexo de vira-latas” foi direcionado às elites na fala do Lula. Posteriormente, passou a ser mobilizado também pelos discursos de esquerda no sentido de mostrar que esse “complexo” é perpetuado pela elite, sobretudo em suas relações com os países desenvolvidos.

Com isso, o sema “corrupção” passa a ser recorrente nos discursos da oposição (mídia corporativa e partidos políticos como o PSDB, por exemplo) ao governo do PT, passando a demonizar o Estado, como se o “complexo de vira-latas” ainda persistisse no Brasil porque os governos de Lula e de Dilma são corruptos. O sintagma “complexo de vira-lata”, portanto, nos discursos em Lula e Dilma, acaba

²¹⁶ Em recente ensaio intitulado “O elogio do vira-lata”, Gianetti (2018, p. 25) comenta: “[...] é de imaginar como teria reagido o cronista carioca se pudesse ter presenciado o fiasco na final da Copa de 1998 para a França, sem falar, por óbvio, do inominável vexame-apagão dos 7 x 1 diante da Alemanha em pleno Mineirão”.

por firmar uma tomada de posição contrária a essas forças políticas. Essas forças conferem a ambos e aos seus apoiadores a ideia de que cultivam o “complexo de vira-latas” por serem incompetentes e corruptos; e ambos, como seus apoiadores, apontam o “complexo de vira-latas” nessa posição acusatória, vista como de quem não crê na competência e retidão brasileiras.

O Excerto [56], a seguir, pertence ao editorial do jornal *O Estado de S. Paulo*, publicado em 1^o de setembro de 2016 e cujo título “O desfecho do impeachment” sintetiza, na visão do periódico (uma das instituições que faziam oposição ao governo do PT), o resultado do impeachment de Dilma Rousseff diante das relações políticas instaladas no Congresso brasileiro. O editorial emprega o sintagma em um sentido diferente de “sentimento de inferioridade voluntária”, demarcando um posicionamento político contrário ao governo Dilma. Vejamos:

Excerto [56]

Todo cidadão honesto deste país há de estar estupefato com o desfecho do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff.

Assim, o impeachment de Dilma passou, mas seus direitos políticos foram preservados. A punição pela metade não garantirá a Dilma um emprego de merendeira, mas se presta a livrar plumas, couros e escamas de figuras graúdas do Congresso que estão enroladas na Justiça, algumas das quais com assento nas mesas que dirigiram os trabalhos desse processo e que deveriam estar conscientes de sua responsabilidade perante a Nação.

Trinta e nove senadores que garantiram os direitos políticos da ex-presidente comprovaram que o brasileiro não tem “**complexo de vira-latas**” por causa das vicissitudes do futebol, mas porque é reduzido a essa condição por políticos agrupados em matilhas.

Essa imoralidade abre precedente para uma catadupa de escândalos. O que aconteceu ontem não foi motivo apenas para que o PSDB e o DEM [Democratas] ameaçassem romper a coalizão com o governo Temer, comprometendo todo o esforço de recuperação nacional. Trata-se de um episódio que expõe a inesgotável capacidade da classe política nacional de trair a confiança dos brasileiros de bem.²¹⁷

No início do Excerto (também é o início do editorial), o uso do adjetivo “estupefato” caracterizando “Todo cidadão honesto” mostra um posicionamento discursivo do enunciador. O fato de ele afirmar que o cidadão honesto há de estar estupefato com o impeachment de Dilma Rousseff também o coloca em favor do “cidadão honesto”. E, nessas condições, o “cidadão honesto” seria direcionado

²¹⁷ A íntegra do texto está disponível no Anexo AW.

àquele indivíduo que se opõe ao cidadão “corrupto”. Nota-se que o enunciador ocupa o lugar de fala do “cidadão honesto” para reclamar a corrupção do governo Dilma.

Nesse sentido, podemos associar a honestidade como um contraponto à noção de “corrupção”. Esse posicionamento é uma amostra de que o “complexo de vira-latas” está numa matriz de sentido da “corrupção”, e não mais no “sentimento de inferioridade voluntária”. O brasileiro possui “complexo de vira-latas” porque vive num país cujos políticos são corruptos, na “condição por políticos agrupados em matilhas”. Assim, como se nota, não se trata apenas de mostrar uma posição contrária ao governo Dilma, mas é uma posição contrária à classe política brasileira. Isso é perceptível no enunciado “a inesgotável capacidade da classe política nacional de trair a confiança dos brasileiros de bem”.

Ainda no Excerto [56], percebemos o emprego do sintagma “complexo de vira-latas” no sentido de caracterizar um grupo de pessoas – no caso, os 39 senadores que apoiaram a garantia dos direitos políticos a Dilma Rousseff. Essa caracterização revela um posicionamento discursivo contrário do editorial de *O Estado de S. Paulo* ao governo Dilma, uma vez que o enunciador relaciona, no texto, a expressão “vira-latas” à palavra “matilha”. Os senadores que não apoiaram Dilma Rousseff pertencem também ao mesmo grupo – vira-latas –, cuja mobilização assume, aqui, teor pejorativo. O enunciador está dizendo que o não apoio dos senadores a Dilma era para que se livrassem de pesos sobre si mesmos. Se prestaram “a livrar plumas, couros e escamas de figuras graúdas do Congresso que estão enroladas na Justiça”.

Nota-se que há um distanciamento de sentido entre o sintagma da crônica de Nelson Rodrigues e o sintagma no fragmento referido, a vergonha e a inferioridade que continuam a ser naturalizadas mudam de causa apenas: antes o futebol, agora a corrupção, que é motivo do “complexo de vira-latas”.

Segundo esse uso, não há mais um sentimento de inferioridade voluntária do brasileiro em relação a outras nações (entendido, aqui, quando se fala de futebol, mas, sobretudo, em relação à produção simbólica e cultural estadunidense e europeia), mas que o país sempre estará nas condições de inferioridade devido, segundo o editorial, à imoralidade, aos acordos políticos e à corrupção no Congresso Nacional para benefício dos próprios políticos.

Ao final do Excerto [56] o enunciador faz uma espécie de resumo do estado da política brasileira. Para isso, estabelece uma relação entre os enunciados “classe política nacional” e “brasileiros de bem”, identificando vozes da política brasileira e da sociedade, do cidadão comum. A “classe política nacional” representaria os corruptos e os “brasileiros de bem”, o cidadão comum, que ficou “estupefato” com o desfecho do impeachment. O modo como o enunciador culpabiliza a classe política nacional, referindo-se aos políticos “agrupados em matilhas”, mostra o “complexo de vira-latas” como representativo do cerne da corrupção. A ex-presidente Dilma, sendo incluída nessa “matilha”, seria um representante desse “complexo”, portanto, da “classe política nacional” em geral (os partidos da esquerda, o DEM e o MDB).

Oposto a isso estaria a expressão “brasileiros de bem”, caracterizada como uma variação do sintagma “cidadão de bem”, bastante mobilizado em comunidades discursivas que se apresentam como cidadãos “corretos”, voltados a valores morais capitalistas e cristãos. Os “cidadãos de bem” são atingidos pelo “complexo de vira-latas”, ao que essa “matilha” os “reduz”.

6.4 Dallagnol e Aragão: aspectos de um país dividido

Em dezembro de 2016, uma carta aberta, em circulação digital, produzida por Eugênio Aragão,²¹⁸ destinada a Deltan Dallagnol²¹⁹ e replicada em postagens bastante diversas, põe em evidência um dado modelar quanto ao uso do sintagma “complexo de vira-latas”. Aragão tece comentários sobre a conduta de Dallagnol por este ter publicado, em seu perfil de Facebook, ações do acordo do Ministério Público com empresas privadas (Odebrecht e Braskem) indiciadas por corrupção. A carta de Aragão faz referência tanto ao texto de Dallagnol – cujo *post* classifica o povo brasileiro entre quem “veste a camisa do complexo de vira-latas” e quem não veste –, quanto a

²¹⁸ Eugênio José Guilherme de Aragão é um jurista brasileiro. Integrou o Ministério Público Federal (MPF) de 1987 até 2017 e foi Ministro da Justiça em 2016. Com informações do seguinte endereço: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Eug%C3%AAnio_Arag%C3%A3o>. Acesso em: 14 set. 2017.

²¹⁹ Deltan Martinazzo Dallagnol é um jurista brasileiro. Desde 2003, é procurador da República no MPF, e ganhou notoriedade por integrar e coordenar a força-tarefa da Operação Lava Jato, que investiga crimes de corrupção na Petrobras.

palestras²²⁰ que o coordenador da força-tarefa da Operação Lava Jato ministrou sobre as medidas anticorrupção.

As reproduções do *post* de Dallagnol e da carta de Aragão são pontuadas na íntegra, a seguir:

Texto 1: o *post* de Deltan Dallagnol

Figura 5 Captura de tela da postagem do procurador Deltan Dallagnol em seu perfil no Facebook, sobre o acordo de leniência das empresas Odebrecht e Braskem.

Fonte: extraída de <<https://www.facebook.com/deltan.dallagnol/posts/1266942986682741>>. Acesso em: 18 set. 2017.

²²⁰ As palestras de Deltan Dallagnol estão citadas no artigo “O Maluco Solitário e o Ministério Público”, publicado em 23 de setembro de 2016 por Maria Cristina Fernandes, jornalista do jornal *Valor Econômico*. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/cultura/4719497/o-maluco-solitario-e-o-ministerio-publico>>. Acesso em: 18 set. 2017. Observação: para obter acesso ao artigo foi necessário um cadastro no jornal on-line, pois os artigos não estão com livre acesso ao público.

Texto 2: a carta de Eugênio Aragão²²¹

Meu caro colega Deltan Dallagnol,

“Denn nichts ist schwerer und nichts erfordert mehr Charakter, als sich in offenem Gegensatz zu seiner Zeit zu befinden und laut zu sagen: Nein.”

(Porque nada é mais difícil e nada exige mais caráter que se encontrar em aberta oposição a seu tempo e dizer em alto e bom som: Não!)

Acabo de ler por blogs de gente séria que você estaria a chamar atenção, no seu perfil de Facebook, de quem “**veste a camisa do complexo de vira-lata**”, de que seria “possível um Brasil diferente” e de que a hora seria agora. Achei oportuno escrever-lhe esta carta pública, para que nossa sociedade saiba que, no ministério público, há quem não bata palmas para suas exhibições de falta de modéstia.

Vamos falar primeiro do **complexo de vira-lata**. Acredito que você e sua turma são talvez os que têm menos autoridade para falar disso, pois seus pronunciamentos têm sido a prova mais cabal de **SEU complexo de vira-lata**. Ainda me lembro daquela pitoresca comparação entre a colonização americana e a lusitana em nossas terras, atribuindo à última todos os males da baixa cultura de governação brasileira, enquanto o puritanismo lá no norte seria a razão de seu progresso. Talvez você devesse estudar um pouco mais de história, para depreciar menos este País. E olha que quem cresceu nas “Oropas” e lá foi educado desde menino fui eu, hein... talvez por isso não falo essa barbaridade, porque tenho consciência de que aquele pedaço de terra, assim como a de seu querido irmão do norte, foram os mais banhados por sangue humano ao longo da passagem de nossa espécie por este planeta. Não somos, os brasileiros, tão maus assim, na pior das hipóteses somos iguais, alguns somos descendentes dos algozes e a maioria somos descendentes das vítimas.

Mas essa sua teorização de baixo calão não diz tudo sobre **SEU complexo**. Você à frente de sua turma vão entrar na história como quem contribuiu decisivamente para o atraso econômico e político que fatalmente se abaterão sobre nós. E sabem por que? Porque são ignorantes e não conseguem enxergar que o princípio *fiat iustitia et pereat mundus* nunca foi aceito por sociedade sadia qualquer neste mundão de Deus. *Summum jus, summa iniuria*, já diziam os romanos: querer

²²¹ Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/carta-do-procurador-eugenio-aragao-a-deltan/>>. Acesso em: 15 set. 2017.

impor sua concepção pessoal de justiça a ferro e fogo leva fatalmente à destruição, à comoção e à própria injustiça.

E o que vocês conseguiram de útil neste País para acharem que podem inaugurar um “outro Brasil”, que seja, quiçá, melhor do que o vivíamos? Vocês conseguiram agradar ao irmão do norte que faturará bilhões de nossa combatida economia e conseguiram tirar do mercado global altamente competitivo da construção civil de grandes obras de infraestrutura as empresas nacionais. Tio Sam agradece. E vocês, Narcisos, se acham lindinhos por causa disso, né? Vangloriam-se de terem trazido de volta míseros dois bilhões em recursos supostamente desviados por práticas empresariais e políticas corruptas. E qual o estrago que provocaram para lograr essa casquinha? Por baixo, um prejuízo de 100 bilhões e mais de um milhão de empregos riscados do mapa. Afundaram nosso esforço de propiciar conteúdo tecnológico nacional na extração petrolífera, derreteram a recém reconstruída indústria naval brasileira. Claro, não são seus empregos que correm riscos. Nós ganhamos muito bem no ministério público, temos auxílio-alimentação de quase mil reais, auxílio-creche com valor perto disso, um ilegal auxílio-moradia tolerado pela morosidade do judiciário que vocês tanto criticam. Temos um fantástico plano de saúde e nossos filhos podem frequentar a liga das melhores escolas do País. Não precisamos de SUS, não precisamos de Pronatec, não precisamos de cota nas universidades, não precisamos de bolsa-família e não precisamos de Minha Casa Minha Vida. Vivemos numa redoma de bem-estar. Por isso, talvez, à falta de consciência histórica, a ideologia de classe devora sua autocrítica. E você e sua turma não acham nada demais milhões de famílias não conseguirem mais pagar suas contas no fim do mês, porque suas mães e seus pais ficaram desempregados e perderam a perspectiva de se reinserirem no mercado num futuro próximo. Mas você achou fantástico o acordo com os governos dos EEUU e da Suíça, que permitiu-lhes, na contramão da prática diplomática brasileira, se beneficiarem indiretamente com um asset sharing sobre produto de corrupção de funcionários brasileiros e estrangeiros. Fecharam esse acordo sem qualquer participação da União, que é quem, em última análise, paga a conta de seu pretense heroísmo global, e repassaram recursos nacionais sem autorização do Senado. Bonito, hein? Mas, claro, na visão umbilical corporativista de vocês, o ministério público pode tudo e não precisa se preocupar com esses detalhes burocráticos que

só atrasam nosso salamaleque para o irmão do norte! E depois fala de **complexo de vira-lata dos outros!**

O problema da soberba, colega, é que ela cega e torna o soberbo incapaz de empatia, mas, como neste mundo vale a lei do retorno, o soberbo também não recebe empatia, pois seu semblante fica opaco, incapaz de se conectar com o outro.

A operação de entrega de ativos nacionais ao estrangeiro, além de beirar alta traição, esculhambou o Brasil como nação de respeito entre seus pares. Ficamos a anos-luz de distância da admiração que tínhamos mundo afora. E vocês o fizeram atropelando a constituição, que prevê que compete à Presidenta da República manter relações com estados estrangeiros e não ao musculoso ministério público. Daqui a pouco vocês vão querer até ter representação diplomática nas capitais do circuito Elizabeth Arden, não é?

Ainda quanto a um Brasil diferente, devo-lhes lembrar que “diferente” nem sempre é melhor e que esse servicinho de vocês foi responsável por derrubar uma Presidenta constitucional honesta e colocar em seu lugar uma turba envolvida nas negociatas que vocês apregoam mídia afora. Esse é o Brasil diferente? De fato é: um Brasil que passou a desrespeitar as escolhas políticas de seus vizinhos e a cultivar uma diplomacia da nulidade, pois não goza de qualquer respeito no mundo. Vocês ajudaram a sujar o nome do País. Vocês ajudaram a deteriorar a qualidade da governação, a destruição das políticas inclusivas e o desenvolvimento sustentável pela expansão de nossa infraestrutura com tecnologia própria.

E isso tudo em nome de um “combate” obsessivo à corrupção. Assunto do qual vocês parecem não entender bulhufas! Criaram, isto sim, uma cortina de fumaça sobre o verdadeiro problema deste País, que é a profunda desigualdade social e econômica. Não é a corrupção. Esta é mero corolário da desigualdade, que produz gente que nem vocês, cheios de “selfrightousness”, de pretensão de serem justos e infalíveis, donos da verdade e do bem-estar. Gente que pode se dar ao luxo de atropelar as leis sem consequência nenhuma. Pelo contrário, ainda são aplaudidos como justiceiros.

Com essa agenda menor da corrupção vocês ajudaram a dividir o País, entre os homens de bem e os safados, porque vocês não se limitam a julgar condutas como lhes compete, mas a julgar pessoas, quando estão longe de serem melhores do que elas. Vocês não têm capacidade de ver o quanto seu corporativismo é parte dessa corrupção, porque funciona sob a mesma gramática do patrimonialismo:

vocês querem um naco do estado só para chamar de seu. Ninguém os controla de verdade e vocês acham que não devem satisfação a ninguém. E tudo isso lhes propicia um ganho material incrível, a capacidade de estarem no topo da cadeia alimentar do serviço público. Vamos falar de nós, os procuradores da república, antes de querer olhar para a cauda alheia.

Por fim, só quero pontuar que a corrupção não se elimina. Ela é da natureza perversa de uma sociedade em que a competição se faz pelo fator custo-benefício, no sentido mais xucro. A corrupção se controla. Controla-se para não tornar o estado e a economia disfuncionais. Mas esse controle não se faz com expiação de pecados. Não se faz com discursinho falso-moralista. Não se faz com homilias em igrejas. Se faz com reforma administrativa e reforma política, para atacar a causa do fenômeno e não sua periferia aparente. Vocês estão fazendo populismo, ao disseminarem a ideia de que há o “nós o povo” de honestos brasileiros, dispostos a enfrentar o monstro da corrupção feito São Jorge que enfrentou o dragão. Você e eu sabemos que não existe isso e que não existe com sua artificial iniciativa popular das “10 medidas” solução viável para o problema. Esta passa pela revisão dos processos decisórios e de controle na cadeia de comando administrativa e pela reestruturação de nosso sistema político calcado em partidos que não merecem esse nome. Mas isso tudo talvez seja muito complicado para você e sua turma compreenderem.

Só um conselho, colega: baixe a bola. Pare de perseguir o Lula e fazer teatro com PowerPoint. Faça seu trabalho em silêncio, investigue quem tiver que investigar sem alarde, respeite a presunção de inocência, cumpra seu papel de fiscal da lei e não mexa nesse vespeiro da demagogia, pois você vai acabar ferroadado. Aos poucos, como sempre, as máscaras caem e, ao final, se saberá quem são os que gostam do Brasil e os que apenas dele se servem para ficarem bonitos na fita! Esses, sim, costumam padecer do **complexo de vira-lata!**

Um forte abraço de seu colega mais velho e com cabeça dura, que não se deixa levar por essa onda de “combate” à corrupção sem regras de engajamento e sem respeito aos costumes da guerra.

6.4.1 O post de Dallagnol

O *post* de Dallagnol passou a circular em sua página no Facebook a partir de 21 de dezembro de 2016. A página conta com 838.886 seguidores,²²² número considerado alto quanto ao alcance de seus posts. Dada essa circulação, de que maneira o *post* pode circunscrever o “complexo de vira-latas” como referente social? Quais os elementos constitutivos do projeto de nação no qual o enunciador se inscreve? Quem são os brasileiros que “vestem a camisa do complexo de vira-latas”? Qual o enquadramento que se faz do destinatário do *post* com o uso do pronome de tratamento “Você”? Como projeto de nação, quais seriam as condições de “ser brasileiro” enunciadas pelo verbo “Vamos”? E por que o sintagma “complexo de vira-latas” pode ser enquadrado nessas condições de produção como indício em circulação de um projeto de nação que se pretende implantar?

Podemos elencar dois motivos: um deles está associado à carga semântica acerca dos aspectos identitários brasileiros que a fórmula carrega consigo; o outro é a demarcação de um posicionamento sociopolítico sobre “ser” brasileiro “de bem” ou não. O primeiro motivo é de uma ordem da memória discursiva, enquanto o segundo é construído pelo posicionamento do enunciador no interdiscurso. Ambos construídos historicamente e socialmente.

No caso do *post* de Dallagnol, esses questionamentos evidenciam a obrigação do enunciador de tomar um posicionamento diante do acontecimento sobre o acordo de leniência realizado pelo Ministério Público. Dallagnol fala ao leitor (do Facebook) porque tem vergonha da corrupção no Brasil. Ademais, Dallagnol se diz aquele que vai livrar o cidadão do “complexo de vira-latas”.

Nesse sentido, sabe-se que o “complexo de vira-latas” passa a circular como referente social em discursos que tratam de inferiorizar o “brasileiro” frente a outros povos, sobretudo aos Estados Unidos. No entanto, no *post*, devido à comunidade discursiva na qual o enunciador se inscreve, há evidência de um problema.

O problema diz respeito ao modo de enquadramento do enunciador quanto à comunidade discursiva. Na compreensão de Maingueneau (2008 [2006], p. 142), a noção de comunidade discursiva “designa grupos que existem somente pela e na enunciação de textos que eles produzem e fazem circular”. Visto dessa perspectiva,

²²² Dados observados em 28 de abril de 2019. A *fanpage* está disponível em: <<https://www.facebook.com/deltandallagnol/>>. Acesso em: 08 fev. 2019.

seria comum que Dallagnol, do lugar discursivo que assume, participasse da mesma comunidade discursiva que Aragão, mas isso não ocorre efetivamente. Há um posicionamento discursivo conflituoso entre Dallagnol e Aragão, visto que, embora estejam inscritos no campo discursivo jurídico, não participam da mesma comunidade discursiva.

Dallagnol se põe num ambiente informal (um *post* do Facebook) como uma espécie de “justiceiro”. Ele fala a todos em geral, não se apresenta a partir de uma comunidade específica que pudesse ser a mesma de Aragão. Já Aragão só escreve aberta e contundentemente para se opor ao *post* de Dallagnol. É a razão de ser do gesto de escrita de Aragão, que diz o seguinte, logo no início da carta: “Acabo de ler por blogs de gente séria que você estaria a chamar atenção”.

Desde 2013 (depois das chamadas “Manifestações de junho”), houve um crescente debate/embate no meio jurídico envolvendo discursos sobre *corrupção, política, liberdade de imprensa, democracia* etc. Em 2015, Dallagnol propôs, junto a outros procuradores da República, dez medidas anticorrupção,²²³ às quais Aragão faz críticas em sua carta (“Você e eu sabemos que não existe isso e que não existe com sua artificial iniciativa popular das ‘10 medidas’ solução viável para o problema”). Essas medidas, lançadas nas redes sociais e em um site próprio, tinham por objetivo atingir 1,5 milhão de assinaturas, para que se tornassem um projeto de lei.

São reproduzidos, a seguir, os leiautes do site oficial, hospedado pelo Ministério Público.

²²³ As medidas estão disponíveis no seguinte endereço: <<http://www.dezmedidas.mpf.mp.br/>>. Acesso em: 19 set. 2017.

Você está aqui: Página Inicial

14/02/2017
Nota de pesar pelo falecimento do baiano Uziel, cidadão de destaque na campanha Dez Medidas Contra a Corrupção
Uziel Bacelar de Oliveira foi homenageado pelo MPF/BA, em dezembro de 2015, por ter entregue, até então, 5.400 assinaturas
 Leia mais

24/01/2017
PGR prorroga grupo de trabalho dedicado à Lava Jato
Atuação do grupo foi prorrogada pelo prazo de seis meses
 Leia mais

29/12/2016
Lava Jato: força-tarefa do MPF/PR intensificou os trabalhos em 2016
Ao longo do ano foram deflagradas 17 operações e oferecidas 20 denúncias à Justiça, números superiores a 2014 e 2015
 Leia mais

Figura 6 Captura de tela da parte superior do Portal 10 medidas contra a corrupção.

Fonte: extraída de <http://www.dezmedidas.mpf.mp.br/>. Acesso em: 19 set. 2017.

1/14 Campanha 10 Medidas - corrupçã...

O Ministério Público Brasileiro, que já vem atuando em operações

Conheça as 10 Medidas contra a Corrupção

Veja outros vídeos

Documentos da Campanha
 Acesse aqui: ficha de assinatura, carta de apoio, íntegra das propostas legislativas, sumário executivo e resumo das medidas.

Downloads
 A Campanha 10 Medidas contra a Corrupção ganhou as ruas nas mais diversas formas. Confira as principais peças e produtos de divulgação, também disponíveis para download.

Perguntas e Respostas
 Dúvidas sobre a nova fase da campanha e de como pode ajudar? Esclarecemos aqui as perguntas mais frequentes.

Apoiadores
 A Campanha recebeu apoio dos mais diversos segmentos da sociedade civil. Conheça quem são os apoiadores e voluntários que dedicaram tempo, espaço e recursos ao projeto!

Spots de rádio:

MPF	SPOT 10 MEDIDAS 1 (loc 1)	▶ 28.2K
MPF	SPOT 10 MEDIDAS 1 (loc 2)	▶ 13.7K
MPF	SPOT 10 MEDIDAS 2 (loc 1)	▶ 6.1K

Política de Cookies

Figura 7 Captura de tela da parte inferior do Portal 10 medidas contra a corrupção.

Fonte: extraída de <http://www.dezmedidas.mpf.mp.br/>. Acesso em: 19 set. 2017.

Observa-se nos leiautes que alguns elementos incentivadores da publicização são aparentes, tais como: vídeo animado, spots de rádio, documentos da campanha,

índice de apoiadores (incluindo personalidades brasileiras)²²⁴ e produtos de divulgação (adesivos, camisetas, *broadside*, banner, *outdoor* etc.).

Esse aparato midiológico produzido pelo Ministério Público (uma instituição legitimadora, representante legal da justiça) inscreve Dallagnol, de certo modo, no lado dos “cidadãos de bem”, dos cidadãos que podem “livrar do mal” os cidadãos que ainda possuem o “complexo de vira-latas”. O “complexo de vira-latas” é um mal que pode ser extirpado pelos procedimentos anticorrupção, logo, o “complexo de vira-latas” tem a ver com a vergonha de viver num país corrupto.

Maingueneau (2013 [1998], p. 153, grifo do original), em sua obra *Análise de textos de comunicação*, observa que o pronome “você” pode estar associado a um “presente não dêitico em um fragmento *não embreado*”. Ou seja, do ponto de vista enunciativo, as ocorrências do pronome “Você”, no *post*, se associam a um presente não dêitico, cujos enunciados inscrevem os verbos no presente, ocultando uma prescrição, uma obrigação.

Essa prescrição, seguindo Maingueneau (2013 [1998]), estaria condicionada a um cidadão ideal, que executaria ações ordenadas pelo enunciador, o que não é o caso do pronome “Você” no *post*, pois este estaria “vestindo a camisa” do “complexo de vira-latas”. Há, implicitamente, uma prescrição de mudança de conduta direcionada ao interlocutor que seria responsável por discursos de oposição às medidas anticorrupção adotadas pelo Ministério Público. Se tomarmos essa relação numa dimensão política, temos os adeptos de partidos contrários ao governo de Michel Temer, que assumiu a presidência em consequência do referido processo de impeachment conduzido em 2016, uma vez que o Ministério Público, instituição legitimadora por definição, vincula-se ao Governo Federal. Esse “Você” se refere aos “Eus” que ainda não aderiram ao novo governo, pós-impeachment.

Isso mostra que o efeito de sentido produzido pelo sintagma “complexo de vira-latas” no *post* não tende a ser o mesmo do enunciado em 1958. As condições de produção do *post* de Dallagnol, diferentemente da crônica²²⁵ de Nelson Rodrigues, estão relacionadas diretamente ao *mídiu*m, no caso, as mídias digitais

²²⁴ Um carômetro com retratos das personalidades brasileiras apoiadoras da campanha está disponível no seguinte endereço: <<http://www.dezmedidas.mpf.mp.br/campanha/apoiadores/apoiadores/lista-personalidades.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

²²⁵ Embora a crônica seja considerada um gênero híbrido (constituída nas esferas jornalística e literária), tomamos o seu enquadre na perspectiva do fato literário (MAINGUENEAU, 1995; 2008 [2006]), visto que foi produzida por Nelson Rodrigues que, em 1958, já estava consagrado como dramaturgo e escritor. Essa discussão já foi apresentada na PARTE I da tese.

(portais, blogs e redes sociais). A Web, que comporta as mídias digitais, na compreensão de Maingueneau (2015, p. 161), suscita novas práticas “sobre a própria concepção que podemos ter da discursividade”.

No caso do *post*, podemos situá-lo como “cibergênero”, isto é, gênero discursivo específico da Web que não foi adaptado de práticas verbais existentes fora da Web. Maingueneau (2015) ainda afirma que se deve considerar, nesse processo, o mídiu, que passa a construir significado juntamente com o texto, implicando em certas formas de circulação. Há certas coerções impostas na cenografia do cibergênero, uma vez que ela, para Maingueneau (2015), mobiliza os recursos multimodais, encenando a informação, constituindo-se, mais especificamente, uma “cenografia digital”.²²⁶ Para Roger Chartier,²²⁷ os discursos em circulação no mundo digital compõem-se de fragmentos descontextualizados, não sendo necessária (ou prevista) a compreensão da obra da qual são extraídos. Nesse contexto comunicacional, se tomarmos como parâmetro o sistema de comunicação brasileiro, verificaremos que só há posições alternativas, em sua maioria, em blogs ou em portais autônomos de jornalistas, atrelados a uma formação discursiva de esquerda.

Desse modo, os elementos constitutivos da rede social na qual o *post* se inscreve, o Facebook, podem ser vistos por uma concepção discursiva da comunicação, a qual Krieg-Planque (2011, p. 36) define como “[...] um conjunto de atitudes profissionais relativas à antecipação de práticas de retomadas, de transformação e de reformulação de enunciados e de seus conteúdos”. Assim, a pesquisadora

assume um ponto de vista centrado no discurso, que lhe dá suporte na medida em que ambiciona apreender a comunicação como conjunto de práticas relativas à produção de enunciados dos quais elas próprias são, ao mesmo tempo, antecipações de formas e modalidades de circulação (KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 2).

Portanto, devido às condições de inscrição material, bem como os modos de circulação das informações nas redes sociais, podemos afirmar que o sintagma

²²⁶ Maingueneau (2015, p. 162) propõe a cenografia digital composta de três componentes: um componente *iconotextual*, um componente *arquitetural* e um componente *procedural*.

²²⁷ Em texto de Roger Chartier publicado, originalmente, no jornal *Le Monde* e reproduzido pelo jornal *Folha de S. Paulo* em 29 de setembro de 2009, com tradução de Paulo Migliacci. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2911200912.htm>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

“complexo de vira-latas” do *post* mostra certa “volatilidade”, flutuação. Mas isso torna-se um fator positivo para o enunciador no contexto contemporâneo do quadro político, visto que se constitui em um elemento altamente performático de alcance e de validação de discursos, diferentemente da inscrição de “complexo de vira-latas” na revista *Manchete Esportiva*, em 1958.

6.4.2 A carta de Aragão

Em *Gênese dos discursos*, Maingueneau (205 [1984]), analisando um conjunto de textos da segunda metade do século XVII que tratam de discursos do humanismo devoto e do jansenismo, inscreve sua hipótese sobre o primado do interdiscurso na perspectiva da heterogeneidade constitutiva da linguagem, “[...] que amarra, em uma relação inextrincável, o Mesmo do discurso e seu Outro” (op. cit., p. 33). Ou seja, o interdiscurso precede o discurso. O que se deve analisar, portanto, é o espaço de trocas entre os discursos, que se formam de maneira regulada no interior de um interdiscurso.

Jacqueline Authier-Revuz, apoiada em sua tese sobre heterogeneidade mostrada no discurso, retoma Mikhail Bakhtin nestes termos:

[...] sempre sob as palavras, ‘outras palavras’ são ditas: é a estrutura material da língua que permite que, na linearidade de uma cadeia (discursiva), se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 28).

No caso da carta de Aragão, o que se pode notar é uma maneira explícita de abordagem do discurso do outro. Tem-se, assim, o que Authier-Revuz (1990) designa por heterogeneidade mostrada. As citações em discurso direto que o enunciador do texto de Aragão introduz em seu discurso são um exemplo disso.

Cabe listar essas citações para uma análise mais detida.

- Citação [1]: “Denn nichts ist schwerer und nichts erfordert mehr Charakter, als sich in offenem Gegensatz zu seiner Zeit zu befinden und laut zu sagen:

Nein.” (Porque nada é mais difícil e nada exige mais caráter que se encontrar em aberta oposição a seu tempo e dizer em alto e bom som: Não!),²²⁸

- Citação [2]: “veste a camisa do complexo de vira-lata”;
- Citação [3]: “possível um Brasil diferente”;
- Citação [4]: “outro Brasil”;
- Citação [5]: “nós o povo”;
- Citação [6]: “10 medidas”.

As Citações de [1] a [6] mostram possíveis vozes discursivas que configuram o modo como Aragão se refere a Dallagnol. Essas vozes procuram identificar o posicionamento do enunciador, ao mesmo tempo em que mostram um distanciamento dos dizeres entre Aragão e Dallagnol. Com isso, nota-se que, apesar de os discursos inscritos nessas vozes concorrerem no mesmo espaço, podemos dizer que os enunciadores se inscrevem em comunidades discursivas diferentes, isso porque, para Maingueneau (2005 [1984;], p. 135; MAINGUENEAU, 2008 [2006], p. 108), há “mudança na estrutura e no funcionamento dos grupos que regem esses discursos”. Isso pode ser descrito já no início da carta: “Acabo de ler por blogs de gente séria”. Ao mobilizar esse enunciado, Aragão mostra que as afirmações ditas no *post* de Dallagnol não devem ser levadas com seriedade, ou seja, Aragão procura desqualificar o *post* de Dallagnol. De fato, o enunciador do texto de Aragão traduz a fórmula “complexo de vira-latas” não como “devemos todos os brasileiros de bem”, inscrito no *post* de Dallagnol, mas como uma explicação de um projeto atualizado de nação que foi sendo instaurado desde as manifestações de 2013.

As ocorrências do sintagma ao longo da carta de Aragão são uma forma de demarcar um posicionamento: o enunciador explica, em réplica ao referido *post*, que o “complexo de vira-latas” não é algo de que “todos os brasileiros de bem” devem se livrar seguindo os dez passos anticorrupção que Dallagnol propõe, mas um olhar do próprio procurador sobre “complexo de vira-latas”, cujo sentido se refere ao

²²⁸ „Die Verteidigung des Vaterlandes” [A defesa da pátria], em *Die Weltbühne* [O Palco Mundo], de 6 de outubro de 1921. Trata-se de um trecho de uma carta aberta escrita por Ignaz Wrobel, pseudônimo do jornalista Kurt Tucholsky, sobre a situação política da república de Weimar (república estabelecida na Alemanha entre 1919 e 1933). O trecho descreve a mudança de postura que a população deveria tomar diante da nova realidade democrática (ascensão do Partido Social-Democrata, o SPD) – realidade esta que o próprio Kurt Tucholsky chamou-lhe “o negativo de uma monarquia, que só não o é porque o monarca fugiu”. Os fundamentos dessa democracia permitiram Adolf Hitler, mais tarde, implantar o Nazismo. Informações disponíveis no seguinte endereço: <<https://www.textlog.de/tucholsky-die-verteidigung.html>>. Acesso em: 02 jan. 2018.

(re)produzido pela grande mídia: o de que o brasileiro é inferior a outros povos devido ao seu processo de colonização e patrimonialismo (HOLANDA, 1975 [1936]).

Compreendendo a enunciação como uma “atividade linguageira que amarra interlocutores na teia interdiscursiva, [em que] uma maneira de dizer se liga a uma maneira de ser” (SALGADO, 2016, p. 309), a afirmação de Dallagnol sobre o “complexo de vira-latas” evidencia uma prática discursiva sobre o que significa ser brasileiro de “bem”. No *post* de Dallagnol, é aquele que seguirá os dez passos anticorrupção. Nota-se essa divisão entre os “homens de bem” e os “safados”, no excerto da carta de Aragão, a seguir:

Excerto [57]

Com essa agenda menor da corrupção vocês ajudaram a dividir o País, entre os homens de bem e os safados, porque vocês não se limitam a julgar condutas como lhes compete, mas a julgar pessoas, quando estão longe de serem melhores do que elas. Vocês não têm capacidade de ver o quanto seu corporativismo é parte dessa corrupção, porque funciona sob a mesma gramática do patrimonialismo: vocês querem um naco do estado só para chamar de seu.

O enunciador, no Excerto [57], estabelece uma estratégia discursiva propondo uma divisão entre os “homens de bem” (os que não têm “complexo de vira-latas”) e os “safados” (os que têm “complexo de vira-latas”) representando a bipolaridade política instituída desde a formulação inicial do impeachment. Desse modo, ele está fazendo uma crítica ao modo como Dallagnol e sua turma dividem o mundo. Os enunciados “vocês ajudaram a dividir o País” e “porque vocês não se limitam a julgar condutas como lhes compete, mas a julgar pessoas, quando estão longe de serem melhores do que elas” mostram que essa divisão não é assumida, mas ironizada e desqualificada no texto de Aragão.

Nesse sentido, o enunciador da carta de Aragão estabelece um efeito de contradição que, segundo Pêcheux (1980 [1977]), é a ideologia compartilhada e dividida em si mesma, produzindo o efeito de unidade do discurso. Isto é, o discurso produzido na carta se afasta, ideologicamente, no interior do discurso produzido no *post* de Dallagnol. Percebe-se a fórmula “complexo de vira-latas” funcionando como um elemento amalgamador desses discursos, servindo de “arena” para uma luta simbólica (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2004, [1929]).

Assim sendo, os discursos diretos relatados na carta de Aragão constroem, de modo geral, a linha de raciocínio e posicionamento do enunciador, procurando validar o gênero discursivo, uma carta aberta (pública). Na Citação [1], extraída do texto do jornalista Kurt Tucholsky e que introduz a carta de Aragão, o enunciado mostra, de antemão, um posicionamento discursivo contrário ao discurso do *post* de Dallagnol. O que está em jogo, em certo sentido, é a noção de patrimonialismo que o enunciador da carta evidencia quanto ao discurso do *post*.

Para Souza (2015, p. 33), o patrimonialismo deve ser visto como a ideologia da elite que serve de manipulação e dramatização da “[...] oposição mercado (virtuoso) e Estado (corrupto)”. Na carta, portanto, o enunciador justifica o uso da fórmula “complexo de vira-latas” pelo patrimonialismo presente no texto de Dallagnol, como se este pretendesse moralizar a sociedade a partir do raciocínio de que há uma associação corrupta de partidos políticos da esquerda investigados pela Operação Lava Jato.

As Citações [2], [3] e [4] circunscrevem a fórmula “complexo de vira-latas” quanto ao efeito de contradição. A heterogeneidade enunciativa marcada com aspas designa um discurso-outro no intradiscurso da carta. Maingueneau (1997 [1987]) compreende o uso das aspas como recurso para demarcar aquilo que pertence ou não a certo posicionamento. O estudioso observa, ainda, que a menção autonímica “[...] é, ao mesmo tempo, mostrada, marcada como estranha e integrada à sequência do enunciado” (op. cit., p. 89). Esse estranhamento define posicionamentos discursivos distintos entre os enunciadores: de um lado, os que têm “complexo de vira-latas” são contrários ao progresso nacional; de outro, os que não têm, são a favor. Resta saber o que se entende por “progresso nacional”, pois os projetos de nação em jogo são distintos.

Nesse sentido, as Citações [2] – “veste a camisa do complexo de vira-lata” – e [3] – “possível um Brasil diferente” – funcionam como elementos referenciais de entrada do tema a ser apresentado na carta: o que cada enunciador entende por “progresso nacional” na conjuntura de mobilização do sintagma “complexo de vira-latas”. O enunciador da carta de Aragão, por meio de uma operação local explícita (AUTHIER-REVUZ, 2004 [1982]), põe em evidência certo distanciamento para simular a legitimação de tal prática discursiva: a de se posicionar, de modo diferente, por aquilo que se compreende por “complexo de vira-latas”, logo, por “progresso nacional” e, conseqüentemente, por projeto de nação.

A Citação [4], “outro Brasil”, torna evidente os projetos de nação pretendidos pelos enunciadores tanto da carta de Aragão quanto do *post* de Dallagnol. Pelo comentário “Vocês conseguiram agradar ao irmão do norte que faturará bilhões de nossa combatida economia e conseguiram tirar do mercado global altamente competitivo da construção civil de grandes obras de infraestrutura as empresas nacionais”, percebe-se um duplo movimento enunciativo, uma sequência ambígua: significa a formulação de uma proposição que visa não somente o que o dizer representa para o enunciador da carta de Aragão (o fortalecimento da economia brasileira no âmbito da América Latina), mas também visa destacar uma concepção ideológica neoliberal do enunciador do *post* de Dallagnol. Pelo uso da ironia, um modo de conotação autonímica (AUTHIER-REVUZ, 2004 [1982]), o enunciador da carta de Aragão reforça a violência simbólica²²⁹ instituída pelo projeto de nação neoliberal.

Para explicar a Citação [5], “nós o povo”, vejamos a tese de Souza (2015), que fala sobre o patrimonialismo brasileiro e os modos de combate à corrupção:

Ora, caro leitor, em qualquer lugar do planeta – e em todo o mundo existe corrupção em todas as esferas sociais – também o combate à corrupção só é conseguido com a melhora dos mecanismos de controle. Qualquer debate sóbrio, consequente e não manipuladamente populista a respeito do combate à corrupção tem que estar vinculado à melhoria dos mecanismos de controle da corrupção do mercado e de seus cartéis (SOUZA, 2015, p. 93).

O que Souza (2015) explica é que a corrupção diminui se houver mecanismos de controles do mercado e de seus cartéis, sem efeitos de manipulação. Nesse sentido, podemos afirmar que o uso da citação “nós o povo” mostra uma estratégia discursiva por parte do enunciador da carta de Aragão em traçar os limites de manipulação dos atores sociais de base governista, que visam, sob o propósito de “combate” à corrupção, manipular estratégias populistas.

Uma das estratégias populistas que o enunciador do *post* de Dallagnol mobiliza em seu discurso, sobre o projeto de nação neoliberal, está justamente na Citação [6], “10 medidas”, mobilizada na carta de Aragão. Esse complexo jogo de

²²⁹ Por *violência simbólica*, Souza (2015, p. 90) entende a “ocultação sistemática de todos os conflitos sociais fundamentais que perpassam uma sociedade tão desigual como a brasileira em nome do velho ‘espantalho’ da tradição intelectual e política do liberalismo brasileiro, que é a tese do ‘patrimonialismo’”.

posicionamentos opacificados pela cristalização de “complexo de vira-latas” é um indício de consagração do sintagma à condição de fórmula discursiva.

Maingueneau (2008 [2006], p. 137) considera que os enunciados, do ponto de vista discursivo, devem ser vistos “[...] como imbricação de um texto e de um lugar social”. Visto dessa perspectiva, os enunciados da carta de Aragão que têm relação com o sintagma “complexo de vira-latas” se inscrevem em um lugar social de prestígio.

Nesse sentido, Aragão, no lugar social de jurista e no lugar institucional de ex-ministro da justiça do governo deposto, expõe seu ponto de vista ao interlocutor Dallagnol sobre o que vem a ser o “complexo de vira-latas”. Vejamos:

Excerto [58]

Vamos falar primeiro do **complexo de vira-lata**. Acredito que você e sua turma são talvez os que têm menos autoridade para falar disso, pois seus pronunciamentos têm sido a prova mais cabal de **SEU complexo de vira-lata**. Ainda me lembro daquela pitoresca comparação entre a colonização americana e a lusitana em nossas terras, atribuindo à última todos os males da baixa cultura de governação brasileira, enquanto o puritanismo lá no norte seria a razão de seu progresso.

[...]

Mas essa sua teorização de baixo calão não diz tudo sobre **SEU complexo**.

No uso recorrente do possessivo “SEU” como referente anafórico, há um antecedente que situa o leitor sobre aquilo a que o pronome se refere. Trata-se do enunciado “você e sua turma” não havendo um antecedente relativo. O possessivo “SEU” passa a ter a função de se referir ao emprego do sintagma “complexo de vira-latas” citado no *post* de Dallagnol, conectando-o a “você e sua turma”.

Aragão, quando mobiliza o enunciado “E depois fala de complexo de vira-lata dos outros!”, está dizendo que o próprio Dallagnol possui “complexo de vira-latas”. Outro exemplo é o enunciado “ao final, se saberá quem são os que gostam do Brasil e os que apenas dele se servem para ficarem bonitos na fita! Esses, sim, costumam padecer do complexo de vira-lata!”. Nesse enunciado, Aragão separa os brasileiros entre aqueles que gostam do Brasil e aqueles “que apenas dele se servem para ficarem bonitos na fita”. Após afirmar isso, Aragão relaciona os que padecem do “complexo de vira-latas” aos que querem ficar “bonitos na fita”. Ele não deixa claro, nessa relação, se Dallagnol possui o “complexo de vira-latas”. Entretanto, pelo

processo discursivo que se apurou nas análises anteriores, nota-se que a menção do “complexo de vira-latas” é direcionada a Dallagnol.

Krieg-Planque (2010) afirma que a polêmica da fórmula pode se instaurar a partir de questões de natureza muito variadas. As questões dependem da maneira pela qual os locutores tomam partido no debate. Como já dito anteriormente, apesar de Aragão e Dallagnol participarem do mesmo campo jurídico, eles não participam dos mesmos posicionamentos discursivos, e isso revela o modo como cada uma concebe o sintagma “complexo de vira-latas”.

O Excerto [58] confirma o aspecto polêmico do sintagma “complexo de vira-latas”: ele permite entender que “complexo de vira-latas” é sempre um sentimento de inferioridade ou autodepreciação. No entanto, Aragão diz que o sentimento é de Dallagnol que, por sua vez, dizia que há brasileiros – distintos dele e de seus colegas em luta contra corrupção – que o tem.

Dallagnol mobiliza o sintagma no *post* como um pré-construído, um sempre-já-aí. Ao citar o sintagma em seu texto, evoca memórias variadas constituídas por dizeres sobre os modos de constituição identitária do brasileiro. Esses dizeres, cristalizados ao longo do tempo, foram fundamentados em duas teorias de bases sociológicas e que circulam, por estereótipos e estruturas cristalizadas, até os dias de hoje.

Uma das teorias diz respeito aos temas relacionados ao processo de miscigenação e comparação do povo brasileiro com o desenvolvimento norte-americano, proposta por Gilberto Freyre em 1933 em sua obra *Casa-grande e Senzala*. Para Lima (1989), Freyre introduz a variável cultural como elemento auxiliar em relação ao componente racial, isto é, a miscigenação racial seria algo positivo para a cultura brasileira e para a formação identitária do brasileiro. Para Souza (2015, p. 29-30), “[...] Freyre fundou, efetivamente, a forma dominante como o Brasil contemporâneo percebe a si mesmo”.

A outra teoria, fundamentada na proposta de Sérgio Buarque de Holanda sobre o “homem cordial” em *Raízes do Brasil* (1936), concebe uma interpretação do brasileiro como “[...] homem emotivo e, portanto, potencialmente corrupto – como

‘singularidade brasileira’, já que dividiria o mundo entre amigos e inimigos” (SOUZA, 2016).²³⁰

Souza (2015) ainda afirma que

[...] Buarque toma de Gilberto Freyre a ideia de que o Brasil produziu uma ‘civilização singular’ e ‘inverte’ o diagnóstico positivo de Freyre, [...] o ‘homem cordial’ é, na verdade, ao contrário de nossa maior virtude, nosso maior problema social e político (SOUZA, 2015, p. 32).

Aragão, no decorrer da carta, explica a Dallagnol o que é “complexo de vira-latas” ao mostrar que ele (Dallagnol) o tem, enumerando, assim, os aspectos que o definem. Por exemplo, quando Aragão afirma “seus pronunciamentos”, se dirigindo a Dallagnol, está dizendo que os discursos produzidos por ele fazem remissão a um conjunto de atores sociais que idealizam o mercado e subjetivizam e “demonizam” o Estado.

Explico: Dallagnol, ao chamar a atenção daqueles que têm “complexo de vira-latas” para festejar as ações do Ministério Público, torna pública a ineficiência do Estado diante dos atos corruptos e, em certa medida, enaltece o trabalho dos procuradores da República como instituição mercantilizada. Isso se comprova no enunciado: “Fecharam esse acordo sem qualquer participação da União, que é quem, em última análise, paga a conta de seu pretense heroísmo global, e repassaram recursos nacionais sem autorização do Senado. Bonito, hein?”.

Aragão recorre a outros enunciados que procuram circunscrever um sentido para o sintagma “complexo de vira-latas” em Dallagnol:

- “Talvez você devesse estudar um pouco mais de história, para depreciar menos este País”
- “talvez por isso não falo essa barbaridade”
- “Você à frente de sua turma vão entrar na história como quem contribuiu decisivamente para o atraso econômico e político que fatalmente se abaterão sobre nós”

²³⁰ Trecho de entrevista de Jessé Souza, concedida ao jornal on-line *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2016/08/1799284-celebracao-de-obra-mostra-miseria-de-nosso-debate-diz-jesse-souza.shtml>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

- “Porque são ignorantes”
- “Vocês conseguiram agradar ao irmão do norte que faturará bilhões de nossa combatida economia”
- “Afundaram nosso esforço de propiciar conteúdo tecnológico nacional na extração petrolífera, derreteram a recém-reconstruída indústria naval brasileira”
- “A operação de entrega de ativos nacionais ao estrangeiro, além de beirar alta traição, esculhambou o Brasil como nação de respeito entre seus pares. Ficamos a anos-luz de distância da admiração que tínhamos mundo afora. E vocês o fizeram atropelando a constituição, que prevê que compete à Presidenta da República manter relações com estados estrangeiros e não ao musculoso ministério público”
- “Vocês ajudaram a deteriorar a qualidade da governação, a destruição das políticas inclusivas e o desenvolvimento sustentável pela expansão de nossa infraestrutura com tecnologia própria”
- “Criaram, isto sim, uma cortina de fumaça sobre o verdadeiro problema deste País, que é a profunda desigualdade social e econômica”
- “Gente que pode se dar ao luxo de atropelar as leis sem consequência nenhuma”

Os enunciados pontuados mostram práticas discursivas que Aragão enumera para constituir o “complexo de vira-latas” que projeta sobre Dallagnol e seus colegas. O que chama a atenção nos dois primeiros enunciados é a mobilização do lexema “talvez”, em que o enunciador se inscreve, inicialmente, num espaço de dúvidas quanto àquilo que está sendo dito. A demonstração de incerteza no enunciado “Talvez você devesse estudar um pouco mais de história” indica uma sugestão de Aragão a Dallagnol, para que este compreenda melhor os

acontecimentos históricos no sentido de embasar melhor os argumentos. Assim, Aragão descreve informações generalizadas e introdutórias sobre o posicionamento discursivo de Dallagnol.

Na medida em que se enunciam as informações, o que se vê é a passagem da *dúvida*, com o uso do termo “talvez” (“você e sua turma são talvez os que têm menos autoridade para falar disso”; “Talvez você devesse estudar um pouco mais de história, para depreciar menos este País”; “talvez por isso não falo essa barbaridade”), para a *certeza* (“Você à frente de sua turma vão entrar na história como quem contribuiu decisivamente para o atraso econômico e político que fatalmente se abaterão sobre nós”; “Vocês conseguiram agradar ao irmão do norte que faturará bilhões de nossa combalida economia”; “[Vocês] Afundaram nosso esforço de propiciar conteúdo tecnológico nacional na extração petrolífera, derreteram a recém reconstruída indústria naval brasileira”; “Vocês ajudaram a deteriorar a qualidade da governação, a destruição das políticas inclusivas”; “[Vocês] Criaram, isto sim, uma cortina de fumaça sobre o verdadeiro problema deste País, que é a profunda desigualdade social e econômica”).

Prevê-se, assim, uma série de consequências negativas para o país. Aragão afirma que esses efeitos negativos ao país são devidos a determinados comportamentos daqueles que têm o “complexo de vira-latas” – em especial, Dallagnol e os representantes legais institucionalizados pela Operação Lava Jato.

Considerações finais

Todo dia é um 7 x 1?

Essa pergunta nos leva a perceber a conjuntura dos quatro anos em que pesquisamos o sintagma “complexo de vira-latas”. Nessa conjuntura, passamos por muitas intempéries de ordem acadêmica, financeira, política. De 2014 a 2018, tivemos duas eleições presidenciais, uma Copa do Mundo, um golpe de Estado e uma Olimpíada. Esses eventos foram decisivos na circulação e compreensão do sintagma “complexo de vira-latas” na condição de fórmula discursiva. Nesse sentido, por quais razões poderíamos pesquisar o “complexo de vira-latas” nessa conjuntura?

Em minha defesa de Mestrado, concluído em 2013, o professor Roberto Baronas comentou algumas possibilidades de pesquisa quanto aos modos como os discursos sociológicos e antropológicos sustentam os textos (crônicas esportivas) de Nelson Rodrigues. A partir disso, pensei em escrever um projeto de pesquisa para o Doutorado que atendesse a essa perspectiva. Em tese, considereei que, por se tratar de textos de caráter literário, poderíamos pensar as crônicas de Nelson Rodrigues no âmbito do discurso literário – que, por ser um discurso constituinte, validaria a cena enunciativa das produções de Nelson.

Em 2015, já sob a orientação da professora Luciana Salazar, fomos ajustando o projeto do qual, de cuja ideia inicial, restou apenas o sintagma “complexo de vira-latas”. Luciana sugeriu analisá-lo sob as propriedades da fórmula discursiva, conforme a proposta teórico-metodológica de Alice Krieg-Planque. Confesso que foi um desafio, visto que, apesar de saber da existência da teoria, não havia trabalhado com ela.

Desse modo, fui aprendendo sobre *fórmula discursiva* no decorrer de 2015 e 2016, bem como fui coletando dados que pudessem compor o corpus já sabendo da dificuldade de fechamento, pois quase todos os dias me deparava com a circulação do sintagma nos mais variados mídiuns (ainda na semana passada, tivemos uma chuva de exemplo do funcionamento do “complexo de vira-latas” na visita²³¹ do presidente do Brasil aos Estados Unidos: o boné com a inscrição “*Let’s make Brazil*

²³¹ A ida do presidente e sua comitiva a Washington foi matéria da Revista Fórum, publicada em 20 de março de 2019 com o título “Viagem de vira-latas: a submissão de Bolsonaro aos EUA em 12 falas e situações”. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/viagem-de-vira-latas-a-submissao-de-bolsonaro-aos-eua-em-12-falas-e-situacoes/>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

*vira-lata again*²³² parodiando o slogan de Donald Trump, “*Make America Great Again*”, é um caso).

Propusemos, inicialmente, fechar o recorte temporal do corpus entre os anos de 2014 e 2016 justamente por perceber uma ampla circulação do sintagma entre os eventos citados anteriormente, sobretudo mobilizado em textos que tratam de política. Posteriormente, depois da Qualificação, verificamos que seria melhor fechar o recorte temporal entre junho de 2013 até 2016, visto que, dadas as constatações e análises primárias, percebemos que o sintagma passa a ter contornos de fórmula discursiva a partir de 2010 (com uma fala de Lula numa cerimônia de posse de novos diplomatas no palácio do Itamaraty), consolidando-se após 2013, com as “Manifestações de junho”, que o sociólogo Jessé Souza (2016) denominou o “ovo da serpente” do golpe de 2016.

Desse modo, para compreender o funcionamento e a circulação do “complexo de vira-latas” nesse recorte, foi preciso, primeiramente, analisar a conjuntura da gênese do sintagma, em 1958, assim como a constituição e o funcionamento da autoria de Nelson Rodrigues como autor de crônicas, e não como dramaturgo. Conseguimos, aí, fazer grandes descobertas. Uma delas é a consagração de Nelson Rodrigues como cronista esportivo (dramaturgo consagrado ele já era), que se deu com as publicações semanais de suas crônicas na revista *Manchete Esportiva*. A partir disso, começamos a analisar a revista sob a noção de mídium, isto é, o modo como a revista se torna um vetor de sensibilidade que aponta para uma matriz de sociabilidade. Nessa condição, analisamos a conjuntura de circulação e as condições de produção da revista no intuito de dimensionar sua importância para a figura de autor de Nelson Rodrigues e para a circulação do sintagma.

Começamos, então, a coletar dados que pudessem mostrar os percursos de usos do sintagma “complexo de vira-latas” desde 1958 até 2016. Em uma dessas coletas, descobrimos o documentário *Complexo de Vira-latas*, produzido em 2014. Este documentário analisa o que a crônica e o sintagma representam para a constituição de um perfil identitário brasileiro. Um dos entrevistados para a produção documentário é o biógrafo de Nelson Rodrigues, Ruy Castro, que explica que a

²³² No Instagram, um *mockup* do boné foi criado por Fabio Lopez (@flopezdesign) para a página @designativista e postado por Regina Milone (@reginamilone) em 19 de março de 2019. Regina, que é psicóloga, pedagoga e ativista, discutiu, na postagem, o retorno da submissão do Brasil aos países do Norte, numa posição de inferioridade. Disponível em: <<https://insta-stalker.com/post/BvNsv0SADhh/>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

crônica que deu origem ao sintagma “complexo de vira-latas”, depois de 1958, ficou “enterradinha” até início dos anos 1990, quando houve o lançamento da Coleção “Nelson Rodrigues” pela editora Companhia das Letras. Ruy Castro foi crucial nesse processo, uma vez que foi ele quem “escolheu” o título “Complexo de vira-latas” para a crônica (a crônica na revista *Manchete* não tinha título). Com essa outra descoberta, podemos afirmar que o sintagma “complexo de vira-latas” tem dupla “paternidade”.

Esse aspecto despertou nossa atenção, uma vez que pudemos constatar que houve um processo de mediação editorial nos anos 1990, o que fez com que a crônica (e juntamente o sintagma) voltasse a circular. Passamos, desse modo, a analisar a Coleção, com objetivo de compreender os processos pelos quais o sintagma passou a ser consagrado: pela circulação em livro (coletânea *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*, de 1993). Ou seja, o livro funciona como legitimador das crônicas de Nelson Rodrigues, consagrando o sintagma que, antes, em 1958, circulou apenas em um número da revista. A mudança de mídiun – da revista para o livro – recondiciona toda a obra de Nelson Rodrigues, produzindo outros efeitos de sentido.

A partir disso, conseguimos compreender os processos de mediação editorial nos anos 1990 como a base que daria sustentação para pensar o sintagma “complexo de vira-latas” como fórmula nos anos de 2010. Além disso, as questões sobre a figura de autor de Nelson Rodrigues foram cruciais. Por se tratar do âmbito do discurso literário, a gestão e o funcionamento da autoria mostraram que o sintagma ganha força e é alçado à condição de fórmula porque tem um valor literário que o promove a isso. O literário imprime valor à fórmula. Isso talvez seja um dos ganhos mais contundentes desta pesquisa: o sintagma só se torna uma fórmula porque participa de um regime discursivo literário que o põe em circulação e faz com que ele seja conhecido de todos, com um valor de autoridade específico.

Em 2017, com o corpus definido, precisávamos saber como analisá-lo de modo a esclarecer as propriedades da fórmula. Pelos percursos de usos do sintagma, de 1958 em diante, procuramos mostrar a sua circulação e a disputa por sentidos no interdiscurso. Desse modo, fomos analisando o sintagma nos diferentes mídiuns: desde a revista *Manchete Esportiva* até os diferentes jornais on-line, blogs etc., procurando evidenciar os modos de emergência, de consagração e de cristalização do sintagma. Nesse percurso, consideramos proveitoso compreender

as comunidades discursivas que fazem circular o “complexo de vira-latas”, uma vez que são nelas que os sentidos do sintagma se constituem.

Contudo, ainda que a pesquisa já tivesse com os encaminhamentos teóricos delimitados, os dados e os procedimentos metodológicos ainda estavam desalinhados. Sabíamos que estava tudo ali, mas não tínhamos a certeza da ordem das coisas.

Em 2018, depois do Exame de Qualificação, a pesquisa ganhou “corpo”. As contribuições dos professores foram decisivas para a organização das etapas da pesquisa e para as análises do sintagma. Assim, reorganizamos os dados. Novamente, as conversas com a Luciana ajudaram muito, e os direcionamentos propostos pelos professores fizeram com que a pesquisa tomasse outros rumos metodológicos. Um deles foi a constituição de um Capítulo que discutisse o valor literário do sintagma. Outro Capítulo, que mostrasse as condições de publicização do sintagma, isto é, os modos como ele “ganha” o espaço público, funcionando como ponto de enquadramento dos embates/debates públicos. Foi sugerido, também na Qualificação, que incorporássemos à pesquisa dados de 2013, já que, por diversas ocasiões, ao longo da pesquisa, mencionamos a importância desse período para a circulação e a constituição do “complexo de vira-latas” como fórmula discursiva. Elaboramos também um Capítulo somente para tratar das propriedades da fórmula, pois isso estava “pulverizado” em diversos tópicos antes da Qualificação. Dessa forma, conseguimos estruturar a pesquisa, de modo que atendêssemos a uma necessidade de análise dos dados, que foram reorganizados cronologicamente.

Essa cronologia permitiu ver alguns deslocamentos de sentido do sintagma quanto ao seu sentido primeiro (o de 1958). O recorte do corpus (2013 a 2016) mostrou que o “complexo de vira-latas” passou a ser mobilizado em discursos no âmbito político, por atores sociais que estão inseridos em comunidades discursivas distintas. Desde que Lula passou a mobilizar o sintagma, atribuindo o complexo às elites, bem como aos governos anteriores ao dele, verificamos o uso do sintagma como vetor de posicionamento político-partidário. Lula toma do pensamento social o sintagma e a crítica à inferioridade, mas o mobiliza contra as elites, não contra o povo. A partir disso, os dados de 2013 mostram que o “complexo de vira-latas” é usado no contexto das declarações sobre o tema “corrupção” do governo Dilma, perpetrado pela mídia corporativa sustentada pelas elites, no embate discursivo entre direita e esquerda.

Nos dados de 2014, observamos dois contextos de mobilização do sintagma: a Copa do Mundo e as eleições presidenciais. Esses dois eventos propiciaram um aumento na circulação do “complexo de vira-latas”. Desde 2007, quando o Brasil foi escolhido para sediar o evento futebolístico, diferentes mídiuns passaram a circular discursos que ora evidenciavam o evento como positivo, ora como negativo para o Brasil. Ficou evidente, nas análises, que os atores sociais que mobilizaram o sintagma relacionando-o à Copa do Mundo de modo positivo, resignificando ou vendo-o como superado participam de comunidade discursiva a favor do governo Dilma. Os atores sociais que fizeram críticas quanto ao atraso das construções dos estádios e quanto a prejuízos ao país participam de comunidade discursiva que se opõe ao governo Dilma.

Em 2016, dois eventos também foram significativos para a circulação do “complexo de vira-latas”: as Olimpíadas, realizadas no Rio de Janeiro, e o impeachment de Dilma Rousseff. Nesses dois contextos, observamos que o sema “corrupção” está atrelado à mobilização do sintagma. Observamos que o “complexo de vira-latas” foi importante no acirramento de embate partidário entre o governo Dilma e a oposição. O sintagma, nos discursos contrários ao governo Dilma, passou a ser um modo de manobra política da oposição, no sentido de que dizer que a corrupção existe porque o Brasil ainda tem o “complexo de vira-latas” – o qual os governos Dilma e Lula teriam encarnado. Desse modo, a corrupção existe porque há a incapacidade do brasileiro diante de outros povos. Segundo esse uso, não há mais um sentimento de inferioridade voluntária do brasileiro em relação a outras nações (entendido, aqui, quando se fala de futebol, mas, sobretudo, relacionado à produção simbólica e cultural estadunidense e europeia), mas que o país sempre estará nas condições de inferioridade devido à imoralidade, aos acordos políticos e à corrupção no Congresso Nacional para benefício dos próprios políticos.

Nesse sentido, fazendo uma breve reflexão sobre as análises dos 48 textos selecionados nesta pesquisa, podemos afirmar que o sintagma “complexo de vira-latas” estabelece outros sentidos de acordo com os deslizamentos realizados pelos diversos atores sociais. Compreendemos que o sintagma, no recorte temporal do corpus, mostra diferentes posicionamentos discursivos. De 1958 a 2010, o sintagma circula com o sentido de inferioridade ou autodepreciação. A partir de 2010 – e sobretudo depois de 2013 –, aferimos que, de acordo com as condições de produção e a comunidade discursiva, o sintagma vai sendo mobilizado com outro

valor semântico, chegando, em 2016, ao sema “corrupção”. Essas mudanças de sentido do sintagma ocorrem quando ele é mobilizado em textos que tratam de assuntos políticos.

A partir das reflexões desenvolvidas nesta pesquisa, constatamos que os procedimentos teórico-analíticos sobre fórmula discursiva (KRIEG-PLANQUE, 2010) se mostraram produtivos para a compreensão do sintagma “complexo de vira-latas”, observando seu valor social numa dada conjuntura.

Tendo em vista as hipóteses iniciais de pesquisa – i) considerar o “complexo de vira-latas” sob a perspectiva do discurso literário (MAINGUENEAU, [2008] 2006); e ii) considerar o funcionamento e a circulação de “complexo de vira-latas” na esteira das propriedades constitutivas da fórmula discursiva –, foi possível observar que o sintagma se eleva ao estatuto de fórmula a partir de 2010, quando o então presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, passa a mobilizá-lo em seus discursos. O sintagma, a partir disso, adquire um teor político assumindo, sobre seu sentido primeiro – em um discurso de autodepreciação como um traço identitário do brasileiro –, um discurso de superação. No entanto, para que o “complexo de vira-latas” chegasse ao estatuto de fórmula, alguns processos anteriores a 2010 contribuíram para sua consagração.

Compreendemos, assim, o sintagma “complexo de vira-latas” como uma fórmula discursiva, visto que atende às quatro propriedades propostas por Alice Krieg-Planque (2009; 2010; 2011; 2018):

- O sintagma é cristalizado porque é uma “forma significativa relativamente estável”. Apesar de ter variantes, tais como “síndrome de vira-latas” e “viralatismo”, é pela estrutura “complexo de vira-latas” que a opinião pública e os atores sociais o mobilizam;
- O sintagma se inscreve numa dimensão discursiva porque “não existe sem os usos”. Nesse aspecto, levamos em consideração as materialidades e os mídiuns nos quais o sintagma circula. O sintagma assume um movimento, “torna-se um jogo de posições, é retomado e comentado em diferentes discursos”;

- Consideramos o sintagma como um referente social porque “evoca alguma coisa para todos num dado momento”. Em eventos esportivos, como a Copa do Mundo, por exemplo, o sintagma atualiza a memória discursiva da derrota da seleção de futebol do Brasil em 1950;
- Consideramos que o sintagma admite um caráter polêmico porque pode ser monopolizado por uma formação discursiva adversária, no sentido de atribuir um sentido diferente ou mesmo rejeitá-la. Isso fica mais evidente nos dados que mostram um caráter político. Daí temos dois posicionamentos: quando o sintagma é mobilizado por atores sociais de esquerda (por exemplo, a fala de Lula na UFABC em 2010), o sintagma tem o sentido de mostrar que o complexo de inferioridade deixou de existir a partir dos seus mandatos presidenciais; quando o sintagma é mobilizado por atores sociais da direita e pela mídia corporativa (jornal *O Estado de S. Paulo*, por exemplo), há uma rejeição do sintagma, visto que foi mobilizado por Lula, cuja aparição a mídia refuta.

Assim, notamos que, após as “Manifestações de junho” em 2013, que Souza (2015) considera como o “ovo da serpente” do impeachment de Dilma Rousseff em 2016, o sintagma “complexo de vira-latas” condensa as propriedades constitutivas da fórmula discursiva, considerando sua ampla circulação em diferentes comunidades discursivas. Isso ocorre porque os discursos dos partidos de esquerda, sobretudo o PT, passaram a mobilizar o sintagma no sentido de atribuir às classes dominantes, à elite e à mídia corporativa a construção do imaginário de que a classe política brasileira não teria condições de levar o Brasil a iguais condições político-econômicas de países desenvolvidos.

Em contraposição, diversos atores sociais, com posicionamentos discursivos contrários à ideologia de esquerda, mobilizam o sintagma no sentido de responsabilizar a esquerda pela corrupção instaurada em diversas instituições, como se o sintagma passasse a funcionar como um vetor de posicionamento político para afirmar que o Brasil não tem condições mínimas – sociais, econômicas e políticas – de figurar como nação soberana, devido à corrupção causada pelos partidos de esquerda.

É nesse cenário que as análises mostraram os embates discursivos entre governo e oposição nos contextos da Copa do Mundo e das eleições presidenciais (ambos eventos de 2014) e das Olimpíadas de 2016. É nesse cenário que os discursos que dão sustentação a projetos de nação nos contextos da Copa do Mundo e das Olimpíadas mostraram: uma representação do brasileiro; as diferenças entre classes sociais; os impasses entre os discursos de esquerda e direita; a circulação dos discursos de ódio na mesma intensidade de circulação do sintagma “complexo de vira-latas”; as relações de força que se estabeleceram nesse período, tendo o sintagma como vetor de posicionamento; os sentidos diferentes e possíveis do sintagma antes e depois do impeachment de Dilma Rousseff em 2016.

Por fim, o que coletamos dos percursos de usos do sintagma permitiu mostrar, ainda, o modo como o Poder Judiciário brasileiro opera dividido quanto aos projetos de nação em jogo no período.

Tomando de empréstimo parte do título do livro de Souza (2016), *A radiografia do golpe*, ousamos dizer que esta pesquisa, examinando a circulação e os deslocamentos de sentido do sintagma “complexo de vira-latas” entre 2013 e 2016, também pode ser vista como uma radiografia do golpe de 2016.

É nesse contexto, portanto – o do “todo dia é um 7 x 1” –, que é preciso que continuemos a fazer o que sabemos fazer: produzir pesquisa, no Brasil, é um ato de resistência.

Referências

ACHARD, P.; FIALA, P. La locutionnalité à géométrie variable. In: FIALA, P.; LAFON, P.; PIGUET, M. (Org.). **La locution**: entre lexicque, syntaxe et pragmatique. Saint-Cloud: INALF, 1997. p. 273-284.

AGAMBEN, G. O que é um dispositivo? In: _____. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2005.

AGUILAR, S. L. C.; MATHIAS, A. L. T. C. Identidades e diferenças: o caso da guerra civil na antiga Iugoslávia. SEMINÁRIO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA, 3. **Anais...**, Sociologia em movimento: novos olhares, novas perspectivas, 7 a 9 maio 2012. Disponível em: <https://iiseminarioppgsufscar.files.wordpress.com/2012/04/aguilar_serjio_mathias_ana.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2018.

ALMEIDA, J. Sobre “viralatismo” e “pessimismo”: o discurso da inferioridade voluntária do brasileiro no entorno da Copa de 2014. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Linguística, v. 9, n. 12, p. 111-123, 2015.

_____. Três cenas de enunciação no contexto de preparação da Copa de 2014: entre internet, rua e sala de aula, o contra-discurso fala. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 8, n. 10.1, p. 201-217, 2016.

_____. **O fardo da autorrepresentação do brasileiro**: discurso e contradiscurso. Campinas: Pontes Editores, 2017.

ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [1989].

ANTUNES, F. M. R. F. **“Com brasileiro não há quem possa”**: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora da Unesp, 2004.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: _____. (Org.). **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004 [1982]. p. 11-80.

_____. Heterogeneidades enunciativas. Tradução de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 19, p. 25-27, 1990. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636824/4545>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

_____. **Palavras incertas**: As não coincidências do dizer. Tradução de Cláudia Pfeiffer et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

BAKHTIN, M. M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004 [1929].

BARONAS, R. L. Blogs de comentários políticos: algumas notas sobre ethos semiotizado. **Revista Ecos**, n. 10, jul. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/774/818>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

BARROS, C. Quem grita “não vai ter Copa” nas manifestações? **Congresso Em Foco**, Agência Pública, 23 fev. 2014. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/quem-grita-nao-vai-ter-copa/>>. Acesso em: 06 fev. 2019.

BEACCO, J. C. Les communautés discursives et L'actualité des sciences astronomiques dans le quotidiens: le gai savoir. In: BEACCO, J. C. **L'astronomie dans les médias**. Paris: Presses de la Sorbonne nouvelle, 1999. p. 11-23; p. 199-226.

BIASI-RODRIGUES, B. **Estratégias de condução de informações em resumos de dissertações**. 1998. 307 f. Tese (Doutorado) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/77763>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

BONNAFOUS, S. Sobre o bom uso da derrisão em J. M. Le Pen. Tradução de Maria do Rosário Gregolin e Fábio César Montanheiro. In: GREGOLIN, M. R. (Org.). **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 10. ed. Rios de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CÂMARA JR., J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985. p. 214-221.

CANDIDO, A. et al. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, A. (Org.). **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 89-99.

CASTELLO, J. Um belo telhado de vidro. **No mínimo**, 17 set. 2005.

CASTRO, R. **O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. Personagens para a eternidade. In: RODRIGUES, N. **À sombra das chuteiras imortais**. Seleção de notas e organização de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 7.

CAVALCANTI, J. R. O conceito de cenografia e sua produtividade na leitura e interpretação de textos. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n. 13, v. 1, p. 81-90, jul. 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4823/5597>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

CHARAUDEAU, P. Condições de Produção do Discurso. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (Org.). **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 114-115.

_____. **Discurso das mídias**. Tradução de Ana M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. In: PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, p. 309-326. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

_____. **A conquista da opinião pública**: como o discurso manipula as escolhas políticas. São Paulo: Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. Tradução coordenada por Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARTIER, R. Os desafios da escrita. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.

CHIEREGATTI, A. **Mídium e gestão dos espaços canônico e associado nas plataformas colaborativas Wattpad e Widbook**. 2018. 251 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/10053?show=full>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Editora da Unesp, 2001.

COMPARATO, F. K. **A oligarquia brasileira**: visão histórica. São Paulo: Editora Contracorrente, 2017.

COMPLEXO DE VIRA-LATAS (2014). Sem Cortes Filmes. 26 maio 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2_WD7dqGbzk>. Acesso em: 15 jan. 2015.

COSTA, C. O brasileiro é um leitor qualificado e curioso. **O Globo**, Segundo Caderno, 28 dez. 2002, p. 1.

COURTINE, J.-J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. Tradução de Patrícia C. R. Reuillard et al. São Carlos: EdUFSCar, 2009 [1981].

_____. **Metamorfoses do discurso político**: derivas da fala pública. Tradução de Nilton Milanez e Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006.

COUTINHO, A. Introdução: estudo crítico. In: ASSISJ. M. M. **Machado de Assis. Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. (vol. 1).

COUTO, A. A. G. Manchete Esportiva e sua primeira fase (1955-1959): Diálogo entre Imagens e Crônicas Modernas. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH – RIO, 15. **Anais...**, Ofício do historiador: ensino e pesquisa, 2016.

DEBRAY, R. **Curso de midiologia geral**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. **Manifestos midiológicos**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. **Transmitir: o segredo e a força das ideias**. Petrópolis: Vozes, 2000.

DELEUZE, G. La Littérature et la Vie. **Critique et Clinique**, Minuit, Paris, p. 11-17, 1993. Versão traduzida livre para o português disponível em: <http://www.rogerioa.com/resources/Opt_Lit/Deleuze---Literatura.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2019.

ECO, U. **Apocalípticos e integrados**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

FACINA, A. **Santos e canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

FLORESTI, F. Manifestações de 'Junho de 2013' completam cinco anos: o que mudou? **Galileu**, 20 jun. 2018. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2018/06/manifestacoes-de-junho-de-2013-completam-cinco-anos-o-que-mudou.html>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

_____. **Microfísica do poder**. Organização de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2002.

FREUD, S. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1977 [1905]. (vol. 8).

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**. 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001 [1933].

FUCHS, C. A paráfrase linguística: equivalência, sinonímia ou reformulação? Tradução de João W. Geraldi. **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas, n. 8, p. 129-134, 1985.

GARCÍA CANCLINI, N. **Leitores, espectadores e internautas**. Tradução de Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

GATTI, M. A.; SALGADO, L. S. Brasil-paraíso: estereótipo e circulação. **Revista D.E.L.T.A.**, v. 29, n. especial p. 517-534, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v29nspe/v29nspea09.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2018.

GAUER, R. M. C. A Contribuição Portuguesa para a Construção da Sociedade Brasileira. **Separata da Revista de História das Ideias**, Faculdade de Letras Coimbra, v. 19, 1998.

GIANETTI, E. **O elogio do vira-lata e outros ensaios**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIÉ, D. Efeitos do arquivo: a análise do discurso no lado da história. In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Gestos de Leitura**: da história no discurso. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010. p. 161-183.

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, [1992] 2000.

HALLEWELL, L. **O livro no Brasil**: sua história. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2005.

HELAL, R. Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. Dossiê Futebol e Comunicação. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 8, n. 21 p. 11-37 mar. 2011. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/208/205>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. 8. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975 [1936].

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Dialética do Esclarecimento**: Fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

INDURSKY, F. A fragmentação do sujeito em Análise do Discurso. In: INDURSKY, F.; CAMPOS, M. do C. **Discurso, memória e identidade**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000. p. 70-81.

KORACAKIS, T. **A companhia e as letras**: um estudo sobre o papel do editor na literatura. 2006. 217 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp151000.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

KRIEG-PLANQUE, A. **Purification ethnique**: une formule et son histoire. Paris: CNRS, 2003.

_____. “Fórmulas” e “lugares discursivos”: propostas para a análise do discurso político. Tradução de Luciana Salazar Salgado e Sírio Possenti. **Linguagem**, UFSCar, n. 6, mar. 2009. Disponível em: <http://www.letas.ufscar.br/linguasagem/edicao06/entrevista_akp.php>. Acesso em: 02 fev. 2018.

_____. **A noção de “fórmula” em análise do discurso:** quadro teórico e metodológico. Tradução de Luciana Salazar Salgado e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. Por uma análise discursiva da comunicação: a comunicação como antecipação de práticas de retomada e de transformação dos enunciados. Tradução de Luciana Salazar Salgado. **Linguagem**, UFSCar, n. 16, 2011. Disponível em: <http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao16/art_001.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2018.

_____. A fórmula “desenvolvimento sustentável” um operador de neutralização de conflitos. Tradução de Roberto Baronas, Julia Lourenço e Virginia Rubio. **Linguagem**, UFSCar, n. 19, 2012. Disponível em: <www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao19/artigos/artigo_001.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2016.

_____. **Analisar discursos institucionais.** Tradução de Luciana Salazar Salgado e Helena Bosqui. Uberlândia: Editora EDUFU, 2018. (Série: Tradução de Estudos da Linguagem).

LÉON, J; PÊCHEUX, M. Análise sintática e paráfrase discursiva. In: ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso:** Michel Pêcheux. Textos selecionados. Campinas: 3. ed. Pontes Editores, 2012. p. 163-173.

LEOPOLDI, J. S. Rousseau: estado de natureza, o “bom selvagem” e as sociedades indígenas. **Revista Alceu**, v. 2, n. 4. p. 158-172, jan./jun. 2002. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n4_Leopoldi.pdf>. Acesso em: 03 maio 2016.

LÉVY, P. **O que é virtual?** Tradução Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

_____. **Cibercultura.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2000.

LIMA, L. C. **A aguarrás do tempo:** estudos sobre a narrativa. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos.** Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar edições, 2005 [1984].

_____. **Novas tendências em Análise do Discurso.** 3. ed. Campinas, SP, Pontes/Ed. Unicamp, 1997 [1987].

_____. **O contexto da obra literária:** enunciação, escritor e sociedade. Tradução de Marina Appenzeller. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001 [1993].

_____. **O contexto da obra literária.** Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. **Análise de textos de comunicação**. 6. ed. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2013 [1998].

_____. Analisando discursos constituintes. **Revista do GELNE**, v. 2, n. 2, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/viewFile/9331/6685>>. Acesso em: 17 jul. 2018.

_____. **Cenas da enunciação**. Organização de Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza e Silva. São Paulo: Parábola, 2008 [2006].

_____. **Discurso Literário**. Tradução de Adail Sobral. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012 [2006].

_____. **Doze conceitos em análise do discurso**. Organização de Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. Diversos tradutores. São Paulo: Parábola Editorial, 2010 [2008].

_____. Aforização, enquadramento interpretativo e configuração humanista. **Coleção Mestrado em Linguística. Discurso e linguagens: objetos de análise e perspectivas teóricas**, v. 6, p. 15-34, 2011.

_____. **Frases sem texto**. Tradução de Sírio Possenti et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

_____. **Discurso e Análise do Discurso**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARIANI, B. A defesa da pátria: 1935 nos jornais e a memória discursiva da brasilidade. In: BARROS, D. L. P. (Org.). **Os discursos do descobrimento: 500 e mais anos de discursos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 2000. p. 223-237.

MATTELART, A. **Diversidade cultural e mundialização**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2005.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução de Décio Pignatari. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 21-94.

MELO, C. H. **Os desafios do designer & outros textos sobre design gráfico**. São Paulo: Rosari, 2003.

MOIRAND, S. Discours, mémoires et contextes: à propos du fonctionnement de l'allusion dans la presse. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 6, n. 1, p. 7-46, 2008. Disponível em: <<http://cpelin.org/estudosdalinguagem/ojs/index.php/estudosdalinguagem/article/download/85/218>>. Acesso em: 03 set. 2017.

MOTTA, A. R.; SALGADO, L. S. (Org.). **Fórmulas discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. A maquinaria discursiva como dispositivo enunciativo em funcionamento: teoria e método. In: SILVA, F. V.; SILVA, A. A. (Org.). **Caleidoscópio do discurso**. Campinas: Pontes, 2016. p. 45-64.

MOTTA, A. R.; SALGADO L. S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. Apresentação. **Revista D.E.L.T.A.**, v. 29, n. especial p. 517-534, 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/19333/14347>>. Acesso em: 16 jan. 2018.

O COMPLEXO de vira-latas. Direção: Leandro Caproni. Leitura da Crônica: Wallace Soares. Rio de Janeiro: 2013. 23 min. Son. Color.

ORLANDI, E. P. **Língua e conhecimento linguístico**. São Paulo, Cortez. 2002.

_____. et al. (Org.). **Gestos de leitura: da história no discurso**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

_____. **Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia**. Campinas: Pontes, 2012.

ORTIZ, R. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. Identidades culturais no contexto da globalização. **Comunicação & Educação**, Entrevista, São Paulo, n. 18, p. 68-80, maio/ago. 2000.

_____. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 5. ed., 2006.

_____. Imagens do Brasil. **Revista Sociedade e Estado**. v. 28, n. 3 set./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v28n3/a08v28n3.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2017.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990 [1969]. p. 61-162.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni P. Orlandi. 4. ed. Campinas: Unicamp, 2009 [1975].

_____. Remontemos de Foucault à Spinoza. In: TOLEDO, M. M. (Org.). **El discurso político**. México, Nueva Imagen, 1980 [1977]. p. 181-200.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento?** Tradução de Eni P. Orlandi. São Paulo: Pontes, 1990 [1983].

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. Tradução de Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi et al. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

_____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010. p. 49-59.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, J. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990 [1975]. p. 163-252.

PÊCHEUX, M.; LÉON, J. Análise Sintática e Paráfrase Discursiva. In: ORLANDI, E. (Org.). **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Campinas: Pontes, 2011 [1982]. p. 163-173.

PETIT, J. L. **L'événement em perspective**. Paris: Editions de l'Ecole des Hautes Etudes em Sciences Sociales, 1991.

POSSENTI, S. Slogans que se retomam. In: TASSO, I. (Org.). **Estudos do texto e do discurso**: interfaces entre língua(gens), identidade e memória. São Carlos: Editora Claraluz, 2008. p. 17-28.

_____. O sujeito fora do arquivo? In: _____. **Os Limites do Discurso**: ensaios sobre discurso e sujeito. São Paulo: Parábola editorial, 2009a. p. 73-84.

_____. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola editorial, 2009b.

_____. (Não) fazer a lição de casa: circulação e sentidos. In: POSSENTI, S.; PASSETTI, M. C. (Org.). **Estudos do Texto e do Discurso**: política e mídia. Maringá: EDUEM, 2010a. p. 103-120.

_____. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010b.

POSSENTI, S. Cenografia, ethos e interlíngua em “O cobrador”: uma questão de estilo. **Análise do discurso hoje**, São Paulo, v. 4, p. 237-254, nov. 2011.

_____. Notas Sobre Gênero, Uma Questão Teórica e Metodológica. **Revista da ABRALIN**, v. 11, n. 2, p. 173-200, jul./dez. 2012. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/32530>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

_____. Diferenças condensadas em palavras. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 1075-1099, 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/10959/pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2018.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro**: a formação e o sentido de Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RODRIGUES, N. **À sombra das chuteiras imortais**. Seleção de notas e organização de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **A pátria em chuteiras**. Seleção de notas de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SAID ALI, M. **Gramática secundária e Gramática histórica da língua portuguesa**. Brasília: UnB, 1964.

SALGADO, L. S. Autores, leitores, leituras. **Revista da ABRALIN**, João Pessoa, 2009. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009_vol_2/PDF-VOL2/Microsoft%20Word%20-%20Luciana%20Salazar%20Salgado.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2018.

_____. A leitura como um bem: slogans e consenso. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. S. (Org.). **Fórmulas discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. Cibercultura: tecnoesfera e psicoesfera de alta potência difusora. In: ABRIATA, V. L. R.; CÂMARA, N. S.; RODRIGUES, M. G.; SCHWARTZMANN, M. N. (Org.). **Leitura: a circulação de discursos na contemporaneidade**. Franca: Unifran, 2013a. p. 103-123. Disponível em: <<http://twixar.me/IBRK>>. Acesso em: 23 abr. 2019.

_____. Ritos genéticos editoriais: uma abordagem discursiva da edição de textos. Rev. Inst. **Revista de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 25, p. 324-357, dez. 2013b. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rieb/n57/11.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2018.

_____. **Ritos genéticos editoriais: autoria e textualização**. Bragança paulista: Margem da Palavra, 2016.

_____. **Quem mexeu no meu texto?** Questões contemporâneas de edição, preparação e revisão textual. 1. ed. Divinópolis: Artigo A, 2017.

SALGADO, L. S.; CLARES, L. M. Publishing mediation and scientific articles: a study of injunctions and hiddenness in humanities. **Revista do GEL**, v. 14, n. 3, p. 29-58, 2017. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/rg/article/download/2088/1322>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

SALGADO, L. S.; GATTI, M. A. Considerações sobre o sintagma “lugar de fala”: um operador de vozes empoderadas? **Discurso & Sociedad**, v.12, n. 3, p. 565-580, 2018.

_____. Personagens infantis de tiras cômicas em suportes diversos: uma questão de circulação, aforização e estereotipia. **DELTA (Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada)**, n. 29, ed. especial, 2013, p. 517-534. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/19341/14355>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

SALGADO, L. S.; OLIVA, J. T. O mal-estar na comunicação: a violação da opinião pública pelo sistema midiático. **Dossiê Trabalhos de Linguística Aplicada**. Campinas, n. 57, v. 2, p. 894-921, maio/ago. 2018.

SANTOS, J. V. T. A violência simbólica: o Estado e as práticas sociais. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 108, p. 183-190, 2015.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo**: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013 [1994].

SCHILLER, H. I. **O Império norte-americano das comunicações**. Tradução de Tereza Lúcia Halliday Petrópolis: Vozes, 1976.

SCHMIDT, B. B. Construindo Biografias ... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. **Estudos históricos**, 1997. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/2040/1179>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

SCHOMMER, A. **História do Brasil vira-lata**: as razões históricas da tradição autodepreciativa brasileira. Anajé: Editora Casarão do verbo, 2012.

SÈRIOT, P. Langue russe et discours politique soviétique: analyse des nominalisations. **Langages**, Paris, Larousse, n. 81, p. 11-41, mar. 1986.

SILVA, M. R. O futebol visto da academia: entrevista com Elcio Cornelsen e Silvio Ricardo. **Em tese**, Belo Horizonte, UFMG. v. 20, n. 1, jan./abr. 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/viewFile/5788/5138>>. Acesso em: 20 out. 2016.

SIMON, L. C. S. Do jornal ao livro: a trajetória da crônica entre a polêmica e o sucesso. **Revista Temas & Matizes**, Cascavel, v. 3, n. 5, 2004. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/view/554>>. Acesso em: 16 maio 2017.

SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Mauad, 1994 [1966].

SORÁ, G. Tempo e distâncias na produção editorial de literatura. **Revista Mana**. Rio de Janeiro, n. 3/2, p. 151-181, out. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000200005>. Acesso em: 15 jan. 2018.

_____. **Brasileiras**: la casa José Olympio y la institución del libro nacional. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1998.

SOUZA, J. **A tolice da inteligência brasileira**: ou como o país se deixa manipular pela elite. São Paulo: LeYa, 2015.

_____. **A radiografia do golpe**: entenda como e por que você foi enganado. Rio de Janeiro: LeYa, 2016.

SOUZA-E-SILVA, M. C. P. A interface estudos discursivos e estudos ergológicos. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 49, n. 3, p. 282-289, jul./set. 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fzva/ojs/index.php/fale/article/viewFile/19105/12153>>. Acesso em: 03 fev. 2018.

STEINBERGER, M. B. **Discursos Geopolíticos da Mídia**: jornalismo e imaginário internacional na América Latina. São Paulo: EDUC; FAPESP: Cortez, 2005.

SWALES, J. M. **Genre Analysis**: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

VOGEL, D. I. Nelson Rodrigues em Manchete Esportiva: crônicas da alma brasileira. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, n. 2, p. 147-156, jul./dez. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/4799/4074>>. Acesso em: 20 out. 2016.

WISNIK, J. M. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

Anexos

ANEXO A – Crônica “Complexo de vira-latas”²³³

Hoje vou fazer do escrete o meu numeroso personagem da semana. Os jogadores já partiram e o Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética. Nas esquinas, nos botecos, por toda parte, há quem esbraveje: “O Brasil não vai nem se classificar!”. E, aqui, eu pergunto: — Não será esta atitude negativa o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado?

Eis a verdade, amigos: — desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor-de-cotovelo que nos ficou dos 2 x 1. E custa crer que um escore tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo passou em vão sobre a derrota. Dir-se-ia que foi ontem, e não há oito anos, que, aos berros, Obdulio arrancou, de nós, o título. Eu disse “arrancou” como poderia dizer: “extraíu” de nós o título como se fosse um dente.

E hoje, se negamos o escrete de 58, não tenhamos dúvida: — é ainda a frustração de 50 que funciona. Gostaríamos talvez de acreditar na seleção. Mas o que nos trava é o seguinte: — o pânico de uma nova e irremediável desilusão. E guardamos, para nós mesmos, qualquer esperança. Só imagino uma coisa: — se o Brasil vence na Suécia, se volta campeão do mundo! Ah, a fé que escondemos, a fé que negamos, rebentaria todas as comportas e 60 milhões de brasileiros iam acabar no hospício.

Mas vejamos: — o escrete brasileiro tem, realmente, possibilidades concretas? Eu poderia responder, simplesmente, “não”. Mas eis a verdade: — eu acredito no brasileiro, e pior do que isso: — sou de um patriotismo inatual e agressivo, digno de um granadeiro bigodudo. Tenho visto jogadores de outros países, inclusive os ex-fabulosos húngaros, que apanharam, aqui, do aspirante-entertido do Flamengo. Pois bem: — não vi ninguém que se comparasse aos nossos. Fala-se num Puskas. Eu contra-argumento com um Ademir, um Didi, um Leônidas, um Jair, um Zizinho.

A pura, a santa verdade é a seguinte: — qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: — temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de “com plexo de vira-latas”. Estou a imaginar o espanto do leitor: — “O que vem a ser isso?” Eu explico.

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Por que, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: — e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: — porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos.

Eu vos digo: — o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo.

O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia. Uma vez que ele se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como o chinês da anedota.

Insisto: — para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão.

²³³ In: RODRIGUES, N. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. p. 51-52.

ANEXO B – Lula diz que só recebeu Hillary Clinton por pedido de Amorim

Reuters/Brasil Online

08/03/2010 - 00:00 / Atualizado em 01/11/2011 - 20:00

ITABORAÍ, Rio de Janeiro (Reuters) - O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse nesta segunda-feira que o país precisa perder o seu "complexo de vira-lata" e que constatou como isso ainda está presente no Brasil na ocasião da visita da secretária de Estado norte-americana, Hillary Clinton. Segundo ele, antes da chegada dela ao país a imprensa perguntava "se esse ou aquele assunto seria tratado com a secretária". Hillary visitou o Brasil na semana passada, em meio a uma viagem pela América do Sul.

"Ainda vi esses dias o que é a subserviência, quando veio a Hillary Clinton... é engraçado que a imprensa queria saber 'se o senhor vai tratar de tal assunto' com a Hillary Clinton. Não, quem vai tratar é o ministro Celso Amorim (Relações Exteriores)", afirmou o presidente durante discurso na cerimônia de assinatura de contratos para a implementação do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj).

"Eu vou recebê-la numa deferência, porque o Celso Amorim pediu para recebê-la, mas a conversa é de ministro para ministro... quando for o Obama, e espero que ele vem ainda esse ano, aí eu converso", explicou, dizendo ser um caso de "hierarquia".

Segundo Lula, quando o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, vier ao Brasil, ele dirá que não é "o cara", como foi chamado no ano passado pelo principal chefe de Estado mundial. "Vou dizer que eu governo um país com 195 milhões de 'o cara'", acrescentou.

(Reportagem de Denise Luna)

Fonte: <<https://oglobo.globo.com/politica/lula-diz-que-so-recebeu-hillary-clinton-por-pedido-de-amorim-3042476>>. Acesso em: 07 maio 2018.

ANEXO C – Lula faz defesa da atual política externa brasileira

Da Agência Brasil
20/04/2010 | 15:45

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez nesta terça-feira uma defesa de sua política externa e da relação com os países da América do Sul durante discurso na cerimônia de formatura de diplomatas do Instituto Rio Branco.

Lula afirmou que o Brasil cresceu, deixou de ser coadjuvante no cenário internacional e criticou o desequilíbrio nas relações entre as nações do Norte e do Sul. "Quando olharmos o mapa do mundo vamos perceber que o Norte não é tão grande como eles pensam que seja e o Sul não é tão pequeno como eles pensam que seja", disse.

Na avaliação do presidente, o Brasil vive hoje um outro momento no cenário internacional e deixou de sofrer do "complexo de vira-lata". Ele defendeu as viagens que fez à África como uma forma de diversificar a parceria comercial do Brasil.

Ao se referir à relação com os vizinhos da América do Sul, Lula disse que muitos gostariam que ele tivesse sido duro com o presidente da Bolívia, Evo Morales, na discussão em torno da compra do gás boliviano pelo Brasil; e com o presidente do Paraguai, Fernando Lugo, na negociação em torno do reajuste da tarifa da energia elétrica produzida pela usina de Itaipu.

Fonte: <<https://www.dgabc.com.br/Noticia/133761/lula-faz-defesa-da-atual-politica-externa-brasileira>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

ANEXO D – Lula diz que Brasil se livrou de 'complexo de vira-lata'

Por Vicente Seda, iG Rio de Janeiro | 20/12/2010 21:36

Presidente fez declaração durante Prêmio Brasil Olímpico 2010 ao afirmar que o País se mostrou capaz de realizar olimpíada

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou nesta segunda-feira (20, durante Prêmio Brasil Olímpico 2010, no Rio de Janeiro, que o Brasil abandonou o “complexo de vira-lata” ao conquistar realização da Olimpíada no País.

“Quando as pessoas me perguntam como conquistamos a Olimpíada, digo que foi o profissionalismo. Do governo, da prefeitura do Rio, do COB, do ministro. Jogamos fora o complexo de vira-lata que Nelson Rodrigues tanto dizia que nós tínhamos e nos tornamos cidadãos e cidadãs capazes de realizar uma Olimpíada no Brasil”, afirmou o presidente que se despede do mandato.

O presidente também afirmou que o Brasil precisa transformar o esporte em um instrumento de desenvolvimento e que é preciso ter uma “política de Estado” para tornar o país uma potência olímpica.

“O que nós precisamos é de uma política de Estado para garantir a todos, independentemente se nasceu no Complexo do Alemão [conjunto de favelas na zona norte do Rio] ou se nasceu na Tijuca [bairro de classe média], o direito de disputar, em igualdade de condições, uma medalha de ouro nas próximas Olimpíadas, aqui no Brasil ou em Londres ou em qualquer lugar”, disse Lula.

Segundo Lula, é preciso encarar as verbas públicas usadas no esporte como investimento e não como gasto. “Nós queremos transformar o esporte num instrumento de desenvolvimento desse País. Não podemos mais falar em gastar em esporte. É investimento no esporte brasileiro para que o Brasil se transforme numa verdadeira potência olímpica”.

“O senhor (dirigindo-se a Lula) tem um mundo a seu favor. Contamos com o senhor durante toda essa caminhada para fazermos os melhores Jogos Olímpicos da história. O senhor é o presidente que mais fez pelo esporte em toda a história da República”, disse Nuzman.

Houve homenagens ao prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, e ao ministro dos Esportes, Orlando Silva. Em discurso, o governador do Rio, Sérgio Cabral, exaltou parceria com o governo federal para desenvolvimento de projetos na área de esportes.

Fonte: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/lula-diz-que-brasil-se-livrou-de-complexo-de-viralata/n1237887584990.html>>. Acesso em: 07 maio 2018.

ANEXO E – Capa e contracapa da revista *Manchete Esportiva* (edição n. 132, de 31 maio de 1958).



Reprodução: acervo de pesquisa do autor.



Reprodução: acervo de pesquisa do autor.

ANEXO F – Da esquerda para direita: propagandas das empresas de biscoitos “Aymoré” (p. 13), da aviação “Real” e do isqueiro “Zippo” (p. 44). Abaixo, propagandas das empresas de flâmulas “Nacional” e da cola “Dupont” (p. 25).



Reprodução: acervo de pesquisa do autor.

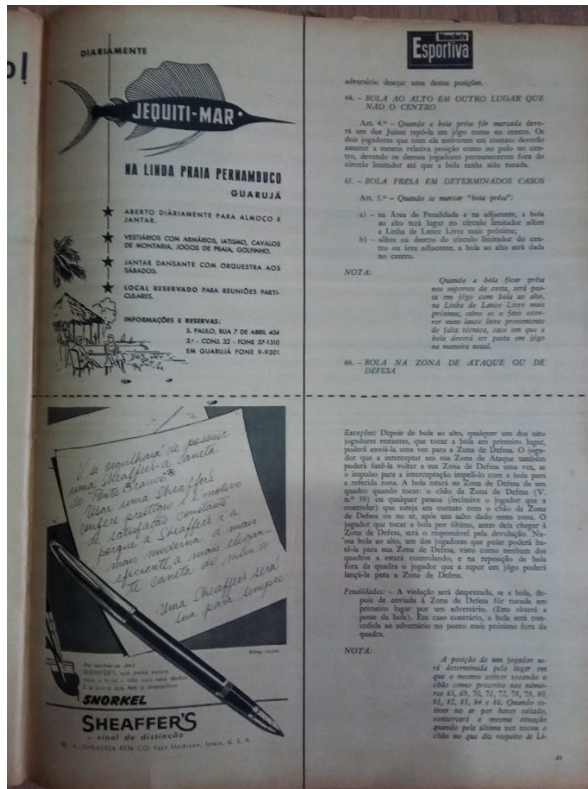


Reprodução: acervo de pesquisa do autor.

ANEXO G – Propagandas da revista feminina “Sétimo céu” (p. 40); do restaurante “Jequiti-Mar” e das canetas “Sheaffer’s” (p. 43).



Reprodução: acervo de pesquisa do autor.



Reprodução: acervo de pesquisa do autor.

ANEXO H – Fotografia de Nelson Rodrigues no canto superior esquerdo da coluna “Meu Personagem da Semana”, acompanhando a crônica.



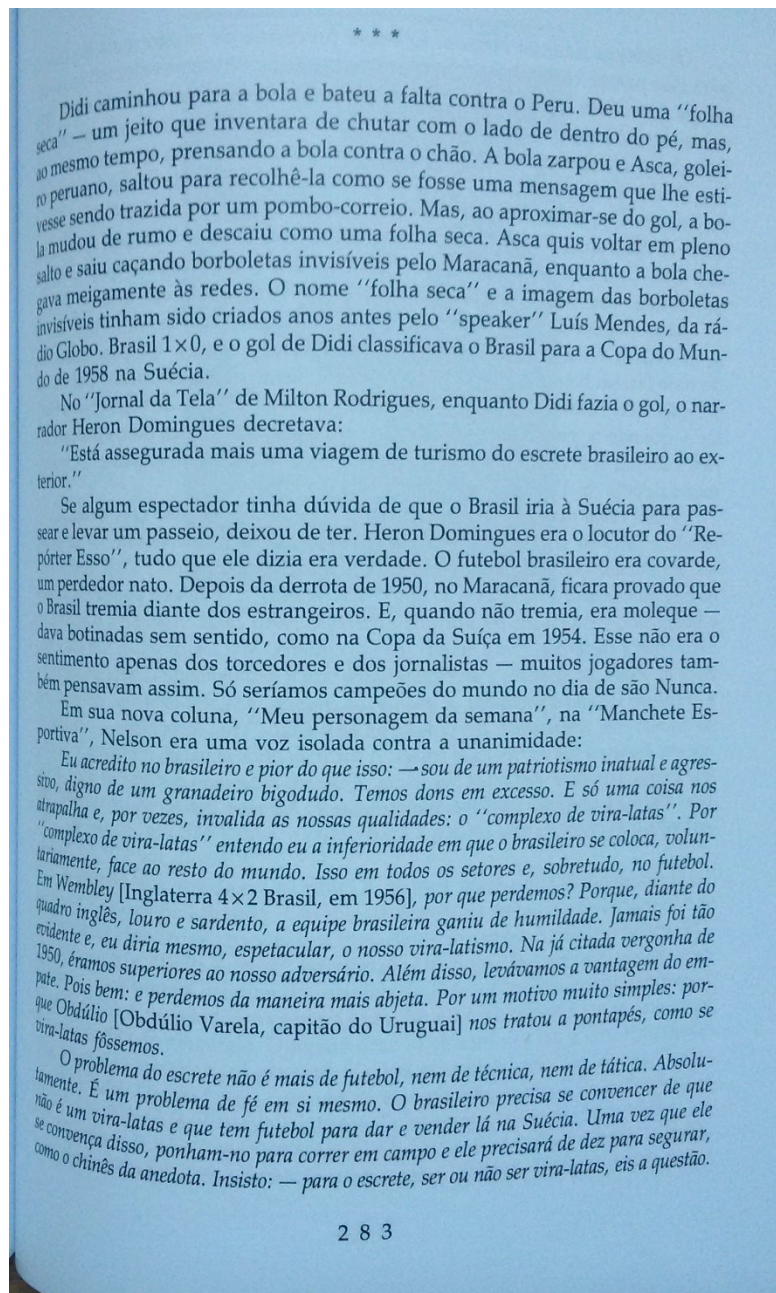
Reprodução: acervo de pesquisa do autor.

ANEXO I – Capas da Coleção “Nelson Rodrigues”



Reprodução: acervo de pesquisa do autor.

ANEXO J – Página 283 da obra *O Anjo Pornográfico – A vida de Nelson Rodrigues*, em que o sintagma “complexo de vira-latas” é citado por Ruy Castro



Reprodução: acervo de pesquisa do autor.

ANEXO K – O futebol faz parte da identidade brasileira

Portal Vermelho Dia: 11/05/2010 às 19:54:25

Abrindo o especial que o Portal Vermelho inaugura sobre as Copas do Mundo, entrevistamos o ministro do Esporte do governo Lula, Orlando Silva Júnior, em sua residência, em São Paulo, sobre o que ele espera da Copa da África. Orlando também expôs o que pensa da realização da Copa do Mundo de 2014 e da Olimpíada de 2016 no Rio de Janeiro e o que a sua pasta está fazendo para o país sediar com sucesso os dois maiores eventos esportivos da Terra.

Por José Reinaldo Carvalho e Humberto Alencar

Vermelho — A Copa do Mundo é um dos maiores acontecimentos da Terra, mobiliza todos os públicos e todos os interesses e o Brasil é o país que participou de todas as Copas. No Brasil, especialmente, a Copa polariza muitas atenções, todas as atenções.

Como é que você como ministro, cidadão brasileiro e torcedor, se sente vivendo esse momento prévio à Copa e o que você pode dizer, em que pese não haver interferência do Ministério sobre a CBF e muito menos sobre o time, sobre como o governo, as instituições públicas, especificamente o Ministério do Esporte incide nesse acontecimento que polariza o povo brasileiro?

Orlando Silva Jr.: Pensei que você fosse perguntar sobre o Neymar (Risos). A todos os lugares que vou, a turma só pergunta do Neymar e a gente mantém uma equidistância do tema. O futebol é uma língua universal. É impressionante a repercussão do fenômeno futebol. Como você sabe, a imagem do Brasil hoje não é mais só associada ao futebol, mas o país tem o futebol como um fator de identidade nacional.

O futebol é uma das variáveis, um dos elementos que compõem a identidade brasileira, e num momento de Copa do Mundo isso aflora mais. Em 2014 o Brasil terá a responsabilidade de fazer a Copa depois de 64 anos, então, talvez nunca tenha estado tão viva na agenda brasileira a temática do futebol.

Eu como torcedor espero que o Brasil vença. Nós temos uma vantagem, somos o único país que ganhou fora de seu continente. Ganhamos na Ásia e ganhamos na Europa, nenhum outro país conseguiu essa façanha e na Copa da África o brasileiro vai se sentir em casa. Estive na Copa das Confederações no ano passado e pude sentir o carinho que o povo sul-africano tem com o Brasil, com o brasileiro, é um momento também muito amistoso de relações entre os países, o presidente Jacob Zuma esteve duas vezes aqui em menos de seis meses. O presidente Lula foi o presidente brasileiro que mais vezes foi à África. Ele vai estar na África durante a Copa do Mundo. Nem sei se algum presidente brasileiro já foi a uma Copa do Mundo fora do país.

Então fica a expectativa de que seja uma boa participação brasileira, que tenha um bom resultado e que aprendamos com eles para preparar a Copa no país, no Brasil.

Vermelho — Como torcedor, a sua primeira Copa foi a de 74 ou 78. Quais foram os episódios com a Seleção Brasileira que te marcaram, para o bem e para o mal?

Orlando Silva Jr.: Como nasci em 1971, a primeira Copa que ficou na lembrança foi a de 1982. Para o mal foram os 3 gols de Paolo Rossi. Eu vi a partida com a minha família inteira, lá em Salvador, e foi um chororô terrível depois que aquela seleção foi derrotada, uma seleção que tinha um futebol mágico, que encantava todo mundo.

As vitórias são sempre momentos maravilhosos, são aqueles dois a zero na Alemanha, na final de 2002. Eu, como nasci na periferia e tenho uma identidade muito forte com o povo da periferia, fiquei muito tocado com aquele gesto do Cafu, não é? Que, naquele momento áureo, máximo que o atleta pode alcançar, lembrou do bairro em que nasceu, da comunidade onde nasceu, aliás, até escrevi no site do Vermelho, um artigo, uma notinha, chamado "100% Jardim Irene", de tão emocionado que eu fiquei.

Vermelho — Você abordou que o futebol faz parte da identidade nacional. Em 1950 nós tivemos o maior trauma da história do futebol brasileiro, que foi a derrota na Copa do Brasil. Em 1958 ganhamos o primeiro Mundial e Néelson Rodrigues, conhecido diretor, dramaturgo e cronista de futebol, o maior que o Brasil já teve, um nacionalista com ideias conservadoras, disse que, em 1950, o Brasil desenvolveu o complexo de vira-latas, passando a superá-lo a partir de 1958.

Trazendo para o momento de hoje, tudo indica que o Brasil não só não vive mais o complexo de vira-latas como país do futebol, obviamente porque é o país pentacampeão, mas também porque vive um momento social, político, econômico diferente. Também é um momento de engrandecimento e de orgulho nacional por outras razões. Você, como ministro do Esporte, como torcedor que vai acompanhar com interesse a Copa e como um protagonista de um dos principais momentos que está vivendo, como se sente?

Orlando Silva Jr.: O Brasil vive um momento maravilhoso e isso que você fala é interessante, porque o Brasil deixou de ser um ator coadjuvante e passou a ser um ator central, e é curioso porque nós estamos vivendo a história e isso acontece sob nossos olhos, sob nossos olhares, eu poderia comentar sobre a campanha para os Jogos Olímpicos. Viajamos a muitos países procurando contato com muitas autoridades etc., e eu nunca vou esquecer quando, em um momento chave da disputa, veio uma comissão com 17 especialistas para assistir à apresentação sobre o Brasil. Esses especialistas, na sua maioria europeus, se mostraram incrédulos quando falávamos que somos auto-suficientes em hidrocarbonetos. Temos uma matriz energética limpa, e na Europa se faz uma campanha, se fala da devastação da Amazônia e não se fala que nós temos uma matriz energética absolutamente limpa, biocombustíveis, energia hidrelétrica.

Eu diria que esses eventos, a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, serão as oportunidades de que o país precisava para mostrar ao mundo o que somos, não apenas nossas belezas, tradições, nossos sítios históricos. Não apenas a forma afável de receber do nosso povo.

O que nós poderemos mostrar no próximo período é a complexidade da economia brasileira, é a democracia do país que está vivendo um momento dos mais importantes com as experiências do governo do presidente Lula, enfim, uma nação unida em valores. Portanto, para mim, pessoalmente, é emocionante representar o Partido Comunista do Brasil num governo que vive tantas transformações num país que passa a ter papel central no mundo.

Eu nunca vou esquecer um encontro do presidente Lula com o presidente da China, Hu Jintao, uma reunião que ia ser de 30 minutos. Os chineses são muito protocolares e a reunião se prolongou por um tempo imenso e, de parte a parte se revelaram as coincidências, como atuar juntos nos organismos multilaterais, a visão da necessidade do mundo ser multipolar, que era o diálogo que se fazia, a necessidade da aliança, no caso entre o Brasil e a China.

Eu me lembro de conversas com Jacob Zuma, que também testemunhei com o presidente Lula, portanto o Brasil é um ator central na cena mundial e ajuda a articular nações que serão, seguramente, cada vez mais importantes.

Vermelho — a mídia esportiva tem falado muito dos gastos para a Copa de 2014 e Olimpíada de 2016. O que você acha dessa visão transmitida pela mídia?

Orlando Silva Jr.: Veja, se fosse ruim realizar esses grandes eventos esportivos, seguramente não haveria tanta disputa por países tão importantes do mundo para realizá-los.

Nós ganhamos os Jogos Olímpicos disputando com os Estados Unidos, o Japão e a Espanha. A Copa do Mundo, agora, tem 8 candidaturas que vão disputar o direito de fazer o Mundial de 2018, então são eventos importantes, pela visibilidade que dão ao país.

Veja, de 2003 a 2010 nós dobramos o número de turistas internacionais que vêm ao Brasil. Com esses eventos nós podemos crescer muito mais, portanto a indústria deve ser incrementada e a projeção do país no mundo ganha muito, os produtos ganham mercado com essa projeção que é realizada internacionalmente.

A Copa, a Olimpíada e os grandes eventos exigem a antecipação de investimentos que mais cedo ou mais tarde teriam de ser feitos. O presidente decidiu que o principal legado que vai ficar desses eventos é o legado nas grandes cidades em mobilidade urbana, transporte coletivo. Inclusive é preciso mudar até mentalidade sobre isso. Num debate sobre mobilidade urbana, os prefeitos vieram com uma proposta de mudanças no sistema viário, quer dizer, construir avenidas. Nós queremos transporte de massa, coletivo, de qualidade para a população.

Os aeroportos terão um pacote de investimentos poderoso, algo como 8 bilhões de reais de investimentos e que terá repercussão também muito positiva. Nós investiremos em serviços, para melhorá-los, formar melhor os nossos profissionais, trabalhar o segundo idioma de muitas ocupações que são importantes para o sucesso desses eventos. Isso também vai repercutir na capacidade profissional dos trabalhadores brasileiros e nós teremos melhores instalações esportivas, no caso do futebol, teremos estádios que o padrão Fifa exige, mais seguros e mais confortáveis.

Eu diria que a Copa é um investimento para o país. Nós fizemos um estudo de impacto econômico. Somando os investimentos diretos em infra-estrutura, os investimentos na melhoria dos serviços, o incremento com a ampliação do turismo, serão 600 mil turistas internacionais e 3,1 milhões de turistas brasileiros que circularão em função da Copa. Somando o incremento do consumo, nós temos uma estimativa de R\$ 47 bilhões, somando todos esses itens, que terão um impacto direto na economia brasileira em função da realização da Copa do Mundo.

Nós usamos um modelo de econometria experimentado em outros países, levando em conta a recirculação desses valores, porque cada investimento que você faz você ativa uma cadeia produtiva, e a cadeia da construção civil é interessante porque é muito longa, chega na compra de minério para produção do aço. Você dá uma circulação na economia que pode alcançar R\$ 185 bilhões, então falar de R\$ 600 milhões de um estádio para um evento desse é abstrair que tem um conjunto de atores econômicos em cena e que vai ter um forte impacto econômico imediato e, digamos assim, é tomar a parte pelo todo. Haverá também incremento na arrecadação de impostos e na geração de empregos.

Vermelho — Temos visto blogues de torcedores, muitos deles comunistas ou simpatizantes do partido, que expressam a preocupação de que a Copa torne o futebol uma diversão para as elites, excluindo o povo. Você acha que isso pode acontecer?

Orlando Silva Jr.: Eu acho que não, evidentemente que o acesso aos estádios durante a Copa não é simples. Nós teremos algo como 3 milhões de ingressos, somando todos os ingressos de todos os jogos. Teremos seguramente mais gente interessada em assistir do que ingressos disponíveis, mas isso não acontecerá só no Brasil, já aconteceu no mundo inteiro, tanto que existem as “fans fest”, grandes festivais que os países realizam durante esses grandes eventos. Estive na Alemanha em 2006 e vi, em uma praça, umas 100 mil pessoas acompanhando num telão um dos jogos da Copa em seu próprio país. A maior parte dessas pessoas eram alemães, que não tiveram acesso aos estádios.

O que existe é um debate no futebol sobre o valor dos ingressos, há quem defenda a necessidade de majoração do preço deles, para viabilizar mais receita para os clubes. É outro problema, ligado à economia do futebol, porque no Brasil nós vivemos, os clubes vivem quase sempre da transferência de atletas, o que é muito triste, porque no mundo inteiro o futebol tem quatro receitas: transferência de atletas, bilheteria, licenciamento de produtos e televisão.

O nosso desafio é manter os craques por mais tempo para valorizar o espetáculo. Isso valoriza, vai render mais contratos de televisão, porque são melhores espetáculos, vai permitir licenciar mais produtos, porque vai ter ídolos aqui perto e você vai ter, digamos assim, um valor maior do espetáculo até mesmo na bilheteria. Então esse problema da bilheteria é um tema delicado, porque temos um modelo diferente. Inclusive existe um tema, que é polêmico, que é o problema das torcidas organizadas, eu pessoalmente sou favorável a elas, porque são formas legítimas de organização da juventude brasileira.

A torcida organizada é uma forma de construção de identidade. Tem jovem que a única identidade que ele constituiu é com seu clube de futebol, com a sua paixão, na torcida organizada, e esse método de elevar muito o valor do ingresso pode ser uma medida excludente de pessoas de baixa renda, do ponto de vista social daqueles que sustentaram, nas fases mais difíceis, o nosso futebol.

Ainda que, aqui e acolá, você tenha zonas especiais, nas quais se possa cobrar mais — camarotes etc., é sempre importante, levando em conta as nossas particularidades ter uma área popular, mas isso está diminuindo.

Quem não se lembra dos “geraldinos” do Maracanã, figuras caricatas que davam alegria ao futebol? Figuras folclóricas, que levavam santinho, perucas, uma buzina, as charangas, isso faz parte do espetáculo. Em São Paulo, por exemplo, eu já falei para a Federação Paulista de Futebol mais de uma vez, sinto falta de ter bandeira nos estádios, porque hoje é proibido, você vê no Rio de Janeiro como que é mais bonito o espetáculo das torcidas com as bandeiras. Precisa tomar cuidado senão o futebol vai ficar uma coisa muito chata. Chata para quem está em campo jogando, chata pra quem vai lá assistir.

Vermelho — Acabam prejudicando a grande maioria das pessoas ao invés de abordar diretamente o problema que é um problema policial. São três ou quatro torcedores, que são bandidos e que poderiam ser presos pela polícia. O problema não é a torcida organizada, são três ou quatro ou duzentos, não importa, isso é um problema policial.

Orlando Silva Jr.: É como toda expressão de violência. Você vai a um bairro de periferia, 99,9% das pessoas são trabalhadores, tem uma ou outra pessoa que tem uma conduta social inadequada, mas você não pode generalizar, a mesma coisa vale para o estádio, vale para a torcida, por isso que falo que esse tema é polêmico.

Já houve aqui em São Paulo gente interessada, em minha opinião, em fazer demagogia política, propondo a proibição das torcidas organizadas o que é tapar o sol com a peneira. Você não vai proibir aquelas pessoas de se juntarem em função de seu time porque esta na lei, ou mudar o nome, mesmo que não tenha nome nenhum, vai continuar funcionando, porque insisto, é um fator de identidade desses jovens. É nos temos que mobilizá-los em torno de boas causas.

Pretendemos engajar as organizadas em torno de melhoria do futebol, engajá-las em torno de mobilização social. Muito pouca gente sabe, mas tem muita torcida organizada que faz trabalho social, de inclusão digital, de atividades esportivas para crianças carentes.

Estádios confortáveis e seguros para o torcedor são muito importantes. É preciso ter diálogo com o torcedor organizado porque eles ajudam a embelezar os espetáculos.

Vermelho — E essa história de clube empresa, uma coisa muito propalada nos últimos 15 anos? A relação entre jogador e clube mudou, não é mais aquela relação existente no passado, quando o jogador era praticamente um escravo do clube. Hoje ele é um trabalhador quase comum, evidente que há diferenças, mas isso criou um problema nos clubes ligado à sua sobrevivência, já que eles vendiam o passe do jogador como fonte de renda, hoje já não é assim.

Orlando Silva Jr.: É em parte, os clubes até tem renda na venda de jogadores. O problema é que os clubes perdem os jogadores muito cedo. A Lei Pelé foi importante, a lei libertou os atletas da escravidão. Era errado, em minha opinião, que um atleta só pudesse exercer sua profissão se o clube permitisse. Não era uma relação trabalhista regular. Eu posso não querer trabalhar naquele clube, quero trabalhar noutro clube, não é? A Lei Pelé foi correta na medida em que modernizou, digamos assim, as relações de trabalho.

Agora, pelo tempo, a Lei Pelé não protegeu o clube formador de atleta. Hoje o clube investe na formação de um menino de 14 até os 19 anos e muitas vezes, os chamados agentes, na verdade atravessadores que aliciam famílias pobres, muito pobres, que por dois tostões fazem a família de um atleta ceder direitos, dar procuração, esse tipo de coisa, e manipula a pobreza, infelizmente existe isso hoje. Os clubes estão desprotegidos desse tipo de atividade.

Tem um projeto de lei no Congresso Nacional que foi de autoria do poder executivo que também deve ser votado ainda neste semestre, que procura valorizar esse clube formador e definir o que é um clube formador.

Agora, essa história de clube empresa, em minha opinião, é um mito. Porque não é o status jurídico do clube que define se ele vai ser bem ou mal gerido. Então se cria um mito... "o clube empresa vai aumentar a transparência", etc.

Fonte: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/129191-1>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

ANEXO L – O “Viralatismo” e os usos políticos da Copa do Mundo²³⁴

quinta-feira, 17 de julho de 2014
por OSVALDO RODRIGUES JUNIOR

Antes de iniciada a Copa do Mundo do Brasil no dia 12 de junho de 2014, a grande imprensa, personalidades públicas e partidos de oposição previam uma “tragédia” organizacional. A alardeada tragédia pode ser explicada por dois elementos: o complexo de vira-lata, que prima pela inferioridade brasileira em relação às nações “desenvolvidas” disseminado pela grande imprensa e pela intelectualidade colonizada; e os usos políticos do evento buscando relacionar o “fracasso” a incapacidade gerencial do governo.

Em 1958, Nelson Rodrigues publicou na revista Manchete Esportiva o texto, "Complexo de vira-lata". Comentando a participação da seleção brasileira na Copa do Mundo da Suécia de 1958, o dramaturgo e escritor revisitou a derrota para o Uruguai na Copa do Mundo de 1950 para explicar a "descrença" em relação a seleção. Neste texto, Nelson Rodrigues cunhou o termo "complexo de vira-latas". Nas palavras do próprio “por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo”.

Este "complexo de vira-latas" explica em partes as previsões trágicas sobre a Copa do Mundo do Brasil. A imprensa previu caos aéreo, falta de energia, manifestações violentas, assaltos e "arrastões" em massa e atraso na construção dos estádios. Em relação à infraestrutura destaque como exemplos do "viralatismo" o movimento "#blackoutnacopa" e a Revista Veja. O primeiro apostava na fragilidade do sistema elétrico brasileiro e sugeria que ao iniciar o hino nacional brasileiro na partida de abertura, todos deveriam ligar todos os eletrodomésticos, inclusive os chuveiros, para causar um enorme blackout no país. O segundo, em matéria assinada por Reinaldo Azevedo, indicava que os estádios da Copa do Mundo só ficariam prontos em 2038.

Além deles, personalidades públicas embaladas pelo bordão "imagina na Copa" fizeram as suas previsões para a Copa do Mundo do Brasil. O jornal O Globo convidou dez artistas para escrever crônicas com as previsões pessoais sobre a Copa do Mundo. Dentre os dez, apenas dois fizeram previsões menos pessimistas com doses de humor. O escritor Paulo Coelho afirmou em entrevista à revista Época que "a barra iria pesar" durante a Copa do Mundo. Além deles, Arnaldo Jabor afirmou, no dia 06 de junho na Rádio CBN, que “nós estamos jogando fora a imensa sorte que temos, por causa de dogmas vergonhosos que não existem mais. Estamos antes do Muro de Berlim e a Copa do Mundo vai revelar ao mundo a nossa incompetência”.

Fazendo uso político das previsões “pessimistas”, partidos oposicionistas atacaram a realização da Copa do Mundo buscando relacionar este evento a falta de capacidade administrativa do governo de Dilma Rousseff. O site oficial do Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB - reafirmou a previsão de caos aéreo. O senador tucano Álvaro Dias chegou a sugerir que o governo brasileiro se desculpasse com a Federação Internacional de Futebol – FIFA - e desistisse de realizar o evento. Dias reforçou ainda a ideia de prejuízo econômico acompanhado pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso que reiterou “a Copa do Mundo como símbolo de desperdício”

A Copa do Mundo veio e com ela as previsões “catastróficas” foram caindo por terra, uma a uma. Excetuando a composição de um aparato repressivo-militar, do uso de força excessiva para dispersar as poucas e localizadas manifestações durante o evento e da prisão, no mínimo arbitrária, dos manifestantes Fabio Hideki Harano, Rafael Marques Lusvarghi e da professora de Filosofia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Camila Jourdan, que ocorreram no contexto da Copa do Mundo, porém sob responsabilidades das polícias militares submetidas ao poder dos estados, podemos considerar a Copa do Mundo um evento bem sucedido quanto a sua organização.

Jornais como o The New York Times, Le Monde e The Guardian ainda em junho destacavam que as previsões pessimistas estavam erradas. Dávid Ranc, PHD em estudos esportivos pela Universidade de Cambridge e professor de uma escola de negócios francesa (ESSCA) afirmou que a Copa do Mundo no Brasil foi melhor organizada que as Olimpíadas de Londres em 2012. O caos

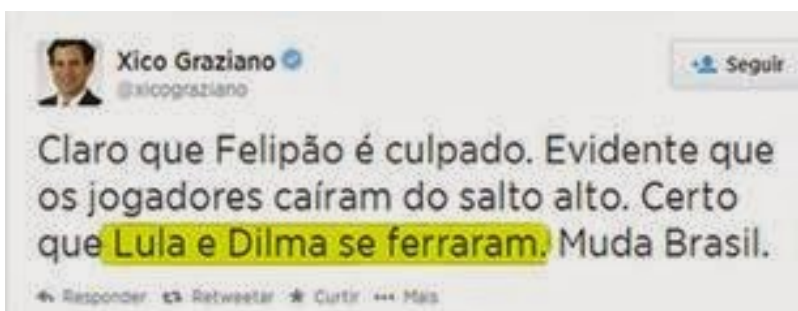
²³⁴ Restaram, na formatação do texto reproduzido neste Anexo, os sublinhados aplicados em trechos e termos indicadores, no original, de *hiperlinks*.

aéreo não veio, pelo contrário, vieram elogios de jornalistas e turistas pela eficiência dos aeroportos e do sistema de transporte aéreo do país. A falta de energia e os assaltos e “arrastões” em massa também não aconteceram. Além disso, para tristeza de Reinaldo Azevedo todos os estádios ficaram prontos no prazo e a Copa rolou normalmente. Por fim, após a Copa do Mundo, 93% dos turistas afirmaram que pretendem voltar ao país.

Em meio a verdadeiros testemunhos de imparcialidade e incapacidade de informar, a imprensa brasileira foi mudando o discurso para não negar o óbvio, a Copa foi um sucesso de organização. A Revista Época, das organizações Globo, foi de uma capa que continha a imagem de uma tartaruga de chapéu com a manchete “Porque tudo atrasa no Brasil” a outra com o brasão da Confederação Brasileira de Futebol - CBF - e a manchete “Eu acredito!”.

Com o sucesso, os partidos oposicionistas passaram a denunciar o uso político da Copa do Mundo pela presidenta Dilma Rousseff. O slogan “#Copadascopas” utilizado pela presidenta e por membros do alto escalão do governo se espalhou de maneira viral. Aécio Neves, presidenciável pelo PSDB, criticou o uso político da Copa pela situação afirmando que o Brasil não precisa de uma “futebrás” e que a presidente se comportou como “artilheira da seleção”.

Com a acachapante derrota da seleção brasileira para a Alemanha por 7 x 1 nas semifinais que deixou escancarada a necessidade de reforma do futebol brasileiro, o discurso mudou. Pegando carona no insucesso da seleção brasileira, os oposicionistas buscaram e continuam buscando, relacionar a derrota da seleção brasileira em campo ao governo Dilma Rousseff. Aécio Neves que havia afirmado que “Copa do Mundo é uma coisa, eleição é outra” juntamente com Xico Graziano, chefe da área de informática da sua campanha, utilizou a derrota da seleção brasileira para fomentar a necessidade de mudança do país.



A Copa do Mundo serviu, mais uma vez, para escancarar o “viralatismo” da imprensa e da intelectualidade colonizada. Mas mais do que isso, serviu para constatar a ausência de propostas e projetos de efetiva mudança, representadas pelas previsões e críticas oportunistas.

Abraços,

Oswaldo.

ANEXO M – O Brasil, a crise e a síndrome de vira-latas

Laércio Ávila
setembro 15

Uma análise de como o Brasil mergulhou na crise, como ela vem afetando a auto estima [sic] do brasileiro e qual o caminho para voltarmos a crescer

Todos nós sabemos que o país passa atualmente por uma grave crise econômica, com proporções ainda não mensuradas totalmente e sem prazo claro para terminar. As consequências da crise são diversas, dentre elas: aumento do índice de desemprego e da inflação, perda do poder de compra, fuga de capitais.

Neste contexto muitos de nós tentamos buscar alguma explicação do porquê de tudo isso, se vivemos em um país tão privilegiado e rico em termos de recursos naturais, com paisagens exuberantes e com um mercado consumidor interno tão grande que nos ajudou a ser a sétima economia do Mundo em 2014, com um PIB de mais de R\$ 5,5 trilhões. Qual então a explicação para o quadro que vivemos, e mais ainda, como sairemos dele?

Sem sombra de dúvida a crise é apenas o sintoma de um grave problema brasileiro, cuja a causa raiz se encontra em nosso solo há vários séculos e por várias gerações. A crise que vivemos na verdade não é econômica, vivemos uma grave crise de gestão e por que não dizer, de valores.

Digo gestão ligada ao mais básico conceito da palavra, sofreremos por não declaramos e estabelecermos enquanto país, quais caminhos devemos e queremos percorrer, ou seja, qual estratégia será adotada, sofreremos quando os graves problemas que nos atingem e que nos impedem de crescer não são mapeados formalmente e suas causas raiz nunca são encontradas e tratadas, sofreremos quando não monitoramos e controlamos os processos e resultados da nossa nação de forma adequada, aplicando assim de maneira incisiva as correções necessárias. Enfim, estamos sofrendo.

Todo esse quadro começa a gerar consequências perversas que atingem diretamente a vida de todo brasileiro. As políticas públicas populistas e insustentáveis, que diante da situação passam a minguar, evidenciam a falta de preparo de nossa força de trabalho, que em grande parte não conseguiu se preparar adequadamente durante o período em que foram “subsidiados”. Muitos dos estudantes que estavam se preparando nas universidades através dos programas de financiamento público e do crédito fácil, agora são obrigados a abrir mão de sua qualificação.

Outra consequência da crise é demonstrada diretamente na autoestima do brasileiro, se pudéssemos mensurar um indicador do nível de autoestima do povo brasileiro atualmente, tenho a sensação de ele estaria em queda livre, e junto com ele a tal síndrome de vira-latas (re)aparece. Esta síndrome estabelece um comportamento recorrente em grande parte dos cidadãos deste enorme país, que passam a mal dizer nossa nação, utilizando o foco no problema e assim acabam sendo grandes vilões, piorando muito a imagem do Brasil e do brasileiro, agravando a situação e se afastando ainda mais da solução.

Assim chegamos ao ponto mais importante deste texto, a busca por uma solução. Não tenho dúvida de que será através de uma gestão efetiva e profissional que nosso país sairá desta situação, sendo a educação o grande pilar de sustentação.

Para tanto, assim como milhares de exemplos de profissionais que podemos encontrar no mercado de trabalho e que se fizeram sozinhos, o nosso país e os brasileiros não poderão esperar que alguém ou algo (como o governo, por exemplo) resolvam a questão. O Brasil deverá trilhar o caminho do "self made country" e se fazer por si mesmo.

Para mim não há dúvida, esse caminho é o da busca pela excelência na gestão. E então, mãos a obra?

PS: Um conselho pessoal, se você tem síndrome de vira-latas trate urgente do problema.

ANEXO N – O “vira-latismo” e a delícia de ser brasileiro

Date: 31/05/2014 | in: Em Pauta
Alberto Carlos Almeida*

O paciente é o Brasil. A terapia foi motivada pela proximidade da Copa do Mundo. O país decidiu falar por meio de suas celebridades, que vão à mídia para criticá-lo. Fizeram isso Ney Matogrosso, Paulo Coelho, Zico e Ronaldo. O paciente chega angustiado à sessão de terapia e desembucha a falar sobre seus mais profundos sentimentos existenciais. Nesse caso, nada pior em nossa existência do que ser brasileiro. O sofrimento da alma é muito grande. O paciente fica emocionado e chora ao afirmar que, por sermos brasileiros, somos incapazes de organizar uma Copa no mesmo padrão da que fizeram Alemanha, Estados Unidos e outras potências com as quais neuroticamente buscamos nos comparar.

Segundo a classificação oficial das neuroses, há pelo menos seis tipos distintos de transtornos, dentre os quais os bastante conhecidos transtorno de ansiedade e transtorno obsessivo-compulsivo. Nosso paciente, porém, é criativo, em tudo é diferente dos demais, é um caso raro, talvez único. Recentemente, ele narrou como foi a inauguração do estádio do jogo de abertura da Copa. Em vez de afirmar que não houve dificuldades de transporte, estacionamento e deslocamento da torcida em um jogo para o qual todos os ingressos tinham sido vendidos, ele disse que havia três placas de sinalização com nomes diferentes para o mesmo local, considerou ter sido esta uma falha gravíssima e a aproveitou para cuspir em sua própria imagem.

É paradigmático que Ney Matogrosso tenha expressado essa dor existencial da alma, esse complexo de vira-latas rodriguiano, justamente quando se encontrava em Portugal. Ora, justo Portugal, cujo maior legado para o mundo foi ter criado o Brasil. Justo Portugal, que foi ultrapassado por sua criatura em numerosas coisas, tais como PIB, complexidade da economia, dinamismo, vitórias desportivas, produção científica. O entrevistador, em sessão de terapia, se disse perplexo com suas declarações sobre quão inferior e cheio de defeitos era o Brasil. Incrível que a sessão de análise tenha sido em Portugal, nosso criador e por quem temos imenso respeito, mas que hoje não serve de exemplo para nós em praticamente nada.

Não é mera coincidência que a sessão terapêutica protagonizada por Paulo Coelho também tenha sido no exterior, desta vez na França, um país cujo sistema político permite que uma mesma pessoa acumule os cargos de prefeito e deputado, onde o presidente não pode ser processado e onde vão para o segundo turno não apenas os dois candidatos mais votados, mas todos que tiverem acima de uma determinada proporção de votos. Por isso, muitas vezes o eleito não tem mais do que 50% dos votos.

Pois bem, Paulo Coelho deu uma entrevista para o “Le Journal du Dimanche” e afirmou que o Brasil estava próximo de uma explosão social. Talvez estivesse inspirado na Revolução Francesa e sua incapacidade de ter abolido lá atrás o que viriam a ser os privilégios dos políticos de hoje na França. Coelho chegou ao extremo de chamar de imbecil o maior artilheiro de todas as Copas do Mundo, Ronaldo, por ele ter afirmado que Copa do Mundo não era feita com hospitais, mas com estádios.

A proximidade da Copa faz milagres, quando se trata de mudança. Ronaldo disse isso em 2011. Agora, a poucos dias da Copa, ele também foi para a sessão de análise com o já conhecido transtorno de vira-latas. Ronaldo acabou de afirmar que se sente envergonhado de seu país. Ainda bem que não deu o passo seguinte e afirmou que se sente envergonhado de si próprio, pelo fato de ser brasileiro – o pior de todos os transtornos da alma – e como tal ter mudado de posição sobre a Copa em tão pouco tempo. Ronaldo disse algo bastante emblemático: afirmou que estamos passando uma imagem ruim para fora do Brasil. Se ele não fez como Ney Matogrosso e Paulo Coelho, falando a mídias internacionais, compensou mostrando sua preocupação neurótica com o que os outros pensam de nós.

Eis uma pergunta simples que o terapeuta faz ao paciente: que ideia o brasileiro tem de si mesmo? Essa pergunta suscita outra questão para o paciente: que ideia o brasileiro tem do inglês, do alemão, do americano? É comum que a resposta seja dada sem que sejamos capazes de acreditar naquilo que vemos, sem acreditar na evidência objetiva, que mostra o país caminhando para a frente, ao seu modo, mas avançando. A evidência que revela instituições políticas fortes, uma economia pujante e

diversificada, um povo vibrante e uma sociedade que tem defeitos, como qualquer outra sociedade, mas que tem numerosas virtudes, dentre as quais uma intensa e alegre sociabilidade. O lorde inglês não é assim, tampouco o kaiser alemão.

Nosso terapeuta vai adiante e pergunta ao paciente se o transtorno de vira-latas não estaria correlacionado com algo mais, talvez com uma visão negativa ou positiva deste ou daquele político, deste ou daquele governo. O paciente se nega a responder, mas o terapeuta vai adiante e utiliza a hipnose. Nesse estado de transe, o paciente admite que há alguma ligação, sim, entre o que ele pensa do atual governo, entre o que ele pensa de Dilma, e como ele avalia a Copa do Mundo. Não satisfeito, o terapeuta decide perguntar a todo o país sobre sua visão de Copa do Mundo, e eis que os resultados são surpreendentes.

Em primeiro lugar, o apoio (e crítica) à Copa do Mundo, considerando-se um argumento positivo e outro negativo, é bem equilibrado: 49% consideram que a Copa do Mundo é boa para o Brasil, porque traz mais investimentos e gera mais empregos para a população, ao passo que 46% acham que a Copa do Mundo é ruim para o Brasil, porque o dinheiro gasto com os estádios poderia ter sido usado para saúde e educação. O país está dividido ao meio. O mais interessante foi o que a hipnose descobriu: quanto melhor a avaliação do governo Dilma, mais o paciente acha que a Copa é boa para o Brasil, e quanto pior a avaliação do governo Dilma, mais o paciente considera que a Copa é ruim para o Brasil.

Dentre aqueles que consideram o governo Dilma ótimo, 74% acham que a Copa é boa e vai gerar empregos. Essa proporção cai para 70% entre os que acham o governo bom e vai caindo sucessivamente, até somente 24% entre os que consideram o governo péssimo. O inverso acontece no julgamento negativo da Copa: 72% dos que acham o governo Dilma péssimo afirmam que a Copa é ruim para o Brasil, porque retira recursos de saúde e educação e os direciona para os estádios. A proporção é de 66% para quem acha o governo ruim e somente 24% para quem diz que o governo Dilma é ótimo.

Diante das evidências obtidas por meio da hipnose, o terapeuta acha que os casos de Paulo Coelho e Ronaldo podem não ser somente complexo de vira-latas, mas apenas uma mudança de suas visões acerca do governo Dilma. Como ambos já deram no passado declarações favoráveis à Copa, pode ser que a recente mudança de posição face ao mais importante torneio de futebol do mundo tenha sido motivada por uma mudança de suas avaliações do governo Dilma.

O vira-latas, porém, está lá. Ambas as celebridades não criticaram o governo, criticaram o Brasil. Fizeram críticas ao país, e não ao governo Dilma: o Brasil estaria à beira de uma convulsão social, o Brasil viria a ter uma imagem negativa no exterior. As críticas ignoram completamente as evidências objetivas do que está acontecendo: na França, é recorde o número de franceses que viajará ao exterior para assistir à Copa do Mundo, nunca tantos ingressos foram vendidos (aliás, o fato de os brasileiros serem os principais compradores é apresentado como um sinal de nossa inferioridade pelos que sofrem do transtorno de vira-latas), o álbum de figurinhas da Copa é um sucesso absoluto.

Aliás, o terapeuta recomenda como parte do tratamento para o transtorno de vira-latas que aqueles acometidos por este mal façam o álbum da Copa e se dirijam para os pontos de troca de figurinhas. É uma experiência única, mais do que educativa e, provavelmente, só acontece no Brasil. Obtive no último fim de semana pouco mais de 160 figurinhas para os álbuns dos meus filhos. Há pessoas de todas as idades, famílias, casais de namorados, amigos, todos movidos por uma grande relação de confiança que possibilita que os bolinhos de figurinhas repetidas passem de mão em mão e depois retornem ao seu dono com as figurinhas devidamente trocadas. Não há roubo de figurinhas nem malandragens, a ajuda mútua é o que guia os participantes desses encontros.

Este é o país que os pacientes acometidos pelo transtorno de vira-latas não conhecem. Esta é a delícia de nossa existência como brasileiros.

ANEXO O – Picuinhas, mesquinhas e má-fé

IMPrensa EM QUESTÃO >

Por Luciano Martins Costa em 17/07/2014 na edição 807

Na primeira página do Estado de S. Paulo, a principal notícia de Política desta quinta-feira (17/7) afirma que, de olho na eleição deste ano, a campanha da presidente Dilma Rousseff vai adotar temas de seus principais adversários, o senador Aécio Neves (PSDB) e o ex-governador Eduardo Campos (PSB).

Na Folha de S. Paulo, a principal chamada de Política na primeira página anuncia que Aécio Neves pretende “aprimorar” os programas sociais criados pelos governos do Partido dos Trabalhadores. Como na canção popular, “detalhes tão pequenos” e outros mais gritantes fazem a rotina da manipulação de informações que caracteriza o noticiário da imprensa hegemônica. No caso em questão, o Estado faz uma inversão de valores tão escandalosa que autoriza a desconfiar que seus editores perderam completamente o respeito pelo leitor.

Tanto o Estado como a Folha e o Globo noticiam que o candidato do PSDB pretende adotar e “melhorar” o programa Mais Médicos, lançado no ano passado pelo governo federal sob críticas de entidades representativas dos profissionais de saúde, que chegaram a fazer manifestações de protesto nas grandes cidades contra a vinda de médicos estrangeiros.

Como é de conhecimento geral, o então senador Aécio Neves e outros líderes de seu partido condenaram o projeto. Nesta quinta-feira (17/7), ele recebeu o apoio da Associação Médica Brasileira.

Ora, não é preciso ser o gênio da estratégia em política para perceber que, em qualquer disputa eleitoral, quem está na liderança tende a ser copiado, naquilo que dá certo, pelos que tentam subir na escala das preferências.

Pode parecer mera picuinha observar essas mesquinhas da cobertura jornalística, mas o fato é que, obcecados em derrubar do poder o grupo que vence as eleições presidenciais deste 2002, os principais meios de comunicação do País têm se especializado exatamente nisso: picuinhas e mesquinhas. A mesma vira-latices.

Observe-se, por exemplo, a cobertura dos jornais genéricos de circulação nacional sobre a reunião dos líderes de países emergentes e o movimento de aproximação com a América Latina, patrocinado pelo governo brasileiro. Usando a Copa do Mundo como oportunidade para reunir dirigentes dos países que formam o bloco conhecido como Brics, a presidente da República protagoniza um evento importante na busca do equilíbrio entre as forças econômicas e políticas do planeta.

Em qualquer outro país, esse seria o tom predominante no noticiário sobre a 6ª Cúpula dos Brics, encerrada nesta quinta-feira. Aliás, esse é o tom geral da mídia internacional, desde a agência americana Bloomberg até chinesa Xinhua, ou Nova China.

Entre as principais decisões anunciadas, certamente a criação de um banco a ser compartilhado entre os países do bloco é a mais relevante, porque representa mais autonomia econômica para o conjunto de nações emergentes, que passará a contar com uma fonte de financiamento independente das instituições dominadas pelos Estados Unidos e a Europa.

O evento marca outros acontecimentos importantes, como a aproximação entre Rússia, Índia, China e África do Sul e os latino-americanos liderados pelo Brasil, bem como contribui para aliviar as tensões geopolíticas ao proporcionar uma janela de oportunidade para os russos, cercados de sanções por parte de americanos e europeus em função da crise na Ucrânia.

Em qualquer outro país, a imprensa estaria propondo um debate interno sobre esse evento, que pode afetar o desenrolar das relações internacionais. Mas o que fazem os jornais brasileiros?

Os editores dos diários de circulação nacional parecem ter trocado figurinhas e, nas edições da quinta-feira (17/7), as manchetes eram exatamente iguais:

** “Brasil cede e Índia vai presidir banco dos Brics”, dizia o Estado de S. Paulo.

** “Brasil cede presidência, e banco dos Brics é criado”, anunciava a Folha.

** “Brasil cede, e Índia presidirá banco dos Brics”, afirmava o Globo.

Ora, o Brasil não cedeu coisa alguma, não abaixou a cabeça, como insinuem os jornais – a criação do Banco dos Brics havia sido proposta pela Índia desde a 4ª Cúpula, realizada em Nova Delhi em 2012, quando se convencionou que o país proponente teria a presidência executiva pelos primeiros cinco anos.

O cargo mais relevante na fase de implantação da instituição é a presidência do conselho, e essa função caberá ao Brasil. O resto é a velha vira-lídice da imprensa nacional.

Fonte: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/picuinhas_mesquinhas_e_ma_fe/>. Acesso em: 03 dez. 2017.

ANEXO P – Pare de ser vira-lata: o brasileiro tem sim cultura para ter armas

Por Bene Barbosa - 15/01/2019

De todos os argumentos contra o uso de armas de fogo, seja para esporte, colecionismo ou defesa, para mim não há argumento mais ralé, e ao mesmo elitista, que dizer que o brasileiro não tem cultura para possuir tais instrumentos. Nas palavras de Nelson Rodrigues, criador do chamado complexo de vira-latas: “entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. O brasileiro é um narciso às avessas, que cospe na própria imagem. Eis a verdade: não encontramos pretextos pessoais ou históricos para a autoestima.”

Sim, é exatamente assim que o brasileiro se vê, aliás, vê os outros, pois nunca vi alguém dizer que por ser um ignorante, um inculto, não merece o direito de se defender, de dirigir ou de votar. Como sempre acontece, o problema são os outros! Não raramente, quem afirma isso, com ares de superioridade intelectual são os membros da esquerda caviar. Tal discurso, elitista e preconceituoso, encontrou solo fértil no Brasil, onde anos e anos de governos de esquerda pregaram e continuam pregando que o fator socioeconômico e cultural – educação resolve tudo! – é o responsável pela criminalidade e homicídios. Sim, foram os socialistas, os pregadores da igualdade, que incluíram o fator econômico como um excludente para exercer a legítima defesa. Fernando Henrique Cardoso, Lula e Dilma sobretaxaram armas e munições e criaram taxas que visavam “desestimular o comércio (legal) de armas no Brasil”, o que na prática significava impedir que pessoas mais pobres e menos cultas tivessem a possibilidade de adquirir armas de fogo. Muito preocupados com a igualdade e defesa dos mais pobres esse pessoal, hein?

Pelas minhas andanças pelo Brasil a trabalho ou passeio, conheci todo tipo de gente e foi no interior, entre gente pobre, quase beirando a miséria, muitas vezes analfabetos que pude constatar o que sempre defendi: que escolaridade elevada não torna ninguém moralmente melhor ou pior. Não é a pobreza que transforma pessoas em assassinos. Perdi a conta de quantas casas e pequenos sítios estive, onde, ao lado da cama, perto do fogão à lenha, lá estava uma cartucheira, um revólver, que nunca foram usados para o mal, muito pelo contrário.

No ambiente urbano isso não é diferente. Quando casei, morei por alguns anos na periferia de São Paulo, mais precisamente na COHAB II de Carapicuíba, local tido como violento. E o que pude constatar foi exatamente a mesma coisa! Havia gente de bem armada e havia bandidos armados, mas somente esses últimos cometiam crimes utilizando-se de armas, veja só, ilegais! Cabe lembrar que até 1997 o porte ilegal de armas nem crime era, não passava de uma simples contravenção penal. A posse então, ou seja, ter uma arma em casa era tão corriqueiro quanto ter um liquidificador e os únicos que se incomodavam com isso eram os bandidos que evitavam ao máximo adentrarem em casas onde houvesse alguém. Nem por isso o Brasil era um “bang-bang” como os filmes de Hollywood, muito pelo contrário. Ninguém saía dando tiros por qualquer batidinha de trânsito e brigas de família não acabavam em tragédia por conta disso.

Será que o povo brasileiro regrediu tanto assim? Nos tornamos menos civilizados e menos cultos? Bom, se isso aconteceu – eu sei que não aconteceu! – foi culpa da própria esquerda que esteve à frente de sucessivos governos. Basta comparar com outros países próximos. O Paraguai tem hoje a terceira menor taxa de homicídios (7,98) da América do Sul, perdendo apenas para o Chile (2,97) e o Uruguai (7,81). Os três países possuem leis incomparavelmente menos restritivas do que a brasileira e o Uruguai é o país mais armado da América Latina. Falei mais sobre isso no recente artigo Como o Paraguai destrói toda a argumentação desarmamentista usada no Brasil, vale a pena dar uma lida.

Vou encerrando por aqui e me despeço com um singelo pedido: deixe de ser vira-lata ou pelo menos pare de medir os outros pela sua régua.

ANEXO Q – O complexo de vira-latas nos impede de viver em cidades com trânsito menos caótico

Publicado por Jura Passos - 7 de julho de 2014

Sabem como se chama a companhia de engenharia de trânsito nos EUA?

Departamento de Tráfego e Estacionamento.

Na pátria do automóvel eles nunca tiveram dúvida de que trânsito estacionamento são duas faces da mesma moeda, tão complementares quanto inspirar e expirar, sístole e diástole.

Um não pode viver sem o outro.

Ainda assim, na congestionada São Paulo, a eliminação de vagas de estacionamento ainda provoca protestos. Sobretudo de jornais – como o Estadão – que têm no mercado automobilístico uma de suas derradeiras fontes de receita.

Se o estacionamento representa a capacidade de manter os veículos parados, enquanto o tráfego é a de fazê-los andar, fica claro que o espaço determina as capacidades de ambos. E espaço é cada vez mais raro e caro em São Paulo.

Para abrir mais espaço para o transporte coletivo – numa cidade com uma rede de metrô pequena e ainda em construção – o prefeito Fernando Haddad teve que fazer o mesmo que seus colegas de Nova York, Londres, Paris e Amsterdã fizeram: reduzir o espaço de circulação e estacionamento de automóveis.

O complexo brasileiro de vira-latas permanece ainda uma incógnita. Ao mesmo tempo que nossos cada vez mais frequentes turistas voltam encantados de suas visitas ao primeiro mundo, recusam-se a fazer aqui o que admiram lá fora.

Separar e reciclar o lixo é outro bom exemplo. Até hoje as cidades brasileiras foram incapazes de implantar coletas de lixo limpas e eficientes. A maior fonte de sujeira das cidades é a precária e antiquada coleta do lixo em sacos espalhados pelo chão e recolhidos manualmente um a um. Um trabalho degradante e ineficiente.

A razão é simples de entender. Para ter cidades limpas como as suíças é preciso limpar e separar embalagens, latas e garrafas. Estacioná-las dentro de casa e depois levar a um ponto adequado de coleta instalado perto de casa. Isso é simples, mas dá trabalho. Nossa herança escravocrata ainda prefere jogar tudo dentro de um saco e depositar na rua, até que o lixeiro – ou a chuva – leve tudo embora para os lixões – ou para os rios.

A casa grande não consegue se libertar da senzala.

Algo muito semelhante ocorre com o estacionamento de veículos: um entope as ruas e o outro as galerias de águas pluviais.

A solução de ambos os problemas, portanto, é parecida. Precisamos de mais espaço para estacionar o lixo e menos para os automóveis. No lugar deles teremos onde implantar caçambas de lixos sólidos e orgânicos e ciclovias, que irão retirar carros das ruas e oferecer mais espaço para os próprios veículos em movimento. Menos carros parados são mais carros andando.

Essa é uma decisão que São Paulo vem protelando há anos, desde que a taxa do lixo, implantada pela ex-prefeita Marta Suplicy, foi suspensa por José Serra. Se a taxa não era a solução do problema, ele deveria ter proposto outra, mas deixou tudo como estava e a situação só se agravou de lá pra cá.

Abrir espaço para bicicletas e ônibus em São Paulo, reduzindo o estacionamento de veículos e ampliando os equipamentos de coleta de lixo não vai ser tarefa fácil para nenhum prefeito, de nenhum partido. A maioria desistiu antes de começar, por que sabe com quem está mexendo.

A lei da cidade limpa só limpou as fachadas e a publicidade. Ao contrário da redução do estacionamento, teve amplo apoio da imprensa, que compete pelo mesmo mercado também nesse caso. Qualquer semelhança não é mera coincidência.

O complexo de vira-latas nos impede até mesmo de viver em cidades limpas e sustentáveis.

Faz sentido.

Fonte: <<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-complexo-de-vira-latas-nos-impede-de-viver-em-cidades-com-transito-menos-caotico/>>. Acesso em: 12 ago. 2015.

ANEXO R – Blogueiro britânico diz que brasileiros exageram na rejeição ao Brasil

Adam Smith

Estudante de Oxford e blogueiro do 'Para Inglês Ver'

Pouco depois de chegar a São Paulo, fui a uma loja na Vila Madalena comprar um violão. O atendente, notando meu sotaque, perguntou de onde eu era. Quando respondi "de Londres", veio um grande sorriso de aprovação. Devolvi a pergunta e ele respondeu: 'sou deste país sofrido aqui'.

Fiquei surpreso. Eu - como vários gringos que conheço que ficaram um tempo no Brasil - adoro o país pela cultura e pelo povo, apesar dos problemas. E que país não tem problemas? O Brasil tem uma reputação invejável no exterior, mas os brasileiros, às vezes, parecem ser cegos para tudo exceto o lado negativo. Frustração e ódio da própria cultura foram coisas que senti bastante e me surpreenderam durante meus 6 meses no Brasil. Sei que há problemas, mas será que não há também exagero (no sentido apartidário da discussão)?

Tem uma expressão brasileira, frequentemente mencionada, que parece resumir essa questão: complexo de vira-lata. A frase tem origem na derrota desastrosa do Brasil nas mãos da seleção uruguaia no Maracanã, na final da Copa de 1950. Foi usada por Nelson Rodrigues para descrever "a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo".

E, por todo lado, percebi o que gradualmente comecei a enxergar como o aspecto mais 'sofrido' deste país: a combinação do abandono de tudo brasileiro, e veneração, principalmente, de tudo americano. É um processo que parece estrangular a identidade brasileira.

Sei que é complicado generalizar e que minha estada no Brasil não me torna um especialista, mas isso pode ser visto nos shoppings, clones dos 'malls' dos Estados Unidos, com aquele microclima de consumismo frígido e lojas com nomes em inglês e onde mesmo liquidação vira 'sale'. Pode ser sentido na comida. Neste "país tropical" tão fértil e com tantos produtos maravilhosos, é mais fácil achar hot dog e hambúrguer do que tapioca nas ruas. Pode ser ouvido na música americana que toca nos carros, lojas e bares no berço do Samba e da Bossa Nova.

Pode ser visto também no estilo das pessoas na rua. Para mim, uma das coisas mais lindas do Brasil é a mistura das raças. Mas, em Sampa, vi brasileiras com cabelo loiro descolorido por toda a parte. Para mim (aliás, tenho orgulho de ser mulato e afro-britânico), dá pena ver o esforço das brasileiras em criar uma aparência caucasiana.

Acabei concluindo que, na metrópole financeira que é São Paulo, onde o status depende do tamanho da carteira e da versão de iPhone que se exhibe, a importância do dinheiro é simplesmente mais uma, embora a mais perniciosa, importação americana. As duas irmãs chamadas Exclusividade e Desigualdade caminham de mãos dadas pelas ruas paulistanas. E o Brasil tem tantas outras formas de riqueza que parece não exaltar...

Um dos meus alunos de inglês, que trabalha em uma grande empresa brasileira, não parava de falar sobre a América do Norte. Idealizou os Estados Unidos e Canadá de tal forma que os olhos dele brilhavam cada vez que mencionava algo desses países. Sempre que eu falava de algo que curti no Brasil, ele retrucava depreciando o país e dando algum exemplo (subjetivo) de como a América do Norte era muito melhor.

O Brasil está passando por um período difícil e, para muitos brasileiros com quem falei sobre os problemas, a solução ideal seria ir embora, abandonar este país para viver um idealizado sonho americano. Acho esta solução deprimente. Não tenho remédio para os problemas do Brasil, obviamente, mas não consigo me desfazer da impressão de que, talvez, se os brasileiros tivessem um pouco mais orgulho da própria identidade, este país ficaria ainda mais incrível. Se há insatisfação, não faz mais sentido tentar melhorar o sistema?

Destaco aqui o que vejo como um uma segunda colonização do Brasil, a colonização cultural pelos Estados Unidos, ao lado do complexo de vira-latas porque, na minha opinião, além de andarem juntos, ao mesmo tempo em que existe um exagero na idealização dos americanos, existe um exagero na rejeição ao Brasil pelos próprios brasileiros. É preciso lutar contra o complexo de vira-

latas. Uma divertida, porém inspiradora, lição veio de um vendedor em Ipanema. Quando pedi para ele botar um pouco mais de 'pinga' na caipirinha, ele respondeu: "Claro, (meu irmão) meu irmão. A miséria tá aqui não!" Viva a alma brasileira!

Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/05/150428_parainglesver_adamsmith2_ss>. Acesso em: 22 out. 2018.

ANEXO S – “Acabou o complexo de vira-lata”, afirma ex-ministro Franklin Martins

13/03/2013 15:31

O jornalista Franklin Martins, ex-ministro da Comunicação Social no governo Lula, disse que o protagonismo do povo foi a grande conquista política e cultural de 10 anos de governos democráticos e populares que começaram com a eleição do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2002. "Até algum tempo atrás, a maioria dos presidentes, a maioria dos governos, governava o Brasil para apenas um terço da população. Era como se eles dissessem para o restante, que estava excluído: 'Eu até gostaria de ajudar vocês, eu até gostaria de ter medidas que fizessem vocês se levantar. Mas é impossível. Virem-se!'".

Para o ex-ministro, a exclusão de parcelas consideráveis da população das decisões de governo, a pretexto de que a política para os pobres era uma impossibilidade, está na raiz do “famoso complexo de vira-lata do povo brasileiro” (clique aqui para ler a crônica do dramaturgo Nelson Rodrigues que cunhou o termo “complexo de vira-lata”, em 1958). Com a eleição de Lula, o cenário começou a mudar e o povo decidiu não apenas escolher governos que governassem para todos, mas passou também a cobrar esses governos.

"Eu acho que o que mudou muito de 10 anos para cá é que o povo escolheu governos e cobrou desses governos que eles governassem para a maioria. Eu acho que essa é a grande mudança, porque ela fecundou, ela gerou diversas políticas que acabaram atendendo à maioria do povo, que passou a ver que havia um governo que governava para ele". Franklin ressalta que isso gerou também uma tensão no sentido contrário. "E que passou também a ver que existia uma elite que não admitia que se governasse para todos e que foi fazer uma oposição furiosa a esses governos".

A participação efetiva do povo, não apenas como beneficiário das políticas governamentais, mas também como ator político, marca uma mudança visível na última década, segundo o ex-ministro: "Eu acho que o que tem de novidade no Brasil, no fundo, é o coroamento de um processo de acumulação e fortalecimento da democracia, onde o povo foi identificando seus interesses, aprendendo a votar, votando em quem poderia fazer políticas que o beneficiassem e depois elegeu governos que iam implementar essas políticas, deu força a esses governos e cobrou desses governos. Eu acho que a novidade é que o povo é um ator político muito maior hoje em dia e por isso mesmo está no centro dos acontecimentos."

"Uma classe média muito maior, redução da miséria, Prouni, Luz para Todos, Bolsa Família... a quantidade de programas é indescritível, mas a grande coisa é o seguinte: o povo está no centro da política no Brasil hoje", completa.

Termo "complexo de vira-latas" foi cunhado em 1958

O dramaturgo e escritor Nelson Rodrigues cunhou o termo “complexo de vira-lata” em 1958, para designar a postura de inferioridade assumida no futebol, a partir de 1950, quando o Brasil perdeu a Copa do Mundo para o Uruguai, no Maracanã. Para Rodrigues, o brasileiro só começou a se curar desse complexo em 1958, quando ganhou a Copa pela primeira vez, mas apenas nesse esporte. A postura permaneceu em relação a outros temas. “Por ‘complexo de vira-lata’, entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo”, afirmou. Em agosto do ano passado, o ex-ministro e vice-presidente do PSB Roberto Amaral escreveu na revista Carta Capital uma outra crônica revisitando o termo. Para ele, esse complexo foi alimentado pelos interesses dominantes. "Esse sentimento existe, mas regado pela classe dominante brasileira, desde a Colônia, que sempre viveu de costas para o país e com os sonhos, as vistas e as aspirações voltadas para a Europa. Terra de “índios desafeitos ao trabalho”, de “negros manimolentes e banzos” e “europeus de segunda classe”, nosso destino, traçado pelos deuses, era a de eternos coadjuvantes. História própria, industrialização, destino de potência... ah, isso jamais!". O texto re Roberto Amaral relembra fatos curiosos, como a oposição direitista a obras como a Ponte Rio-Niterói, o metrô no Rio de Janeiro, a Petrobras e — mais recentemente — a transposição do rio São Francisco.

ANEXO T – O populismo latino-americano e o complexo de vira-latas!

por Eduardo Saldanha | [04/06/2014] [17:31] | Atualizado em [04/06/2014] [17:31]

Dando continuidade à participação de colaboradores gostaria de compartilhar a primeira parte do polêmico e bem desenvolvido texto do Internacionalista e Empresário Bruno Maggi Pissollo.

O texto aborda a tendência de alguns países da América Latina por governantes populistas que encontram terreno fértil em um complexo de vira-latas muito comum por estes lados.

Ressalto o ambiente livre de debate que queremos fomentar e que consideraremos com muito carinho as percepções contrárias, as quais são absolutamente incentivadas e apreciadas, vez que o debate é o caminho do nosso crescimento, desde que ocorra polidamente, é claro!!!!

Aproveitem o texto e comentem!!

“Não é novidade pra nenhum de nós, latino-americanos, que temos uma “quedinha” com caudilhos populistas, exemplos desses líderes não faltam em nossa história e, infelizmente, também na atualidade.

Todo governo precisa de um mínimo de apoio popular, por mais autoritário e nefasto que seja, e por aqui o terreno é fértil pra encontrar apoio a essa gente.

Uma das principais razões pra esse apoio é o nosso eterno complexo de vira-latas.

Embora essa expressão tenha sido cunhada por Nelson Rodrigues, pra se referir ao futebol (complexo que acabaria com a vitória da Copa do Mundo de 1958), o mesmo reconheceu que isso se estenderia a política, ciências, economia etc.

Entendo que esse complexo de inferioridade (que não se limita apenas ao Brasil, mas sim a toda América Latina) continua sendo mais atual que nunca, sempre queremos por a culpa em alguém por nossos problemas, como se a culpa nunca fosse nossa. O culpado sempre é uma potência estrangeira, que nos explora, já foi de Portugal (ou Espanha), depois do malévolo império britânico e hoje a culpa é dos yankees, quando não é da FIFA ou do COI.

Nesse contexto ficamos sempre aguardando por um caudilho salvador da pátria, que venha com um discurso anti-imperialista (contra tudo aquilo que o “império” representa, como o livre mercado, o individualismo, o respeito às instituições) e que irá nos libertar das garras desses exploradores.

Não conseguimos acreditar que com o tempo, com o livre mercado, a livre iniciativa, respeito a propriedade privada, as leis e as instituições caminharíamos para o progresso econômico.

Para os complexados isso demandaria que fôssemos empreendedores e que nossas empresas competissem com as empresas “malvadas” dos países capitalistas, com as quais eles imaginam que jamais conseguiríamos competir, então acreditam que precisamos de um líder intervencionista.

Nem seria preciso dizer que esse complexo ajudou a criar um terreno propício para a difusão da agenda socialista, uma vez que a mesma é contra o capitalismo, o individualismo (tratando pessoas como formigas) e, em teoria, contra o imperialismo. Isso é tão óbvio e tão arraigado em nossa sociedade que é possível defender líderes sanguinários socialistas, como Che Guevara ou Fidel Castro, mas condenam, de mesma forma também sanguinário, Augusto Pinochet, vez que este promoveu reformas econômicas liberais e capitalistas, ou seja, ser sanguinário em nome da agenda socialista pode, mas para promover ideias liberalizantes não.

Esses complexados tendem a dizer que nosso modelo econômico é demasiado capitalista, que precisamos de mais intervencionismo estatal para nos proteger. Eu prefiro duas ou mais empresas disputando, com base no livre mercado, pra me prestar algum serviço do que uma empresa pública, autarquia ou o governo diretamente, seja qual for o governo, ainda mais se comandados por ditadores como os irmãos Castro, Hugo Chávez e Nicolas Maduro, além de populistas de esquerda como o casal Kirchner ou o PT. O que eles não entendem é que estamos tão distantes do capitalismo/liberalismo aqui na América Latina, como o planeta Terra esta distante da constelação de Ursa Maior, como diria o já falecido Senador Roberto Campos.”

Fonte: <https://www.gazetadopovo.com.br/blogs/relacoes-internacionais-em-perspectiva/o-populismo-latino-americano-e-o-complexo-de-vira-latas/?doing_wp_cron=1546912109.0893449783325195312500>. Acesso em: 07 jan. 2019.

ANEXO U – O complexo de vira-latas como ele é, por João Claudio Todorov.

Por Psicologias do Brasil - 4 de março de 2016
João Cláudio Todorov

Frases de Nelson Rodrigues em crônica no jornal O Globo, nos anos 50, antes da seleção embarcar para jogar na Suécia:

“Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol.”

“Eu vos digo: — o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo.”

“O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender.”

Reescrevendo Nelson Rodrigues:

O problema do Brasil não é de trabalho, nem de técnica, nem de competência. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo.

“Complexo de vira-latas” explica muita coisa. Devemos essa descoberta ao Nelson Rodrigues, de “A vida como ela é”, entre outras obras. O complexo de vira-latas teria ido para o espaço com a conquista da Copa do Mundo de 1958, com os 50 anos em cinco, do Presidente Juscelino, a industrialização do país, e por aí vai. Mas o cronista Nelson Rodrigues teria muito assunto nos dias de hoje (especialmente depois dos 7 a 1 da Alemanha). Sempre que ponho no meu blog ou no Facebook algum exemplo de modificação em larga escala de práticas culturais alguém escreve que no Brasil não daria certo.

Preservar o meio ambiente? “Não vai dar certo no Brasil”. Controlar a venda e o porte de armas? “Não vai dar certo no Brasil”. Diminuir a desigualdade econômica? “Não vai dar certo no Brasil”. Diminuir gastos com saúde aumentando impostos sobre bebidas e cigarros? “Não vai dar certo no Brasil”.

Programas governamentais visando mudanças rápidas em práticas culturais para combater o mosquito da dengue? “Não vai dar certo no Brasil”. Planejar pensando no longo prazo e construir rodovias e anéis ferroviários nas metrópoles como São Paulo? “Não vai dar certo no Brasil”. Garantir que as agências que fiscalizam as barragens façam isso? “Não vai dar certo no Brasil”. Garantir que as leis sejam obedecidas pelos governos? “Não vai dar certo no Brasil”.

O futuro sempre depende de nossa confiança. Como alguém vai investir no futuro quando ninguém acha que alguma coisa vai dar certo no Brasil? Sem acreditar nas promessas dos políticos de qualquer coloração, o povo, apático, trata apenas de seu dia-a-dia: credibilidade depende da experiência e nossa história recente é deprimente.

Não dá para acreditar no planejamento do governo, muito do orçamento aprovado é wishful thinking. Não se leva a sério precisão e controle, fator básico nas ciências naturais, mas quase nunca presente nas ciências humanas, mais dedicadas a explicar do que prever. Evitar, garantir e prevenir dependem de prever e controlar.

O povo vai começar a se levar a sério quando começar a ser levado a sério por seus governos.

Fonte: <<https://www.psicologiasdobrasil.com.br/o-complexo-de-vira-latas-como-ele-e-por-joao-claudio-todorov/>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

ANEXO V – O Complexo de Vira-lata Venceu?

Arnobio Rocha
26 de abril de 2016

“O Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética.” (O complexo de vira-latas – Nelson Rodrigues).

Estamos assistindo uma onda de péssimo que ameaça virar um tsunami do mal. O que observamos é que as pessoas se deixaram impressionar com tanta facilidade, que o desespero e o apelo de fim de tudo expressos, por exemplo, no #acabamundo ou #vemmeteoro, virou um mantra, uma saída fácil, repetidos não apenas como piada, ironia, mas como um desejo. Bem, não vou julgar os que assim pensam ou que foram “sequestrados” pela onda de horror, mas é óbvio que isso tem reflexo direto no comportamento social e político de todos nós.

A tática do “mar de lamas” tão bem usada no passado voltou com força total e venceu. Até as pessoas mais equilibradas se deixaram contaminar por esse vale tudo. Incrível como virou comum o uso do viralatismo, daquele surrado discurso de que nada presta e que tudo no Brasil é uma droga e que as nossas vidas estão piores do antes, como se a bonança dos últimos anos não tivesse existido.

Quase nos convencendo que estamos prontos para destruição total, irreversível. Quando tudo isto ocorreu? Como foi tão bem trabalhando, manipulado? Deixamos nos aprisionar pela loucura dos boçais, dos arautos do caos, simbolizado em figuras cada vez mais idiotas e sem cérebro, mas com eficiente jogo de repetição, que induziu a um consenso francamente falso de uma realidade, também falsa, quase não nos reconhecemos mais.

A Caixa de Pandora foi definitivamente aberta em junho de 2013, até então, esse viralatismo era cultivado por um grupo bem específico, elitista, que historicamente dirigiu o Brasil. Esse grupo, jamais desceu das caravelas, seus pés tocaram nossas praias, suas mãos sempre foram cheias de dinheiro, mas suas cabeças continuaram, nesses 500 anos, na Europa, seus descendentes, preferem os EUA (Miami, Orlando e Nova Iorque).

Por poucos anos, um sentimento de brasilidade tentou se afirmar, ganhou corações, mostrou vigor, sentiu certo orgulho do potencial do Brasil, de suas empresas e suas conquistas sociais, políticas e um lugar respeitado no mundo. Silenciosamente, os mesmos de sempre, aqueles homens das caravelas, da casa grande, trabalharam cientificamente para derrotar o Brasil, essa nação que NÃO PODE dá certo, não restando dúvida com ajuda estrangeira, pois o destino deles (não o nosso) é ser sócio minoritário da Burguesia Internacional, contentam-se com migalhas.

Os três últimos anos foram da luta aberta entre os dois brasis: Esperança versus Pessimismo. De um lado, a esperança de nação, que pode se afirmar como tal. Do outro, o pessimismo entreguista, que prefere cultivar como a imagem do país a da derrota, de um povo ruim e sem caráter. Por um período de crescimento, o primeiro era vencedor, sem jamais derrotar o segundo. Agora, viraram o jogo, a virulência com que nos atacam, reflete toda a frustração desses anos em que o Brasil apareceu positivamente para o mundo.

É preciso desconstruir qualquer legado bom, de que era possível outro Brasil, começando destruindo as pessoas, importantes ou não, que tentaram algo diferente. Todos os meios de comunicações estão nessa jornada avassaladora para apagar tudo que foi conquistado. O principal caminho é o do convencimento ideológico, de que vivemos num “país de merda”, corrupto, pobre e feio.

A única coisa que buscamos é não sermos contaminados por sentimentos tão ruins, pois a vida é dura por si só, então quanto mais jogamos para baixo nosso ânimo, as coisas só vão piorar, não tem solução simples.

É lutar e resistir!

ANEXO W – Corrupção e complexo de vira-lata, por J. Carlos de Assis

Por Lourdes Nassif - 11/08/2014

Ainda há muita corrupção no Brasil, sobretudo no meio político, mas o povo brasileiro, sem perceber, está ganhando a guerra contra a corrupção. É verdade que ela nunca vai acabar de todo, nem aqui nem em qualquer parte do mundo. Mas o grande estímulo à corrupção, que é a impunidade, diminuiu drasticamente no Brasil. No Executivo, no Legislativo e no Judiciário. Um Presidente acusado de corrupto foi cassado pelo Congresso, a maior prova de que ninguém pode se considerar impune no Brasil. Dezenas de congressistas, senadores e deputados foram cassados por seus próprios pares por falta de ética. O Judiciário cassou mandatos de vários governadores por corrupção, especialmente corrupção eleitoral. Assim como o Congresso, o Judiciário também tem cortado na própria carne, processando e condenando magistrados, como foi o caso do juiz Nicolau em São Paulo.

No episódio do mensalão, pessoas que tinham ocupado os mais altos cargos da República foram denunciadas e condenadas, algumas injustamente. Mas o processo, em seu todo, demonstrou que não há mais impunidade no Brasil. A corrupção acabou? Claro que não. Só se todos os brasileiros se tornassem anjos de repente. Mas somos o país mais corrupto do mundo? Só pensa assim quem é desinformado. Os americanos gostam muito de apontar corrupção no resto do mundo. Vejam, porém, o que aconteceu nos Estados Unidos só de 2008 para cá. O Bank of America, maior banco do mundo, foi condenado a pagar 20 bilhões de dólares na Justiça por fraude no mercado imobiliário. Pelo mesmo motivo de fraude no mercado imobiliário, o Citigroup, segundo maior banco do mundo, foi condenado a pagar outros 20 bilhões de dólares. O Deutchbank, maior banco do mundo em negociações de câmbio, está sendo investigado pela Justiça europeia por fraude no mercado cambial. Pelo mesmo motivo está sendo investigado o UBS, União de Bancos Suíços. Os maiores bancos do mundo, sediados em Londres, fraudaram a Libor, taxa de juros que rege a maioria dos negócios bancários internacionais. De novo nos Estados Unidos, Bernard Madoff, até então um dos mais respeitados financistas de Wall Street, fundador da bolsa Nasdaq, foi preso e condenado por fraude depois que o FBI descobriu a mais gigantesca pirâmide financeira da história, que resultou em prejuízo superior a 65 bilhões de dólares de seus clientes.

Comparados com essas fraudes nos Estados Unidos, nossos corruptos não passam de ladrões de galinha. E assim mesmo estão sendo denunciados e condenados pela Justiça. Isso significa que devemos baixar a guarda contra a corrupção? Claro que não. Mas isso significa que devemos levantar a cabeça e acabar com esse complexo de vira-lata que nos leva a acreditar, sem nenhum razão, que somos os piores do mundo. Temos tudo para levantar nossa estima pelas conquistas que temos feito nessa e em várias outras áreas, como na virtual eliminação da miséria em nosso país.

Agora vejamos o chamado mensalão. Foi, na origem, um expediente igual ao de todos os partidos políticos brasileiros, rigorosamente todos, para levantar recursos de campanha e pagar por ela. Também comum tem sido o fato de se gastar mais do que recebe durante a campanha para pagar depois. O PT tinha-se comprometido a pagar ao PTB, pelo tempo de televisão na campanha, 20 milhões de reais. Só pagou 4 milhões porque não tinha o resto. Roberto Jefferson embolsou pessoalmente esse dinheiro, ficou indignado e insistiu em receber a diferença. Alguém do PT aproveitou e divulgou um vídeo de recepção de propina por um membro do PTB nos Correios, onde o PTB tinha uma diretoria, para intimidar Jefferson. Em vez de ser intimidado, ele jogou areia no ventilador e inventou o “mensalão” para vingar-se de Dirceu, que foi quem lhe prometeu os 20 milhões e alegava não ter como pagar tudo.

Daí em diante, surge uma história mirabolante que não se sustenta pelos fatos ou pela lógica: o PT teria corrompido deputados do próprio PT para votar no PT (corrupção ativa e corrupção passiva); o PT teria formado uma quadrilha para garantir com compra de votos maioria na Câmara em algumas votações, o que nunca chegou a ser provado e nem poderia ser pela falta de lógica e de comprovação da denúncia; o Visanet, que teria sido a fonte do dinheiro do “mensalão” (uns 170 milhões de reais dos quais teria sido extraída a parte do caixa dois), é uma empresa privada e não pública; além disso, comprovou todos os gastos de divulgação do cartão Visa com notas fiscais, conforme o processo, desmentindo o tal desvio de recursos para o PT; não houve pagamentos mensais, mas transferência episódica de dinheiro – grande parte dele tomado emprestado legitimamente do Banco Rural – para alguns deputados pelo caixa dois, certamente uma irregularidade mas não um crime, a fim de pagar despesas de campanha pendentes; finalmente,

inventou-se, para condenar Dirceu, a figura do domínio funcional do fato, pelo qual, sem prova, ele foi condenado porque “devia” saber do “esquema” por sua posição hierárquica – embora ele estivesse exercendo cargo no Governo, e não no Partido. A propósito, essa monstruosidade jurídica, no caso do mensalão, foi desqualificada como absurda, por ter dispensado prova do fato, pelo próprio jurista alemão especialista no tema do domínio do fato que esteve no Brasil na época, segundo a Folha.

Em suma, os petistas do chamado “mensalão” foram condenados basicamente para dar à opinião pública manipulada pela grande imprensa uma satisfação a respeito de um crime que não existiu. Alguns, como Dirceu, foram condenados supostamente por serem arrogantes, o que não é exatamente um crime. Seu erro maior foi deixar que a versão do procurador e de Joaquim Barbosa corresse solta sem uma desconstrução da história inventada. Cada advogado defendeu estritamente seu cliente das acusações que lhe eram imputadas, e ninguém contou uma contra-história em relação à versão fantasiosa dos dois. Fora do tribunal, o PT não teve competência para desarmar a farsa, acovardando-se e deixando seus pares serem atirados aos leões sem proteção. O Governo ficou igualmente omissivo. E o resultado foram réus condenados sem prova consistente, levando a uma espécie de reedição de caso Dreyfus sem Émile Zola!

Tudo isso que está dito acima pode ser comprovado com a leitura de mais de 80 mil páginas do processo. Eu não li tudo. Mas li o essencial e o testemunho de quem leu, entre outros os irmãos Nassif, Luís e Maria Inês. Contudo, esses jornalistas são “suspeitos” porque são progressistas. Tome-se, então, o depoimento de um liberal de reputação nacional nos meios conservadores, como o jurista Yves Gandra. Segundo ele, não há no processo uma prova sequer de crime de Dirceu.

J. Carlos de Assis – Economista, doutor em Engenharia de Produção pela Coppe/UFRJ, professor de Economia Internacional da UEPB.

Fonte: <<https://jornalgggn.com.br/artigos/corruptao-e-complexo-de-vira-lata-por-j-carlos-de-assis/>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

ANEXO X – A quem serve a classe média indignada?

MARCELO COELHO
ilustração SÉRGIO SISTER
 10/01/2016 02h04

RESUMO Cientista político e presidente do Ipea rejeita, em novo livro, interpretações do Brasil como a de Sérgio Buarque de Holanda. Negando a ideia de que jeitinho e corrupção sejam exclusividades nacionais herdadas da colonização, aponta o "racismo de classe" e o abandono dos excluídos como raízes dos problemas do país.

Confusão entre o público e o privado, compadrio, herança católica portuguesa, predomínio das relações pessoais e familiares sobre o sistema de mérito, corrupção. Ao contrário do que em geral se pensa, nada disso é característica exclusiva do Brasil.

Para Jessé Souza, presidente do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), vinculado ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, e doutor em sociologia pela Universidade de Heidelberg (Alemanha), criou-se no Brasil, à esquerda e à direita, um legado de equívocos a partir do pensamento de Sérgio Buarque de Holanda (1902-82), que merece ser classificado como um verdadeiro "complexo de vira-lata".

Para o professor de ciência política na UFF (Universidade Federal Fluminense), que acaba de lançar "A Tolice da Inteligência Brasileira" [Leya, 272 págs., R\$ 39,90, e-book, R\$ 26,99], a intelectualidade do país tende a idealizar as sociedades capitalistas avançadas, imaginando que em países como Estados Unidos ou França predomine a plena igualdade de oportunidades e a completa separação entre o Estado e os interesses privados. Mas o peso das origens familiares, do capital cultural acumulado ao longo de gerações, das pressões empresariais sobre o poder público está presente, diz ele, em qualquer país capitalista.

Autor de estudos sobre Max Weber (1864-1920) e Jürgen Habermas, Jessé Souza desenvolve, em "A Tolice da Inteligência Brasileira", um sofisticado argumento teórico para mostrar de que modo o conceito weberiano de "patrimonialismo" –fundamento das críticas de Raymundo Faoro (1925-2003) à imobilidade do sistema social brasileiro e ao fracasso do capitalismo e da democracia entre nós– não foi originalmente pensado para ter aplicação nas sociedades modernas.

Ao interesse teórico que marcou o início de sua carreira, Jessé Souza tem acrescentado, nos últimos anos, um intenso trabalho de investigação empírica, do qual resultaram livros como "Os Batalhadores Brasileiros: Nova Classe Média ou Nova Classe Trabalhadora?" (editora UFMG, 2010), e "A Ralé Brasileira: Quem É e Como Vive" (ed. UFMG, 2009).

O problema da economia e da democracia brasileiras, argumenta Souza, não nasce de supostas deficiências culturais que tenhamos frente aos países desenvolvidos, mas da incapacidade do sistema para integrar um vasto contingente de excluídos, a quem faltam não apenas recursos materiais, mas equipamentos básicos de educação, autoestima e cidadania.

A lição de Florestan Fernandes, em especial de seu livro de 1964, "A Integração do Negro na Sociedade de Classes" (ed. Globo), é das poucas que saem preservadas do implacável julgamento crítico de "A Tolice da Inteligência Brasileira", repleto de palavras duras contra Roberto DaMatta, Fernando Henrique Cardoso e outros mestres do pensamento social entre nós.

Folha - As ciências sociais brasileiras –com influência no discurso da imprensa e das classes médias– têm insistido no conceito de "patrimonialismo": a prática de tratar bens públicos como se fossem propriedade de uns poucos personagens com acesso permanente ao poder político. Você critica esse conceito, chamando-o de "conto de fadas para adultos". Poderia explicar?

Jessé Souza - O conceito de patrimonialismo foi contrabandeado de Max Weber sem a menor preocupação com a contextualização histórica que é fundamental em Weber. Acho que isso está bem fundamentado no livro, mas a "incorreção científica" não é a questão principal aqui.

O patrimonialismo só sobrevive como um conceito que quer dizer alguma coisa em um contexto que pressupõe o complexo de vira-lata do brasileiro. Essa é a questão principal. É só porque se imagina, candidamente, que existam países onde não há a apropriação privada do Estado para fins particulares –os EUA para os liberais brasileiros seriam esse paraíso– que se pode falar de patrimonialismo como particularidade brasileira.

Imagine a meia dúzia de petroleiras americanas, que mandavam no governo Bush filho, atacando o Iraque, com base em mentiras comprovadas, pela posse do petróleo. E com isso matando milhões de pessoas e desestabilizando a região até hoje com consequências funestas que todos vemos.

Quer melhor exemplo de apropriação privada do Estado para fins de lucro de meia dúzia sem qualquer preocupação com as consequências? A verdadeira questão é sempre em nome de que e de quem se apropria do Estado: para o lucro de meia dúzia –como foi a regra no Brasil e que é a real motivação do impeachment de hoje– ou para a maioria da sociedade.

Minha tese é a de que, no Brasil, o patrimonialismo serve para duas coisas bem práticas:

1) A primeira é demonizar o Estado como ineficiente e corrupto e permitir a privatização e a virtual mercantilização de todas as áreas da sociedade, mesmo o acesso à educação e à saúde, que não deveria depender da sorte de nascer em berço privilegiado;

2) Serve como uma espécie de "senha" de ocasião para que o 1% que controla o dinheiro, a política (via financiamento privado de eleições) e a mídia em geral possa mandar no Estado mesmo sem voto. Não é coincidência que tenha havido grossa corrupção em todos os governos, mas apenas com Getúlio, Jango, Lula e Dilma, governos com alguma preocupação com a maioria da população, é que a "senha" do patrimonialismo tenha sido acionada com sucesso. Somos ou não feitos de tolos?

A corrupção no Brasil, segundo muitos analistas, teria causas culturais, originadas na tradição ibérica e católica. Qual a sua discordância com relação a essa tese?

Essa versão é falsa. Ela é "pré-científica", já que examina o fenômeno da transmissão cultural nos termos do senso comum que pensa mais ou menos assim: "Se meu avô é italiano, então também sou". Depende. A língua comum facilita certas interações, mas o decisivo e o que efetivamente constrói os seres humanos são as influências das instituições, como a família, a escola, a economia e a política.

No Brasil, desde sempre, temos a escravidão como uma espécie de "instituição total" que determinou um tipo muito peculiar de família, de religião, de poder político, de exercício da justiça, de produção econômica, tudo isso muito distinto de Portugal, que desconhecia a escravidão, a não ser de modo muito tópico e localizado.

A Igreja Católica, por exemplo, tinha muito poder e continha o mandonismo dos grandes senhores. Aqui o "senhor de terras e gente" mandava em tudo sem peias. O Brasil desde o ano zero foi, portanto, uma sociedade singular, apesar de colonizada por Portugal. Mas foi a partir desse engano que se criou uma ciência culturalista frágil e superficial, baseada no senso comum que hoje ganha a mente e os corações dos brasileiros de tão repetida por todos.

O mais importante é que essa falsa ciência que constrói o brasileiro como inferior –posto que ligado ao "corpo" como emotividade e sexo, se opondo ao europeu e americano que seriam o "espírito", intelecto e moralidade distanciada– serve a interesses políticos. Esse racismo pela cultura só substituiu o "racismo racial" clássico, mantendo todas as suas funções de legitimar privilégios.

Na dimensão internacional, a intelectualidade brasileira dominante, colonizada até o osso, engole o racismo cultural e torna ontológica a suposta inferioridade brasileira; na dimensão interna e nacional, serve para separar "classes do espírito", como a classe média "cozinha", que seria "ética", posto que escandalizada com o "patrimonialismo seletivo" criado pela mídia, e as classes populares, tidas como "amorais", posto que guiadas pelo interesse imediato.

Essa espécie de "racismo de classe", falso de fio a pavio, é o fio condutor do empobrecido debate público brasileiro.

Você é muito crítico com relação a um dos formuladores desse "culturalismo", Sérgio Buarque de Holanda. As teses de "Raízes do Brasil" foram expostas em 1936. Será que ao menos naquela época a crítica a um Estado sem meritocracia, baseado no favoritismo e nas relações familiares, não era correta?

Eu gostaria antes de tudo de saber onde fica esse país maravilhoso, formado apenas pelo mérito, que não favorece ninguém e onde relações familiares não decidem carreiras. Quem conhecer, por favor, me avise. Eu passei boa parte de minha vida adulta em países ditos "avançados" e nunca conheci um assim. A própria crença de que exista algo assim prova como o racismo e a "vira-latices" tomou conta de nossa alma.

Sérgio Buarque de Holanda é o pai desse liberalismo amesquinçado e colonizado brasileiro. É necessário sempre separar a "pessoa" da "obra" e de seus efeitos sociais, que são o que importa. O liberalismo é fundamento importante da democracia, mas existem várias maneiras de ser liberal, e a nossa maneira é a pior possível.

Buarque criou a semântica do falso conflito que permite encobrir todos os conflitos sociais verdadeiros entre nós e que nos faz de tolos até hoje. A absurda separação entre um Estado demonizado como corrupto e ineficiente e o mercado como reino de todas as virtudes, quando os dois no fundo são indissociáveis, só serve como mote para a meia dúzia que manda no Brasil e controla o dinheiro, a política e a informação via mídia virar o país de ponta-cabeça só para ter mais dinheiro no bolso.

Como não se pode dizer que o que se quer é uma gorda taxa Selic e o acesso "privado" às riquezas brasileiras, como petróleo e ferro, para essa meia dúzia, então diz-se que é para acabar com o "mar de lama", sempre só no Estado, se ocupado por partidos populares, e sempre seletivamente construído via mídia conservadora em associação com as instituições que querem aumentar seu poder relativo vendendo-se como "guardiães da moralidade pública".

É esse discurso que transforma milhões de pessoas inteligentes em tolas. Essa parcela da classe média conservadora é explorada por esse 1% que lhe vende os milagres da privatização brasileira: a pior e mais cara telefonia do globo, por exemplo, campeã de reclamações. De resto, todos os bens e serviços produzidos aqui são piores e mais caros. Mas dessa espoliação da classe média por um mercado superfaturado que vai para o bolso do 1% mais rico ninguém fala.

O filho do "coxinha" quer ter acesso a uma boa universidade pública, e o avô dele, quando está doente e o plano não paga, tem que ir ao SUS para doenças graves e tratamentos caros. Um Estado fraco só serve ao 1% mais rico que pode ficar ainda mais rico embolsando a Petrobras a preço de ocasião. O "coxinha" só é feito de tolo.

A classe média "coxinha" que sai às ruas tirando onda de campeã da moralidade, por sua vez, explora e rouba o tempo das classes excluídas a baixo preço para poupar o tempo do trabalho doméstico e investir em mais estudo e mais trabalho valorizado e rentável.

Luta de classes não é só cassetete na cabeça de trabalhador. É uma luta silenciosa e invisível (para a maioria) que implica monopólio de recursos para as classes privilegiadas e condenações à miséria eterna para a maioria dos 70% que não são da classe média ou do 1% mais rico. A fanfarra do patrimonialismo e da corrupção só do Estado serve, antes de tudo, para tornar essas lutas invisíveis.

Como você vê a obra de Roberto DaMatta nesse contexto?

A obra dele, que reflete fielmente as discussões de botequim de todo o Brasil, foi uma tentativa de "modernizar" Buarque. O mais irritante é que esse pessoal "tira onda" de crítico ao repetir as platitudes do Estado patrimonial e do "jeitinho" como prova da queda ancestral do brasileiro médio para auferir vantagens por relações de conhecimento com poderosos.

A tese central de DaMatta, que se tornou uma espécie de "segunda pele" do brasileiro médio, é a de que a hierarquia social brasileira é fundada no capital social de relações pessoais. Essa seria a

peculiaridade brasileira que viria de épocas ancestrais. Desde que a gente reflita duas vezes, essas teses caem como castelo de cartas. Se não, vejamos.

O leitor que nos lê conhece alguém com acesso a relações pessoais com pessoas poderosas sem, antes, ter capital econômico ou capital cultural? Se o leitor conhecer, então DaMatta tem razão na sua tese do jeitinho.

Como desconfio de que o leitor não conhece ninguém assim, então o que DaMatta faz é tornar invisível a distribuição injusta de capital econômico e cultural e, com isso, sepultar qualquer reflexão sobre a origem social de toda desigualdade.

Para completar supõe –no fundo a cândida e infantil crença nos Estados Unidos como paraíso na terra– que existam países onde o capital em relacionamentos não decida previamente a vida da maior parte das pessoas. Teoria mais frágil e colonizada impossível. Mas é ela que faz a cabeça do brasileiro médio hoje.

Ao lado do "culturalismo conservador", você critica o economicismo de raiz marxista. Quais as suas restrições a esse modelo explicativo?

É que o capitalismo não é só troca de mercadorias e fluxo de capital. É preciso, por isso, superar o economicismo, seja liberal, seja marxista. O capitalismo é também um sistema social e moral que avalia todo mundo e que humilha e despreza uns e enobrece e legitima a felicidade de outros.

É essa hierarquia social "invisível" (mas cuja realidade o estudo empírico pode mostrar) que diz o que é certo e errado, verdadeiro ou falso. O capitalismo é, portanto, um sistema de classificação e desclassificação que predetermina quem ganha e quem perde e legitima esses lugares.

No livro, que resume meus 35 anos de trabalho teórico e empírico sobre esses temas, procurei mostrar que esses sistemas de classificação são os mesmos para Brasil e Argentina, do mesmo modo como atuam na França ou na Inglaterra.

A peculiaridade do Brasil é a tolerância com o abandono da classe dos excluídos que chamo provocativamente de "ralé". Todos nossos problemas –insegurança, baixa produtividade, serviços públicos de má qualidade– advêm do esquecimento dessa classe.

A corrupção existe em todos os países, você diz. Mas certamente há diferenças de grau entre a Dinamarca, digamos, e o Brasil.

A corrupção é endêmica ao capitalismo. Se corrupção for enganar o outro, então o capitalismo é certamente mais engenhoso que qualquer outro sistema social.

O que outros países como a Dinamarca ou Alemanha não têm é a corrupção "pequena" –a única que o cidadão feito de tolo enxerga no cotidiano– do agente público mal remunerado, como os policiais entre nós. Existem também arranjos institucionais mais ou menos bem-sucedidos.

O Brasil ganharia com o financiamento público de eleições e com uma reforma política que tornasse mais transparente a relação com a economia. É nisso que falta avançar. Mas é preciso mesmo ser muito ingênuo para não perceber que a "grossa corrupção", a que drena capitais e privilégios para uma pequena minoria, é universal. Dilma tentou comprar essa briga no Brasil, enfrentando o grande capital especulativo. Hoje fica claro que esse pessoal não a perdeu pela ousadia.

Suponha-se que Sérgio Buarque de Holanda, Raymundo Faoro e Roberto DaMatta estejam errados ao atribuir a uma particularidade brasileira, a um vício cultural católico português a inexistência de um sistema de mérito real, de uma real impessoalidade do Estado e de uma legítima situação de igualdade de oportunidades no Brasil. Mesmo que essa situação não corresponda à realidade de um país como os Estados Unidos, que esses autores idealizam, será que essa crítica não expressa um desejo de transformação importante? Em vez de anular o valor dessa crítica, poderíamos alargar sua dimensão estendendo-a a outros países.

O único caminho seguro, na vida pessoal ou na coletiva, é a verdade. Não se pode pensar uma sociedade e suas contradições alargando uma concepção falsa desde os pressupostos. Nem há razão para isso.

O livro mostra, creio eu, que é possível um novo caminho para a percepção do Brasil e de suas singularidades. Um caminho que não vise apenas preservar os privilégios absurdos de uma pequena elite socialmente irresponsável, legitimados por uma pseudociência, mas que possa, inclusive, recuperar a inteligência viva dessa mesma classe média que é hoje manipulada a agir contra seus interesses.

Você diz que as classes médias, predominantes nas manifestações de junho de 2013, são feitas de tolas quando compram automóveis com o triplo da taxa de lucro dos países europeus, pagam taxas de juros estratosféricas e usam serviços de celular entre os mais caros e ineficientes do mundo. Mas não teriam razão, do ponto de vista de seus interesses, ao reclamar de impostos que são uma parcela enorme do preço de bens como veículos automotores e geladeiras?

A estrutura de impostos no Brasil tem de ser efetivamente revista no sentido de evitar impostos indiretos em produtos e serviços e atingir mais a renda diferencial, e, muito especialmente, o patrimônio. Desse ponto de vista, ela pode ter um pouco de razão.

Mas o ponto mais importante para a tolice da classe média é que o Estado funciona como arrecadador de impostos, antes de tudo, para bancar e garantir a drenagem de recursos arrecadados da sociedade como um todo para a meia dúzia de plutocratas que manda na economia, na política via financiamento de eleições e na mídia. O pagamento de juros para essa meia dúzia e seus colegas estrangeiros –o único aspecto que ninguém nem sequer pensa em cortar em ocasiões de crise– compromete, por exemplo, o investimento em educação e saúde de qualidade para todos.

O plutocrata vai aos EUA se operar se for preciso e manda o filho estudar em Miami ou na Suíça, como acontece realmente hoje em dia. A classe média que sai às ruas para apoiá-lo precisa do SUS quando a chapa esquenta e só conta com a universidade pública aqui mesmo para o filho. Ao mesmo tempo, paga os serviços e produtos mais caros e de menor qualidade relativa do globo no nosso mercado superfaturado. Esse "extra" também é um imposto que sai da classe média direto para o bolso da elite econômica. Mas dele nunca se fala.

Essa classe média, portanto, é espoliada pela elite por mecanismos tanto de Estado quanto de mercado, e é ela que depois sai às ruas para defender os interesses dessa mesma elite usando o espantinho seletivo da corrupção apenas estatal.

Essa é a real história da tolice pré-fabricada entre nós.

O sentimento anti-Estado e pró-mercado tende a ser conservador e perverso no Brasil. Mas não poderíamos acusar a esquerda, em especial o PT, de um excessivo "estatismo", não no sentido econômico, mas no de considerar que a transformação social poderia vir de uma simples conquista do poder político pelo partido de esquerda? Em vez de privilegiar formas de auto-organização e de capilarização do partido nas periferias, o PT procurou agir "a partir de cima", e não "a partir de baixo". Como resultado, vemos nas periferias todo tipo de igrejas evangélicas, mas nenhum núcleo ou sede distrital de partidos políticos. O preço para assumir o poder sem essa organização foi a aliança com os setores mais retrógrados da política brasileira, como Collor, Maluf, os ruralistas e a bancada evangélica. O "estatismo" de esquerda, nesse sentido, não seria uma repetição para pior do populismo? O petismo não seria também um conto de fadas para adultos?

O principal erro do PT para mim foi duplo e reflete sua dependência da narrativa liberal tão importante nele quanto em um partido conservador da elite como o PSDB. Esse foi um dos temas centrais do livro: mostrar que a ideologia liberal amesquinhada dominou também a dita "esquerda", colonizando a tradição social-democrata ou socialista democrática.

O PT teria que ter criado uma narrativa independente mostrando a importância do passo a passo da ascensão social possível e mostrando as dificuldades também –sem cair, por exemplo, na fantasia da nova classe média, que gerou expectativas desmedidas.

Essa narrativa poderia ter sido uma versão politizada, mostrando a importância da política inclusiva e da "vontade política" para a mobilidade social, de modo a se contrapor à leitura individualista da ascensão social da religião evangélica.

Mas, para isso, teria sido necessário tocar no nó górdio da dominação social no Brasil, que é o papel de "partido político da elite" assumido pela imprensa conservadora desde o golpe contra Getúlio. É ela, afinal, quem chama a classe média moralista e feita de tola às ruas e é ela que manipula seletivamente e a seu bel-prazer o tema da corrupção como única moeda dos conservadores para mascarar seus interesses mais mesquinhos em pseudointeresse geral. É ela quem tira onda de "neutra", quando apenas obedece ao dinheiro.

O medo desse confronto foi a real causa do que agora acontece. Em uma sociedade midiática, onde toda informação vem de cima para baixo, tem que existir o contraditório, a opinião alternativa, senão o voto do eleitor não é esclarecido nem autônomo, ou seja, rigorosamente, não tem democracia. Nesse sentido estamos mais perto da Coreia do Norte do que da Inglaterra ou da Alemanha. Confiar apenas nos "movimentos sociais" nesse contexto é ingenuidade. Esses movimentos também estão sob a égide do discurso único da mídia conservadora. Essa é para mim a real razão do fracasso relativo do projeto petista.

MARCELO COELHO, 57, é colunista da Folha.

Fonte: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2016/01/1727369-a-quem-serve-a-classe-media-indignada.shtml>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

ANEXO Y – O descarrego do ódio nos comentários da internet

Por João Mello - 14/08/2015

Jornal GGN – Pesquisadores da área da psicologia afirmam que a caixa de comentários de sites e portais serve como uma válvula de escape, uma espécie de “descarrego do ódio”. “Se a emoção é forte, eu descarrego um caminho de sentimentos nos comentários”, diz Andréa Jotta, do Núcleo de Pesquisa em Psicologia em Informática da PUC-SP. Para o psicólogo Jacob Pinheiro Goldberg, “a lógica binária da internet estimula a visão maniqueísta do mundo”, e não há espaços para sutilezas no mundo online.

Se você busca debates sadios, opiniões ponderadas e críticas construtivas, não entre nos comentários de notícias e posts na internet. Os itens acima são coisa rara no meio do mais puro “ódio.com”.

“É um canal de escape emocional 24 horas no ar. Se a emoção é forte, eu descarrego um caminho de sentimentos nos comentários”, afirma Andréa Jotta, pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Psicologia em Informática da PUC-SP. “O problema é que a internet deixa aquilo eterno. Você pode mudar de opinião, mas aquilo fica registrado e pode te prejudicar no futuro”, completa.

Dez anos atrás se popularizou o conceito de “Web 2.0”, e os sites noticiosos abriram espaço para os internautas opinarem sobre as reportagens. A ideia original era tornar os portais de notícia “uma rua de mão dupla”. Na prática, o espaço virou um congestionamento de palavras, ameaças e preconceitos.

“A tecnologia da internet fez explodir a demanda social da catarse. As opiniões são sempre radicais, explosivas”, opina o psicólogo Jacob Pinheiro Goldberg. “A lógica binária da internet estimula a visão maniqueísta do mundo: ou você é contra ou a favor. A sutileza não é o traço essencial da internet”, argumenta.

A interatividade acabou gerando duas crias indesejadas: os “trolls” e os “haters”. O primeiro é um polemista que se diverte com a repercussão de suas “trolladas”, gíria para opiniões descabidas e zombeteiras só publicadas para gerar revolta nos outros internautas.

Já os “haters” são acusadores que distribuem sua fúria contra times, partidos, religiões, raças, gêneros, opções sexuais, gostos musicais e o que tiver em pauta.

“O internauta gostaria de falar tudo aquilo para o chefe ou para a mulher ou para o vizinho. Mas isso implicaria em reações que ele não suportaria. O botão de comentário é um remédio que dá alívio imediato. Você pode se alterar, desligar o computador e voltar para sua vida. Claro, sem resolver seu problema pessoal”, explica a psicanalista Sônia Pires.

Em sites de notícias, menos de 1% dos leitores comentam. Essa estatística, somada à baixa qualidade dos comentários, fizeram sites como o da agência de notícias Reuters e do portal econômico Bloomberg Business decidirem eliminar suas áreas de comentários.

Num primeiro momento, tanta intolerância nos comentários obrigou os portais a criar a função de “moderador de comentários”, profissional que separava as opiniões publicáveis das impúblicas. Afinal, modos e moderação são o que menos se encontra nessas opiniões.

Por outro lado, vários grupos políticos e econômicos adotaram a estratégia de arregimentar pessoas (pagas ou voluntárias) para multiplicar opiniões favoráveis a seus interesses e contrárias a de seus adversários. Além disso, surgiram softwares (“robôs”, no jargão digital) para multiplicar ainda mais a interatividade a favor dos manipuladores.

Nos vídeos desta reportagem, aparecem vários “tipos psicológicos” que são figurinhas fáceis na área de comentários. Um deles é o adepto da “teoria da conspiração”, sempre vendo complôs e planos secretos por trás dos fatos descritos nas notícias.

Outro perfil constante é leitor “hipercrítico” que reclama do jornalista, do portal, da reportagem, dos entrevistados e dos outros comentários, se lamenta do “tempo perdido” e promete “encerrar sua assinatura” do serviço.

Um estilo muito comum é o “justiceiro”, distribuindo ameaças em seus posts e advogando mais repressão para combater a criminalidade. Eles se multiplicam em reportagens policiais ou quando há alguma mudança nas leis sendo analisada pelo Congresso Nacional.

Não faltam também os comentaristas portadores do chamado “complexo de vira-lata”, termo criado pelo escritor Nelson Rodrigues para mostrar o sentimento de inferioridade dos brasileiros em relação

às outras nações. Muitas opiniões postadas execram o povo e o país para elogiar países mais desenvolvidos, principalmente os EUA.

As paixões clubísticas, partidárias e religiosas também invadem os comentários, com provocações, xingamentos, boatos e difamações. Ultimamente, a crise econômica e política faz o PT ser o alvo preferido. Mas evangélicos, umbandistas, tucanos, peemedebistas, corintianos e flamenguistas costumam ser frequentadores desse posto.

O problema principal é que o debate fora da internet segue também essas regras. As discussões logo descambam para a ofensa pessoal, o descrédito do interlocutor e o rebaixamento do conteúdo. Hoje em dia, há mais polemistas que debatedores, e dar opinião virou parte da indústria do entretenimento.

Fonte: <<https://jornalggn.com.br/na-rede/o-descarrego-do-odio-nos-comentarios-da-internet/>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

ANEXO Z – Ataques a Lula beiram o preconceito, diz Viana

05/05/2015 20h56 - atualizado em 07/07/2016 11h26
Da Redação da Agência PT de Notícias

Para o senador, as acusações contra o ex-presidente são reflexo do “complexo de vira-lata” da elite conservadora brasileira. O senador Jorge Viana (PT-AC) criticou duramente, em discurso na tribuna, nesta terça-feira (5), os recentes ataques da revista “Época” ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. “Não é justo que transformem as qualidades do presidente Lula em defeitos! Isso tem que ter fim. Não é possível! Isso beira o preconceito!”, declarou.

Para Viana, o ex-presidente Lula sofre resistência daqueles que “não aceitam que um operário retirante, pau de arara, passando miséria no Nordeste, tenha virado um dos maiores líderes do País”.

O petista disse ainda que é perigosa a estratégia de parte da imprensa de transformar suspeitas em julgamentos e condenações prévias. Para ele, as acusações contra o ex-presidente são reflexo do “complexo de vira-lata” da elite conservadora brasileira.

“Será que é justo agora querer acusar o presidente Lula de lobista? O que o presidente Lula tem feito? Palestras, como sempre fez o grande presidente Fernando Henrique Cardoso, convidado para dar palestra no mundo inteiro. Ganham muito dinheiro com isso! São bem pagos, como é Bill Clinton”, argumentou.

Viana classificou a reportagem, publicada no sábado (2), de “chocha e mal feita”, que tinha o intuito de “destruir” a biografia de Lula. “O Brasil tem um pouco desse complexo, fez isso com Getúlio Vargas, levou-o ao suicídio; fez isso com Juscelino Kubitschek, e tenta fazer com Lula. Só que os tempos são outros, estamos vivendo plena democracia”, declarou.

O senador disse ainda que, apesar dos erros cometidos pelo PT e por outros partidos nos últimos anos, não é admissível tentar macular a história do ex-presidente Lula. “Uma biografia que o Brasil haverá de reconhecer no futuro, mas precisa, com honestidade, reconhecer no presente”, disse.

Fonte: <<https://pt.org.br/ataques-a-lula-beiram-o-preconceito-diz-viana/>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

ANEXO AA – Globo aciona pistoleiros para enganar leitores sobre imprensa internacional

Por Miguel do Rosário
26 de abril de 2016 : 09h58

Como era de se esperar, a Globo, porta-voz oficial do golpe, iniciou uma operação de propaganda para evitar que a opinião pública brasileira seja influenciada pela imprensa internacional, que, em sua grande maioria, tem denunciado o golpe midiático no país.

O objetivo é óbvio: garantir que o golpe transite sem sobressaltos no Senado.

Para tal, acionou um de seus mais astutos pistoleiros, Pedro Doria, que publica artigo hoje no Globo que é uma obra-prima de mentira e manipulação:

Trechos:

Um dos textos mais citados é “A razão real pela qual os inimigos de Dilma Rousseff querem seu impeachment”, publicado pelo jornal britânico “The Guardian”. É um artigo de opinião avulso, assinado por David Miranda. Não é a opinião do jornal. É a opinião de um cidadão brasileiro.

Sim, é a opinião de um cidadão brasileiro...

Por aí se vê o vira-latismo da Globo, menosprezando o artigo no The Guardian por ser a opinião de um “cidadão brasileiro”.

Ora, o artigo foi publicado com destaque, em português e em inglês. E o jornal não publicou nenhuma opinião de cunho golpista, nem jamais publicou, em outra ocasião, nenhum artigo em português. Conclui-se, obviamente, que o Guardian abrigou com muita simpatia a opinião de um... cidadão brasileiro.

Milhões de brasileiros tem saído às ruas, no Brasil e no mundo inteiro, denunciando o golpe. Comunidades de juristas, intelectuais, escritores, artistas, trabalhadores, sindicalistas, estudantes, tem lançado manifestos e organizados debates para denunciar o golpe. Mas a opinião de cidadãos brasileiros, pelo jeito, não tem importância para a Globo...

Chico Buarque, Gregorio Duvivier, Wanderley Guilherme dos Santos, Wagner Moura, Fernando Morais, oito mil juristas, são todos “petralhas” e sua opinião não tem significado nenhum, não é Dória?

Neste link, você achará centenas de organizações, quase todas importantes e qualificadas, que se manifestaram expressamente contra o golpe.

O secretário geral da OEA se manifestou contra o golpe. A UNASUL se manifestou contra o golpe. Há grupos de juízes e promotores públicos que se manifestaram contra o golpe.

Para a Globo, porém, nenhuma dessas manifestações existe, porque não existe golpe, certo?

Aliás, ainda no que toca ao Guardian, Doria esqueceu de mencionar outras coisas:

1) que o dono do Globo, João Roberto Marinho, foi humilhado mundialmente pelos comentaristas do Guardian.

2) que David Miranda escreveu uma tréplica genial para o dono da Globo no Intercept, selando em sua testa, com fogo, a marca de golpista.

Em seguida, Doria faz um malabarismo para explicar o pedido de desculpas feito pelo Le Monde, por ter acreditado na mídia brasileira. Maquiavelicamente, Doria dá um jeito de publicar em seu artigo apenas o título do artigo pelo qual justamente o Le Monde pede desculpas.

Outro trecho:

As mesmas críticas generalizadas às instituições políticas brasileiras estão no editorial mais recente, publicado pelo americano “The Miami Herald”. “Os brasileiros não devem se distrair. O crime que trouxe o país abaixo é roubo por parte de quem ocupa cargos públicos. Que sigam atrás dos bandidos e deixem para os eleitores o destino de políticos incompetentes.” Para os editorialistas, a incompetente é Dilma, e bandidos, os políticos envolvidos em corrupção.

O Globo é uma usina de mentiras e manipulação. O editorial do Miami Herald, publicado no Cafezinho, é totalmente distorcido. Ora, o Herald diz que Dilma tem “as mãos limpas de corrupção”. Esse é o trecho mais importante, omitido por Dória. Repito aqui trecho do editorial do jornal de Miami:

“A única maneira do Brasil sair mais forte é o de continuar a contar com as instituições democráticas para julgar o crime e remover os legisladores corruptos do poder. As violações de Dilma, se verdadeiras, são graves, mas impeachment é arma grande demais para se usar para punir por meras questões contábeis.

Os brasileiros não devem ser enganados. O crime que deprimiu o país é o desvio de dinheiro público. Vão atrás dos bandidos, e deixem que os eleitores decidam nas urnas o destino dos políticos incompetentes.”

Ou seja, Pedro Dória mentiu. O Miami Herald afirma, com todas as letras, que as violações de Dilma (se verdadeiras, pondera o jornal), não são passíveis de um impeachment, que “os brasileiros não devem ser enganados”, que as autoridades deveriam ir atrás dos bandidos (ou seja, Eduardo Cunha e os sonegadores), e que os eleitores deveriam decidir o destino dos políticos incompetentes nas urnas.

Outro trecho do artigo de Dória.

Há também uma série de manifestações avulsas de opinião. Dentre as mais populares dos blogueiros governistas está a entrevista concedida pelo jornalista americano Glenn Greenwald a Christiane Amanpour, da CNN. Greenwald, que vive no Brasil e é casado com o autor do artigo do “Guardian”, é também um premiado e respeitado jornalista que se especializou na difícil relação entre direitos civis e tecnologias digitais. Nas redes sociais, é um crítico contumaz da solução do impeachment. À CNN, disse que “plutocratas veem agora uma chance de se livrar do PT por meios antidemocráticos.” Cita, como contexto, o extenso envolvimento de inúmeros deputados, a começar pelo presidente da Câmara, com escândalos de corrupção. Mas, mesmo quando questionado diretamente por Amanpour, evitou o termo “golpe”.

Que cara de pau, hein, Dória!

A esta altura, com a presidenta já praticamente afastada pelo golpe, o qualificativo preconceituoso de “governista”, que o Globo sempre tentou pespegar nos blogs do campo progressista, já não cola mais. Governista volta a ser O Globo, como foi durante os 21 anos de ditadura, e durante todo o ciclo neoliberal.

Portanto, você, Pedro Dória, é que é um colunista “governista”. O Cafezinho hoje está mais para blog de oposição.

Olhe as manchetes acima de sua coluna, Dória, todas blindando e defendendo Michel Temer. Quem é governista?

Na CNN, Glenn e Amanpour não usam o termo golpe, mas precisa? Se eu descrevo um assalto na rua, preciso usar o termo “assalto”? Não basta descrever que alguém puxou a bolsa de uma senhora e saiu correndo?

Ambos, Glenn e Amanpour, deixam bem claro que o processo de impeachment é surreal, porque uma presidenta honesta, sem crimes, foi derrubada por um punhado de bandidos, com ajuda dos meios de comunicação (leia-se Globo).

Doria continua sua xaropada golpista:

A análise mais favorável à presidente foi assinada pelo correspondente da principal revista de língua alemã, a “Der Spiegel”, e publicada em seu site. Jens Glüsing é o único a criticar a Operação Lava-Jato, de acordo com uma versão traduzida, afirmando que “o sucesso subiu à cabeça (do juiz Sérgio) Moro”. Ele atribuiu “aos partidários de Lula” a advertência de que se prepara “um golpe frio contra a democracia brasileira”.

Mentira! O título da reportagem fala em “golpe frio” (Crise de Estado no Brasil: o golpe frio)! O título, veja bem! É evidente que é também a opinião da revista!

Jens Glüsing critica a Lava Jato porque é um dos primeiros a começar a entender como a operação se tornou uma das ferramentas do golpe.

A matéria termina com essa pérola:

(...) E nenhum compra a ideia de que há um golpe em curso.

É muita cara de pau, sobretudo porque o Globo jamais traduziu ou expôs esses artigos para seus leitores. A primeira referência que traz sobre eles, agora, é apenas para distorcê-los ou inverter inteiramente o sentido de cada um. A imprensa internacional em peso tem denunciado o golpe no Brasil. Pode não usar a palavra golpe, mas fala em ilegalidades no processo, denuncia a mídia brasileira, enfatiza a inocência da presidenta Dilma e acusa os deputados de serem delinquentes em busca do poder.

Deus tenha piedade de nós! Até quando suportaremos uma imprensa tão diabolicamente golpista!

Fonte: <<http://www.ocafezinho.com/2016/04/26/globo-aciona-pistoleiros-para-enganar-leitores-sobre-imprensa-internacional/>>. Acesso e: 20 dez. 2016.

ANEXO AB – ‘A imprensa estrangeira não vê golpe’, por Pedro Doria

Qualquer jornal ocidental divide o que publica em dois grupos. Há notícia e há opinião

Pedro Doria

26/04/2016 - 06:55 / Atualizado em 26/04/2016 - 07:42

RIO — Há uma imensa confusão rondando as redes sociais a respeito do que dizem ou não os jornais estrangeiros sobre a crise brasileira. Tornou-se comum, por algum motivo misterioso, afirmar que lá fora há um movimento condenando o que a presidente Dilma Rousseff chama de “golpe”. Não é verdade.

Qualquer jornal ocidental divide o que publica em dois grupos. Há notícia e há opinião. Notícias são matérias (mais curtas) ou reportagens (longas, em geral com apuração de fôlego) que saem do trabalho de um ou mais repórteres que tentam relatar os fatos e como as opiniões se dividem a seu respeito. Opinião é outra coisa. Há editoriais (a opinião do jornal), colunas (pessoas que o jornal contrata para manifestar sua opinião com frequência) e artigos avulsos, para quando alguém tem uma opinião para manifestar. Por fim, ali no meio do caminho entre a notícia e a opinião, estão as análises, que sem manifestar uma preferência pessoal tentam ajudar o leitor a compreender o contexto no qual um fato se dá.

É assim que se organizam jornais brasileiros, do resto das Américas e da Europa.

Um dos textos mais citados é “A razão real pela qual os inimigos de Dilma Rousseff querem seu impeachment”, publicado pelo jornal britânico “The Guardian”. É um artigo de opinião avulso, assinado por David Miranda. Não é a opinião do jornal. É a opinião de um cidadão brasileiro.

Mas o “Guardian” manifestou sua opinião em editorial, publicado com o título “Uma Tragédia é um Escândalo” e no qual aponta os que considera responsáveis pela crise em que nos encontramos: “transformações da economia global, a personalidade da presidente, o PT ter abraçado um sistema de financiamento partidário baseado em corrupção, o escândalo que estourou após as revelações, e uma relação disfuncional entre Executivo e Legislativo”. Sem poupar em momento algum o Congresso ou Eduardo Cunha, em nenhum momento o jornal britânico sequer cita o termo “golpe”.

Outros órgãos de imprensa importantes se manifestaram em editoriais.

O do “Washington Post” começa assim: “A presidente brasileira Dilma Rousseff insiste que o impeachment levantado contra ela é um ‘golpe contra a democracia’. Certamente não o é.” A partir daí, desanca tanto o governo Dilma quanto o Congresso Nacional. O único elogio que os editorialistas do “Post” conseguem fazer ao Brasil é que, no fundo, “este é um preço alto a pagar pela manutenção da lei — e, até agora, esta é a única área na qual o Brasil tem ficado mais forte.”

A revista “The Economist” também opinou a respeito. “Em manifestações diárias, a presidente brasileira Dilma Rousseff e seus aliados chamam a tentativa de impeachment de Golpe de Estado. É uma afirmação emotiva que mexe com pessoas além de seu Partido dos Trabalhadores e mesmo além do Brasil.” Adiante, seguem os editorialistas, “a denúncia de Golpes tem sido parte do kit de propaganda da esquerda.” O tom é este. Para a “Economist,” o problema é que Dilma perdeu a capacidade de governar, e, em regimes presidencialistas, quando isso ocorre a crise é sempre grave.

O francês “Le Monde” intitulou o seu editorial “Brasil: este não é um Golpe”, que suscitou críticas do editor responsável pela relação do jornal com seus leitores, Frank Nouchi. Ele considera a cobertura de seu periódico boa mas o editorial pouco equilibrado. Suas críticas sugerem o jornalisticamente óbvio: os editorialistas não levaram em conta o outro lado e passaram batidos, por exemplo, pelo envolvimento do presidente da Câmara, Eduardo Cunha, em escândalos próprios. Nouchi não pede desculpas, como sugerem alguns. O que o ombudsman cobra é um editorial mais parecido com o dos outros veículos, capaz de mostrar por inteiro o fundo do poço brasileiro.

As mesmas críticas generalizadas às instituições políticas brasileiras estão no editorial mais recente, publicado pelo americano "The Miami Herald". "Os brasileiros não devem se distrair. O crime que trouxe o país abaixo é roubo por parte de quem ocupa cargos públicos. Que sigam atrás dos bandidos e deixem para os eleitores o destino de políticos incompetentes." Para os editorialistas, a incompetente é Dilma, e bandidos, os políticos envolvidos em corrupção.

Há também uma série de manifestações avulsas de opinião. Dentre as mais populares dos blogueiros governistas está a entrevista concedida pelo jornalista americano Glenn Greenwald a Christiane Amanpour, da CNN. Greenwald, que vive no Brasil e é casado com o autor do artigo do "Guardian", é também um premiado e respeitado jornalista que se especializou na difícil relação entre direitos civis e tecnologias digitais. Nas redes sociais, é um crítico contumaz da solução do impeachment. À CNN, disse que "plutocratas veem agora uma chance de se livrar do PT por meios antidemocráticos." Cita, como contexto, o extenso envolvimento de inúmeros deputados, a começar pelo presidente da Câmara, com escândalos de corrupção. Mas, mesmo quando questionado diretamente por Amanpour, evitou o termo "golpe".

A análise mais favorável à presidente foi assinada pelo correspondente da principal revista de língua alemã, a "Der Spiegel", e publicada em seu site. Jens Glüsing é o único a criticar a Operação Lava-Jato, de acordo com uma versão traduzida, afirmando que "o sucesso subiu à cabeça (do juiz Sérgio Moro)". Ele atribuiu "aos partidários de Lula" a advertência de que se prepara "um golpe frio contra a democracia brasileira".

No principal jornal espanhol, "El País", seu antigo correspondente e ainda colaborador no Brasil, Juan Arias, também escreveu uma análise. "Aquilo que para o governo e seus seguidores no PT é visto como um Golpe, para a oposição parece uma oportunidade de mudança de rumo político após 13 anos de poder." Arias ressalta que Eduardo Cunha está envolvido em escândalos de corrupção, observa que há polarização política cada vez mais aguda, mas, em momento algum, endossa a versão do governo. Esta é a opinião do PT e pronto, não que a oposição seja inocente.

A cobertura estrangeira é boa, é detalhista, com muita frequência põe o dedo em nossas feridas mais abertas. Nenhum dos editoriais de grandes veículos é superficial. Todos veem a estrutura política brasileira derretendo. E nenhum compra a ideia de que há um golpe em curso.

Fonte: <<https://oglobo.globo.com/brasil/artigo-imprensa-estrangeira-nao-ve-golpe-por-pedro-doria-19165357>>. Acesso em: 17dez. 2016.

ANEXO AC – A razão real que os inimigos de Dilma Rousseff querem seu impeachment

Corrupção é só um pretexto para os ricos e poderosos que falharam em derrotá-la nas eleições

Fri 22 Apr 2016 18.38 BST

A história da crise política no Brasil, e a mudança rápida da perspectiva global em torno dela, começa pela sua mídia nacional. A imprensa e as emissoras de TV dominantes no país estão nas mãos de um pequeno grupo de famílias, entre as mais ricas do Brasil, e são claramente conservadoras. Por décadas, esses meios de comunicação têm sido usados em favor dos ricos brasileiros, assegurando que a grande desigualdade social (e a irregularidade política que a causa) permanecesse a mesma.

Aliás, a maioria dos grandes grupos de mídia atuais – que aparentam ser respeitáveis para quem é de fora – apoiaram o golpe militar de 1964 que trouxe duas décadas de uma ditadura de direita e enriqueceu ainda mais as oligarquias do país. Esse evento histórico chave ainda joga uma sombra sobre a identidade e política do país. Essas corporações – lideradas pelos múltiplos braços midiáticos das Organizações Globo – anunciaram o golpe como um ataque nobre à corrupção de um governo progressista democraticamente eleito. Soa familiar?

Por um ano, esses mesmos grupos midiáticos têm vendido uma narrativa atraente: uma população insatisfeita, impulsionada pela fúria contra um governo corrupto, se organiza e demanda a derrubada da primeira presidente mulher do Brasil, Dilma Rousseff, e do Partido dos Trabalhadores (PT). O mundo viu inúmeras imagens de grandes multidões protestando nas ruas, uma visão sempre inspiradora.

Mas o que muitos fora do Brasil não viram foi que a mídia plutocrática do país gastou meses incitando esses protestos (enquanto pretendia apenas “cobri-los”). Os manifestantes não representavam nem de longe a população do Brasil. Ao contrário, eles eram desproporcionalmente brancos e ricos: as mesmas pessoas que se opuseram ao PT e seus programas de combate à pobreza por duas décadas.

Aos poucos, o resto do mundo começou a ver além da caricatura simples e bidimensional criada pela imprensa local, e a reconhecer quem obterá o poder uma vez que Rousseff seja derrubada. Agora tornou-se claro que a corrupção não é a razão de todo o esforço para retirar do cargo a presidente reeleita do Brasil; na verdade, a corrupção é apenas o pretexto.

O partido de Dilma, de centro-esquerda, conseguiu a presidência pela primeira vez em 2002, quando seu antecessor, Lula da Silva, obteve uma vitória espetacular. Graças a sua popularidade e carisma, e reforçada pela grande expansão econômica do Brasil durante seu mandato na presidência, o PT ganhou quatro eleições presidenciais seguidas – incluindo a vitória de Dilma em 2010 e, apenas 18 meses atrás, sua reeleição com 54 milhões de votos.

A elite do país e seus grupos midiáticos fracassaram, várias vezes, em seus esforços para derrotar o partido nas urnas. Mas plutocratas não são conhecidos por aceitarem a derrota de forma gentil, ou por jogarem de acordo com as regras. O que foram incapazes de conseguir democraticamente, eles agora estão tentando alcançar de maneira antidemocrática: agrupando uma mistura bizarra de políticos – evangélicos extremistas, apoiadores da extrema direita que defendem a volta do regime militar, figuras dos bastidores sem ideologia alguma – para simplesmente derrubarem ela do cargo.

Inclusive, aqueles liderando a campanha pelo impeachment dela e os que estão na linha sucessória do poder – principalmente o inelegível Presidente da Câmara Eduardo Cunha – estão bem mais envolvidos em escândalos de corrupção do que ela. Cunha foi pego ano passado com milhões de dólares de subornos em contas secretas na Suíça, logo depois de ter mentido ao negar no Congresso que tivesse contas no exterior. Cunha também aparece no Panamá Papers, com provas de que agiu para esconder seus milhões ilícitos em paraísos fiscais para não ser detectado e evitar responsabilidades fiscais.

É impossível marchar de forma convincente atrás de um banner de “contra a corrupção” e “democracia” quando simultaneamente se trabalha para instalar no poder algumas das figuras políticas mais corruptas e antipáticas do país. Palavras não podem descrever o surrealismo de assistir a votação no Congresso do pedido de impeachment para o senado, enquanto um membro evidentemente corrupto após o outro se endereçava a Cunha, proclamando com uma expressão séria que votavam pela remoção de Dilma por causa da raiva que sentiam da corrupção.

Como o The Guardian reportou: “Sim, votou Paulo Maluf, que está na lista vermelha da Interpol por conspiração. Sim, votou Nilton Capixaba, que é acusado de lavagem de dinheiro. ‘Pelo amor de Deus, sim!’ declarou Silas Câmara, que está sob investigação por forjar documentos e por desvio de dinheiro público.”

Mas esses políticos abusaram da situação. Nem os mais poderosos do Brasil podem convencer o mundo de que o impeachment de Dilma é sobre combater a corrupção – seu esquema iria dar mais poder a políticos cujos escândalos próprios destruiriam qualquer carreira em uma democracia saudável.

Um artigo do New York Times da semana passada reportou que “60% dos 594 membros do Congresso brasileiro” – aqueles votando para a cassação de Dilma- “enfrentam sérias acusações como suborno, fraude eleitoral, desmatamento ilegal, sequestro e homicídio”. Por contraste, disse o artigo, Rousseff “é uma espécie rara entre as principais figuras políticas do Brasil: Ela não foi acusada de roubar para si mesma”.

O chocante espetáculo da Câmara dos Deputados televisionado domingo passado recebeu atenção mundial devido a algumas repulsivas (e reveladoras) afirmações dos defensores do impeachment. Um deles, o proeminente congressista de direita Jair Bolsonaro – que muitos esperam que concorra à presidência e em pesquisas recentes é o candidato líder entre os brasileiros mais ricos – disse que estava votando em homenagem a um coronel que violou os direitos humanos durante a ditadura militar e que foi um dos torturadores responsáveis por Dilma. Seu filho, Eduardo, orgulhosamente dedicou o voto aos “militares de 64” – aqueles que lideraram o golpe.

Até agora, os brasileiros têm direcionando sua atenção exclusivamente para Rousseff, que está profundamente impopular devido a grave recessão atual do país. Ninguém sabe como os brasileiros, especialmente as classes mais pobres e trabalhadoras, irão reagir quando verem seu novo chefe de estado recém-instalado: um vice-presidente pró-negócios, sem identidade e manchado de corrupção que, segundo as pesquisas mostram, a maioria dos brasileiros também querem que seja cassado.

O mais instável de tudo, é que muitos – incluindo os promotores e investigadores que tem promovido a varredura da corrupção – temem que o real plano por trás do impeachment de Rousseff é botar um fim nas investigações em andamento, assim protegendo a corrupção, invés de puni-la. Há um risco real de que uma vez que ela seja cassada, a mídia brasileira não irá mais se focar na corrupção, o interesse público irá se desmanchar, e as novas facções de Brasília no poder estarão hábeis para explorar o apoio da maioria do Congresso para paralisar as investigações e se protegerem.

Por fim, as elites políticas e a mídia do Brasil têm brincado com os mecanismos da democracia. Isso é um jogo imprevisível e perigoso para se jogar em qualquer lugar, porém mais ainda em uma democracia tão jovem com uma história recente de instabilidade política e tirania, e onde milhões estão furiosos com a crise econômica que enfrentam.

Fonte: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2016/apr/22/razao-real-que-os-inimigos-de-dilma-rousseff-querem-seu-impeachment>>. Acesso em: 27 dez. 2018.

ANEXO AD – A Copa pode ser a bala de prata da oposição em 2014?

Domingo, 15 de Dezembro de 2013

Por Antônio Lassance - Carta Maior

Em junho de 2014, quando for dado o pontapé inicial da Copa do Mundo de futebol, os protestos que incendiaram as cidades em 2013 terão completado um ano. Até lá, duas perguntas ficarão no ar. A primeira é se as respostas dadas às Jornadas de Junho terão sido satisfatórias para evitar uma nova onda de manifestações de rua de grandes dimensões. A segunda é em que medida, caso ocorram tais manifestações, elas terão alguma influência nas eleições de 2014 – e em que direção.

No primeiro semestre, a principal aposta da oposição tradicional (PSDB-DEM) e da neo-oposição (PSB) é em torno de uma piora das contas públicas; de um repique inflacionário; de novos indicadores de baixo crescimento do PIB; e de saldos negativos na balança comercial. O coroamento do resumo da ópera seria um rebaixamento do Brasil na avaliação das agências de avaliação de risco, as famigeradas.

A copa promove quase que uma pausa, um suspense entre o primeiro semestre e as eleições. Em meio à torcida, à festa e, eventualmente, à decepção com os resultados dos jogos, a campanha só engrena mesmo a partir de agosto e pega fogo em setembro.

Será preciso uma tragédia na Copa para que ela se torne uma bala de prata, o tiro certo e mortal capaz de desmoralizar e abater a candidatura que, por enquanto, se apresenta como favorita.

A carga dramática de um eventual problema pode ser elevada por uma cobertura midiática deturpada, o que ocorre em dez em cada dez eleições. O fiel da balança será o papel da internet. Nas eleições de 2014, ela será muito mais importante do que foi em 2010. Se o debate na internet não for empunhado por um ativismo político formado e informado, dedicado a discutir e defender as políticas de promoção da igualdade, haverá um retrocesso patrocinado pelos curtidores de fofoca e pela direita cujo esporte predileto é disseminar o ódio. Se não houver uma blogosfera convincente e convencida a defender os avanços conquistados a duras penas, e pronta para desmascarar armações, qualquer bolinha de papel poderá ser transformada em um grande atentado.

Na "operação de guerra" a ser montada pelos governos para a Copa, o efetivo policial será mais ostensivo. As férias escolares serão antecipadas e o serviço público funcionará em horário diferenciado. Com isso, as ruas serão deliberadamente esvaziadas, e os locais dos jogos serão cirurgicamente isolados. As maiores aglomerações se darão em praças, praias e outros locais públicos, com os telões e uma multidão interessada em ver os jogos e espantar confusões.

Os mascarados não terão a mesma facilidade para agir que tiveram em 2013. Não serão recebidos com a mesma benevolência de quando ainda eram uma novidade nas ruas. Em 2014, é mais arriscado que apanhem do povo do que da polícia, tal o grau de rejeição que fizeram cultivar contra si próprios com os espetáculos de quebra-quebra.

Os problemas de mobilidade urbana continuarão existindo, mas, possivelmente, durante a Copa eles serão menos visíveis. Os aeroportos e as companhias aéreas provavelmente estarão tinindo em junho e julho - depois, voltarão a apresentar seus conhecidos problemas. É como a casa que fica mais arrumada quando recebe visita.

O que deve ocorrer, em 2014, é o que passou a prevalecer após as Jornadas de Junho. Manifestações em menor escala, puxadas por categorias organizadas de trabalhadores ou organizações dos movimentos sociais, com lideranças claras, visíveis, e reivindicações pontuais. Mesmo com menos gente na rua, essas manifestações têm sido capazes de obstruir vias, ocupar as sedes de poderes públicos e desmoralizar aqueles que, eleitos, preferem agenciar negócios a defender serviços públicos. São mobilizações com começo, meio e fim.

O momento mais propício a novas reivindicações, a rigor, é maio, mês de data-base dos contratos coletivos de trabalho de muitas categorias, antecipadamente à montagem dos esquemas de segurança para a Copa e ao clima de festa e de esvaziamento das ruas.

Um outro fator ajudará bastante. A imagem do país estará em jogo; o orgulho nacional, em campo. Ninguém quer dar asas, debaixo de nossos próprios narizes, ao complexo de vira-latas que acha que por aqui nada presta, nada funciona, e que o Brasil está sempre fadado a dar vexame diante do mundo. Ninguém quer ver turistas intimidados ou espremidos em um corredor polonês, com manifestantes, de um lado, e a polícia, de outro. Todos torcem para que a Copa termine sem mortos, sem feridos e sem cheiro de gás lacrimogêneo.

A percepção dos brasileiros sobre a Copa, conforme aferida em pesquisas, mudou muito. Inicialmente, a conquista do governo Lula de trazer o campeonato mundial para o Brasil havia sido motivo de alegria, saudada efusivamente por um povo que é apaixonado por futebol. Neste ano, com os protestos, o jogo virou. A Copa passou a ser vista com um misto de incompreensão, frustração e revolta. Quase um presente de grego. Apesar da importância inegável do evento - do contrário, essa indicação não seria disputada a tapa por muitos países -, até o momento, não se conseguiu mostrar que fazer uma copa vale a pena para qualquer país sede. Mais do que as seleções, é isso que estará em jogo em 2014. Parece um mero problema de comunicação, mas não é.

O país certamente mudou para melhor, na última década. O problema é justamente a sensação generalizada de que as coisas ainda estão pela metade. A Copa e seu símbolo maior, os estádios, apenas fizeram aflorar esse sentimento.

O Brasil tem mantido uma trajetória de crescimento com redução das desigualdades, o que é um grande feito, mas, ultimamente, o ritmo de ambos tem diminuído. O país irá para a primeira eleição com a vigência plena da lei da Ficha Limpa; no entanto, terá ainda uma legião de candidatos fichas suja desfilando, impunes. O STF provavelmente decidirá pela inconstitucionalidade do financiamento de empresas a campanhas eleitorais, mas dificilmente isso já valerá para as eleições do ano que vem. O Congresso acabou com o voto secreto, mas apenas em parte.

O País tem um piso salarial nacional para os professores, mas a maioria dos municípios não paga esse valor. Temos uma importante Lei Maria da Penha, mas a violência contra a mulher ainda é epidêmica. Permite-se a união entre pessoas do mesmo sexo, mas a homofobia está cada vez mais agressiva. Temos uma presidenta mulher, mas menos de 10% do Congresso Nacional são deputadas ou senadoras. Reduzimos a miséria com grande velocidade, mas ainda somos extremamente desiguais. Enfim, o país ainda é uma grande obra social inacabada.

Depois da vertiginosa mudança social ocorrida no país durante a última década, a maior transformação experimentada durante a presidência Dilma foi na própria cidadania política. Houve um salto no grau de exigência política dos brasileiros em relação ao que se espera do Estado e na forma como as pessoas encaram seus representantes. Essa é a mudança mais relevante de todas, o que torna a campanha de 2014 mais difícil para o governo, mas também para aquela oposição esquelética em propostas e ávida, como sempre, por uma simples bala de prata.

Fonte: <<http://www.conexaojornalismo.com.br/todas-as-noticias/a-copa-pode-ser-a-bala-de-prata-da-oposicao-em-0-20383>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

ANEXO AE – A Copa ressuscitou nosso complexo de vira-lata. Freud explica?

19 fev às 09h02

O complexo de vira-lata – diagnosticado por Nelson Rodrigues após a derrota do Brasil na Copa de 1950 – é uma doença que espreita nas reentrâncias da alma nacional.

Ela vai e volta, ao sabor dos nossos humores ocasionais. Desconfio que estamos mergulhando, a propósito desta Copa, no mais fundo abismo da nossa autoestima. Quer dizer, da falta dela.

Pior talvez do que no pós-Maracanazo.

Leio na pesquisa da CNT que três em quatro brasileiros reprovam os investimentos feitos para a Copa-14. O jeito que eu tenho de ler isso é, digamos, mais pedestre: $\frac{3}{4}$ dos brasileiros acham que gastar dinheiro com esse evento futebolístico, ainda que com tal exposição internacional, com tamanha repercussão turística e institucional, é um desperdício.

Não fica bem falar bem da Copa. Ficou bacana falar mal dela. As pessoas enchem a boca e vaticinam: “Vai ser um desastre”. Aplaudem-se desde já a promessa de muitos protestos.

Vejo por trás disso não a compreensiva racionalidade de quem prefere ver o dinheiro investido em outras áreas mas o pânico pueril, inconsciente, de quem teme que a gente vá fazer feio aos olhos do mundo.

Nós temos é vergonha de nós mesmos. Medo da opinião do outro. Medo do fracasso.

Como se fôssemos um país de incapazes. Como se os estádios corressem o risco de desabar sobre nossas cabeças – e a dos ilustres visitantes. Como se a Copa será fatalmente o atestado público, com o mundo por testemunha, de nossa corrupção, de nossas mazelas, de nossa incompetência.

O brasileiro – a maioria dos brasileiros, diz a pesquisa CNT – se refugiou no consolo prévio e covarde do “mas eu não disse?”

A Alemanha fez a Copa e aí a gente diz, humilhado, de cabeça baixa: “Mas são alemães, né mesmo?”

É, mas o México fez a Copa duas vezes, a Argentina, o Uruguai, a África do Sul. Somos assim tão mais miseráveis do que eles?

Há muito o que fazer no Brasil no que diz respeito às urgências da população. Saúde, educação, segurança, transportes, infraestrutura – a lista é enorme.

Mas a Copa é para ser apenas um momento de prazer – mesmo que, no gramado, a gente venha a perdê-la.

Quer dizer que a garotada não vai mais poder se divertir um show de rock ou de funk só porque é ruim a qualidade da escola que frequenta? Cancelamos o carnaval porque tem gente sem moradia? Vamos parar de festejar, de abraçar, de beijar, de fazer sexo enquanto os equipamentos hospitalares forem insuficientes?

Insisto: os problemas existem, e são graves, mas a Copa virou pretexto para aqueles que querem misturar covardia com baixo astral. São os black blocs da infelicidade coletiva.

Tem ainda a questão: mas a Fifa está faturando uma fortuna. Acontece que o show da bola é o espetáculo de que mais gostamos (ou gostávamos?). Empresários cobram. A Fifa cobra.

O mundo aguarda ansioso a Copa do Brasil. A imprensa internacional já está mobilizada para o grande evento. Leio nos jornais ingleses, franceses, portugueses, reportagens carinhosas, cheias de entusiasmo.

Só o Brasil odeia a Copa do Brasil. Nem Freud explica.

Fonte: <<http://noticias.r7.com/blogs/nirlando-beirao/2014/02/19/a-copa-ressuscitou-nosso-complexo-de-vira-lata-freud-explica/>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

ANEXO AF – Coluna do Ricardo Gomyde: “Abaixo o complexo de vira-lata e a fracassomania na Copa do Mundo!”

Por Esmael Morais

Ricardo Gomyde, em sua coluna deste sábado, mergulha nas obras do dramaturgo e jornalista Nelson Rodrigues para explicar o “complexo de vira-latas” daqueles brasileiros que são contra a realização da Copa do Mundo e que não acreditam na capacidade de realização do Brasil; “Parecemos retomar a “fracassomania” já presente em outros períodos de nossa história”, observa o colunista, que destaca as maravilhas que o campeonato de futebol deixará ao país como legado em todas as áreas; segundo ele, que prevê 80% de apoio dos brasileiros até junho, a transparência cada vez maior será o grande legado do megaevento mundial; leia o texto.

Já disse aqui uma vez e reitero. Ainda há em nosso país um grupo que o fantasma de Nelson Rodrigues continua a assombrar: o dos que não acreditam no Brasil. E vemos agora ecoar mais uma vez em certos segmentos de nossa população o complexo de vira-lata de que falou o cronista. E isso vem justamente na esteira de uma grande oportunidade de sediarmos a 20^a Copa do Mundo, um megaevento disputado pelos países desenvolvidos, motor de desenvolvimento e, sem nenhuma dúvida, farol de projeção geopolítica.

Realizamos obras mais difíceis e importantes que uma Copa, e já fizemos uma em 1950, porém a de 2014 parece objeto preferencial de um derrotismo de várias inspirações. Parecemos retomar a fracassomania!• já presente em outros períodos de nossa história.

Com todas as nossas deficiências e deformidades históricas!“ e vale destacar que nenhuma delas foi introduzida ou agravada pela Copa !“, seremos capazes de usufruir os resultados benéficos de um evento que gera desenvolvimento em todos os campos.

Vejam: a Copa inova ou acelera obras de infraestrutura para usufruto perene do povo; traz turistas; melhorias da segurança e telecomunicações; empregos; aumento capilarizado de negócios; e conseqüente incremento do PIB (só na Copa das Confederações foi de R\$ 9,7 bilhões e a projeção para a Copa do Mundo é de R\$ 30 bilhões). Também reforça ou introduz em grau inédito mecanismos de transparência e escrutínio dos gastos públicos. Está na rede para quem quiser acompanhar e cobrar! E isso deve ser colocado na conta do legado sim!

O retumbante sucesso popular da Copa das Confederações, com estádios lotados e a torcida cantando com fervor o hino nacional, foi uma prévia da jornada de 2014. Por tudo isso não me surpreende que nada menos que dois terços dos brasileiros, segundo a última pesquisa do Datafolha, ainda apoiam a realização do torneio !“ e pelo andar da carruagem, tenho certeza que esse índice voltará a próximo de 80% vigente antes da onda revisora das manifestações de junho.

A apropriação da natureza lúdica da competição pelo povo fala mais alto que qualquer tentativa seletiva de politizar nossas antigas deficiências e deformidades que alguns tentam relacionar ao futebol. Ao final, ficará demonstrado que o Brasil sabe realizar uma Copa do Mundo tanto quanto ganhá-la.

Fonte: <<https://www.esmaelmorais.com.br/2014/04/coluna-do-ricardo-gomyde-abaixo-o-complexo-de-vira-lata-e-a-fracassomania-na-copa-do-mundo/>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

ANEXO AG – Abílio Diniz: “Brasil deu atestado de sua capacidade” e “é maior que seus problemas”

POR AGÊNCIA BRASIL EM MERCADOS 07 JUL, 2014 10H59

O empresário Abílio Diniz, um dos principais homens de negócios do País, que comandou o Pão de Açúcar e hoje preside a Brasil Foods, avalia que a realização da Copa de 2014 serviu para enterrar de vez o complexo de vira-latas.

“Muitos duvidavam da nossa capacidade de promover um espetáculo tão vibrante e emocionante, que acabou se transformando num atestado ao mundo e a nós mesmos da nossa capacidade de organização e realização. Mais importante ainda, esta Copa deixa a lição de que o Brasil é maior do que os seus próprios problemas”, disse ele em artigo intitulado “As lições da Copa”.

Quanto as chances da Seleção levar essa taça, lamenta a ausência de Neymar, mas afirma que ainda estamos no páreo: “Claro que o nosso maior craque vai fazer muita falta, mas temos jogadores para enfrentar os dois adversários que restam de igual para igual. Jogamos mal até agora, o que nos coloca em aparente inferioridade. Mas isso não é verdade. Temos recursos para vencê-los”.

Fonte: <<https://www.infomoney.com.br/mercados/noticia/3443079/abilio-diniz-brasil-deu-atestado-sua-capacidade-maior-que-seus>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

ANEXO AH – Com Temer, voltou o ‘complexo de vira-latas’ do Brasil, diz Lula

10/06/2016 20h43

Em discurso para mais de 100 mil pessoas na Paulista, em SP, o ex-presidente voltou a condenar as tentativas de criminalização do PT. Ele criticou duramente o golpista Michel Temer

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva participou, na noite desta sexta-feira (10), de ato em defesa da democracia, contra o golpe e pela volta da presidenta Dilma Rousseff em São Paulo, na Avenida Paulista. Para mais de 100 mil pessoas, Lula condenou o governo golpista de Michel Temer e afirmou que, com José Serra no Ministério das Relações Exteriores, o País retomou o “complexo de vira-latas”.

“Eu vi uma entrevista do Serra no Roda Viva. Voltou o complexo de vira-latas. O ministro Serra reconheceu que o Brasil não pode se meter nas coisas de países grandes, nós temos que reconhecer o nosso lugar. A gente não é respeitado porque é rico, grande, tem bomba atômica... Os EUA seriam muito mais respeitado se fossem generosos com o resto do mundo. Para andar de cabeça erguida a gente não tem que ser melhor ou pior, tem que ser igual”, disse.

“Essa gente que está lá (no governo Temer) aprendeu a ser serviçal, a abaixar a cabeça para aqueles que colonizaram a gente ao longo do tempo. Nós temos que levantar a cabeça e dizer: nós somos brasileiros, temos orgulho disso e nós vamos fazer deste país uma grande potência”, completou o ex-presidente.

Durante o ato, o ex-presidente voltou a condenar as tentativas de criminalização do Partido dos Trabalhadores e também se disse “cansado” de ver acusações contra ele e sua família. “Eu não perdo a atitude de vazamento ilícito de conversas minhas com ninguém”, falou, ao denunciar um “conluio de setores do Ministério Público, da Polícia Federal e da mídia tradicional”.

“Quem não morreu de fome até os 5 anos de idade, não tem medo de ameaças neste País”, continuou.

Lula ainda enviou um recado ao presidente interino e golpista Michel Temer: “Você sabe que não agiu correto assumindo a Presidência interinamente, por favor permita que o povo retome o poder da Dilma e participe das eleições em 2018”.

O ex-presidente exaltou a luta dos estudantes que estão ocupando escolas, as mulheres contra a cultura do estupro e os artistas em defesa do Ministério da Cultura. “(É preciso) Lutar para que o governo reconheça que não pode existir democracia se não houver um ministério das Mulheres”. “Não entendem de educação, não entendem de esporte e não entendem de cultura”, disse Lula sobre o governo golpista de Temer.

“Se a solução desse país fosse diminuir ministério, era melhor diminuir o da Fazenda, do Planejamento e deixar os ministérios que cuidam de gente, de velhos, de mulheres e de homens”, afirmou. “Eles têm medo dos bancos e empresas públicas porque não sabem governar. Eles só sabem privatizar”.

Para Lula, não existe maior demonstração do golpe dentro do golpe do que aconteceu depois que a presidenta Dilma foi afastada. “O Temer não agiu como interino, ele assumiu como se fosse e com a mesma liberdade, autonomia e autoridade que Fidel Castro em Havana. O Fidel tinha autoridade, tinha feito a revolução e tinha votos. Temer não”.

Da Redação da Agência PT de Notícias

ANEXO AI – A nação ressentida

POR RENATO ESSENFELDER

13/06/2014, 14h36

Começou a Copa e o que mais ouço e leio é: “esquerda”, “direita”, “coxinha”, “petralha”. Quem, afinal, está em campo?

Começou a Copa e o que mais ouço falar não é “Neymar”, “Oscar”, “Marcelo”, “Felipão”.

O que mais ouço e leio é: “esquerda”, “direita”, “coxinha”, “petralha”.

Quem, afinal, está em campo?

Nunca fui grande fã de futebol – casa de ferreiro, espeto de pau – e isso nunca incomodou ninguém, muito menos a mim. Na quinta-feira mesmo eu perguntava aos amigos: mas a que horas vai ser o jogo? É hoje? Riam de mim: inocente.

Até aí, nada. Claro que quis ver a abertura da Copa no meu país e, vendo, torci. Mas nunca fui grande fã de futebol, repito, e, se me fosse dado voto, eu votaria contra a realização da Copa no Brasil, por simples matemática de custos e benefícios considerando todas as promessas não cumpridas, a começar pelo não uso de recursos públicos nos estádios.

Os jogos são bons, mas, depois de 90 minutos, acabam.

Nunca fui grande fã de futebol e não me entusiasmo tanto com esta Copa. Até aí, ok também. Eu me entusiasmo com coisas ridículas, como capas de livros e avistamentos de alienígenas, então não pretendo ter moral para colocar minhas paixões acima das alheias.

O problema é que isso me tornou tucano, nos últimos dias. Não saber horário de jogo é tucanagem, não querer botar dinheiro em ingresso é tucanagem, querer que a Copa vá pra Austrália é tucanagem.

Preferir cinema a futebol é “complexo de vira-lata”. Como se o futebol definisse quem sou ou somos.

E meus amigos loucos por futebol? Todos tornaram-se petistas. Querer vestir a família inteira com a bonita camisa da Seleção é petismo, pendurar bandeiras é petismo, gritar como louco na rua é petismo.

Este é o pior jogo de todos. O Fla-Flu partidário, ignorante e mesquinho, que não deixa quem gosta de futebol curtir o seu futebol e não deixa quem não gosta de futebol curtir o seu filminho. Viramos uma nação de mutleys e rabugentos que reclamam quando faz sol, reclamam quando faz frio, reclamam quando não faz nem sol nem frio.

E torcem, o tempo todo, para que os outros quebrem a cara. Uma nação ressentida e autossabotadora. A pátria do coito interrompido.

A nação do “eu avisei que ia dar merda”.

Mas e se não der?

Precisamos ter um plano B. Não para o caso de dar tudo errado, mas para o caso de dar tudo certo.

ANEXO AJ – Dilma: não se pode ter vergonha de ser patriota

Portal Vermelho Dia: 20/09/2009 às 11:08:23
Política

Em entrevista à Folha de S. Paulo, a ministra diz que quem defende mercado como solução para tudo está "contra a realidade". Para Dilma, não há nenhum problema no fato do governo ser apontado como nacionalista e estatizante. "Esse país não pode ter vergonha mais de ser patriota. Eu não vi um americano ter vergonha de ser patriota, nunca vi um francês. Que história é essa de nacionalista ser xingamento?", afirmou a ministra.

A ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, disse na entrevista ao jornalista Valdo Cruz que o Estado mínimo é "tese falida": "Ninguém aplica, só os tupiniquins". Para Dilma, quem defende que o mercado resolve tudo "está contra a corrente" e "contra a realidade".

Principal auxiliar do presidente Lula, escolhida por ele para ser a candidata à sua sucessão, Dilma sai em defesa do chefe diante das críticas de que ele adotou uma política "intervencionista". "Os empresários podem falar o que quiserem, que é democrático. O presidente da República não pode dar uma opiniãozinha que é intervencionista. Diríamos assim, não é justo", protestou Dilma, que rebateu acusações de ação eleitoreira.

Bem-humorada, a ministra afirmou não aceitar a pecha de "intervencionista", mas não escondeu o sorriso ao dizer que "aceita" e "concorda" que o governo Lula seja classificado de nacionalista e estatizante.

"Esse país não pode ter vergonha mais de ser patriota" ou "que história é essa de nacionalista ser xingamento?" foram algumas de suas frases, sinalizando o tom que os petistas devem usar na disputa de 2010. Apesar de refutar a classificação de intervencionista, ela, a exemplo de Lula, cobra da Vale, uma empresa privatizada, maior compromisso com o país. "É uma empresa privada delicada", que não pode sair por aí "explorando recursos naturais do país e não devolver nada". Dilma disse ainda que tem certeza de estar curada do câncer e espera o cabelo "crescer um pouquinho" para deixar a peruca. Para ela, o caso envolvendo a ex-secretária da Receita Lina Vieira está encerrado.

Veja abaixo a íntegra da entrevista:

FOLHA - O ex-presidente FHC disse que é preciso fazer um país mais aberto, não ter uma pessoa só que manda, porque hoje parece que o Brasil depende de um homem só. O que a sra. acha?

DILMA ROUSSEFF - A quem ele está se referindo?

FOLHA - Ao presidente Lula.

DILMA - Se você acha isso, eu não tenho certeza. Se tem um presidente democrático, é o presidente Lula. Agora, ele jamais abrirá mão de suas obrigações. Entre as obrigações está mandar algumas coisas. Por exemplo, fazer o Bolsa Família. Ele mandou que não fizessemos aventura nenhuma com a taxa de inflação.

FOLHA - A declaração de FHC embute a análise de que no governo Lula houve uma maior intervenção na economia, nas estatais, na vida das empresas.

DILMA - Tinha gente torcendo para ficarmos de braços cruzados na crise. Diziam: "o governo Lula sempre deu certo, mas nunca enfrentou uma crise internacional". Apareceu a maior crise dos últimos tempos, que estamos superando. Eu acho que quem defendia que o mercado solucionava tudo, o mercado provê, é capaz de legislar e garantir, está contra a corrente e contra a realidade. O que se viu no mundo nos últimos tempos é que a tese do Estado mínimo é uma tese falida, ninguém aplica, só os tupiniquins. Nós somos extremamente a favor do Estado que induz o crescimento, o desenvolvimento, que planeja.

FOLHA - Pela declaração do ex-presidente, a sra. avalia que eles não teriam seguido a mesma receita de vocês nessa crise?

DILMA - Eu não gosto de polemizar com um presidente, porque ele tem outro patamar. Agora, os que apostam e ficam numa discussão, que, além de enfadonha, é estéril, de que há uma oposição entre iniciativa privada e governo, gostam de discussão fundamentalista. É primário ficar nessa discussão de que o governo, para não ser chamado de intervencionista, seja um governo omissivo, de braços

cruzados, que não se interessa por resolver as questões da pobreza nem do desenvolvimento econômico.

FOLHA - Essa maior interferência do governo não levou a uma visão estatizante da economia e a um discurso eleitoreiro, como no pré-sal?

DILMA - As acusações são eleitoreiro, estatizante, intervencionista e nacionalista. Tem algumas que a gente aceita. Nacionalista a gente aceita. Esse país não pode ter vergonha mais de ser patriota. Eu não vi um americano ter vergonha de ser patriota, nunca vi um francês. Que história é essa de nacionalista ser xingamento?

FOLHA - Nacionalista vocês aceitam. E estatizante?

DILMA - Se é o aumento da capacidade de planejar o país, de ter parcerias com o setor privado, de o Estado ter se tornado o indutor do desenvolvimento, concordo.

FOLHA - Intervencionista?

DILMA - Não somos.

FOLHA - Mas eleitoreiro?

DILMA - Não. Sabemos que quem não tem projeto vai achar tudo eleitoreiro.

FOLHA - Quando o presidente pressiona um dirigente de empresa privada, como Roger Agnelli, da Vale, não é uma ingerência indevida?

DILMA - Você acha certo exportar minério de ferro e importar produtos siderúrgicos? Ela é uma empresa privada delicada. Porque ela está explorando recursos naturais do Brasil. Você não pode sair por aí explorando os recursos naturais e não devolver nada. O presidente ficou chocado com empresas que demitiram bastante na crise sem ter consideração pelos empregos do país.

FOLHA - Isso representa prejuízo para uma empresa privada.

DILMA - Não se trata de prejuízo, se trata do tamanho do lucro, a mesma coisa da Petrobras. O que vale para a Petrobras vale para a Vale. A preocupação com a riqueza nacional é uma obrigação do governo. Eu não acho que o presidente foi lá interferir na Vale. O presidente manifestou, assim como muitas vezes os empresários manifestam, seu descontentamento, e não implica uma interferência, a gente tem de democraticamente aceitar as observações, ser capaz inclusive de aprender com críticas. Por que o presidente não pode falar?

FOLHA - A sra. acha que uma empresa privada tem de abrir mão de uma parte do lucro...

DILMA - Não estou discutindo isso. Estou discutindo é que ela, assim como a Petrobras, nem sempre pode. Se a Petrobras quiser o lucro dela só, vai fazer uma coisa monotônica.

FOLHA - O presidente pensou em tirar o Agnelli da Vale?

DILMA - Que eu saiba não. Ele não tem poder para isso. Como você disse, é uma empresa privada. O que ele fez foi externar seu descontentamento com a forma que demitiram gente. Ele não fez só para a Vale. Eu acho interessante essa história, os empresários podem falar o que quiserem que é democrático, o presidente não pode dar uma opiniãozinha que é intervencionista. Isso, diríamos assim, não é justo.

FOLHA - Durante o governo houve um grande processo de fusões de empresas no Brasil. Deu-se por um estímulo direto do governo Lula?

DILMA - São sinais dos tempos. Não tem nada de artificial. Ninguém falou "eu vou ali criar uma empresa fortíssima". As empresas estavam maduras. As que não se fundiram aqui compraram coisas lá fora.

FOLHA - A sra. defende um Banco Central independente, por lei?

DILMA - Não acho que seja necessário isso. Não vejo nenhum motivo para criar esse tipo de problema agora no Brasil, abrir esse tipo de discussão.

FOLHA - Quais são os pontos positivos que o governo Lula poderá apresentar durante a campanha eleitoral, em 2010?

DILMA - Eu acho que três, que vamos deixar de legado. Crescimento econômico, inflação sob controle e o fato de termos elevado à classe média milhões de brasileiros. Outro dia, o último dado dava quase 25 milhões de pessoas. Criamos uma rede de proteção para os mais pobres, fizemos uma transformação da educação básica. Tem ainda a questão das escolas técnicas, esse orgulho do presidente de ser quem mais criou universidades no Brasil. O JK criou 10, ele criou 11.

FOLHA - Duas não vinham do governo FHC?

DILMA - Tem mais três no Congresso. Tem o PAC. E tem mais uma coisa, a questão da nossa soberania, o fato de termos sido capazes, mantendo a nossa soberania, de ter uma política externa de diversificação de parceiros. O Brasil acabou com a submissão que tínhamos aos Estados Unidos, à Europa, e passou a ser um "player" internacional. E o presidente fez isso magistralmente. Essas coisas produzem, no Brasil e no governo, a respeitabilidade internacional. Eu acho que essa autoestima nós conseguimos passar para a população. Hoje nós não temos mais aquilo que o Nelson

Rodrigues chamava de complexo de vira-latas. Eu acho que o Brasil mudou. E acho que as pessoas sabem disso.

FOLHA - E os pontos negativos do governo Lula, que serão explorados pela oposição?

DILMA - Ah, se a gente tivesse mais um prazinho fazia. A gente sempre pode melhorar tudo.

FOLHA - Mas alguns pontos, como saúde, segurança...

DILMA - Eu acho que nós temos uma grande tarefa daqui para a frente. O presidente sempre fala nisso. A questão da melhoria do Estado brasileiro. Esse negócio de transformar, de criar o Estado mínimo, é uma coisa muito ineficiente. Nós tivemos, depois da década de 80, um processo de desmantelamento da máquina pública, o que implicou perda de capacidade e de engenharia.

FOLHA - A sra. acredita que esse conjunto de programas será suficiente para o presidente eleger o seu sucessor?

DILMA - Nós acertamos mais do que erramos. Olha, se aquele assessor do Clinton tinha razão, "é a economia, estúpido", eu acho que o presidente Lula tem um governo que não é só economia. É, como eu disse, o social, o nacional e o internacional. Então, acho que, pelo menos, nós deixamos um grande legado.

FOLHA - Uma plataforma para eleger o sucessor?

DILMA - Esperamos que sim, mas, se não for suficiente, é um bom legado.

FOLHA - Como principal auxiliar do presidente Lula, como definiria a mensagem de uma campanha eleitoral no ano que vem?

DILMA - Não tenho a menor ideia, porque não sou marqueteira, não tenho esse talento. Mas no dia que eu tiver clareza disso eu te conto.

FOLHA - Mas a sra. conhece todo o governo. Não estou dizendo um slogan, mas a mensagem.

DILMA - Mas eu já respondi isso, quando falei dos quatro pontos que nos distinguem. Acho que a questão do pré-sal é uma marca inequívoca nossa. Eu acho que nossas intervenções foram todas estruturantes para o país. O que eu estou querendo dizer é o seguinte: esse governo pode ou não fazer seu sucessor, eu pessoalmente espero que ele faça, agora inequivocamente ele mudou o Brasil, o de 2010 não tem nenhuma similaridade com o de 2002. Nem nas expectativas das pessoas, nos sonhos das pessoas, no que as pessoas acham que é possível ter. Até isso eu acho que é importantíssimo, nós elevamos o que as pessoas podem sonhar. Nós aumentamos as possibilidades de sonhos. Então o maior legado é essa imensa esperança de hoje que esse povo tem.

FOLHA - Candidata a presidente tem necessariamente de ser simpática e ter jogo de cintura?

DILMA - De preferência, ser simpático e ter um de jogo de cintura.

FOLHA - E não tendo essas características?

DILMA - A pessoa sofre.

FOLHA - A sra. vai sofrer?

DILMA - Eu não sei ainda. Mas a gente sempre sofre, não dá para achar que o mundo é um paraíso, que a gente vive em um mar de rosas.

FOLHA - O presidente tem falado, nos últimos dias, abertamente da sua candidatura a presidente...

DILMA - Pois é.

FOLHA - A sra. imaginou um dia disputar esse cargo?

DILMA - Se você perguntar para mim se alguma vez imaginei disputar, não. Imaginei não.

FOLHA - O que é ser candidata a presidente da República?

DILMA - Olha, [reflete por alguns segundos], eu acho que é para qualquer pessoa, brasileiro ou brasileira, é algo muito... Primeiro, honroso, a pessoa tem de se sentir muito honrada. Segundo, eu acho que é algo que o pessoal da minha geração, ela queria mudar o Brasil, o mundo, e queria um mundo mais justo, um Brasil mais avançado.

A minha geração foi contra a pobreza, a favor dos trabalhadores, a favor do desenvolvimento do país, da riqueza do Brasil. Então eu acho que o governo Lula nos deu a possibilidade de tornar isso real. Ainda no meu período de vida, porque podia ter passado por esse período e não ter se tornado realidade. Então essa experiência no governo Lula já foi avassaladora. Eu acho, para qualquer pessoa, estou falando do meu lado, do pessoal que está tocando o governo Lula, é uma honra. E, mais do que isso, é a continuidade disso que importa.

FOLHA - A sra. poder continuar isso é uma honra?

DILMA - É uma honra, é uma honra, sem sombra de dúvidas.

FOLHA - A sra. se sente preparada para isso?

DILMA - Eu não sei, porque essa, daqui para a frente, você não me pega em mais nenhuma, tá? Porque eu não vou entrar na sua, especulando sobre candidatura.

FOLHA - Mas a sra. já falou tanto sobre isso.

DILMA - Não, não vou. Não. Agora encerramos essa conversa de candidatura. A gente retomará, oportunamente, se for o caso, em 2010. Eu todas as vezes falei do ponto de vista conceitual. Isso é um assunto para ser tratado depois das convenções dos partidos, do PT.

FOLHA - Mas a sra. disse que é uma honra?

DILMA - Para todos nós será. Para todos nós, da minha geração e dos que participam do governo Lula, é uma honra. Porque tem isso no governo Lula. A gente tem esse lado, considera uma coisa muito importante.

FOLHA - A sra. teve, na infância, esse desejo de um dia ser presidente?

DILMA - Não, eu não tive não. Isso, eu acho que é mais de homem. Na minha época eu queria ser bailarina.

FOLHA - De bailarina a presidente da República.

DILMA - Não, mas é bailarina. Menina queria ser bailarina, princesa, Cinderela. Quando menina, da minha geração, queria ser bailarina, a gente gostava muito de bailarina.

FOLHA - A sra. fez exames na semana passada...

DILMA - Não, não fiz. Vou fazer, porque na semana passada, eu ia lá fazer, mas eu saí em férias e perguntei se precisava ir. Como estava em férias, tanto faz fazer numa semana, duas semanas depois. Vou fazer no final da próxima semana. Aí nós vamos fazer de fato o anúncio oficial da minha situação de saúde. Mas eu tenho absoluta certeza de que estou curada.

FOLHA - A doença mudou o comportamento da sra.?

DILMA - Muda, muda. Você dá mais importância a coisas menores. Por exemplo, você dá importância ao sol batendo nas folhas, você olha o mundo com outros olhos. Você dá importância maior para a vida. É sobretudo isso. Quer uma síntese. Dá uma imensa importância para a vida e suas manifestações. Árvores, flores, você olha mais, e dá mais importância para o mundo de uma forma mais tranquila, mais calma. Mesmo trabalhando 24 horas por dia.

FOLHA - A sra. se sente mais forte depois disso tudo?

DILMA - Fica mais forte. Foi o que eu falei no início, doente velho é um bicho muito esperto. Você fica esperto, fica mais forte.

FOLHA - Fica mais forte para qualquer desafio pela frente?

DILMA - Fica mais forte para enfrentar, porque as outras coisas não são tão desafiadoras como é a vida. A vida é mais desafiadora do que qualquer outra coisa. E tem de dar valor a isso, viver.

FOLHA - O que mudou na vaidade da sra. nesse período?

DILMA - Valoriza horrores o cabelo. Porque você perdeu, então valoriza ele, fica olhando para ele, passa a mão, olha se ele cresceu.

FOLHA - A sra. quer tirar a peruca quando?

DILMA - Eu estou esperando que ele cresça um pouquinho. Eu não posso nem dar de exemplo o cabelo de vocês, que são imensamente maiores do que o meu. O meu está muito curto. O que acontece, estou esperando ele crescer um pouquinho. A minha expectativa é essa, de que venha bem bonito, mas esse é um grande desafio.

FOLHA - Sobre a ex-secretária da Receita Federal Lina Vieira, ela afirma que se encontrou com a sra. A sra. afirma que não. O que afinal aconteceu?

DILMA - Para mim, esse episódio está encerrado.

ANEXO AK – Política externa brasileira desperta 'ciúmes', diz Lula

Fabírcia Peixoto
Da BBC Brasil em Brasília

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse nesta terça-feira que o Brasil deixou de lado o “complexo de vira-lata” no cenário internacional e que essa postura da diplomacia brasileira “gera ciúmes e inimigos”.

Em discurso durante a formatura de novos diplomatas, no Itamaraty, o presidente fez um balanço de sua política externa e rebateu críticas recebidas ao longo de seu mandato.

“Eu disse uma dia ao Celso (Amorim): você precisa tomar muito cuidado, porque o Brasil está começando a ficar importante. E quando um país fica importante, começa a gerar ciúmes e começa a arrumar inimigos”, disse o presidente.

“Aqueles que não foram capazes de fazer o que você está fazendo vão começar a ser contra. Até porque durante muito tempo nós fomos induzidos a um complexo de vira-lata. O importante era não ser ninguém”, acrescentou Lula.

O presidente descreveu, como exemplo, sua primeira participação na reunião do G8, o grupo dos países desenvolvidos. Segundo ele, todos os líderes presentes se levantaram da cadeira quando o então presidente George W. Bush entrou na sala.

“Eu falei para o Celso: eu vou ficar sentado. Ninguém levantou quando eu cheguei”, disse o presidente.

“Humildemente, o Bush nos cumprimentou e sentou conosco. Isso me marcou muito”, acrescentou. 'Humildade'

Lula disse que sua política externa já foi alvo de “muitas críticas”, sobretudo em função de sua aproximação com países com menos peso no cenário internacional, como os da África, e das concessões feitas aos países vizinhos.

“Todos vocês acompanharam como alguns queriam que eu partisse para a garganta do Evo Morales (presidente da Bolívia) e esganasse ele, quando ele disse que o gás era dele, e eu não fiz porque achei que o gás era dele mesmo”, disse o presidente.

Segundo o presidente, a diplomacia brasileira deve continuar “generosa e humilde”, mas que precisa também “defender seus interesses com orgulho”.

As declarações de Lula coincidem com a publicação de um artigo pelo jornal britânico Financial Times sobre a política externa brasileira.

O texto afirma que o jeito “carinhoso” do Brasil é um obstáculo para que o país consiga um lugar entre as grandes potências no cenário internacional, inclusive ameaçando a conquista de uma vaga permanente no Conselho de Segurança da ONU.

ANEXO AL – Lula diz que 'parte da elite tinha complexo de vira-latas' antes de seu governo

'Nós não éramos respeitados', afirmou ex-presidente durante palestra sobre a política externa brasileira nesta quinta-feira, 18, na Universidade Federal do ABC

Guilherme Waltenberg e Gustavo Porto, Agência Estado, 18/07/2013

São Paulo - O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) disse na tarde desta quinta-feira, 18, durante palestra sobre a política externa brasileira, que o Brasil ainda não era um país respeitado internacionalmente quando ele chegou à Presidência no início de 2003. "Nós não éramos respeitados. Uma parte da elite tinha complexo de vira-latas. A elite não queria disputa para ser igual (aos outros países), ela já se achava inferior", afirmou.

Uma das primeiras ações levadas a cabo por sua administração, disse, foi levar ao Fórum de Davos - que reúne anualmente líderes da economia global - a ideia de que era possível vencer a fome. "Fui a Davos no primeiro mês de mandato e disse que era possível acabar com a miséria e a fome. Exatamente o mesmo que disse no Fórum Social Mundial no mesmo ano", afirmou.

Lula narrou também um encontro que teve com o ex-presidente norte-americano George W. Bush, no início de seu governo, próximo ao início da Guerra do Iraque (2003-2011). Segundo ele, Bush buscava aliados para o conflito, que ele rechaçou dizendo que a guerra que ele iria travar na sua administração era contra a fome. "Minha guerra é contra a fome. Essa é a guerra que eu quero vencer no meu mandato. O senhor faça a sua guerra e eu faço a minha", disse Lula, narrando o que teria dito ao ex-presidente americano. Segundo Lula, o combate à fome foi priorizado desde então. "Colocamos para o mundo a questão do combate à fome".

O ex-presidente proferiu palestra intitulada "Brasil no mundo - Mudanças e Transformações", que faz parte da conferência "2003-2013: Uma nova Política Externa", realizada na Universidade Federal do ABC (UFABC).

Fonte: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,lula-diz-que-parte-da-elite-tinha-complexo-de-vira-latas-antes-de-seu-governo,1054844>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

ANEXO AM – O que diria Nelson Rodrigues sobre isso tudo?

Fora do Fla x Flu, do saudosismo justificável e do complexo de vira-latas, temos gente gabaritada refletindo (e muito) sobre o Brasil atual.

CULTURA
DE 32XSP 2 DE JUNHO DE 2014

“Isso só acontece no Brasil” e “o brasileiro tem complexo de vira-lata” são duas sentenças que se multiplicam à medida que se aproxima o pontapé inicial para a Copa no Brasil. Em tempos de rebelião virtual, de nós contra eles, de ufanismo versus derrotismo, quase sempre resumidos em 140 caracteres, tenho ouvido, também com certa frequência, perguntas sobre o que diria Nelson Rodrigues, de quem é a patente do “complexo de vira-lata”, se estivesse, com os dedos acionados e a bituca de cigarro no canto da boca, conectado hoje ao Facebook. Ele se espantaria com a indignação dos debates? E o que diria Stanislaw Ponte Preta se decidisse engordar o seu Febeapá – o Festival de Besteira que Assola o País? Que ai daria Rubem Braga à sua Copacabana em 2014? Que diria Fernando Sabino? E Otto Lara Resende?

Pode ser um exercício de elasticidade interessante para quem não se vê representado em um tempo em que fala-se de tudo, mas poucos têm algo a dizer - seja o artista que desafiou o regime com dança, voz e postura ou o centroavante que superou a dor para nos dar a glória. Mas Nelson Rodrigues não está entre nós. Imaginamos, mas não sabemos o que ele diria do novo Maracanã, da escalção do Fred e do Hulk (o apresentador e o meia-atacante), dos assentos numerados, do Messi, do coro “Não vai ter Copa” e do coro “Vai ter Copa a todo custo”. Essa é a má notícia. A boa é que não faltam pensadores ao Brasil – em que pese a sensação, inflacionada pelo eco midiático, de que “pensar” tenha se tornado uma atribuição de celebridades ou blogueiros militantes recém-saídos da fralda.

Os alentos podem estar longe da panaceia virtual, e me encontrei com um exemplo deles em tiragem analógica, quando recebi em minha mesa, dias atrás, um exemplar do Rascunho, jornal de resenhas literárias rodado em Curitiba e editado pelo escritor Rogério Pereira – sobre ele ouvi, meses atrás, de minha amiga Marsílea Gombata, após uma proveitosa entrevista na ocasião do lançamento de seu livro Na Escuridão, Amanhã: “Cara, você precisa ler esse livro. É muito foda”. (leia a entrevista AQUI)

Como sempre faço na vida, deixei o que importava para depois. E até agora não li o livro. Pelo contrario: segui a rotina, quase toda debruçada em notas de fofoca política, de diz-que-disses oficiais e repercussões eletrônicas que até divertem, mas não perturbam nem alimentam. Pensava em tudo isso – no tempo inadequado para pensar adequadamente sobre o tempo – quando abri o Rascunho no caminho de volta para casa (uma das vantagens de andar de ônibus é esta: ter tempo para ler o que postergamos durante as horas úteis). De cara fixei atenção na reportagem de capa: duas páginas inteiras de entrevista, um verdadeiro latifúndio mesmo para os padrões literários. Resultado: saí com o jornal debaixo do braço e nele fiquei durante os quase 60 minutos de viagem. Só fechei suas páginas quando era tarde e estava em casa, de pijama, com as luzes ainda acesas.

Pelo Rascunho, soube, por exemplo, da “ironia como gás lacrimogêneo” do livro O Brasil é bom, descrito como ácido relato de um período de tensões do escritor mineiro André Sant’Anna. O livro, descobri, talvez aquietasse os saudosismos literários de quem imagina que, depois dos clássicos, só houve dilúvio. É um desfile dos tipos característicos do Brasil atual: o comunista de classe média que odeia a classe C por invadir sua praia com carros de som alto; o nacionalista que culpa “o direitos humanos” pelo atraso do país; o fã de futebol que atribui o sucesso da seleção de 70 à ditadura; o que se sentencia superior por ouvir jazz e planejar uma viagem a um lugar da Indonésia que só ele conhece; o torcedor cuja terapia é transferir as frustrações para o time do coração; o pastor falso otimista em busca do dízimo”.

A sensação, ao ler a resenha de Guilherme Pavarin (obrigado, Guilherme) sobre O Brasil é bom, é que esse retrato de um país órfão de Nelson Rodrigues e companhia está, de certa forma, desenhado: faltava se conectar (ou se desconectar) a ele. “Com a ironia, abre-se, para citar Hegel, a possibilidade de mostrar que uma realidade sem valor não pode ser tomada a sério, e deve ser a todo momento invertida e pervertida. Eis o efeito que o autor busca em cada conto ao falar de um esquerdista que se sente incomodado por pobres ou de um homem que não suporta o direito do outro”, escreveu o resenhista.

Na mesma edição descubro que Socorro Aciolo, uma premiada autora de livros infantis, acabava de estreiar na literatura adulta com um romance chamado A Cabeça do Santo, um marco da literatura fantástica inspirada em uma reportagem de jornal sobre uma cabeça oca, gigantesca e inacabada de Santo Antonio, que ficava no meio da rua e servira de moradia para “um homem qualquer”. “Ao desenvolver a narrativa, decidi que esse homem teria o poder de ouvir as orações das mulheres pedindo

por casamento e que armaria uma confusão com as informações que tinha em mãos”, descreveu. Sua definição, na mesma entrevista, sobre literatura em nossos tempos é certa: “Ela nos dá o poder de sonhar, especialmente na infância. Existe também a literatura que dói e que faz enxergar a dor do outro. Nada mais necessário do que o exercício da empatia nos dias de hoje, esses tempos de egoísmos”. Resultado (2): comprei o livro.

Mais à frente caio em uma entrevista do ficcionista Godofredo de Oliveira Neto e me pego repetindo as suas respostas sobre o ofício para mim mesmo:

— O que lhe dá mais prazer no processo de escrita?

— Ler o parágrafo que acaba de ser escrito e achar que não é meu.

— Se pudesse recomendar um livro à presidenta Dilma, qual seria?

— “São Bernardo”, de Graciliano Ramos. Ela veria que Paulo Honório, o narrador, apesar de sair vitorioso como gestor de uma fazenda, é depressivo e angustiado.

— O que é um bom leitor?

— O que se deixa levar pela onda da narrativa. Daí ele vai entender que a literatura é sinônimo de liberdade, já que ela traz para o palco iluminado a ilusão consentida. Me lembrei do Nelson Rodrigues sobre o dinheiro: o dinheiro compra tudo, até amor sincero. A literatura também.

(Nelson Rodrigues, com o cigarro pendurado na boca, ri consternado em algum canto).

No dia seguinte, no caminho contrário (de novo de ônibus, de novo com o jornal-papel debaixo do braço, algo que havia tempos não fazia), chego ao trabalho um tanto desconcertado com um conto de Rogério Pereira, chamado À Espera do Pai, sobre um garoto de nove anos que anseia por uma bola de capotão como presente no Natal, mas, em vez disso, ganha uma bola preta, pequena, de borracha – o suficiente para odiar o doador, o próprio pai. “Nosso pés sofriam para dominá-la. Aos poucos, arrefecemos a sua fúria. Driblamos e a chutamos vida afora. Dói menos odiar o pai quando se está feliz”.

Sem perceber, acabava de ler uma das mais belas crônicas sobre Brasil e seu futebol – sem nem passar perto do “ame-o ou deixei-o” [sic] que parece predominar o debate padrão-Fifa dentro e fora das cidades-sede do Mundial. De certa forma, me sentia menos órfão por não ter por perto meus autores favoritos, quase todos mortos ou quase mortos, para me dar de pronto a leitura sobre esses tempos de Fla x Flu. Repetindo os que clamam por Nelson Rodrigues e companhia: “o que eles diriam sobre isso tudo?” As respostas jamais saberemos. Mas não deixa de ser um alento ver, pelas páginas de um jornal de resenhas, tanta gente disposta a refletir (e bem) sobre um período de certezas agudas e desesperanças crônicas.

ANEXO AN – Orgulho de vira-lata

Membro da Classe C torce pela seleção sabendo que Copa não é para ele

12/06/2014

Olhando bem fundo nos olhos dela, castanho-escuros, quase pretos, não se adivinha nenhum complexo. Um psicanalista poderia perceber uns laivos de histeria na insistência de latir nas chegadas e nas saídas, como se marcando sua condição de titular na casa da periferia de Osasco, na Grande São Paulo. Há também a alegria triste que assinala aqueles que pressentem a queda logo ali e talvez por isso ela se equilibre com tanto afinco em pernas de Garrincha, só que quatro. De complexo de vira-lata, porém, ela não demonstra padecer. Pantera tem 83 centímetros do rabo ao focinho e a aparência inconfundível do mais puro DNA mestiço. Parece indiferente à incongruência entre nome e coisa nomeada. É a vantagem do vira-lata. Sem identidade gravada em pedra pela tradição, pode inventar-se e reinventar-se. Até mesmo como pantera.

A vira-latíssima é considerada a quinta filha de Hustene Alves Pereira, mais conhecido no Jardim Veloso como Pankinha. É também a única mimada, porque enquanto os outros quatro amargaram os anos em que pobre era chamado de "descamisado" (Collor), depois de "excluído" (tempos de FHC), ela é a primeira da família nascida como Classe C, migração ocorrida ao longo dos dois mandatos de Lula. Com apenas cinco anos, completados em abril, essa filha da "nova classe média" chegou quase junto com a TV tela plana 42 polegadas em que a família assistirá hoje à abertura da Copa. Pankinha, o pai, torcerá pelo Brasil e enfeitou a fachada da casa com cinco bandeiras verde-amarelas. A sexta e maior de todas só será colocada se o Brasil ganhar o hexa. Está guardada numa caixa depois de ter sido emprestada a uma amiga para os protestos de junho.

Pankinha monta álbuns de recortes sobre a vida do Corinthians há 40 anos. Registra a trajetória da seleção nessa Copa desde Mano Menezes. Quase todo dia nas últimas semanas pegou carona no ônibus para comprar e trocar figurinhas na banca, já que esse sonho de menino pobre só foi realizado agora, aos 54 anos. Qualquer um poderia pensar que ele é o maior entusiasta do grande evento, mas não. Pankinha era contra uma Copa no Brasil. Preferia saúde, saneamento e educação. É aí que entra a sua interpretação particular sobre o famoso "complexo de vira-lata". Ou, como ele diz, "a minha pequena maneira de entender as coisas".

O conceito do genial cronista Nelson Rodrigues tem estado mais presente do que chicabon na boca de integrantes do atual governo, como a própria presidente, Dilma Rousseff, e o ministro Gilberto Carvalho. Para cada crítica à Copa no Brasil, parece só haver uma interpretação possível. Acredita que Manaus tem enormes carências, mas não precisa de estádio? Complexo de vira-lata. Critica atraso ou cancelamento das obras de infraestrutura? Complexo de vira-lata. Defende que o investimento teria sido mais prioritário em escolas e hospitais? Complexo de vira-lata.

A insistência em agarrar-se a um conceito brilhante, mas que reflete um momento histórico distinto do país, parece revelar o quanto o governo, assim como parte da sociedade, debatem-se numa espécie de vazio interpretativo. Impotentes para decifrar e construir sentidos que possam dar conta da enorme mudança do Brasil explicitadas nas manifestações de junho, agarram-se às opções disponíveis. A Copa, planejada para consagrar um momento glorioso da "pátria de chuteiras", o encontro entre identidade e destino, chega hoje à apoteótica abertura entregue ao acaso do jogo além do jogo. É aí que Pankinha e Pantera podem dar uma pista.

O problema de Pankinha com a Copa no Brasil é justamente o contrário: ele tem "orgulho de ser vira-lata". Levanta-se para explicar, porque momentos como esse exigem estatura completa. "Para você ver como complexo de vira-lata é uma palavra bem complexa, é preciso entender o seguinte. Eu sou um vira-lata. O brasileiro é um vira-lata. Sou tão vira-lata quanto a Pantera. Como diz muito bem o meu filho Diego, o vira-lata é uma raça forte. Assim, ser vira-lata é um orgulho nosso. E não um complexo. Alguns anos atrás eu não tinha um dente na boca, agora eu tenho dentes. Porque minha raça vira-lata cai e levanta. É esse o problema dessa Copa no Brasil: ela não é para vira-latas. E nós, os vira-latas, sabemos disso. Nós não chegaremos perto dos estádios. Então não tem nada a ver esse complexo de vira-lata. É só que nós, os vira-latas, não estaremos lá. Esse futebol não é para nós. Isso faz com que eu deixe de torcer pela seleção brasileira? Não, mas eu torço sabendo que essa Copa não é pra mim".

A fusão entre o sonho de um estádio para o Corinthians e a Copa no Brasil possivelmente tenha soado para Lula como uma consagração simbólica e política. Mas não é assim que esse vira-lata percebe o Itaquerão nesta quinta-feira de sentidos desencontrados. Futebol, para Pankinha, é da ordem do ser. O Corinthians não é apenas o seu time, mas a sua pele. Ele a veste: não tem nenhuma

roupa que não seja do Timão. Dias atrás precisou ir ao fórum e, com medo que o juiz fosse são-paulino, pediu uma camisa emprestada para o filho. Desde os tempos de office-boy, pagava carnê para a construção do estádio. Aposentado por invalidez, depois de ter o primeiro de três derrames quando trabalhava como porteiro, mesmo com o salário apertado recusa-se a comprar artigos piratas. "Para dar dinheiro ao time", explica.

Desde que o Itaquerão deixou o plano da miragem para virar quase uma hiper-realidade, porém, vive um conflito. "Corintiano sempre foi vira-lata. Favelado, pobre. E fizemos um estádio despejando outros vira-latas de suas casas. Não importa se é um barraco. A casa de alguém é onde estão as suas recordações. É o que abriga aquela pessoa do frio, do sol, da chuva. É o seu lugar. É enorme mesmo sendo pequena. Como eu vou gritar gol nessa abertura da Copa sabendo que é sobre a casa de alguém como eu?".

É hoje. Um início sem começo. Pankinha, um brasileiro vira-lata, torce pela seleção, mas não queria uma Copa no Brasil. Sonhou uma vida inteira com o Itaquerão, mas sente-se apartado dele. Pela primeira vez, decidiu não votar numa eleição. Pantera interrompe com um latido. Talvez estranhe a bola quadrada.

Fonte: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/06/1468969-vizinho-do-itaquerao-torce-pelo-brasil-mesmo-sabendo-que-a-copa-nao-e-dele.shtml>>. Acesso em: 25 out. 2017

ANEXO AO – Ronaldo diz que sente vergonha da "incapacidade do Brasil"

Ex-jogador critica em entrevista à Reuters os atrasos do país para completar a infraestrutura prometida para o Mundial

TALITA BEDINELLI

Twitter

São Paulo 24 MAI 2014 - 14:55 BRT

O ex-jogador Ronaldo Nazário, que evitava criticar a organização do Mundial no Brasil, mudou de discurso. Em entrevista à agência Reuters nesta sexta-feira, ele afirmou que se sente envergonhado pela "incapacidade" do país em completar a infraestrutura prometida para a realização da Copa do Mundo, que começa em exatos 19 dias.

"Em 2007, quando eles decidiram que a Copa do Mundo seria no Brasil, o presidente [Luiz Inácio Lula da Silva] assinou tudo e concordou em tudo e, em seguida, eles [FIFA] chegam aqui e há essa burocracia, total confusão e atraso", disse na entrevista feita nesta sexta-feira. "É uma vergonha. Estou envergonhado. Este é o meu país e eu o amo e não devemos transmitir esta imagem no exterior", acrescentou.

O Brasil tem apresentado dificuldades na entrega das estruturas para o Mundial. A pouco menos de um mês para a abertura do evento, em 12 de junho, um levantamento do Sindicato da Arquitetura e da Engenharia (Sinaenco) mostrou que apenas 38% do total das obras de mobilidade urbana, portos, estádios e aeroportos haviam sido entregues. O atraso na entrega dos estádios fez a FIFA ameaçar, a apenas seis meses do início dos jogos, deixar de fora a arena da Baixada, em Curitiba, que teve que realizar um plano de emergência para acelerar as obras que avançavam lentamente.

Mas as críticas de Ronaldo, que é também membro do Comitê Organizador local da Copa, foram vistas como uma guinada política do ex-craque, que chegou a defender o governo de Dilma Rousseff (PT), sucessora de Lula. No ano passado, a imprensa brasileira divulgou um vídeo dele gravado em 2011, em que ele minimizava as críticas de parte da população com os gastos para a Copa, expressas em manifestações por todo o país, e com a falta de projetos do Governo em áreas importantes como saúde e educação. "Tá sendo gasto também muito dinheiro em saúde, em segurança. Mas a gente vai receber a Copa do Mundo. Sem estádio não se faz Copa do Mundo. Não se faz Copa do Mundo com hospital".

O novo discurso coincide com o de Aécio Neves (PSDB), o principal opositor de Rousseff nas eleições presidenciais de outubro deste ano. No mês passado, Ronaldo já dava indícios de que faria campanha para Neves, ao postar em seu Twitter uma foto com o futuro candidato tucano e uma legenda em que se referia a ele como "futuro presidente do Brasil".

Na entrevista à Reuters, o ex-jogador de times como Corinthians, Milan e Barcelona, disse que o país enfrenta problemas de "corrupção e superfaturamento". "Mas nós não podemos esquecer que o Brasil já não era perfeito antes da Copa do Mundo. Era a mesma coisa ou pior", afirmou.

Ronaldo não é o primeiro ex-craque do Brasil a causar polêmica durante a preparação para o Mundial. No mês passado, Pelé, o jogador mais importante da história do Brasil, afirmou que a morte de operários nas obras dos estádios é algo "normal", após ser questionado sobre um acidente que levou à óbito [sic] um trabalhador na Arena Corinthians, popularmente conhecida como Itaquerão, no mês anterior. "O que aconteceu no Itaquerão, o acidente, é normal, coisa da vida, pode acontecer. Foi um acidente. Isso aí eu não acredito que assuste", disse ele. "Mas a maneira como está sendo administrada a entrada e saída de turistas nos aeroportos do Brasil, isso eu acho que é uma coisa que está preocupando", afirmou. Nove operários já morreram em obras da Copa.

ANEXO AP – Ronaldo reforça vergonha, critica governo e diz que Copa é vítima

Do UOL, em São Paulo
29/05/2014 | 16h55

O ex-atacante Ronaldo voltou a falar sobre o sentimento de vergonha em relação a Copa do Mundo. Em sabatina realizada pela Folha de S. Paulo, o Fenômeno, que é membro do Comitê Organizador Local (COL), disse que lamenta o fato do Brasil não ter um legado no Mundial.

"Eu sinalizei principalmente as obras de infraestrutura e não exatamente os estádios, quis dizer as obras que ficariam de legado para a população. Os estádios eram exigência principal da Fifa para fazer a Copa. Os estádios estão quase todos terminados, mal ou bem, vão estar prontos. Como eu disse para a Reuters, a minha vergonha é pela população que esperava realmente esses grandes investimentos, esse grande legado de Copa do Mundo para eles mesmos, para população, reformas de aeroportos, mobilidade urbana. Tudo que foi prometido e não foi entregue. Tem estatística, é noticiado, 30% só vai ser entregue para a Copa do Mundo, essa é minha preocupação, minha vergonha. Maior prejudicado é a população", falou.

De acordo com o ex-jogador, o Mundial no Brasil acabou sendo uma vítima de todos os problemas de infraestrutura que o país sempre teve.

"Não podemos esquecer do país que vivemos. O brasileiro também tem uma memória muito curta. Parece que antes da Copa do Mundo, a saúde, educação, segurança eram perfeitas. A Copa do Mundo é uma grande vítima disso tudo. A grande pena é que tudo é que tudo que foi prometido antes da Copa do Mundo não será entregue", disse o ex-jogador.

Questionado sobre o que teria levado o Mundial a fracassar no legado, Ronaldo criticou o planejamento que foi feito pelo governo.

"Acho que o faltou foi planejamento para que tudo que foi prometido fosse entregue. O país foi eleito para receber a Copa em 2007. Tinha tempo para entregar tudo que foi prometido. Mas agora tem uma série de falta de informação para a população. A Copa do Mundo não veio para resolver nossos problemas. Quem tem que resolver os nossos problemas somos nós mesmos. A Copa do Mundo veio para ser uma grande festa para a população brasileira", completou.

O Fenômeno ainda aproveitou para afirmar que suas críticas a organização da Copa do Mundo não tem relação ao seu apoio a Aécio Neves, candidato à presidência do Brasil pelo PSDB. "Eu sou amigo do Aécio. Falei na entrevista, desde 2000, quando apoiei ele na campanha ao governo do estado de Minas. De lá para cá, somos amigos. E o que falei é que meu voto é dele. Não sei nem por que declarei o meu voto. Não sou ligado a nenhum partido. Eu apoio meus amigos. O Andrés vai sair para deputado federal e vou apoiar ele. E ele vai sair pelo PT. Eu tive a sorte de conviver com ele, conhecer o caráter dele. E por isso meu voto é dele", finalizou.

Após falar sobre sua amizade com Aécio Neves, o ex-jogador comentou sua relação com a presidente Dilma Rousseff e com Lula, ex-presidente do Brasil. "Eu era amigo do Lula. Não tenho partido, tenho amigos. Também era muito amigo do Fernando Henrique, mas gostava de passar tempo com o Lula, acho ele um cara incrível. Com a Dilma, não tenho relação. Vai ver que é porque a Dilma não bebe uma cachaça, como eu bebia com o Lula. Eu perdi contato com ele. Nesta correria, ele está tomando conta da saúde. Hoje falo mais com o Fernando Henrique", falou.

Fonte: <<https://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/05/29/ronaldo-reforca-vergonha-critica-governo-e-diz-que-copa-e-vitima.htm>>. Acesso em: 26 jan. 2018.

ANEXO AQ – Dilma: tenho certeza que Brasil fará Copa das Copas

Presidente aproveitou final do discurso para rebater críticas do ex-atacante Ronaldo

ERICH DECAT, Agência Estado
24 de maio de 2014 | 19h12

A presidente Dilma Rousseff aproveitou a parte final do discurso que fez durante evento da União da Juventude Socialista, hoje em Brasília, para responder às críticas do ex-atacante Ronaldo, que disse que estava envergonhado com os atrasos das obras da Copa.

"A Copa do Mundo se aproxima e tenho certeza que o nosso país fará a Copa das Copas. Tenho certeza da nossa capacidade. Tenho certeza do que fizemos, tenho orgulho das nossas realizações. Não temos do que nos envergonhar e não temos complexo de vira-latas", afirmou.

As declarações do ex-jogador causaram surpresa no Palácio do Planalto. Mais cedo, o ministro do Esporte, Aldo Rebelo, divulgou nota para rebater as críticas e disse que "a frase dita pelo Ronaldo, tomada de forma isolada, é um chute contra o próprio gol, já que ele foi parte do grande esforço para construir a Copa do Mundo". O ex-atacante é membro do Comitê Organizador Local da Copa do Mundo.

"Estou seguro de que não só o Ronaldo, mas todos os brasileiros e turistas estrangeiros que vierem nos visitar terão orgulho, e não vergonha." Para Aldo, apontar as deficiências do País e procurar resolvê-las é dever de todos os brasileiros, principalmente daqueles que têm espírito público. "Mas sentir vergonha do País não faz parte da solução", finalizou.

Fonte: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,dilma-tenho-certeza-que-brasil-fara-copa-das-copas,1171160>>. Acesso em: 26 jan. 2018.

ANEXO AR – 'Foram derrotados todos os que tinham complexo de vira-lata', diz Dilma

por Redação RBA | publicado 04/07/2014 16h01, última modificação 04/07/2014 16h07

Vídeo com pedido de desculpas do país à presidenta da República pelo pessimismo de setores de direita e da mídia brasileira já atingiu quase 44 mil visualizações no Youtube

São Paulo - Em discurso na manhã de hoje na inauguração de um hospital em Porto Alegre, a presidenta Dilma Rousseff comemorou o sucesso da Copa do Mundo no Brasil e criticou os pessimistas e os que apostaram no fracasso do evento no país. "Derrotamos os pessimistas, que disseram que não havia a menor possibilidade de dar certo a Copa do Mundo, mas ela não só deu certo como mostrou um país que sabe receber", afirmou. "Foram derrotados todos os que tinham complexo de vira-lata, que diziam que seria a Copa do caos ou da falta de energia, de tudo que há de pior."

O auge dos ataques à presidenta aconteceu no dia 12 de junho, na abertura da Copa do Mundo na Arena Corinthians, o Itaquerão, na zona leste de São Paulo, quando um grupo localizado na ala vip do estádio dirigiu xingamentos a ela. Esta semana, um vídeo com pedido de desculpas a Dilma pelo ocorrido, compartilhado pelo músico mineiro Flávio Henrique em sua página no Facebook e publicado no Youtube pela blogueira Conceição Oliveira, criticou o complexo de vira-lata e, até o início da tarde de hoje, já tinha atingido 43.774 visualizações.

O vídeo mostra, em montagem, manchetes e capas de jornais e da revista semanal de maior circulação do país com previsões catastróficas sobre a Copa. "A copa vai revelar ao mundo a nossa incompetência", ouve-se no vídeo, na voz do ex-cineasta e colunista Arnaldo Jabor.

"É. A verdade é que não estávamos acreditando em nosso país. Enquanto ela (Dilma) dizia que faríamos a Copa das copas, falávamos que tudo seria uma vergonha. Repetimos como papagaios as manchetes de uma imprensa derrotista", diz a narrativa do vídeo, simulando o pedido de desculpas do país à presidenta da República. "E nós imaginamos o caos... Falamos todos que na Copa tudo seria um vexame. Que o mundo veria um Brasil caótico. E ela, teimando em dizer que teríamos a Copa das Copas."

Ao explicitar o pedido de desculpas, a mensagem menciona o sucesso da Copa do Mundo aos olhos dos turistas. "Desculpe-nos Dilma pelos que gritaram e pelos que se calaram (...) Você estava certa. Precisamos que 6 milhões turistas nos dissessem que nosso país é maravilhoso pra voltar a acreditar em você. Sabemos que temos problemas a enfrentar, mas sabemos que você está empenhada em fazer a sua parte."

Entre os atletas que participam da competição no Brasil, os alemães são os que mais elogiaram o evento e o "país do futebol". "A cada dia que passa me encanto mais com esse país lindo, essa energia positiva maravilhosa, realmente não teria lugar melhor para se jogar uma Copa do Mundo a não ser o país do futebol #VamosQueVamosBrasil #CopaDoMundo #ForçaBrasil", disse na rede social o jogador da seleção da Alemanha Lukas Podolski na semana passada, entre outros representantes da equipe germânica.

Hoje, no estádio do Maracanã, a Alemanha venceu por 1 x 0 e eliminou a França em jogo válido pelas quartas de final. Os alemães enfrentam agora, nas semifinais, o vencedor de Brasil e Colômbia, que duelam em Fortaleza no final da tarde.

Fonte: <<http://www.redebrasilatual.com.br/politica/2014/07/foram-derrotados-todos-os-que-tinham-complexo-de-vira-lata-diz-dilma-1081.html>>. Acesso em: 26 jan. 2018.

ANEXO AS – Agora no COL, Ronaldo defende investimento em estádios: 'Não se faz Copa com hospital'

Tiago Leme, do Rio de Janeiro (RJ), para o ESPN.com.br

Publicado em 01/12/2011, 17:23

Atualizado em 01/12/2011, 23:36

No dia em que foi anunciado como membro do conselho de administração do Comitê Organizador Local (COL) da Copa do Mundo de 2014, Ronaldo deu as suas opiniões sobre o dinheiro gasto na preparação para o Mundial. Em seu discurso nesta quinta-feira, muitas vezes ele disse que irá trabalhar para o povo brasileiro. Porém, ao ser questionado se a população não precisaria mais de investimento na área da saúde e educação ao invés de gastos com a construção de novos estádios, o ex-jogador deu uma resposta forte.

"Acho que se gasta em tudo. Está sendo gasto também muito dinheiro em saúde, segurança, mas vamos receber uma Copa. Sem estádio não se faz Copa. Não se faz Copa do Mundo com hospital. Tem que ver o que você quer, o que é melhor. Não faço parte do governo. Só tenho certeza que vou fazer o melhor para termos a melhor Copa do Mundo", afirmou Ronaldo.

Ídolo dos torcedores brasileiros, carismático e com uma imagem forte também fora do país, Ronaldo entra no COL com um papel que vai além de ser um administrador. Durante a entrevista coletiva desta quinta, no Rio de Janeiro, as respostas bem-humoradas do Fenômeno deixaram claro o seu poder de cativar as pessoas. Apesar de Ricardo Teixeira, presidente da CBF, continuar presidindo o COL, Ronaldo será a bandeira do comitê.

"Pode ser uma campanha de marketing, mas de autoestima do povo brasileiro. Imagina o investimento que está sendo feito em nosso país de infraestrutura, aeroportos, estradas. O legado que a Copa vai deixar para o povo, que precisa se sentir orgulhoso. Teremos ferrovias novas, estádios novos. Infelizmente eu parei de jogar e não vou pegar nenhum pronto. Há quanto tempo não é feito um investimento deste tamanho em nosso país", disse o ex-atacante.

Apesar de evitar falar diretamente sobre o assunto, Ronaldo também reconheceu que pode ter um papel importante no relacionamento entre o COL e o Governo Federal. Devido às denúncias de corrupção contra o presidente da CBF, a presidente Dilma Roussef e Ricardo Teixeira têm as relações estremecidas.

"São tempos de muitas incertezas, de notícias distorcidas e falsas. É o momento ideal de aproximar todas as partes envolvidas nesse processo", admitiu Ronaldo.

Fonte: <http://www.espn.com.br/noticia/229407_agora-no-col-ronaldo-defende-investimento-em-estadios-nao-se-faz-copa-com-hospital>. Acesso em: 06 fev. 2019.

ANEXO AT – Como surgiu o “antipetismo”, e do que ele se alimenta?

Rute Pina

Brasil de Fato | São Paulo (SP), 27 de Outubro de 2018 às 16:58

Especialistas analisam que o discurso contra corrupção concentra-se no PT, mas o problema é endêmico do sistema político

O voto contra o Partido dos Trabalhadores foi a principal motivação de muitos eleitores que optaram pelo candidato de extrema direita Jair Bolsonaro (PSL) no primeiro turno das eleições presidenciais, em 7 de outubro. Foi, também, o principal sentimento entre os apoiadores do candidato militar que foram às ruas de São Paulo (SP) no último domingo (21). Para 98% das pessoas que estavam no ato na Avenida Paulista, o PT "é o partido mais corrupto" e "afundou a economia".

A pesquisa é do Monitor do Debate Político no Meio Digital, em parceria com a Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. E mesmo que o partido não conste a lista dos que têm mais lideranças comprometidas em escândalos de corrupção, o dado mostra como o candidato do PSL conseguiu atrair um grande eleitorado capitalizando o discurso de ódio contra o PT.

A socióloga e jornalista Maria Eduarda da Mota Rocha, professora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), explica que o sentimento antipetista encontrou espaço em um movimento de recusa do sistema político. Ela pondera também que o processo de rejeição às instituições e a crise de representatividade dos representantes políticos ocorre em todo o mundo.

"Há, por um lado, um grande processo de desqualificação da política, que atinge os poderes instituídos. E o PT está no poder há um certo tempo. Então, ele fatalmente é alvo desse sentimento de recusa da política que a gente está vivendo. Esse é um fenômeno global, que tem levado à ascensão da extrema direita em muitos lugares do mundo", pontua.

Mas, segundo a professora, esse processo se intensifica no Brasil por causa do "evidente desprezo pela democracia" que historicamente foi cultivado no país.

"A elite brasileira tem um forte desprezo pela democracia. A vinculação da elite brasileira com a democracia sempre foi casuística e conjuntural. Tanto que em 1964 ela abriu mão [da democracia] e agora também está abrindo", afirma.

O professor do departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo (USP) Ricardo Musse aponta que o sentimento contra o partido foi forjado historicamente. Ele afirma que o discurso foi utilizado em todas as eleições presidenciais em que Lula concorreu — contra Collor, em 1989, e contra Fernando Henrique Cardoso, em 1994 e 1998.

Para ele, o antipetismo — que foi atenuado em 2002, por conta do desgaste político do PSDB — entra em uma nova fase assim que o partido assume o poder. Desta vez, o discurso é vinculado à sensação de corrupção institucionalizada, a partir da exposição midiática do caso do Mensalão, a partir de 2005.

"Esse quadro se intensificou ainda mais a partir de 2012, com o julgamento do mensalão. Foi uma exposição midiática muito intensa que começou associar o PT de forma muito intensa à corrupção", afirma. "Esse processo inicial foi intensificado em 2014 com o início da Operação Lava Jato. O propósito inicial da operação, expresso no documento que Sérgio Moro escreveu, era mesmo 'destruir o sistema político'. Mas o primeiro passo foi enfraquecer e tentar tirar do poder o partido que era hegemônico na sociedade, o PT."

O professor lembra que o tema da corrupção sempre foi a principal bandeira para desarticular governos progressistas no país. Mas ele pontua que a corrupção, no entanto, não explica a crise econômica.

Já a professora Maria Eduarda Rocha analisa que o sentimento de corrupção se alia a uma campanha de desqualificação do Estado e, em contrapartida, de valorização do discurso neoliberal.

"A gente precisa enfrentar essa dimensão do privatismo da cultura brasileira. Quando a gente fala do privatismo neoliberal, a gente costuma associar esse discurso a entrega das empresas estatais às mãos privadas. Essa é uma dimensão trágica que a gente vai ver ser reforçada caso Bolsonaro seja eleito", afirma a professora.

"Mas existe uma outra dimensão do privado, que se articula a essa, que é muito mais cotidiana. Há toda uma narrativa de desqualificação do público que acabou sendo comprada pelas pessoas porque historicamente o Estado aparecia para as pessoas, como uma figura repressora. É muito novo, no Brasil, o Estado aparece como figura garantidora de direitos."

Enquanto os holofotes se viram para o PT, quem lidera em número de parlamentares investigados no Supremo Tribunal Federal (STF) é o PP. Dos 46 deputados em exercício em 2017, pelo menos 27 integrantes respondiam a ações penais ou inquéritos.

Já na lista de políticos investigados por suspeita de envolvimento no esquema de corrupção na Petrobras, a maioria também pertencia à sigla. Bolsonaro esteve filiado na legenda entre 2005 a 2016.

Fonte: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/10/27/como-e-alimentado-o-antipetismo-e-por-que/>>. Acesso em: 06 fev. 2019.

ANEXO AU – Orgulho de ser vira-lata

Guilherme Arruda Aranha

Professor

Terça-feira, 11 de agosto de 2015

Junho de 2013 é um marco na vida política brasileira. Foi ali que se iniciaram os protestos e manifestações que, desde então, vêm se repetindo nas ruas de diversas cidades do país com as mais diferentes pautas e com uma frequência inédita em nossa história.

Um outro ingrediente, porém, chama a atenção na vida política brasileira: o ódio. Ao lado do velho complexo de vira-latas, o ódio vem se tornado um intenso sentimento nacional. Ele esteve presente nas polarizadas eleições de 2014 e é sentimento cativo nos protestos. Os adjetivos nada lisonjeiros, as simplificações e as mistificações vão se alastrando como incêndio: de um lado os coxinhas, os reações e os panelaços da varanda gourmet; do outro, os petralhas, os bolivariano, os comunas e por aí vai...

É preciso, porém, refletir um pouco sobre a eclosão do ódio e denunciar sua escalada irracional, apontando seus perigos e armadilhas. A primeira vítima do ódio é a democracia. Como, afinal, estabelecer diálogos respeitosos, ainda que nem sempre serenos, se o opositor é logo de saída reduzido à condição de inimigo e seu discurso é simplificado e desqualificado?

Quando as pessoas protestam movidas pelo ódio – ou mais precisamente, quando confundem ódio com consciência política -, colocam em xeque os quatro ideais sobre os quais a democracia se funda (Cf. Norberto Bobbio, O futuro da democracia [1]); a tolerância [2]; a não-violência [3]; a fraternidade [4]; e a renovação gradual da sociedade através do livre debate de ideias e da mudança das mentalidades e do modo de viver [5].

E quando os ideais democráticos estão em xeque, ameaçados em seu cerne pela escalada do ódio, o que está em jogo não é apenas um modelo político, mas também a integridade das pessoas. O ódio, afinal, é uma forma ingênua e perigosa de culpar alguém ou algumas pessoas (os reações para uns, os comunas para outros) por todos os nossos males. Substitua-se as palavras reações e comunas (tão frequentes nos discursos atuais) por negros, judeus ou gays: é desnecessário dizer a que nível de violência esses discursos de ódio podem levar. E a violência, ao negar o diálogo e o debate, acaba por negar o próprio fazer político e democrático.

O que se pretende aqui não é deslegitimar as manifestações de rua, tenham elas pautas mais à esquerda ou mais à direita. Em uma democracia, todos podem fazer ouvir a sua voz e os seus anseios. O que se pretende, além de identificar a escalada do ódio para poder neutralizá-la, é também levantar algumas questões, ainda que fiquem sem respostas: o que os protestos – todos eles – devem significar para nós neste momento? Será que vivemos um tempo de profundas mudanças no Brasil? Será que o atual modelo de representação política se esgotou? Quais os problemas da democracia brasileira? Como melhorá-la e aperfeiçoá-la? De que modo a internet alterou o modo como se faz e como se pensa a política?

Parece-me, de fato, que o atual modelo de representação política esgotou-se. O Estado está inchado e ineficiente, a educação e a saúde pública são de péssima qualidade (salvo honrosas exceções), a corrupção e o capitalismo de compadrio andam de mãos dadas, os lobbys de poderosos interesses financeiros sequestraram a democracia, a participação popular nas decisões políticas é praticamente inexistente, nossas vidas são virtualmente investigadas pelos governos e, ao mesmo tempo, a internet possibilita a organização de movimentos populares como jamais se viu.

Impossível prever o desfecho das mudanças em curso, mas podemos levantar três cenários. O primeiro deles é o retrocesso autocrático. As autocracias encontram lastro justamente no ódio e na intolerância: um grupo de pessoas é rotulado como culpado por todos os nossos males. A partir disso, dá-se a perseguição violenta de todo e qualquer opositor: prisões injustificadas, torturas, desaparecimentos, assassinatos. Nesse sentido, a autocracia é sempre infantilizadora. Os cidadãos são reduzidos a súditos e comparados a filhos: é comum a imagem do tirano como um "pai" e a do resistente como um "filho rebelde". A autocracia é, em suma, a renúncia à autonomia e, conseqüentemente, à política.

O segundo cenário, parafraseando Tomasi di Lampedusa, é aquele em que as coisas mudam para que tudo permaneça como está. Ou seja, o atual modelo, mesmo esgotado, continuaria se arrastando como um moribundo: mudar-se-ia o partido de plantão, mas as regras do jogo, muito mais fisiológicas do que democráticas, permaneceriam as mesmas. Faríamos novas regras, algumas mudanças legais no financiamento de campanhas eleitorais e tudo continuaria igual: péssimos serviços públicos, ineficiência estatal, níveis alarmantes de corrupção, etc, etc.

O terceiro cenário é certamente o mais difícil e mais trabalhoso de se construir, mas é também o único caminho viável para salvar a democracia: a reforma política e do Estado. Um aspecto dessa reforma é ideológico e deriva das diversas e contraditórias respostas que podemos dar a seguinte pergunta: o que esperamos do Estado?

Outro aspecto é prático e, em certa medida, independe da ideologia: como deixar o Estado mais capacitado e eficiente para realizar seus propósitos? E, a reboque desse problema não-ideológico, um outro problema não menos importante: como tornar as instituições democráticas mais sólidas, mais transparentes e menos sujeitas à corrupção e aos incentivos desonestos de interesses espúrios? Enfrentar esses desafios exigirá, em primeiro lugar, que se contenha e se desarme a escalada do ódio. Exigirá, em seguida, um intenso – e às vezes tenso – diálogo entre os diversos setores e interesses sociais em conflito, mas sem violência e sem golpismo. Seremos capazes?

O ódio, quando sentido em massa, tem uma força persecutória e destruidora que não se pode subestimar. As mais terríveis autocracias que conhecemos se valeram amplamente desse sentimento. Em *Massa e Poder* [7], depois de analisar detidamente as características, o ritmo e o afeto das massas, Elias Canetti analisa seus símbolos (o fogo, o mar, a chuva, o rio, a floresta, o trigo, o vento, a areia, os montes, os montes de pedra e o tesouro) e os associa a algumas nações. O símbolo de massa dos alemães, diz ele, é a floresta e já foi também o exército:

"O exército, porém, era mais do que um exército: era a floresta em marcha. Em nenhum país moderno do mundo o sentimento pela floresta manteve-se tão vivo quanto na Alemanha. O caráter rígido e paralelo das árvores eretas, sua densidade e seu número impregnam o coração do alemão de profunda e misteriosa alegria. Ainda hoje ele gosta de visitar a floresta na qual seus antepassados viveram, e sente-se em harmonia com as árvores.

"(...) Ao longo dos troncos visíveis, os olhos se perdem numa distância sempre constante. A árvore isolada, porém, é maior que o homem, e segue sempre crescendo, rumo ao gigantesco. Sua constância tem muito daquela mesma virtude do guerreiro. Numa floresta onde se podem encontrar tantas árvores da mesma espécie reunidas, as cascas, que de início parecem couraças, assemelham-se mais aos uniformes de uma divisão do exército. Sem que eles o percebessem claramente, o exército e a floresta confundiram-se inteiramente para os alemães. O que, para outros, podia afigura-se árido e ermo no exército possuía para o alemão a vida e a luminosidade da floresta. No exército, ele não sentia medo; sentia-se protegido; sentia-se um entre muitos. O caráter íngreme e retilíneo das árvores, ele o transformou em regra para si. (...). Não se deve subestimar o efeito desse antigo romantismo da floresta sobre o alemão. Eles o acolhem em centenas de canções e poemas, e a floresta que nestes figurava era amiúde caracterizada como 'alemã'" (Canetti, 1995, p. 169-170). Canetti nada nos diz sobre o símbolo de massa dos brasileiros, mas ao diferenciar as florestas alemãs das tropicais nos dá uma pista preciosa. É fácil, segundo Canetti, notar nas florestas alemãs a pureza e o isolamento das árvores umas em relação às outras e, com isso, a ênfase na verticalidade. Nas florestas tropicais, ao contrário, "as plantas trepadeiras emaranham-se, crescendo em todas as direções. Os olhos se perdem na proximidade; trata-se de uma massa caótica e desarticulada, de uma vivacidade a mais variada, a qual afasta qualquer sensação de uma ordem ou repetição uniforme".

Não me parece exagero dizer que também para nós, brasileiros, a floresta se converteu em um símbolo de massa. A enormidade da selva amazônica, que chamamos de "o pulmão do mundo"; a mata-atlântica e o pantanal; todos nos enchem de orgulho por sua grandeza, beleza e pela diversidade exuberante e alucinante da fauna e da flora. O verde predominante em nossa bandeira transborda pelos quatro lados e comprime todo o resto. Desde Pero Vaz de Caminha a floresta dá o tom: tudo que se planta por aqui cresce e floresce. Nossas várzeas têm mais flores e nossos bosques têm mais vida. O coqueiro que dá côco é onde amarro a minha rede. São tantas as canções e poemas que acolhem nossas matas que seria impossível enumerá-los.

Os desfiles das escolas de samba e os blocos de carnaval, que recentemente voltaram a se expandir, reforçam a floresta tropical como nosso símbolo de massa. A percussão do samba lembra o barulho das florestas. Os blocos, com os movimentos caóticos e sensuais de seus integrantes, assemelham-se a trepadeiras se enroscando. As escolas de samba na avenida parecem aves coloridas e árvores exuberantes. Sua forma contida entre duas plateias e seu ritmo calculado, transformam-na, porém, em um outro símbolo de massa que se integra ao da floresta tropical: o rio. Não é uma simples coincidência que uma das mais conhecidas músicas de Paulinho da Viola refira-se ao desfile da Portela, sua escola de samba favorita e que mimitiza o rio como símbolo de massa inclusive na cor: "não posso definir aquele azul, não era do céu nem era do mar, foi um rio que passou em minha vida

e meu coração se deixou levar"[6]. Aliás, a divisão das alas no interior das escolas são cardumes em formação, integrando-se assim nas avenidas os símbolos da floresta e do rio concomitantemente.

Em suma, enquanto as florestas alemãs conduziram ao exército, as nossas florestas conduziram à carnavalização da vida. Não é outra coisa o que expressa de modo tão irretocável a letra da canção Rio 42 de Chico Buarque: Se a guerra for declarada em pleno domingo de carnaval, se aliste, meu camarada, a gente vai salvar o nosso carnaval com direito à tropa do general da banda dançando o samba em Berlim [7]. Note-se, ainda, que 42 refere-se não apenas ao ano de 1942, quando o Brasil declarou guerra contra o Eixo e, portanto, contra a Alemanha, mas é também a temperatura do carnaval no verão do Rio de Janeiro, uma cidade intitulada por nós mesmos como a mais bela do mundo e que, além de ser a capital do samba, é a inequívoca expressão da mata como nosso símbolo: os morros e a mata atlântica — muito mais do que o mar — se impõem de forma onipresente e avassaladora na paisagem urbana.

Somos, enfim, diversos como as nossas florestas e completamente miscigenados. Abrimos os braços aos estrangeiros como se fossemos nós mesmos a terra em que a cultura alheia cresce e floresce. E mesmo quando imitamos os estrangeiros, o fazemos antropofagicamente: o cheeseburger vira x-burguer, os Beatles viram bloco de carnaval [8] e a trágica música Sunday Bloody Sunday, do U2, vira um alegre samba que só não soa ofensivo se for olhado sob a luz da antropofagia tropical um tanto nonsense e absurda (compare, se quiser, a versão original com legendas em português [9] e a versão tupiniquim [10]).

E mesmo o desmatamento acelerado da selva amazônica e a quase extinção da mata-atlântica é, para nós, muito mais do que um desastre ambiental. É também um atentado contra o nosso símbolo de massa e, paradoxalmente, um reforço do nosso complexo de vira-latas: celebramos assim nossa incompetência e, com ela, nossa insuperável falta de organização.

A massa de protesto não é um fenômeno propriamente novo no Brasil. Mas há, aqui e no mundo, um novo tipo de massa que podemos chamar de virtual, formada pela rede mundial de computadores e que se manifesta sobretudo nas redes sociais. Os atuais protestos têm sido organizados a partir dessas redes e isso, talvez, possa nos dizer algo a respeito da escalada do ódio em nosso país.

Não analiso aqui esse novo tipo de massa. Limito-me a constatar que o ódio encontra nas redes sociais um espaço propício para se manifestar e se propagar. Nem todos, é evidente, manifestam-se nas redes da mesma maneira. O caráter ambíguo de tudo o que é instrumental revela-se aqui também. Assim, diversas manifestações de rua organizadas pela internet têm por bandeira combater justamente a proliferação do ódio: são exemplos a parada gay, a marcha das vadias, os bicicletões, o churrasquinho de gente diferenciada, entre tantos outros. O ódio, contudo, também encontrou nas redes um espaço fértil: a ausência de contato físico, a impossibilidade do confronto corporal, a suspensão temporária de uma certa reserva diante dos desconhecidos, o desaparecimento de toda e qualquer forma de timidez e, não menos importante, o formato rápido e fluido das redes, tudo contribui para que as pessoas não reflitam detidamente, mas apenas exponham de forma curta e simplificada as suas certezas e convicções.

O narcisismo individualista que se expressa nas redes não é de modo algum incompatível com a massa. A voracidade com que muitos se expõem em fotos e pensamentos é só aparentemente o cultivo da individualidade. Como, porém, há nas redes pouco espaço para reflexão, prevalece em muitos casos o reforço das pequenas certezas, os estereótipos e as convicções superficiais. Assim, as mais diversas manifestações de exposição pública, sejam elas fotográficas, estéticas ou políticas, não favorecem a construção do diálogo com quem pensa e sente de modo diferente. Ao contrário: os estereótipos são reforçados e as diferenças, repelidas. Aquilo que parecia individualidade original revela-se apenas sentimento gregário. É fácil notar nesse contexto a forte tendência à proliferação do ódio virtual. Um ódio que atinge não apenas indivíduos — e, nesse caso, precisamos aprender a rir como faz Chico Buarque [11] — mas também grupos e identidades minoritárias como negros, nordestinos, homossexuais, mulheres, ciclistas etc., além, é óbvio, da proliferação de um ódio político-partidário quem vem reduzindo o debate político a um lamentável Fla-Flu.

É ainda nesse espírito que uma parcela de manifestantes, ainda que pequena, pede abertamente o retorno da ditadura militar. Não podemos desconsiderar a possibilidade de o crescimento do ódio em nosso país transformar a carnavalização da vida em exército. O ódio já está nas ruas e anda de mãos dadas com o nosso velho complexo de vira-latas (ainda mais acentuado em nosso imaginário depois dos 7 x 1). Juntos, clamam por ordem e desejam no fundo do coração que nossas florestas tropicais sejam tão ordenadas quanto as temperadas florestas alemãs. Nem a antiga rivalidade futebolística contra a Argentina consegue explicar tão bem a torcida maciça dos brasileiros contra nossos hermanos e a favor de seus algozes na final da Copa do Mundo do Brasil: a Alemanha passa a ser também o modelo admirado.

O ódio, como já disse, transforma o opositor político no inimigo interno que deve ser combatido pelo exército restaurador da ordem perdida (uma ordem que, na verdade, nunca existiu). Já aconteceu outras vezes e pode acontecer de novo. Muito melhor, ao meu ver, é reconhecermos com dignidade nossa condição de vira-latas, tão de acordo com a nossa mestiçagem (o problema está no complexo e não na condição).

Não precisamos nem devemos renunciar à floresta tropical como nosso símbolo de massa cultural: a miscigenação humana e cultural nos faz bem. A dificuldade maior, talvez, seja a de superar a floresta como símbolo de massa no que diz respeito à vida política e aos interesses públicos. As regras do jogo democrático, que podem e devem ser aperfeiçoadas no sentido de garantir maior participação, transparência e eficiência estatal, devem colocar ordem nas disputas políticas (inclusive no que diz respeito à gestão do futebol brasileiro), sem ceder, de um lado, à carnavalização que transforma a corrupção em pizza, e, de outro lado, à militarização da vida que além de não resolver o problema da corrupção e de solapar a democracia, encontra respaldo popular nos piores sentimentos: o ódio sentido em massa e o complexo de vira-latas.

Para evitar os dois piores cenários, o do retrocesso à ditadura e o do autoengano, aquele em que se mudam algumas coisas para que tudo continue como está, temos apenas um caminho: transformar o complexo de vira-latas em orgulho, desarmar a bomba do ódio (uma armadilha ruim para todos) e partirmos para a grande oportunidade proporcionada pelo tempo da revolução informática: discutir civilizadamente a reforma política, a eficiência do Estado e a reinvenção da democracia. Vamos nessa?

Fonte: <<http://www.justificando.com/2015/08/11/orgulho-de-ser-vira-lata/>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

ANEXO AV – A volta do complexo de vira-latas

15/07/2014 6:48

Nesta Copa, só o povo estava de chuteiras, para esquecer os escândalos que lhe mergulharam em cada depressão

Amigos, vocês passaram o tempo todo da Copa falando de mim: Nelson Rodrigues pra cá, pra lá... Antes eu era o pornográfico, o reacionário, agora virei técnico de futebol. E me citavam. Todos diziam que tinha acabado o nosso “complexo de vira-latas”. Mas esse complexo que eu descobri pode existir também ao avesso — (Freud nem me olha aqui no céu, com uma inveja danada). Mas ele não é apenas o pavor diante dos estrangeiros, a cabeça baixa, o “sim, senhor”, a alma de contínuo. Não. Este complexo aparece na submissão à Fifa, lambendo-lhe os pés como cachorrinhos gratos, nas arenas grã-finas. O vira-latas estava ali. Podemos botar uma fitinha cor-de-rosa no vira-latas que ele continua sendo um legítimo vira-latas, cheirando postes e abanando o rabo.

Para nossos jogadores ricos e famosos, o Brasil é a vaga lembrança da infância pobre, humilhada. O país virou um passado para os plásticos negões falando alemão, todos de brinco e com louras vertiginosas. Não são maus meninos, ingratos, não; mas neles está ausente a fome nacional “por um prato de comida”, a ânsia dos vira-latas.

Já disse e repito que, antes, nas Copas do Mundo, éramos a pátria de chuteiras. Hoje somos chuteiras sem pátria. Fomos infeccionados pelo futebol europeu, mas pela metade; ficamos na dúvida se somos Pelé ou Dunga.

Nesta Copa, só o povo estava de chuteiras, para esquecer os escândalos que lhe mergulharam em cada depressão.

Foi diferente de 1950. Lá, sonhávamos com um futuro para o país. Agora, tentamos limpar nosso presente. Somos uma nação de humilhados e ofendidos, pois o país é dominado por ladrões de galinha e batedores de carteira. E a população queria que o escrete fizesse tudo que o governo não fez. Mas era peso demais. O brasileiro não estava preparado para ser o “maior do mundo” em coisa nenhuma. Ser o maior do mundo, mesmo em cuspe à distância, implica numa grave e sufocante responsabilidade. Além disso, era um time de várzea.

Isso era o óbvio; mas foi ignorado. E, quando o óbvio é desprezado, ficamos expostos ao mistério do destino. E um dos fatos óbvios foi o endeusamento do técnico. Felipão era mais importante que o time. E ninguém é mais obstinado do que o sujeito que é portador de um erro colossal. O ser humano acredita mais em seus equívocos do que em suas verdades. O técnico é sempre contra a opinião geral. Em vez de orientar as vocações dos rapazes, Felipão achou que todos tinham de caber em sua estratégia. O técnico devia ser um reles treinador, quase um roupeiro, humilde diante dos craques. Mas o Felipão os tratava como garotinhos inseguros ou então parecia um “Mussolini” de capacete e penacho. A própria figura do Felipão era deplorável — nervoso e malvestido, quase de pijama, era o retrato físico de nosso despreparo. O único jogador do “passado glorioso” foi o Neymar — Didi, Zizinho, Ademir guiavam seus dribles.

Quando o alemão fez o primeiro gol, sentimo-nos diante da verdade de que os próprios jogadores suspeitavam: éramos 11 solitários, nosso time era uma ilusão que parecia realidade por causa do Neymar. Nossa meta não era o gol; era o Neymar. Esse jovem gênio nos cegou e, com ele, acreditávamos que o Brasil voltaria a seus melhores dias. Mas o Brasil nunca está em seus melhores dias. Não esperávamos uma vitória, mas uma salvação. Só a taça aplacaria nossa impotência diante da zona brasileira — era nossa única chance de felicidade.

E aí começaram as interpretações dos idiotas da objetividade: por que perdemos? Tentam explicar a derrota como uma bula de remédio. Como se a derrota tivesse explicação; toda derrota é anterior a si mesma, ela começa 40 anos antes do Nada e vem desabrochar em nossos dias. Mas só podemos entender o que “não” houve. Atrás da derrota, estavam todos os nossos vícios seculares: salvacionismo, milagres brasileiros, fé no improviso, vitórias abstratas e derrotas políticas.

Além disso, há entre nós e a loucura um limite que é quase nada. Enlouquecemos diante da Alemanha.

Nessa hora do jogo a loucura explodiu feito uma libertação. Isso; nossa loucura não foi de Napoleões ou Neros, nossa loucura apareceu como um fundo desejo de parar, de ter sossego. Nos jogadores surgiu a ânsia do fracasso, como uma exaustão diante de tanta incapacidade.

Ao contrário do que disse o Parreira em 2006, que “não estávamos preparados para perder”, desta vez estávamos todos preparados para a calamidade e secretamente sabíamos disso. Depois daqueles seis minutos em que houve quatro gols, o absurdo adquiriu uma doce, persuasiva, admirável naturalidade. Depois de 5 a 0, queríamos perder mais, queríamos espojarmo-nos na derrota absoluta, sentíamos a doce nostalgia do aniquilamento. E aí quem surgiu no estádio? O imponderável Sobrenatural de Almeida passou a dirigir o time como um técnico espectral, um fantasma trapaceiro. Dava até para ver que os alemães tiveram pena de nós, os anfitriões desmoralizados.

Até o Felipão fez autocrítica. Mas a autocrítica tem a imodéstia de um necrológio redigido pelo próprio defunto.

É isso. Sempre que vai estourar uma catástrofe o ser humano cai num otimismo obtuso, pétreo, córneo. E perde.

Agora estamos com uma angustia épica, como uma víbora crispada dentro de nós.

E depois de perdermos para a Holanda por 3 a 0, vimos que não houve derrota — como haver derrota se não tínhamos time? O povo viu no fracasso a confirmação de sua sina de vira-latas e desceu as rampas arrastando os chinelos, como em 1950.

Agora, eis o nosso dilema: ou o Brasil ou o caos. O diabo é que temos a vocação do caos. O Brasil precisa ser feito e nós não o fazemos. O mal da cultura brasileira é que nenhum intelectual sabe bater um escanteio.

Mas ninguém cresce sem sentir o gosto amargo da vergonha. Sempre fomos condenados à esperança, ansiando por uma redenção pelo futebol; mas pode ser que agora a gente vá assumir a própria miséria, a própria lepra, e isso será nossa salvação.

É isso aí, amigos, é só.

ANEXO AW – O desfecho do impeachment

Todo cidadão honesto deste país há de estar estupefato com o desfecho do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff

O Estado de S. Paulo

Todo cidadão honesto deste país há de estar estupefato com o desfecho do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff. Malgrado o fato de que a petista finalmente teve seu mandato cassado, levando alívio ao País, tão maltratado pela incúria administrativa e pelo desleixo moral da agora ex-presidente e de seu partido, um punhado de notórios personagens da vida política – desses que não se consegue identificar bem na escala biológica, porque são ao mesmo tempo animais de pluma, couro e escama – aproveitou a deixa para urdir uma maracutaia digna de uma república bananeira. O objetivo, claro, foi beneficiar todos os políticos facínoras que a Justiça está por alcançar. Mas o resultado da trama, do qual essa chusma de irresponsáveis talvez nem tenha se dado conta, é que o governo de Michel Temer, do qual vários deles esperam fazer parte e colher seu quinhão, corre o risco de terminar antes mesmo de começar (ver o editorial *Dá para olhar para a frente?*).

Como toda maquinação, esta não ficou clara senão pouco a pouco, minuto a minuto, para assombro geral, em meio ao drama da votação que determinou o impeachment de Dilma no Senado. As coisas ficaram meridianamente claras quando a bancada do PT fez ao presidente da sessão, o presidente do Supremo Tribunal Federal, Ricardo Lewandowski, um pedido de destaque por meio do qual pretendia que houvesse duas votações: uma sobre a perda do mandato e outra sobre a perda dos direitos políticos de Dilma. O argumento, mais um da inesgotável coleção de chicanas petistas, era que não havia vinculação entre a cassação e a inabilitação.

Tivesse o ministro Lewandowski um mínimo de familiaridade com o artigo 52 da Constituição, o pedido teria sido rejeitado sem maiores considerações. Esse artigo, que estabelece a competência do Senado para processar e julgar o presidente, diz em seu parágrafo único que a condenação, proferida por dois terços dos votos dos senadores, será limitada “à perda do cargo, com inabilitação, por oito anos, para o exercício de função pública, sem prejuízo das demais sanções judiciais cabíveis”. Salvo se o uso da preposição “com” ganhou significado oposto ao que manda a boa gramática, não é possível concluir outra coisa desse artigo senão que a inabilitação para o exercício de cargos públicos acompanha, necessariamente, a perda do cargo de presidente.

O fato é que aqueles que tramaram a cavilação estavam no seu dia de sorte. O ministro Lewandowski, não conhecendo o artigo 52, aceitou o destaque que fatiou a votação. E assim, com a inocente anuência do presidente do Supremo Tribunal Federal, a Constituição foi reescrita no joelho. Adotada a escandalosa manobra, senadores revezaram-se em vexaminoso exercício de caradurismo para dar um mínimo de dignidade à esbórnica. A senadora Kátia Abreu, por exemplo, apelou à piedade dos colegas, ao dizer que Dilma, se ficasse inabilitada, teria de viver com uma aposentadoria de meros R\$ 5 mil. Já o presidente do Senado, Renan Calheiros, cujas digitais estão por toda a parte nesse caso, brandindo um exemplar da Constituição, disse que “não podemos ser desumanos” com Dilma. O ministro Lewandowski, com ternura cristã, alertou os parlamentares que Dilma, se fosse inabilitada, não poderia ser “nem merendeira de escola”.

Assim, o impeachment de Dilma passou, mas seus direitos políticos foram preservados. A punição pela metade não garantirá a Dilma um emprego de merendeira, mas se presta a livrar plumas, couros e escamas de figuras graúdas do Congresso que estão enroladas na Justiça, algumas das quais com assento nas mesas que dirigiram os trabalhos desse processo e que deveriam estar conscientes de sua responsabilidade perante a Nação.

Trinta e nove senadores que garantiram os direitos políticos da ex-presidente comprovaram que o brasileiro não tem “complexo de vira-latas” por causa das vicissitudes do futebol, mas porque é reduzido a essa condição por políticos agrupados em matilhas.

Essa imoralidade abre precedente para uma catadupa de escândalos. O que aconteceu ontem não foi motivo apenas para que o PSDB e o DEM ameaçassem romper a coalizão com o governo Temer,

comprometendo todo o esforço de recuperação nacional. Trata-se de um episódio que expõe a inesgotável capacidade da classe política nacional de trair a confiança dos brasileiros de bem.

Fonte: <<http://opinio.estado.com.br/noticias/geral,o-desfecho-do-impeachment,10000073328>>. Acesso em: 10 jan. 2018.